



SVITTE DE
L'HISTOIRE
DES CHÔSES PLUS
MEMORABLES AD-
uenués en Maragnan, és
annees 1613. &
1614.
SECOND TRAITE'.



À PARIS.

De l'Imprimerie de François Huby, rue saint
Iacques à la Bible d'Or, & en la boutique
au Palais, en la galerie des
prisonniers.

M. C. D. XV.
Avec privilege Du Roy.

CONTINUAÇÃO DA
HISTÓRIA DAS COISAS MAIS
MEMORÁVEIS ACONTECIDAS
NO MARANHÃO NOS
ANOS 1613 E 1614

Yves D'Évreux

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 94

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

- 1 – *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*, Luís Edmundo.
- 2 – *Canudos e Outros Temas*, Euclides da Cunha.
Apresentação Cyl Gallindo.
- 3 – *Memórias do Meu Tempo*, Pereira da Silva.
- 4 – *O Ensino Público no Brasil*, A. de Almeida
Oliveira. Prefácio Professor David Gueiros.
- 5 – *A Campanha de Canudos*, Aristides A. Milton.
- 6 – *Diário da Assembléia Geral Constituinte e Le-
gislativa do Império do Brasil – 1823 – Vols.
I, II e III.*
- 7 – *O Abolicionismo*, Joaquim Nabuco.
- 8 – *Missão Rondon*. Apontamentos de autoria de
Cândido Mariano da Silva Rondon.
- 9 – *Ensaio e Estudos*, Capistrano de Abreu.
- 10 – *Luiz Carlos Prestes, o Constituinte, o Senador
(1946 – 1948)*. Organizador: Sérgio Braga.
- 11 – *A Ilusão Americana*, Eduardo Prado.
- 12 – *Os Deputados Brasileiros nas Cortes Gerais de
1821*, Gomes de Carvalho.
- 13 – *Dois Anos no Brasil*, F. Biard.
- 14 – *Balmaceda*, Joaquim Nabuco.
- 15 – *Conselhos aos Governantes* (reimpressão).
Autores diversos.
- 16 – *Narrativa de Serviços no Libertar-se o Brasil
da Dominação Portuguesa*, Lorde Cochrane.
- 17 – *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, Alfred
Russel Wallace.
- 18 – *A Independência e o Império do Brasil*, A. J. de
Melo Moraes.
- 19 – *História do Império*, Tobias Monteiro.
- 20 – *História da Independência do Brasil*, Francisco
Adolfo Varnhagen (Visconde de Porto Seguro).
- 21 – *A Intervenção Estrangeira Durante a Revolta
de 1893*, Joaquim Nabuco.
- 22 – *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto
Central do Brasil – Relatório Cruls*, Luís Cruls.
- 23 – *História da Cidade de São Paulo*, Afonso de
E. Taunay.
- 24 – *Na Capitania de São Vicente*, Washington Luís.
- 25 – *História da Capitania de São Vicente*, Pedro
Taques de Almeida Pais Leme.
- 26 – *O Ocaso do Império*, Oliveira Viana.
- 27 – *Populações Meridionais do Brasil*, Oliveira Viana.
- 28 – *Jornal de Timon*, João Francisco de Lisboa.
- 29 – *Notas para a História do Ceará*, Guilherme
Studart.
- 30 – *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*,
Antônio Ladislau Monteiro Baena.
- 31 – *Fundação de Belém do Pará*, Ribeiro do Amaral.
- 32 – *Os Muckers – Episódio Histórico Extraído da
Vida Contemporânea nas Colônias Alemãs no
Rio Grande do Sul*, Padre Ambrósio Schupp.

- 33 – *Diário da Minha Viagem para Filadélfia*, Hipólito da Costa Pereira.
- 34 – *História Econômica do Brasil*, Roberto C. Simonsen.
- 35 – *Amapá, a Terra onde o Brasil Começa*, José Sarney e Pedro Costa.
- 36 – *Dom Pedro e Dom Miguel – A Querela da Sucessão*, Oliveira Lima.
- 37 – *O Velho Senado*, Machado de Assis.
- 38 – *Código Filipino*. Vols. I, II, III, IV.
- 39 – *A Abolição*, Osório Duque Estrada.
- 40 – *O Presidente Campos Sales na Europa*, Tobias Monteiro.
- 41 – *Memórias da Rua do Ouvidor*, Joaquim Manuel de Macedo.
- 42 – *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, Joaquim Manuel de Macedo.
- 43 – *O Brasil Holandês sob o Conde João Maurício de Nassau*, Gaspar Barléu.
- 44 – *As Aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora*, Ângelo Agostini.
- 45 – *A Casa de Cunhaú*, Luís da Câmara Cascudo.
- 46 – *As obras dos engenheiros militares Galluzzi e Sambuceti e do arquiteto Landi no Brasil Colônia do séc. XVIII*, Ricardo Fontana.
- 47 – *História dos Símbolos Nacionais*, Milton Luz.
- 48 – *História do Positivismo no Brasil*, Ivan Monteiro de Barros Lins.
- 49 – *A Amazônia na Era Pombalina*, Marcos Carneiro de Mendonça. Tomos I, II e III.
- 50 – *Inventário de Documentos Históricos Brasileiros*, Ivoncísio Meira de Medeiros.
- 51 – *A Verdade como Regra das Ações*, Farias Brito.
- 52 – *O Mundo Interior*, Farias Brito.
- 53 – *A Base Física do Espírito*, Farias Brito.
- 54 – *Inéditos e Dispersos – Notas e Variações sobre Assuntos Diversos*, Farias Brito.
- 55 – *Finalidade do Mundo*, Farias Brito. Vols. I, II e III.
- 56 – *O Estado Independente do Acre e J. Plácido de Castro – Excertos Históricos*, Genesco de Castro.
- 57 – *500 Anos de História do Brasil*, Olavo Leonel Ferreira.
- 58 – *A Vida de Luiz Viana Filho*, João Justiniano da Fonseca.
- 59 – *Campanha Abolicionista no Recife – Eleições de 1884*, Joaquim Nabuco.
- 60 – *O Meio Circulante no Brasil*, Julius Meili.
- 61 – *Viagem ao Rio Prata e ao Rio Grande do Sul*, Arsene Isabelle.
- 62 – *ABC das Alagoas – Dicionário Bibliográfico, Histórico e Geográfico de Alagoas*, Francisco Reinaldo Amorim de Barros – Tomos I e II.
- 63 – *Batalha de Caiboaté – Episódio Culminante da Guerra das Missões*, General Ptolomeu de Assis Brasil.

SVITTE DE
L'HISTOIRE
DES CHOSES PLUS
MEMORABLES AD-
uenuës en Maragnan, ës
annees 1613. &
1614.

SECOND TRAITE'.



À PARIS.

De l'Imprimerie de François Huby, rue sainte
Iacques à la Bible d'Or, & en la boutique
au Palais, en la galerie des
prisonniers.

M. C. D. XV.

Avec privilege Du Roy.

.....

CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA
DAS COISAS MAIS MEMORÁVEIS
ACONTECIDAS NO MARANHÃO
NOS ANOS 1613 E 1614



Mesa Diretora
Biênio 2007/2008

Renan Calheiros
Presidente

Senador Tião Viana
1º Vice-Presidente

Senador Alvaro Dias
2º Vice-Presidente

Senador Efraim Morais
1º Secretário

Senador Gerson Camata
2º Secretário

Senador César Borges
3º Secretário

Senador Magno Malta
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Papaléo Paes
Senador João Vicente Claudino

Senador Antônio Carlos Valadares
Senador Flexa Ribeiro

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 94

CONTINUAÇÃO DA
HISTÓRIA DAS COISAS MAIS
MEMORÁVEIS ACONTECIDAS
NO MARANHÃO
NOS ANOS 1613 E 1614

Yves d'Évreux

*Tradução de
Dr. César Augusto Marques*

*Revista com base no exemplar da Biblioteca Pública de Nova Iorque,
mais completo do que o exemplar da Biblioteca Nacional, em Paris,
no qual se baseou Ferdinand Denis para editar esta obra em 1864 e
César Augusto Marques para traduzi-la e lançá-la em São Luís em 1874.*



Brasília – 2007

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 94

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2007

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

.....

Évreux, Yves d'.

Continuação da história das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614 / Yves d'Évreux ; tradução de César Augusto Marques. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

LXVI + 430 p. (Edições do Senado Federal ; v. 94)

1. Maranhão, descrição. 2. Maranhão, história, 1613-1614. I. Título. II. Série.

CDD 918.121

.....

.....

Sumário

Breve história aventurosa de um livro

por Joaquim Campelo Marques

pág. XVII

DEDICATÓRIA

pág. XXV

AO LEITOR

pág. XXVII

INTRODUÇÃO

por Ferdinand Denis

pág. XXIX

CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DO MARANHÃO

Ao Rei

de François de Rasilly

pág. 3

Ao Rei

pág. 5

Advertência ao Leitor

pág. 9

Prefácio a respeito dos
dois seguintes Tratados

pág. 11

PRIMEIRO TRATADO

CAPÍTULO I

Da construção das capelas de S. Francisco de
S. Luís no Maranhão.

pág. 13

CAPÍTULO II

Do estado do poder temporal nos seus primórdios.

pág. 16

CAPÍTULO III

Da construção do Forte de São Luís,
e do entusiasmo dos selvagens em carregar terra.

pág. 19

CAPÍTULO VII

Dos preparativos dos tupinambás para uma viagem ao Amazonas.

pág. 24

CAPÍTULO VIII

Da partida dos franceses para o Amazonas
em companhia dos selvagens.

pág. 28

CAPÍTULO IX

Do que aconteceu na ilha durante esta viagem,
e principalmente as astúcias de um selvagem chamado Capitão.

pág. 32

CAPÍTULO X

Da chegada de uma barca portuguesa ao Maranhão.

pág. 35

CAPÍTULO XIII

Do valor e dos costumes dos selvagens do Mearim.

pág. 40

CAPÍTULO XIV

Das incisões que aqueles selvagens fazem em seus corpos
e de como escravizam seus inimigos.

pág. 44

CAPÍTULO XV

Das leis do cativoiro.

pág. 48

CAPÍTULO XVI

De outras leis para os escravos.

pág. 51

CAPÍTULO XVII

Quão misericordiosos são os selvagens para com os
criminosos por acaso e sem malícia.

pág. 55

CAPÍTULO XVIII

Quão fácil é civilizar os selvagens à maneira dos franceses,
e ensinar-lhes os ofícios que temos na Europa.

pág. 60

CAPÍTULO XIX

Quão aptos são os selvagens
para aprenderem ciências e a virtude.

pág. 65

CAPÍTULO XX

Continuação do assunto precedente.

pág. 69

CAPÍTULO XXI

Ordem e respeito da natureza entre os selvagens,
observados inviolavelmente pela mocidade.

pág. 73

CAPÍTULO XXII

A mesma ordem e respeito se observa
entre as moças e as mulheres.

pág. 80

CAPÍTULO XXIII

Da consangüinidade entre os selvagens.

pág. 85

CAPÍTULO XXIV

Regras e meios puramente naturais, observados pelos selvagens,
pelos quais eles levam uma vida muito doce e prazerosa.

pág. 93

CAPÍTULO XXV

Dos temperamentos incompatíveis entre os selvagens.

pág. 100

CAPÍTULO XXVI

Da economia dos selvagens.

pág. 104

CAPÍTULO XXVII

Da inclinação geral que a natureza dá aos selvagens na sua postura,
que a natureza lhes dá, tanto em seus gestos
como na busca de nomes honoráveis.

pág. 109

CAPÍTULO XXVIII

Do cuidado que do seu corpo têm os selvagens.

pág. 113

CAPÍTULO XXIX

De algumas indisposições naturais, a que os selvagens estão
sujeitos, e quais os nomes que dão a partes do corpo.

pág. 120

CAPÍTULO XXX

De algumas moléstias particulares a estas
terras das Índias, e de seus remédios.

pág. 125

CAPÍTULO XXXI

Da morte e dos funerais dos indígenas.

pág. 130

CAPÍTULO XXXII

Do regresso à ilha do Sr. De La Ravardière
e de alguns principais que viajaram com ele.

pág. 135

CAPÍTULO XXXIII

Da viagem do Capitão Maillar pela terra firme à casa de um grande
feiticeiro. Descrição desta terra e das charlatanices dele.

pág. 139

CAPÍTULO XXXIV

Da vinda dos tremembés, como foram perseguidos,
suas habitações, e seu procedimento.

pág. 143

CAPÍTULO XXXV

Da chegada dos cabelos-compridos
a Tapuitapera e da viagem ao Uarpi.

pág. 147

CAPÍTULO XXXVI

Dos astros e do Sol.

pág. 150

CAPÍTULO XXXVII

Dos ventos, chuvas, trovões, e relâmpagos
no Maranhão e suas circunvizinhanças.

pág. 158

CAPÍTULO XXXVIII

Do mar, águas e fontes do Maranhão.

pág. 162

CAPÍTULO XXXIX

Das singularidades de algumas árvores do Maranhão.

pág. 165

CAPÍTULO XL

Dos peixes, pássaros e lagartos que se encontram
naquelas terras.

pág. 170

CAPÍTULO XLI

Da pesca do Piri.

pág. 173

CAPÍTULO XLIII

Da caça aos ratos, às formigas e às lagartixas.

pág. 178

CAPÍTULO XLIV

Das aranhas, cigarras e mosquitos.

pág. 184

CAPÍTULO XLV

Dos grilos, camaleões, moscas e tênias que
vivem naquelas terras.

pág. 189

CAPÍTULO XLVI

Das onças e dos macacos do Brasil.

pág. 196

CAPÍTULO XLVII

Das águias, dos pássaros grandes
e dos passarinhos daquelas terras.

pág. 201

CAPÍTULO XLVIII

Resposta a várias perguntas, que se fazem nessas
terras das Índias Ocidentais.

pág. 206

CAPÍTULO XLIX

Instrução para aqueles que vão
pela primeira vez às Índias.

pág. 211

CAPÍTULO L

Do acolhimento que fazem os selvagens aos franceses
recém-chegados, e como convém
proceder para com eles.

pág. 215

SEGUNDO TRATADO

CAPÍTULO I

Dos frutos do Evangelho, que logo se tornaram visíveis
pelo batismo de várias crianças.

pág. 223

CAPÍTULO II

Do batismo de muitos enfermos e velhos,
que faleceram depois de
o terem recebido.

pág. 231

CAPÍTULO III

Do batismo de muitos adultos, especialmente
de um chamado Martin.

pág. 237

CAPÍTULO IV

Dos grandes frutos que este cristão produziu em benefício
da instrução e conversão dos seus semelhantes.

pág. 245

CAPÍTULO V

De um índio, condenado à morte,
que pediu o batismo antes de morrer.

pág. 250

CAPÍTULO VI

Formulário dos discursos que fazíamos aos selvagens,
quando nos vinham ver, para chamá-los ao conhecimento
de nosso Deus e à obediência de nosso Rei.

pág. 254

CAPÍTULO VII

Formulário da doutrina cristã que os catecúmenos aprendiam
e recitavam de cor, antes de serem batizados.

pág. 260

CAPÍTULO VIII

Qual a crença natural dos selvagens
a respeito de Deus, dos espíritos e da alma.

pág. 266

CAPÍTULO IX

Dos principais meios usados pelo Diabo para reter
em suas cadeias por tão longo tempo estes pobres selvagens.

pág. 272

CAPÍTULO X

Dos ministros de Satã, que o ajudaram a manter estes povos sob seu domínio.

pág. 280

CAPÍTULO XI

Como o Diabo fala aos feiticeiros do Brasil, suas falsas profecias, ídolos e sacrifícios.

pág. 286

CAPÍTULO XII

De algumas outras cerimônias diabólicas praticadas pelos feiticeiros do Brasil.

pág. 296

CAPÍTULO XIII

Dos sinais manifestos da ruína do Diabo no Maranhão.

pág. 300

CAPÍTULO XIV

As crianças do Brasil darão cabo do reinado de Lúcifer, e começarão a estabelecer o reinado de Jesus Cristo.

pág. 307

CAPÍTULO XV

Pontos de nossa religião aos quais mais facilmente os selvagens dão o seu consentimento. Diversas questões que nos apresentaram.

pág. 313

CAPÍTULO XVI

Primeira entrevista com Pacamã, grande feiticeiro de Cumã.

pág. 320

CAPÍTULO XVII

Segunda entrevista, que tive com Pacamão.

pág. 327

CAPÍTULO XVIII

Entrevista com o grande feiticeiro de Tapuitapera.

pág. 333

CAPÍTULO XIX

Conferência com Jacupen.

pág. 339

CAPÍTULO XX

Entrevista com o principal de Orobutin.

pág. 344

CAPÍTULO XXI

Entrevista com o Onda, um dos principais de Cumã.

pág. 348

ADENDO

Discursos e congratulações à França pela chegada dos padres capuchinhos às Novas Índias da América Meridional do Brasil.

pág. 353

NOTAS CRÍTICAS E HISTÓRICAS

sobre a viagem de P. Yves d' Evreux

pág. 367

.....

Breve história aventurosa de um livro

JOAQUIM CAMPELO MARQUES

PODE-SE dizer ter cabido a dois homens o resgate de um livro dado perdido, fadado a esquecimento, condenado a ineditismo ou à história velha de livros citados e recitados, mas nunca vistos nem lidos. Esses dois homens, separados 250 anos, são François de Razilly, nobre, almirante francês do século XVII, e Ferdinand Denis, historiador, crítico literário, homem de vasta cultura, cidadão do século XIX, amante do Brasil, que hoje chamaríamos “brasilianista”.

A história desse livro principia com a missão colonizadora francesa partida do porto normando de Cancale, que aportou no Maranhão no ano de 1612. Três eram as naus dessa comitiva enviada para estabelecer possessão territorial duradoura na costa norte do Brasil. Uma das naus, certamente a capitânia, a Regente, era capitaneada por Daniel de La Touche, senhor de La Ravardière, e por François de Razilly, senhor de Aunelles. Quatro padres acompanhavam a missão. Dois deles os capuchinhos Claude d’Abbeville e Yves d’Évreux. O primeiro, sacerdote muito ilustrado, escreveu do que viu e ouviu na ilha de Upaon-Açu, a “ilha grande” onde repousa hoje a cidade de São Luís do Maranhão, no

livro História da Missão dos Padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças, publicado em 1614, com o selo do impressor François Huby. O outro, Yves d'Évreux, descendente de família abastada e culta, conhecedor do grego, do latim e do hebraico, bem como chefe da missão dos capuchinhos no Maranhão, em 1615 entregou ao mesmo editor, François Huby, os originais de sua Continuação da história das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 & 1614 para publicação.

Pois é sobre este livro que trataremos aqui; e aqui vai a nova versão da tradução revista dele, que dormiu esquecido por 250 anos em uma prateleira da então Biblioteca Imperial da França.

O título com que Yves d'Évreux o batizou indica que a intenção do autor, nesse “segundo tratado”, era continuar a obra do padre Claude d'Abbeville. Tanto que, na “Advertência ao leitor”, fez questão de afirmar: “Não repetirei aquilo que o Reverendo Padre Claude d'Abbeville escreveu em sua história, somente acrescentarei o que a experiência deu-me mais que a ele, que só esteve quatro meses no Maranhão, enquanto eu lá estive dois anos inteiros.” Com verdade que alguns malévols qualificam de “certa ironia”, é como se Yves d'Évreux convidasse o leitor a comparar os dois livros e a comprovar que seus acréscimos pessoais levaram em consideração o que o padre Claude d'Abbeville escrevera sobre a mesma matéria.

Dois livros de peso sobre o projeto da França Equinocial, duas medidas...

Yves d'Évreux não teve a mesma sorte que Claude d'Abbeville, de ver sua narrativa de viagem conhecida de seus contemporâneos. Em 1616, a Continuação da história das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 & 1614 encontrou obstáculos à sua publicação. Foi visto como inoportuno incentivo à presença francesa no Brasil, no momento em que o Delfim de França, o futuro Rei Luís XIII, acertara casamento com a infanta espanhola Dona Ana de Áustria, e a coroa francesa evitava desagradar os espa-

nbóis que, durante o período filipino, de 1580 a 1640, tinham Portugal e suas colônias anexadas à Espanha. Ao ver dos políticos que se articularam pelos sponsais dos herdeiros das coroas de França e Espanha, a aliança monárquica franco-espanhola, não convinha chamar atenção para a ocupação francesa de um território que, em 1615, pertencia à coroa de Espanha, como o fazia Yves d'Évreux em seu tratado, ao elogiar as benesses e virtudes das terras do Maranhão e mostrar como seria simples e lucrativo para a França ocupá-la de modo permanente.

Quaisquer que tenham sido os motivos políticos contrários à publicação do relato que Yves d'Évreux fez de sua viagem ao Maranhão, o fato é que esse livro impresso e pronto para a venda foi impedido de circular, tendo sua primeira edição condenada à destruição (com o provável conluio do editor François Huby, habilmente subornado por algum montante de deniers, hipótese esta aventada pelo almirante François de Razilly).

Deve-se ao almirante Razilly, que acreditava no projeto francês de fundar colônias no Norte do Brasil, o resgate de pelo menos um exemplar do livro embargado, que ele deu de presente ao Rei Luís XIII. Não fosse essa providência, e a importante contribuição de Yves d'Évreux para a literatura histórica e etnológica brasileira não teria chegado a nossos dias. Gozava Razilly de folha de serviços significativos na Marinha francesa e, como participara da viagem ao Maranhão, com La Ravardière, explica-se seu interesse pela obra.

Para Razilly, a expedição francesa de 1612 ao Maranhão representara “o mais pio e honrado empreendimento que se pudera fazer no novo mundo”, e seu registro narrativo merecia preservação. Razilly não aceitava a política francesa de agrado à Espanha no que se referia à criação de colônias no Brasil. Afinal, era um homem dos mares, de uma família de colonizadores, e alimentava as melhores expectativas quanto à colonização do Maranhão. Denunciou os interesses mesquinhos dos que tentaram impedir que o relato do capuchinho d'Évreux viesse a público. Acusou os franceses que assim procederam de deslealdade para com o Rei, e de

agirem contra os interesses nacionais, ao difundirem mentiras sobre a presença francesa no Brasil, bem como propalando invenções sobre a hostilidade dos índios e a infertilidade dos trópicos equatoriais. Para ele, a manobra de destruição do livro de Yves d'Évreux fora comandada pelos que visavam usurpar ao Rei de França o título de “mais Católico, fazendo-o abandonar os sacrifícios e sacramentos exercidos sobre os novos cristãos, a reputação de suas armas e bandeiras, a utilidade que poderia advir-lhe, e a seus súditos, de tão rico e fértil país”, dotado, entre outras coisas, de um porto estratégico favorável à navegação de longo curso.

Ao saber que o livro de Yves d'Évreux estava sendo destruído na tipografia, Razilly buscou salvar algumas cópias para si. Mas os poucos exemplares que logrou salvar já estavam, infelizmente, prejudicados, mutilados ainda na oficina.

Os historiadores acreditam que o almirante Razilly permaneceu de posse de algumas cópias salvas da destruição entre os anos 1615 e 1617. Por fim, em 1618, acabou por oferecer um exemplar ao Rei Luís XIII, exemplar esse que continha um curto prefácio em que o almirante conta como recuperou “por meios sutis”, na oficina do editor, o precioso livro “sufocado ao nascer”. O Rei recolheu o livro a sua biblioteca particular.

Assim, o exemplar fragmentado da Continuação da história das coisas memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 & 1614, do padre capuchinho Yves d'Évreux, foi conservado na Biblioteca Imperial, incorporada hoje à Biblioteca Nacional, em Paris, por mais de dois séculos, até ser encontrado em 1835 pelo historiador Ferdinand Denis, que recebe informação de um amigo e o tira do anonimato publicando-o em ortografia atualizada, com introdução e notas críticas e históricas. Ferdinand Denis anuncia o achado num artigo da Revue de Paris e num folheto dedicado aos viajantes franceses do passado. Além disso, depois de elaborar longo e erudito prefácio para o livro de d'Évreux, publica-o pela “Biblioteca Americana, coleção de obras inéditas ou raras sobre a América”, tendo como editor a Librairie A. Franck Albert L. Herold, Leipzig/Paris, 1864.

A partir daí, o livro ganha repercussão entre os historiadores da época. No Brasil, estudiosos e historiadores não tardam a atestar o valor do texto de d'Évreux para a história do Maranhão e, claro, do Brasil e da cultura tupi, fazendo-o ocupar o lugar que merece ao lado da obra de Claude d'Abbeville, da qual é aprofundada e ampliada continuação.

Baseada no único exemplar que acreditava existir da obra de d'Évreux – o tal que Razilly doara a Luís XIII em 1618 – a edição de 1864, de Ferdinand Denis, mantém abertas as mesmas lacunas do exemplar da Biblioteca Imperial da França. Tais lacunas foram apontadas por Denis com linhas pontilhadas, nas páginas 17/8, 35/6, 95/6, 104, 172, 284/5, 319/20 e 364. A primeira lacuna, pág. 8, não foi apontada. Ora, dada a raridade da edição original do texto de d'Évreux, a tiragem de Ferdinand Denis tem sido valorizada quase como uma primeira edição. E foi a partir dela que o médico maranhense César Augusto Marques apresentou em 1874 uma tradução em português, a qual, embora considerada mesmo ruim, é reeditada em 1929 no Rio de Janeiro e repetida algumas vezes mais, no correr do século XX e mesmo neste século XXI.

Nesse meio tempo, quando do leilão da considerável biblioteca do Dr. Court [?], no ano de 1884, um segundo exemplar da Continuação da história das coisas memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 & 1614, do capuchinho Yves d'Évreux, aparece à venda, sendo comprado, junto com o livro de Claude d'Abbeville, pela quantia de 1.600 francos por Martin Kalbfleisch, de Nova Iorque. Nessa ocasião, verifica-se que essa segunda cópia, hoje do acervo da Biblioteca Pública de Nova Iorque, embora lacunosa, é entretanto menos incompleta do que a oferecida por Razilly a Luís XIII e preservada na Biblioteca Nacional em Paris. Enquanto o exemplar da edição de Ferdinand Denis apresenta nove lacunas, a do exemplar da Biblioteca Pública de Nova Iorque sana quatro delas. Registram-se nesta edição as cinco lacunas do exemplar da Biblioteca Pública de Nova Iorque – 1^a, final do “Prefácio sobre os dois tratados seguintes”;

2^a, pág. 21; 3^a, pág. 37; 4^a, pág. 177; e 5^a, pág. 352 – e as quatro lacunas sanadas: 1^a, páginas 89 a 97; 2^a, páginas 104 a 112; 3^a, páginas 273 a 280; e 4^a, páginas 308 a 315.

Sabe-se, hoje, que outros exemplares sobreviventes do livro de d'Évreux estavam fadados a destinos ligados a fatos trágicos. Os estudiosos identificaram uma terceira cópia, que estaria no convento da Piazzza Barberini, em Roma, em 1870, e que desapareceu possivelmente quando da presença de tropas francesas na capital italiana naquela época. Uma quarta cópia pertenceu à biblioteca de Chartres, que durante a Guerra Mundial de 1939-45 foi destruída por bombardeios alemães. Há também o registro, não comprovado, da existência de uma outra cópia na biblioteca da Universidade de Providence, Rhode Island (que reproduziria o exemplar de Paris). Nenhuma dessas informações porém se confirmou.

Do exemplar de Nova Iorque, mais completo que o publicado por Ferdinand Denis, constam os fólhos (grupo de página dupla) 97-104, 113-120, 297-304 e 334-344, que não se encontravam no exemplar de Paris, e, por conseqüência, tampouco vieram constar da tradução em português de César Augusto Marques, editada em 1874 em São Luís do Maranhão e reeditada várias vezes depois entre nós.

A esse respeito, o historiador Rubens Borba de Moraes em sua Bibliografia Brasileira já lamentava que o livro de Yves d'Évreux não tivesse no Brasil “nenhuma edição moderna apoiada no exemplar de Nova Iorque, que é bem mais completo”. Esta falha na historiografia brasileira a presente edição do Senado Federal vem sanar, apresentando ao público não só a tradução revista do valioso livro de Yves d'Évreux, como, também, a inclusão das partes encontradas no exemplar da Biblioteca Pública de Nova Iorque que as edições de Ferdinand Denis (Paris, 1864) e de César Marques (São Luís, 1874) não apresentaram e que até hoje permaneceram inéditas no Brasil.

Lembramos, para finalizar, que a sobrevivência do livro de Yves d'Évreux revela a persistência de dois homens empenhados em resgatar um relato importantíssimo para a História do Brasil. Sem eles, o re-

gistro e a memória do “Maranhão francês” teriam perdido saborosas páginas de crônica sobre os habitantes da nova terra, seus costumes, mitos e crenças, e sobre a fauna e flora da região. O testemunho de quem viveu o projeto da França Equinocial e as visões do europeu sobre os índios, a formação do Maranhão e um fragmento da nossa história ter-se-iam perdido nos desvãos de contratempos que a vida, mesmo de seres inanimados, como os livros, aplica também aos animados, os humanos.

Nota final: O texto desta edição, baseia-se na tradução de César Augusto Marques, revista, embora consideremos que deva voltar a ser conferida com o objetivo de alcançarmos a maior fidelidade possível ao original.

A propósito, não custa lembrar o prolóquio que reza ser “tradução uma traição”.

Fica ainda por fazer o levantamento do vocabulário de origem tupi que o Padre d’Évreux registrou com base na fonética, claro que por serem os nossos índios uma coletividade ágrafa, que se comunicava somente pela fala. (Ver nota 100 de F. Denis, na página 408 desta edição.)

Brasília, 8 de setembro de 2007.

.....

Dedicatória

À SAUDOSÍSSIMA MEMÓRIA
DE MEU BOM PAI E VERDADEIRO AMIGO
O ILMO. SR. AUGUSTO JOSÉ MARQUES

A VÓS, ó meu querido Pai, levanto, dedico e consagro este pequeno, porém sincero monumento de minha saudade sempre viva, de meu estremecido amor, de meu eterno reconhecimento, e de minha dor pungente pela vossa ausência deste Mundo.

Bem sei que Deus, querendo recompensar vossas virtudes, cedo vos tirou do seio dos que muito vos estremeciam; mas essa idéia pode sim consolar-me, nunca porém mitigar as vivas saudades, que me pungem a alma.

Aceitai, ó meu bom Pai, estas flores que, ainda uma vez banhadas com minhas lágrimas, espalho sobre vosso túmulo, e lá do Céu, onde vos colocaram vossas virtudes e a Misericórdia Divina, abençoai o vosso filho.

CÉSAR

.....

Ao Leitor

A INTRODUÇÃO que se vai ler, escrita pela hábil pena de M. Ferdinand Denis, dispensa-me de escrever um prólogo, e felizmente sou substituído de maneira muito vantajosa para os meus leitores.

Realizei ainda uma vez um dos meus mais ardentes desejos, traduzindo e entregando à publicidade uma das obras raras a respeito da história primitiva do Maranhão, que me tem merecido muitas investigações e aturado estudo.

Dou-me por satisfeito desta e de outras fadigas, se delas resultar algum proveito ao público menos lido, para quem fiz esta tradução.

Maranhão, 20 de outubro de 1874.
DR. CÉSAR AUGUSTO MARQUES

.....

Introdução

O PADRE YVES D' ÉVREUX E AS PRIMEIRAS MISSÕES DO MARANHÃO

FERDINAND DENIS

NO TEMPO de Luís XIII, o magnífico convento dos capuchinhos da Rua St. Honoré contava entre seus monges dois religiosos com o mesmo nome — o Padre Yves, de Paris, e o Padre Yves de Évreux. O primeiro, advogado antigo, verboso, ardente na discussão, muito versado nas idéias do seu século, gozava pela cidade de alta reputação, e as biografias modernas confirmam ainda sua fama passada; o segundo, amigo reconcentrado do estudo, e mais ainda da humanidade, espírito observador, alma apaixonada pelas belezas da natureza, pronto a acudir onde o chamava seu zelo, não se importando da curiosidade que sua pessoa podia despertar, foi completamente esquecido, e esquecido de tal forma que, apesar de seu reconhecido mérito, 250 anos decorreram sobre seu humilde túmulo sem que uma voz amiga tenha para ele despertado a atenção.

Para que se falasse deste obscuro monge foram necessárias duas coisas com que não se contava durante sua vida: a transformação

em poderoso Império dos desertos que ele havia percorrido, e o amor apaixonado por certos livros velhos, que se reabilitam, e com razão, pois eles, por si sós, narram fatos que, sendo desconhecidos, fariam que a civilização crescente de certos países caminhasse na ignorância de sua origem.

Tinha então o grande convento de Paris muitos homens condenados a injusto esquecimento. Fundado em 1575 por Catarina de Médicis,¹ havia em pouco tempo adquirido fama de abrigar monges doutos em teologia, zelosos, cheios de abnegação, e caritativos nas epidemias, a qual, quase intacta, conservou durante o décimo sétimo século. Era nele que o partido favorável aos religiosos regulares vinha procurar espíritos ativos que se opunham ao bispo de Belley. Era sobre estes vastos terrenos possuídos outrora pela Casa de Tremouille, que existia essa imensa oficina bem conhecida pelo corpo médico de Paris, onde os cortesãos, assim como os mais humildes burgueses, vinham prover-se de medicamentos, que só aí encontravam, ou que se preparavam com incúria estranha nos outros lugares de tão grande cidade.² Falemos francamente: não era nem a ciência, então incontestável, desses religiosos, nem os resultados positivos de sua cuidadosa administração, nem mesmo os benefícios diários, pelos quais eram tão úteis às classes necessitadas, que lhes granjearam o crédito unísono de que gozavam em Paris, pois o deviam sobretudo às brilhantes conversões, das quais, recentemente, era palco o grande mosteiro da Rua St. Honoré, até pouco um teatro. Foi neste convento, que um dos maiores senhores do último reinado, o Conde de Bouchage, mais conhecido depois como P. Ange de Joyeuse, veio trocar as grandezas da corte, onde voluntariamente demitiu-se dos seus cargos militares, para viver na mais estreita pobreza. Foi neste sombrio asilo que um dos membros mais ilustres da família de Pembroke veio abjurar o calvinismo, e, renunciando

1 A ordem constitutiva do Mosteiro tem a data de 28 de novembro. O lugar da escolha foi concedido no ano precedente por Catarina de Médicis aos capuchinhos, vindos da Itália, e a doação foi confirmada por Henrique III em 24 de setembro de 1574. Vide Boverio, *Annali di Frati minori*.

2 O *Mercure Galant* deu à luz uma descrição, muito curiosa, da grande botica do convento.

do à mais brilhante existência, sujeitou-se às humildes funções, que desde o princípio do século lbe foram impostas, obrigando-se a prosseguir sem descanso na missão a que voluntariamente se impusera.

Fácil nos seria multiplicar agora na citação de nomes célebres, e de causar talvez admiração fazendo sobressair os esquecidos; para ser breve devemos porém cingir-nos ao objeto em questão.³

O P. Yves d'Évreux e o P. Yves de Paris surgiram, como dissemos, quase na mesma época; porém a fama, sempre crescente de um, ofuscou completamente a lembrança mui fugitiva que o outro deixou, e até gente de boa fé pode mesmo confundi-los. Tiveram, contudo, bom é repetir, destino bem diferente. Yves d'Évreux, como dissemos, fugia em geral do bulício político, e somente tomava parte nas lutas do século quando tinha de sustentar algum ponto de doutrina religiosa; o segundo, muito mais moço na Ordem que o seu homônimo, sempre pronto a entrar nos combates que as Ordens Regulares sustentavam algumas vezes contra o poder eclesiástico, tinha por isto adquirido muita fama com que bastante se gloriava o mosteiro. Era notado não só como orador eloqüente, mas também como um dos mais fecundos do seu tempo. A hipérbole do elogio monástico chegou até o ponto de considerá-lo como a cabeça mais forte que poderia produzir-se em sua Ordem. Foi sempre ele quem representou unicamente seus superiores: eram dele os muitos livros, escritos quase todos em latim, que foram opostos, e vitoriosamente, às publicações violentas atiradas contra as Ordens mendicantes. Da sua antiga ocupação de advogado se recordava e se aproveitava das tricas e confusões, próprias da época, e até lançava mão da astrologia judiciária, pelo que se lbe atribuiu a autoria do Fatum Mundi, livro absurdo, mas que durante algum tempo dominou os espíritos. Declarado por unanimidade o oráculo do seu convento, nem sequer por um momento houve a idéia de associar-se à sua lembrança o nome de um religioso, igual ao seu, e que apenas sabia sacrificar sua exis-

3 Em 1617 contavam-se 655 religiosos nas duas custódias de Paris e de Rouen, e entre eles 209 clérigos. Por volta de 1685 existiam em França 5.681 capuchinhos. Em 1683 haviam em França. 5.681 capuchinhos.

*tência com o fim de ganhar algumas almas para Deus! O que poderia fazer o nosso modesto amante da natureza diante de tal personagem, tão cercada de glória, diante da fênix dos teólogos franceses, como então por gosto o apelidavam?*⁴

Mas, quem é que se recorda hoje do P. Yves de Paris? Quem cuida hoje nas discussões, cuja veemência lhe atribuíram tão viva admiração? Coloquemos os homens e os fatos nos lugares que devem ocupar. Yves d'Évreux pôde contemplar em sua grandeza primitiva uma terra exuberante de vida e de mocidade: dois séculos de esquecimento passaram sobre sua obra, e hoje em dia brilha ele remoçado, cheio de graça, ao lado de Lery, de Fernão Cardim, de Anchieta, enfim de todas essas almas privilegiadas, que uniam a faculdade de observação à apreciação apurada das

4 Não inventamos nada: um dos seus mais ardentes admiradores, também capuchinho, fala dele nestes termos: *tantarum segete scientiarum, factus est dives ut Galliae Phoenix hac nostra aetate communiter sit appellatus*. Vide o vasto repertório de Dinis de Génes. *Bibliotheca scriptorum ordinis minorum Sancti Francisci capucionorum*. Wadding, mais moderado, contenta-se em chamar Yves de Paris – *egregius concinnator, insignis Capuccinus*. O autor anônimo dos elogios manuscritos dos capuchinhos da cidade de Paris não pôs limites ao seu entusiasmo, quando disse: “a natureza parece ter querido esgotar-se, quando cedeu a tão grande personagem tudo quanto podia dar-lhe com abundância de grandeza, tão rara quão admirável”. Nasceu em 1590 Yves de Paris, tomou o hábito religioso em 27 de setembro de 1620, seis anos depois que Yves de Évreux regressou doente do Brasil, e afinal morreu em 14 de outubro de 1678. Este religioso conseguiu imprimir vinte e oito obras de sua lavoura, cujos títulos principais vamos reproduzir seguindo a ordem cronológica de suas publicações. *Os felizes resultados da piedade, ou os triunfos da vida religiosa sobre o mundo, e a heresia*. 4ª edição. Paris, 1634. 2 vols.; em 12. *Da indiferença*. 2ª edição. Paris, 1640, em 8º. *A teologia natural*. Paris, 1640-1643. 4 t, em 4º. *Astrologiae novae methodus et fatum universi observatum, a Franc Allaeo Arabe christiano*. Paris, 1654. Temeu este capuchinho, apesar de atrevido e crédulo, publicar este livro com o seu nome, e por isso deu-o à luz sob o título *Fatum Mundi. Jus naturale rebus creatis a Deo constitutum*, etc. etc. Parisiis, 1658, *in folio*. O *Fatum Mundi* foi reimpresso em 1658, e no ano seguinte apareceu esta obra: *Dissertatio de libro praecedenti ad amplissimos viros senatus Britanniae Armoricae*. Parisiis. 1659, *in folio*. *Digestum sapientiae in quo bebetur scientiarum omnium rerum divinarum et humanarum nexus*, etc. etc. 1654-1659. 3. vols. *in fol.*, reimpressos com aumentos em 1661. O *Magistrado cristão, coordenado pelo Padre Yves, seu sobrinho*. Paris, 1688, em 12. *As falsas opiniões do Mundo*. Paris, 1688, em 12, etc. etc. Vê-se que não há analogia alguma entre os estudos destes dois capuchinhos. Uma das obras do P. Yves de Paris foi queimada pela mão do carrasco.

belezas da natureza, e que saudaram, poetas desconhecidos, a aurora de um grande império.

Yves d'Évreux, diga-se com pesar, teve o destino de quase todos os historiadores primitivos do Novo Mundo: sua biografia, embora pouco desenvolvida, ainda está por escrever, e apesar das mais minuciosas e constantes investigações nestes últimos tempos, apenas conhecemos as circunstâncias mais importantes de sua vida, e assim mesmo nada ao certo saberíamos se não fossem algumas notas colhidas em vários arquivos dos antigos conventos. Foi geral o esquecimento tanto da sua obra como do seu autor. Pensam os escritores de sua Ordem haverem dito bastante ao lembrarem ter ele vivido no século XVII, ter sido missionário zeloso, e autor de um livro, continuação obrigada da viagem do P. Claude, seu companheiro, e até se esquecem de mencionar que ele viveu durante dois anos entre os índios, enquanto o P. Claude esteve lá apenas quatro meses.

Conforme as induções, que se podem tirar de um folheto manuscrito, conservado na biblioteca mazarina, opúsculo cheio de datas precisas, relativas aos capuchinhos do convento da Rua St. Honoré, o nosso missionário devia ter nascido em 1577. Indica por certo seu sobrenome a cidade onde ele nasceu, porém ignoramos qual foi o nome que teve no século, como então se dizia. A este respeito os amadores das viagens antigas foram mais bem sucedidos quanto ao seu companheiro, o P. Claude, que se sabe pertencera a uma excelente família de Abbeville, a dos Foulon.⁵ O que há de bem averiguado é que os pais do Padre Yves o applicaram a estudos excelentes, e que os seus professores não se contentaram de ensinar-lhe só o latim e sim também o grego, e até o hebreu, e inspiraram-lhe esse gosto literário sem o qual não há escritor hábil. No convento de Rouen passou o noviciado, e aí entrou em 18 de agosto de 1595, não existindo a menor dúvida a este respeito.⁶ Depois de ter tomado o hábito nessa casa, aí provavelmente demorou-se alguns anos, e

5 E não Sylvère, como por descuido disse em sua biografia o venerável Eyriès. (Vid. M. Prarond, *Les hommes utiles de l'arrondissement d'Abbeville*, 1858, in 8º.)

6 Vide o manuscrito da biblioteca mazarina, já citado, que tem este título *Annales des R. P. Capucins de la Province de Paris, la mer et la source de toutes celles de çà les monts*. N. 2.879, pet. in 4º.

*devia pregar na maior parte das cidades da alta Normandia. É provável que então se achasse em relação de estudo e de sacerdócio com o jovem François de Bourdemare, como ele natural da Normandia, como ele pregador em sua província, e mais tarde designado para sucedê-lo na missão do Maranhão.*⁷

Distinguido muito cedo pelos seus superiores, e tendo já o título de pregador, que então só se dava aos religiosos de elite, foi designado o P. Yves para preencher as funções de Guardiã do Convento de Montfort. Infelizmente os documentos que temos à vista e que provam este fato não dizem qual foi a cidade onde se passou a maior parte da juventude estudiosa do nosso bom missionário. Há em França mais de treze localidades com este nome e não nos é possível, falando de maneira absoluta, dizer onde o nosso viajante se consolidou em sua carreira religiosa. Nos primeiros anos do século mudou logo de residência, e achamo-lo no grande convento de St. Honoré, no meado do ano de 1611, no tempo em que era provincial da Ordem o P. Léonard de Paris,⁸ quase na ocasião de este sábio religioso ter sido pelo Papa nomeado superior das missões orientais.

Teremos ainda ocasião de falar no movimento político, aplicado às expedições marítimas, quando já ia em meio o século XVI, e que tinha por fim fazer que o nosso comércio partilhasse das vantagens que a Espanha e Portugal haviam monopolizado para si. Cinquenta anos mais tarde, embora aproveitando-se das vantagens adquiridas pelas explorações dos Verazanos, dos Cartiers, dos Robervals, e de tantos outros navegantes, que nos deram o que naquele tempo se chamava Nova França, todas as atenções se fixavam nas regiões mais favorecidas, que então se pretendia colonizar, e as quais com

7 François de Bourdemare, ou Boudemard, natural de Rouen, deixou a província, onde gozava sua família de muita consideração, para em Orléans fazer-se capuchinho. Como noviço entrou no convento desta cidade, em 2 de outubro de 1603, porém é muito provável que voltasse para a Normandia antes de ir residir no grande convento da Rua St. Honoré.

8 O P. Léonard morreu em Paris com 72 anos de idade, no dia 4 de setembro de 1640. Antoine Faure, seu pai, era conselheiro do parlamento de Paris. O livro dos *Elogios históricos*, manuscrito da Biblioteca Imperial, o qualifica como “o maior homem, que a religião dos capuchinhos já teve, e que nunca mais terá”. Encontra-se ele outra vez provincial na Rua St. Honoré no ano de 1615.

amor se chamava França Equinocial. Já havia desde 1555 uma França Antártica, a qual, apesar de ter este nome por tão pouco tempo, não deixou contudo de granjear para nossos homens do mar as simpatias calorosas e dedicadas dos povos indígenas, que então em tribos numerosas ocupavam o Brasil em várias partes. Auxiliava também estas conquistas pacíficas o movimento protestante, bem que não devesse deixar vestígios duradouros na América do Sul, porque os refugiados e os missionários subordinavam a si e procuravam à porfã converter às suas crenças estas nações bárbaras.⁹ Sem tratar dos armadores de Dieppe, cujas primeiras explorações pelas costas do Maranhão datam de 1524, sem mencionar as navegações de Alphonse de Xaintongeois até às bocas do Amazonas no ano de 1542, ser-nos-ia fácil provar que 25 anos mais tarde Henrique IV doaria a um bravo capitão da religião reformada a imensa extensão de território para a qual devia ir Yves d'Évreux, deixando seu pacífico retiro de Montfort, a fim de catequizar os selvagens. Vemos com efeito Daniel de la Tousche, senhor de la Ravardière, de posse dessas doações tão vagamente definidas pelas cartas patentes de julho de 1605.¹⁰ Adquirimos também a certeza de depois de dois anos, após duas viagens sucessivas ao norte do Brasil, la Ravardière convenceu os tabajaras e tupinambás, propriamente ditos, a mandarem uma espécie de embaixada ao Rei Cristianíssimo com o fim de solicitar sua proteção contra as investidas dos portugueses. Foi de balde esta missão de índios, porém como la Ravardière continuasse a residir por muito tempo entre eles, conseguiu em 1610, que lhe fossem renovadas as doações feitas cinco anos antes, e assim julgou-se autorizado, logo depois da morte de Henrique IV, a*

9 Vide a respeito da expedição protestante do Sr. Villegagnon, as relações circunstanciadas de Nicolas Barré, de Jean de Lery e do Anônimo conhecido por Crespin. É certo que estabeleceram os calvinistas seu predomínio na baía do Rio de Janeiro, porém a ele se podem opor diversos panfletos, escritos por causa do chefe da empresa. Estas peças satíricas fazem parte das ricas coleções da Biblioteca do Arsenal.

* Grafado assim por Ferdinand Denis. (Nota desta edição)

10 Como se verá em outro lugar, logo após a publicação da primeira parte da viagem, a antiga expedição de la Ravardière foi precedida pelas de Riffault em 1594, e de des Vaux, o companheiro deste último, que misturando-se com os índios dedicou-se muito ao descobrimento desta região.

*formar uma associação para a definitiva colonização destas regiões abandonadas.*¹¹

Não foi contudo aos partidistas de sua religião que se dirigiu la Ravardière para ser bem sucedido neste empenho: pelo contrário, sem hesitar entrou em conferência com católicos proeminentes, cuja lealdade era perfeitamente conhecida, como sejam, o almirante François de Razilly, uma das mais antigas glórias da França, e Nicolas de Harlay, uma de suas sumidades financeiras, e eles a ele se associaram para a exploração deste privilégio. Em todo o século XVII não conhecemos outra transação, entre católicos e protestantes, mais leal e desinteressada: foi na verdade uma empresa digna de contar em si o Padre Yves d'Évreux, tão sincero como justo.

O título de lugar-tenente do Rei, sem a menor dúvida, foi transferido a Razilly, que teve toda a liberdade de ação, não deixando contudo de fazer prevalecer as prerrogativas da comunhão que professava. Em todas as

11 Julgamos dever reproduzir aqui o texto desta concessão renovada: não conhecemos o primeiro. “Luís, a todos os que virem a presente. Saúde. O defunto Rei Henrique, o grande, nosso muito honrado senhor e pai, a quem Deus perdoe, tendo por Cartas patentes do mês de julho de 1605 constituído e estabelecido o Sr. de la Ravardière de la Touche, seu lugar-tenente-general na América, desde o rio do Amazonas até a ilha da Trindade, e havendo ele feito duas viagens às Índias para descobrir as enseadas e rios próprios para o desembarque e estabelecimento de colônias, no que seria bem sucedido, pois apenas chegou nesse país soube predispor os habitantes das ilhas do Maranhão e terra firme, os tupinambás e tabajaras, e outros a procurarem nossa proteção e sujeitarem-se à nossa autoridade, tanto por seu generoso e prudente procedimento, como pela afeição e inclinação natural que nestes povos se encontram para com a nação francesa, bem conhecida por eles pelo envio dos seus embaixadores, que morreram apenas chegaram ao porto de Cancalle, e dos quais teríamos ainda recebido iguais garantias segundo as narrações feitas pelo Sr. de la Ravardière, tudo isto depois nos daria oportunidade de lhe expedir nossas cartas do mês de outubro de 1610 para regressar, como chefe, ao dito lugar, continuar suas expedições, como teria feito, e aí habitaríamos dois anos e meio em paz, e 18 meses tanto em guerra como em tréguas com os portugueses, etc., etc.” Guardamos para a próxima publicação do livro de Claude d’Abbeville, de que este é o complemento, todos os pormenores políticos, relativos à expedição, e reservamos também para ela os detalhes biográficos sobre Razilly, la Ravardière e de Pezieux.

praias onde desembarcassem, devia levantar-se uma cruz com toda a solenidade, e bem assim missionários católicos seriam conduzidos para propagação da fé entre os índios. Estes contratos foram na verdade pontualmente executados, e nem na obra de Claude d'Abbeville, e nem na de Yves d'Évreux se encontra uma só palavra que faça suspeitar o menor estremecimento entre os chefes da expedição.

Fortalecido com o crédito, que de há muito gozava na corte, ajudado, além disto, por socorros pecuniários, e pela verdadeira importância, que lhe proveio de associar-se com Nicolas de Harlay, senhor de Sancy, barão de Molle e de Gros bois, o almirante Razilly com toda a presteza chegou ao fim, que tinha em vista, interessando a Regente no bom êxito de uma empresa, já anteriormente aprovada por Henrique IV. A seu pedido escreveu Maria de Médicis ao Padre Léonard, que nesse tempo era Guardião do grande convento dos capuchinhos da Rua St. Honoré, pedindo-lhe com toda a instância quatro religiosos, a fim de fundarem um convento da Ordem na ilha do Maranhão. Diga-se a verdade: o norte do Brasil, que atualmente oferece todos os recursos da civilização, então se apresentava, até mesmo aos mais doutos da Universidade de Paris, como uma região entregue a todos os horrores da vida selvagem; os cosmógrafos francezes, quando dela tratavam, exageravam na análise da barbárie, deixando contudo à imaginação o campo inteiramente livre, não marcando nenhum limite exato, e era sobre essas informações inexatas que Raleigh se deleitava de evocar todos os monstros do mundo antigo.

Nem um só momento hesitaram estes religiosos quando o provincial lhes leu a missiva real na hora em que se encontravam no vasto refeitório do mosteiro: dentre eles quarenta quizeram ser escolhidos para tão perigosa empresa, e os documentos oficiais, que temos à vista, nos fizeram até conhecer o grau de entusiasmo que deles se apoderou quando souberam o conteúdo da mensagem das Tulberias. A maior parte dos padres ofereceu-se com espontâneo entusiasmo para esta nova missão, e sendo reprimido o zelo dos mais fervorosos, declarou logo o P. Léo-

nard, de acordo com o Definidor da Ordem, que seriam quatro apenas os escolhidos, de conformidade com o pedido.

Eis a lista destes nomes pela ordem, que devem guardar entre si, e os raros historiadores que deles têm tratado teriam evitado alguns erros se, como nós, tivessem consultado os arquivos do convento:

O muito venerável Padre Yves d'Évreux, superior.¹²

O muito venerável Padre Claude d'Abbeville.

O muito venerável Padre Arcène [sic] de Paris.

O muito venerável Padre Ambroise d'Amiens.

Ajoelharam-se os escolhidos diante do Padre Léonard, e humildemente lhe agradeceram tal honra; foi-lhes anunciada a proximidade da viagem, e desde esse momento para ela se acharam prontos.

Não há a menor dúvida a respeito da qualidade do religioso a quem se confiou a direção das missões do Maranhão, e não se compreende como Berredo, antigo governador da Província, que foi autoridade no Brasil, deu o título de Superior a Claude d'Abbeville, que ocupa na ordem hierárquica o lugar imediato ao digno missionário diretor dos trabalhos. Certamente era necessário que o P. Yves já tivesse adquirido na Ordem crédito inabalável para que fosse preferido aos três religiosos seus adjuntos. Eram sacerdotes todos três; como ele deram provas de possuírem sólida instrução, e o terceiro até, já muito adiantado na carreira, por várias vezes tinha ocupado certos empregos honrosos, sinais evidentes da consideração de seus superiores. O P. Ambroise era além disto dedicado com ardor a todas as obras de caridade, durante as calaminadas dos últimos anos do século, sendo muito conhecida sua bondade sempre em ação:

12 Pode-se ler tudo isto minuciosamente na Carta de obediência dada ao P. Yves na *Cronologia histórica dos capuchinhos da cidade de Paris*, pág. 193. Tem a data de 27 de agosto de 1611, e começa assim: “*Venerando in Christo Patri Ivoni Eboriense predicatori ordinis fratrum minorum Sancti Francisci Capucinatorum, frater Leonardus parisiensis ejusdem ordinis in Provincia parisiensi licet immeritus salutem in domino, in eo qui est nostra salus.*”

*suas prédicas fervorosas, bem acolhidas pelo povo, lhe granjearam o cognome de Apóstolo da França.*¹³

Têm a data de 12 de agosto de 1611 as Cartas de obediência que os superiores outorgaram ao P. Yves d'Évreux, e lhe ordenaram que fosse embarcar-se no porto de Cancale num navio sob o comando de Razilly, lugar-tenente do Rei.

Não devemos repetir aqui o que em termos precisos e apropriados contou Claude d'Abbeville na primeira parte da narração a respeito dos pormenores da longa viagem dos missionários até o Brasil, da separação forçada da flotilha, que os conduzia, e das peripécias desta navegação, que durou cinco meses e que se efetua hoje em menos de 25 dias. O que porém podemos afirmar é que o Padre Yves não sofreu somente o aborrecimento de uma viagem marítima, cujas dificuldades não se pode agora imaginar, e que aos cuidados de uma instalação penosa vieram reunir-se fadigas imprevistas, e depois de desembarcado, dores pungentes, como fossem as que ele experimentou pela morte do digno Padre Ambroise, e em seguida os sofrimentos provenientes de uma moléstia, que o forçou a regressar, e da qual foi vítima afinal. Tudo isto foi narrado com simplicidade e dignidade por tão zeloso missionário, e sem dúvida muito melhor do que o faríamos.

O que não disse o pobre monge, cuja peculiar sensibilidade e admirável resignação se revelam tantas vezes, foi o pesar que deve ter experi-

13 Descansam seus restos mortais no Brasil, pois foi o único de seus companheiros que não voltou à Europa. O P. Ambroise de Amiens, pelos seus estudos, tinha-se distinguido na Sorbonne, e quando ia requerer licença para seguir a carreira da magistratura, ou dedicar-se simplesmente à advocacia, resolveu em 1575 entrar na Ordem dos capuchinhos: foi um dos primeiros irmãos que tomou o hábito do convento da Rua St. Honoré, onde por diversas vezes exerceu o cargo de guardião. Deve-se colocar entre os anos de 1584 e 1586 a época dos corajosos devotamentos com que ele afrontou os horrores do contágio para socorrer a população parisiense, que então lhe deu o cognome pelo qual era conhecido. A sua idade, já avançada, devia isentá-lo desta viagem, porém não foi possível resistir às suas instâncias, e nem a todos os meios que empregou para fazer parte dessa missão, que foi de grande utilidade. Vede o Manuscrito da Biblioteca Imperial intitulado *Eloges historiques de tous les grands hommes, et de tous les illustres religieux de la Province de Paris*, acervo St. Honoré.

mentado quando viu que da coragem imprudente de Pézieux resultou a morte deplorável deste seu amigo, sem que o valor de la Ravardière pudesse ser bastante para sustentar a colônia; o que também não pôde contar foi a perda das funções de superior da missão, que devia assumir antes do triunfo das armas de Jerônimo de Albuquerque, e da expulsão definitiva dos franceses. Para explicar essas circunstâncias, não mencionadas de forma alguma pelo digno missionário, é indispensável falar-se da situação administrativa em que então se achava o grande convento da Rua St. Honoré.

O Padre Léonard, tão afamado entre seus irmãos de hábito, em 1614 deixou de ser provincial, e só poderia ser reconduzido a suas altas funções no ano de 1615. Foi substituído pelo venerável Honoré de Champigny,¹⁴ e com razão elogiam-se os melhoramentos de toda a natureza, a atividade, e especialmente a distribuição de socorros caridosos, praticados durante a sua administração.

Nesta época, um religioso estrangeiro, natural da Escócia, e descendente de boa família, atraía para si os olhares de seus irmãos, e pode dizer-se até da própria corte da França, o Padre Archange de Pembroke, que veio substituir de alguma forma o Padre Ange de Joyeuse. Eleito provincial em 1609, e não deixando depois disto de exercer importantes encargos, foi este capuchinho escocês, logo depois da partida do P. Yves, nomeado diretor das missões das Índias orientais e ocidentais. Os motivos que fizeram abandonar mais tarde a missão do Maranhão não foram declarados, ou para melhor dizer, não existiam. Archange de Pembroke resolveu ir pessoalmente ao Brasil dar considerável impulso à pequena missão, que alguns meses antes havia sido dirigida por François de Razilly. Para este fim escolheu onze religiosos, com cujo zelo podia contar. Infelizmente foram esquecidos os seus nomes e apenas se sabe que entre eles havia um historiador, cuja "Narração" nos parece de fato perdida, por não ter sido possível encontrá-la, apesar de todas as pesquisas

14 O P. Honoré de Champigny morreu em cheiro de santidade em 1621.

feitas com constância e perseverança por muitos meses em Paris, Rouen e Madri.¹⁵

O P. François de Bourdemare pertenceu à classe desses ricos gentilhomens que, após a saciedade de todas as superfluidades da fortuna, de repente sufocam num cárcere o que se chama orgulho do século e lembranças mundanas. Havia já alguns anos que era viúvo. A seu filho entregou todas as suas herdades, e depois foi sepultar-se nos mosteiros de Orléans e de Rouen, daí mudou-se para o convento da Rua St. Honoré de Paris, onde exhibiu diariamente, dizem, provas de humildade muito além da exigida pelos integrantes da comunidade. Gentilhomen notável, não havia muito, pela sua elegância, na época da grandeza, anterior ao fausto de Luís XIV, então somente trazia vestes remendadas, e ainda à sua pobreza juntava o hábito de capuchinho. Completar o seu martírio dedicando-se fervorosamente à conversão dos selvagens, pareceu-lhe coisa tão natural como invejável; este homem, cuja sociedade tinha sido tão procurada, e cuja instrução era tão sólida a ponto de poder escrever em latim uma obra volumosa, encarou como benefício dos definidores da sua Ordem ser mandado a um lugar deserto, onde faltassem todos os recursos da vida: ele e Archange de Pembroke, cuja existência tinha sido ainda mais brilhante que a sua, embarcaram-se em 28 de março de 1614 com outros dez monges num navio comandado pelo bravo Pratz, que com trezentos colonos novos ia socorrer Ravardière, cuja situação sem dúvida era considerada em Paris como difícil.

Cheios de presentes dos senhores da corte de Luís XIII com os quais ainda bem recentemente eles entretinham relações diárias, e sobretudo

15 Sabemos desta obra por Guibert apenas, pois nenhuma outra bibliografia especial a menciona. Bourdemare publicou suas observações sob o título *Relatio de populis brasiliensibus*. Madri, 1617, in 4º. Leon Pinelli fala de Fr. J. François de Burdemar (assim escreveu ele) como fala de Yves d'Évreux por ouvir dizer. Afirma o livro dos elogios ter empreendido duas viagens à América, e afinal que morrera como *forasteiro* num dos conventos da sua Ordem na Espanha, um ano antes da publicação do seu livro. Parece-nos que a expressão usada pelo biógrafo da palavra espanhola *forastero*, quer dizer pura e simplesmente *estrangeiro*.

satisfeitos por levarem ao modesto convento do Maranhão os belos ornamentos feitos pelas próprias mãos da Duquesa de Guise, partiram do Havre, e pode dizer-se que para aquele tempo foi por certo um fenômeno, pois gastaram apenas dois meses e quinze dias para chegarem à costa do norte do Brasil; porém uma vez entrados na baía de Guaxenduba souberam logo do estado lastimoso em que se achavam os negócios da França naquelas paragens. Não ignoravam os missionários que pelo seu instituto se achavam ao abrigo das eventualidades políticas que o resto da expedição podia temer (por exemplo, não podiam ser prisioneiros). Foram, como que com pompa, para o seu convento em S. Luís, e consigo levaram os presentes da Duquesa de Guise, porém acharam aí um só religioso, o P. Arsène de Paris,¹⁶ e esse mesmo muito doente. Mais doente ainda que seu único companheiro se achava Yves d'Évreux, quando soube estar substituído como superior do nascente Mosteiro, e é provável que ele embarcasse o bordo de algum dos navios da esquadra. Dizem os documentos que temos à vista que nesse tempo ele se achava em inação, vítima de uma paralisia geral, consequência provável das fadigas a que diariamente se entregava no Forte.

Para explicar a invasão lenta, porém contínua, de tão triste moléstia, basta recordar agora o que era então a nascente cidade de S. Luís. Embora seja hoje, e com razão, esta risonha capital considerada uma das cidades mais saudáveis do Império do Brasil, ela apenas surgia do seio das florestas. Os miasmas deletérios, que constantemente se desprendiam dos lugares recentemente desbravados, a falta absoluta de certos medicamentos enérgicos, apropriados a combater com decidida vantagem essas influências paludosas: tudo isto explica como o P. Yves d'Évreux não pôde esperar pelo resultado da guerra começada, e como se viu coagido a regressar para a Euro-

16 O P. Arsène de Paris também não tardou em deixar o Brasil, porém o triste resultado dos negócios do Maranhão não arrefeceu o seu zelo pelas missões. Foi para o Canadá onde pregou aos hurons depois de haver convertido os tupinambás. Foi superior das missões da América do Norte por cinco anos e depois morreu no grande convento de Paris, em 20 de junho de 1645 contando 46 anos de hábito. É muito provável que tivesse por sucessor na América o P. Ange de Luyne, Guardião de Noyon, pois foi comissário e superior das missões do Canadá em 1646.

pa, receando ser pesado à missão depois de haver sido o seu agente mais ativo e o seu sustentáculo mais dedicado.

Não sabemos como se efetuou esta viagem, nem se ele foi para Paris, e nem tampouco se foi a sua terra natal buscar um asilo no convento dos capuchinhos,¹⁷ fundado apenas alguns meses depois da sua partida. Os arquivos da cidade de Évreux, nada dizem a tal respeito, e nem também relativamente à missão brasileira, parecendo-nos dever esperar-se do acaso o aparecimento de documentos biográficos, de cuja existência nem se suspeita.

O histórico da segunda missão dos capuchinhos franceses no Maranhão, completamente ignorada por Berredo e outros escritores portugueses, não nos deixa na mesma incerteza quanto aos missionários que sucederam a Yves d'Évreux e aos seus companheiros.¹⁸ Sabemos que chegaram em 15 de junho diante da nascente cidade, que cantaram um Te Deum no dia 22 do mesmo mês, no rústico convento cuja construção seus predecessores tinham principiado, embora não se ignore hoje que àquela época eles já previam o malogro da missão.

Ignoramos o que fez o P. Archange no convento de São Luís, porém quase que se pode dizer que não imitou o zelo dos P. Yves d'Évreux e Arsène de Paris, sendo tão mal sucedido em seus esforços porque apareceu a desunião “entre as coisas da Colônia, aumentada ainda com a chegada dos

17 O convento dos capuchinhos da cidade de Évreux foi edificado em 1612 “na extremidade de um subúrbio da cidade do lado do sul devido em parte aos cuidados e à liberalidade de Jean le Jau, então grande penitente e vigário-geral da diocese”. Vide *Histoire civile et ecclésiastique du comté d'Évreux*, pág. 365. O abade Lebeurier, cujas luzes e zelo arqueológico são conhecidos, prestou-se a fazer a este respeito todas as pesquisas possíveis, sobre o assunto que aqui nos ocupa porém, infelizmente, de balde.

18 O manuscrito que temos à vista, e que dá conta sumária da viagem de Archange de Pembroke, não nos diz claramente o nome da localidade onde saltaram os missionários, e por isso nos limitamos a transcrever a narração do seu desembarque: “foram alguns soldados a terra, e acharam diversos obstáculos que nos pareceram maus prognósticos, como fossem alguns portugueses e um sacerdote secular, que açulavam os gentios contra os franceses, e do Forte souberam nossos soldados que os portugueses projetavam tomar a costa do Maranhão e dela expelir os franceses, o que fez suspeitar aos padres que poucos frutos aqui colheriam”. *Ms. do acervo dos Capuchinhos da casa Rua St. Honoré*.

portugueses, que se assenhorearam do lugar”. O piedoso biógrafo, cuja narração nos serve de guia, diz que o novo superior administrou o batismo a 650 índios, porém acrescenta logo que sem dúvida estes pobres selvagens não ficaram por muito tempo fiéis à religião que abraçaram, voltando à sua antiga idolatria: “não chegam a sessenta os cristãos sinceros, estando incluídos nesse número vinte meninos.” Se se encontrasse uma biografia cheia de particularidades e de aventuras do monge escocês, de que trata o velho historiador da Ordem, tachando-a de muito exagerada, provavelmente nela se encontrariam narrações minuciosas de sua missão na América. Infelizmente este livro, se existe em alguma biblioteca pouco conhecida, é tão raro como o de François de Bourdemare, e não temos tido sucesso nas diversas pesquisas que fizemos para oferecer aos nossos leitores um extrato do seu conteúdo.¹⁹

Suspeitamos todavia que o P. Archange de Pembroke deixou muitos dos seus confrades no convento dos capuchinhos recentemente edificado, regressou para a França ao fim de 1614 no navio do Capitão Pratz, que levou a Paris Gregório Frago, sobrinho de Jerônimo de Albuquerque, incumbido de uma missão diplomática que devia discutir-se em Lisboa. Recolhido a sua cela no convento da Rua St. Honoré, o P. Archange esqueceu-se rapidamente do Brasil, tomou parte nos acontecimentos políticos do seu tempo, vieram de volta a encontrá-lo as dignidades da Ordem, tendo permanecido no grande mosteiro até o momento em que Richelieu chegou ao apogeu do poder.²⁰

19 Circunscrito a um pequeno quadro, apenas podemos dar mui sumariamente a descrição dos acontecimentos que deram em resultado o abandono do Maranhão pelos franceses. Acabou-se tudo em 21 de novembro de 1614, depois da batalha em que morreu o infeliz Pézieux. Além da grande Memória publicada pela Academia das Ciências de Lisboa a respeito desta expedição, encontram-se mais amplas informações sobre este período da história do Maranhão e suas missões pelos jesuítas na vasta e preciosa publicação do Dr. A. J. de Melo Moraes, intitulada *Corografia Histórica, Cronológica, Genealógica, Nobiliária e Política do Império do Brasil*. (Vide o Tomo 3º, publicado em 1860.)

20 Sua morte está marcada nos Obituários da Ordem no dia 29 de agosto de 1632, isto é, no ano em que foi celebrado o Tratado de Castelnauary. Contava então 47 anos de religião, e nela sempre foi conhecido pelo “religioso escocês” embora pertencesse realmente a uma família galesa.

Os amadores das viagens antigas, aqueles que perscrutam ainda com interesse as lembranças espalhadas aqui e ali, e com as quais se deve compor a história das nossas colônias, mais gloriosa do que se pensa, não se demoraram nessas particularidades, e antes desejarão saber como o Maranhão escapou aos esforços corajosos do bravo *la Ravardière*. A História Geral do Brasil, publicada recentemente pelo exato Sr. Adolfo de Varnhagen, lhes responderá com mais precisão ainda do que o poeta laureado Southey. Aí lerão como as forças portuguesas, expedidas desde outubro de 1612 para expelir os franceses do seu novo estabelecimento, de que tinha ciúme a corte de Madri, ainda em maio de 1613 foram reforçadas por Jerônimo de Albuquerque vindo do Ceará, onde combinou com Martim Soares os meios de ser bem sucedida essa expedição sob seu comando, a qual se antolhava erriçada de dificuldades. De Pernambuco ainda vieram reforços indispensáveis, e por isso em 23 de agosto começou o bloqueio do reduto francês, porém no dia 19 de novembro, *la Ravardière* à frente de 200 soldados da infantaria, e de 1500 índios atacou com energia aqueles que queriam desalojá-lo de sua cidade nascente. O bravo de Pézieux morre numa imprudente tentativa, por não ter executado as ordens do seu chefe, mais experiente do que ele. Tomaram por sua vez a ofensiva os portugueses, e em pouco tempo, apesar da sua reconhecida habilidade e do seu notável valor, foi obrigado o chefe da nova colônia a concordar num armistício, cujo desenlace seria terminado perante as cortes de Madri e de Paris, para as quais apelaram ambas as partes beligerantes. Antes de chegar a este ponto *la Ravardière* perdeu cem homens e viu nove dos seus aprisionados. Pode dizer-se, que se sua resistência foi a de um bravo, como tal já reconhecido, o comportamento dos adversários foi cavalheiresco, como se demonstrava em combates singulares como esse. Por que então, depois de convenções tão livremente estipuladas, e quando em 3 de novembro de 1615 *la Ravardière* entregou com todas as solenidades o Forte de São Luís a Alexandre de Moura, um ato desleal havia de manchar campanha tão nobremente concluída. De fato, pois, *La Ravardière* deixa o

*Maranhão e segue em companhia de Alexandre de Moura para Pernambuco, de onde parte em pouco tempo para Lisboa, e aí, no Forte de Belém, sofre rigorosa prisão, que não dura menos de três anos.*²¹

Pelo que acabamos de dizer nesta exposição sumária é que a cidade de S. Luís, a florescente capital de uma das mais ricas províncias do Brasil, é uma cidade de origem absolutamente francesa, e a Câmara Municipal assim felizmente o compreendeu por haver ainda há pouco tempo feito surgir das ruínas os modestos edifícios, que atestam esta época, provando com isto, e ao mesmo tempo, ausência de patriotismo mesquinho e sentimento de bom gosto.²² Mas voltando ao livro, que nos prende a atenção, façamos conhecer a sorte caprichosa que o esperava em França. Despertaremos também com o bom religioso algumas reminiscências, com que se pode enfeitar a poesia.

Menos infeliz na aparência que Jean de Lery, tão bem classificado com o apelido de “Montaigne dos velhos viajantes”,²³ Yves d'Évreux não viu seu manuscrito, extraviado durante 15 anos. Um infortúnio mais completo e absoluto o feriu. Enviado aos superiores da Ordem este livro, complemento do de Claude d'Abbeville, foi destruído antes de haver aparecido. Impresso por François Huby, em cujas oficinas já havia sido editada a obra do seu companheiro, foi inteiramente muti-

21 Ordinariamente os historiadores calam esta última circunstância, e não se encontra nem sequer referida sumariamente e sem comentários senão na coleção diplomática (*Quadro elementar*) do Visconde de Santarém. A carta autógrafa, que prova do cativo de la Ravardière, existe na Biblioteca da Rua Richelieu, onde a vimos. Ela contraria, repita-se, o que se passou um ano antes no campo de Jerônimo de Albuquerque. Está escrita com muita moderação, e foi dirigida a M. de Puyssieux (Vid. *Fonds franç.* – N° 228 – 15, p. 197.)

22 Informações inexatas sem dúvida fizeram com que M. Ferdinand Denis mencionasse aqui este fato, nunca acontecido. (Do tradutor.)

23 Lembro-me com prazer de uma amável expressão do sábio Auguste de Saint-Hilaire. Lery, como se sabe, viajou pelo Rio de Janeiro no tempo de Villegagnon, isto é, em 1556. A primeira edição da sua interessante narrativa somente apareceu em 1571. Nosso Yves d'Évreux, cujo estilo tem tantos pontos de contato com o deste escritor, teria lido seu livro? Nele nada encontramos que nos leve a responder pela afirmativa. Multiplicaram-se porém as edições de Lery, e a tal ponto, que a quinquagésima e última foi em 1611.

lado. François Huby, dizemos com pesar, deixou-se nessa ocasião seduzir, e esquecendo-se dos deveres inerentes à sua profissão, não se importou em ser o instrumento de uma vingança política tão mesquinha. É de supor que o motivo que fez prender la Ravardière no Forte de Belém, levantou também mãos sacrílegas para destruir na Rua St. Jacques o precioso volume, no qual se expunham com admirável sinceridade as vantagens para a França provenientes da expedição de 1613. Ora, entre a impressão da viagem de Claude d'Abbeville, e a do livro, que é sua continuação, ocorreu um acontecimento político de alto alcance. Foi resolvido o casamento de Luís XIII, ainda menino, com uma princesa espanhola,²⁴ e um partido inteiro mostrou muito interesse em dissipar qualquer sombra, que prejudicasse a casa de Espanha. Os projetos de conquista da América do Sul não acharam mais apoio, e desde então empregaram-se todos os meios a fim de ser esquecido um projeto de conquista com que já se havia inquietado a Espanha, chegando-se até a destruir completamente a simples narração dos incidentes dessa missão já passada há tanto tempo, apesar de escrita com toda a calma e conveniência.

No momento em que ocorria este ato arbitrário, somente um homem na França deu importância real à obra e ao seu autor. Felizmente François de Razilly não caiu no cativo, que paralisava todos os esforços de la Ravardière, e pode até afirmar-se que não perdeu de vista, por um só momento, as vantagens que seu país podia tirar de uma Colônia, cujos primeiros passos ele tinha dirigido. Sabendo que ia ser destruído o volume do Padre Yves d'Évreux, apesar de impresso inteiramente, foi à imprensa de Huby para ver se obtinha um exemplar: ou porque não fosse com toda a prontidão, ou porque já se tivesse dado início à destrui-

24 Este projeto de dupla aliança entre as duas coroas já era de 1612, foi anunciado oficialmente em 25 de março do mesmo ano, mas só foi executado três anos depois. Partiram os missionários a 19 de março. Os esponsais do rei de França com a infanta ainda não preocupavam os espíritos como depois aconteceu, por exemplo, em 1615. Todos os fatos relativos aos dois reinados são minuciosamente descritos no livro intitulado *Inventaire generale de l'histoire de France por Jean de Serre, commençant à Pharamond et finissant à Louis XIII.* Paris, Mathurin Henault, in - 18. (Vide o T. VIII.)

ção da obra, apenas pôde salvar algumas folhas por si ou por meios sutis de um dos seus agentes, as quais reunidas mostraram a lamentável perda de diversos fragmentos, e com essas lacunas tão importantes foi impossível formar um exemplar completo. O Almirante mandou imprimir o seu protesto em outro lugar, sem dúvida, e não nas oficinas da Rua St. Jacques, juntou-o ao livro, encadernado com todo o luxo, tendo na frente as armas da casa de França, e foi levá-lo, não a Maria de Médicis, antiga protetora da colônia do Maranhão, e sim a Luís XIII. O menino Rei ainda no ano antecedente tinha brincado muito com três pobres selvagens tupinambás, dos quais fora padrinho, e suas recordações eram ainda tão frescas, que de vez em quando esboçava os grotescos ornatos com que pretendiam enfeitar-se os nossos índios.²⁵ Leu talvez algumas páginas do belo volume que Razilly lhe ofereceu, e nisto ficou todo o seu interesse. Richelieu ainda não era superintendente da sua marinha, e ainda dormiram na corte por muitos anos os projetos de longas navegações. O livro do P. Yves, junto ao do P. Claude foi posto nas estantes da biblioteca, e aí todos os deixaram em paz. Foi no tempo do digno Van-Praet, no princípio de 1835, que o autor desta notícia teve a felicidade de encontrá-lo. Seria ocioso dizer como o feliz descobridor ficou surpreendido ao ler esta agradável narração, tão sincera em suas menores particularidades como preciosa pelas suas úteis notícias. Para compreender bem o seu valor, basta dizer-se que o nosso bom missionário demorou-se dois anos, onde seu venerável companheiro apenas se demorara quatro meses. Desde então apareceu Yves d'Évreux numa série de artigos, que a Revista de Paris publicava a respeito dos antigos viajantes franceses, e na verdade sem desvantagem, ao lado do Padre du Tertre, a quem Chateaubriand justamente chamou o Bernardin de Saint-Pierre do século XVII.

25 Podia-se ainda ver, há alguns meses atrás, na casa de um vendedor de curiosidades, da Rua do Petit Lion, um desenho atribuído a Luís XIII, quando menino, representando muito bem a figura de um tupinambá enfeitado com pinturas bizarras.

Este artigo, cujo menor defeito era sem dúvida alguma ser pouco desenvolvido, formou nesse mesmo ano uma pequena brochura, publicada em casa de Techener, e imediatamente esgotou-se a edição. Desde essa época não foi mais Yves d'Évreux de todo desconhecido aos amadores das viagens antigas, aos homens de bom gosto, que buscam, ávidos de curiosidade, os escritores esquecidos, precursores do grande século. Preocupado, mais do que se crê na Europa, de suas tradições poéticas, e de suas nascentes glórias, o Brasil saudou o nome do velho viajante, e lhe deu um lugar entre os homens pouco conhecidos, mas que devem ser consultados quando se trata dos tempos primevos. O imperador D. Pedro, que ocupa um lugar entre os bibliófilos mais ilustrados, e que tem decidido gosto pelas raridades bibliográficas, que derramam alguma luz sobre as antiguidades do seu vasto Império, mandou extrair uma cópia, sendo depois imitado seu exemplo! O único exemplar, pertencente à Biblioteca Imperial, daí em diante foi lido e relido.²⁶ Uma falange de escritores hábeis e zelosos, que exumaram do pó a história do seu belo país, o chamaram em testemunho de suas asserções, Adolfo de Varnhagen, Pereira da Silva, Lisboa, o autor do Timon, e no último lugar o sábio Caetano da Silva, o citaram entre as melhores autoridades que se pode invocar sobre as crenças dos índios, e assim o fizeram sair da obscuridade em que jazia.

Não tinha a França esperado estes testemunhos de estima para dar ao P. Yves d'Évreux o lugar que merecia. Se Boucher de la Richarderie não tivesse pronunciado seu nome, levantando o mais que pôde o de Claude d'Abbeville, o Sr. Henri Ternaux Compans não o incluía na sua preciosa

26 Devo ainda a Mr. Ferdinand Denis a seguinte comunicação, feita em carta, por mim sempre muito prezada, de 16 de setembro de 1873:

“O segundo exemplar conhecido da obra do Padre Yves d'Évreux pertence ao Sr. Dr. Court, hábil e zeloso bibliógrafo e possuidor, por sua fortuna, de grandes raridades.

“Tive em minhas mãos este precioso exemplar, que custou 800 francos.

“Tem mais duas ou três folhas do que o da Biblioteca Imperial.

“O feliz possuidor do exemplar conhecido mora em Paris, *rue du Centre n. 4*: atualmente anda viajando em benefício da saúde alterada de um seu irmão, porém quando ele voltar, irei de novo visitar seu tesouro.” (Do tradutor.)

coleção dos viajantes conbecedores da antiga América. O Sr. d'Avezac o cita com distinção e faz sobressair suas boas qualidades.

Todos estes testemunhos de admiração para com o humilde escritor, que sem ostentação sacrificou sua obra, infelizmente têm concorrido pouco para tirar sua vida da obscuridade, e não sabemos em que autoridade se baseia um sábio bibliógrafo para dizer que ele viveu até 1650.²⁷

À vista de um volumoso manuscrito da Biblioteca Imperial pensamos um dia que iam ser esclarecidas todas as nossas dúvidas sobre os principais pontos da biografia do nosso escritor, porém assim não aconteceu. Os elogios históricos de todos os grandes homens e de todos os ilustres religiosos da Província de Paris infelizmente só dão notícias relativas aos religiosos de St. Honoré, de Picpus e de St. Jacques.²⁸ Chegou-se até a dizer na obra que havendo o P. Pascal d'Abbeville²⁹ separado sua província da Normandia em 1629 não devia procurar-se nesta compilação o nome dos religiosos que não residiram em Paris.

Não se deve esquecer de todo a excitação puramente literária, que se experimentou na França logo depois da chegada dos índios brasileiros, que desembarcaram com sessenta anos de diferença em Rouen e em Paris. Estes aparecimentos sucessivos de índios, seguidos sempre de narra-

27 É geral a obscuridade que reina sobre a biografia destes antigos viajantes, tão importantes do ponto de vista da História. O venerável Eyriès, que citamos às vezes, é bem pouco fundamentado em suas idéias, por exemplo, quando afirma que Claude d'Abbeville viveu até 1632, quando os manuscritos da casa de St. Honoré o dão por falecido em Rouen no ano de 1616 com 23 anos de religião. Também não é exato atribuir-se-lhe a *Vida da Bem-Aventurada Colette*, virgem da Ordem de Santa Clara, pois apareceu este livro em 1616, in-12, e em 1628 in-8; as iniciais, que traz no frontispício bem poderiam evitar este engano, na verdade pequeno. O opúsculo, de que estamos tratando, acha-se na Biblioteca do Arsenal, onde o examinamos.

28 Essa compilação, verdadeiramente curiosa, começou em 18 de novembro de 1709, e se compunha outrora de 3 vols. em 4E. O t. 1, infelizmente perdido, continha os *Anais da Província*, e provavelmente ficamos privados de algumas preciosas particularidades sobre a missão do P. Yves: tinha o título de *Capuchinhos da Rua St. Honoré*, 4^o (Ter.)

29 O P. Pascal d'Abbeville foi eleito 19^o Provincial do Convento da Rua St. Honoré. A divisão promovida por ele em 1629 decorreu provavelmente por causa do número sempre crescente de religiosos em três conventos de Paris.

*ções mais ou menos notáveis, levam evidentemente o espírito a pensar nas belezas primitivas da natureza, que não são nem sem charme e nem sem grandeza. Desta influência não se livrou o nosso Montaigne, como ele revelou em algumas palavras espirituosas, que escreveu a propósito de uma canção brasileira. Os dois maiores poetas daqueles tempos, tão diferentes entre si e contudo tão aproximados, se abalaram a ponto de dedicarem particular atenção àqueles habitantes das grandes florestas, por acaso misturados com os cortesãos de França, que invejavam suas alegrias tranqüilas e sobretudo a sossegada existência. Ronsard não é de parecer que estes homens, que lembram a origem do Mundo, percam sua feliz inocência, e por isso insta os visitantes para que não troquem a sua ignorância pelos cuidados da civilização.*³⁰ *Malherbe também a respeito deles entreteve por*

30 Em geral não são conhecidos estes versos de Ronsard, dirigidos ao fundador da França Antártica, a essa personagem volúvel, ora huguenote, ora fervoroso católico, cujas severidades excêntricas Lery evitou fugindo para as mais longínquas florestas:

Douto Villegaignon, como te enganas!
 Tu pretendes em vão tornar ameno
 D'América o viver estranho e rude...
 Acaso não vês tu que a nova gente
 Tão una é no trajar como no peito
 É nua de malícia? – que não sabe
 Ao vício e a virtude o nome ao menos?
 Que não sonha com Reis nem com Senados,
 E, isenta do temor, das leis ao jugo,
 À mercê das paixões a vida passa?
 Ignoras, porventura, que aí mostra-se
 Cada homem de si livre senhor;
 e Leis, Senados, Reis, em si resume?
 Não são a terra e o ar comum a todos?
 Vê-se, aquela, cobrir ferro importuno
 O seio virginal de longos sulcos?
 Comum é tudo ali, como dos rios
 São as águas perenes que transbordam
 Sem processo intentar de plena posse.
 Oh, não queiras, por isso, dessa gente
 O repouso turbar dos velhos usos!
 Se há remorso em tua alma, em paz os deixes;
 Não procures, para os campos estenderem,
 Ensinar-lhes à terra pôr limites!
 Choverão os processos, e a fraude

muito tempo o douto Peiresc, por meio de cartas, nas quais dizia que a paz e a alegria estariam em imitá-los. Suas danças inspiram os mais delicados cortesãos, e um dos mais hábeis artistas de Paris fez com as suas árias uma espécie de dança muito agradável, cuja cópia nos deixou o poeta.³¹ Poderíamos ainda citar outros exemplos desta súbita predileção pela independência dos pobres índios, e especialmente pelo magnífico país que habitam. Conforme estes poetas, a cuja frente deve colocar-se Bargas,³² é nesta fonte vital, que pode restaurar-se por novas comparações um estro quase a exaurir-se. Sem dúvida alguma todos estes antigos viajantes, completamente esquecidos durante um século, exerceram real influência no seu tempo, e ainda mais além, como se pode provar à vista dos escritos de Chateaubriand: a singeleza de suas narrações e a frescura de suas pinturas inspiraram os grandes escritores, já preocupados em

À amizade terá então de unir-se!
 (Como a nós acontece, desgraçados!)
 Logo após, d'ambição o duro espinho
 Tormento lhes será – negro, incessante.
 – Seu repouso não quebres: são felizes;
 Eles gozam na Terra a idade d'ouro.

Em continuação a seus conselhos, o poeta termina por dizer como Rousseau: *Eu queria viver assim.*

(tradução do Sr. J. T. de Sousa)

31 Vide a Correspondência e a Coleção Peiresc.

32 Este estimável escritor deu disto uma prova no seu poema da primeira semana, somente impresso em 1610, embora seu autor tivesse falecido em 1599.

Já o ardente Cocuyo à Nova Espanha
 Vai nas asas dois fachos conduzinho,
 Outros dois flamejando ergue na frente.
 À lua deste esplendor de régios leitos
 Nos cortinados arabescos pintam-se,
 À luz deste esplendor em noite negra
 O hábil artesão o marfim pule,
 Conta o avaro, no cofre, seu tesouro.
 Veloz o escritor a pena guia.

Como se vê, o vagalume que os índios das Antilhas chamavam *cocuyo* foi, por toda parte, a grande maravilha do século XVI. O P. du Tertre consagrou-lhe algumas linhas encantadoras.

(Tradução do Sr. J. T. de Sousa)

abandonarem nas suas descrições os tipos ajustados ou estudados, e de influírem ou atraírem só pela verdade.

Yves d'Évreux não foi somente um pintor hábil, um narrador sincero, e sim também um observador perspicaz dos costumes de uma raça, para assim dizer extinta, e que não se poderia deixar de consultar. Para escolher um só exemplo entre muitos, que ele oferece, basta dizer-se que foi o único que descreveu os verdadeiros ídolos, modelados em cera, ou esculpidos em madeira pelos índios. Hans Staden, Thevet, Lery e o próprio Gabriel Soares, tão prolixos a respeito do culto do "maracá", guardam silêncio relativamente ao que então se rendia a essas estatuazinhas modeladas grosseiramente, sem dúvida, pelos habitantes nômades das grandes florestas, as quais contudo servem para mostrar um princípio da prática nascente da arte; assim ele o confessa nestas palavras: "Este mau costume crescia e estendia-se pelas aldeias próximas de Junipará." Depois acrescentou que seu companheiro o R. P. Arsène encontrou estes ídolos na vizinhança dos bosques[....] Ora, pode-se deduzir deste trecho curiosa indução, não sem interesse para a arqueologia futura de um grande Império, e vem a ser que no começo do século XVII notável mudança já havia ocorrido nas idéias religiosas do grande povo da costa. Sem dúvida, nesse tempo já os Piagas tinham visto imagens nas igrejas que se edificavam em várias partes do litoral: com a maravilhosa facilidade de imitação, inata nos índios, já no fim do século XVI tinham representado em estátuas alguns dos numerosos gênios de suas florestas. Estes primeiros ídolos foram infelizmente talhados em madeira, e embora houvesse grande cópia deles, nenhum, ao menos que o saibamos, é conservado nos museus etnográficos do Novo Mundo, estabelecidos em várias localidades. Os tupinambás, apenas chegaram na vizinhança do rio das Amazonas, receberam idéias de povos infinitamente mais civilizados que eles: a poderosa nação dos Omáguas, por exemplo, cujas tribos vinham das regiões peruvianas, poderia ter influído sobre a arte grosseira, de que entre eles encontraram-se tão curiosos espécimens. Note-se, que estes importantes fatos são, em ge-

ral, absolutamente desprezados pelos historiadores portugueses, e por isso não é pequena glória para a nossa literatura antiga o ter possuído escritores dotados de gênio tão observador a ponto de prestarem muita atenção ao estudo destes objetos.

Entre os que se misturaram com estas nações infelizes, no princípio do século XVII, não conhecemos, na verdade, senão um único viajante português, cuja narração encantadora deve estar ao lado das de Jean de Lery e do P. Yves d'Évreux.³³ Foi Fernão Cardim, superior dos jesuítas ainda em 1609, que visitou os índios do Sul depois de haver por muito tempo administrado as aldeias dos Ilhéus e da Bahia. Bem que este missionário não possa, pela importância de documentos, comparar-se a Gabriel Soares,³⁴ a quem se deve recorrer sempre que se queira ter idéia exata da nacionalidade dos índios, e da emigração das suas tribos, contudo muito se lhe assemelha pelo seu estilo: como ele despreza os preconceitos, ama os selvagens, e com animação pinta admiravelmente o índio na sua aldeia, dando-nos a saber a grandeza, cheia de sinceridade, do seu caráter.

A descrição do P. Yves d'Évreux não é, somente, mais um documento de grande importância, que se junta à história do Brasil com o fim de provar unicamente fatos tendentes à fundação da Cidade de S. Luís e sim para os franceses tem outro gênero de merecimento. Pela sincera elegância de sua dicção, pela cor habilmente distribuída de seu estilo, pela perspicácia de suas observações, e pode também dizer-se, pelo sentimento apurado das belezas da natureza, que mostra o seu autor, ele pertence à série de escritores franceses, continuadores da época de Montaigne e prognosticadores do grande século. Yves d'Évreux, se fosse lido, teria nesse tempo influído como alguns

33 *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, etc., escrito em duas cartas ao Padre Provincial em Portugal.* Lisboa, 1847, em 8º.

34 *Tratado Descritivo do Brasil em 1587, etc.* Rio de Janeiro, 1851, em 8º. Foram estas duas obras exumadas pelo Sr. Adolfo de Varnhagen, historiador tão conhecido do Brasil. Esta última obra, de que existe um Manuscrito na Biblioteca Imperial de Paris, foi também reproduzida por seu hábil editor na *Revista* trimensal. Morreu Gabriel Soares em 1591 numa praia deserta, após deplorável naufrágio: como se vê foi quase contemporâneo de Yves d'Évreux.

anos antes Jean de Lery, que descreveu cenas análogas àquelas que ele tão bem soube pintar. Claude d'Abbeville, escritor muito menos hábil do que ele, foi o continuador desta influência literária.

Se no retiro, por ele escolhido, e que cremos, não sem fundamento, ter sido em Rouen ou Évreux, ou mesmo no arrabalde de St. Eloy, soubesse o P. Yves qual foi a sorte definitiva dos seus caros índios, sua alma se teria entristecido profundamente. Depois de expulsos os franceses, foi Jerônimo de Albuquerque nomeado capitão-mor do Pará sendo Francisco Caldeira de Castelo Branco designado para continuar os descobrimentos e conquistas nas regiões do Pará. Dos esforços combinados destes dois oficiais resultou a fundação da risonha cidade de S. Luís e da de Belém.

Estas duas cidades edificaram-se pacificamente, sem oposição alguma da parte dos índios, que até ajudaram os consideráveis trabalhos, exigidos para a construção delas, e muitos deles acompanharam até um oficial chamado Bento Maciel às margens do rio Pindaré em busca de imensas riquezas metálicas, que se desconfiava existirem por aí algures: fatal expedição, cujo resultado foi somente a destruição dos guajajaras.

Os tupinambás inegavelmente não eram mais hostis aos portugueses, e viviam sob a direção de Matias de Albuquerque, filho do governador; mas nem por isso deixavam eles de lastimar a ausência de seus antigos aliados. Já não residiam nos arrabaldes da cidade nova, e sim no distrito de Cumã em numerosas aldeias. Indo um dia o seu chefe europeu ter com seu pai, que o mandou chamar, passaram por Tapuitapera alguns índios vindos do Pará, trazendo cartas para o capitão-mor de S. Luís. Um tupinambá convertido ao cristianismo, por nome Amaro, aproveitou-se da passagem dos seus compatriotas para executar um plano terrível. Tomou uma das cartas, abriu-a, e fingindo lê-la³⁵ dirigiu-se aos chefes das aldeias, e decla-

35 Afirma Berredo ser este índio um amigo dedicado dos franceses; porém melhor informado, o *Jornal de Timon* nos revelou o nome deste selvagem, que se chamava Amaro, e que fora educado nas missões do Sul. Já se vê que não podia ter muita afeição aos franceses. Para urdir este horrível estratagema, basta somente o ódio, que nutriam certos índios contra os dominadores de suas terras, não sendo necessário ser de Rouen ou de la Rochelle.

rou-lhes que o fim destas missivas era abominável traição, urdida pelos portugueses, que tinham resolvido, atreveu-se ele a dizer, reduzi-los à condição de escravos. Terrível carnificina, onde pereceram todos os brancos, foi o resultado desta astúcia do índio, bem fácil de ser acreditada à vista dos acontecimentos precedentes. Espalhou-se pelo litoral a notícia deste fato. Matias de Albuquerque prontamente regressou ao campo onde se deram cenas tão tristes, e vingou seus compatriotas exterminando sem piedade os tupinambás.

As tribos que moravam mais longe insurgiram-se, e formaram entre si indissolúvel aliança, animando-as implacável vingança, apesar de serem a princípio tão pacíficas, e de se acharem tão dispostas a abraçar a nova fé, que lhes tinha pregado Yves d'Évreux. Levantaram-se também, e espontaneamente, aldeias mui longínquas. Jerônimo de Albuquerque expediu contra elas tropas aguerridas, e em breve o incêndio e a morte substituíram as festas, que faziam com toda a segurança e boa-fé. Tinham apenas passado três anos depois da partida dos capuchinhos franceses, e por isso era no princípio do ano de 1617. A cidade de S. Luís do Maranhão, ativamente edificada, começou a tomar o aspecto de uma cidade européia. Este progresso inquietava os selvagens, que à custa de seus sofrimentos tornaram-se previdentes; forçados a deixar o sul do Brasil procuraram grandes florestas, e abrigados em seus seios esperavam recobrar sua independência e para isto só tinham um pensamento – a destruição completa de uma raça invasora, que não pôde ser expelida pelos seus antepassados. Formaram os chefes tupinambás uma liga desde os desertos de Cumã até às margens do Amazonas: pretendiam assaltar de surpresa a nova colônia, e num dia convencionado todos os habitantes seriam exterminados. Nesse tempo não havia quase índio que não arroastasse sem medo as descargas de mosquetaria.

Enquanto se divulgava este plano, e se trabalhava na sua execução, estava em Tapuitapera Matias de Albuquerque, com pequeno número de soldados, descuidado de si e dos seus: entre os índios apareceu um traidor, que descobriu o projeto dos chefes dos selvagens ao comandante português, que não se assustando com o número dos seus terríveis inimigos, tra-

vou-se com eles no primeiro combate, e levou-os de vencida até a distância de 50 léguas, ajudado em tão atrevida ação pelo bravo oficial Manuel Pirez.

Ainda vivia, porém bem próximo do termo de sua existência, o antagonista de Razilly e de la Ravardière: sem sair da nova cidade de S. Luís muito ajudou o filho com seus conselhos e com remessa de forças que tinha em reserva. Não se assustou Matias de Albuquerque com as dificuldades de todo o gênero que seu pequeno exército encontrava nesses imensos desertos; foi batendo os índios pouco a pouco até que em 3 de fevereiro de 1617 derrotou-os completamente, e obrigou-os a procurar refúgio no seio das florestas. Só então, depois de exterminadas as tribos mais temíveis, é que o velho general se recolheu à cidade de S. Luís, e o que ele havia feito nos desertos do Maranhão tinha também posto em prática Francisco Caldeira nas solidões do Pará, onde se edificava a cidade de Belém.

Não eram estes, por certo, os sonhos de Yves d'Évreux e de seus três companheiros para com o Maranhão: em suas almas haviam imaginado a fundação de uma cidade nova, onde os corações inocentes dos índios se lhes reuniriam para em comum louvar o Deus da paz. Ordens de extermínio, em vez de orações, faziam em redor dos colonos um deserto que causava terror. Seríamos injustos se não disséssemos que os religiosos trazidos por Jerônimo de Albuquerque continuaram a missão dos Padres franceses. Como Yves d'Évreux e como P. Claude d'Abbeville, os padres portugueses Fr. Cosme de São Damião e Fr. Manuel da Piedade, eram da Ordem dos capuchinhos desde 1617, isto é, desde o momento em que a guerra se tornou mais cruel, e Bourdemare publicou seu livro; à corte de Madri pediram religiosos ativos, acostumados a todas as fadigas, e por isso capazes de afrontá-las e de os ajudar. No dia 22 de julho chegaram mais quatro religiosos a essas terras, não para o pequeno convento de S. Luís, e sim foram residir nas circunvizinhanças da cidade de Belém, e daí começou as conversões do Pará.³⁶

36 Vide Berredo, *Anais Históricos do Maranhão*, e também o *Jornal de Timon*, M. Lisboa, nºs 11 e 12. Lisboa, 1858. Diz este escritor ter falecido Jerônimo de Albuquerque em 1618 sucedendo-lhe no governo seu filho Antônio de Albuquerque.

Não se sabe com certeza se estes fatos históricos, que de ora em diante terão lugar importante nos Anais do Brasil, chegaram aos ouvidos dos missionários dedicados que tantas fadigas sofreram para a conversão dos índios; a Europa gastou mais de dois séculos olhando para eles com indiferença, e ainda passaram mais de vinte anos depois deles terminados, para então ver-se a continuação corajosa da obra dos seus predecessores³⁷ por alguns capuchinhos do convento de Paris. Nesse tempo estava Yves d'Évreux bem próximo do termo de sua existência, se é que já não se tinha acabado tão dura peregrinação para ele.

Tudo enfim estava acabado para os povos, nossos fiéis aliados por algum tempo, e aos quais procuramos fazer compreender as luzes do Evangelho. Achavam-se já embrenhados nas margens desertas do Xingu, do Tocantins e do Araguaia: aí, bem longe dos colonos europeus se perpetuaram sob os nomes de apiacas, de jês e de mundurucus, outrora tão temidos e hoje tão pouco, e até pelo contrário favorecidos por uma administração humana.³⁸ Estes primitivos senhores do Brasil falam ainda o idioma puro dos tupis, cujos vestígios nos foram conservados por Yves d'Évreux e Thevet, e especialmente por Jean de Lery, antes de ter reunido por meio de laboriosas fadigas os elementos do seu livro. Foi nas margens destes grandes rios, já citados, que há quarenta anos o ilustre Martius observou tantas tribos dizimadas. Não mais se lastimaria, hoje, o sábio viajante por saber que ninguém colheu as últimas lembranças, guardadas como legado por esses índios. Quando o governo brasileiro pensou, há pouco tempo, na criação de uma comissão científica, composta de sábios nacionais, encarregada de visitar os pontos mais longínquos desse imenso Império, que não conta menos de 36° do Oriente ao Ocidente, foram o Ceará, o Maranhão, o Pará e o Rio Negro os primeiros

37 Partiram para Guiana em 1635 os missionários da Ordem dos capuchinhos, cujos trabalhos podem ser vistos nos manuscritos legados pelo grande convento de Paris.

38 Vide a respeito destes povos, a rápida visita que lhes fez M. De Castelnau em 1851: *Expedição Científica nas Partes Centrais da América do Sul*. T. 2º, pág. 316.

lugares designados para a exploração. Compreendeu muito bem, que se havia nestas terras virgens admiráveis produtos da natureza a colher, também existia uma mitologia e uma série de tradições históricas a salvar-se do esquecimento. Enquanto os Freire Alleman, os Capanemas e os Gabaglias reuniam coleções de preciosos materiais sobre história natural, geografia e meteorologia, que formaram o objeto de uma vasta publicação,³⁹ um poeta historiador, estimado pelo seu país, corajosamente embrenhava-se nessas solidões incógnitas para conhecer os segredos da vida dos índios. Antônio Gonçalves Dias, nascido no interior da província do Maranhão, familiarizado desde a infância com as lendas americanas, falando a língua geral, incumbia-se de alguma forma da execução do programa de Martius. Bem cedo as lendas americanas — não ousaríamos dizer os mitos religiosos dos grandes povos do litoral — nos apareceram tal qual têm sido perpetuadas no interior (graças talvez ao exílio), e quando chegar o momento de estudar-se com afínco a etnografia, então se compreenderá todo o valor das narrações sinceras de Lery, de Hans Staden, e de Yves d'Évreux.

Seria injustiça muito censurável o negar-se as antigas tentativas feitas pelos religiosos portugueses para a conversão dos povos selvagens, habitantes das regiões do Amazonas: graças a eles, em 1607, principiou a exploração do Maranhão por essas viagens, corajosamente empreendidas por missionários vindos dos conventos de Pernambuco. Estas tentativas não foram perdidas para a geografia, mas quanto ao proveito do cristianismo, elas terminaram em um martírio inútil. Mais tarde, sem dúvida, a obra dos Figueiras e dos Pintos produziu seus frutos, assim como os grandes trabalhos evangélicos suavizaram a posição dos índios do Maranhão.⁴⁰ Foi ainda um escritor francês, quase

39 Vide *Trabalhos da Comissão Científica de Exploração*. Rio de Janeiro. Tip. de Laemmert. 1862, in-4º.

40 Na *Corografia Histórica* do Dr. Melo Moraes encontram-se notícias minuciosas sobre as missões dos jesuítas e administração dos índios no Maranhão. Desde o princípio do seu t. 3º teve este escritor o cuidado de confessar o imenso auxílio, que lhe prestaram as obras doadas ao Instituto Histórico do Rio de Janeiro pelo conselheiro Antônio de Vasconcelos de Drummond e Meneses. Em suas longas

desconhecido, contemporâneo dos nossos bons missionários, que com muito zelo, e pode até dizer-se com cuidado verdadeiramente piedoso, traçou o “itinerário” seguido por estes homens corajosos, do tempo do P. Yves, e sem dúvida seus conhecidos, mas que não possuíam nem a bondade e nem a sinceridade dele.⁴¹ Conta-nos Pierre du Jarric como as imensas regiões do Brasil, cobiçadas pela França, foram percorridas por dois religiosos de sua Ordem, quase no mesmo tempo em que la Ravardière pela primeira vez explorava o litoral. Nessa ocasião Francisco Pinto e Luís Figueira tinham grande vantagem moral sobre os franceses, porque sabiam muito bem a língua dos povos que buscavam converter. Muito mais moço do que o seu companheiro, mártir no apostolado, o Padre Luís Figueira iniciou-se, então mais do que nunca, nos segredos de uma língua já visivelmente alterada no litoral, porém pura no seio das florestas. Cinco anos após a impressão do volume do P. Yves, ele publicou a sua Arte de Gramática, e pela primeira vez depois de alguns ensaios incompletos do século XVI conheceram-se os princípios de um idioma, que ainda falava um povo corajoso, porém prestes a morrer.⁴² Voltemos ao nosso piedoso viajante.

viagens, o diplomata, a quem se deve tão preciosas informações sobre a África, não se limitou a estas investigações, pois ainda colheu muitos manuscritos a respeito do Brasil, que hoje servem de base ao historiador. Cego há muito anos, faz ainda muita honra à sua pátria.

- 41 Três anos antes da partida dos capuchinhos para o Maranhão, o P. du Jarric dedicava ao Rei menino o seguinte livro: *Segunda parte da história das coisas mais memoráveis, acontecidas tanto nas Índias Orientais como nos outros países descobertos pelos portugueses, no estabelecimento e progresso da fé cristã e católica, e principalmente do que fizeram e sofreram os religiosos da Companhia de Jesus para este fim até o ano de 1600*, pelo P. Pierre du Jarric, da mesma companhia, em Bordeaux, Simon Mellange, 1610, em 4º. Tudo quanto diz respeito ao Brasil acha-se neste vasto resumo da pág. 248 até a 359, porém deve procurar-se os fatos curiosos, citados nesta notícia, no livro 5º do que o autor chamou *História das Índias Orientais*, parte 3ª, pág. 490.
- 42 Desta primeira edição, publicada em 1621, tornou-se, para assim dizer, impossível ser encontrado um só exemplar. A segunda edição saiu com o título *Arte de gramática da língua brasílica do padre Luís Figueira, Teólogo da Companhia da Jesus*. Lisboa, Miguel Deslande, ano 1687, pet. em 12. O sábio bibliógrafo português, o Sr. Inocêncio da Silva, não reproduz exatamente este título, porém menciona uma edição da Bahia em 1851, pelo Sr. João Joaquim da Silva Guimarães, cujo título é muito extenso. A gramática do Padre Anchieta – *Arte da gramática da língua mais usada na costa*

Se vivesse ainda, como é bem provável, além da época em que se deram estes acontecimentos, em 1619 por exemplo, Yves d'Évreux certamente não fazia mais parte do grande mosteiro donde antes saíra com destino ao Novo Mundo. Pode supor-se, que o seu homônimo de Paris principiava a eclipsá-lo, e por isso vivia ele longe da grande comunidade: se residisse no convento da Rua St. Honoré, não é provável que fosse de todo esquecido nas pequenas biografias, escritas tão liberalmente a respeito de religiosos, que nada escreveram, como seja, entre outros, Yves de Corbeil, simples irmão leigo, falecido em 1623, apenas conhecido na Ordem pelo seu amor à humanidade.

Temos além disto a certeza de ter-se recolhido o Padre Yves d'Évreux ao modesto convento de sua província natal: em 1620 estava ele em St. Eloy,⁴³ e supomos ter escolhido esta residência por ser próxima ao convento de Andelys.

Nestes férteis campos, onde o gênio de Poussin despertou, ainda o nosso bom missionário teve descanso bastante para admirar os risos da natureza e a frescura das paisagens. É possível que em outra ocasião tivesse ele oportunidade para conservar-nos suas minuciosas observações, que hoje talvez o fizessem distinto naturalista, mas depois da emoção impressa em seu pensamento pela majestosa solidão das florestas seculares do Brasil, somente se deixou cativar pelas calorosas discussões da teologia. Um livro ainda difícil de ser obtido (a cada momento topamos com raridades tão difíceis de serem alcançadas como a Viagem) nos prova que no seu retiro não pôde resistir ao espírito do século. Não tendo mais índios a converter pôs-se a discutir com protestantes, e, coisa estranha, foi um dos seus compatriotas, personagem muito estimado dos seus correligionários, a quem ele atacou ou talvez a quem

do Brasil – apareceu em Coimbra, no ano de 1595, em 8º, e dela em Portugal se conhece apenas um exemplar.

43 St. Eloy, perto de Gisors, no distrito de Eure, é uma povoação de 384 habitantes, a 25 km de Andelys. Há também St. Eloy de Fourques, aldeia do Eure, a 25 km de Bernay. Estamos propensos a crer que foi na primeira onde residiu o nosso missionário.

respondeu somente. Ignoramos o título do primeiro opúsculo, que ele arremessou ao seu adversário, porém um sábio bibliógrafo da Normandia, o Sr. Frère, nos deu o segundo, para nós uma espécie de revelação.

É este o título do folheto Supplément nécessaire à l'escrpt que le capucin Yves, a fait imprimer touchant les conférences entre lui et Jean Maximilien De Langle. Rouen, David Jeuffroy. 1618, 8º⁴⁴

Este escrito, atribuído pelo douto bibliógrafo ao nosso missionário, bem poderia não ser devido à sua própria pena, porém prova o aparecimento de outra obra mais desenvolvida, e a existência de sérias discussões orais entre ele e os dissidentes. Mais agradáveis sem dúvida lbe foram sinceras as discussões que havia pouco tempo houvera com Japiacu na ilha do Maranhão, onde as contínuas prédicas feitas no Forte de S. Luís, em presença de grande assembléia de índios, somente eram interrompidas pela severa polidez que lbes prescrevia escutar o orador enquanto quisesse ele falar, circunstância, diga-se de passagem, que bem poderia em algumas ocasiões enganar um zeloso missionário sobre o êxito de seus esforços. Yves d'Évreux então achava-se a braços com um dos homens mais firmes e mais estimados entre os protestantes, e o escrito do religioso foi denunciado ao Parlamento.

Jean Maximilien de Baux, senhor De Langle, era um ministro jovem, ardente, natural de Évreux como o P. Yves, morador em Quevilly, pequena cidade de 1.500 a 1.600 habitantes, a pequena distância de Rouen.⁴⁵ Ignoramos qual o objeto da discussão, e apesar de todas as nossas diligências não vimos uma só peça do processo, porém é certo que o último escrito, revelado por M. Frère, excitou de maneira notável a atenção da autoridade, porque em 8 de abril de 1620 o Par-

44 Vide *Bibliografia Normanda*. Dirigimo-nos diretamente à douta oficiosidade de M. Frère a fim de obtermos o conhecimento do suplemento necessário, porém apesar de constantes investigações viu-se na impossibilidade de nos dar outras notícias além das que colhemos em sua excelente obra.

45 Quevilly, *Clavilleum*, povoação do Sena inferior, distante de Rouen apenas 6 km, faz parte do distrito de Grande Couronne.

lamento proferiu uma sentença a esse respeito condenando David Jeufroy a pagar uma multa de 50 libras por haver publicado sem licença prévia o livro denunciado.⁴⁶ Como se vê, não alcançou esta decisão o nosso missionário, e sim limitou-se ao impressor, por ele escolhido, embora contenha uma censura indireta ao livro supondo-se que o nosso bom missionário, pelo ardor da questão, se deixasse arrebatar a ponto de fazer alusões pessoais dignas de censura. A este respeito havia pouco escrípulo em 1618, e não parece em definitivo que seria interrompida a carreira do jovem ministro, atacado pelo P. Yves; bem longe disto, porque em 1623 foi pelos seus correligionários nomeado deputado ao sínodo nacional de Charenton, e quatro anos depois também fez parte do da Normandia, na vila de Alençon.

De 1620 em diante perdemos todos os vestígios do P. Yves d'Évreux; contudo muitos escritores eclesiásticos depois disto registraram seu nome em seus vastos obituários, multiplicando erros, e assim provando que nunca tinham visto seu livro. Boverio de Salluzo,⁴⁷ Marcelino de Pisa,⁴⁸ Wadding,⁴⁹ ordinariamente tão exato, o Padre Denys de Gênes,⁵⁰ ou só dão particularidades gerais, mui aproximadas relativamente a sua obra, sem mencionar a data dela ou grosseiramente alteram o milésimo do ano da impressão. Este último, por exemplo, diz que foi em 1654, erro bem claro, proveniente de um primeiro

46 Mais tarde foi chamado Maximilien de Baux para encarregar-se da igreja do culto reformado em Rouen, viveu até a idade de 84 anos, e faleceu em 1674, deixando reputação de homem reto e de costumes austeros. Vide os irmãos Haag, a *França Protestante*.

47 *Capucinatorum Annales*. Lugduni, 1632, em fol. e depois a tradução italiana – *Annali di Fratri minori Cappucini*, etc. Venetia, 1643, em 4º.

48 *Annales seu sacrarum historiarum ordinis minorum sancti Francisci qui Capucini nuncupantur etc.* Lugduni. 1676, in-fol.

49 *Annales ordinis minorum*. 2ª ed., Roma, 1731. Depois os *Scriptores ordinis minorum*. 1650, in-fol. do mesmo.

50 *Bibliotheca scriptorum ordinis minorum*, Gênova, 1680, em 4º, reimp. em 1691 in-fol. Este último depois de algumas linhas, em que falou do merecimento do P. Ivo Ebroyensis, vulgo de Évreux, dá também notícia do seu livro: *Scriptis gallicè Relationem sui itineris et navigationis sociorum que Capucinatorum ad regnum Marangani: cui etiam adjunxit historiam de moribus illarum nationum*. Rothomagi, 1654. Vide t. 1º em 4º.

erro tipográfico, repetido por Masseville,⁵¹ e até pelo Moreri Normand.⁵² O P. Franc. Martin, da Ordem dos franciscanos, cujo manuscrito se guarda em Caen, por seu motu proprio a coloca no ano de 1659, dando sempre como lugar da impressão a cidade de Rouen. O *Epitome de la bibliotheca oriental y occidental de Leon Pinelo*, livro reeditado por Barcia no século XVIII, é o único que naquele tempo mencionou com exatidão a Viagem, que reimprimimos, embora o seu título fosse tão alterado pelo bibliógrafo espanhol a ponto de por ele ser difícil reconhecer-se o hábil continuador do P. Claude d'Abbeville, devido isto à influência de Denys de Gênes.⁵³

Quase que temos certeza, à vista dos manuscritos doados pelo grande convento da Rua St. Honoré, de ter vivido Yves d'Évreux além de 1629, já esquecido porque naquele tempo havia firme propósito de levar o rei da Espanha a esquecer as tentativas feitas, não havia muito, a respeito do Maranhão. Tanto é que os antigos chefes da expedição não puderam renovar tão vasta empresa, onde se achavam seus maiores interesses. Apesar da estima, que parecia gozar na corte o Almirante Razilly, foi mal sucedido em todos os seus projetos com este fim, e depois que o bravo la Ravardière, preso no castelo de Belém, recobrou a liberdade, nunca mais regressou à América do Sul. Aparecem

51 *História da Normandia*. T. VI, pág. 414. Masseville prova com toda a evidência ter-se contentado com traduzir o P. Denys de Gênes, pois disse ter o nosso missionário, “dado uma Relação geográfica das regiões, por onde se embrenhou, e particularmente do país do Marangan”. *Regni Marangani*, escreveu seu predecessor.

52 Vede este precioso manuscrito na Biblioteca de Caen. Uma biblioteca americana organizada pelo coronel Antônio de Alcedo, Madri, 1791, 2 vols. em 8º, não menciona o Padre Yves, causando-nos tal omissão não pouco desgosto, à vista de se dizer aí haver o P. Claude d'Abbeville, seu companheiro, convertido com infatigável zelo os selvagens do Canadá!

53 A primeira edição do *Epitome*, hoje raríssima por ter sido suprimida por ordem da Inquisição, só traz no seu título aberto a gravura o ano da impressão em 1629 e o nome de *Antonio de Léon*, e não o de Pinelo. Não fala de Yves d'Évreux, isto é, deste livro, que pertence à Biblioteca de Santa Genoveva. Na edição em 3 vols. pequenos em fol., por Barcia, assim menciona invertendo o seu título: *Fr. Ivon de Evreux, capuchino. Relación de su viaje al Reino de Marangano, com sus compañeros: historia de los costumbres de aquellas naciones*. Imp. em 1654 em 4º francês.

ainda estes dois nomes uma vez mais na história da nossa marinha⁵⁴ e de maneira gloriosa, porém na África, naquelas costas pouco hospitaleiras, onde para segurança do comércio deviam ser castigados de vez em quando piratas destemidos.

La Ravardière, como acabamos de ver, empregou gloriosamente os últimos anos de sua vida tão ativa em favor do cristianismo, assim como já o tinha feito em prol de sua pátria, faltando-lhe apenas tempo para redigir a narração de suas viagens pela América do Sul. Sabemos com certeza ter ordenado que se escrevesse em 1614 um relatório minucioso de sua expedição pelo Amazonas. Não chegou até nós esta espécie de diário, que além de esclarecer muitas coisas, seria também de muito interesse para ser comparado com os documentos fornecidos nessa época por um francês cujas viagens mereceram as honras da reimpressão. Na verdade, dez anos antes, no meado de 1604, Jean Mocquet, o guarda das Curiosidades de Henrique IV e de Luís XIII, percorreu as margens do Amazonas, e esforçou-se para fazer conhecer aos seus compatriotas este grande rio. Infelizmente este pobre cirurgião de aldeia tinha mais zelo do que luzes, e por isso não podiam ser suas observações confrontadas com as de um homem tão conhecido pela sua instrução como pela sua lealdade. A viagem de la Ravardière pelo Amazonas e Maranhão deve estar minuciosamente descrita na grande crônica dos padres da Companhia, existente em Évora. Consultando os sábios trabalhos bibliográficos do Sr. Rivara, neles adquirimos esta certeza, pois o Cap. 111 deste vasto Catálogo trata especialmente do domínio dos franceses naquelas regiões. Não podemos pessoalmente examiná-lo. Graças ao espírito investigador de tantos sábios historiadores, ainda não perdemos de todo a esperança de encontrar o escrito em questão.

54 Issac de Razilly, cavaleiro da Ordem de Saint Jean de Jerusalém, primeiro capitão do Almirantado da França, chefe de esquadra dos navios do Rei na província da Bretanha, foi nomeado almirante da frota real, expedida para as cotas da Barbária em 1630, juntou-se a la Ravardière; em 3 de setembro desse ano nós o encontramos diante de Safy, onde se negociam prisioneiros.

Diariamente emprega o Brasil os mais louváveis esforços para reunir em corpo de doutrina documentos inéditos, fontes da sua história, e se em alguma livraria por aí afora fosse descoberta a Viagem de Ravardière, serviria, com os escritos de Claude d'Abbeville e de Yves d'Évreux, de guia seguro para se consultar relativamente a estas províncias do Norte, das quais só se conhecem as esplêndidas solidões, e cujo passado nos foi, para assim dizer, revelado pelo nosso missionário.

CONTINUAÇÃO DA
HISTÓRIA DAS COISAS MAIS
MEMORÁVEIS ACONTECIDAS NO
MARANHÃO NOS ANOS
DE 1613 E 1614 [NOTA 1]

pelo
P. Yves d'Évreux
publicado com uma introdução e notas
por
M. Ferdinand Denis,
conservador da Biblioteca Santa Genoveva

.....

Ao Rei

SENHOR,*

O QUE eu pude, por meios sutis, saber a respeito do livro do R. P. Yves d'Évreux, suprimido por fraude e impiedade mediante certa quantia em deniers [dinheiros] posta nas mãos do impressor François Huby [nota 2], trago agora à presença de V. M., dois anos e meio depois do seu aparecimento, tão injustamente suprimido apenas veio à luz, a fim de que V. M. e a Rainha sua Mãe, então regente, não vissem a verdade tão clara, como nele estava, e fosse mais facilmente iludida sua boa-fé, por meio de falsas informações, para que, contra suas santas e boas intenções, deixasse morrer o empreendimento mais cheio de piedade e honra que então se podia executar no Novo Mundo, como se conhecerá tanto pela História do R. P. Claude d'Abbeville, como por esta, embora incompleta por faltar a maior parte do Prefácio e alguns capítulos no fim, aos quais não tive acesso. Isso foi praticado de propósito, com intenção de fazer perder V. M. o título de Rei Cristianíssimo, forçando-o a esquecer os sacrifícios e os sagrados compromissos contraídos para com os novos cristãos, a reputação de suas armas e bandeiras, a utilidade que poderia advir disso a V. M. e a vossos súditos, proveniente de uma região tão rica e fértil, ao abrigo de um porto

* Luís XIII, intitulado Rei Cristianíssimo. (Nota desta edição.)

de primeira importância favorável à navegação de longo curso, hoje arruinado, e que eu conservei com tantos cuidados e despesas. Para chegar-se a este ponto, necessário foi recorrer a duas imposturas muito bem conhecidas por pessoas de bom senso: uma foi dizer-se que aquelas terras nada produzem, e nem tinham riqueza alguma, contra a verdade que eu sempre defendi, o que hoje é reconhecido; a outra foi de serem os índios incapazes de receberem a luz do cristianismo em oposição à palavra de Deus e à doutrina universal da Igreja. Eis como, Senhor, malogrou esta excelente empresa tão bem começada, tendo porém tão triste resultado devido à fraude e à malícia daqueles que, para acobertar seus erros e faltas, pela negligência dos maus franceses, que não tinham outro objetivo que não fosse apenas do seu proveito e interesse particular, esquecendo-se dos de V. M., impedindo uma perda tão notável, que serve de chacota hoje a todas as nações estrangeiras, de desprezo de vossa autoridade real em toda a Europa, e de dor a todos os vossos bons súditos. Quando V. M. quis sair dessas ilusões, pelos salutares conselhos de pessoas honradas e reconhecidas pelo seu zelo ao aumento da glória de Deus, e do vosso reinado, eu vos ofereço ainda a minha vida e a de meus irmãos, fazendo conhecer, com a nossa pouca prática e experiência, por todos os cantos do Novo Mundo, que em toda a cristandade não há um Monarca tão grande e poderoso, como um Rei de França, quando ele quiser empregar não seu poder, e sim apenas sua autoridade. Eis, Senhor, tudo o que pode um dos vossos mais humildes súditos, o qual, apesar de, durante sua menoridade, ter sofrido maus-tratos, perda de bens e de fortuna, não perderia a coragem de vos servir com dedicação. Estou certo de acolherdes meus serviços, e é esse o voto solene que assumo até o fim de minha vida,

vosso humilíssimo e obedientíssimo servo e súdito,

FRANÇOIS DE RASILLI.*

* Ferdinand Denis grafou Rasilly. (Nota desta edição.)

.....

Ao Rei

SENHOR,

A PRINCIPAL razão que moveu os antigos a colocar entre os deuses a maior parte dos seus Imperadores foi o respeito à religião que eles haviam manifestado durante a vida. Coisa notável na História: ainda que alguns imperadores, levantados da ínfima classe até ao cume do poder, se tenham mostrado cruéis e sanguinários para com seus súditos, contudo não deixaram de alcançar, após a morte, o nome de deuses, erguer templos e altares, sacrifícios e sacerdotes, estabelecidos e nomeados pelo Senado em virtude da piedade e da religião, que haviam conservado invioladas entre muitas outras imperfeições. Estes monarcas, grandes em domínio e pequenos no conhecimento do verdadeiro Deus, tinham, impelidos por uma inclinação impressa naturalmente no coração, o amor pela Majestade divina, de que são viva imagem todos os monarcas, e por isso lhes pertence estender o reino de Deus como os loco-tenentes de Sua Majestade soberana. Com esta intenção espalhavam arcos e troféus, colunas e estátuas para o ensino da religião, e à posteridade legavam chapas e lâminas de metais incorruptíveis, como o bronze, o ouro e a prata, nas quais estavam gravadas as suas imagens, e com elas vestígios da sua piedade, para que o tempo não lhes ofuscasse a memória.

Antonino, o Pio, assim, deixou buriladas em bronze e prata sua caridade e espírito religioso representados na imagem de uma mulher, vestida como deusa, tendo à frente um altar em que havia um fogo perene e trazendo nas mãos um vaso de bons perfumes que ela lançava a todo instante às chamas como em sacrifício, significando assim a piedade e devoção que consagrava aos deuses.

Se a inclinação natural, privada da graça e da luz sobrenatural, teve tanto poder no coração daqueles monarcas, o que podemos nós dizer, ou melhor, pensar quando Deus inspira o coração dos reis ilustrados e enriquecidos da verdadeira religião?

Luís IV, imperador, príncipe virtuoso e estimado de todos, preferia a religião a todas as outras ocupações, e para animar os súditos a imitá-lo, mandou cunhar o dinheiro com a figura de um templo atravessado por uma cruz, lendo-se em torno a inscrição — Christiana Religio.

Aquele que mais se destacou, Senhor, entre todos os monarcas do mundo, em piedade e espírito religioso, foi São Luís, a honra dos franceses, e de quem herdastes o sangue, o cetro, o nome e a imitação de suas virtudes, porque não só empregou seus tesouros e sua nobreza, mas também sua pessoa, atravessando mares (mares que, como a morte, não fazem distinção quando querem envolver alguém nas suas ondas), a fim de restaurar a piedade e a religião, abatidas pela crueldade dos infieis, e nesta tarefa ele morreu.

Jamais houve século de o Rei tão parecido com o do bom São Luís como o vosso, Senhor; e, deixando à parte o que não vem a meu propósito, tomarei somente este belo feito, com que imitastes a piedade e espírito religioso dele para com aqueles pobres selvagens, desejosos em extremo de conhecerem a Deus, e de viverem à sombra de vosso lírio, não somente os habitantes do Maranhão, de Tapuitapera, de Cumã, de Caité, do*

* A flor-de-lis, brasão do Reino da França. (Nota desta edição.)

Pará, além dos tabajaras e os cabelos-compridos, assim como muitas outras nações, que muito ambicionavam aproximarem-se dos padres, como direi amplamente a seguir.

Somente vós, Senhor, podeis fazer todo esse bem, porque os índios gostam naturalmente dos franceses e odeiam os portugueses: tudo o que podem os nossos religiosos é arriscar suas vidas na conversão dessa pobre gente, feito de pouca monta se vossa real piedade não lhe emprestasse a mão.

Não é empresa tão difícil como poderíamos imaginar, e nem tão carregada de cuidados e dispêndio, como se supõe: não serão necessários os cinqüenta ou cem mil escudos, pois basta medíocre liberalidade, porém fielmente bem administrada, que será suficiente para a manutenção do seminário, onde serão admitidos os filhos dos selvagens, única esperança do estabelecimento da religião naquela terra.

Se Vossa Majestade, Senhor, se resolver a fazer isto, asseguro-vos que o vosso exemplo será imitado por muitos príncipes e princesas, senhores e damas, que contribuirão com alguma coisa para o aumento da fé, naquelas terras.

Para que eu não canse a Vossa Majestade com desagradável prolixidade, encerrarei com esta história evangélica da pobre cananéia, reputada como cadela, a qual pedia, para livrar a filha, possuída do Demônio, apenas as migalhas que caíam da mesa real do Redentor. Descende do mesmo Pai da cananéia aquela nação de selvagens, e seus filhos estão no domínio dos demônios como sem fé, ela não pede nem vossos tesouros, e nem grande soma de dinheiros, sim apenas as migalhas supérfluas, que caem, aqui e ali, da vossa real grandeza.

Por tudo isto, Senhor, eu humildemente vos suplico que olheis com bons olhos para aquela pobre nação, e que recebeis de bom coração este pequeno Tratado das coisas mais memoráveis acontecidas durante a minha estada entre eles por dois anos, conforme as ordens da Rainha vossa Mãe, dadas aos nossos reverendos padres, que procurei cumprir tanto quanto me foi possível, como vereis quando lerdes este tratado, que, se

8 Ives d'Évreux

merecer a vossa aprovação, me darei por muito bem recompensado enquanto viver, e toda a existência, que por Deus me for concedida, eu a empregarei em servir fielmente, dentro das minhas possibilidades, a V. M., como aquele que é e sempre será de Vossa Majestade

súdito muito humilde e fiel,

FR. YVES D'ÉVREUX,
capuchinho

.....

*Advertência
ao Leitor*

AMIGO LEITOR,

advirto-vos, que não repetirei aqui coisas que o Reverendo Padre Claude escreveu na sua HISTÓRIA. Somente acrescentarei o que a experiência me deu mais do que a ele, pois eu estive no Maranhão dois anos completos e ele apenas quatro meses. Comprovareis esta verdade quando cotejardes nossos dois escritos, além do acréscimo que eu faria, supondo-se que ele tenha tratado do mesmo assunto.*

* Refere-se à *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*, do Padre Claude d'Abbeville. (Nota desta edição.)

.....

Prefácio
a respeito dos dois
*seguintes tratados **

A SAPIÊNCIA, nos *Provérbios 29*, apresenta um belo enigma, nestas palavras: *pauper et dives obviaverunt sibi, utriusque illuminator est Dominus: vi o pobre saindo do hospital* **Prov. 29** *coberto de chagas e úlceras, carregado, e não vestido, de trapos, caminhar pela praça pública e entrar no Templo do Senhor pela porta do Meio-Dia; na mesma ocasião vi o rico sair do seu palácio, vestido de seda e adornado de ouro, prata, e pedras preciosas, caminhando pela estrada que vai dar à porta do Tabernáculo pelo lado do Setentrião, tão a propósito, que um e outro, o pobre e o rico, se encontraram frente a frente, bem no centro da grande cortina do Sancta Sanctorum, onde a face do Senhor espalhava tão bela claridade, que o rosto destas duas pessoas brilhavam com o mesmo esplendor divino. Eis o que quer dizer a Sapiência na obscuridade destas palavras.*

Paráfrase sobre esta passagem

Deixemos as diversas explicações místicas e espirituais, que delas se podem deduzir, e tomemos somente a que nos pode servir em relação ao que escrevemos no frontispício do nosso **Aplicação** *livro. Este pobre é o Padre São Francisco e os religiosos de sua Ordem; este rico é o poder real de Vossa Majestade Cristianíssima, proveniente*

* Yves d'Évreux dividiu este seu livro em duas partes, que chamou de "tratados": o primeiro trata do lado "material" da empresa/conquista; o segundo, da parte "espiritual", a conversão e a catequese de gentio, que começa na página 221. (Nota desta edição.)

do ramo sagrado do Rei São Luís. Quando e onde se encontraram este pobre e este rico? Foi sem a menor dúvida na missão evangélica para converter os índios. O terceiro se encontra entre os dois, era Deus, o grande iluminador dos pecadores que jazem nas trevas da morte.

O pobre São Francisco fez nas Índias o que disse São Paulo na conversão dos gentios: – Ego plantavi, plantei a fê entre os selvagens do Maranhão. São Luís, protetor da França, e avoengo do nosso Rei, quando abraçamos esta empresa, respondeu, Rigabo, eu a regarei, e não consentirei que ela murche à falta de cuidados. De nada serviria a planta, se em sua raiz não se deitasse água para ela florescer, porque em pouco tempo o rigor do sol a secaria, e o nosso Deus, que sempre acompanha a inclinação dos seus súditos, afirma que infalivelmente a aumentará – incrementum dabo. E isso por uma luz dos mistérios de nossa fê, sempre crescente de dia para dia, derramada sobre esses índios mergulhados nas trevas da ignorância. Utriusque illuminator est Dominus. O Senhor é a chama que ilumina os dois.

*Quem melhor pode saber disso senão os selvagens que testemunham pelos batismos que receberam de nossas mãos e pela promessa que fizemos de torná-los cristãos? É porque eles respondem: – Credimus. Oh! Piedade Real, não perdestes vosso tempo enviando-nos os Mensageiros do Evan-
gelho.*

[Ocorre aqui a primeira lacuna no exemplar da Biblioteca Nacional, em Paris, assim como, também, no exemplar da Biblioteca Pública de Nova Iorque.

*Como a última oração do final deste “Prefácio” está suspensa em “l’Evan-”, parte da palavra “Evangile”, no original, fazendo sentido em seu enunciado, escapou a Ferdinand Denis o fato de que o texto devia continuar, inda mais que as duas últimas sílabas do “Evangelho” estão indicando, no fim da página, que vem texto na seqüência, em novo caderno. Isso nos leva a afirmar que está faltando, aqui, pelo menos um caderno de 16 páginas. Essa falta, aliás, foi citada na dedicatória “Epitre”, “Ao Rei” (pág. 1 da edição de Denis, pág. 3 desta edição), por François de Rasilli, que afirma claramente que o exemplar com que presenteava Sua Majestade estava “incompleto por faltar a maior parte do Prefácio (grifo nosso) e alguns capítulos no fim, aos quais não tive acesso”.

Ficamos assim sem saber quantos fólhos estão faltando a este prefácio, visto não haver numeração nos fólhos nestas páginas iniciais do livro, assim como quantos fólhos mais o livro perdeu no final. (Nota desta edição.)]

.....

Continuação da
História das coisas mais memoráveis,
acontecidas no Maranhão em 1613 e 1614

PRIMEIRO TRATADO

DA CONSTRUÇÃO DAS CAPELAS DE S. FRANCISCO
DE S. LUÍS DO MARANHÃO [nota 3]

Cap. I

O SALMISTA Rei Davi, no seu Salmo 28, composto em ação de graças pelo fim da construção do Tabernáculo, **Salmo 28** disse – *Afferte Domino filij Dei, afferte Domino filij arietum.*

“Trazei ao Senhor, ó filhos de Deus, trazei cordeiros ao Senhor”, o que Rabi Jônatas assim explicou – *Tribuite coram Domino laudem coetus Angelorum, tribuite coram Domino gloriam et fortitudinem.*

“Dai louvores ao Senhor, ó coros angélicos, dai ao Senhor glória e força.” Queria ele dizer que os Anjos bem-aventurados auxiliam os homens em todos os seus santos projetos, e especialmente quando se trata de buscar a salvação das almas, porque caminham adiante estes felizes espíritos e rompem a turba dos demônios, inimigos da salvação, a fim de concederem seu auxílio aos homens apostólicos, in-

Assistência dos anjos na conversão dos pecadores

Diabos comparados aos bodes cumbidos de salvarem as almas errantes nos desertos da ausência de fé, aí comparados aos filhos dos carneiros que saltam aqui e ali pelos rochedos da dureza do coração, porém, afagados pelas doçuras do Evangelho, deixam-se guiar brandamente até à porta do Tabernáculo de Deus, lavados no grande mar do batismo, e oferecidos à face do *Sancta Sanctorum*.

Os primeiros sacrifícios, que Deus recebeu do povo de Israel, quando na busca da Terra da Promissão, donde **Primeiros sacrifícios do povo de Israel** baniu a falta de fé, ocorreram sob as tendas e pavilhões do Tabernáculo, porém depois edificou-se o templo, onde foram ofertados os mesmos sacrifícios.

Coisa semelhante nos aconteceu quando fomos àquelas terras cheias de incredulidade e ignorância de Deus, carregadas de demônios, insolentes tiranos daquelas pobres almas cativas, levar a luz do Evangelho, banir as falsas crenças, expelir os demônios, plantar e construir a Igreja de Deus. Durante mais de quatro meses celebramos os santos sacrifícios numa bonita tenda, no meio de árvores verdejantes. Partindo depois alguns da nossa comitiva para a França em busca de auxílio, e ficando o resto para fundar a Colônia, fizemos edificar a capela de São Francisco do Maranhão em um belo e agradável lugar, junto do mar, enriquecidos de uma bela e inesgotável fonte, e aí escolhi minha morada, que um dia tinha de servir de convento aos religiosos, que eu esperava para me ajudarem.

Acabou-se esta capela na véspera de Natal e muito a propósito pois essa data atendia à devoção que sempre teve o seráfico Padre São Francisco, a quem era consagrada. Além de todas as festas do ano celebrava a noite, estrelada e sem trevas, do nascimento do verdadeiro Sol Jesus Cristo, e tinha este santo padre o costume de fazer um presépio, a cujo lado passava toda a noite contemplando o profundo mistério da Encarnação, e da vinda tão nova do Altíssimo à Terra.

Na verdade enchia-me de imenso prazer ver nesta capelinha, feita de madeira, coberta de folhas de palmeiras, mais **Comparação desta capela com o presépio** semelhante ao presépio de Belém do que esses grandes e preciosos templos da Europa, os nossos com-

patriotas franceses cantarem em grande devoção os salmos e matinas desta noite, e depois de purificados pelo Sacramento da penitência receberem o mesmo Filho de Deus no presépio dos seus corações, envolvidos nas faixas do Santíssimo Sacramento do altar.

Festejamos o dia com a mesma devoção que a noite, e adicionamos o sermão, coisa que temos sempre conservado desde então, nas festas e domingos, o que recebemos com prazer, mesmo que isso durasse muito tempo. Enquanto durou esta devoção corria o dia tão depressa, que parecia ter somente duas horas. E assim, achando-se o nosso espírito nutrido de piedade e não conseguindo ter outras ocupações, não nos admirava ver a noite chegar tão cedo.

Não fui só eu que senti isto, mas muitos outros depois me disseram o mesmo, e enquanto me permitiu a saúde guardar este hábito, não houve para eles transtorno de qualquer espécie.

Cresceu ainda mais esta devoção quando se edificou no Forte a capela de São Luís [nota 4], à imitação das igrejas dos nossos conventos, com madeira, cercada e coberta de galhos fortes, cortados das árvores chamadas *Acaikantin*. Aí celebrei missas, cantei vésperas, preguei e batizei os catecúmenos. À noite tocava o sino, e todos se reuniam, antes de irem dormir, na capela, onde se cantava a saudação angélica*, implorava-se a graça divina**, e depois cada um se retirava e ia para onde queria.

Devoção dos franceses

Capela de São Luís

* Traduzido de *Salut*, que, ao transcrever a *Ave Maria*, d'Évreux chamou-a no Tratado Espiritual *Salution Angelique*, certamente a oração da hora do Angelus. (Nota desta edição.)

** Traduzido de *Pardon*, que não encontramos em outro lugar do texto. (Nota desta edição.)

.....

DO ESTADO DO PODER TEMPORAL
NOS SEUS PRIMÓRDIOS

Cap. II

COMPÕE-SE o homem de espírito e corpo. Devendo ele zelar em primeiro lugar por aquele como mais nobre e depois por este, pareceu-nos de muita razão cuidar a princípio das capelas para nelas abastecer o espírito com a palavra de Deus, e dos SS. Sacramentos, e depois no que diz respeito ao temporal. Ora, assim como uma terra ainda inculta não dá grande contentamento a seu dono, e se ele não tivesse pão que lhe viesse dalgures por certo que morreria de fome, assim também era sem comodidades o lugar escolhido para a edificação da fortaleza de São Luís, numa ponta de rocha que avança no mar, habitada outrora por selvagens que a cultivaram a seu modo, ou para melhor dizer a esterilizaram, visto que depois de três anos faltaram-lhe forças para produzir alguma coisa além de mato, sendo necessário descansar por muitos anos. Foi a causa dos nossos sofrimentos no princípio, pois apenas tínhamos farinha de mandioca para fazer *mingau*, isto é, uma espécie de papa com

Esterilidade do lugar onde foi construída a fortaleza

sal, água e pimenta, chamada pelos índios *Ionker*, e assim sustentamos a vida. Quem não podia comer esta farinha seca, desmanchava-a na água, e assim alimentava-se com ela. Aqueles que em França quase não comiam carnes delicadas, quando encontravam legumes, naquelas terras, achavam-nos muito saborosos.

Conto isso para louvar a paciência dos franceses em serviço do seu Rei, para apagar a mancha, que ordinariamente **Paciência dos franceses** lhes lançam, de impacientes, imprudentes e desobedientes, porque na verdade eu o que mais vi nesses pobres franceses foi a paciência e obediência. Aqueles que desejarem muito ir para aquela terra, não se admirem de ouvir falar em tanta pobreza, porque não sofrerão nunca o que nós sofremos, visto a terra ir melhorando diariamente, e os víveres aumentarem.

Para remediar esta falta, resolveu-se mandar pescar peixe-boi [nota 5], a 30 ou 40 léguas distante da Ilha. Estes peixes têm a testa como os bois, porém sem chifres, duas patas adiante, debaixo das mamas, parem filhos como as vacas, nutrem-nos com seu leite, mas a cria, para nos servir de lição, tem a propriedade notável de abraçar a mãe pelas costas com suas patinhas, e não as deixam, mesmo que estejam mortas, razão pela qual alguns são capturados vivos, e assim trazidos para a Ilha; são muito delicados. Sirva isto de lição aos meninos, que devem cumprir a Lei de Deus, que manda honrar Pai e Mãe, isto é, provê-los nas necessidades, amá-los e respeitá-los, e de advertência aos católicos para se manterem firmes e unidos no seio da Igreja, sua Mãe, de onde perseguição alguma os possa arrancar, amando todos os bons franceses seu Rei e sua Pátria. Os peixes-bois são apanhados nos seus pastos, que são ervas que crescem na orla do mar. Os selvagens vão remando mansamente suas canoas por detrás deles, atiram-lhes duas ou três flechas, e, mortos, são puxados para terra, retalhados e salgados. Coisa igual acontece aos *gourmants* e glutões, que, embora seus ventres tenham sido criados por Deus, são surpreendidos pela morte no meio das carnes, e ébrios são levados num instante lá vão para os Infernos. **Pesca do peixe-boi**
Lição moral
Outra lição para glutões

Para salgar o peixe-boi, encontra-se o sal tão necessário também a outras aplicações na distância de 40 léguas da Ilha, em terrenos arenosos, onde é achado em estado bruto, em forma de gelo, duro e reluzente como cristal, ao fluxo e refluxo do mar, e quando este se retira, o sol o queima e é melhor que o sal de França e de Espanha. É necessário apanhá-lo antes da estação das chuvas para que elas não molhem o lugar onde ele se encontrava. **Onde cresce o sal no Maranhão e sua qualidade**

Chegando a este ponto, uma parte dos franceses espalhou-se pelas aldeias, para viver conforme o costume da terra, que é ter *Chetuasaps*, isto é, hóspedes ou compadres, aos quais por pagamento se davam gêneros em vez de dinheiro. Esta hospitalidade, ou compadrio, é entre

Hostilidade dos selvagens

eles muito íntima, porque estimam seus hospedes como se fossem os próprios filhos; enquanto lá estiverem morando vão caçar e pescar para eles, e, segundo o seu costume, entregam as filhas aos compadres, as quais logo passam a ser chamadas Maria, tendo por sobrenome o do francês, para tornar clara a ligação, de sorte que, dizendo-se Maria de Tal, sabe-se logo de quem é concubina. Não sei com certeza porque dão este nome às concubinas. Mostrei um certo dia a um selvagem a imagem da Mãe de

O nome de Maria é reconhecido pelos selvagens

Deus, e lhe disse: *Koai Tupan Marie*, “eis a Mãe de Deus”, e ele respondeu: *Ché aí Tupan Arobiar Marie*, “creio e conheço, que Maria é a Mãe de Deus”, e *Maria* chamamos “nossas filhas que damos aos *caráibas*”.

Este costume de receber as filhas dos selvagens foi proibido aos franceses, e não é mais praticado, a não ser às ocultas, e os próprios selvagens,

Capacidade dos selvagens no que se refere à castidade

que no princípio desta proibição do costume de darem suas filhas desconfiaram da fidelidade e da amizade dos franceses, logo que ficaram sabendo que Deus só permitia a posse da mulher por meio do casamento, e que os padres, mensageiros de Deus, assim o pregavam e proibiam por ordem do Maioral, mostraram-se escandalizados por verem os franceses fazerem o contrário, e logo denunciavam ao Maioral e a nós, de maneira que qualquer francês deve fazer seus negócios mui ocultamente se não quiser que isto seja conhecido.

.....

DA CONSTRUÇÃO DO FORTE DE SÃO LUÍS, E DO
ENTUSIASMO DOS SELVAGENS EM TRANSPORTAR TERRA

Cap. III

CHEGADO o tempo próprio de trabalhar nas fortificações da praça escolhida para a defesa dos franceses, fincada a madeira segundo o plano dado para servir de cercadura ao *Forte*, e de levantar as terras, mandou-se avisar por todas as aldeias da Ilha e da província de *Tapuitapera* [nota 6], que viessem índios uns após outros levar a terra tirada dos fossos para os taludes das muralhas, esporões e plataformas, depois cobertas por grossas e grandes *Apparituries* [nota 7], árvores duras como ferro e incorruptíveis; de sorte que seria contra ela quase inútil o tiro do canhão, e muito difícil a escalada. Assim se disse e assim se fez. De todas as aldeias uma após outra vinham os selvagens com mulheres e crianças, trazendo víveres necessários para o tempo que calculavam demorar-se no trabalho, e sob as ordens dos seus principais, costume que observavam em seus empreendimentos, vindo esses chefes sempre à testa do grupo, como se a natureza os fizesse saber que o exemplo dos superiores anima infinitamente os inferiores.

**Fortificações
dos selvagens**

Quanto vale o exemplo dos prelados

Mais do que nós são eles fiéis à natureza, pois vemos ocorrer o contrário na república cristã, de onde têm sua origem os erros e a cor-

rupção dos costumes, porque, ainda que devamos prestar atenção somente à doutrina e não distrair a vista com a vida mundana, apesar disso os fracos de apegam mais às obras que às belas palavras.

Apenas chegavam estes selvagens, entregavam-se ao trabalho com incomparável dedicação, mostrando na voz e nos gestos admirável coragem, parecendo antes que iam a um festejo de casamento do que para o trabalho, rindo e brincando uns com os outros, correndo a carregar a terra dos fossos para os taludes com uma emulação para ver quem empreendia mais viagens, e conduzia maior número de cestos de terra.

Notareis agora que não há ninguém no mundo mais infatigável do que eles, quando de boa vontade trabalham em qualquer coisa; não se preocupam com beber e comer, contanto que cheguem a bom termo na tarefa que empreendem e, quando na pior dificuldade, riem, cantam e gritam para se encorajarem. Ao contrário, se os tratardes com aspereza e ameaças, nada farão que preste, e sabendo disso muito bem, nunca constroem os filhos e nem os escravos, antes os governam com doçura.

Selvagens infatigáveis no trabalho

Governados com doçura

O francês se aproxima muito desse comportamento, principalmente os nobres; não se submetem ao jugo do constrangimento, porém não duvidam expor a vida, a fim de cumprirem as doces ordens dos seus príncipes. Belo argumento para convencer os que governam que mais valem a doçura e clemência do que o rigor e a força, respeitando-se assim o natural da nação francesa.

Natural dos franceses

Não trabalhavam somente os homens e sim também as mulheres e meninos, aos quais eles davam pequenos cestos para carregar terra conforme suas forças. Vi muitos meninos, com apenas dois ou três anos de idade, enchendo de terra pequenos cestos, com as mãozinhas, por não terem forças para usarem pás ou outros instrumentos para ajudá-los.

Fervor das mulheres e das crianças

Perguntei a alguns anciãos por que consentiam que as crianças trabalhassem, distraíndo mais os que os vigiavam, especialmente os pais e mães, do que contribuindo para adiantar a tarefa, ainda mais que corriam risco estando nus e sendo tão pequenos, podendo se ferir no desmoronamento de algum barranco ou de alguma pedra. Respondeu-me assim o intér-

Chefe notável para a tradição

prete: Temos muito prazer vendo nossos filhos conosco trabalhando neste Forte, para que um dia já idosos digam a seus filhos e estes aos seus descendentes “eis as fortalezas, que nós e nossos pais fizemos para os franceses”, que trouxeram padres, que levantaram casas “a Deus, e que vieram defender-nos contra nossos inimigos”.

É muito comum esta maneira de comunicar aos filhos o que entre eles se passa, em geral em todas as coisas, suprimindo dessa forma a ausência de escrita para comunicar os empreendimentos dos séculos já passados para a posteridade, e para nada esquecer, gravando-se vivamente na memória tudo que aconteceu. Frequentemente contam muitas coisas passadas nos séculos em que viveram seus avós, ou quando de sua mocidade, transmitindo o que sabem aos filhos, como vamos dizer adiante. Eu gostaria que nossos pais fossem tão diligentes para gravar no coração de seus descendentes

[Aqui a segunda lacuna, que ocorre tanto no exemplar da Biblioteca Nacional, em Paris, como no da Biblioteca Pública de Nova Iorque. Abrange a parte final do Cap. III, os capítulos IV e V completos e a parte inicial do capítulo VI, o que corresponde aos fôlios 9 (uma página), 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 (duas páginas) e 17 (uma página), perfazendo um total de 16 páginas, equivalentes a um caderno.]

mente e em abundância, os selvagens lançam fogo nos espinheiros e moitas, onde se recolhem esses répteis. Há de três espécies [nota 8]: uma de terra, que mora nos matos; outra de água doce, que habita nas margens dos rios e lugares pantanosos; os terceiros são de mar, vivem nele mas vêm pôr seus ovos em grande número na areia, que fica bem perto, e onde os enterram, cobrindo-os laboriosamente com a mesma areia. Parecem-se muito com os ovos de galinha, menos na casca, que não é tão dura, e sim flexível e mole, nem tão grandes e ovais, e sim mais redondos, muito saborosos, quer comidos na casca, quer de outra maneira.

As margens deste rio estão cobertas por árvores **Árvores**
medicinais, muito melhores do que as que se achavam co- **medicinais**

mumente, como eu e muitos dos meus companheiros verificamos; além desta virtude, são mais fortes que as do Oriente, mostrando a experiência que uma onça destas faz tanto efeito como duas daquela terra. Sendo bem preparadas, certas composições são excelentes laxantes, e assim conservam o corpo para seu benefício. Existem belas campinas, largas e extensas a perder de vista, que produzem erva fina e macia. Encontra-se a

Belas campinas

pita, da qual se fazem na China muitos tafetás: crescem seus ramos como a cauda de um cavalo, têm a beleza da seda e ainda é mais forte. A terra é forte e fértil e produz com maior garantia que a do *Maranhão* ou de suas vizinhanças; e dizem-me que dá duas colheitas por ano. As florestas são altas, virgens, e enobrecidas de muitas espécies de madeiras, quer próprias à tinturaria, quer à medicina,

Árvores preciosas

e asseguram-nos os selvagens que lá moram, existir aí o *pau-brasil*. No meio destas florestas, há muitos vedados, capivaras, cabras, vacas-selvagens [nota 9] e javalis, e em poucas horas matareis tantos quantos precisardes; e para que não me acusem de usar de hipérboles, invoco o testemunho dos que viajaram pelo *Mearim*, e hoje se acham em França. Se lerem isto, dirão que são estas as informações que me deram, e que os selvagens lhes traziam tanta caça em suas canoas que dela não sabiam o que fazer. Contou-me um fidalgo que andou nessa mesma viagem

Caça abundante

haver morto com um só tiro de mosquete três javalis [nota 10], o que não poderia acontecer se estivessem espalhados.

Há muitas árvores carregadas de colmeias de mel de abelhas melíferas, as quais são mais pequenas e franzinas do que as nossas, porém mais industriosas, pois fabricam mel excelente, líquido, e claro como água de rocha. Esse mel é guardado em pequenos vasos de

Mel muito bom e em abundância

cera da grossura da casca de um ovo, semelhante na forma a nossas garrafinhas de vidro, e penduradas com alguma ordem numa arvorezinha feita de cera, que se acha colada ou presa pelos ramos ao tronco, ou nas cavidades das árvores das florestas ou dos campos. Com este mel fabrica-se um bom vinho muito forte e quente para o estômago, semelhante na cor e no gosto ao das Canárias. Nossa gente, quando por lá andou, fez algum vinho, e com ele embebedou-se. Existe também aí uma outra espécie de mel, impropriamente assim chamado, porque é tão azedo como vinagre, e fabricado por outra espécie de abelhas.

Alguns dias depois que chegou nossa gente nesta terra procuraram os *tabajaras* [nota 11] e suas habitações; encontraram os *Aiupaes* [nota 12] e caminhos recentemente abertos, mas não o que procuravam. É porque, vendo que diminuía a farinha, da qual apenas poderia ter quanto bastasse para regressar ao *Maranhão*, ainda por cima escassa, deliberou regressar com seu exército, deixando aí somente dois escravos *tabajaras*, aos quais deram farinha para um mês, e diversos gêneros, prometendo-lhes liberdade com certeza, e boa recompensa se fossem procurar e achassem seus semelhantes, o que aceitaram e cumpriram aproximando-se das suas aldeias e gritando para não serem flechados, visto andar esta nação em guerra contínua com uma outra vizinha. Aos seus gritos acudiram muitos, aos quais contaram o que traziam, como estavam no *Maranhão* os franceses bem fortificados, que entre eles se achavam os padres, que os foram procurar; mas que se viram obrigados a retirar-se por falta de farinha, sendo eles escolhidos para ir procurá-los, e dando-lhes os presentes fortaleciam mais as suas palavras, mormente sendo proferidas por dois indivíduos, seus conhecidos, que tinham sido escravizados na guerra pelos *tupinambás*. Bem podeis imaginar como eles foram festejados e com que alegria os *tabajaras* receberam tais notícias. Deixamo-los descansar por três ou quatro meses para contar tudo à vontade, e regressamos com nossa gente para a Ilha.

Retorno dos franceses após enviarem dois escravos ao encontro dos tabajaras

.....

DOS PREPARATIVOS DOS TUPINAMBÁS PARA
UMA VIAGEM AO AMAZONAS

Cap. VII

APENAS voltou esta expedição do *Mearim*, falou-se com entusiasmo de fazer uma viagem em breves dias ao *Amazonas* [nota 13]. Já antes se havia falado nela porém tão friamente, que poucos acreditavam, não havendo probabilidade de deixar-se a Ilha, sendo nós tão poucos para defendê-la contra os portugueses, que nos ameaçavam há muito tempo.

Preparativos para a viagem ao Amazonas Ao divulgar-se esta notícia levantaram-se a Ilha e as províncias circunvizinhas, porque, como é geralmente sabido, não há no mundo nação alguma mais inclinada à guerra e a viagens pelo desconhecido como estes selvagens brasileiros. Quatrocentas ou quinhentas léguas nada são para eles quando vão atacar os inimigos e fazê-los escravos. Embora sejam por natureza tímidos e medrosos, nos combates ganham calor, não abandonam o campo de guerra, e quando perdem as armas pelejam com unhas e dentes contra os inimigos.

Inclinação dos selvagens à guerra Suas guerras são feitas, na maior parte, por astúcia e sutileza; ao romper do dia assaltam os inimigos em suas aldeias: salvam-se de ordinário os que têm boas pernas, sendo aprisionados os velhos, as mulheres e as crianças, conduzidos

como escravos para as terras dos *tupinambás*. Também sob o pretexto de negociar, vão eles ao longo dos rios, onde vivem os inimigos, aos quais fazem boas promessas, mostram suas mercadorias em *caramemos* ou paneiros, onde arranjam o que têm de mais caro, e quando os vêem entretidos, lançam-se sobre eles, pobres *ingênuos*, matam uns, aprisionam e cativam outros. Por este motivo todas as nações do Brasil desconfiam deles, não querem sua paz, os ameaçam e os têm em geral por traçoeiros.

São muito confiantes quando estão com os franceses, e querem que estes vão sempre na frente, e se acontece um francês voltar para trás, eles ficariam bem tristes se os franceses tivessem mais pernas do que eles para fugir. Disto se conclui quanto vale a opinião que se tem de certas pessoas, que não passa de uma loucura e vaidade deste mundo, acontecendo muitas vezes ficarem atrás os bons e virtuosos onde serão queridos e elevados e admirados os viciosos e corrompidos.

Opinião que eles têm dos franceses

Indaguei e procurei saber muito sobre o modo como se preparavam para a guerra, não me contentando só com o que me disseram. Em primeiro lugar as mulheres e as suas filhas prepararam a *farinha de munição* [nota 14] em abundância, por saberem, naturalmente, que um soldado bem nutrido vale por dois, que a fome é a coisa mais perigosa num exército, por transformar os mais valentes em fracos e sem ânimo, os quais em vez de atacarem o inimigo buscam meios de sobreviver. É diferente da usual esta farinha de munição, por ser mais bem cozida, e misturada com *carimã* para durar mais tempo; embora menos saborosa, é mais sadia do que a fresca.

Provisão de guerra

Em segundo lugar empregam-se os homens em fazer canoas, ou consertar as que já possuem próprias para este fim, porque é necessário que sejam compridas e largas para levarem muita gente, armas e provisões; são feitas de uma árvore cortada bem perto da raiz, sem galhos e ramos, ficando apenas o tronco bem reto em toda a sua extensão; e então tiram-lhe a casca, e racham-na deixando-a com cerca de meio pé de largura e profundidade; então, lançam fogo nessa fenda com cavacos bem secos, e vão queimando pouco a pouco o interior do tronco, raspam-no com um pedaço de ferro, e assim vão fazendo até que o tronco esteja todo cavado, ficando apenas duas polegadas de espessura, e depois, com alavancas,

Embarcações de guerra

dão-lhe forma e largura. Estas canoas de guerra comportam às vezes 200 ou 300 pessoas [nota 15] com as suas provisões. São conduzidas a remo por jovens fortes e robustos, escolhidos para essa tarefa, por meio de pás de três pés de comprimento, que cortam as águas a pique e não inclinados.

Em terceiro lugar, preparam as penas, tanto para a cabeça, braços, e rins, como para as armas. Para a cabeça usam uma touca ou cabeleira de penas de pássaro vermelhas, amarelas, verdes e violetas, que prendem nos cabelos com uma espécie de goma. Enfeitam a testa com grandes penas de araras, e outros pássaros semelhantes, vermelhas, amarelas e verdes dispostas à maneira de mitra, que amarram atrás da cabeça. Nos braços atam braceletes também de penas de diversas cores, tecidas com fio de algodão, semelhante à mitra de que acabamos de falar. Sobre os rins usam uma espécie de saia de penas da cauda de avestruz [nota 16] presa por dois fios de algodão, pintados de vermelho, passando pelo peito e cruzando-se nas costas à maneira de suspensórios, de sorte que, ao vê-los emplumados na cabeça, nos braços e nas pernas, diríamos serem avestruzes, que só têm penas nestas três partes do corpo. Na verdade, quando os vejo

Jó cap. 93 a anotar assim lembro-me do que antigamente disse Jó no cap. 39 *Penna struthionis similis est pennis Erodii et Accipitris*: a pena do avestruz é igual à da garça-real e do gavião. Esta passagem é claramente explicada por várias lições ou versões de costumes antigos dos gregos e dos romanos, cujos comandantes distribuía aos capitães e soldados penas de avestruz para colocarem em seus capacetes e elmos a fim de animá-los à vitória.

Quis saber por intermédio do meu intérprete por que traziam sobre os rins estas penas de avestruz. Responderam-me que seus pais lhes deixaram este costume para ensinar-lhes como deviam proceder na guerra, imitando o avestruz, pois quando ele se sente mais forte ataca atrevidamente o seu perseguidor, e quando mais fraco abre as asas, levanta vôo arremessando com os pés areia e pedras nos inimigos. Assim devemos fazer, acrescentavam eles. Reconheci este costume do avestruz ao ver um pequeno deles, criado na aldeia de *Vsaap*, que era perseguido diariamente pelos meninos do lugar: quando percebia que eram só dois ou três, ele se virava e batia ne-

les com o peito, atirando-os por terra; porém quando era maior o número deles preferia fugir.

Estou certo de que muitas pessoas se admirarão, não só com isso que acabo de dizer mas também de como é possível buscarem estes selvagens meios de aproveitarem os hábitos dos animais. Se nos lembrar-nos porém que o conhecimento das ervas medicinais foi ensinado aos homens pela cegonha, pela pomba e pelo veado e o cabrito; que a maneira de fazer a guerra e postar sentinelas foi aprendida com os grou; que o bem do estado monárquico iniciou-se pela observação das abelhas; que os arquitetos aprenderam com as andorinhas a fazer abóbadas; que o próprio Jesus Cristo nos mandou observar o milhafre, o abutre, a águia e o pardal, a admiração desaparecerá, e especialmente se acreditarem que estes selvagens imitam com a maior perfeição os pássaros e animais de sua terra, os quais exaltam em todas as canções que cantam em suas festas; porque nos pássaros de sua terra predominam três cores, vermelho, amarelo e verde-gaio, e eles gostam de panos e vestidos destas três cores; por serem as onças e os javalis os animais mais ferozes de sua terra, eles arrancam-lhes os dentes e os trazem nos lábios e orelhas a fim de parecerem mais terríveis. As penas das armas são postas na ponta das espadas e dos arcos. Assim preparados bebem publicamente o vinho de *mua*, para dizerem adeus aos que ficam.

Ciência advinda dos animais

Os selvagens imitam os pássaros e outros animais

.....

DA PARTIDA DOS FRANCESES PARA O AMAZONAS
EM COMPANHIA DOS SELVAGENS

Cap. VIII

A

**Verdade das
amazonas**

ANTES que entre na matéria, convém narrar o que me disseram os selvagens no tocante à verdade da existência das amazonas, porque é uma questão corriqueira sobre se nesses lugares existem amazonas, e se são como as descritas pelos historiadores. Em primeiro lugar deveis saber ser voz geral e comum entre os selvagens que há amazonas, e que habitam numa ilha muito grande, cercada pelo grande rio do *Maranhão*, ou das *Amazonas*, que está em uma foz de 50 léguas de largura e que essas amazonas eram no passado mulheres e filhas dos *tupinambás*, que se retiraram da companhia e do domínio deles seduzidas e guiadas por uma delas; que, internando-se por aquelas terras ao longo deste rio, descobriram afinal uma linda ilha, onde se recolheram, e em certas épocas do ano aceitam por companheiros os *Acaiús*, os homens das habitações mais próximas. Se têm um menino, ele pertence ao pai, que cuida dele logo depois de desmamado; se, porém, é menina, fica com a mãe em casa. Eis a voz geral e comum.

Num dia, quando os franceses andavam nesta viagem, fui visitado por um grande Principal, que morava muito acima neste rio. De-

pois dos seus cumprimentos, que descreverei mais adiante, me disse morar nas mais distantes terras dos *tupinambás*, e que só em duas luas podia voltar do rio *Maranhão* à sua aldeia; eu me admirei do trabalho que teve vindo de tão longe. Replicou-me: “Fui ao *Pará* ver meus parentes, quando os franceses foram guerrear nossos inimigos, e ouvindo falar de vós e dos outros padres, quis vê-lo pessoalmente para informá-lo com segurança sobre meus companheiros.” Por meio do meu intérprete perguntei-lhe se sua casa era muito longe da das *amazonas*, e ele respondeu-me que “uma lua”, isto é, um mês para ir. Indaguei-lhe se tinha estado entre elas, e se as tinha visto, e respondeu-me “que nem uma coisa nem outra” pois nas canoas de guerra, onde andou, se desviou da ilha onde elas residiam.

Confirmado pelos selvagens vizinhos

Quanto ao segundo chefe, esta palavra *amazonas* lhes foi imposta pelos portugueses e franceses [nota 17] devido à semelhança que elas tinham com as antigas *amazonas* por causa de sua separação dos homens; porém não cortam a mama direita, e nem seguem a coragem dessas afamadas guerreiras, mas vivem como as outras mulheres selvagens, ágeis e destros no manejo do arco, e nuas se defendem dos seus inimigos como podem.

Por que chamá-las de amazonas

No dia 8 de julho de 1613, do porto de Santa Maria do *Maranhão*, partiu o Sr. de la Ravardière, com salva de muitos tiros de canhão e de mosquetes, disparados do forte de São Luís, segundo costume entre os militares. Levou em sua companhia 40 bons soldados e 10 marinheiros, e por cautela também 20 dos Principais selvagens, tanto da Ilha do *Maranhão* e de *Tapuitapera*, como de *Cumã*. Seguiu para *Cumã* [nota 18], onde o esperavam muitas canoas de índios; e, provendo-se de farinha, seguiu de *Cumã* para *Caietés* onde havia 20 aldeias de *tupinambás*, e, retornando a este lugar quase um mês depois, reforçou a tripulação de sua embarcação com mais 60 escravos que lhe deram. No dia 17 de agosto partiu de *Caietés* com muitos habitantes dessa localidade, e dirigiu-se para a aldeia chamada *Meron*, onde em grandes canoas embarcou selvagens e franceses, seguindo para a embocadura do rio *Pará*. Em viagem morreu afogado um francês por ter-se virado a canoa em que ele ia, porém salvaram-se seus companheiros no dorso dela.

Partida dos franceses para o Amazonas

Camarapins, gente brava

O rio *Pará*, desde a foz, ao longo das margens, é muito povoado de *tupinambás*; chegando à última aldeia, situada a 60 léguas da sua

Rio Pará embocadura, todos os principais desses lugares lhe pediram insistentemente que fosse guerrear os *camarapins* [nota 19], que são muito ferozes, não querem paz como ninguém, e por isso não poupam os inimigos, pois quando os cativam, matam-nos e comem-nos; poucos dias antes tinham matado três filhinhos de um dos Principais dos *tupinambás* daquelas regiões, e guardaram os ossos deles para mostrar aos pais a fim de mortificá-los ainda mais.

Este exército de franceses e de *tupinambás*, em número de 1.200, saiu do *Pará*, entrou no rio dos *Pacajaras*, daí dirigiu-se ao de *Parisop* [nota 20], onde encontraram *Uaceté* ou *Uacuaçu*, que, simpatizando com este movimento, ofereceu para reforçá-lo 1.200 dos seus companheiros. Aceitou-se apenas um pequeno número deles, que os acompanhou, e os encaminhou ao lugar onde residiam os inimigos, os quais encontravam-se nas *Iuras* [nota 21], que são casas feitas à imitação das Ponts aux Changes e de S. Michel de Paris, colocadas no cume de grossas árvores plantadas na água. Foram imediatamente cercados pelos nossos, que os saudaram com 1.000 ou 1.200 tiros de mosquetaria em três horas. Defenderam-se porém eles valorosamente de sorte que sobre os nossos caíam as flechas como chuva ou saraiva, ferindo alguns franceses e *tupinambás*, porém não matando um só. Sobre alguns dispararam-se tiros de morteiro, e de canhão, incendiaram-se-lhes três *Iuras*, morrendo nessa ocasião 60 índios deles, o que somente serviu para mais aumentar-lhes o desespero, pois antes preferiam o fogo a cair nas mãos dos *tupinambás*. À vista disto resolveu-se abandoná-los com intenção de ver se noutra ocasião, tratados com doçura, podiam ser conquistados e tê-los aliados.

Durante o medonho combate dos mosqueteiros, usaram os selvagens de uma esperteza singular pendurando os seus mortos no parapeito de suas *Iuras*, e por meio de uma corda de algodão amarrada aos pés deles faziam que se mexessem ao longo das aberturas; os franceses viam aqueles corpos, e julgando-os vivos faziam fogo três e quatro vezes contra eles a ponto de ficarem despedaçados, o que provocava os gritos e zombari-

as daqueles canalhas. Quando uma de suas mulheres apareceu fazendo sinais com um pano de algodão, significando que queria parlamentar, todos pararam de atirar. Então ela gritou: **Coragem das mulheres** “*Vuac, Vuac.*” “Por que trouxeste estas bocas-de-fogo (falava dos franceses por causa da luz, que saía das caçoletas de suas armas) para arruinar-nos, e apagar-nos da Terra? Pensas contar-nos no número dos teus escravos? Pois aqui estão os ossos dos teus amigos e aliados, cuja carne comi, e ainda espero comer a tua e a dos teus.” Pelos intérpretes se disse a ela que se entregasse a fim de salvar os outros do fogo. “Não, não”, respondeu ela, “jamais nos entregaremos aos *tupinambás*; eles são traiçoeiros. Eis aqui os nossos principais, que morreram vítimas dessas bocas-de-fogo de gente que nunca vimos. Se for necessário, morreremos todos, voluntariamente, como fizeram nossos grandes guerreiros. Nossa nação é grande, e vingará a nossa morte.”

Um dos seus Principais veio numa canoa colocar-se à frente do nosso exército, trazendo numa das mãos um feixe de flechas, e noutra o arco, e falou: “Vinde, vinde ao combate, nada tememos, somos valentes, e eu **Valentia desses selvagens** sozinho atravessarei muitos.” Chegando-se porém muito perto, um dos nossos soldados acertou-lhe uma bala na testa, que o atirou na água já morto. Eram tão destros no manejo das flechas que, atirando-as para o alto, vinham cair direto na galeota, onde estavam nossos soldados, e nas canoas dos índios, ferindo muitos. Diante disso, podereis avaliar da coragem dessas nações selvagens, movidas apenas pela natureza. O que não seriam se fossem policiados, ou conduzidos e instruídos pela disciplina militar?

.....

DO QUE ACONTECEU NA ILHA DURANTE ESTA VIAGEM,
E PRINCIPALMENTE AS ASTÚCIAS DE UM
SELVAGEM CHAMADO CAPITÃO

Cap. IX

ENQUANTO uma parte dos nossos franceses, e muitos dos principais selvagens estavam no *Pará* e em suas circunvizinhanças, passaram-se na Ilha muitas coisas notáveis, que contarei nos seguintes capítulos. Tratarei em primeiro lugar de um índio agradável e astucioso chamado Capitão [nota 22], meio-irmão de um Principal muito amigo dos franceses, chamado *Ianuara-uaeté*, que quer dizer *Cachorro grande* ou *Cachorro furioso*.

Este Capitão insinuou-se entre nós dizendo por intermédio do intérprete que desejava ser cristão, aprender a ler e a escrever, falar francês e fazer reverências, gestos e cerimônias dos franceses. Acreditaram nas suas palavras, e alguns até cercaram-no de muitas atenções. Passou alguns meses em nossa vizinhança, mostrando-se desejoso de ter vestidos como os nossos paramentos sagrados, com os quais dizíamos missa, mandou pedir-nos por sua mulher algumas daquelas vestes, mas negamos. Não nos deixou por esta recusa, porém algum tempo depois, disfarçando muito bem seu descontentamento, ia à sua aldeia e voltava, até que espalhou pela Ilha o boato de que os franceses pretendiam escravizar os *tupinambás*, e por isso deviam abandonar a Ilha. Eles deram ouvido a isso e por

**História curiosa
de um selvagem**

isso deixaram suas aldeias e foram para outras, de onde pudessem fugir com mais presteza se assim fosse necessário.

Julgou chegada a ocasião de se fazer valer entre os seus, pois tinha extremo desejo de ser grande, e não podia chegar a sê-lo, porque é próprio da honra fugir daqueles que a procuram com método, o que vemos em todas as condições; e foi este o seu fim e intenção quando de nós se aproximou, servindo-se de nosso concurso para realizar seu objetivo, visto o ambicioso nada poupar, nem mesmo as coisas sagradas, para alcançar o que deseja.

Principiou visitando as aldeias da Ilha, onde desconfiava haver desafetos dos franceses, e aí nas cabanas e na *Carbet*, costumava, batendo fortes palmadas nas coxas, arengar assim — **Maneira de arengar**
Ché, Ché, Ché, ana-etê. Ché, Ché, Ché, Pagy Uaçú, Ché, Ché, Ché, Aiuka país &. Isto quer dizer: “Eu, eu, eu sou furioso e valente. Eu, eu, eu sou grande feiticeiro. Fui eu, fui eu, fui eu que matei os padres, etc. Fiz morrer o padre que está enterrado em *Yuiret*, onde mora o *Pagy Uaçú*, o grande Padre a quem enviei todos os males que ele tem sofrido [nota 23], e a quem matarei como o outro. Atormentarei os franceses com moléstias, e lhes darei tantos bichos nos pés e nas pernas que eles se verão obrigados a regressar à sua pátria. Farei morrer suas plantações e assim morrerão de fome. Com eles morei, com eles muitas vezes comi, e vi o que praticavam quando serviam a *Tupã*, e reconheci que nada sabiam comparados conosco, outros *pajés*, feiticeiros. Por isso não devemos temê-los; saíamos, quero caminhar na frente, porque sou forte e valente.” Perto de dois meses gastou ele a percorrer a Ilha e fazer seus discursos sem que de nada soubéssemos, porque quando os negócios são muito sigilosos ou quando afrontam o interesse público, não são descobertos como acontece quando se trata de utilidade particular.

Japiaçu o repreendeu, e muito acremente, por tais discursos, como também *Piraiuna*; porém seu irmão *Cachorro grande* o denunciou, e além disso pediu licença para ir em pessoa prendê-lo e enforcá-lo com as próprias mãos. Estas notícias chegaram prontamente aos ouvidos de *Capitão*, que começou a tremer como se tivesse febre, e não dizia mais *Ché ana-etê*, nem *Ché Pagy uaçu*, ou *Aché Aiuca Pay*, porém ao

Maneira de os selvagens negarem as suas faltas

contrário, diante dos seus, tremendo de medo, dizia: “*Ché assequegai seta, ypocku topinambo, ypocku decatugué: giriragoy Topinambo, giriragoy seta atupaué: ypocku ianuara naeté, ypocku decatugné giriragoy ianuara vaeté giriragoy seta atupaué.*” “Ah! que medo tenho, oh! quão malvados são os *tupinambás*, perfeitos malvados [nota 24]. Os *tupinambás* mentiram, mentiram muito e muito. *Cachorro grande* é um malvado, malvado completo. Mentiu o *Cachorro Grande*, mentiu também muito e muito, etc. Nada disso eu disse, não causei a morte do padre, não disse que queria fazer morrer o padre-grande, e nem que lhe envie moléstias. Também não disse que quero atormentar os franceses, e fazer secar suas plantas, porque não sou e nem fui feiticeiro, e assim quero ser filho dos Padres, quero voltar e trabalhar para eles, e alimentá-los. Se os deixei foi para colher meu milho: quero ir já onde está o padre-grande, levar-lhe o meu milho e a minha pesca e caça, dar-lhe um dos meus escravos para apaziguar o chefe dos franceses a fim de ele não crer em *Cachorro grande*, que sempre me quer mal, embora eu seja seu irmão: muitas vezes me quis matar, e se o *Muruichane*, quer dizer ‘o principal dos franceses’, lhe der uma vez ordem de prender-me, ele me matará sem dúvida alguma.” Por estas palavras conhecereis a índole destes selvagens, que não dizem a verdade quando necessitam defender-se.

Este miserável *Capitão* fugiu e escondeu-se nos matos, e depois foi para a aldeia chamada *Jiroparieta*, quer dizer, aldeia de todos os diabos, ao pé da praia, e daí enviou-me um dos seus parentes a pedir-me paz, e que obtivesse do Maioral o seu perdão. Mandou-me um seu escravo forte e robusto, bom pescador, e caçador. Ele, sua mulher e mais pessoas da família me vieram ver, trazendo-me milho, peixe, e caça, e tanto ele como sua mulher muito falaram maravilhas para me persuadir de que eu não devia crer no que dissessem dele, chamando os *tupinambás* e *Cachorro grande*, mentirosos e outros nomes feios, asseverando que era bom amigo, que desejava ser cristão, e que se o maioral e eu também nos esquecêssemos de tudo, ele e sua mulher regressariam contentes.

**Buscam os
que temem**

.....

DA CHEGADA DE UMA BARCA PORTUGUESA
AO MARANHÃO

Cap. X

QUANDO menos esperávamos, achando-se a Ilha sem índios e sem franceses, por terem uns ido viajar ao Amazonas, e os outros pela segunda vez ao *Mearim*, de que brevemente trataremos, por espaço de um mês fomos incomodados com mil notícias, ora de selvagens residentes perto do mar, ora de franceses moradores nas fortificações, que diziam ter ouvido tiros de canhão para o lado da costa da pequena ilha de Santana, e da de *Tabucuru* [nota 25], e ter visto três navios velejando ao redor da ilha, quando se apresentou uma barca, comandada por um capitão português, chamado Martim Soares. Vinha da ilha de Santana, onde tinha desembarcado, tomado posse dela para o Rei Católico*, plantado uma grande cruz, e levantado um marco com uma inscrição, de que logo falaremos. Andou esta embarcação pela baía do porto de Carurs, saltando [o capitão] sempre que lhe aprouve para ver e escolher lugares próprios à plantação de cana e ao fabrico do açúcar, especialmente no lugar chamado *Ianuarapim*, onde foi erguida uma cruz com a intenção de criar-se

**Vinda dos
portugueses**

* Rei Católico: Filipe II, de Espanha, I de Portugal. (Nota desta edição.)

ali uma bela instalação portuguesa, e construir-se engenhos de açúcar. Aproximaram-se depois da enseada de Cours, uma das entradas da Ilha, onde, depois da sua vinda, edificaram-se dois belos fortes a fim de impedir o desembarque. Eles davam alguns tiros de canhão para chamar os selvagens da Ilha; nenhum foi lá, menos o Principal de *Itaparis*, suspeito por traidor. Perguntaram-lhe muita coisa, e ignora-se o que respondeu; deram-lhe machados e foices, e ele depois voltou para a Ilha. Os portugueses traziam consigo os índios *canibais* [nota 26], moradores em *Mocuru*, parentes de outros do mesmo nome refugiados no *Maranhão*, os quais eles mandaram a terra para se informarem e saber se na Ilha havia muitos franceses, se estavam fortificados, e se tinham canhões.

Por sorte, dirigiram-se aos *tupinambás*, que lhes disseram não haver na Ilha um só francês, ou um só forte, um só navio, barca, nem canhão; e, como se sentiam seguros, principiaram a comer. Os *tupinambás* mandaram imediatamente ao forte de S. Luís contar tudo isto. Expediu-se logo uma barca, equipada de bons homens, com o fim de prender os portugueses; porém aconteceu que um traidor *Canibal*, inimigo rancoroso dos franceses, e a quem já se havia perdoado muitas vezes castigos que ele merecia, sabendo da notícia da vinda dos outros, foi procurá-los imediatamente, e em segredo lhes disse: “Que fazeis aqui, fugi depressa para o mar, regressai ao vosso navio, porque há muitos franceses na Ilha, têm um belo forte, canoas, navios e canhões.” Mal ouviram isto levantaram-se depressa, e disseram aos hospedeiros *tupinambás*, que os tapeavam: – “Ah! malvados, enganais vossos amigos” – e marchando a passos largos foram com o traidor *canibal* para a sua canoa, e logo chegaram à barca, que estava adiante no mar, ancorada numa enseada. Vendo isto os portugueses desconfiaram que os franceses estavam na Ilha, e que não deixariam de os perseguir, e, apenas tinham levantado âncoras, descobriram a barca dos franceses, e estes a deles. Apressaram-se os franceses em cortar o caminho aos portugueses, navegando à bolina muito bem, cortando as ondas e bancos de areia, pouco se preocupando em encalhar contanto que alcançassem sua presa, da qual poderiam usufruir grande comodidade, pois se conheceriam todas as intenções dos portugueses, os quais se apercebiam da boa vontade dos

[Aqui a terceira lacuna, que ocorre tanto no exemplar da Biblioteca Nacional, em Paris, como no da Biblioteca Pública de Nova Iorque. Abrange a parte final do capítulo X, o capítulo XI e o início do capítulo XII, o que corresponde aos fólhos 33 (uma página), 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40 (duas páginas) e 41 (uma página), perfazendo um total de 16 páginas, equivalentes a um caderno.]

todas as nações, e nós o vemos por experiência em vários lugares da França, donde veio o provérbio – chorar de alegria.

Chegados ao Forte depois de descansarem à vontade, o que lhes é natural, conservaram-se sérios e reservados, levando o tempo sem se precipitarem estouvadamente, e também não se deixando levar pela impetuosidade e pelo impulso da curiosidade, e sendo a imperfeição única dos franceses o fazer tudo às pressas, buscando todos os meios de conseguir seus fins, foram eles ter com o Maioral, ao qual assim falaram:

“Conforme as notícias que deste a dois dos nossos, escravos entre os *tupinambás*, para nos transmitirem fielmente a respeito da tua vinda e da dos padres a estes lugares a fim de defender-nos dos *peros*, e ensinar-nos a conhecer o verdadeiro Deus, dar-nos machados e outras ferramentas para facilitar a nossa vida, falamos nisto em muitas reuniões, e recordando-nos de que os franceses sempre nos foram fiéis, vivendo em paz conosco, e acompanhando-nos à guerra, onde alguns morreram, todos os meus semelhantes mostraram-se contentes e resolveram, de combinação com o nosso chefe, obedecer-te e em tudo fazer-te a vontade. Eis por que me mandaram expressamente a fim de pedir-te alguns franceses para acompanhar-nos e proteger-nos até voltarmos do lugar por ti indicado.” A resposta foi com palavras de amizade, e que se lhes dariam france-

Chegada e arenga destas embaixadas no Forte de São Luís

Resposta

Eles partem acompanhados por franceses

Acompanhados por muitos franceses e pelo meu intérprete, a quem dei

algumas imagens como presentes a *Thion*, seu chefe, eles se lançaram ao mar, indo para o *Mearim*, para suas casas.

Quando chegaram foram recebidos com muitos aplausos, choros, lágrimas copiosas e danças noite e dia. Prepararam vinhos em abundância, presentearam os franceses com muitos porcos-do-mato e outras caças, e ofereceram-lhes muitas jovens das mais bonitas. Mas os franceses rejeitaram-nas dizendo que Deus não queria, e que os padres proibiam, e se quisessem agradar os padres, quando fossem para a Ilha, deviam plantar cruzeiros para repelir o *Jerupari* [nota 27] do meio deles. Assim o disseram, assim o fizeram, plantando muitas cruzeiros, em vários lugares na frente de suas casas, como ainda hoje se vê, e que ficaram como prova de habitação antiga, donde foram chamados para ir a uma outra terra, já iluminada pelo conhecimento de Deus, e enriquecida com os sacrossantos Sacramentos da Igreja, como antes aconteceu com o povo de Israel, que saiu do Egito em busca da Terra da Promissão.

Estando tomadas estas providências, cada um cuidou de fazer sua colheita, destruir as roças, e preparar um bom farnel, pois deviam em pouco tempo deixar e abandonar este lugar. Inquietavam-se com várias coisas relativas à sua salvação, sendo satisfeitas essas indagações.

Aproveitaram-se os franceses da ocasião e facilidade que se lhes oferecia para conquistar a nação próxima de índios inimigos, e causava pena ouvi-los dizer que haviam comido muitos, porque eram mais fortes, tinham maior número de aldeamentos e de homens, e o principal deles, chamado *Farinha grossa*, homem valente na guerra, alegre, e muito inclinado ao cristianismo, como falaremos noutro lugar, dizia com orgulho: “Se eu quisesse comer os inimigos, não ficaria um só, porém conservei-os para meu prazer uns após outros, entreter meu apetite, e exercitar diariamente minha gente na guerra. E de que serviria matá-los todos de uma só vez quando não havia quem os comesse? Além disso não tendo minha gente com quem bater-se, se desuniriam e separar-se-iam como aconteceu a *Thion*.” Assim disse, porque antes estas duas nações formavam

Recepção e boas-vindas aos franceses

Eles se preparam para entrar na Ilha

Discurso de um principal dos selvagens

Instruções de Estado e de costumes

uma só, morando juntas, em lugares longínquos e distantes dos inimigos, contra os quais podiam exercitar-se na guerra. Mas apesar de tudo atacaram-se uns aos outros. Tal proceder confirma a bela máxima do Estado de que quem quer conservar a paz interior há de exercer a paixão por fora, especialmente contra os inimigos da fé, e, falando em sentido moral, que quem quer salvar o coração de todo o vício e imperfeição deve resguardá-lo das impressões exteriores.

Como condições de paz estabeleceu-se o esquecimento recíproco de todas as injúrias e banquetes com os corpos dos inimigos; que deviam revestir-se de maior paciência aqueles que mais tivessem perdido; que jamais devia haver exprobrações de parte a parte, e, quando recolhidos à Ilha, morariam separados uns dos outros, e todos seriam fiéis aos franceses. Chegada a ocasião, foram enviadas muitas canoas e barcos, nos quais vieram para a Ilha. Foram bem recebidos, o seu chefe *Thion* saudado com cinco tiros de canhão e duas salvas de mosquetes, passando ele no meio de soldados franceses, perfilados de acordo com as cerimônias militares, entrou no Forte, onde o Sr. de Pesieux e eu o recebemos. Quanto às palavras que nos disse, eu relatarei em lugar próprio. E então o levamos para seus aposentos, para ele descansar.

Reconciliação dos selvagens tabajaras

Chegada dos tabajaras à Ilha

.....

DO VALOR E DOS COSTUMES DOS
SELVAGENS DO MEARIM

Cap. XIII

CONVERSANDO familiarmente com esta nação, descobri muitas de suas particularidades, e também outras, comuns a todos os *tupinambás*, ainda não escritas por pessoa alguma, ou ao menos mencionadas suficientemente, e, como são belas e raras, tratarei delas mais detidamente.

Origem da palavra tabajara, o que ela significa

Aqueles povos, antes de reunidos, eram chamados *tabajaras* pelos *tupinambás* [nota 28]. Este nome é apelativo e comum para designar toda a sorte de inimigos, e tanto assim é que esta mesma nação de *tabajaras* chamava os *tupinambás* da Ilha *tabajaras tupinambás*, agora que viviam na Ilha em paz e concórdia. Os *tupinambás* os chamavam *mearinenses*,

Mearinenses

isto é, gente vinda do *Mearim* [nota 29], ou habitantes do *Mearim*, assim como os dinamarqueses, que vieram ocupar a Nêustria, província antiga e dependente da Coroa de França, foram chamados normandos, e sendo ela conservada em homenagem aos reis de França, perdeu seu antigo nome de Nêustria e conservou o de Normandia.

Pedras verdes

Os franceses os chamam *pedras-verdes* [nota 30] por causa de uma montanha, não muito longe de sua antiga aldeia, onde se acham mui belas e preciosas pedras verdes, dotadas de muitas propriedades, especialmente contra doenças do baço e da

corrente sangüínea, e também me disseram haver lá esmeraldas muito finas. **Esmeraldas** Aí iam os selvagens buscar estas pedras verdes tanto para colocá-las nos lábios, como para negociar com as nações vizinhas. Os *tupinambás* e os *tapuias* têm muito apreço por estas pedras [nota 31]: eu mesmo vi um *tupinambá* dar a um *mearinense*, em nossa casa de São Francisco, do Maranhão, por uma pedra para o beijo, mais de vinte escudos de mercadorias. **Negócio e valor destas pedras verdes** Um certo cabelo-comprido veio ter conosco, ornado com seus enfeites mais lindos, que consistiam em dois chifres de bode e quatro dentes de veado, muito compridos, em vez de brincos, de que muito se orgulhava por havê-los elaborado com arte, ao passo que era comum, especialmente entre as mulheres, trazê-los de madeira, redondos, bem grossos, com dois dedos de diâmetro: **Exemplo Cabelo longo** calculai o buraco que fazem nas orelhas. A maior porém de suas ostentações era uma destas pedras verdes, de comprimento, pelo menos, de quatro dedos, redonda, que me agradou muito, a ponto de desejar trazê-la para a França. **Outro exemplo** Perguntei-lhe o que queria que lhe desse por esta pedra; respondeu-me: “Dê-me um navio de França, carregado de machados, de foices, de roupas, de espadas e de arcabuzes.” **Cara mercadoria**

Outro *tupinambá*, já muito velho, trazia uma pedra destas no lábio inferior: era oval e tão larga como o côncavo da mão, e como a tivesse trazido por muito tempo aí sem nunca tirá-la, estava como que encaixada no seu queixo, já tendo a carne dobrado sobre os bordos da pedra e tomado a sua forma. Narrei tudo isto a fim de demonstrar o valor destas pedras verdes. **Outro exemplo**

Estes *mearinenses* são ordinariamente de boa estatura, bem conformados, e valentes na guerra; sendo bem guiados, não recuam e nem fogem como os outros *tupinambás*, explicando-se isto pelo fato de serem criados nos combates sempre travados contra os portugueses, aos quais atacaram outrora, escalararam suas fortalezas, tomaram suas bandeiras e nunca teriam abandonado sua primitiva aldeia, como nos contou *Thion*, seu Principal, quando veio ao Forte de São Luís, se a falta de pólvora para os canhões não obrigasse os franceses, que estavam com eles, a cederem à força e ao grande número de portugueses. **Natural dos tabajaras**

Causa gosto ver o zelo e o cuidado com que portam as espadas, que os franceses lhes dão, sempre a seu lado, sem nunca tirá-las senão quando se deitam; e, quando trabalham em suas roças, penduram-nas perto, em algum ramo de árvore, fazendo-me lembrar a história de Neemias, na reparação dos muros de Jerusalém, quando os seus habitantes traziam numa das mãos as armas, e na outra os instrumentos do trabalho.

Amor que eles têm por armas. Ofício de bons soldados

Gostam muito de trazer as espadas tão claras como cristal, e para isso as esfregam com areia fina e óleo de palmeira, amolam-nas repetidas vezes para estarem sempre afiadas, aguçam as pontas, quando estão gastas pela ferrugem, muito comum na zona tórrida. Acostumam-se a bem manejá-las, fazendo avanços e recuos, à maneira dos suíços quando esgrimam.

Além de serem corajosos e bons soldados, trabalham muito bem, e antes quero uma hora de tarefa deles do que um dia dos *tupinambás*. Seus Principais trabalham tanto quanto os subordinados de menor representação, porém o serviço é bem regrado, porque ao romper do dia levantam-se, comem alguma coisa, e depois vão eles, junto com mulher e filhos, alegres, risonhos, cantando, trabalhar nas roças, e, quando o sol principia a chegar ao seu maior pique de calor, que é perto das dez horas, deixam a lida, vão comer e dormir, e duas horas depois do meio-dia, quando o sol principia a declinar voltam outra vez ao trabalho, onde se conservam até ao anoitecer.

Amor ao trabalho bem regrado

Os Principais, que ordinariamente têm mesa franca, razão por que necessitam de roças maiores, preparam um *cauim* geral, e como to-

Como os principais fazem cultivar suas roças

dos partilham dele, se incumbem de cuidar nas plantações, o que fazem com alegria em uma ou duas manhãs, e depois vão beber na casa daquele para quem trabalharam, bebendo cada um quando

Cerimônias da cauinagem

chega a sua vez, e quando o acham bom elogiam-no com todas as forças, compõem cantigas para a ocasião, que entoam ao redor da casa ao som do *maracá*, pronunciando estas ou outras semelhantes palavras: “Oh! o vinho, o bom vinho, nunca houve igual; oh! o vinho, o bom vinho, nós o beberemos a

fartar; oh! O vinho, o bom vinho, nele não acharemos preguiça.” Chamam o vinho preguiçoso quando não tem força bastante para embriagá-los rapidamente e não lhes provoca o vômito por mais que bebam. As moças também tomam parte nesta festa, onde se dança e canta-se a valer, deitam-se logo os que se embriagam e raras vezes surgem querelas; são alegres e agradáveis nessa ocasião, especialmente as mulheres, que fazem mil macaquices a ponto de provocarem grande hilaridade, até a indivíduos mais tristes e melancólicos. Por mim confesso que nunca em minha vida me ri tanto como quando aquelas mulheres altercavam umas com as outras, empunhando copos de madeira cheios de vinho, bebendo um após outro, fazendo muitas caretas e trejeitos.

Vinho preguiçoso

Gracejos nessas cauinagens

Dão com muita facilidade o que mais prezam, como sejam suas filhas e suas mulheres, porque observei quando se cuidou, na segunda viagem do *Mearim*, que muitos *tupinambás* tanto da Ilha do *Maranhão* como de *Tapuitapera*, foram de propósito com os franceses para pedirem filhas e mulheres dos *mearinenses*, o que facilmente obtiveram, como muitos outros enfeites, que só estes povos fazem, e por isso mesmo muito caros e preciosos entre os *tupinambás*.

Liberalidade dos tabajaras

Jóias dos tabajaras

Têm eles por costume, também, o que igualmente observei entre os *tupinambás*, usarem apitos e flautas, feitos dos ossos das pernas, coxas e braços de inimigos, dos quais arrancam sons fortes, agudos e claros, e ao som deles entoam seus cantos usuais, especialmente quando estão nos *cauins*, ou quando vão à guerra.

Flauta de ossos de gente

As moças não desprezam a aliança com velhos e idosos, o que não ocorre com as dos *tupinambás*, que, antes, preferem esposar um velho, especialmente quando é Principal; e admirei-me, como coisa desagradável, ver muitas jovens, de quinze a dezesseis anos, casadas com velhos, ao contrário do que praticam as moças dos *tupinambás*, as quais passam a mocidade livremente, e só mais tarde aceitam um marido. O que acabei de dizer só tem por fim mostrar a cegueira das almas cativas do espírito imundo, que não pára de lançar imundície sobre imundície nas almas que o servem.

Escravidão de Satanás

.....

DAS INCISÕES QUE AQUELES SELVAGENS FAZEM EM SEUS CORPOS E DE COMO ESCRAVIZAM OS INIMIGOS

Cap. XIV

AQUELES povos, e não só eles, porém geralmente todos os índios do Brasil, têm por costume cortar o corpo, e recortá-lo tão lindamente, que os costureiros e alfaiates, embora hábeis em sua arte, buscam imitá-los no corte das roupas que fazem. Este costume não é só privativo dos homens, e sim também das mulheres, com a diferença única de que os homens se cortam por todo o corpo, e as mulheres se contentam em se cortarem do umbigo até as coxas, o que fazem com um dente de *cutia*, muito agudo, e uma espécie de goma queimada, reduzida a carvão, aplicada sobre a chaga; e essas incisões nunca apagam. Digo de passagem, e não para demorar-me, e sim apenas para descobrir a origem deste antigo costume, que me parece ser fundado pela natureza, visto ser praticado, já há muitos anos, por nações civilizadas, cujo conhecimento por falta de comunicação não podia ter esta nação bárbara, e, assim, inventou-o e dele usou. Soube destes selvagens que duas razões os levam a cortar assim seus corpos: uma significa o pesar e o sentimento, que têm pela morte dos pais, capturados pelos inimigos, e outra representa o protesto de vingança, que

contra estes eles prometem, como valentes e fortes, parecendo quere-
rem dizer por estes cortes dolorosos que não pouparam nem seu sangue
e nem sua vida para vingá-los, e na verdade quanto mais estigmatizados,
mais valentes e corajosos são reputados, no que **Marca de coragem**
também são imitados pelas mulheres de iguais quali-
dades.

Para mostrar a origem anterior deste costume, **Origem desse
costume**
não necessito remontar-me às histórias profanas, no que
seria prolixo, e sim contentar-me-ei fazendo ver em di-
versos trechos das Santas Escrituras quanto Deus reprova **Levítico 19**
este uso bárbaro e selvagem. No Levítico 19 *Super mortuo*
non incidetis carnem vestram, neque figuras aliquas, aut stigmata
facietis vobis. Sobre a vossa carne não fareis incisões, figuras **Levítico 21**
ou sinais. No cap. 21 *Neque in carnibus suis facient incisuras:* e
não farão incisões na sua carne. No Deut. 14 *Non vos incidetis,* **Deut. 14**
neque facietis calvitium super mortuo. No morto não fareis incisões nem ar-
rancareis os cabelos. A respeito destas passagens interpretam os padres
como fazem os gentios e os idólatras, e de maneira digna de nota o últi-
mo preceito – *não fareis incisões e nem arrancareis os cabelos,* porque se estas
duas coisas vêm juntas, que os índios sempre separam restritamente;
quanto à incisão, já sabeis o que ela significa, mas quanto ao arran-
camento do cabelo ficai sabendo que tão logo as mulheres e as moças sa-
bem do cativo ou morte na guerra dos seus pais ou maridos, cortam os cabelos, gritam e lamen-
tam-se horrivelmente, instigando os seus à vingança, a tomar as armas e a perseguir os inimigos, como farei ver quando
narrar a História dos *tremembés*. **Por que as mulheres
cortam os cabelos**

Dos escravos, que me deram naquelas **Forma de capturar
os prisioneiros**
terras para trabalharem a bem da minha subsistên-
cia, soube da maneira como os faziam prisioneiros e
os tornavam escravos. Certo dia repreendi, por sua preguiça, um deles,
forte e valente, que me fora dado por um *tupinambá*, e ele, para minha
ciência, me deu a seguinte resposta, embora branda (bem sei o que é ne-
cessário observar para com esta nação, que considera **Os selvagens
não querem ser
maltratados**
as repreensões chagas e feridas, e aos castigos prefe-
rem a morte) [nota 32], e por esta forma desejam an-

Cerimônia de guerra tes morrer com honra, segundo dizem, no meio das assembléias, como já muito bem descreveu o R. Padre Claude. Ei-la: “Na guerra não me puseste a mão sobre a espádua [nota 33] como fez aquele que me deu a ti para agora me repreenderes.” Nasceu-me logo a curiosidade de saber por intermédio do meu intérprete o que ele queria dizer, e então fiquei ciente de ser uma cerimônia de guerra entre estas nações, quando algum é prisioneiro de outro, bater-lhe este com a mão sobre a espádua e dizer-lhe – faço-te meu escravo – e desde então este infeliz cativo, por maior que seja entre os seus, se reconhece escravo e vencido, acompanha o vencedor, serve-o fielmente sem que seu senhor fique vigiando-o, tendo liberdade para andar por onde quiser, só fazendo o que for de sua vontade, e de ordinário casa-se com a filha ou a irmã do seu senhor, e assim vive até o dia em que deve ser morto e comido, o que não se pratica mais no *Maranhão*, *Tapuitapera* e em *Cumã*, e só raras vezes em *Caietés*.

O conhecimento disso me despertou a lembrança do que li outrora nos livros sagrados e na história dos romanos, quando procediam ao cativo dos prisioneiros; e para bem entender-se essa prática bom é notar-se, que as cerimônias exteriores foram criadas para representarem ingenuamente aquilo que diz respeito à essência; por exemplo, dobrar o joelho, beijar a mão, descobrir a cabeça, quando saudamos alguém que estimamos, são outros tantos testemunhos de apreço interno em que o temos. Antigamente as espáduas tinham hieróglifos que representavam o mistério oculto das ações internas e externas dos homens. Deixando de parte o que não serve ao meu fim, contento-me em referir os dois seguintes casos: – o cetro apoiado sobre o ombro significava o poder régio; a alabarda sobre o ombro declarava o poder dos chefes de guerra; as maças de ouro e prata, o poder do Senado e dos pontífices; os machados com ramos de parreira torneados, o poder dos consulados e dos governadores das províncias. Observe-se o que foi escrito por Isaías cap. 9 *Factus est Principatus super humerum eius*, “seu domínio foi posto sobre sua espádua”, e no cap. 22 *Dabo clavem domus Davi super humerum eius*, e “porei a chave da casa de Davi sobre sua espádua”, quer dizer, o cetro de Davi.

Ao contrário, pôr uma canga, como trazem os bois ou cavalos quando no trabalho, ou então passar debaixo de uma lança atravessada entre duas outras, ou receber sobre a espádua nua uma vergastada era sinal de escravidão, como muito bem o patenteou Isaías, cap. 9 *Iugum oneris eius et virgam humeris eius, et Sceptrum exactoris eius superasti*: “venceste o jugo do teu fardo e a vergasta sobre teu ombro, o cetro do teu exator”, falando do cativo do gentio, libertado pelo Salvador. Assim também aqueles selvagens, ao bater sobre o ombro de seus prisioneiros, queriam significar serem eles cativos seus, e a propósito encontro uma bela profecia, toda literal, narrando esta desgraça à qual estão sujeitos estes pobres selvagens cananeus, por juízo impenetrável da sabedoria divina, e participação da antiga maldição de Canaã, seu pai: é em Isaías, cap. 47 – *Tolle molam, et mole farinam: denuda turpitudinem tuam, discooperi humerum, revela crura, transi flumina*, “toma a mó, e mói a farinha, descobre tua turpitude, a tua espádua, mostra tuas coxas e passa o rio”. Aqueles selvagens tomaram a mó e a farinha, não tendo ferramenta alguma para trabalhar, quer nos bosques quer nas roças, servindo-se unicamente de machados de pedra para cortar árvores, fazer suas casas e canoas, aguçar bastões para cultivar a terra, semear seus grãos, plantar raízes, e por única recompensa do seu labor só comem farinha e raízes passadas num ralador feito de pedrinhas agudas engastadas numa tábuca de largura de meio pé. Cozinham a farinha numa grande panela de barro, ao fogo, como amplamente está escrito na *História* do R. P. Claude. É tão patente sua rusticidade, que suas mulheres e moças, por mais que tenham pudor, têm dificuldade em se vestirem. Trazem o ombro descoberto, sujeito a este grande cativo, comum a todas estas nações. Mostram as coxas, e a fornicção está disseminada entre eles sem reprovação, menos o adultério. Passam rios buscando ilhas desconhecidas em busca de segurança.

Ibid.

**Desgraça desses
pobres índios**

Isa. 47

**Bela profecia
desta desgraça**

.....

DAS LEIS DO CATIVEIRO

Cap. XV

JÁ QUE estamos falando dos escravos, bom é tratar das leis do cativo, isto é, das que os escravos devem guardar, que são as seguintes.

I. Lei dos cativos Primeiramente não devem tocar na mulher do senhor, sob pena de serem flechados logo, e a mulher morta ou pelo menos bem açoitada, e devolvida aos pais, resultando-lhe muita vergonha por ter sido companheira de um dos seus servos. Notai que as moças não são desprezadas por se entregarem a quem muito bem lhes parece enquanto solteiras, logo porém que recebem um marido, se se entregam a outro, além da injúria de serem chamadas *Patakeres*, quer dizer, prostitutas, têm os maridos o poder de matá-las, açoitá-las e repudiá-las.

É bem verdade que os franceses abrandaram esta lei tão rude, não dando permissão aos maridos de matar tanto o escravo como a mulher adúltera, ordenando que fossem conduzidos ao Forte de São Luís para ser punidos, ou eles mesmos infringir-lhes o castigo, como vi acontecer, entre outros fatos, no adultério cometido pela mulher do Principal *Uirapirã*, e um escravo, muito bonito rapaz.

Tinha o referido escravo muito amor a esta mulher, e depois de ter cogitado todos os meios de aproveitar dela, viu-a ir um dia sozinha à fonte, muito longe da aldeia; foi logo atrás expor-lhe sua vontade e depois, abraçando-a com força, arrastou-a para um bosque, onde saciou seus desejos, e como ela era de boa família não quis gritar com medo de ser difamada, e ainda por cima pediu segredo ao escravo. Aborrecido o marido com a longa ausência da mulher, que demorou muito a voltar, desconfiando de alguma coisa por ser ela bonita e charmosa, foi à fonte, onde encontrou perto o pote de sua mulher cheio de água; e lançando a vista ao redor, como costumam praticar os homens ciumentos, viu sair a mulher de um lado do bosque e o escravo de outro. Agarrou o escravo pelo pescoço confiou-o à guarda dos seus amigos e levou a mulher pela mão para a casa dos pais dela, que se comprometeram a devolvê-la quando a pedisse de volta. Na manhã seguinte, em companhia dos seus, levou o escravo à minha casa, expondo-me o fato como acima referi, acrescentando que se não fosse o respeito a recomendações dos padres e dos franceses, ele teria matado o escravo, perdoando contudo a mulher visto ter sido forçada, a qual já havia devolvido aos pais com intenção de repudiá-la. Louvei a sua obediência e respeito: era na verdade um homem bem feito, de bonito rosto, e bom corpo, falando bem e em bons termos, mostrando tanto nas maneiras, tanto no rosto como no corpo, generosidade e nobreza de caráter. Mandei-o à presença do senhor de Pesieux, loco-tenente de Sua Majestade na ausência do Sr. de la Ravardière, que, tendo ouvido a queixa, mandou carregar de ferros os pés do escravo, prometendo ao Principal fazer a justiça que ele quisesse. Replicou-lhe o Principal que desejava vê-lo morto como era costume; respondeu o senhor de Pesieux, que Deus tinha ordenado em sua lei que deviam morrer tanto o homem como a mulher adúltera. “Sim”, disse o Principal, “porém ela foi constrangida.” “Não”, respondeu o senhor de Pesieux, “a mulher não pode ser forçada por um só homem, ou pelo menos deve gritar, e não pedir segredo ao selvagem, o que é tácito consentimento.” Dizia tudo isto para salvar o escravo da morte, porque sabia muito bem não concordar o Principal na morte da mulher em virtude de ela ter muitos parentes. Conseguiu-o logo, porque ele pediu ao senhor de Pesieux não matasse o escravo, mas sim o prendesse na goliha, e que lhe fosse permitido açoitá-lo à vontade. “Sim”, disse-lhe o Senhor, “contanto que dês quatro açoites com cordas em tua mulher, diante de todas as mulheres, que se acharem no Forte, e ao som da corneta.” Tendo todos concordado, na manhã seguinte foi a mulher interro-

gada e acareada com o escravo, reconheceu-se que o fato aconteceu como já referi, foram ambos conduzidos à praça pública do Forte, onde se instalou o esteio e a golilha. O marido representou o papel de verdugo, escolheu três ou quatro cordas bem grossas, que enrolou no braço, deu uma volta na mão direita, e com elas açoitou a mulher por quatro vezes, deixando-lhe vergões bem grossos e compridos, impressos sobre seus rins, ventre e costas, não sem derramar muitas lágrimas, que lhe corriam ao longo das faces, e lançando profundos suspiros. A mulher também gemia, com a vista baixa, envergonhada de assim se ver rodeada por tantas mulheres, que, como ela, também choravam tanto por compaixão como apreensivas de que para o futuro lhes acontecesse o mesmo, e até mais do que isso. Os homens ao contrário mostravam-se alegres diante de tão boa justiça, e gracejando diziam a suas mulheres – Ah! Se te pilho! Durante todo o dia estiveram tristes as mulheres dos *tabajaras*.

Depois de haver aplicado quatro chicotadas na mulher, este bom marido lhe disse: “Eu não tinha desejos de te castigar, fiz o que pude diante do Maioral dos franceses para te salvar, porém vai, enxuga tuas lágrimas, não chores mais e tornarei a te tomar por mulher, e te levarei para casa quando acabar de castigar o escravo.” Sabe Deus se o pesar que ele sentiu pelos açoites que aplicou na mulher, não descon- tocou no pobre escravo, porque, pondo-o na praça, fez um círculo de raio da extensão do chicote e afastou os presentes para além dessa marca. Tinha o escravo grilhões nos pés, estava em pé, nu como a palma da mão, e assim sofreu o castigo, sem dizer uma palavra e sem sair do lugar. O Principal, quase sem fôlego, com o esforço de surrar aquele pobre corpo, suspendeu a surra por três vezes, descansou, e, logo recomposto, começou, e de tal maneira, que não poupou uma só parte do corpo do escravo. Começou pelos pés, subiu pelas pernas, coxas, partes naturais, rins, ventre, espádua, peito, e acabou no rosto e na cabeça. Esteve o escravo muito tempo doente por este castigo, sempre com ferros nos pés, conforme pediu o Principal; porém passado algum tempo consentiu que os tirassem, a pedido do senhor de Pesieux, que desejava satisfazer os seus Principais para melhor obrigá-los a serem fiéis aos franceses. Acabada a festa, tomou conta da mulher, que já não chorava, e sim principiava a rir, e assim voltaram para casa como se nada tivesse acontecido.

.....

DE OUTRAS LEIS PARA OS ESCRAVOS

Cap. XVI

CONSISTEM as outras leis em não poderem os escravos de ambos os sexos casarem-se senão com permissão dos seus senhores, porque tanto uns como outros moram juntos e seus descendentes pertencem ao mesmo dono. Os selvagens *tupinambás* tomam ordinariamente para mulher as jovens cativas, e dão suas próprias filhas ou irmãs aos rapazes escravos a fim de cuidarem no arranjo da casa e da cozinha. Praticam o contrário os franceses, porque compram homens e mulheres escravas para casá-los, ficando a mulher com o dever de cuidar do arranjo da casa, e o marido vai à pesca e à caça. Se acontece de um francês comprar alguma jovem escrava, mostra-a a algum jovem *tupinambá*, que morre de amores pelas que são belas, depois promete-lhe que será seu genro pois ama sua escrava como se fosse a própria filha para assim vir o *tupinambá* morar com ele, casar com a jovem e, desse modo, ter com uma escrava dois escravos, aos quais trata por filho e genro, e eles o chamam *seu Cheru*, isto é, o seu pai.

**Outras leis da
escravidão**

**Como os franceses
tratam os escravos**

As jovens escravas que não se casam dispõem de si como querem se porventura seus senhores não lhes proibem expressamente relações com certos e determinados indivíduos, porque então, se fossem apanhadas, seria ruim para elas. Mas quando seus se-

Outra lei

nhores lhes impõem completa abstinência, elas lhes dizem bem claramente que então as tomem por mulher visto eles não quererem que al-

Outra lei guém as ame.

Devem os escravos trazer fielmente o resultado da sua pescaria e caçada, e depô-lo aos pés do seu senhor ou senhora, para eles escolherem o que querem e depois lhes darem o restante. Não podem trabalhar para outrem sem consentimento do seu senhor, e nem dar seu rebanho, que lhes deu o senhor, sem falarem antes com ele, pois de outra forma pode ser tomado como coisa que não pertence legitimamente aos escravos.

Não devem passar pela parede das casas, que são feitas de *pin-doba*, ou ramos de palmeira, senão serão considerados criminosos de morte, porque devem passar pela porta de uso comum, ou através da parede de palha, coisa que é indiferente aos *tupinambás*.

Não devem fugir, porque, quando são apanhados, devem ser comidos, pois não pertencem mais ao senhor, e sim a todos.

Outra lei Por isso quando se traz de volta um escravo fugido, as mulheres velhas saem da aldeia, vão ao seu encontro gritando: “É nosso, entregai-nos, queremos comê-lo”, e batendo com a mão na boca, gritam umas para as outras com certa ênfase: “Nós o comeremos, nós o comeremos, é nosso.” Vou dar-lhes um exemplo:

Exemplo Um guerreiro Principal da Ilha do *Maranhão*, chamado *Ybuira Puitan* [nota 34], que quer dizer a “árvore do Brasil”,* ao regressar da guerra trouxe consigo alguns escravos, um dos quais procurou escapar, porém, sendo apanhado, foram as velhas ao seu encontro batendo na boca com as mãos, e dizendo: “É nosso, entregai-o, é necessário que seja comido.” Houve muita dificuldade para salvá-lo, apesar da proibição de não se comerem os escravos, e, se não fossem empregadas ameaças, ele teria passado pelas mãos e goelas das velhas.

Se acontece morrerem doentes estes escravos, sendo assim privados do leito de honra, isto é, serem mortos e comidos publicamente, pouco antes do seu falecimento levam-nos para o mato, lá partem-lhe a cabeça, espalham** o cérebro, e deixam o corpo insepulto e entregue a certas aves grandes, semelhantes aos

* Ibirapitanga: o pau-brasil. (Nota desta edição.)

** Urubus, certamente. (Nota desta edição.)

nossos corvos, que comem os enforcados e os mortos na roda. Quando são achados mortos em seus leitos, são jogados no chão, arrastados pelos pés até o mato, onde lhes quebram a cabeça, como acima disse, o que já não se pratica na Ilha e nem em suas circunvizinhanças, senão raras vezes e ocultamente.

Gozam também de muitos privilégios, que os levam a residir voluntariamente entre os *tupinambás*, sem desejar fugir, considerando seus senhores e senhoras como pais e mães, pela docilidade com que os tratam, cumprindo assim seu dever; os senhores não ralham com eles e nem os ofendem, não os espancam, desculpam-nos em muita coisa contanto que não ofendam os seus costumes; são muito compadecidos, e chegam a chorar quando os franceses tratam os seus com aspereza, e se outros se lastimam do tratamento dos franceses, acreditam integralmente no que dizem. Quando fogem dos franceses eles os ocultam, levam-lhes o sustento nos matos, vão visitá-los, as jovens vão dormir com eles, contam-lhes o que está acontecendo, aconselham-nos sobre o que devem fazer, de tal sorte que é muito difícil apanhá-los, apesar de irem atrás deles uns vinte homens; mas não fazem isto com os escravos dos seus semelhantes. Vem a propósito contar que um dia perguntei a um dos escravos que tinha, se não estava satisfeito vivendo comigo, não só porque o ensinei a temer a Deus, como também pela certeza que tinha de jamais ser comido, e que, quando cristão, seria livre, morando com os padres como se fosse filho deles. Pelo intérprete respondeu-me julgar-se feliz por haver caído nas mãos dos padres, tanto por conhecer a Deus como por viver com eles, e se fosse para o poder de outro chefe, não o preocuparia muito ser comido, porque, acrescentava ele, quando se morre, nada mais se sente; quer eles comam ou não, é o mesmo para o morto: “Eu me zangaria morrer na minha cama, e não à maneira dos grandes no meio das danças e dos *canins*, a fim de vingar-me, antes de morrer, dos que iriam comer-me. Quando penso que sou filho de um dos grandes da minha terra, que meu pai é homem temido, que todos o rodeavam para escutá-lo quando ele ia à *casa grande* [nota 35], vendo-me agora escravo, sem pintura no corpo, sem cocar, sem enfeites nos braços, e nem nos pulsos, como acontece aos filhos dos grandes nas nossas terras, antes queria ser morto

**Privilégios
dos escravos**

Exemplo

**Não se importam
de ser comidos**

**Arrependimento
dos escravos**

especialmente quando me lembro que fui agarrado ainda menino, com minha mãe, lá na minha terra, e trazido para *Cumã*, onde vi matarem e comerem minha mãe, com quem desejei morrer, porque ela me amava muito, e por isso não posso senão lamentar minha vida.”

Amor dos pais pelos filhos

Ao proferir estas palavras, chorou muito, derramando grande abundância de lágrimas, a ponto de pungir-me o coração, visto saber por experiência quanto são amorosos estes selvagens para com os pais e estes para com os filhos.

Acrescentou que, depois de ter sido sua mãe morta e comida, seu senhor e sua senhora o adotaram por filho, e ele os tratava por pai e mãe. Quando falava deles era com afeição inexplicável, embora tivessem comido sua própria mãe, e já tivesse sido resolvido comê-lo também pouco tempo antes de chegarmos à Ilha. Seu senhor e senhora tinham o trabalho de vir vê-lo em nossa casa, embora fosse necessário vencer a distância de 50 léguas, desde sua aldeia até aqui.

Outro privilégios dos escravos

Gozam ainda de muitos outros privilégios, porque lhes é permitido cortejar as jovens livres, sem risco algum, olhar mesmo para as jovens de seu senhor e senhora, se quiserem, e nisto não há muita recusa, contudo elas buscam os matos e em certas cabanazinhas os esperam em hora marcada, para evitar pequena repreensão que costumam fazer às moças de boa cepa, quando se entregam a escravos: todavia essa repreensão é tão irrisória que constitui mais motivo de riso do que de desonra.

Não aos cauins

Vão livremente aos *cauins* e danças públicas, enfeitando de mil maneiras o corpo quer com pinturas, quer com penas, quando podem, pois estas são muito caras.

Vivem com os filhos de seus senhores, como se fossem irmãos, e em breve tempo gozam de muita liberdade no cativeiro.

.....

QUÃO MISERICORDIOSOS SÃO OS SELVAGENS PARA
COM OS CRIMINOSOS POR ACIDENTE E SEM MALÍCIA

Cap. XVII

ENTRE as perfeições naturais que a experiência me tem mostrado nestes selvagens, nota-se uma justa misericórdia, isto é, desejam a punição dos maus, quando por maldade praticam algum crime, e ao contrário são compadecidos e pedem clemência para aqueles que, por acidente ou por acaso, incorrem nalguma falta, e isto vou fazer-vos ver no espelho d'água de um belo exemplo que é este.

Misericórdia própria dos selvagens

Maioba é uma grande aldeia, distante três léguas do Forte de São Luís; o seu Principal é um bom homem, amado pelos franceses, e que nos fez a nossa casa. Tinha dois filhos fortes e robustos, ambos casados, e duas filhas, uma casada e uma solteira, gentis e graciosas, muito amada a solteira pelo pai e pela mãe, de tal forma que, sendo sozinhos, não falavam de outra coisa e a guardavam para um francês quando os navios voltassem, diziam eles, e os franceses se resolvessem a tomar suas filhas por mulheres. Ele fundava seus castelos e sua fortuna sobre um frágil barco, assim como aquela boa mulher, que tendo em suas mãos o primeiro ovo de sua galinha, subia na imaginação por meio dele, degrau a degrau, até alcançar um principado, no instante

História trágica

Estranho acidente com uma jovem

em que ele cai de suas mãos, levando toda a fortuna por ela esperada. Assim este homem não tendo outra consolação senão na jovem filha, poucos dias depois de ter vindo me ver numa triste noite *Jeropari* torceu o pescoço desta plantinha, virando-lhe a boca para as costas: coisa terrível! estava negra como o Diabo, os olhos esbugalhados e revirados, a boca aberta, a língua para fora, os lábios superiores e inferiores revirados a deixar ver os dentes e as gengivas, os pés e as mãos hirtos, o que poderia, pela tristeza e medo que causava, matar os seus pais. Nunca pude saber qual foi a causa disto, a não ser que ela tivesse sido infiel, e talvez visse levianamente, embora nunca tivesse causado escândalo. Embora o

Lição moral pai tivesse vendido a filha mais velha a algum francês para dela abusar, depois a tirou da companhia do marido. Dizem os que se acham em pecado mortal que estão sob o domínio e posse do Diabo, e o mesmo lhes aconteceria, se Deus quisesse.

Esse caso não foi o único, pois uma desventura arrasta outra consigo, e a primeira é embaixadora da segunda. Pouco tempo depois, este Principal promoveu uma reunião pública, com vinho, e para ela convidou não só os habitantes de sua aldeia como também os da vizinhança. Quando todos já haviam chegado e dançavam e cantavam, e o vinho feria, e muitos já se achavam embriagados, seus dois filhos, dos quais já falei, desentenderam-se e quando o autor da querela quis agarrar o irmão caçula, por acaso feriu-o no ventre com um punhado de flechas que este trazia e que logo caiu sem sentidos. Tiraram-se as flechas da barriga dele com muita dor, como bem se pode imaginar; o sofrimento fez desaparecer os efeitos do vinho, a festa ficou perturbada, as cantorias se transformaram em gritos e lamentos, o vinho em lágrimas, as danças em arranhões e arrancamento de cabelos. O infeliz pai, espectador de semelhante tragédia, sentado numa rede de algodão, ficou estupefato e caiu para trás na rede. Então disse aos que o rodeavam, que de uma só vez perdia os dois filhos, não falando no que tinha perdido antes, um ferido por sua culpa própria e o outro, que os franceses mandariam executar; e todos se condoeram dele. Resolveram então os Principais da Ilha virem ao Forte de São Luís interceder em favor do vivo.

Enquanto isso, o ferido, que contra sua vontade aproximava-se da morte, chamou o irmão e lhe disse: “Sou um grande criminoso, pois de uma só vez matei várias pessoas, isto é, a mim, a meu pai, que morrerá de tristeza, e a ti, porque os franceses te mandarão matar. Eles são justiceiros em punir os maus. Mas sabes tu o que se pode fazer? Toma meu conselho, e faz o que te digo. Os padres que vieram com os franceses, são misericordiosos, e nos amam e aos nossos filhos, e pelos seus intérpretes soube que aqui vieram para salvar-nos. Também ouvi dizer, numa reunião em nossa *casa grande*, por um dos nossos companheiros, que os antecessores dos padres batizaram antigamente quando com eles estiveram, e que viu os *canibais* se abrigarem em suas igrejas, quando faziam alguma maldade por terem certeza de que aí ninguém lhes faria mal. Faz o mesmo. Quando anoitecer vai com meu pai procurar o padre na sua cabana de *Yviret*, pede para te pôr na casa de Deus, que é defronte da residência dele, e fica lá, até que meu pai, conjuntamente com os Principais, intercedam por ti, e consigam o teu perdão do Maioral dos franceses. Para maior facilidade, tu sabes que os franceses necessitam de canoas e de escravos, ofereça pois meu pai ao chefe tua canoa e teus escravos, para que não morras.” Tudo isto foi cumprido ponto por ponto, porque este velho, pai dos dois rapazes, veio procurar-me, rogou-me e instou-me para que recebesse seu filho na casa de Deus, e intercedesse para ser perdoado pelo Maioral dos franceses, buscando convencer-me, entre outras, com estas razões:

“Vós outros padres fazeis encher de povo as vossas *casas grandes*, quando quereis, desejando ver nelas grandes e pequenos, a fim de ouvirem o motivo que vos obrigou a deixar vossas casas e terras, muito melhores do que estas, para nos ensinarem a natureza de Deus, que é, como dizeis, misericordioso e bom, amante da vida e inimigo da morte, e por isso não quer que ninguém morra assim como ele morreu num madeiro para fazer viver os mortos. Dizeis ainda que nossos filhos não são mais nossos, e sim vossos, que Deus vo-los deu, e que deles tomais cuidados até a morte; mostrai-me hoje que vossa palavra é verdadeira. Estou velho, perdi todos os meus filhos, só me resta um, que fez esta casa, que vos

Conselho de um índio ferido ao irmão

Asilo para os selvagens

Ensinando a perdoar os inimigos

Conselhos de pai para salvar o filho

estima muito e a todos os padres, e que quer ser cristão. Matou seu irmão sem pensar, ou melhor, foi seu irmão quem se matou a si próprio com as flechas que ele próprio trazia. Rogo-te o recebas na casa de Deus, e vem comigo falar ao Maioral, porque ele nada te recusará pois te estima muito. Quis trazer comigo o filho a favor de quem intercedo, porém ele teme muito a ira dos franceses. Atualmente anda errante e fugitivo pelos matos, como se fosse um javali: quando ouve o ramalhar dos ramos das árvores, pensa que são os franceses, que armados andam em busca dele para prendê-lo e conduzi-lo a *Yviret*, onde será amarrado à boca de um canhão.” Respondi pelo meu intérprete asseverando-lhe que empregaria os meus esforços, que tinha esperança de conseguir o que ele desejava porque o chefe me estimava; mas que era bom que ele fosse pessoalmente fazer seu pedido, e que eu iria depois dele. Foi imediatamente ao Forte em companhia de um dos principais intérpretes da colônia, chamado *Migan* [nota 36], e expôs seu pedido e súplicas ao senhor de Pesieux desta maneira:

“Sou um Pai muito infeliz, e acabarei minha velhice como os javalis, vivendo só, comendo raízes amargas e cruas, se de mim não tiveres piedade. A misericórdia muito convém aos grandes, e maiores não podem ser, quando usam dela e de clemência. É teu rei o maior do mundo, como nos contam os nossos que estiveram em França. Ele te mandou para aqui como um dos principais da sua corte a fim de nos livrares do cativo dos *peros*. Ora, como és grande, e misericordioso, usa de misericórdia para com os infelizes, aqueles que caíram em desgraça sem culpa. Bem sei que é preciso ser justo, e indagar o motivo para se fazer a escolha, e proceder-se a vingança sobre os maus, o que mui restritamente observamos entre nós, tal foi sempre o costume dos nossos pais, mas quando a falta não é originada por maldade nós perdoamos. Tenho dois filhos, como sabes, os quais têm vindo trabalhar no teu Forte, um matou o outro acidentalmente e sem maldade, ou para melhor dizer, suicidou-se o mais velho nas flechas do mais moço, que está vivo, e te peço que não o persigas e sim perdões. É ele que me há de sustentar na velhice; sempre foi amigo dos franceses, e quando algum vai a minha aldeia, chama logo os seus cães, e vai caçar as *cutias* e as *pacas* para ele comer. Fez a casa dos padres,

Outro discurso do mesmo selvagem

Justiça entre os selvagens

que, asseveram-me, rezarão por ele. Sempre foi muito obediente à sua madrasta, que o ama como se fosse o próprio filho; seu irmão, que sem querer ele matou, era mau, não estimava os franceses, nunca lhes deu coisa alguma, não ia à caça para eles, detestava sua madrasta, e muitas vezes a zangava; quando morreu, estava bêbado, e veio tomar a mulher do irmão, e arrancando o filho que ela tinha nos braços, atirou o menino para um lado e a mãe para outro, dando-lhe bofetadas, embora estivesse grávida; na minha presença e à vista do seu marido, e tudo sofremos com paciência; porém vindo agarrar seu irmão para espancá-lo, feriu-se no ventre com as flechas que ele próprio trazia na mão, e assim morreu. Por que perderei eu meus dois filhos, de uma só vez, e já na velhice? Se queres mandar matar o único que tenho, mata-me primeiro, e depois a ele. Ele te dá sua canoa para pescaria e seus escravos para te servirem.” Admirou o senhor de Pesieux este discurso, como depois me disse várias vezes, e o referiu a diversas pessoas, admirando-se de ver tão bela retórica na boca de um selvagem. Previno-vos que represento todos estes discursos e súplicas o mais sinceramente que me foi possível, sem o emprego de artifício algum.

Respondeu [o senhor de Pesieux] dizendo ser grande crime um irmão matar outro, mas como ele dissera ter sido antes por culpa do falecido do que pela do vivo, perdoava a pedido dos padres, a quem nada queria recusar, e assegurou-lhe logo que seu filho nada sofreria, que aceitava a canoa e os escravos, porém que tudo isto lhe oferecia para o arrimo de sua velhice visto ser ele amigo dos padres e dos franceses. Alegrou-se muito o bom velho com este ato de misericórdia e liberalidade, e não foi ingrato, não só tornando conhecido o fato por toda a Ilha, como também oferecendo ao dito senhor e a nós tudo quanto ele e o filho caçavam.

Resposta

.....

QUÃO FÁCIL É CIVILIZAR OS SELVAGENS À MANEIRA
DOS FRANCESES, E ENSINAR-LHES OS OFÍCIOS
QUE TEMOS NA EUROPA

Cap. XVIII

N

O LIV. 2º, Cap. 1º, dos Macabeus, lemos que o fogo sagrado do altar foi escondido no poço de Netar durante o cativeiro do povo e se transformou em limo. Quando o povo regressou, já livre, os sacerdotes apanharam este limo, e o deitaram na madeira do altar, levantado para os sacrifícios. Apenas o Sol, lá no alto, começou a lançar seus raios sobre o limo, este se transformou em fogo, e devorou os holocaustos. Desejo servir-me desta figura

Macab. Cap. I

**Interesse desta
passagem**

para explicar o que tenho a dizer neste e nos seguintes capítulos. Convém notar que por este fogo se deve entender o espírito humano imitando a natureza do fogo em sua atividade, leveza, calor e claridade, espírito esse que se torna lodo e limo, escondido num centro diferente do seu próprio, devido a sua alma cativa pela ausência de fé. Quero dizer que, sendo o espírito do homem criado para conhecer a Deus, e aprender artes e ciências, torna-se entorpecido e obscurecido ante as imundícies, quando sua alma está presa nas cadeias da infidelidade, sob a tirania de Satanás; mas quando sua alma desprende-se do cativeiro, pela instrução e guia dos profetas de Deus, eleva-se este espírito desse poço lamacento, e fortalecido pela luz e conheci-

mento de Deus, das artes, e das boas ciências, torna-se apto e pronto para executar o que percebe e aprende, o que farei ver, e tocar com o dedo a respeito dos nossos selvagens, e muí principalmente quando de suas perguntas mais comezinhas nasce a esperança de eles se domesticarem, e viverem reunidos numa cidade, negociando, aprendendo officio, estudando, escrevendo e adquirindo ciências.

Perguntas corriqueiras sobre a aptidão dos índios

Em princípio, tenho para mim que são mais fáceis de serem civilizados do que os aldeões de França, por ter a novidade não sei que poder sobre o espírito a fim de despertá-lo a aprender o que ele vê novo, e lhe agrada. Os nossos *tupinambás* nunca tiveram idéia alguma de civilização até hoje; eis a razão por que eles se esforçam, por toda a forma, a imitar os nossos franceses, como depois direi. Ao contrário, os aldeões da nossa França estão de tal sorte enraizados em sua rusticidade, que, em qualquer conversação, embora nas cidades entre pessoas distintas, sempre mostram sinais de camponeses.

Resposta

Os *tupinambás*, depois de dois anos de convivência com os franceses, aprenderam com estes a tirar o chapéu, a saudar a todos, a beijar as mãos, a cumprimentar, a dar os bons-dias, a dizer adeus, a ir à igreja, a benzer-se com água benta, a ajoelhar-se, a ficar de mãos postas em prece, a fazer o sinal-da-cruz na testa e no peito, a bater na barriga diante de Deus, a ouvir missa e sermão, mesmo que nada compreendam, a portar o *Agnus Dei*, a ajudar o sacerdote à missa, a sentar-se à mesa, a estender a toalha diante de si, a lavar as mãos, a pegar na carne com três dedos, a cortá-la no prato, e a beber em comum, em suma, a praticar todos os atos de civilidade e de educação que se costuma praticar entre nós, e já se acham tão adiantados nisso que parece terem vivido sempre entre os franceses. Ninguém pois poderá contestar-me que não sejam estes fatos bastante para convencer-nos de que devemos esperar e acreditar vir a ser esta nação, com o andar dos tempos, civilizada, educada e honesta.

Imitam a etiqueta dos franceses

Como os exemplos provam mais que outra qualquer espécie de argumentação, vou contar-vos o caso de alguns selvagens educados em casa de nobres. Atualmente há no Maranhão uma mulher selvagem, de uma das boas linhagens da Ilha, que

Exemplos do acima referido

foi antigamente, quando bem pequena, tomada pelos portugueses, e vendida como escrava a D. Catarina Albuquerque, sobrinha do grande Albuquerque, vice-rei das Índias Orientais, sob o domínio do rei de Portugal, a qual reside presentemente em Pernambuco, e é Marquesa de Fernand de la Rogne, * ilha muito bela e fértil, segundo diz o Reverendo Padre Claude em sua *História*. Esta menina feita cristã educou-se tão bem na civilização que, se a vestissem à portuguesa, não se poderia facilmente dizer qual a sua origem, se portuguesa, se selvagem, trazendo nos olhos a vergonha e o pudor, que deve ter uma mulher, e ocultando com cuidado a imperfeição do seu sexo. Eu poderia dizer também outro tanto de muitos selvagens, educados entre os portugueses, alguns dos quais foram à França, que conservam ainda hoje o que aprenderam, e o praticam quando se acham entre os franceses.

É recente entre eles o uso dos bigodes e da barba; porém, como **Imitam a coqueteria dos franceses** vêm os franceses valorizarem isto, vários também deixam crescer a barba e cultivam os bigodes.

Quanto às artes e ofícios, têm eles incomparável aptidão. **Aprendem com facilidade as artes** Conhecço um selvagem do *Mearim*, chamado Ferreiro, por causa do ofício que aprendeu, só por ver trabalhar um ferreiro francês que nada lhe explicou. Sabia mui-

Exemplo to bem malhar com os outros uma barra de ferro incandescente, como se tivesse longa prática, apesar de ser coisa muito sabida entre os artífices do mesmo ofício que é necessário muito tempo para aprender-se a música dos martelos na bigorna do ferreiro. Achar-se este mesmo selvagem nas terras perdidas do *Mearim* com seus semelhantes, sem bigorna e martelo, limas e tornos, trabalhava contudo muito bem fazendo pontas para flechas, arpões e anzóis para pescar. Por bigorna tinha uma pedra muito dura, por martelo outra de menor consistência, e depois, aquecendo o ferro ao fogo, dava-lhe a forma que queria.

Os ofícios mais necessários entre eles são os de ferreiro, **Aptos para o ofício de tecelão e embira** tecelão, carpinteiro, marceneiro, cordoeiro, alfaiate, sapateiro, pedreiro, ceramista, oleiro e agricultor. Para todos estes ofícios são aptos e inclinados pela natureza.

* Fernando de Noronha. (Nota desta edição.)

Para o de ferreiro já referimos um exemplo. Quanto ao ofício de tecelão seria a sua especialidade se aprendessem; tecem seus leitos muito bem, trabalham em lã tão perfeitamente como os franceses, embora não empreguem a lançadeira, e nem a agulha de ferro, e sim pequenos pauzinhos.*

Contarei agora uma bonita história. Fui um dia visitar o grande *Thion*, Principal dos pedras-verdes *tabajaras*; quando cheguei a sua casa, e porque lhe pedisse, uma de suas mulheres me levou para debaixo de uma bela árvore no fim da sua cabana, que a abrigava dos ardores do sol, onde estava armado um tear de fazer redes de algodão, em que ele trabalhava. Eu me surpreendi muito de ver este grande capitão, velho chefe de sua nação, enobrecido por tantas cicatrizes, entregando-se com prazer a este ofício, e não podendo conter-me, perguntei-lhe a razão disto, esperando aprender alguma coisa de novo neste espetáculo tão particular. Pelo meu intérprete perguntei-lhe a razão por que se dava a esse trabalho. Respondeu-me: “Os rapazes observam minhas ações e praticam o que eu faço; se eu ficasse deitado na rede a fumar o *petun*, eles não queriam fazer outra coisa; quando me vêem ir para o campo com o machado no ombro e a foice na mão, ou tecer rede, eles se envergonham de nada fazer. Jamais me senti tão recompensado.” Eu e os que comigo então se achavam sentimos muito prazer ao ouvir estas palavras, e eu desejaria vê-las praticadas por todos os cristãos, porque então a ociosidade, mãe de todos os vícios, não estaria em França, como atualmente se vê.

Belíssimo exemplo

**Apotegma
para os chefes**

O ofício de carpinteiro não lhes é muito difícil, porque os vi fazendo suas casas, e as dos franceses, assentando o machado, e repetindo o golpe no mesmo lugar, quatro ou cinco vezes, com tanta firmeza como faria qualquer carpinteiro bem hábil.

Da carpintaria

A arte de marcenaria lhes é fácil, porque com suas foices tornam tão liso e tão igual qualquer pedaço de madeira como se tivessem passado a plaina nele. Com o auxílio de suas facas somente fazem macaquinhos e outras figuras de ma-

Da marcenaria

* Os *bilros* em sua origem, talvez. (Nota desta edição.)

deira. Não precisam de serra, e nem de outro qualquer instrumento para fazer seus arcos, remos e espada de guerra, pois basta-lhes uma simples machadinha. Cavam, arranjam suas canoas, e dão-lhes a forma que lhes apraz. Em suma, todos os ofícios acima citados eu os vi praticar com tal habilidade a ponto de parecer-me que, com pouco tempo de ensino, chegariam à perfeição. Além disso fazem vestidos muito bem, cobertas

Da plumária de cama, sobrecéus, sanefas e cortinados de cama com penas de diversas cores, que por sua perfeição se pensa terem vindo de fora. Não falarei da propensão natural que eles têm para pintar, fazer diversas folhagens e figuras, servindo-se apenas de uma pequena lasca de madeira, ao passo que os nossos pintores necessitam de muitos pincéis, compassos, réguas e lápis.

.....

QUÃO APTOS SÃO OS SELVAGENS PARA
APRENDEREM CIÊNCIAS E A VIRTUDE

Cap. XIX

QUANDO regressei das Índias* para a França, diante das frequentes e constantes perguntas feitas pelas pessoas que me vinham visitar, me dei conta do quão é difícil para os franceses acreditarem que os selvagens sejam aptos para aprenderem ciência e virtude, e não sei se alguns chegam ao ponto de julgar bárbaros estes povos, antes do gênero dos macacos do que do dos homens. Quanto a mim, eles são homens, e o provei, e portanto capazes de dominarem ciência e virtude. Sêneca, na sua epístola 110, disse: *Omnibus natura dedit fundamenta semenque virtutum*. “A natureza deu a todas as criaturas, sem exceção de uma só, as raízes e as sementes das virtudes”, palavras mui notáveis; assim como as raízes e as sementes são lançadas na terra e por conseguinte enterradas em suas entranhas, assim também Deus lançou naturalmente no espírito do homem os fundamentos e as sementes da virtude; com tais alicerces pode o homem, ajudado por Deus, edificar um prédio, e extrair da semente uma bela árvore carregada

**A opinião comum
sobre os selvagens**

Resposta de Sêneca

* Refere-se ao Brasil, no Novo Mundo, que na época imaginava-se ser o Novo Mundo a costa das Índias, chamadas então Índias ocidentais. (Nota desta edição.)

da de flores e de frutos, doutrina esta muito bem provada por S. João

De S. Cristóvão Crisóstomo, na Homilia 55, ao povo da Antióquia, e na Homilia 15, a respeito da Epístola 1^a a Timóteo, moralizando esta passagem do Gênese: – *Germinet terra herbam virentem, et omne lignum pomiferum*, “produza a terra erva verdejante e toda espécie de árvore frutífera”, acrescentou ainda – *Dic ut producat ipse terra fructum proprium, et exhibit quicquid facere velis*, “dize e ordena à tua própria terra, isto é, à tua alma, que produza seu fruto natural, e verás ela logo produzir o

De S. Bernardo que pedires”. São Bernardo, no tratado da vida solitária, disse: – *virtus vis est quaedam ex natura*, “a virtude é uma certa força que brota da natureza”. Se assim não for, quero provar muitos exemplos, começando pelas ciências, para cujo ensino concorrem as três faculdades da alma – vontade, intelecto e memória: a vontade dá ao homem o desejo de aprender, e por ela vencemos toda a sorte de trabalhos e dificuldades; o intelecto dá vivacidade para compreender; e a memória guarda e conserva o que conheceu e aprendeu.

São mui curiosos os selvagens de saber novidades, e para satisfazer tal desejo os caminhos e a distância das terras, por maiores que sejam, lhes parecem curtos; não sentem a fome por que passam; e os trabalhos são como que descanso para eles; prestam-vos toda a atenção, escutam o que disserdes durante o tempo que vos parecer, sem enfado e em silêncio, a respeito de Deus, ou de qualquer assunto, e se tiverdes paciência eles vos farão milhares de perguntas. Lembra-me, que entre as práticas, que eu lhes fazia ordinariamente por intermédio do meu intérprete, eu lhes disse que apenas chegassem de França os padres, eles mandariam edificar casas de pedra ou de madeira, onde seriam recolhidos os seus filhos, aos quais os padres ensinariam tudo o que sabem os *carátbas*. Responderam-me: oh! quão felizes serão nossos filhos por aprenderem tão belas coisas, oh! quão infelizes somos nós e os nossos

Exemplo para a segunda faculdade antepassados por não ter tido principais. É viva a inteligência deles, como reconheceréis pelo seguinte fato. Não há estrelas no Céu que eles não conheçam e calculam pouco mais ou menos a vinda das chuvas e as outras estações do ano. Pela fisionomia distinguem um francês de um português, um *tapuia* de um *tupinambá*, e assim por diante. Nada fazem antes de pensar. Eles avaliavam as coisas antes de emitir opinião. Ficam sérios

e pensativos, porém não se precipitam em falar. Mas, dizeis vós, como é possível que estas pessoas tenham tal juízo fazendo o que fazem? Porque eles dão por uma faca cem escudos de âmbar-gris, ou qualquer outra coisa, que apreciamos, como sejam: ouro, prata e pedras preciosas. Eu vos direi a opinião que eles fazem de nós, muito contrária neste ponto: julgam-nos loucos e pouco judiciosos em apreciar mais as coisas que não servem para o sustento da vida do que aquelas que nos proporcionam o viver comodamente. Na verdade, quem deixará de confessar ser uma faca mais necessária à vida do homem, do que um diamante de cem mil escudos, comparando um objeto com outro, e pondo de parte a estima que se lhe dá? Para provar que não lhe falta juízo a fim de avaliar a estima que fazem os franceses das coisas existentes em sua terra, basta dizer que eles sabem alterar muito o preço das coisas que julgam ser apreciadas pelos franceses. Um dia disseram-me alguns que era preciso haver muita falta de madeira na França, e que experimentássemos muito frio para mandarmos navios de tão longe, sujeitos a tantos perigos, abarrotarem-se de madeiras [nota 37]. Respondi-lhes que não era para queimar e sim para tingir de cores as roupas. Replicaram-me: por que nos comprais o que cresce em nosso país a troco de vestidos vermelhos, amarelos e verde-gaios? Eu os satisfiz dizendo ser necessário misturar outras cores com as do seu país para tingir panos. Se me disserdes que eles praticam ações inteiramente brutais, como as de comer os inimigos e fazer de tudo que lhes cause feridas, como seja expô-los em lugares onde há piolhos, vermes, espinhos, etc., eu vos responderei não provir isto de falta de juízo, porém sim de um erro hereditário, sempre existente entre eles, por pensarem que sua honra depende de vingança. Parece-me que também não é desculpável o erro dos nossos franceses de se matarem em duelo, e contudo vemos os mais belos espíritos e os mais elevados níveis da nobreza serem dominados com este erro, desprezando a lei de Deus, e arriscando a eternidade de sua salvação.

Objeção

Opinião dos selvagens sobre as riquezas

Gracioso pedido de um selvagem

Resposta

Outra objeção

Resposta

Duelos comparados a crueldade dos selvagens

Eles têm memória muito boa, lembram-se sempre do que viram e ouviram e vos representarão

Exemplo para a terceira faculdade

todas as circunstâncias, seja do lugar, do tempo, seja das pessoas, quando o caso se contou ou aconteceu, fazendo com a ponta do dedo na areia uma representação ou descrição natural do que estão contando.

O que mais me admirou foi vê-los narrar tudo quanto vem-se passando desde tempos imemoriais, somente por tradição, porque têm por costume os velhos contarem diante dos moços quem foram seus avós e antepassados, e o que se passou no tempo deles; fazem isto na *casa grande*, algumas vezes nas suas residências particulares, acordando muito cedo, e convidando gente para ouvi-los, e o mesmo fazem quando se visitam, porque abraçando-se com amizade, e chorando mansamente, contam um ao outro, palavra por palavra, quem foram seus avós e antepassados, e o que se passou no tempo em que viveram.

.....

CONTINUAÇÃO DO ASSUNTO PRECEDENTE

Cap. XX

CONCORDO que sejam estes povos inclinados pela natureza a muitos vícios, porém é necessario lembrar-nos que, por falta de fé, eles são cativos destes espiritos rebeldes à lei de Deus, e instigadores da sua transgressão. São João, na sua Epístola 1^a, chama iniquidade ou desigualdade, ou seja, desvio ou digressão do direito, como muito bem explica o texto grego assim traduzido: *Peccatum est exorbitatio a lege*. Esta lei é de duas espécies: divina ou humana. A primeira dada por escrito a Moisés, e depois por Jesus Cristo aos cristãos; a segunda acha-se gravada no íntimo da alma. Ao transgredir-se estas duas leis, cometem-se dois pecados, um contra os mandamentos de Deus, e outro contra a luz natural. Por eles serão acusados e condenados os incrédulos, cada um de *per sí*, além do pecado comum de serem infiéis.

Desculpa para os selvagens

João Epist.

Duas leis dadas ao homem

Entre todos os vícios a que estão sujeitos estes bárbaros, sobressai a vingança, pois nunca perdoam, e a praticam logo que podem, apesar das boas aparências com que tratam os inimigos reconciliados. Não há a menor dúvida de que, se os franceses se retiram do Maranhão, todas as nações, antes inimigas, que aí residem promiscuamente, sob a nossa aliança, de-

Vingança própria aos selvagens

vorar-se-ão umas às outras, embora seja estranho que eles vivem hoje muito bem sob o domínio dos franceses, e até entregando as filhas em casamento entre si.

Gostam tanto de vinho a ponto de a embriaguez ser considerada por eles, e até mesmo pelas mulheres, uma grande honra. São impudicos extraordinariamente, mais as mulheres do que quaisquer outros, boateiros, mentirosos, levianos e inconstantes, vícios mui comuns a todos os incrédulos; e por último são extremamente preguiçosos, a ponto de não quererem trabalhar, embora vivam na miséria antes do que na opulência por meio do trabalho. Se eles quisessem, não era necessário se esforçarem, por terem em poucas horas abundância de carne e peixe. O que acabo de dizer, refere-se especialmente aos *tupinambás*, porque as outras nações, como sejam os *tabajaras*, os *cabelos-compridos*, os *tremembés*, os *canibais*, os *pacajaras*, os *camarapins*, e os *pinarienses* e outros trabalham muito para viver, ajuntar gêneros, e se acomodarem tanto em casa como em suas tarefas.

Vou dar-vos um feliz exemplo da preguiça dos nossos *tupinambás*. Tendo obtido alguns franceses do Forte licença para irem passear às aldeias, foram à de *Vsaap*. Na entrada da primeira choupana encontraram um grande *fumeiro* cheio de caça, e ao lado dele um índio, dono da casa, deitado numa rede de algodão, reclamando muito, como se estivesse bastante doente. Os nossos franceses, famintos e prontos a festejarem esta mesa tão bem preparada, lhe perguntaram com brandura e carinho *Dé omano Chetuasap*, “está doente, meu compadre?” “Sim”, respondeu ele. “Que tendes”, replicaram os franceses, “quem vos fez mal?” “Minha mulher”, disse ele. “Foi para a roça desde de manhã, e eu ainda não comi.” “A farinha e a carne estão tão perto de vós, por que não vos levantai para comer?”, prosseguiram os franceses. Ele respondeu: “*Cheateum*, sou preguiçoso, não sei levantar-me.” “Quereis”, tornaram os franceses, “que vos levemos a farinha e a carne, e comeremos convosco?” “Quero”, respondeu ele de imediato. Começaram todos a aliviar o *fumeiro*, puseram tudo diante dele, e assentando-se em roda, como é de costume, excitaram-lhe a vontade de comer pelo apetite que demonstravam, e o trabalho que eles tiveram de

tirar a comida de cima do *fumeiro*, distante três pés, foi o único pagamento de tal companhia à mesa.

Apesar de suas perversas inclinações, eles têm outras muito boas, louváveis e virtuosas. Vivem pacificamente com os outros, dividem com eles o resultado de sua pescaria, caça e outros víveres, e não comem às escondidas. Um dia, na aldeia de *Januarã*, só tinham farinha para comer. Apareceu um rapaz trazendo uma perdiz morta há pouco; sua mãe depenou-a ao fogo, cozinhou-a, deitou-a num pilão, reduziu-a a pó, e, juntando-lhe folhas de *mandioca*, cujo gosto é semelhante ao da chicória-selvagem, fez ferver tudo, e depois de bem picado ela misturou o pó da perdiz com a farinha e a chicória, e desta mistura fez pequenas bolas, do tamanho de uma bala, e mandou distribuí-las pela aldeia, uma para cada choupana. Vi uma coisa mais que admirável, embora trivial e de pouca conseqüência. Apareceram em minha casa muitos selvagens esfaimados, vindos da pescaria, na qual apanharam somente um *caranguejo*, que assaram sobre carvões; e, pedindo-me farinha, o comeram todos, fazendo roda, cada um o seu pedacinho: eram doze ou treze. Bem podeis imaginar o que tocaria a cada um, sendo o *caranguejo* do tamanho de um ovo de galinha.

É muito grande a liberalidade entre eles, e desconhecida a avareza. Se algum deles tiver desejos de possuir uma coisa que pertença a outro, ele o diz francamente, e é preciso que o objeto seja muito estimado para não ser dado logo, embora aquele que pediu fique na obrigação de dar ao outro também o que ele desejar.

Tornam-se mais liberais para com os estrangeiros do que para com os compatriotas. Ficam reduzidos à pobreza conquanto que bem hospedem os estrangeiros que vão visitá-los, julgando-se bem recompensados com a fama de liberais, espalhada pelos que não são de sua terra, e julgam chegar ela até aos países estrangeiros, onde serão tidos por grandes e ricos. Com tais idéias muitas vezes vão fazer visitas a cem, duzentas e trezentas léguas a fim de serem apreciados por suas liberalidades. Nunca roubam; o que possuem está à vista, pendurado nas vigas e barrotes de suas casas. É bem verdade que

Virtudes naturais dos selvagens

São caridosos. Exemplo

Outro exemplo

Liberais

Maior liberdade para com os estrangeiros

Desejo de honra

na Ilha atualmente, em *Tapuitapera* e *Cumã*, eles têm cofres, que os franceses lhes deram, onde guardam o que têm de melhor, e assim, seja por isso, ou pelo exemplo dos franceses, muitos deles aprenderam a arte de furtar. Eles chamam **Furto** furtar *mondá*, ao larápio *mondaron*, e este nome é entre eles grande injúria, a ponto de seu rosto mudar de cor quando o empregam; chamar uma mulher de ladra, é chamá-la duas vezes prostituta, que eles expressam pela palavra *Menondere* para diferenciar de prostituta simples, chamada *Patakuere*, e aquele primeiro epíteto é o pior que se lhe pode aplicar. Da mesma forma, você será pago na mesma moeda quando, ao chamá-los de ladrões, eles lançam no seu rosto um belo e bom *Giriragoy*, isto é, “mentiste”, sem excetuar ninguém, podendo-se constatar o quanto o vício de roubar é detestado por eles, pois não podem tolerar tal injúria.

Guardam recíproca eqüidade, não se enganam nem se iludem: se um ofende outro, segue-se logo a pena de *Talião*; são mui tolerantes, respeitam-se reciprocamente, especialmente os velhos. São muito pacientes; em suas misérias e fome, chegando até a comer terra [nota 38], coisa a que **Justiça entre eles** acostumam os filhos, o que vi muitas vezes. Vi muitos **É grande sua paciência** meninos com uma bola de terra argilosa que há em sua aldeia, que é como barro, a qual apreciam e comem como fazem as crianças em França com as maçãs, as pêras, e outros frutos que se lhes dá.

Não se esmeram no preparo da carne, como nós, porque ou a cozinham ao fogo, ou a fazem ferver numa panela sem sal, ou assam-na **Sua frugalidade** no fumeiro.

.....

ORDEM E RESPEITO DA NATUREZA ENTRE
OS SELVAGENS, OBSERVADOS INVIOLAVELMENTE
PELA MOCIDADE

Cap. XXI

O QUE MAIS me impressionou e admirou, durante os dois anos em que estive entre os selvagens, foi a ordem e o respeito observados inviolavelmente pelos moços para com os mais velhos, ou entre eles, fazendo cada um o que permite a sua idade sem cuidar daquele que se acha no mais alto ou no mais baixo grau. Ninguém deixará de admirar-se comigo ao ver que a natureza mais pura tem mais força sobre estes bárbaros para fazer guardar o respeito que as crianças devem aos mais velhos e a permanecer nos limites do dever que a diferença de idade requer; que a natureza, repito, tem mais força para fazer observar essas coisas que a lei e a graça de Jesus Cristo sobre os cristãos, entre os quais raramente se nota que a juventude se mantenha nesses termos; e apesar de todos os belos ensinamentos, dos mestres e pedagogos, observam-se ainda confusão e grande presunção. A minha vontade é que o assunto a seguir nos proporcione um remédio em relação a isso.*

**Respeito dos mais
jovens com
os mais velhos**

Distinguem os selvagens suas idades por certos graus, e cada grau tem no frontispício de sua entrada seu nome próprio, que adverte ao que pretende entrar em seu

Distinção de idade

* Frase omitida nas edições em português. (Nota desta edição.)

palácio ou em seus jardins e alamedas, a sua ocupação, e isto por enigmas, como eram outrora os hieróglifos dos egípcios. O primeiro grau é destinado às crianças do sexo masculino e legítimos e dão-lhe em sua língua o

Primeiro grau de idade

nome de *peitan*, isto é, “menino saído do ventre de sua mãe”. Neste primeiro grau da idade do menino ele é inteiramente cheio de ignorância, de fraqueza e de lágrimas,

base de todos os outros graus. A natureza, boa mãe destes selvagens, quis que o menino saído do ventre da mãe se achasse em estado de receber em si as primeiras sementes do natural comum destes bárbaros, porque ele

Nascimento das crianças

não é afagado, pensado, aquecido, bem nutrido, bem tratado, nem confiado é aos cuidados de nenhuma ama, e sim apenas banhado em algum riacho ou nalguma vasilha

com água, deitado numa redezinha de algodão, com todos os seus membros em plena liberdade, nus inteiramente, tendo por único alimento o

Fácil alimentação das crianças

leite da mãe, e grãos de milho assados, mastigados por ela até ficarem reduzidos a farinha, amassados com saliva em forma de caldo, e postos em sua boquinha

como costumam fazer os pássaros com a sua prole, isto é, passando de boca para boca. É bem verdade que quando o menino é um pouco forte,

por conhecimento e inclinação natural, ri, brinca e salta, nos braços da mãe, pensando estar mastigando sua comida, levando seu bracinho à boca da nutriz para receber no côncavo da mãozinha este repasto natural, que leva à boca e come; quando se sente satisfeito, bota fora o resto, e virando a cara,

e batendo com as mãos na boca da mãe, lhe dá a entender que não quer mais. A mãe prontamente não lhe força o apetite e nem lhe dá ocasião de

Boa índole das crianças

chorar. Se o menino tem sede, sabe pedir por gestos o peito da mãe. Em tão tenra idade mostram o respeito e o dever, que a natureza lhes dá, porque não são gritadores,

contanto que vejam as mães, e ficam no lugar onde os deixam. Quando vão trabalhar nas roças elas as assentam nuazinhas na areia ou na terra, onde ficam caladinhas, ainda que o ardor do sol lhes queime o rosto ou o corpo.

Qual seria de nós que hoje poderia viver sofrendo na primeira idade tantos incômodos? Esperam os nossos pais a retribuição e dever, que principiamos a pagar-lhes desde a primeira idade, se não estão cegos pelo amor

que nos têm; o mesmo devem esperar nas outras idades, sendo mais reconhecidos os nossos deveres para com eles, custe o que custar-nos.

Começa a segunda idade quando o menino anima-se a andar sozinho, e apesar de haver alguma confusão dá-se-lhe o mesmo nome. Observei diferença na maneira de criar os meninos, que não sabem andar, e os que se esforçam para o fazer, o que nos leva a formar um grau à parte* e singularizar seu nome para adequá-lo somente a seu grau especificado pela diversidade de governo e ação. O segundo grau chama-se *Kunumy-miry*,* “rapazi-nho” [nota 39], e abrange até sete ou oito anos. Durante este tempo não se separam das mães, e nem acompanham os pais, e o que é mais, deixam-nos mamar até que por si mesmos aborreçam o peito, habituando-se pouco a pouco às comidas pesadas como os grandes e adultos. Dão-lhes pequenos arcos e flechas proporcionais às suas forças, reunindo-se uns aos outros plantam e juntam alguma cabaças, nas quais atiram suas flechas, adestrando assim bem cedo os braços. Não batem, e nem castigam os filhos, que obedecem aos pais e respeitam os mais velhos. É muito agradável esta idade dos meninos, e nela podereis descobrir a diferença existente entre nós, pela natureza e pela graça. Sem fazer comparação, acho-os mimosos, dóceis e afáveis como os meninos franceses, sem esquecer de pôr de lado a graça do Espírito Santo concedida pelo batismo aos filhos dos cristãos. Se acontece morrerem os meninos nesta idade, experimentam os pais pesar profundo, e sempre se recordam deles, especialmente nas cerimônias de lágrimas e lamentações, recordações que fazem uns aos outros, lastimando a perda e a morte dos filhinhos, dando-lhes o nome de *Ykunumirmee-seon*, “o menino morto na infância”. Vi mães, quase loucas, no meio de suas roças, ou nas matas, sozinhas, em pé ou agachadas, chorando amargamente, e quando lhes perguntava para que faziam isto, respondiam: “Oh! recordo-me da morte de meus filhinhos”, *Ché Kunumirmee-seon*, “ainda na infância”, e depois continuavam a chorar e a se afogar em lágrimas. É na verdade mui natural o ter pesar da perda e morte destes meninos, que já haviam custado tantos trabalhos aos pais, e que estavam na idade de dar-lhes alguma alegria.

Segundo grau de idade, sua alimentação e exercício

Grande sofrimento dos pais pela morte de suas crianças

Exemplo

* Na 1ª edição, de 1874, e nas que se seguiram, salto de “e singularizar” até “chama-se *Kunumy-miry*”. (Nota desta edição.)

Acha-se a terceira classe entre estas duas primeiras, da infância e puerícia, e as da adolescência e virilidade, entre os 8 e 15 anos, a que chamamos mocidade. E aos meninos os selvagens simplesmente os chamam *Kunumy* sem juntar mais nada, sendo a infância chamada *Kunumy-miry*, e a adolescência *Kunumy-uaçu*. Estes *Kunumys*, os rapazes, na idade de 8 a 15 anos, não ficam mais em casa e nem ao redor da mãe, e sim acompanham os pais, tomam parte no trabalho deles imitando o que os vêem fazer: empregam-se em buscar comida para a família, vão às matas caçar aves, e a buscar peixes, e admira ver a competência com que flecham às vezes três a três peixes juntos, ou agarram em linha feita de *tucon* ou em *pussars*, espécie de rede de pescar, que enchem de ostras e outros mariscos, e levam para casa. Não se lhes manda fazer isto, porém eles o fazem por instinto próprio, como dever de sua idade, e já feito também por seus antepassados. Este trabalho é exercício mais agradável que penoso, correspondendo a sua idade, os livra de muitos vícios, aos quais a natureza corrompida costuma prestar atenção e a ter predileção por eles. Eis a razão por que se facilitam à mocidade diversos exercícios livres e mecânicos, para distraí-la e desviá-la da má inclinação de cada um, reforçada pelo ócio mormente naquela idade.

A quarta classe é para aqueles que os selvagens chamam *Kunumy uaçu*, ou seja, “meninos grandes” ou “homens jovens”: abrange a idade de 15 a 25 anos, por nós chamada adolescência. Têm outro modo de vida, entregam-se com todo o esforço ao trabalho, acostumam-se a remar, e por isso são escolhidos para tripularem as canoas quando vão à guerra. Aplicam-se especialmente a fazer flechas para a guerra, a caçarem com cães, a flechar e arpoar peixes grandes, não usam ainda de *Karaiobes*, isto é, de um pedaço de pano atado na frente para encobrir suas vergonhas, como fazem os homens casados, e sim de uma folha de palmeira. Podem conversar livremente com os mais velhos, exceto na *casa grande*, onde só escutam, e servem também os mais velhos. É neste tempo, diga-se a verdade, que eles mais ajudam aos pais e mães, trabalhando, pescando e caçando, antes de se casarem, e portanto sem obrigação de sustentarem mulher. Eis por que os pais sentem muito

Terceiro grau, seu dever e exercício

Ócio, a peste da juventude

Quarto grau de idade, seu dever e exercício

Sofrimento pela morte dos adolescentes

quando eles morrem nesta idade, dando-lhes em sinal de sua dor o nome de *Ykunumy-uaçu-remee seon*, que quer dizer “o menino grande morto” ou “o menino grande morto na sua adolescência”.

Abrange a quinta classe desde 25 até 40 anos, e se chama *Aua* o indivíduo nela compreendido, vocábulo aplicado a todas as idades, assim como usamos com o nome homem. No entanto, deve ser particular desta idade, assim como o homem é pelos latinos chamado *vir, à virtute*, e em francês idade viril, de virilidade, quer dizer a força, que no homem chegou a seu termo. Nesta mesma língua de selvagens a palavra *Aua*, de que procede *Auatê*, quer dizer “forte, robusto, valente, audacioso”, para significar a 5ª idade dos filhos. Nessa ocasião, como guerreiros são bons para combater, nunca porém para comandar:

Quinto grau de idade, seu dever e exercício

buscam casar-se nesta época, o que não é difícil por consistir o enxoval da noiva apenas de algumas cabaças, que lhe dá a mãe para principiar sua casa, vestidos, e roupas, ao contrário do nosso país onde as mães fornecem roupas, linho, enfeites e jóias a suas filhas. Os pais dão por dote aos maridos das filhas 30 ou 40 toros de madeira de tamanho próprio a poderem ser levados à casa dos recém-casados, que servem para com eles se acender o *fogo das núpcias*. O indivíduo recém-casado não se chama mais *Aua*, e sim *Mendar-amo*. Mesmo casados o homem e a mulher não ficam livres da obrigação natural de proteger os pais e ajudá-los a fazer suas roças. Soube disto em minha casa, ao ver a filha de *Japiaçu*, batizada e casada na Igreja,

Casamento fácil

O casamento não impede a assistência aos pais

com um outro selvagem, seu marido, também cristão, quando pretendia ir a *Tapuitapera* ajudar o R. Padre Arsène no batismo de muitos selvagens. Ela lhe disse assim: “Onde queres ir? Tu bem sabes que ainda não se fizeram as roças de meu pai, e que há falta de mantimentos: não sabes que se ele me deu a ti foi com a obrigação de o auxiliares na velhice? Se queres abandoná-lo então volto para a casa dele.” Advertiram-na a respeito destas últimas palavras, fazendo-a reconhecer o juramento que dera, de nunca abandoná-lo ou separar-se dele, louvando-se contudo muito os outros sentimentos, que manifestou a favor do pai, e praza a Deus que todos os cristãos a imitassem dando verdadeiro entendimento a estas palavras formais do casamento que o homem e a

Exemplo

Deus não permite a ingratidão aos filhos casados mulher não deixarão os pais para viverem juntos – porque de outra forma seria Deus a permitir a ingratidão dos filhos casados sob o pretexto de terem filhos, ou poder tê-los e precisar cuidar do seu sustento, quando ao contrário Deus condena, como réprobo, aquele que abandona os pais, sem os quais, não falando na vontade de Deus, não viriam ao mundo nem ele e nem os filhos, embora por essas palavras mostre a grande união que pelo casamento se faz entre o corpo e o espírito dos casados.

Compreende o grau 6 dos 40 anos até a morte: é o mais honroso de todos, que coroa de respeito e veneração os soldados valentes e os capitães prudentes. Assim como o mês de agosto* proporciona a colheita da lavoura e recompensa a paciência com que o lavrador suportou o inverno e a primavera, lavrando com a sua charrua o campo em todos os

Sexto grau de idade, seu dever e exercício sentidos, sem ser ajudado pela terra, assim também os selvagens quando chega a estação da velhice são honrados pelos que têm menos idade. Aquele que ocupa esta classe chama-se *Thynuaë*, quer dizer, “ancião ou velho”. Não pode, como os outros, ser assíduo ao trabalho: trabalha quando quer, e bem à sua vontade, mais para exemplo da mocidade, respeitando tradições da sua nação, do que por necessidade; é ouvido em silêncio na *casa grande*, fala grave e pausadamente usando de gestos simples, que explicam bem o que ele quer dizer e o sentimento com que fala. Todos lhe respondem com brandura e respeito, os jovens olham-no ouvindo-o com atenção: quando vai à festa das *caninagens* é o primeiro que se assenta e é servido; entre as moças que distribuem o vinho aos convidados, as de maior consideração o servem, e são as parentas mais próximas de quem fez o convite. No meio das danças entoam cantos; dão-lhe o tom, principiando por uma voz muito forte, baixa; mas grave, crescendo gradualmente até chegar quase à altura da nossa música. Suas mulheres cuidam deles, lavam-lhes os pés, aprontam e trazem-lhes a comida, e se há alguma dificuldade na carne, no peixe ou nos mariscos, elas limpam tudo, acomodando-os às forças deles. Quando morre algum deles os ve-

* Na 1ª edição, de 1874, e nas que se seguiram, não existe o vocábulo “agosto”, que se encontra no original. (Nota desta edição.)

lhos lhe prestam honras, e o choram como as mulheres, e lhe dão o nome de *Thuy-uaë-pee-seon*: quando morrem na guerra, chamam-no *Marate-kuapee-seon*, “velho morto no meio das armas”, o que enobrece tanto seus filhos e parentes, como entre nós qualquer velho coronel, que dedicou a vida inteira no serviço do exército pelo Rei e pela Pátria, e que por coroa de glória morreu com as armas na mão, de frente para os inimigos, no meio de renhido combate, coisa nunca esquecida pelos filhos, antes considerada como grande herança, e de que se aproveitam apresentando-os ao príncipe como bons serviços de seu pai, e pedindo por eles uma recompensa. Não fazendo estes selvagens caso algum de recompensas humanas, porém empenhando todas as forças para alcançarem essas honras, provam com isto o quanto apreciam não só os atos de heroísmo dos pais, mas também o serem estimados por causa deles. Os que morrem nos leitos não deixam de ser honrados, conforme o seu mérito, e chamam-nos *Theon-suyee-seon*, “o bom velho que morreu na cama”.

**Lamento na
morte dos velhos**

**Morrer em
leito de honra**

Por isso podeis avaliar como a natureza por si só nos ensina a respeitar, a ajudar, a socorrer os velhos e anciãos, e a refrear com violência a temeridade e presunção dos moços que, sem preverem o futuro, não se lembram de que na velhice será feito com eles justamente o que eles, quando jovens, fizeram aos mais velhos, dando esse exemplo aos filhos, chamando-lhes a atenção para essa ingratidão.

.....

A MESMA ORDEM E RESPEITO SE OBSERVA
ENTRE AS MOÇAS E AS MULHERES

Cap. XXII

ENCONTRAM-SE nestes selvagens vestígios da natureza como as **Perfeições da natureza escondidas nestes bárbaros** pedras preciosas se acham nas encostas das montanhas. Seria um louco aquele que quisesse encontrar em seus jazigos os diamantes tão claros e brilhantes, como quando lapidados e engastados num anel. Provém esta diferença de se acharem tão ricas pedras envolvidas de jaça sem mostrar o seu valor, de tal sorte que muitos passam e tornam a passar por cima delas, ignorando-as, sem recolhê-las.

Acontece a mesma coisa no convívio destes pobres selvagens. Muitas pessoas ignoram e ignorarão o que tenho narrado e narrarei, e, embora tenham convivido com eles por muito tempo, por falta de conhecimento ou de observação da boa conduta natural destas pessoas fora da graça de Deus, acontece passaram por cima das pedras preciosas, sem tirar delas o menor proveito, e olhando-as com indiferença.

A mesma ordem de graus de idade tenho observado entre as **Ordem das idades entre as moças e as mulheres selvagens, primeiro grau** raparigas e as mulheres, assim como entre os homens. O primeiro grau é comum a ambos os sexos, cujos indivíduos, saindo imediatamente do ventre da mãe, se chama *Peitan*, como já dissemos no artigo

antecedente. O segundo grau estabelece distinção de idade, de sexo, e de dever: idade de moça para moça, de sexo de moça para rapaz, e de dever de mais moça para mais velha. Compreende este grau os sete primeiros anos, e a moça desse tempo se chama *Kugnantin-myri*, quer dizer “mocinha”. Reside com a mãe, mama um ano mais do que os rapazes, e vi meninas com seis anos de idade ainda mamando, embora comam bem, falem, e corram como as outras. Enquanto os rapazes desta idade portam arcos e flechas, as moças se empregam em imitar as mães, fiando algodão como podem, e fazendo uma espécie de redezinha como é costume das meninas dessa idade brincarem e se divertirem com trabalhos frívolos e leves amassando o barro com que imitam as mais hábeis no fabrico de potes e panelas. Expliquemos o amor que o pai e a mãe dedicam aos filhos e filhas. Pai e mãe consagram todo o seu amor aos filhos, e às meninas apenas acidentalmente, e nisto acho-lhes razão natural, de nossa luz comum, a qual nos torna mais afeiçoados aos filhos do que às filhas, e não sem razão, porque aqueles conservam o tronco e estas o despedaçam.

Segundo grau, seu dever e exercício

Diferença no amor de seus pais pelos seus filhos e pelas suas filhas

Abrange o terceiro grau desde sete até quinze anos, e a menina nessa idade se chama *Kugnantin*, “moça”: nesse tempo ordinariamente perdem, por suas loucas fantasias, o que este sexo tem de mais caro, e sem o que não podem ser estimadas nem diante de Deus, nem dos homens; perdoem-me se digo que nesta idade são prudentes, embora a honra e a lei de Deus as convidassem à imortalidade da candura, porque estas pobres raparigas selvagens pensam, e muito mal, aconselhadas pelo autor de todas as desgraças, que não devem ser mais puras quando chega esse tempo. Nada mais direi para não ofender o leitor: basta tocar apenas o fio do meu discurso. Nessa idade aprendem todos os deveres de uma mulher: fiam algodão, tecem redes, trabalham com embiras, semeiam e plantam nas roças, fabricam farinha, fazem vinhos, preparam as carnes, guardam completo silêncio quando se acham em reuniões onde há homens, e em geral falam pouco se não estão com outras da mesma idade.

Terceiro grau, seu exercício e dever

O grau 4. está entre 15 e 25 anos, e a moça nele compreendida chama-se *Kugnammucu*, “moça ou mulher em sua altura e estatura perfeita”, aquilo que

Quarto grau, seu dever e exercício

nós dizemos “moça boa para casar”. Passaremos em silêncio o abuso que se pratica nestes anos, devido aos enganos que o costume de sua nação lhes imprimiu no espírito como lei. São elas que cuidam da casa aliviando as mães, e tratando das coisas necessárias à vida da família. Cedo são pedidas em casamento, se seus pais não as destinam para algum francês, a fim de terem muitos gêneros, e no caso contrário são concedidas, e então

A mulher casada e seu dever as chamam *Kugnammucu-poire* [nota 40], “mulher casada, ou no vigor da idade”. Daí em diante acompanha o marido carregando na cabeça e às costas todos os utensílios necessários ao preparo da comida, às vezes a própria comida, ou os víveres necessários à jornada, como fazem os burros de carga com a bagagem e víveres dos seus senhores. É ocasião de dizer que, ambiciosos como os grandes da Europa, que desejam ostentar sua grandeza apresentando grande número de burros, estes selvagens também desejam ter muitas mulheres para acompanhá-los, e levar suas bagagens, mormente havendo entre eles o costume de serem estimados e apreciados pelo grande número de mulheres de sua propriedade.

Quando grávidas, após o casamento, são chamadas *Purua-bore*, “mulher prenha”, e apesar deste estado não deixam de trabalhar até à hora do parto, como se nada houvesse a impedi-las; ficam muito gordas, em geral porque ordinariamente parem meninos grandes e corpulentos. Talvez se pense que neste estado cuidam elas em cobrir a nudez, porém

A mulher grávida não sofre a menor alteração o seu modo de viver. Chegado o tempo do parto, se assim se pode chamar, não procura para esse fim a cama, se as dores não são fortes. Em qualquer dos casos senta-se, é rodeada por suas vizinhas convidadas para assisti-la, pouco antes do aparecimento das dores, por meio destas palavras *Cbemen-buirare-Kuritim* “eu vou já parir”, ou “estou quase a parir”: corre veloz o boato de casa em casa, que tal e tal mulher vai parir, dizendo com o nome próprio da parturiente *Ymen-buirare*, que significa “tal mulher pariu”, ou “está para parir”. Acha-se aí o marido com as vizinhas, e se há demora no parto, ele aperta-lhe o ventre para fazer sair o

O marido observa o resguardo menino; tendo ocorrido o parto, deita-se para observar o resguardo em lugar da mulher [nota 41], a qual continua a fazer o serviço do costume; então é visitado em seu leito por todas as mulheres da aldeia, que lhe dirigem

palavras cheias de consolação pelo trabalho e dor, que teve de fazer o menino, sendo tratado como gravemente doente e muito cansado, à maneira do que se pratica em idênticas circunstâncias com as mulheres em geral.

Compreende o quinto grau dos vinte e cinco até os quarenta anos, quando o homem e a mulher atingem o maior vigor. Dão-lhe geral e comumente o nome de *Kugnan*, sem nenhum outro nome além desse, ou “uma mulher que ensina”, ou “uma mulher em todo o seu vigor”. Nessa idade conservam ainda as índias alguns traços da sua beleza quando jovens, mas principiam a declinar sensivelmente, começando a ficar feias e sujas, trazendo as mamas pendentes à semelhança dos cães de caça, o que causa horror; quando jovens, são bonitas e asseadas, e têm os peitos firmes. Não quero demorar-me muito nesta matéria, e concludo dizendo que a recompensa dada neste mundo à pureza é a incorruptibilidade e integridade acompanhada de bom odor, mui bem representada nas letras santas pela flor do lírio puro, inteiro e cheiroso – *Sicut lilium inter spinas, sic amica mea inter filias*.

Quinto grau de idade, seu dever e exercício

O sexto e último grau está entre os quarenta anos e o resto da vida, e então a mulher passa a ser chamada *Uainny*: nesses anos ainda tem filhos. Gozam do privilégio da mãe de família: presidem ao fabrico dos *cauins*, e de todas as outras bebidas fermentadas. São as líderes na *casa grande* quando aí vão as mulheres conversar, e quando ainda se achava em pleno vigor o poder de comerem os escravos, eram elas as incumbidas de assar bem o corpo deles, cuja gordura recolham para fazer o *Migan*, isto é, o mingau, de cozinhar as tripas e outras vísceras em grandes panelas de barro, de nelas misturar farinha e couves, e dividi-las depois por escudelas de madeira, que mandavam as moças distribuírem. São elas que iniciam o choro e as lamentações pelos defuntos, ou pela chegada de seus amigos. Ensinam às moças o que aprenderam. Usam de más palavras, e são mais despudoradas que as moças e meninas, e nem me atrevo a dizer o que elas são, o que vi e observei, sendo também verdade que vi e conheci muitas boas, honestas e caridosas.

Sexto grau de idade, seu dever e exercício

Existiam no Forte de São Luís duas boas senhoras *tabajaras* que não se cansavam de trazer-me pre-

Boas senhoras tabajaras

sentezinhos, e quando me ofereciam, sempre choravam e desculpavam-se de não poderem dar melhores. Não espero muito destas velhas: o superior nada tem a fazer senão esperar que a morte o livre delas. Quando morrem não são muito choradas e nem lamentadas, porque os selvagens

Opiniões superticio- gostam muito de ter mulheres moças. Os selva-
sas dos selvagens gens crêem supersticiosamente terem as mulhe-
no tocante às almas res, depois de mortas, muita dificuldade de en-
das mulheres contrar o lugar onde, além das montanhas, dan-
 çam seus antepassados, e acham que muitas ficam pelos caminhos, mas algumas conseguem chegar. Não guardam asseio algum quando atingem a idade da decrepitude, e entre os velhos e velhas nota-se a diferença de serem os velhos veneráveis e apresentarem gravidade e autoridade, ao contrário das velhas, encolhidas e enrugadas como pergaminho exposto ao fogo; apesar de tudo isto, são respeitadas pelos maridos e filhos, especialmente pelas moças e meninas.

.....

DA CONSANGÜINIDADE ENTRE OS SELVAGENS

Cap. XXIII

COMO entre nós, a consangüinidade entre estes bárbaros tem muitos graus e ramos, e se observa entre todas as famílias com tanta curiosidade como fazemos, exceto porém a castidade, que cria alguns embaraços entre eles, menos no primeiro grau – de pai para filha. Entre os irmãos e irmãs não há casamentos, mas duvido do resto, e não sem razão, e nem isto merece ser escrito.

Consangüinidade ou parentesco dos selvagens

Brota o primeiro ramo do tronco de seus avós, que eles chamam *Tamoin* [nota 42], e debaixo desta denominação compreendem todos os seus antepassados desde Noé até o último dos avós, e admira como se lembram e contam de avô em avô, seus antepassados, o que difficilmente fazemos na Europa, podendo remontar-nos, sem esquecer-nos, até o tataravô.

Grau de consangüinidade

O segundo ramo nasce e cresce do primeiro e chama-se *Tune*, “pai”, e é o que os gera em legítimo casamento, como acontece entre nós, porque para os bastardos há outra lei, de que falarei em lugar próprio. Este ramo paterno dá outro, que se chama *Taire*, “filho”, o qual se corta e divide-se em diversos galhos, a que cha-

Segundo grau

Terceiro grau

Quarto grau

mam *Chéircure*, “meu irmão mais velho”, ou “meu irmão maior”, que um dia deve garantir a linhagem da casa e da família, e *Chéubuire*, “meu irmãozinho”, ou “meu irmão caçula” que cuidará da casa, se falecer o irmão

Quinto grau mais velho. Tendo filho um destes irmãos, qualquer que seja o sexo, deve chamar o irmão de seu pai *Chétuteure*, “meu tio”, e sua mulher *Chèachè*, “minha tia”. Da mesma forma se seu pai tiver irmãs ele as chama *Chèachè*, “minha tia”, como também os maridos

Sexto grau destas *Chétuteure*, “meu tio”. Os tios e tias chamam os meninos de seus irmãos e irmãs *Chéyeure* “meu sobrinho”, e as meninas *Reindeure* ou *Chereindeure*, “minha sobrinha”. Os fi-

Sétimo grau lhos de dois irmãos, ou de um irmão e de irmã ou de duas irmãs se chamam os homens *Rieure* ou *Cherieuse*, “meu primo”, e as mulheres *Yétipere* ou *Chéitipere* “minha prima”.

Quanto à descendência do lado das mulheres, a avó é o grau 1,

Consangüinidade das mulheres seja do lado paterno, seja do materno, isto é, a própria mãe do próprio pai, ou a mãe da própria mãe que a gerou e é chamada *Arjy*, ou *Hearjy*, “minha avó”. A

2 própria mãe é o grau 2, chamada *Ai*, “mãe”, ou *Cheai*, “minha mãe”.

3 A filha é o grau 3, chamada *Tagyre*, “filha”, ou *Chéagyre*, “minha filha”.

4 O grau 4 é a irmã, chamada *Teindure*, “irmã”, ou *Chéreindure*, “minha irmã”. A tia é o grau 5, chamada *Yaché*, “tia”, ou *Chéaché*, “minha tia”.

6 O grau 6 é a sobrinha *Reindure* ou *Chereindure*, “minha sobrinha”, ou “minha pequena irmã”, modo de falar entre elas. O grau 7 é a prima,

7 chamada *Yétipere*, “prima”, ou *Chéytipere*, “minha prima”. Eis os ramos de consangüinidade entre eles.

Árvore da consangüinidade PARA OS HOMENS

Avô.

Pai.

Filho.

Irmão.

Tio.

Sobrinho.

Primo.

Que chamam em sua língua

Chéramoin ou *Tamoin*.

Tuue ou *Chéru*.

Tayre ou *Chéayre*.

Chéircure ou *Chéubuire*.

Tuteure ou *Chétuteure*.

Yeure ou *Chéyeure*.

Rieure ou *Chérieure*.

PARA AS MULHERES

Avó.

Mãe.

Filha.

Irmã.

Tia.

Sobrinha.

Prima.

Que chamam em sua língua

Ariy ou *Ché-Ariy*.

Ai ou *Chéai*.

Tagyre ou *Chéagyre*.

Theindeure ou *Chéreindeure*.

Yaché ou *Chéaché*.

Reindeure ou *Chéreindeure*.

Yetipere ou *Ché-yetipere*.

Além destas consagüinidades existem mais duas por contratos de alianças: uma quando se dá a filha a alguém **Alianças** ou quando se recebe uma moça para casar com seu filho; e outra, quando, contratando a aliança de hospitalidade com os franceses, lhes dão suas filhas para concubinas. Aqueles a quem dão suas filhas chamam *Taiunen*, “genro”, ou *Chéraiunen*, “meu genro”. À mulher do seu filho chamam *Tautaten*, “nora”, ou *Chérantaten*, “minha nora”. Chamam os franceses com

os quais celebram a aliança de hospitalidade *Tuassap*, “compadre”, ou *Ché-tuassap*, “meu compadre”, e às vezes *Chéaire*, “meu filho”, ou *Chereiunen*, “meu genro”, quando sua filha é concubina do francês. – É este o ramo de aliança:

Genro.

Nora.

Compadre.

Em sua língua é

Taiunen, ou *Ché-rainuen*.

Tautaten ou *Chérantaten*.

Tuassap ou *Chétuassap*, ou então *Ché-aire*.

Ordem entre os bastardos

- 1 São bastardos os filhos que têm fora do casamento legítimo à moda deles, e entre estes bastardos há ainda certa ordem. A primeira é dos que têm pai e mãe *tupinambás*;
- 2 a segunda dos que têm por mãe uma *tupinambá* e por pai um francês;
- 3 a terceira dos filhos de um *tupinambá* e de uma escrava;
- 4 a quarta de uma *tupinambá* e de um escravo; a quinta finalmente de uma escrava e de um francês.
- 5

A linha dos bastardos é a seguinte:

De um *tupinambá* com uma *tupinambá*.

De uma índia *tupinambá* com um francês.

De um *tupinambá* com uma escrava.

De uma índia *tupinambá* com um escravo.

De uma escrava com um francês.

Em sua linguagem chamam estes bastardos

Marap, ou *Ché-marap*.

E aos bastardos dos franceses,

Mulâtres, “mulatos”.

Lei dos bastardos

Regra geral

São diversas as leis destes bastardos conforme a diversidade de suas ascendências, e antes de tratar delas convém estabelecer a regra geral para com os bastardos,

que é quando * a moça se aproximava do parto nós lhe perguntávamos quem era o pai da criança que ela carregava na barriga; no momento em que ela revelasse quem é o pai, se ele confessasse e reconhecesse ser o pai da criança, ela aceitava o filho e o nutria mui carinhosamente. Caso o pai o negasse, tanto a mãe quanto seus pais pegariam este pequeno bastardo saído de sua barriga, e iriam enter-
Crueldade com os bastardos
 rá-lo vivo, como sendo indigno de viver. Visto que seu próprio pai o negara e recusara reconhecê-lo como filho e ainda, para se vingar do pai renegador que abusou da moça de forma a reputá-la como *Pataquere*, puta, ao não reconhecer a criança como sua pois os selvagens têm a opinião de que a mãe não contribui de forma alguma na geração do filho, sendo assim que tudo vem do pai, servindo a
Opinião dos selvagens no tocante à geração
 mãe somente de *Karamemo*, quer dizer, escrínio ou cofre de guardar jóias, ou de *Va*, que significa garrafa ou vaso, por receber em si o princípio da geração, sendo que no espaço de nove meses, ele venha à perfeição, e por esta razão a consangüinidade é pequena entre os irmãos ou irmãs uterinas, quer dizer, de uma mãe e de vários pais, não que esta opinião seja verdadeira, nem aceita por vários sábios porque a doutrina é que a mãe concorre à geração da criança, de quem nós temos um belo sinal impresso da mesma natureza, que o amor das mães é mais tenro e mais sensível para as suas crianças que o dos pais. Quanto esta lei tão rude para os pequenos bastardos, embora ela ainda seja uma regra observada pelos selvagens, sobre a qual os franceses não têm nenhuma força, se ela é suprimida e vedada aos selvagens do Maranhão, *Tapuitapera & Cumã*, somente ousariam praticá-lo secretamente, razão pela qual temos a intenção de vigiar as moças grávidas pela fornicção e o que elas fazem com suas crianças.

Os bastardos saídos de pai e mãe *Tupinambás* são nutridos tão carinhosamente quanto as crianças legítimas e adorados de amor semelhante, ou até atingirem a

Primeira lei particular para

* A partir deste ponto até a pág. 97 (local indicado) é texto do exemplar da Biblioteca Pública de Nova Iorque (fólios 97 a 105), que não se encontra no exemplar de Paris e, conseqüentemente, também na edição de Ferdinand Denis e na tradução de César Marques, esta a única que circulou no Brasil.]

idade, eles escolhem se irão se juntar à família do pai ou da mãe, e se lhes é livre de ficar com um, ou com o outro: são tidos por irmãos ou irmãs das crianças legítimas, e seguem a linha de sua raça.

Os bastardos de um francês e de uma índia *Tupinambá* são
2ª lei muito queridos, tanto pela mãe quanto por seus parentes, e se devemos falar esta palavra, é a honra da família, e a esperança, e a espera de mercadorias que o francês, pai da criança, deve lhes dar. Além do mais, eles têm por opinião que todos os franceses os devem amar, por esta razão, e os têm como meio aliados deles por meio deste bastardo. Pois eles equiparam seus costumes aos dos franceses; porque as diversas famílias entre os *Tupinambás* recebem de algum modo uma meia aliança por intermédio de um bastardo. Entendido entre a família do bastardo e a família de seu pai.

Eu me lembro a esse propósito do discurso que me fez o
Exemplo sobre *Grand Bresil*, que é um dos principais selvagens do Ma-
este assunto ranhão, sobre a tristeza que ele tinha de ser desgraçado por nossos senhores, e do medo de que lhe puséssemos ferros nos pés, por não sei qual falta cometida da qual era acusado pelos delatores de *Tapuitapera*, especialmente pelos cristãos; seu discurso foi nas suas próprias ou semelhantes palavras: eu fui te encontrar, depois de ter escutado do Principal da *Grand-Raye*, que fui acusado na sua frente, pelos cristãos de *Tapuitapera*, que reclamam de mim e das minhas palavras: o padre que estava ali então, o qual você havia enviado para batizar as crianças de Deus, sabe que eu estava certo, e entendendo que as minhas palavras não estavam boas, e que procederam, não de mim, mas do vinho, me apanhando pelo braço me fez sair do lugar, mandando os cristãos me prenderem, o que suportei calmamente. Isso me trouxe confusão e motivo de chacota entre meus semelhantes, eu que sou um grande guerreiro da minha nação, eu me deixei ser preso, como uma mulher. Eu lhe respondi que o que eu tinha feito, era para obedecer ao padre, Mensageiro de Deus. Eu admito que tenha falado mal, mas tinha certeza, e depois de meu vinho ter passado, eu fiz bons discursos: Por que os franceses me querem, eles me põem os ferros nos pés, como fizeram com *Itaiuuua*? Quer dizer, braço de ferro, que é o nome de um dos intérpretes. Eu sempre fui bom amigo dos franceses: eu nunca conspirei contra eles: a

primeira filha que tive, chegando à idade competente, eu a dei ao Capitão dos franceses, que se encontra então neste país com a gente, dizendo-lhe: toma, pega minha filha, e me tira dela um filho, o qual eu nutrirei carinhosamente, até quando ele tenha se tornado grande, capaz de embarcar com você e te seguir para a França; lá escolherá ele mesmo as mercadorias que ele sabe que eu amo e me trará. Desde então não deixei de ajudar os franceses.

Estes bastardos chamados pelos franceses de *mulatos*, guardam sempre algum traço da fisionomia francesa, e possuem também uma disposição dos membros, gestos e atitudes dos franceses, tanto que estando bem vestidos, diremos que se tratavam de verdadeiros franceses. Eles não são tão morenos, e sim mais brancos que os selvagens, quase de uma cor misturada das duas cores do pai e da mãe. Eles têm os cabelos bastante macios, e não duros e eriçados, como os índios; eu vi alguns de cabelos tão louros quanto um prato de cobre, ao contrário dos selvagens que ordinariamente os têm negros como os corvos: os pais das moças, mães destes bastardos, de boa vontade as levam aos franceses, para desfrutar de novo de suas boas graças, e as crianças atingindo a idade se retiram com os franceses, e os imitam em tudo, vivendo com eles felizes, como com os pais de seus pais, são muito fiéis, e não vemos de forma alguma que traíssem os franceses. Darei um exemplo muito bom disso adiante, no Tratado Espiritual.

Os bastardos dos franceses e seu natural

Fidelidade dos bastardos franceses

Os bastardos nascidos dos *Tupinambás* com escravas pertencem aos tupinambás, contanto que estes sejam mestres destas escravas; pois, se é um outro tupinambá, fica a critério do mestre da escrava ficar com o filho de sua escrava ou deixar que o tupinambá seu pai fique com ele; mas quando querem comer a escrava não fazem nada com as crianças geradas do incesto, porque elas saíram do seu sangue e de sua raça, o que não aconteceria se a criança tivesse nascido de dois escravos, pois, segundo seus costumes, é permitido ao mestre da escrava comer a mãe e o filho, ou trancar o filho, e comer só a mãe.

Bastardos dos tupinambás

O bastardo vindo de uma índia tupinambá e de um escravo está sujeito à mesma pena e depende da boa vontade do pai moça; no entanto logo que

Bastardos de um escravo com uma moça tupinambá

ele se propõe a comer o escravo, pai da criança, pode também dar o pequeno bastardo como companhia do pai no fumeiro.

Não sofre nenhum mal o bastardo que nasce com escrava e de um francês, como vemos vários na Ilha do Maranhão, devido ao respeito ao francês; então é alimentado, como os próprios filhos, e se o francês ama esta escrava, ele a recomenda a seu mestre, e pede que não lhe faça mal algum, o que o mestre faz de boa vontade, e a tem portanto, como filha.

.....

REGRAS E MEIOS PURAMENTE NATURAIS, OBSERVADOS
PELOS SELVAGENS, PELOS QUAIS ELES LEVAM UMA VIDA
MUITO DOCE E PRAZEROSA

Cap. XXIV

DADAS as regras para viver pacificamente uns com os outros, sem nenhuma querela, rudeza e descontentamento, Sêneca disse que os superiores se comportam de tal jeito com os inferiores, que não se manifesta neles nenhum orgulho ou presunção de seu cargo; que os inferiores se aplicam a viver direito, e que eles são empurrados a respeitar seus superiores, não por medo de receber alguma punição, mas somente pela reverência de seu cargo; que para todos em geral, a gente mostra uma bondade, docilidade e igualdade de amizade em seu vilarejo e que se o tempo requerer, e a companhia nos obriga, nós fazemos parecer uma brincadeira sem maldade e que não moleste ninguém. Estas palavras da boca de um filósofo pagão são cumpridas pelos selvagens do Brasil, segundo o que pude ver e reconhecer, conversando com eles: e gostaria de minha vontade que nós cristãos praticassemos as mesmas coisas na convivência que temos, sem a qual é impossível viver porque a sapiência de Deus quis que o homem fosse um animal político e convivesse com seus semelhantes. Nós faríamos uma metamorfose

**Sêneca de
4. virtutibus**

**Aplicação dos di-
zeres de Sêneca**

maravilhosa, sendo que é puramente natural nestes selvagens, o que seria para nós virtude e merecimento, por causa da graça de Jesus Cristo, que é dada ao cristão, além do dom e virtude naturais que possui em si igualmente com o resto dos homens.

Como primeira regra de bem e suavemente viver, Sêneca nos diz que os grandes e poderosos magistrados, ou seja, todos aqueles que têm a distinção de comandar outros, não se atribuem qualquer vaidade na alma por se encontrarem, por um desígnio secreto de Deus, no encargo em que estão. Ao contrário, fazem aparecer exteriormente o reconhecimento interior que deveriam ter da participação

Regra de bem viver no dever dos superiores

Regra observada pelos tupinambás

Exemplo

Exemplo

Eles desprezam os que impõem sua vontade

Exemplo

e equidade naturais que têm para com os outros homens. Os *Mourouuichanes*, isto é, os principais destes selvagens, conduzidos somente pela natureza, não se valem de qualquer gravidade, palavra arrogante ou de comando. Não desprezam nenhum de seus inferiores, escutam o conselho de todos aqueles que chegaram ao grau de idade dos anciãos, e não tapam os ouvidos a ninguém. Eu reparei isto especialmente nas questões mais urgentes que tivemos no Brasil, ou seja, no tempo em que esperávamos o sítio dos portugueses. Havia então freqüentemente a necessidade de consultar *Japiaçu* e outros principais, bons amigos dos franceses, a respeito das questões que se apresentavam. E ainda que eles dessem seu conselho sobre o que deveria ser feito, havia contudo esta condição: antes que algo fosse executado, precisava-se propor aos anciãos da Ilha, nas casas grandes, aquilo que se desejava fazer, e eles e os outros se encarregavam de ir de *Carbet* em *Carbet* levar a palavra dos franceses. E não há nada que eles desprezem mais do que quando um dos seus principais toma uma decisão sem comunicar a questão aos anciãos da nação em pleno *Carbet* e diante de todos aqueles que ali se encontram. A respeito disto, contarei o que aconteceu aos habitantes de duas ou três aldeias da Ilha que, seguindo seus caprichos, debandaram e abandonaram suas plantações, imaginando com esta demonstração de arrogância, incitar o resto da Ilha a seguir sua revolução e complô. Eles ficaram bastante surpresos, pois, longe de haverem en-

contrado quem lhes fosse favorável, todos zombavam deles, vendo que haviam deixado suas plantações, recheadas e repletas de todos os bens, retirando-se para jejuar em um canto da Ilha. E mesmo depois de se terem arrependido, ainda assim sua precipitação foi punida pela privação e confisco de suas plantações.

Os principais não se vestem melhor que os outros, nem são mais ricos, e não são como nós que prezamos e respeitamos, não o valor nem a virtude, mas somente os bens e as riquezas: quanto mais escudos um homem possui, conseqüentemente seu domínio e seu poder são maiores. Vocês ouviram falar e leram várias vezes sobre *Japiáçu*, o primeiro do Maranhão e principal dos principais. Porém, se vocês o vissem com seus próprios olhos, nu e franzino como os outros, indagariam: “É este o grande de quem tanto se falou?” Entretanto, este selvagem, pobre quanto aos bens exteriores, é tão rico de autoridade e de poder entre os seus, que é capaz de comover cinqüenta mil almas da sua nação e aproximá-las do lado para o qual ele se incline, e isto sem dinheiro, sem soldo, sem recompensa ou salário. Quem é o monarca das três velhas partes do mundo, Ásia, África e Europa, que pode fazer isso? Se vocês me perguntam o porquê disto, eu lhes direi aquilo que me parece: é que a natureza conservou muitos dos seus traços e características intactos nestas nações solitárias, os quais foram corrompidos no Velho Mundo pela ambição e avareza. Deste modo, a inclinação natural de seguir um chefe pela proteção do que é público cria naqueles selvagens aquilo que, neste mundo corrompido, a autoridade dos príncipes soberanos não pode fazer com seus súditos, que se não fosse pela tendência natural a se conservar que têm, assim como os animais e os brutos, não se organizariam em tropas seguindo seu chefe.

Em que os principais são iguais aos outros

Exemplo

Donde procede a grande autoridade dos principais tupinambás

Maneira de governar

Estes principais não são rudes na fala, não repreendem vigorosamente, comportam-se de maneira bastante simples nas tropas, bebem e comem dos mesmos víveres, sentam-se sobre a terra, assim como os mais pobres. Enfim, vocês não notam neles, nem em seus gestos, qualquer presunção de sua grandeza, honrando, deste modo, a virtude natural que está dentro deles, por de-

sempenhá-la em seu comportamento. A mesma virtude leva os inferiores a respeitá-los e reverenciá-los. Esta é a grande diferença entre a domina-

Diferença de domínio no Brasil e na Europa

ção destes selvagens e a dominação dos príncipes da Europa, para aquele que queira pensar com atenção sobre o assunto, pois a dominação dos selva-

gens provém da virtude natural e só se conserva por esta, e a dominação da maior parte dos grandes da Europa vem da sucessão e se conserva pelo poder, deixando à parte a regulamentação e a providência divina, dos quais procedem e descendem todas as soberanias, autoridades e poderes. Pretendo nestes escritos somente dissecar a natureza do que reparei nesta nação, seguindo seus nervos, veias e artérias. Longe de querer fazer qual-

Razão pelo qual relato as perfeições naturais dos índios

quer comparação entre as ações destes bárbaros e aquelas dos cristãos, ao contrário: eu sei que a menor das virtudes de um cristão ultrapassa, sem comparação, todas as virtudes naturais que estes bárbaros possam ter dentro de si. Assim, minha intenção é mostrar aquilo que

encontrei de belo nesta nação, para apresentá-lo a nossos franceses em salvas preciosíssimas que os filósofos chamam de *à minori ad maius*, quer dizer, da menor das coisas à maior, incitando os cristãos, pela comparação de algo bastante inferior à sua dignidade, tal como a maneira de agir dos selvagens, a executar grandes coisas.

Os inferiores, como nós dissemos anteriormente, respeitam seus principais, não pelo medo que têm destes, mas sim por um consentimento natural que os convence interiormente de fazê-lo, ademais, vi-

2ª regra. A obediência e o comportamento dos inferiores para com os seus superiores

endo todos nos seus deveres, seguindo o costume da sua nação.

Todos vivem calmamente de acordo com a terceira regra de Sêneca em bondade, generosidade, igualdade, alegremente, sem se irritar. E por isso, eles chamam o ho-

3ª regra. Maneira de viver entre os iguais

mem afável de *Gere-coacaton*, quer dizer, o homem de boas intenções, de boa conversa e suave. Um dos mais belos elogios que eles se dão ao falar de-

les próprios é *Cherecoacaton*: eu sou afável, doce e suave na minha fala; e honrando sua pátria e sua nação, quando conversavam conosco, eles paravam segundo seu costume, a fim de que o ouvinte pesasse aquilo que querem dizer pela palavra *Oregerecoa-catou*, ou seja, “nós também somos afáveis, de boa conversa e convivência”. Em seguida acrescentavam a

afinidade de seus sentimentos com os dos franceses, chamando-os de *Pegerecoa-catou*, ou seja, “você são nobres, de boa paz, de boa raça”, mas para falar dos portugueses, eles diziam *Tessay-pochu*, violentos e mal-dosos, que só têm palavras rudes e arrogantes. Eles chamam um homem nobre de *Yaroube-catou*, quer dizer, homem que convive familiarmente e suavemente com seus semelhantes. E quando os anciãos falam em suas casas grandes sobre os costumes dos portugueses, eles os chamam de *Peromotare-ussin*, quer dizer, pessoas que estão sempre encolerizadas; aquele que é alegre* eles os chamam de *Toreuüe*, “folgazão”, *Che-rorenuë*, aquele que é divertido, folgazão; e àquele que é agradável têm o termo *aron-ayue*.

Hábitos dos franceses

Hábitos dos portugueses

Portugueses são brabos

Suas saudações, perguntas e respostas, quando juntas, são o mais amável possível, mormente quando as pronunciam com acento muito longo, suave e insinuante, especialmente as mulheres e as moças, e como sei que será agradável ao leitor, vou aqui transcrever a forma e maneira comuns de falarem [nota 43].

Saudações e respostas dos selvagens

De manhã

Quando se levantam pela manhã dizem:

Bom dia. *Tyen-de-Koem.*

Para vós também. *Nein-Tyen-de-Koem.*

À tarde

À noitinha, ao regressar do trabalho, quando se separam:

Boa tarde. *Tyen-de-Karuq.*

Para vós também *Nein-Tyen-de-Karuq.*

À noite

Quando chega a noite, e querem dormir, dizem um ao outro:

Boa noite. *Tyen-de-petom.*

Para vós também. *Nein-Tyen-de-petom.*

* Aqui se conclui o trecho iniciado na página 89, inexistente na edição de Ferdinand Denis e, conseqüentemente, nas edições em português, que nela se basearam. (Nota desta edição.)

No encontro Se alguém se dirige a eles, ou passa perto deles ou se encontra no caminho, muitas vezes pára um pouco, com expressão dócil e rosto prazenteiro e perguntam um ao outro:

Donde vindes?	<i>Mamo sui pereiu?</i>
Onde ides?	<i>Mamo peresso?</i>

Logo que respondem e dizem donde vêm e para onde vão, podem ficar certo que se trata de uma das coisas seguintes, constante emprego de sua vida e exercício, isto é, da pescaria no mar, da incursão nos bosques, da derrubada das árvores, da visita a suas roças, da plantação de raízes, da colheita dos frutos, arrancar os nabos, ir à caça, dos passeios por vários lugares, da vida das aldeias e das casas de uns e outros. São estas as respostas deles:

Exercícios ou ação dos selvagens

Venho do mar.	<i>Paranam-sui-Kaiut.</i>
Venho de pescar.	<i>Pira-rekie-sui-Kaiut.</i>
Venho do mato.	<i>Kaa-sui-Kaiut.</i>
Venho de cortar madeira. ou então,	<i>Ybuira monosoc, ou então, Ybuira mondoc.</i>
Venho da roça.	<i>Ko-sui-Kaiut.</i>
Venho de roçar.	<i>Ko-piraruer-Kaiut.</i>
Venho de cavar e de plantar.	<i>Maetum aruere.</i>
Venho de colher frutos.	<i>Vuapoo-aruere Kaiut.</i>
Venho da caça.	<i>Kaau-aruere Kaiut.</i>
Venho de passear.	<i>Mosu-aruere-Kaiut.</i>
Venho de tal aldeia.	<i>Taau-sui-Kaiut.</i>
Venho de ver tal pessoa.	<i>Abere piac-sui-Kaiut.</i>
Venho de minha casa.	<i>Chere-sui ou então Cberetansui.</i>
Adeus, vou-me embora	<i>Ne in cheairuco.</i>
Adeus, vamo-nos embora.	<i>Ne in ero iurco.</i>

Quando os selvagens vêm que se está procurando algo perguntam

Quando vai algum vizinho procurá-los a sua casa, ou quando sentem falta de alguma coisa, procurando aqui e ali alguma coisa, eles perguntam:

Que procurais?	<i>Meaperese-Kar?</i>
Que perguntais?	<i>Marapereico?</i>

Então dizem o que procuram, e respondem às perguntas mui francamente; por exemplo:

Quero comer.	<i>Agerure deué-cheremyuran ressé.</i>
Quero farinha.	<i>Agerure uiressé.</i>
Quero carne.	<i>Agerure soo ressé.</i>
Quero peixe.	<i>Agerure pyra ressé.</i>
Quero água.	<i>Agerurev ressé.</i>
Quero fogo.	<i>Agerure tata cheué.</i>
Quero uma faca.	<i>Agerure xè.</i>
Um machado.	<i>Iu.</i>

Se vêem alguém pensativo, eles pergun- **Quando vêem al-**
tam-lhe o que há e no que pensam. **guém pensativo**

Que pensais? *Mara-péde-ie mongueta*

Ele responde:

Não penso em coisa alguma.	<i>Ai Kogné.</i>
Penso em alguma coisa.	<i>Maerssé-Kaien-arico.</i>
Penso em vós.	<i>Deressé-Kaien-arico.</i>

Se porventura vêem algum deles conver- **Quando vêem al-**
sando com outros, têm muita curiosidade de saber o **guém conversar**
que dizem, e por isso vão procurá-los, e amigavel-
mente lhe perguntam:

Que dizeis?	<i>Mara-erepe</i>
ou então,	<i>Mara-erepipo?</i>
em que conversavam?	<i>Mara-peie-peiné.</i>

Respondem eles:

Falávamos de nossas ocupações.	<i>Ore-rei-Koran Koiomongueta.</i>
Falávamos de vós.	<i>Deressé Koia-mongueta.</i>

Assim passavam entre si a vida mui pacífica e familiarmente, conforme vocês podem ver por estes diálogos.

.....

DOS TEMPERAMENTOS
INCOMPATÍVEIS ENTRE OS SELVAGENS

Cap. XXV

COSTUMAVA Sócrates dizer que assim como o vinho áspero e grosseiro é de má digestão, difícil, e desagradável ao paladar, assim também os temperamentos rudes, grosseiros e impetuosos não servem para companheiros de uma conversação entre homens. Plutarco escreveu que, assim como o som áspero dos caldeirões e panelas quebradas encolerizam os tigres a ponto de fazê-los acometer desesperadamente e saltar sobre os que vêm fazer perto deles tão incômodo e desagradável barulho, assim também fazem as más inclinações, ou os maus caracteres entre os homens. Já sabemos que essa prática se fundamenta na natureza considerando-se o quanto os selvagens fogem dos temperamentos rudes e de gênios mal-humorados.*

**Strobe 2, da
imprudência**

**Ao que se com-
param os huma-
nos bravios**

Detestam sobre todas as coisas o companheiro que provoca e faz mal ao vizinho, e chamam-no *Moiaron*, e quando se insultam por palavras, chamam-no então *Oroacap*. Quando encontram tais caracteres, fogem deles e se guardam o mais que podem, evitando entrar

**Quais tempera-
mentos os tupi-
nambás não su-
portam**

**Primeiramente
as brigas com
as vizinhas**

* Frase omitida nas edições em português. (Nota desta edição.)

em conflito com eles; e fazem ainda mais: previnem os franceses seus compadres, a fim de que nada peçam a tal gente. Se porventura têm mulheres com esse gênio, ficam muito contrariados, e não precisam ser muito rogados para se livrarem delas, ou consentir que vão para onde bem lhes parecer. Existe em *Junipará*, na Ilha, um hermafrodita; no exterior parece mais mulher que homem, porque tem face e voz de mulher, cabelos finos, flexíveis, e compridos, e contudo casou-se e teve filhos, mas tem um gênio tão forte que vive porque receiam os selvagens da aldeia trocar palavras com ele. Presenciei a mudança de uma família inteira somente para evitar a vizinhança de um selvagem de humor muito ruim.

Secundamente o conflito de palavras

Não gostam de mulheres com este gênio

Exemplo de um hermafrodita colérico

Outro exemplo

Escarnecem e desprezam o homem que se acomoda com as provocações e questões de sua mulher quando ela tem mau gênio. Enquanto lá vivi, aconteceu aborrecer-se um selvagem com o mau gênio da mulher, a ponto de empunhar com a mão

Riem-se daqueles que brigam com suas mulheres.

Exemplo

direita um cacete e com a esquerda segurar nos cabelos dela querendo experimentar se este óleo e bálsamo adoçaria o azedume do seu mal, porém admirou-se de ver que, caindo o fogo na chaga, mais o aumentava, porque, escapando de suas mãos, à vista dos vizinhos, tomou também ela um cacete, quis fazer o mesmo ao marido, e depois de se haverem espancado um ao outro sob as gargalhadas de todos, ficaram ambos com igualdade de circunstâncias frente a frente, sendo depois o marido a fábula e o assunto de todas as conversas, quer dos grandes quer dos pequenos. Diziam os antigos nas suas *casas grandes*, que ele não teve remédio senão ficar com sua mulher, porque já a conhecia.

Vi-os abandonar e deixar suas mercadorias àqueles aos quais as haviam vendido, só para evitar questões com o comprador. Notareis que eles só têm *sim* e *não* quando negociam entre si, ou com os franceses, nunca regateando. Muitos outros exemplos eu poderia ainda reproduzir, porém bastam estes.

Evitam brigas de negócios

Avaliam muito bem as pessoas coléricas, as quais chamam *poromotare-vim*, e reciprocamente se adver-

Temem as pessoas coléricas

Secundamente o conflito de palavras tem dizendo – *Cheporomatare-vim*, “estou encolerizado”; e então ninguém lhe diz nada, antes buscam acalmá-lo o mais que podem, o que exprimem por *Mogerecoap*, ou seja, **Remédio contra a cólera entre eles** “acalmar alguém”. *Aimogerecoap*, “eu acalmo aquele que está encolerizado.”

Observei várias vezes, quando viam um francês enraivecido, ficaram como que fora de si, mudarem de cor, e fugirem da vista dele, dizendo uns aos outros *Ymari turuçu* “está muito zangado, está muito enfurecido.” *Ché-assequeié seta*. “Tenho medo dele.”

Aconteceu encolerizarem-se muitas vezes duas ou três pessoas da nossa equipagem na aldeia em que estavam. Vieram por isto os principais ao Forte de S. Luís queixarem-se e pedindo que lhes tirassem de lá esses franceses, o que conseguiram porque lhes faziam medo, e especialmente a seus filhos.

Se as discussões e as raivas são temíveis, muito mais ainda o são os insultos e as disputas, o que é muito raro, a ponto de espancarem-se, o que chamam *Ionupan* “espancar-se”, e ainda mais quando se ferem, o que explicam por *Iuapichap*, “ferir-se”, mormente quando depois de se haverem maltratado reciprocamente vão por despeito queimar as suas casas, o que exprimem pela palavra *Iuapic* “incendiários recíprocos”:

As pelejas lhes são mui desagradáveis todos sentem estas coisas, e ninguém se atreve a meter-se entre eles para aplacá-los; eis como fazem: **Por despeito incendiavam suas casas** vai cada um para seu lado, e tomando um punhado de pindoba seca, acendem-na, atiram sobre a cobertura de sua própria casa, dizendo uns aos outros – “salve quem puder sua casa, queimei a minha, ninguém podia opor-se a minha vontade”, e assim em pouco tempo a aldeia está queimada e ninguém lhe diz nada. Isso teria acontecido muitas vezes na Ilha, se não fosse o medo que tinham dos franceses.

Não gostam de ser injuriados, seja homem seja mulher, e nem mesmo as públicas consentem que se as chame *Pataqueres* “meretrizes.” Recorda-me que tendo tido uma **Odeiam as injúrias** índia escrava um filho de um francês, as outras lançaram-lhe isto em rosto chamando-a *Pataquere*, “meretriz”, com o que se magoou

muito, e disse que, se continuassem, ela mataria o filho ou o enterraria vivo. Chamam a injúria *Curap*.

Ninguém se admire de estes selvagens evitarem a cólera e seus efeitos, por ser esta paixão contrária à natureza do homem fazendo-o inteiramente bruto, como disse São Basílio Magno, na Homilia 10, da ira, e transformar o homem num animal feroz – *Hominem penitus in feram converti*. São Gregório de Nissa, na Oração 2ª sobre a bem-aventurança, compara a cólera com essas anti-gas feiticeiras do paganismo, que por encanto mudavam e transformavam o homem em diversos animais ferozes como o javali e a pantera. A cólera faz o mesmo. São Gregório Magno, no 5º livro da sua *Moral*, cap. 30, diz ser o cérebro do colérico o fojo onde se geram as víboras. – *Cogitationes iracundi viperoe sunt generationis*. Platão aconselhava aos seus discípulos, como remédio contra essa paixão, que observassem bem os gestos e as palavras de um homem colérico, e/ou que se mirassem num espelho quando se enraivecessem. Não é coisa nova e nem fora de propósito o temerem e fugirem estes selvagens quando vêem um homem encolerizado, especialmente um francês, porque diz o provérbio, cap. 27 – *Impetum concitati spiritus ferre quis poterit?* Não é menos difícil de crer que, por despeito, após calorosa ou inconveniente questão, queimem eles suas casas, porque no Provérbio 26 acha-se *sicut carbones ad prunas et ligna ad ignem* – assim como o carvão é para o braseiro e a lenha para o fogo, assim também a questão de palavras é para o homem naturalmente colérico, *sic homo iracundus suscitatur rixas*, e no Eclesiástico 28, *secundum ligna sylvae, sic ignis exardescit* – tal é a quantidade da lenha qual a força do fogo, falando da cólera.

Contra a cólera

Basílio Magno

Gregório de Nissa

Gregório Magno

Platão

Provérbio 27

Provérbio 26

Eclesiástico 28

.....

DA ECONOMIA DOS SELVAGENS

Cap. XXVI

DIZIA Pitacos, assim como relata Strobe, ser bem regulada a família quando nela concorrem duas coisas – falta de superfluidade tanto no que diz respeito à vida como ao governo da casa, e o que é necessário para isto. Diz Cícero que, perguntando-se a Catão qual o melhor governo de uma casa, ele responde – onde houver comida, vestuário e * amor ao trabalho. Parece-me ser estas sentenças mais aplicáveis aos selvagens, e aos que passam vida frugal, do que a outra classe de indivíduos. São Tomás, definindo a economia, concluiu não ser outra coisa mais do que uma boa ordem doméstica, e para alcançar este fim convinha que a família tivesse víveres e tudo o mais necessário à vida, sendo mui essencial não só uma boa inteligência, como também que cuidassem todos os membros dela de seus deveres. A própria natureza, e não qualquer ciência adquirida, ensina isto aos selvagens.

Organização das aldeias dos tupinambás e

As aldeias são divididas em quatro habitações, sob o governo de um *murunichaue*, para o temporal, e um *pagy-naçu*, isto é, um feiticeiro para as moléstias e bruxa-

* A partir deste ponto até o final da pág. 111 é texto do exemplar de Nova Iorque (fólios 113 a 121), que não se encontra no exemplar de Paris e, conseqüentemente, na edição de Ferdinand Denis e na tradução de César Marques.

rias [nota 44]. Cada habitação tem o seu Principal: estes quatro principais estão sob as ordens do maioral da aldeia, o qual, conjuntamente com outros de várias aldeias, obedecem ao principal soberano da província.

Cada cabana é dividida em duas partes, de uma ponta a outra, à direita e à esquerda. Cada uma das duas partes é subdividida em várias habitações, que se chamam *Oké* ou *Cheroké*, quer dizer, meu lado, minha habitação; a cabana é chamada *Cheretán*. Estas habitações medem cerca de três toesas entre duas vigas, nas quais eles suspendem suas redes de algodão. Nestas habitações mora cada família sob o comando de um pai de família, e todos os pais de família de cada cabana reconhecem o Principal da mesma cabana. A família é dividida em três: mulher, filhos e escravos. Todos reconhecem o pai de família como chefe, e é ele que dá as ordens em suas diversas ações. As mulheres estão na segunda posição da família, e os filhos na terceira, e os escravos na última. Se algo de novo acontece, o Soberano Principal de toda a província avisa os Principais das aldeias sobre o ocorrido, e estes comunicam aos Principais das cabanas, e estes aos outros. Se não há nada além do corriqueiro, o Principal da aldeia ordena, à noite, no *Carbet*, aquilo que deve ser feito no dia seguinte. Os Principais das Cabanas levantam-se pela manhã antes dos outros, e cada um em sua cabana, percorre-a duas a três vezes de uma ponta a outra, declarando a todos em voz alta o que deve ser feito. Cada chefe de família dispõe sua gente para o trabalho. Tal é a hierarquia entre eles, a saber:

- O *Mourounichaue* da Província
- O *Mourounichaue* de cada aldeia
- O *Mourounichaue* de cada cabana
- O chefe de cada família
- As mulheres
- As crianças
- Os escravos

O chefe da família ocupa-se do exterior da casa, pondo, para trabalhar filhos e escravos homens. As mulheres se encarregam do interior da casa, dispendo das filhas e das

A economia de cada família

escravas. A atividade econômica dentro da casa consiste nas diversas ações necessárias para viver, e no cuidado dos utensílios próprios a efetuar estas ações, sem haver nisso qualquer superfluidade; vocês o verão pelo que segue:

Víveres

OS VÍVERES DOS SELVAGENS

Farinha	<i>Buy</i>
Farinha cozida	<i>Kamkik</i>
Em pão	<i>Miapi</i>
De raiz	<i>Makiok</i>
De seus	<i>Anati</i>
Da carne	<i>Sóo</i>
Peixes	<i>Pyra</i>
Cozido	<i>Minoim</i>
Grelhado	<i>Michire</i>
Na brocha	<i>Mokae</i>
Em uma grelha de madeira	<i>Boukan</i>
Fogo	<i>Commanda buiffon</i>
Ervilha	<i>Commanda-vue</i>
Couve	<i>Taião</i>
Cebola	<i>Vuarem</i>
Abóbora	<i>Takeer</i>
Sopa	<i>Viromont</i>
Raiz	<i>Yetek</i>
Para cozinhar	<i>Mogiop</i>
Sopa	<i>Migan</i>
Gostar	<i>Saan</i>
Comer	<i>Maëoup</i>

Utensílios

Ou para se fazer, eles tem que ter seus utensílios, sabendo:

Panela	<i>Miabembep</i>
Caldeirões	<i>Gnabemioup</i>
Uma colhe	<i>Kouy</i>
Uma marmita	<i>Gnabenfein, ou Gnabbempepo</i>
Colher	<i>Ytageak gnanbé</i>
Balde	<i>Enairon, ou Ouravea</i>
Cântaro	<i>Eïa</i>
Fazer Fogo	<i>Tota Magnan</i>
Atiçar fogo	<i>Tataponi</i>
Bons carvões	<i>Tatapoin</i>
Cinzas	<i>Tainbouk</i>

Se tem que se fazer o vinho de milho, é preciso ou- **Vinhos**
tros utensílios, sabendo

Grandes potes de terra	<i>Kaouinpon</i>
Garrafas	<i>Yta-ciã</i>
Copo, ou copos pequenos	<i>Yta Kaouanae</i>

Se a noite segue, eles são a luz, ou vela de cera, ou de **Luz**
óleo com as mechas de algodão, e dizem então,

Vela	<i>Seffar</i>
Candelabro	<i>Uffeffau andasue</i>
Pavio	<i>Ynimbututa</i>
Lanterna	<i>Seffai-curon</i>

Se é para trabalhar, o trabalho das mulheres e **Trabalho**
das meninas, além de preparar a comida é, **das mulheres**

De fiar	<i>Podan</i>
Costurar	<i>Mobodik</i>
Tecer	<i>Yninoguan</i>
Agulha	<i>Iou</i>
Fio	<i>Ynimbo</i>
Cavar com a enxada	<i>Ybouy-ribouy-kea</i>
Plantar	<i>Tum aroiereã</i>
Enxada	<i>Pouroure</i>
Enxadinha	<i>Ytafeure</i>

A Ordem Econômica, que os homens guar- **Economia**
dam fora da casa é, a caçar, pesca, trabalhar nos jardins: **dos homens**
por que fazer se deve aos que se evadem

Arco	<i>Ouyrapare</i>
Atirar do arco	<i>Oumonibor</i>
A flecha	<i>Ouoãe</i>
Pescar	<i>Pirare-kie</i>
O barco	<i>Gigapep</i>
Deshains	<i>Pinda</i>
faia	<i>Poufap</i>
Cortar madeira	<i>Ybouira mondoc</i>
Capinar	<i>Ouirapan</i>

Uma foice	<i>Xeapan</i>
Marmelo	<i>Iu</i>
Uma faca	<i>Xé</i>

Cofres Além desta economia de casa, os homens e as mulheres tem o seu *Karamemos*, cestas ou cofres, nos quais eles apertam sobre a chave, arcos e ornamentos próprios ao seu sexo.

Um cofre	<i>Patoua</i>
Uma chave	<i>Chauy</i>
Uma cesta	<i>Ourou</i>
As Vestes	<i>Aobe</i>
As camisas	<i>Aoptin-mou-Kou</i>
Um alto das coisas	<i>Viroron, ou Ouïourou</i>
Um baixo	<i>Toumia-ourou</i>
Sapatos	<i>Pouia Paffa</i>
Um chapéu	<i>Akangaop</i>
Uma espada	<i>Ita-ikapan</i>
Uma arcabuz	<i>Mokaue</i>
Tesouras	<i>Pyraïn</i>
Colares	<i>Aiourichouare</i>
Um espelho	<i>Ouarona</i>
Pulseiras	<i>Papouy Chouare</i>
Pentes	<i>Kuwap</i>
Plumas de pássaros	<i>Ouïra-aue</i>
Flautas e apitos	<i>Mimbouig</i>

Deste discurso vocês viram como eles tem somente o que é necessário a vida humana, e fogem de toda superficialidade.

.....

DA INCLINAÇÃO GERAL QUE A NATUREZA DÁ AOS
SELVAGENS NA SUA POSTURA, TANTO EM SEUS GESTOS
COMO NA BUSCA DE NOMES HONORÁVEIS

Cap. XXVII

LAÉRCIO conta de Bion, que ele tinha costume de chamar a honra e a glória, a Mãe dos anos, pelo que me parece, que a Natureza queria se sobrepor à brevidade de nossa vida, uma imortalidade de renome, adquirida por atos Heróicos. Plutarco escreve, em a vida de Alexandre, que os Índios entre todos os povos do mundo, tem a inclinação de parecer e de trazer entre eles, uma memória e lembrança de seus altos feitos: e dá um exemplo um certo Índio da armada de Alexandre, o qual era tão adestro a lançar a flecha que ele dava infalivelmente, a parte aonde ele visava: O Rei lhe tendo comandado de atirar em qualquer lugar, e ele se recusou, e por causa deste acontecimento, fora condenado a morte: vindo ao suplicio, ele disse ao grande Preboste. Se Alexandre soubesse que a minha contrariedade não vem de rebelião, mas sim de medo que eu tinha de não responder à atenção do Rei, por causa da intromissão que eu fiz do meu exercício, há alguns dias, ele me salvaria a vida. Isto foi levado ao Príncipe, o qual vendo neste Índio, uma grande vontade de bem-fazer, para adquirir honra e glória, preferindo submeter-se à sentença de morte do que ter o infortúnio de mal fazer, o perdô..

Nossos índios *Tupinambás* são de temperamento igual aos índios orientais que foram subjugados pelo grande Alexandre, pelo fato de que uma das maiores paixões que eles têm é a de se destacarem como grandes guerreiros.

É fácil ver isto em seus gestos e ações. Todas as rasuras e cortes de sua pele, que eles chamam de *Cotiare*, ou seja, **Sinais ou braços de valor** escritas sobre a própria pele (assim como nós dissemos antes) não têm outro propósito do que se fazerem crer grandes soldados. Ainda que receber estas rasuras seja uma dor insuportável, fazendo inchar os músculos, que ficam três vezes maiores do que já são, vocês haveriam de crer firmemente que vão morrer, ainda que não recebam mais que três ou quatro linhas de *Cotiare* por vez. **Grandes dor de seus cortes** Pensem, eu lhes peço, em quão grande é esta dor de receber sobre seu corpo, profundamente, em carne viva, talvez três ou quatro mil cortes ou rasuras, e nas partes mais sensíveis, além do efeito da goma queimada, lançada nessas aberturas da carne, de onde vem esta dor tão cruel, que os índios recebem somente para desfrutar da estima entre os seus por ser valente.

Eu lhes farei outra consideração, não menor do que a precedente. Eles perfuram as bochechas, os lábios, as narinas dos dois lados, e em vários lugares, onde enfiam ossos, dentes, pedras, **Perfurações que fazem rir ou amedrontam** espetos. Na primeira vez que você chega a estas terras, vendo-os com estes adereços, você não sabe se deve ter medo ou se deve rir. Já vi alguns que tinham furado tanto o nariz, as bochechas, os lábios, a fim de imitar a cara de uma onça (a qual tem a face parecida com a de um gato furioso) com seus bigodes de um lado e de outro, longos e rígidos, que quase me davam medo, ao menos eu não podia deixar de rir vendo-os tão embigodados pelas narinas e bochechas, com espetos de pau passando de um lado ao outro no nariz, e tudo isto pelo mesmo motivo que no caso acima. Quão grande é a força da Natureza, que se martiriza, ela mesma, por um pouco de vaidade. Ah! Vejam aí uma bela ocasião para reconhecer e deplorar nossa queda e corrupção pelas quais passam agora (nesta depreciação do império do nosso espírito) nossas **Miséria e fraqueza humana** forças naturais ágeis e velozes para suportar um grande incômodo, a fim de nos alimentar de vento. Mas para adquirir a

beatitude eterna, não sentimos em nós mesmos coragem alguma; assim somos abatidos de fraqueza, não nos restando nem pé nem mão, para avançar um passo.

Quando eles contam alguma conquista de guerra alcançada por eles, ou por outro, é com emoção integral de seus corpos, batendo-se nas nádegas e no peito tanto quanto eles podem bater em cada momento de sua fala, e insistem pela suspensão da voz, para levar-nos a compreender e escutar melhor o que dizem. É uma máxima: vocês não os verão jamais divertindo-se a acariciar as mulheres com abraços, beijos e outras maneiras afeminadas sobre as quais mantenho silêncio, que é um jeito mais apropriado a um homem afeminado do que a um homem guerreiro, e aí está a zombaria antiga contra os grandes guerreiros em insistir nestas atitudes femininas, na ocasião em que os Anciãos representavam Hércules sovando com os pés sua pele de leão, e sua maça com a qual ele tinha conquistado tantas vitórias, e levava ao seu lado *une quenouille silant aupres de as femme*.

Gestos dos selvagens contando seus jeitos de guerrear

Não beijam as mulheres

Se alguém objetar, dizendo que estes selvagens são cheios de lascívia, eu concordo, considerando que eles não são cristãos. Mas é necessário também reconhecer que em certo ponto, ao não usar de maneira alguma qualquer delicadeza, isca e alimento de Vênus, eles são um exemplo para vários cristãos de nossa terra.

Objeção à sua lascívia

Eles são grandes admiradores dos nomes honrosos, que envolve em si certa grandeza, majestade e coragem, e não há nada que façam de grande e notável pelo que não receba a imposição de um nome novo; mas com esta diferença, que é bem significativa: que uma coisa é impor-se nomes e outra é receber nomes. Todos podem se dar quantos nomes queiram, até trinta, quarenta e cinqüenta, e aqueles que o fazem são de ordinário escravos, covardes e insensatos. Eu já vi uma infinidade de pessoas comportando-se dessa maneira, e apresentarei apenas um exemplo bastante divertido sobre isto.

Desejos de nomes honrosos

Os loucos impõem-se nomes

Havia na Ilha um louco da raça dos *Tupinambás* que quis ir ao *Miarim*, na frente dos *Tabajaras*. Ele foi com eles até *Taboukourou*, onde encontrou uma velha carcaça de cabeça de ho-

Exemplo

mem. Então foi correndo na direção dos *Aioupaues* onde estavam os *Tupinambás* e os *Tabajaras*. Ali ele começa a se aquecer, pega sua espada de madeira, bate nas nádegas e no peito, vai e vem de um lado a outro, dizendo aos que estão assistindo: “Eu sou valente e grande guerreiro, quero mostrar agora, vou destruir a cabeça do nosso inimigo”; e após estas palavras, aproxima-se daquela cabeça, avançando e recuando, dando uma volta em torno de si com a espada, repetindo freqüentemente as palavras: “*Ché aiuca, Ché aiuca*, eu vou matá-lo, eu vou matá-lo”, que é uma cerimônia de guerra praticada entre eles. Em seguida, batendo forte e firmemente naquela cabeça seca como linho, ele deixou-a em pedaços e, de novo, quebrando esses pedaços, reduziu o todo a pedacinhos. Tendo feito isto, voltou-se para o grupo sem forças, o suor escorrendo-lhe pelo corpo copiosamente. Então ele se deitou na sua cama plana, esperando que os Principais viessem buscá-lo para, segundo o costume, conferir-lhe um novo nome, em memória e lembrança do feito heróico. Mas como ele viu que ninguém vinha, ele levantou-se e foi encontrá-los, pedindo-lhe a honra do triunfo, e a aposição de um novo nome. Começando todos a rir, ele viu que zombavam dele, e não deixou de tomar ele próprio um nome dizendo-lhes: “Já que vocês não querem me dar um, eu tomo um nome.”

Quanto aos bravos guerreiros, se eles têm quatro ou cinco nomes já é muito, e mesmo se lhes são postos com o seu consentimento, pois para um homem não é pouco ter conseguido quatro ou cinco vitórias.

Entre os nomes honrosos dos quais eles ostentam, são os seguintes: *Kerembaue*, quer dizer, homem valente de guerra, belicoso, que tem prazer entre as armas, tanto que quando eles dizem estas palavras sobre eles mesmos, *Kerembaue Ché*, é com uma postura magnífica e corajosa. Da mesma forma é *Anäeté*, valente e forte, furioso, tremendo, terrível: *Ché anäeté*, eu sou forte, sou valente, indomável, terrível, tremendo, etc. Em terceiro, *Tétantou*, corajoso, que nada teme, que é o primeiro nos golpes, que toma a frente na batalha, que caminha de cabeça baixa sob as chuvas de flechas; *chéretantou*, eu sou ousado na guerra, eu não temo nada, eu enfrento tudo.*

* Aqui se conclui o trecho iniciado na página 104, inexistente na edição de Ferdinand Denis e, conseqüentemente, nas edições em português, que nela se basearam. (Nota desta edição.)

.....

DO CUIDADO QUE DO SEU CORPO TÊM OS SELVAGENS

Cap. XXVIII

PLATÃO chamava a forma do corpo um privilégio da Natureza; e Crates, o filósofo, um reino solitário. Mereceriam estas duas sentenças um discurso longo e amplo, se não nos ocupássemos de uma história, que exige estilo conciso, sem superfluidade de palavras ou digressões fora de propósito. Aplicando contudo o dizer destes dois filósofos ao nosso assunto para nos fazer ver que, tendo a natureza, por longos anos, recusado roupas aos corpos dos índios, os compensaria de um singular privilégio formando-os belos e agradáveis, sem o menor auxílio de suas mães, que apenas os carregam e cuidam deles como se fossem um pedaço de pau. Assenta-lhes muito bem a opinião de Crates por chamar o corpo um reino solitário e deserto, porque assim como os animais do deserto crescem e se embelezam, enquanto residem aí, isto é, em sua plena liberdade, assim também quando sob o domínio do homem e presos, embora no Palácio dos Reis e príncipes da Terra, para serem vistos e observados como novidade, principiam logo a emagre-

Platão

Crates

Os selvagens têm o corpo bem feito

Aplicação das palavras do filósofo Crates sobre a liberdade

Efeitos da escravidão

cer, a entristecer-se, a perder o desejo da propagação e da conservação da espécie, somente por terem perdido a liberdade que outrora gozavam no seu reino solitário. Ao negar a natureza a estes selvagens víve-

Liberdade dos selvagens e seus efeitos res bem preparados, bebidas bem feitas, vestidos pomposos, leitões macios e soberbas casas e palácios, compensou-os, porém, dando-lhes plena liberdade como aos pássaros no ar, e às bestas da floresta, sem serem molestados pela glotonaria e pedidos que não é aflição entre eles, que comparam as comodidades que pensamos ter neste mundo antigo. Se o Diabo, com o fim de roubar-lhes o bem da salvação, não se metesse entre eles, levantando novas discórdias a fim de se matarem e comerem uns aos outros, não haveriam por certo homens mais felizes no

mundo por causa de sua natural franqueza e liberdade, que, adubando as suas carnes as transformam em perfeita e saudável nutrição, e daí provém a beleza de seus corpos.

Donde vem a beleza de seus corpos

Espero a objeção para responder – vimos muitos índios sujos e repulsivos. Respondo: não é no rosto, onde se deve observar a forma e a beleza de um homem, e eis a razão

Objecção

por que Demóstenes zombou, quando os embaixadores de Atenas, regressando de sua comissão junto a Filipe, rei de Macedônia, gabavam muito a formosura dele.

Resposta

Não, não, disse Demóstenes, não é digna de louvor a beleza do rosto de um homem, tão comum entre os cortesãos, porém merece encômios a sua estatura, a proporção de seus membros, e fisionomia de grandeza e de nobreza.

Palavra de

Demóstenes sobre a beleza do homem

Falo de haver a natureza dado ordinariamente aos selvagens, e especialmente aos *tupinambás*, corpo bem feito, bem proporcional e de postura elegante, e quando estragam os rostos com incisões, buracos e extravagâncias de pinturas e de ossos, isso decorre, como já falei, da opinião que eles têm de serem por isso reputados valentes.

Selvagens prezam a limpeza

Têm muito cuidado com a limpeza do corpo: lavam-se muitas vezes, e não se passa um só dia em que não deitem muita água sobre si, em que se não esfreguem com as mãos por todos os lados para tirar o pó e outras imun-

dícies. As mulheres penteiam-se muitas vezes. Receiam emagrecer, o que chamam em sua língua *Angäüare*, e lastimam-se diante dos semelhantes dizendo *Chéan-gäüare*, “estou magro”, e todos se compadecem mormente quando chegam de qualquer viagem abatidos pelo trabalho: todos o lastimam e o deploram, dizendo, *Deangäüare seta*, “ah! quão está magro, só tem ossos”.

Limpam-se e penteiam-se

Receiam emagrecer

Têm pena dos magros

Eis a causa única por que não podiam residir conosco os jovens batizados, visto as mães temerem que eles emagrecessem se estivessem com os franceses, os quais supunham ter falta de tudo. Não consentiam que seus maridos trouxessem consigo os filhos para ver os padres e as capelas de Deus, senão à força, e com vivas recomendações para que os trouxessem de volta, e quando se lembravam deles afogavam-se em lágrimas e se entristeciam infinitamente.

Porque as crianças não vivem com os franceses

Louco amor das mães

Conservei em minha companhia um rapaz de *Tapuitäpera* chamado Michel, já batizado, e que muito bem sabia a doutrina cristã, a fim de ensiná-la aos meus escravos. Residiu comigo por alguns meses, porém não pôde ficar mais por causa das importunações da mãe, que mostrava sua dor chorando e lamentando-se constantemente, de maneira que veio seu pai de propósito para levá-lo, dizendo-lhe que sua mãe o olhava cheia de piedade (palavras usadas por eles para mostrar compaixão): veio pedir-me licença para o seu regresso chorando de dor (tanto amam e estimam os pais!) dizendo que sua mãe estava magra, e cheia de tristeza por sua ausência e pensando também que ele definhava estando comigo, asseverando-me que contaria à mãe o bom tratamento que eu lhe dava, e a licença que lhe concedi de voltar para casa.

Exemplo

Palavras comuns em sua língua

Um de nossos escravos cometeu uma falta, pela qual ia ser castigado: mal soube ele desta resolução, e quando ia ser preso, disse que estava magro, e que não o açoitassem como se fosse gordo, porque a gordura cobre os ossos, amortece os açoites e impede que a dor os acometa. “Se me açoitais com força, me romperás as veias apenas cobertas pela pele”, assim dizia por ser magro.

Outro exemplo

Para engordarem reuniam-se muitos índios, embarcavam numa canoa grande, munidos de farinha, de flechas e de cães, iam a terra firme, onde matavam a caça que lhes apetecia, como

Como eles engordam veados, onças, javalis, vacas-bravas, tatus, e muitos pássaros, e aí se demorando enquanto havia farinha, engordavam muito com estas comidas, e voltavam depois para a Ilha trazendo muita caça defumada.

Quando à Ilha regressou da guerra do Pará, *Brasil*^{*}, julgando-se magro, pediu licença ao Sr. de la Ravardière para ir a terra firme

Exemplo levando consigo alguns franceses bastante magros para engordá-los, o que lhe foi permitido. Embrenharam-se muito pelo sertão, e quando a felicidade os encheu de caça, aconteceu-lhes uma desgraça – acabou-se-lhes a farinha: viram-se obrigados a comer palmito, como se fosse pão, com a carne que tinham, o que contrariou muito os franceses desabituaados a esta espécie de pão, sentindo muito que a festa não fosse completa, havendo tanta carne a sua frente, mas não tendo jeito de comer porque lhes faltavam pão e sal. Aconteceu-lhes o mesmo que a Midas, dono de muito ouro, quando sua mulher lhe apresentou na mesa muitas iguarias, todas porém de ouro, ou então a Tântalo que morreu de sede apesar de cercado de água: o mesmo aconteceu aos franceses, que emagreciam em vez de engordarem por não terem levado a farinha necessária.

Neste ponto os franceses imitam os selvagens, e por isso estes os estimam. Os franceses residentes no Forte pedem licença para passear e refazerem-se de forças. Quando os selvagens sabem disso, vão à caça, e mediante a troca de alguns gêneros oferecem a estes pas-

Costume dos franceses para refazerem-se de forças seadores dois ou três banquetes: findos estes regressam à sua terra, e assim vão continuando ora numa aldeia, ora noutra, percorrendo a Ilha inteira

ou província de *Tapuitapera* e *Cumã*, recuperando as forças e consolando-se disso. Os franceses hospedados por seus compadres nestas aldeias não são muito felizes em seus passeios, porque se há então alguma coisa boa não é para eles, e sim para os viandantes. Costumam os selvagens dar o melhor que possuem aos hóspedes, duas

* Nome de um índio (Nota 44).

ou três refeições, passadas as quais dispensam-lhes somente o comum e trivial. Admire-se, eu vos peço, ainda que superficialmente, o grande amor de Deus para com os homens, aos quais imprimiu naturalmente a caridade para com o próximo. O que fazem de melhor os cristãos, e até os religiosos mais rigorosos senão praticar a caridade puramente natural nos selvagens, embora não possam estes merecer a glória, coisa diferente do que acontece à caridade sobrenatural dos cristãos, que esperam a recompensa na vida eterna?

Caridade natural dos selvagens

O asseio do corpo faz-se por muitas maneiras, e entre elas contam-se estas. Trazem sempre na boca a erva do *petun*, cujo fumo expelem pela boca e narinas com intenção de secar as umidades do cérebro e às vezes o engolem para limpar o estômago dos gases que eles expelem por meio do arroto. Apenas acabam de comer, fumam o *petun*, e o mesmo praticam pela manhã e à noite, quando se levantam e deitam-se. A propósito de

Uso da erva de petun

*petun** devo contar a idéia supersticiosa, que fazem desta erva e da sua fumaça. Crêem que a fumaça os torna sensatos, judiciosos e eloqüentes, de forma que jamais começam algum discurso sem usar dela. Mas não me parece que essa opinião seja tão supersticiosa, porque há nela uma razão natural: eu mesmo a experimentei, e reconheci que a sua fumaça desanuvia o entendimento, dissipando os vapores dos órgãos do cérebro, fortalece a voz secando a umidade e escarros da boca, permitindo assim facilidade à língua para bem exercer suas funções. Na verdade, é fácil experimentar isso

Opinião supersticiosa que têm do petun

Seu estado natural

com moderação e por tempo conveniente, porque o uso imoderado e continuado dela não me parece bom e saudável aos que se alimentam de bebidas e carnes quentes, porém é sadio aos que têm úmidos e frios o estômago e o cérebro. Eis a razão por que o selvagem habitante daquela zona muito úmida, e que bebe de ordinário somente água, usa constantemente deste fumo a fim de descarregar o cérebro de umidades e friagens e o estômago de gases, o que também praticam os barqueiros e habitantes do litoral. Pondo-se de infusão em vinho branco

* *Petun*: tabaco, fumo. (Nota 44)

Outros efeitos do petun por espaço de 24 horas, esta erva presta-se muito para limpar o corpo de infecções. Bebe-se somente do vinho.

Crêem também que, engolindo o fumo, ficam alegres e joviais, prevenidos contra a tristeza e melancolia, que os poderão assaltar. Vou referir-vos alguns casos que me contaram: Um selvagem que foi morto na boca de um canhão, e de quem hei de falar no Tratado do Espiritual-
Exemplo al,* antes de se encaminhar para o suplício pediu uma porção de *petun*, dizendo que ela lhe proporcionaria a última consolação desta vida, “pela qual eu possa render minha alma forte e alegremente”. E então, logo que lhe deram este *petun*, ele foi feliz, sempre cantando, para a morte. E quando seus companheiros o ataram à boca do canhão, ele pediu para que não amarrassem seu braço direito tão baixo e tão apertado, de modo que o impedisse de levar à boca o *petun*: quando a bala dividiu o seu corpo em duas partes, e uma foi para o mar e a outra caiu na base do rochedo, nesta achou-se ainda seguro pela mão direita o molho de *petun*.

Os escravos sentenciados à morte, segundo o costume da terra, não sofrem a pena sem que lhes dessem antes *petun*, nem mesmo os selvagens deixam esse hábito ainda que doentes. Os feiticeiros do país
Petun é oferecido aos escravos condenados à morte servem-se desta planta a serviço dos demônios, do que agora não falaremos, porém mais para a frente se a memória não me falhar.

Os selvagens conservam este hábito na doença Empregam ainda outro meio para a conservação da saúde. Comem muitas vezes e pouco de cada vez; depois que comem lavam muito bem a boca, e se têm sede quando comem, bebem pouco apenas para apagar a sede, gargarejam bem a água na boca para aplacar o ardor do céu-da-boca. Cozinham muito bem suas comidas, e não usam delas meio cozidas ou aferventadas, sendo nisto mais cuidadosos do que os franceses. Untam-se com azeite de palmas, de urucu, e de jenipapo [nota 45], o que têm sempre em abundância. Estou certo que os meus

* O “Tratado do Espiritual” constitui a segunda parte deste livro. Inicia-se na página 219 e está intitulado “Segundo Tratado” e segue até o final. (Nota desta edição.)

leitores, pouco conhecedores da disposição do corpo humano e do regímen necessário à sua conservação, julgarão que a natureza ensinou a estes homens o mesmo que a ciência e a experiência ensinaram a outros.

.....

DE ALGUMAS INDISPOSIÇÕES NATURAIS, A QUE OS
SELVAGENS ESTÃO SUJEITOS, E QUAIS OS NOMES
QUE DÃO A PARTES DO CORPO

Cap. XXIX

SÃO OS selvagens, na verdade, dotados pela natureza de boa saúde, conformação perfeita e agradável. Raras vezes, na proporção de um para cem, encontram-se entre eles corpos malfeitos e monstruosos.

Boa disposição natural

Não vi um só cego, apesar de existirem, porque eles o chamam *Thessa-um*, “cego”, *Cheressa-um*, “estou cego”, e *Ressa-um*, “tu és cego”. Notei porém terem alguns a vista curta, especialmente os velhos, e notavelmente as mulheres, visto que depois de 30 anos de idade têm a vista tão curta e fraca a

Vista curta

Escárnio de um ateu

ponto de não poderem mais tirar dos pés os *thons*, ou bichos [nota 46], como fazem os rapazes e as moças. A propósito dizia um capitão francês, não da nossa gente e pouco crente, que o Papa não tinha poder sobre o mar, porque Deus havia dito a São Pedro que o seu poder estendia-se somente sobre a terra, e por isso todos os que passam o mar em busca destas terras não estão mais sujeitos aos mandamentos da Igreja, podendo muito livremente tomar uma rapariga para concubina, visto terem necessidade dela para tirar dos pés deles e de outros franceses estes bichos. Conto isto para

mostrar quão perigosas são aquelas terras às almas que tudo envenenam.

Vi zarolhos, a que chamam *Thessaue*, porém muito poucos, e vesgos que denominam *Thessauen*, “vesgos”, *Cheressauen*, “estou vesgo”, *Deressauen* “tu és vesgo”. Encontram-se alguns gagos, a que chamam *Gningayue*, “gago”, *Chegningayue*, “estou gago”. Os velhos e os meninos são muito ramelentos, a que chamam *Thessau-um* “rameloso”, *Cheressau-um* “estou rameloso”, *Deressau-um* “tu és rameloso”: é o resultado da grande umidade do lugar, mais predominante nos corpos dos meninos e dos velhos devido à fraqueza da temperatura corporal, que é menor nos corpos destes do que nos dos outros, onde é mais forte e robusto. Existem poucos calvos, e se chamam *Apterep* “calvo”, *Cheapterep* “estou calvo”, e não existem muitos por serem seus cabelos fortes, retos e lisos.

Encontram-se poucos coxos, chamados *Parin*, poucos manetas, *Iuuasuc*, e poucos mudos, *Gneen-eum*, alguns gotosos, que chamam de *Karuarebore*, e a “gota” de *Karuare*. Encontra-se também uma espécie de sarnentos que vêm de raça, os quais mudam de pele anualmente, e direis ao vê-los que são doentes de Saint Main* e contudo não sentem nada, são saudáveis, e chamam-nos a todos que sofrem deste mal *Kuruuebore*, e a sarna *kuruue*, “eu sou sarnento” *Chékuruue*.

Há gente de nariz chato como aqui, chamados *Timbep*: “Eu tenho nariz chato”, *Chétimbep*; “Tu tens nariz chato”, *Detimbep*; “ele tem nariz chato”, *Ytimbep*.

A todas as partes do corpo dão um nome especial, e particular. Chamam a alma *An*, “minha alma” *Che-An*, “tua alma” *Dean*, “nossas almas” *Orean*, “vossas almas” *Pean*, “suas almas” *Yan*, enquanto a alma está presa ao corpo, porque quando está separada chamam-na *Anguere*.

* No original, “malade de Saint Main”, espécie de doença da pele, também chamada “lepra dos gregos”, qualificação de Ambroise Paré, médico de Henrique IV. (Nota desta edição.)

Nomes dos	A cabeça	<i>Acan</i>
membros	Minha cabeça	<i>Cheacan</i>
do corpo	Caspa	<i>Kua</i>
	Cabelos	<i>Aue</i>
	Meus cabelos	<i>Cheane</i>
	Cérebro	<i>Aputuon</i>
	Testa	<i>Suaa</i>
	Pálpebra	<i>Taupepyre</i>
	Rosto	<i>Tova</i>
	Meu rosto	<i>Cherova</i>
	Teu rosto	<i>Derova</i>
	Seu rosto	<i>Sova</i>
	Olho	<i>Tessa</i>
	Lágrimas	<i>Thessau</i>
	Meu olho	<i>Cheressa</i>
	Mancha no olho	<i>Tessaton</i>
	Vi uma mancha no olho	<i>Cheressaton</i>
	Piscar os olhos	<i>Sapumi</i>
	Pisco os olhos	<i>Assapumi</i>
	Ouvido	<i>Apuissa</i>
	Ouvir	<i>Sendup</i>
	Ouçó	<i>Assendup</i>
	Orelha	<i>Nemby</i>
	Minha orelha	<i>Chénemby</i>
	Nariz	<i>Tin</i>
	Monco	<i>Embuue</i>
	Assuar	<i>Yembuue</i>
	Narinas	<i>Apoín-uare</i>
	Paladar da boca, ou véu do paladar	<i>Konguire</i>
	Boca	<i>Giuru</i>
	Beijo superior	<i>Apuan</i>
	Beijo inferior	<i>Teube</i>
	Garganta	<i>Yasseok</i>
	Escarrar	<i>Gneumon</i>
	Eu escarro	<i>Auendeumon</i>
	Tu escarras	<i>Eveuendeumon</i>
	Saliva	<i>Thenduc</i>
	Língua	<i>Apec Kon</i>
	Minha língua	<i>Ché-ape Kon</i>

Falar	<i>Gneem</i>
Eu falo	<i>Aigneem</i>
Bom falador	<i>Gneemporam</i>
Hálito	<i>Puïtu</i>
Dentes	<i>Taim</i>
Doem-me os dentes	<i>Chérainaçü</i>
Meu dente	<i>Cheraim</i>
Teu dente	<i>Deraim</i>
Seu dente	<i>Saim</i>
Dente maxilar	<i>Taiuue</i>
Mastigar	<i>Chuu</i>
Eu mastigo	<i>Achuu</i>
Face	<i>Tovape</i>
Beijar	<i>Geurupüitare</i>
Eu beijo	<i>Aigeurupüitare</i>
Bochchudo	<i>Tovape-uachu</i>
Queixo	<i>Tendeuua</i>
Barba	<i>Tendeuua-aue</i>
Barbudo	<i>Tendeuuaaue-reKuare</i>
Cachaço	<i>Aiure</i>
Colo	<i>Aiuripui</i>
Estrangular	<i>Iubuic</i>
Peito	<i>Potia</i>
Ombros	<i>Atiue</i>
Braços	<i>Iuua</i>
Cotovelo	<i>Tenuvangan</i>
Punho	<i>Papuë</i>
Palma da mão	<i>Papuïtare</i>
Mão	<i>Po</i>
Minha mão	<i>Chépo</i>
Mão direita	<i>Ekatua</i>
Mão esquerda	<i>Açu</i>
Dedos	<i>Pnan</i>
Unha	<i>Pnampé</i>
Minha unha	<i>Chépuampé</i>
Mama	<i>Cam</i>
Coração	<i>Gnaen</i>
Veias	<i>Taiuc</i>
Sangue	<i>Tubui</i>

Baço	<i>Perep</i>
Tripa	<i>Thyepuy</i>
Fígado	<i>Puya</i>
Fel	<i>Puya-upiare</i>
Barriga	<i>Thuye-uacu</i>
Ventre	<i>Theic</i>
Umbigo	<i>Puruan</i>
Costas	<i>Atucupé</i>
Rins	<i>Puiiasoo</i>
Ilharga	<i>Ké</i>
Minha ilharga	<i>Ché-Ké</i>
Costela	<i>Aru Kan</i>
Minha costela	<i>Ché-arú Kan</i>
Quadril	<i>Tenambuik</i>
Útero	<i>Acaia</i>
Testículos	<i>Pere Ketin</i>
Nádegas	<i>Tevire</i>
Curva da perna	<i>Anangüire</i>
Coxas	<i>Uue</i>
Joelhos	<i>Tenupuian</i>
Pernas	<i>Tuma</i>
Pé	<i>Pui</i>
Calcanhar	<i>Puiita</i>
Planta do pé	<i>Puipuitare</i>
Dedo do pé	<i>Puissan</i>
Corpo	<i>Tétè</i>
Meu corpo	<i>Chéreté</i>
Pele	<i>Pyre</i>
Suor	<i>Thue</i>
Gordura	<i>Kaue</i>
Osso	<i>Cam</i>
Meus ossos	<i>Chécam</i>
Tutano	<i>Camaputuon</i>

.....

DE ALGUMAS MOLÉSTIAS PARTICULARES
A ESTAS TERRAS DAS ÍNDIAS, E DE SEUS REMÉDIOS

Cap. XXX

O GÊNESE nos ensina como explicam os doutores haver Deus dado aos homens contra todos os males o fruto de uma espécie de árvore, à maneira da *teriaga*. Este mesmo Deus, sempre bom para com todas as criaturas, embora pequenas e longe dele, prevendo que esta infeliz raça de selvagens viveria, por longos anos, vagabunda e nua pelas grandes florestas do Brasil, lhes deu muitas espécies de árvores e ervas para tratar suas feridas e moléstias.

Gênese

**Árvore da vida
oferecida a Adão**

Pois ele vos fará crer que estas terras tem muitas árvores medicinais, gomas salutareas, e excelentes ervas, que a ninguém sob a abóbada celeste o tempo daria a conhecer [nota 47] os trabalhos daqueles que se dedicam à sua pesquisa, pois somente esta há de fazê-las conhecidas.

**Árvores e ervas
para a cura**

Vi tirar-se da casca de certa árvore uma espécie de almécega, semelhante à que cresce nos jardins da Europa, e dizem os selvagens que serve para toda a moléstia, e assim a empregam. Contam mais, que todos os animais ferozes, quando se sentem feridos ou doentes, recorrem a esta árvore para cura-

**Árvore especial
para a Medicina**

rem-se, e por isso raras vezes se encontra uma só com toda a sua casca, por ser roída constantemente por todos os bichos.

Encontra-se também crescida nas folhas das árvores uma espécie de goma branca, de cor prateada, e que dizem **Gomas peculiares** ser muito boa para toda sorte de chagas. Há outra goma, também branca, ótima para limpar chagas ou fazer supurar os abcessos profundos fazendo seu efeito em 24 horas. Vi o seu emprego

Exemplo num moço francês que estava comigo, o qual tinha, por causa dos bichos, os pés e as pernas tão estragados e inchados a ponto de recearmos que os perdesse, coisa horrível e impossível de narrar bem. Fez-se aplicação de emplastros desta goma nas pernas e pés dele e no dia seguinte estavam sãos como se antes não tivessem coisa alguma, porque, puxando os bichos do interior das carnes onde se achavam à superfície das feridas, aí se grudaram nos emplatros pela cabeça, e assim morreram todos em número considerável, limpando muito bem a chaga e deixando-a viva e vermelha. Não falarei de outras gomas e bálsamos, e nem de um milhão de ervas, das quais se podem destilar espíritos e essências, porque desejo falar de certas moléstias, reinantes nesta terra, dos remédios que contra elas se aplicam, não porque seja a terra

Saúde da terra doentia e insalubre, antes muito boa e saudável, especialmente de junho a janeiro: durante este tempo as brisas, isto é, os ventos de leste ou do Oriente sopram constantemente, purgando a terra de vapores pesados, e por isso raras vezes os selvagens adoecem; a falar a verdade, eles só têm uma moléstia, de que morrem. São os franceses muito mais sujeitos a doenças, como a experiência fez conhecer a mim e a outros, porém creio ser isto devido às necessidades e misérias por que passamos no princípio do estabelecimento ou da fundação e não a outra causa. Tinham então os franceses poucas comodidades, porém já começavam a gozá-las quando deixei a Ilha. Não desejo a pessoa alguma tais inconveniências e moléstias, porém fiquem todos certos e convencidos de que não sofrerão a centésima parte do mal que temos sofrido.

Das suas moléstias a primeira chama-se *Pian*, que vem da palavra *Pé*, que quer dizer “caminho”, ou, se quereis, “pé”, por originar esta

moléstia do escarro, ou da sânie, espalhado no chão, por onde se caminha. Começa ordinariamente debaixo dos dedos dos pés, do tamanho de um *liard** de cor negra: os índios chamam esta mancha *Aipian*, isto é, *Mãe Pian* [nota 48], porque dela descendem todas as outras chagas e postemas, que esta horrível moléstia espalha por todo o corpo à maneira de uma erva ou arbusto, que saindo desta mãe pian, como de uma raiz, fosse sempre crescendo, subindo, e espalhando, pelo corpo, ramos, folhas e olhos, que enchesse interna e externamente o doente de cruéis dores, e de incrível putrefação, das quais muitos morrem. Dura pouco mais ou menos dois anos. Se um francês sofrer esta moléstia deve curar-se inteiramente antes de regressar para a França, o seu país, porque não há remédio no mundo, exceto no Brasil, que a cure, a não ser o ruibardo comum, isto é, a morte, que cura todos os males. Eu já disse como esta moléstia chega acidentalmente; vejamos agora sua origem e fonte ordinária e natural a fim de prevenir os franceses, que forem para lá.

Esta moléstia ataca os franceses, como o mal de Nápoles,** pelo desregramento e a sífilis das mulheres indígenas. Para evitá-la convém a vida casta, ou então que tragam suas mulheres, ou que se casem com as índias cristãs, visto ser o casamento poderoso antídoto contra tal veneno, o que se observa mesmo no casamento natural entre os índios, os quais não sofrem o *grande mal*, se não o têm adquirido pelo seu desregramento em outros lugares, e sim o *pequeno*, que todos sofrem na vida, assim como na Europa a grande e a pequena varíola. Esta *bouba grande* excede em dor e sordidez, sem comparação, ao mal de Nápoles, e com razão, porque merece ser punido nesta vida o pecado que os franceses cometem com as índias, arrebatando de nossas mãos estas infelizes almas quando pretendíamos salvá-las, se com seus maus exemplos não as conduzissem às fornalhas da lubricidade. Meditem bem aqueles que são capazes de cometerem tais pecados, na conta que darão a Deus por haverem causado o dano e a perda destas pobres almas indígenas. Se a vida eterna é somente concedida aos que buscam a salvação de outrem, que lu-

**Doença de Pian.
Origem e sua
particularidade**

**Procedem
especialmente
de excessos**

* Antiga moeda de cobre, a quarta parte de um soldo de França à época. (Nota desta edição.)

** Doença venérea, talvez a gonorréia. (Nota desta edição.)

gar esperarão aqueles que, para satisfação de brutais desejos, seduzem essas pobres criaturas a ponto de fazê-las desprezar as prédicas do Evangelho e a sua própria salvação?

Remédio para esta moléstia Tempo e paciência são os principais remédios para esta moléstia; os suores aproveitam muito, mitigam e encurtam o tempo, bem como as dietas e o regímen de vida.

Instrução para o pecado A experiência tem mostrado que para estas moléstias a carne mais propria é a do peixe *rechien* (não usada pelas pessoas saudáveis, por lhes fazer vomitar até sangue, e produzir-lhes grandes moléstias) cozida em ervas fortes e amargas, que se encontram em todos os lugares. Por um momento de prazer sofrem mil dores, e aquilo que para os bons é veneno para eles é carne saudável, embora de gosto ruim. É costume deste astuto boticário Satanás untar a borda do copo com mel ou açúcar para se beber de um só trago o veneno, que depois vai roer e encher de dor e raiva as entranhas: quero dizer que ao pecador apresenta o prazer, e não o seu castigo, e bem depressa experimenta o desgraçado que o prazer voa, porém a dor dura eternamente.

Outra doença Nós experimentamos outras moléstias naquelas terras, tanto o Sr. de la Ravardière, como outros franceses, e eu sobre todos, sofremos intensas febres quartãs, terçãs, e incertas, as quais, depois de haverem mortificado muito o corpo, deixam dores nos rins, produzem cólicas insuportáveis com vômitos contínuos, sempre debilitando o corpo, resfriando e contraíndo o estômago, acompanhado de contínua fluxão do cérebro, que se expande pelos braços, coxas, e pernas, tornando-os sem ação, à semelhança de uma estátua ou pedra imóvel. Parece-me que é a moléstia que ceifa maior número de selvagens tornando-os hécticos e paralíticos.

Remédio Os remédios para estas moléstias são beber o menos água que for possível, porque o sabor das águas, alterado com o calor da febre, faz beber muita água, perdendo o estômago seu calor próprio, adquirindo grande crueza e fraqueza, de que resulta não só a sua constrição, mas também a pituíta e outros humores corrompidos: presentemente, como há cerveja, espero que não sejam freqüentes estas moléstias e que não chegarão ao excesso, que vi, e cujas conseqüências

ainda sinto. O vinho e a aguardente são bons para aquecer o estômago e por isso aconselho aos que lá forem que poupem muito o seu vinho e aguardente para essa e outras necessidades, e não os gastem prodigamente, quando em boa saúde, em farras, mormente sendo a cerveja lá feita com milho bom, muito mais saborosa e saudável, em face do contínuo calor, do que o vinho e a aguardente. As boas sopas são o único remédio, e as aves e ovos em abundância são o alimento desses doentes.

As outras moléstias são o defluxo e violentas dores de dentes por causa da umidade da noite nesta **Outras doenças** zona tórrida, como bem notou o jesuíta Acosta, na sua *História das Índias*, à qual pode recorrer o leitor, visto que nada quero dizer ou escrever sem ciência própria. É tão forte a umidade da noite, que produz ferrugem nas espadas, mosquetes, facas, machados e machadinhas, os quais corrói e destrói se não houver cuidado de os conservar. São mui frias as fluxões do cérebro, pois descendo à raiz dos dentes apodrece-os e os fazem cair.

São remédios especiais a estes males a aplicação **Remédios** de cautérios no colo e nos braços, e cobrir bem a cabeça durante a noite.

Todos os anos reina doença de olhos, das **Doença dos olhos** quais poucos escapam, especialmente os franceses, porque dura apenas oito dias, sendo por sua virulência antes furor do que moléstia, e se não se combate logo corre-se o risco de ver-se somente metade do mau tempo. É fácil o remédio: tome-se **Remédio** um pouco de vitríolo, deite-se numa garrafa cheia de água bem limpa, e dela se derrame um pouco nos olhos bem abertos e fixos, abstendo-se de tocá-los, tendo-os sempre cobertos, e não os expondo ao vento e nem ao sol, porque senão o mal redobra visto que, sendo esta moléstia constituída de uma fluxão quente e acrimoniosa, se esfregardes os olhos e vos expordes à ação do vento e do sol, mais exacerbareis o vosso mal.

.....

DA MORTE E DOS FUNERAIS DOS INDÍGENAS

Cap. XXXI

JACÓ desposou* duas irmãs, Lia e Raquel, o que é passagem explicada por padres e doutores de maneira diversa. Tomarei somente o que convém à historia, isto é, que Deus tem duas filhas, a Natureza e a Graça, que dá por esposa aos seus escolhidos. A Natureza é imperfeita, porém fecunda como Lia; a Graça é de formosura inexcedível, porém estéril como Raquel. Ambas são irmãs: basta vê-las para reconhecer isso; e semelhantemente seus filhos como gêmeos, diferenciando-se apenas por linhagens estrangeiras. Quero com isso dizer num ponto e cerimônia que reconhecemos facilmente a verdadeira religião e os seus herdeiros. Acha-se isto tão naturalmente gravado no fundo da alma das nações as mais bárbaras, que serve de argumento demonstrativo para provar acharem-se em verdadeira graça os que prestam homenagem aos seus mortos. Em caso contrário prova-se que estão em poder do gênio, e em oposição ao instinto puramente natural,

* Na tradução de César Marques, “desprezou”, possível erro tipográfico que, desde 1874, se manteve em todas as edições desta tradução. (Nota desta edição.)

imitando neste caso os brutos animais, não fazendo caso dos seus amigos falecidos, especialmente da sua alma, melhor parte de sua composição.

É a maldição proferida por Jó, no cap. 18 – *Memoria illius pereat de terra, & non celebretur nomen eius in plateis*, “desapareça da Terra a sua memória, e nem seja seu nome pronunciado em público”. Simaco explicando diz: *Non erit nomen eius in faciem fori* – “não chegará seu nome ao foro dos senadores”; e mais claramente Policrônio *Nec in amicorum versabitur memoria*, “nem seus amigos se recordarão deles”, grande maldição, visto que os povos os mais selvagens do Universo que são os habitantes do Brasil nada mais receiam, após a morte, do que não serem chorados e lamentados, isto é, que para eles, na morte, não hajam da parte dos seus parentes, lágrimas, lamentações, e outras cerimônias embora supersticiosas.

Quando se acham muito doentes estes selvagens, e por seus parentes julgados em perigo de vida, perguntam-lhes o que desejam comer antes da morte, e saciam-lhes o desejo. Enquanto doentes alimentam-se com farinha de *mandioca* e *ionker*, isto é, “pimenta-da-índia”, misturada com sal, julgando que com tal dieta, abuso inaudito entre eles, recobrarão a antiga saúde. Vi um homem e uma mulher da nação dos *tabajaras*, só pele e ossos, parecendo-me terem vida apenas por dois dias, e por isso os batizei logo apenas me pediram, e escaparam da morte desta vez tomando boas sopas.

Quando chega a hora da morte, reúnem-se todos os seus parentes, e geralmente todos os seus concidadãos, cercam o leito do moribundo os parentes mais próximos, depois os velhos e as velhas, e assim de idade em idade: não dizem uma só palavra, olham-no com toda a atenção, banham-se de lágrimas copiosas; mas apenas a pobre criatura exala o último suspiro, dão berros e gritos, em lamentações compostas por uma música de vozes fortes, agudas, baixas, infantis, enfim de todo o gênero, que infalivelmente entenece todos os corações, apesar de serem naturais todas essas dores e lágrimas, sem conhecimento do bem e do mal, que poderá desfrutar esse espírito desprendido do corpo morto.

Jó 18

Simaco

Policrônio

Maldição

De não ter funeral

Como são tratados os selvagens moribundos

Exemplo

Assistência aos que morrem

Depois de muitas lamentações, o Principal da aldeia ou o Principal dos amigos faz um grande discurso muito comovente, batendo muitas vezes no peito e nas coxas, e então conta as façanhas e proezas do morto, dizendo no fim: “Há quem dele se queixe? Não fez em sua vida o que faz um homem forte e valente?” Conto isto porque presenciei-o três ou quatro vezes, lembrando-me de haver lido e notado em Polib. liv. 6 Diod. Sic. 1. 2.6.3 Políbio, Livro 6º, e em Diodoro da Sicília, livro 2º, cap. 3º, terem os antigos romanos o costume de levarem seus mortos à praça pública, onde o filho mais velho da casa, ou o principal herdeiro, em falta de filhos machos e de maior idade, subia a uma espécie de palco, e desfiando todos os louvores que podia fazer ao morto, seu parente, desafiava todos os assistentes para que o acusassem, se pudessem, a fim de ele responder, e depois convidava-os a acompanharem o corpo até a sepultura.

Voltemos aos nossos selvagens. Já tendo encerrado choro e discurso, tomam o corpo, já repleto de penas na cabeça e nos braços, uns o vestem com um capote, outros lhe dão um chapéu, e, se há, trazem-lhe o macinho de *petun* [nota 49], seu arco, flechas, machados, foices, fogo, água, farinha, carne e peixe, e o que em vida ele mais apreciava. Fazem depois um buraco fundo e redondo em forma de poço convenientemente grande; assentam o morto sobre os calcanhares conforme é o seu costume, e descem-no docemente ao fundo [nota 50], acomodando ao redor dele a farinha, a água, a carne, o peixe, e ao lado de sua mão direita, a fim de poder pegar em tudo facilmente; do outro lado arrumam os machados, as foices, os arcos e as flechas. Ao lado dele fazem um buraco, onde acendem fogo com lenha bem seca a fim de não apagar-se, e despedindo-se dele o incumbem de dar muitas lembranças a seus pais, avós e amigos, que dançam além das montanhas dos Andes, para onde julgam vão todos depois de mortos. Uns dão-lhe presentes para levarem a seus amigos, outros lhe recomendam muito ânimo no decorrer da viagem, advertindo-o para várias coisas: primeiro, que não deixe o fogo apagar-se; segundo, que não passe pela terra dos inimigos; terceiro, que nunca se esqueça

de seus machados e foices quando dormir em qualquer lugar. Cobrem-no depois pouco a pouco com terra, e ficam ainda algum tempo junto à cova, chorando-o muito, dizendo-lhe adeus. De vez em quando aí voltam as mulheres, ora de dia ora de noite, choram muito e perguntam à sepultura se ele já partiu.

Lamento após o enterro

A propósito contarei três histórias interessantes. A primeira: enterraram um bom velho em distância de 50 passos de minha casa. Dia e noite consumiam-me as velhas com seus choros. Para ter sossego lembrei-me de mandar esconderem-se atrás de uma moita a três passos da cova, no meio do caminho por onde as velhas deviam passar, dois rapazes franceses, que comi-go moravam. Mais adiante mandei também esconderem-se dois escravos nossos, aos quais disse o que deviam fazer. À noite todos ocuparam as suas posições, e no fim de um quarto de hora, quando as velhas vieram, todas juntas, e principiaram a gritar na cova, responderam os franceses, imitando *Jeropari*, e elas cheias de susto dispararam a correr, e quando no caminho encontraram outros dois *Jeroparis*, redobraram de esforços, e saltando por espinheiros e moitas chegaram a casa mais mortas do que vivas, e sobressaltando a todos mandaram fechar as portas para que não entrasse o tal *Jeropari*. Estava eu perto e muito gostei desta comédia por alcançar sossego, visto as velhas não regressarem mais.

Exemplos muito interessantes

A segunda história é a de um selvagem, que morreu e foi enterrado na estrada perto de onde estávamos, no São Francisco, no Forte de São Luís. Ele fora batizado antes de morrer, porém, para nossa decepção, enterraram-no aí e com as cerimônias que já descrevi. Zanguei-me um pouco com isto e ralhei, porém não pude descobrir o responsável, por já haver decorrido três ou quatro dias. Mas ao passar por lá, encontrei mulher dele, que voltava da roça, assentada sobre a sepultura, chorando amargamente, e espalhando nela algumas espigas de milho. Indagando-lhe o que fazia, respondeu-me estar perguntando ao marido se ele já tinha partido, porque receava haverem amarrado muito as pernas e os braços quando foi enterrado e não lhe tinham dado a faca, pois havia levado consigo apenas o machado e a foice, e que lhe trazia o milho para comer e partir no caso de já não ter mais provisões. Fi-la ir embora, mostrando como pude a sua ignorância e superstição.

A terceira história é a de um menino de uns dois anos, que morreu de diarreia duas horas depois de batizado. Eu, o senhor de Pesieux, e outros franceses fomos amortalhá-lo num lençol de algodão. Encontramos o corpo cercado por muitas velhas, que faziam uma algazarra de choros e gritos capaz de quebrar uma cabeça de aço, carregado de miçangas, pequenos grãos de vidro que os franceses lhes dão, e de muitos búzios, que usam nos seus adornos e enfeites para as grandes festas. Não pudemos convencer as velhas a tirarem tais enfeites do cadáver, e sendo assim mesmo conduzido numa prancha por um francês, fizemos o seu funeral à maneira da Europa, levando-lhe o corpo para a capela do Forte de São Luís, onde repousou, enquanto recitamos as orações prescritas pela Igreja para esse fim.

Seguiram-nos as velhas de bem perto, e não se animando a entrar, começaram a entoar uma música tão alta e forte que não nos entendíamos dentro da igreja. Impusemos silêncio e foi o corpo enterrado no cemitério junto à capela. As velhas se meteram entre os franceses, umas trazendo fogo, água, farinha, para colocar ao lado do menino, para ele se servir em sua viagem, o que mandei deitar fora à vista delas, fazendo-as ver sua loucura por intermédio do intérprete. Recolheram-se às suas casas, onde se fartaram de chorar.

.....

DO REGRESSO À ILHA DO SR. DE LA RAVARDIÈRE
E DE ALGUNS PRINCIPAIS QUE VIAJARAM COM ELE

Cap. XXXII

DIANTE do surgimento de uma barca portuguesa, o Senhor de Pesieux não perdeu tempo em comunicar essas novas despachando uma canoa ao Senhor de la Ravardière, descrevendo o estado em que nos achávamos e prestes a sermos sitiados em breve tempo. Gastou a canoa três meses na viagem, e ciente destas coisas partiu o Sr. de la Ravardière logo que pôde em direção da Ilha, afrontando perigos, que muitos são nestes mares; porém de coisa alguma nos serviria sua atividade, porque se nesse intervalo de quatro meses sofrêssemos o cerco seríamos já então vencedores ou vencidos.

**Regresso do Sr.
De La Ravardière**

Esta interrupção da viagem do Amazonas causou muito mal à colônia, porque se teriam colhido muitos gêneros pelas margens dos rios, muito mais povoados de selvagens de diversas nações do que a *Ilha, Tapuitapera, Cumã e Caieté* [nota 51]. São mais pacíficos, e bem providos de algodão e outros tecidos. Quanto mais pobres e necessitados de macha-

**A interrupção desta
viagem muito
prejudicada**

dos, foices, facas e vestidos, tanto mais fácil é o troco de qualquer destes objetos alcançar coisas de valor.

Outro prejuízo que a colônia dos franceses sofreu foi o fato de muitas nações, que haviam resolvido aproximarem-se da Ilha, habitarem as terras vizinhas, e cultivá-las, vindas com o senhor de la Ravardière no retorno do Amazonas, ao saberem dos rumores sobre os portugueses decidiram suspender sua resolução e esperar o desenrolar dos acontecimentos.

Com a chegada o senhor de la Ravardière, prosseguiu-se ativamente nas obras dos fortes dos acessos da Ilha, montando-se-lhes artilharia e dando-se-lhes guarnição. Passados alguns dias achou-se acompanhado por muitos guerreiros selvagens, que vieram para a Ilha, e entre eles estava o *Arraia grande* dos *Caietés*, selvagem pelos seus muito estimado, valente, bom conselheiro, e de tal influência que os companheiros o seguem, trabalham e abraçam inteiramente as suas idéias, o que foi muito útil aos franceses, pois ele mantém todos os selvagens ao serviço e à devoção do nosso pessoal.

Pouco antes da viagem do Amazonas alguns meninos maldosos espalharam entre os *Caietés* e os do *Pará*, que sob o pretexto dessa viagem iam os franceses aprisioná-los. Esta notícia aterrou-os de tal forma que muitos já estavam resolvidos a deixar suas casas, e a buscar outro lugar quando o *Arraia grande* por seus discursos lhes fez ver quanto era infundado o seu receio, dizendo então muito bem dos franceses.

Ele, sua mulher, e alguns parentes acompanharam uma barca, que ia da Ilha para o *Pará* em busca dos gêneros da região, aí mui preciosos. Quis a infelicidade que, no regresso para a Ilha, a canoa naufragasse, por estar muito pesada, a duas léguas da terra. Desprezaram todas as riquezas, procurando salvar-se agarrados a uma prancha, e outros se puseram no barco. Esperou pacientemente o *Arraia grande* que todos procurassem meios de salvar-se, e afinal ele, sua mulher, e um intérprete francês se puseram a nadar animando ele a todos com estas palavras: “A morte é invejosa, vede

como atira estas ondas sobre a nossa cabeça a fim de acabar conosco; mas, mostremos-lhe que somos ainda fortes e valentes e que não é chegado a hora de nos levar.” Salvaram-se todos em várias ilhas desabitadas, exceto um francês, vítima de tubarões [nota 52]. Vendo o *Arraia grande* os franceses nus e famintos, em lugares estéreis e cercados de mar, atirou-se às ondas, atravessou grande espaço cheio de mangue desembaraçando-se a muito custo das raízes destas árvores, do tijuco, onde às vezes se enterrava até o pescoço. Chegando à aldeia dos seus semelhantes animou-os a virem com algumas canoas, trazendo roupas e víveres, e depois que todos regressaram às aldeias defronte do lugar do naufrágio, ele lhes entregou tudo quanto haviam perdido, e que o mar tinha atirado às praias.

Este *Arraia grande*, num navio de Saint Malo, veio à França, e aqui se demorou um ano pouco mais ou menos; em tão pouco tempo aprendeu a falar francês, fazendo-se ainda hoje entender bem, embora já passados muitos anos, e tem tão bom juízo e memória que ainda hoje conta várias particularidades que existem na França. Não trato do estado espiritual, e nem do que me disse relativamente ao cristianismo, porque deixo isso para o seu lugar próprio, mas quanto ao temporal muitas vezes o ouvi falar aos seus semelhantes, e especialmente aos *tabajaras* do Forte de São Luís.

“Os franceses são fortes, habitam um país grande, abundante de boas comidas, de muito vinho, de pão, de boi, de carneiro, de galinhas, de muitas espécies de pássaros, e de grande variedade de peixes; suas casas são construídas de pedras, cercadas de grossos muros, onde está assentada grossa artilharia, batendo o mar na base da muralha, ou são circundada de fossos cheios de água. Ao longo das ruas há lojas lotadas de todos os gêneros. Andam a cavalo, e os maiores, ou melhor, os principais são acompanhados por muitas pessoas, como o senhor de la Ravardière, residente perto da cidade onde eu estive. O rei dos franceses vive no meio do seu reino em uma cidade chamada Paris. Os franceses odeiam, como nós, os *Peros*, e lhes fazem guerra por terra e por mar, e

Francês levado por tubarões

Socorro de selvagens aos franceses

O Arraia Grande conhecia a França

Fala francês

Seus discursos sobre a beleza e a riqueza da França

sempre com vantagem, porque os *Peros* são tidos como fracos, mais valentes e animosos os franceses como nenhuma outra nação, e eis a razão por que não devemos temer aqueles, visto estes nos defenderem.

Desculpa para os franceses na guerra dos camarapins

Alguns maldizentes de nossa gente espalharam não terem os franceses podido submeter os *camarapins*, porém isto é falso. Cumpriram seu dever e se os *tupinambás* tivessem querido ajudar-nos, seriam agarrados, porém o chefe dos franceses condeou-se deles, e não quis que todos fossem queimados como aconteceu com parte deles.” Fez este e outros discursos semelhantes, e depois, percorrendo a Ilha, em cada aldeia os repetia na *casa grande*.

Sua entrada no forte S. Luís

Procurando imitar a maneira por que entrou na grande praça de São Luís, não só para saudar os *tabajaras*, como também para ajudar os franceses, dispôs ele a sua gente de forma muí estranha, em número de cem a cento e vinte, um a um, ou um atrás do outro, e assim por diante. A uns deu cabacas, a outros panelas, a outros mais deu escudos redondos, e a outros espadas e punhais, a estes arcos e flechas, a aqueles diferentes instrumentos, dividindo os tocadores de maracá [nota 53] em grupos de cerca de dez, e assim percorreram a habitação dos *tabajaras*, e depois foram à

Dança agradável

praça grande do Forte, onde estávamos, e aí acabaram suas danças, muito semelhantes à dos *Pantalons*,* andando e fazendo medidas, batendo todos ao mesmo tempo com o pé em terra, ao tom da voz e ao som do maracá, cujo compasso todos observavam entoando sempre louvores aos franceses. Mexiam em todos os sentidos a cabeça e as mãos, com tais gestos que faziam rir às pedras. Chamam os *tupinambás* a esta dança *Porasséu-tapüü*, quer dizer, *dança dos tapüias*, porque era outra a dança dos *tupinambás*, sempre em roda e nunca

Diferença de dança

mudando de lugar. Acabada a dança, veio saudar-nos, e foi comer e descansar na casa que se lhe havia preparado.

* *Pantalon*: personagem da *commedia dell'arte*, tipo burlesco. É o Pantaleone italiano. Em português seria Pantaleão. (Nota 53, de Ferdinand Denis. – Nota desta edição.)

.....

DA VIAGEM DO CAPITÃO MAILLAR [nota 54]
PELA TERRA FIRME À CASA DE UM GRANDE
FEITICEIRO. DESCRIÇÃO DESTA TERRA
E DAS CHARLATANICES DELE

Cap. XXXIII

É VERDADE, reconhecida por todos que hão habitado o Brasil, não ser a terra firme tão bonita e tão fértil como as ilhas. São as ilhas formadas por areia preta e fina, queimada e ardente pelo contínuo calor, razão pela qual são elas mais sujeitas nesta zona tórrida aos calores e ardores, porque o mar redobra pela reflexão e poder da luz do sol sobre a opacidade próxima e concêntrica da Terra, que se prova por meio dos espelhos ardentes, cujos centros, sendo opacos, e mais elevados do que suas circunferências e bordas, os raios do sol se reúnem e concentram aí, produzindo fogo e chama, e assim queimando os objetos convenientemente dispostos nesses lugares.

Bondade da terra firme no Brasil

Ilhas pobres e porque

Espelho ardente

Ouvindo o senhor de la Ravardière os índios falarem muitas vezes de uma localidade muito boa, distante 100 ou 150 léguas do *Maranhão*, na terra firme para as bandas do rio *Mearim* e longe dele 40 ou 50 léguas, man-

Terras nas bandas do Mearim

dou até lá uma barca e canoas com o Capitão Maillar de Saint Malo, alguns franceses, e um cirurgião, todos muito conhecedores da natureza das ervas e árvores preciosas. Aí vivia, vindo do *Maranhão*, um dos seus principais feiticeiros, com 40 ou 50 selvagens, entre homens e mulheres, numa aldeia, que edificara, cultivando a terra, que tudo lhe produzia em abundância, e por isso, abusando da credulidade dos *tupinambás*, este miserável lhes dizia possuir um espírito com o poder de fazer a terra dar-lhe o que quisesse. Aí chegou o capitão com muitas dificuldades, passando vasta e comprida planície de junco e caniços, atravessando água pela cintura, e depois de alguma demora regressou contando-nos o seguinte:

Astúcia de um feiticeiro local produzida em abundância, e por isso, abusando da credulidade dos *tupinambás*, este miserável lhes dizia possuir um espírito com o poder de fazer a terra dar-lhe o que quisesse. Aí chegou o capitão com muitas dificuldades, passando vasta e comprida planície de junco e caniços, atravessando água pela cintura, e depois de alguma demora regressou contando-nos o seguinte:

Particularidades da bondade desta terra A terra desta localidade é dura, fértil e negra, boa para a cultura de cana-de-açúcar, e muito melhor que a de Pernambuco, o que bem podia avaliar por ter residido por muitos anos lá e em outros lugares possuídos pelos portugueses. A terra é cortada por muitos riachos capazes de moverem engenhos para o fabrico do açúcar.

Há abundância de peixes de água doce, grandes e de várias qualidades; são inumeráveis as tartarugas; existe toda a qualidade, e em quantidade inexprimível, de caça, como sejam veados, corças, javalis, vacas-bravas, *pacas*, antas, *cutias*, e animais dos armadeídeos, que eles chamam *tatus*. Muitos coelhos e lebres, iguais aos de França, porém mais pequenos, imensa variedade de pássaros, como sejam perdizes, faisões, mutuns [nota 55], pombas-bravas, cocazes, rolas, garças-reais, e outras que nos causam admiração. A terra produz raízes tão grossas como a coxa: o tabaco *petun* aí cresce forte e ótimo, e dizem que dá duas colheitas por ano. O milho cresce forte, cheio, e dá muitas espigas. Há frutas muito melhores, e em maior quantidade do que na Ilha, em *Tapuitapera* e *Cumã*, papagaios de várias cores e diversos tamanhos, notando-se entre eles os *tuins* [nota 56], do tamanho de pardais, os quais aprendem com facilidade a falar, porém morrem de mal quando são levados para a Ilha; vi entre muitos salvarem-se apenas seis, os quais comendo, cantando, e dançando em suas gaiolas, sem aparência de moléstia, davam duas ou três voltas e caíam mortos. Há também muitos macacos e monos barbados, bonitos e raros, e que seriam muito apreciados em França, se lá chegassem.

Aí residia um feiticeiro muito bem instalado e com todas as comodidades. Tinha vindo, um pouco antes desta viagem, fazer suas feitiçarias e encantamentos para ganhar o vestuário e a ferramenta dos selvagens do Maranhão e levá-los consigo quando fosse para a sua terra. Estas feitiçarias eram diversas. Tinha uma grande boneca que com artifício se movia, especialmente o maxilar inferior. Dizia ele às mulheres dos selvagens, que se desejavam ver quadruplicada a sua colheita de grãos e legumes trouxessem e dessem a sua marionete um pouco destes gêneros, a fim de serem mastigados três ou quatro vezes, de forma que, recebendo a força de multiplicação do seu espírito, que estava na boneca, podiam depois, semeando um ou dois desses grãos ou raízes em suas roças, todos os outros grãos e legumes levariam a força da multiplicação em dobro. Havia uma certa reza de mulheres que lhe traziam grãos e legumes que colocavam na boca da marionete, coisa que somente ele poderia praticar, e as mulheres guardavam isso com curiosidade.

2. Ele instituiu uma dança ou procissão geral, fazendo que todos os selvagens levassem na mão ramos de palmeira espinhosa chamada *tucum* [nota 57], e assim andavam ao redor das casas, cantando e dançando, para animar, dizia ele, o seu espírito a mandar chuvas (então nesse ano mui tardias); depois da procissão *cauinavam* até cair [nota 58]. 3. Mandou encher de água muitas vasilhas de barro, e rosnando em cima delas não sei que palavras, mergulhava um ramo de palmeira, e com ela aspergia a cabeça de cada um deles, dizendo “sede limpos e puros a fim de meu espírito enviar-vos chuva em abundância”. 4. Tomava uma grande taboca de bambu, enchia-a de *petun*, deitava-lhe fogo numa das extremidades, e depois soprava a fumaça sobre os selvagens dizendo “recebei a força do meu espírito [nota 59], e por ele gozareis sempre saúde, e sereis valente contra vossos inimigos”. 5. Plantou no centro da aldeia um pé de algodão, e depois de haver dado muitas voltas e viravoltas em redor, prognosticou que eles teriam grande colheita de algodão nesse ano.

Apesar de tudo isto, não vindo a chuva, ele fazia os selvagens cantarem e dançarem dia e noite, gritando com quanta força tinham a fim de despertar seu espírito, como faziam outrora os sacrificadores de

Baal. Não obstante tudo isso, não choveu. Fez acreditar a estes selvagens, que ele bem via o seu espírito, carregado de chuvas, do lado do mar, porém que não se animava a vir por causa da *Cruz*, erguida no centro da praça, fronteira à Capela de Nossa Senhora de *Vsaap*, e que se quisessem ter chuva não havia mais do que deitá-la por terra, e teriam concordado com isto facilmente, executando isso logo se aí não estivessem os franceses, e se não temessem o castigo.

Chegando estas notícias ao Forte, mandou-se imediatamente o *Cachorro grande* e alguns franceses buscar o feiticeiro a fim de ver se ele poderia dançar no meio de uma sala, contra sua vontade, e teria sido preso se prevenido, como foi, não preparasse sua bagagem, e com sua equipagem não se salvasse numa canoa, mandando o feiticeiro fugir desculpar-se, daí a pouco tempo, por um seu parente que trouxe muitos presentes com o fim de fazer pazes.

Fez crer aos selvagens da Ilha, que tinha um espírito muito bom, que era muito amigo de Deus, que não era mau, e **superstição** que portanto só podia fazer bem. Dizia: “Ele come comigo, dorme, caminha diante de mim, e muitas vezes voa diante dos meus olhos, e quando é tempo de fazer minhas hortas, só tenho o trabalho de marcá-las com um pau a sua extensão, e no dia seguinte acho tudo pronto.” Sabendo alguns selvagens cristãos que pretendíamos castigar seu companheiro que deles tanto abusou, me pediram que me condoesse dele e que nada sofresse por não ter sido mau e nem o **Era tido como bom feiticeiro** seu espírito, visto terem ambos feito crescer os bens da terra. Ensinei-lhes a este respeito o que deviam crer.

Vede, meus leitores, quanto Satanás é astucioso como um macaco: imita as cerimônias da Igreja para inculcar sua superstição, e conservar sob seu domínio as almas dos infieis por essa procissão de palmas, essa aspersion de água, esse sopro de fumo para introduzir seu espírito, de que falaremos mais amplamente no Tratado do Espiritual.

.....

DA VINDA DOS TREMEMBÉS, COMO FORAM
PERSEGUIDOS, SUAS HABITAÇÕES E SEU PROCEDIMENTO

Cap. XXXIV

NESSE tempo a nação dos *tremembés*, moradora além da montanha de *Camussy*, e nas planícies e areais da banda do rio *Turi*, não muito distante das árvores secas, das areias brancas, e da pequena ilha de Santana, saiu, sem esperar-se, para a floresta, onde se aninham os pássaros vermelhos, e para os areais onde se encontra o âmbar-gris, e se pesca grande quantidade de peixes, com intenção de surpreender os *tupinambás*, seus inimigos jurados, no que malograram, visto que muitos *tupinambás* da Ilha, tendo ido lá com o fim especial de pescar, foram atacados pelos *tremembés* [nota 60], sendo uns mortos imediatamente, outros cativos sem saber-se o que deles foi feito; mas como alguns escaparam em suas canoas, regressaram à Ilha do Maranhão, onde contaram esses tristes acontecimentos, causando nas aldeias a que pertenciam os mortos tanta indignação que todos, urrando e chorando, especialmente as mães e as mulheres, insistiram na vingança, ao que aquiesceram os Principais, tendo vindo pedir aos franceses um chefe e alguns soldados, no que foram atendidos. *Japiaçú* foi o condutor deste exército [nota 61] composto de grande número de selvagens acompanhado de alguns franceses. Atravessaram o mar entre a

Moradia dos tremembés

Surpreendem os tupinambás

Foram perseguidos

Ilha e as areias brancas, saltaram em terra para descansar e passar a noite pescando uns, outros caçando, as mulheres e as filhas procurando água pelos areais, a qual não podia ser senão salobra, isto é, meio doce e meio salgada, armando os leitos, fazendo fogo e preparando a comida. Os rapazes *tupinambás* fizeram *Aiupaes* * tanto para os Principais como para os franceses: na melhor *aiupae* alojou-se o coronel, os capitães armaram suas redes ao redor da do coronel, cerimônia que observam em todas as suas guerras, especialmente quando se acham perto do inimigo. Escondem o fogo com receio de serem à noite descobertos pelos inimigos, por ser costume geral tanto dos *tupinambás* quanto dos outros fazer subir no cume de árvores muito altas suas sentinelas a fim de descobrirem fogo ou luz dos inimigos.

Na manhã seguinte puseram-se em marcha até um grande areal cercado de mato por três lados, e pelo mar no outro; aí encontraram as choupanas dos *tremembés*, uma panela portuguesa, e combinando isto com o que já sabíamos anteriormente, ficamos sabendo que os portugueses estavam na *Tartaruga*, na montanha de *Camussy*, unidos aos *tremembés*, aos *montanbeses*, tanto de *Ybuapap* como de *Mocuru*, principalmente com *Jeropariçu*, isto é, *Grande Diabo*, príncipe e rei de uma grande nação de canibais [nota 62], muito amigo dos franceses, e inimigo natural dos portugueses, podendo afiançar-se com certeza que se os franceses aí fossem, ele trairia os portugueses e se uniria àqueles, por ser *mulato* francês, isto é, filho de um francês e de uma índia. Voltemos a nossa matéria.

Encontraram os nossos selvagens ainda vivo um dos seus, que fugira para o mato e escondera-se no oco de uma árvore; porém ouvindo o som das trompas de guerra, que eram feitas de um grosso madeiro furado, tendo as aberturas superior e inferior semelhantes a uma trombeta, saiu muito magro, e quase que sem aparência humana por não ter comido durante oito dias senão folhas da árvore onde se escondera; e essa carcaça viva ensinou, o melhor que pôde, o

* *Aiupae*: choupana. (Nota desta edição.)

lugar onde jaziam mortos seus companheiros, que foram encontrados com as cabeças rachadas, e sobre seus corpos os machados de pedras, instrumentos dessas atrocidades, por ser costume entre eles nunca mais se servirem de uma arma com que mataram um inimigo.

Caruatapirã, um dos Principais de *Cumã*, trouxe-me um desses machados de pedra, ainda tinto de sangue, com alguns tufos de cabelos grudados, e com os miolos do filho do principal *Januarã*, que com ele foi morto, o que se soube por ter sido encontrado sobre seu corpo. *Caruatapirã*, pegando um desses machados, feito de uma pedra muito dura, talhado em forma de crescente, ensinou-me o que eu não sabia, dizendo-me terem os *tremembés* todos os meses o costume de velar à noite fazendo seus machados até ficarem perfeitos, em virtude da superstição, que nutriam, de que, indo para a guerra armados com tais instrumentos, nunca seriam vencidos, e sim sempre vencedores. Enquanto os homens se entregavam a este trabalho, dançavam as mulheres, as moças e os meninos à frente das *Ainpaues* ao luar do Crescente.

São valentes os *tremembés* e temidos pelos *tupinambás*; de estatura regular, rápidos ao correr; mais vagamundos do que estáveis em suas moradias; alimentam-se ordinariamente de peixes, porém vão à caça quando lhes apraz; não gostam de fazer hortas, e nem casa; moram debaixo das *ainpaues*; preferem as planícies às florestas porque acompanham tudo quanto está ao redor. Não conduzem muita bagagem, pois contentam-se com seus arcos, flechas, machados, algumas cuias [nota 63] e cabaças para guardar água, e umas panelas para cozinhar a carne; com maior destreza que os *tupinambás* pescam à flecha; são tão robustos que podem segurar pelo braço um dos inimigos, atirando-os ao chão, como se fosse um capão. Dormem na areia ordinariamente.

Servem-se deste lugar de areias brancas e de árvores secas para agarrar os *tupinambás*, como se faz com a ratoeira para pilhar ratos, e isto por três razões. A primeira, por causa da pesca, aí fértil e abundante. A segunda, por causa de uma floresta, onde os pássaros vermelhos de todas as partes vêm fazer ninho para desovar. Não deixam de ir aí em certo tempo os *tupinambás* para ti-

Machados de pedra

Natural dos tremembés

Lugar onde são capturados tremembés e por que

**I
II**

rar do ninho os filhotes e os ovos meio chocos, havendo abundância impossível de descrever-se, levando provisões para mais de dois meses, quando regressam à Ilha, preparando assados antes, alguns, outros secos como madeira, coisa que acho pouco apetitosa, e para falar a verdade nunca pude comê-los, embora os selvagens os considerem grandes delícias e carnes bem apreciadas. Logo contarei alguns usos particulares, e bem notáveis, destes pássaros. O terceiro motivo é para **III** **Donde vem o** lher o âmbar-gris, chamado *Pirapoti* pelos *tupinambás*, isto **âmbar-gris** é, excremento de peixes [nota 64], por que eles pensam ser o âmbar-gris o excremento das baleias, ou de outros peixes iguais em corpulência, o qual, vindo à tona da água, é pelas ondas atirado às praias. Dizem alguns franceses não ser o âmbar-gris outra coisa mais do que a “flor do mar”, a que os selvagens chamam *Paranampture*, ou uma certa goma do mar, *Paranamussuk*. Decida o leitor como lhe aprouver.

Nestas areias encontra-se o âmbar-gris em massa, quando a maré baixa, e mais num tempo do que noutro, e algumas vezes chega a massa a tal volume e grossura, que merece ser guardada nalgum Gabinete Real, não podendo ser justamente calculado o seu preço e vendida. Acontece às vezes virem pousar sobre ela todos os bichos, pássaros, caranguejos, lagartos, e outros répteis dali, dos arredores e do mar, com os quais concorrem os *Tupinambás*, cobiçosos dessa matéria, não pelo seu estado, quebrado em pedaços, mas porque sabem que os franceses têm grande interesse nela. Aconselhei um dia os franceses a levantarem ali um Forte não só para impedirem as surtidas dos *tremembés*, como para impedir a entrada dos navios que buscam a ilha de Santana a fim de colherem o âmbar-gris; não há dúvida que o mar atira muitas vezes sobre estas areias o âmbar, que por aí espalhado é comido por animais, pássaros e répteis, pois os selvagens da Ilha aí vão apenas duas ou três vezes durante o ano. Tenho certeza que este âmbar valeria seu forte, sua guarnição e tudo mais que fosse necessário.

Nossos selvagens *tupinambás* e os franceses, depois de muitas indagações por vários lugares, somente acharam os corpos mortos dos seus, as choupanas, e vestígios de inimigos, e assim regressaram à Ilha mais famintos do que feridos.

.....

DA CHEGADA DOS CABELOS-COMPRIDOS A
TAPUITAPERÁ E DA VIAGEM AO UARPI

Cap. XXXV

LÁ PARA o lado do oeste havia uma nação, de que nunca se falou, desconhecida de todos os *tupinambás*, moradora nos matos na distância de mais de 400 a 500 léguas da Ilha, sem conhecer a vantagem dos machados e das foices, pois apenas se serviam dos machados de pedra, e assim viviam em segredo nas florestas dessa localidade sob a autoridade de um rei. Souberam por alguns selvagens, que aprisionaram no mar, da vinda dos franceses ao *Maranhão*, da sua residência aí, trazendo consigo padres, que ensinavam qual era o verdadeiro Deus, e absolviavam os selvagens dos seus pecados. Levando tais notícias ao seu rei, mandou este logo algumas canoas, e numa delas foi um dos Principais abaixo dele, acompanhado por duzentos rapazes fortes e valentes, hábeis na natação e no uso da flecha, com instrução de chegarem à Ilha, porém não podendo pôr pé em terra, limitando-se apenas a falar com os intérpretes dos franceses, e regressando depois a sua terra tomando todo o cuidado para não ser descoberto o caminho que seguiam.

Chegada dos cabelos-compridos

Enviados pelo seu Rei e por que

Chegaram defronte de *Tapuitapera*, onde então se achava o intérprete *Migan*, que apenas soube da chegada deles foi ao seu encontro no mar, e com o seu Principal falou por muito tempo. Interrogou primeiramente o Principal sobre os padres, quem eram, o que faziam e ensinavam. Em segundo lugar, a respeito dos franceses, quais suas forças, e mercadorias, se era certo terem conciliado os *tupinambás* com os *tabajaras*, e se viviam em paz na Ilha. O intérprete respondeu a tudo isto, como devia, o principal ficou muito satisfeito e assim o disse, asseverando que o mesmo aconteceria a seu rei e à sua nação, porque todos desejavam aproximarem-se dos franceses para conhecerem a Deus, terem machados e foices de ferro, com que cultivassem suas roças, e estivessem sempre em segurança contra os seus inimigos, plantando muito algodão e outros gêneros para oferecerem, como recompensa, aos franceses, aos quais apenas pediam nada mais que aliança e proteção.

Perguntou-lhe o intérprete se era grande sua nação e se estava muito longe, ao que respondeu afirmativamente, marcando a distância por léguas pouco mais ou menos, que podiam haver da Ilha à sua terra mostrando com os dedos o número de luas, isto é, de meses, que eram necessários para regressarem a sua terra, e acrescentou: “Não te posso dizer o lugar da nossa habitação, porque meu rei assim me proibiu, e também porque receamos que se nos faça guerra. Daqui a seis meses regressarei para te dar certas notícias, e podes dizer ao teu chefe que sendo verdadeiras as tuas informações viremos morar por aqui perto.”

O intérprete respondeu: “Vem, te peço, ver o Forte que fizemos, as grandes peças, que montamos sobre suas muralhas, e os franceses, que as guarnecem para ti tudo dares notícias a teu rei.” “Não”, disse ele, “eu e os meus recebemos ordem de não saltar em terra.” Tanto porém instaram com ele, quase recebendo reféns, que consentiu alguns dos seus saltar em *Tapuitapera*, onde foram muito bem tratados, e, aí adquirindo, em troca de gêneros, que levaram, alguns machados e foices, regressaram mui contentes. Durante essa visita, as canoas no mar, conservaram-se os remos armados, e tudo preparado caso houvesse alguma traição. Tinham os

Suas perguntas a um intérprete

Sua resposta

Distância entre o Maranhão e seu país

Eles regressaram

outros as flechas e os arcos prontos, tanto desconfiam estas nações umas das outras! Apenas chegaram os seus, restituíram os reféns, e foram-se em paz. Deus os guie e os traga ao seu grêmio.

Quanto à viagem ao *Uarpi*^{*}, rio e região, em distância para mais de 120 léguas da Ilha, [nota 65] lá para as bandas dos *caietés*, foi ela empreendida pelo Sr. Pesieux, acompanhado de 15 franceses e duzentos selvagens pelos seguintes motivos. Primeiro: para descobrir uma mina de ouro e prata na distância de cem léguas acima do rio, donde os selvagens nos trouxeram enxofre mineral muito bom, e portanto havia esperança de serem as minas boas e abundantes. Ouvi dizer que há em toda a terra grande número de minas de ouro, misturado com cobre, de prata misturada com chumbo [nota 66], o que provam as águas minerais que descem dos montes. Segundo: para trazer consigo uma nação de *tabajaras*, habitante das margens do rio. Terceiro: para procurar uma nação de *cabelos-compridos* por aí errante, os quais são dóceis, fáceis de serem civilizados, e que negociam com os *tupinambás*. Se se realizarem estas coisas, como creio, a Ilha será em pouco tempo rica de gêneros cultivados por todos estes selvagens reunidos, e tornar-se-á forte contra a invasão dos portugueses, e descansando nesta esperança vou falar de algumas raridades, que notei naquelas terras, atendendo as dificuldades que se apresentam à primeira vista por meio de razões boas e naturais.

Viagem ao Uarpi e suas razões

Mina de ouro e de prata

Outras minas

Nação dos tabajaras

Cabelos-compridos

* Provavelmente o Gurupi. (Nota desta edição.)

.....

DOS ASTROS E DO SOL*

Cap. XXXVI

É UMA coisa bela e extraordinária que o céu, nesta zona tórrida,¹ parece muito menos estrelado do que na Europa, Céu parece menos estrelado no Maranhão do que na Europa isto é, que não aparecem tantas pequenas estrelas fixadas na abóbada azulada daquela região como na abóbada do céu do nosso país; e, ao contrário, nós vemos muito mais estrelas maiores, cintilantes e reluzentes lá [no Maranhão] do que aqui. Jamais me convenci que existam menos estrelas naquela terra do que daqui, mas isto parece causado por uma falha da nossa [minha] vista, pelo seguinte motivo: É que todos que habitam fora dos dois solstícios,² Câncer³ e Capricórnio,⁴ olham obliquamente o centro do céu, que é a linha da eclíptica,⁵ ou zona tórrida,⁶ por onde passa o Sol; e, portanto, eles têm mais horizonte e, em conseqüência, um espaço maior do céu para contemplar, e assim podem ver ou contar um número maior de estrelas. Em oposição àqueles que habitam entre os solstícios e, especialmente na zona tórrida, não con-

* Este capítulo, dada a sua natureza técnica, foi traduzido pelo ilustre astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, autor do *Dicionário de Astronomia e Astronáutica*, de um *Atlas Celeste* e outras obras. O tradutor o enriqueceu com notas que se encontram, nas páginas 153 a 157. (Nota desta edição.)

templam mais esta linha obliquamente, assim como na esfera reta,⁷ e por esse motivo têm menos horizonte e, em consequência, menos céu para contemplar, e em seguida menos estrelas a contar.

Esta razão é confirmada por uma outra experiência: é que o Sol se põe, e num só golpe, sem ser precedido de nenhuma aurora, nem de tarde, assim que acaba o dia quando se dá o pôr-do-sol, e principia a noite; e ao seu nascer espanta a noite e faz-se o dia. Se lá existe [crepúsculo] ao entardecer ou amanhecer, é quase nada. Ao contrário na Europa, nós teremos no verão algumas vezes mais de duas horas de crepúsculo à tarde e a mesma quantidade pela manhã, quando o Sol nasce e depois que ele se põe; é por essa razão que se diz que os habitantes na zona tórrida estão na esfera reta e nós outros na esfera oblíqua.⁸ Acrescento ainda uma outra experiência: quando nós retornamos do *Maranhão* para cá, no pólo setentrional, nós descobrimos

Outra razão

mais depressa a estrela desse pólo, do que quando nós íamos daqui ao *Maranhão*, a estrela do Cruzeiro, ainda que ela seja muito mais elevada que o pólo ártico ou austral. Uma outra coisa que notei [neste planeta do Sol], é que ele mostra dois meios-dias entre as duas épocas do ano de modo que numa metade do ano olhamos o Leste, que está a sua direita, isto é, na parte austral, e na outra metade do ano, ele está a sua esquerda, ou seja, de costa para o lado setentrional: e, em todos estes meios-dias, existe muito pouca sombra; tanto quanto sei o Sol não é visto no zênite nesta terra mais que duas vezes no ano, como ocorre em todas as regiões situadas entre os dois solstícios. Entretanto, ele está tão próximo da esfera reta que não se tem muito a dizer, quando falta pouco para chegar ao meio-dia. Ele não cai a fio de prumo sobre a cabeça. Apesar de tudo, distinguem-se muito facilmente esses dois meios-dias, entre os quais esta região está situada.

Outra razão

Porque há dois meios-dias no Maranhão

A razão de tudo isto é que o Sol corta duas vezes, no ano, o zênite, na zona tórrida, como já disse, o que dá origem aos solstícios do Câncer e do Capricórnio e, em consequência, é necessário que aqueles que habitam na zona tórrida, vêem ocorrer o seu meio-dia ora de um lado, ora de outro. Por exemplo: quando ele [Sol] sai do [trópico do] Capricórnio em direção ao [trópico do] Câncer, os brasileiros, habitantes da zona tórrida, observam o seu meio-dia à direita

Razão

e, quando deixa o Câncer para retornar em direção ao Capricórnio, vêem-no à esquerda.

Abre-se aqui um belo campo para discorrer sobre a Sabedoria de Deus na organização do mundo. Mas, só tendo por fim escrever sucintamente uma história, deixo até este assunto à consideração do leitor e chamando a sua atenção para a maneira como Deus **Divina Providência na igual separação da luz** dividiu o curso do Sol, a saber, em duas extremidades e para o meio, e todos os habitantes destas três estações recebem e participam igualmente de tanta luz do Sol durante o ano, uns como os outros, exceto os habitantes de Câncer, que retêm o Sol, durante um ano, apenas três dias e algumas horas de vantagem a mais do que os habitantes do Capricórnio, donde se originam os anos bissextos⁹ e a reforma do calendário, coisa que é necessário explicar. Principiemos pelo meio e, em seguida, acabaremos pelas extremidades.

O meio é composto de duas extremidades, equidistantes uma da outra, porque de outra forma não seria meio. Todo o curso **Razão** do Sol se faz em 24 horas, dia natural, e em 12 meses por ano. Ora, sendo a zona tórrida o meio do curso diário e anual do Sol, portanto, é indispensável que na sua terceira parte e porção mostre diária e anualmente a luz do Sol igual à que se apresenta nas duas extremidades, o que não poderia fazer se os dias não fossem iguais, ou seja, 12 horas de Sol, porque, se excedessem, ainda que por pouco esta porção, ela não estaria mais no meio curso do Sol, e assim tenderia para uma das duas extremidades, e em seguida ela teria durante estes doze meses uns dias maiores do que os outros, para compensar de uma vez o que ela perdia noutros, e assim convinha assinalar uma outra zona de céu, que fosse o meio e o centro desse curso, tanto mais que o meio é a essência, na verdade [com efeito] o fundamento daquelas duas extremidades. Pois é impossível imaginar-se dois extremos sem meio, assim como já disse, o meio é composto de duas extremidades, e por isso dizemos que esta zona tórrida, estando no meio do curso solar, deve ter sua porção de luz composta das duas extremidades, que são doze e doze, que o Sol dá igualmente para os dois solstícios, entre as duas partes do ano, compensando num tempo o que perdeu noutro. Consideremos agora uma terceira porção para servir de meio destas duas extremidades, doze e doze. É necessário que tomemos seis de uma parte e seis de outra para tornar o todo igual: assim compreenderéis facilmente, como esta zona tórrida

goza igualmente com as outras partes do mundo da luz do sol sem mudar seu número de seis a seis, mais em um tempo do que em outro, porque participa igualmente das duas extremidades, quer seja para o Sol ir visitar o Câncer e seus habitantes, dando-lhe com a sua boa-vinda, generosidade e liberalidade de luz, quer seja para ir fazer no Capricórnio outro tanto, a zona tórrida não lhe é por isso de forma alguma importuna, e nem elevando a sua imposição de suas portagens ordinárias, fazendo-lhe pagar somente, seis horas da manhã e seis depois do meio-dia, de luz e calor para a sua passagem da travessia da sua terra, e do trabalho dos seus habitantes durante a sua vinda.

Quanto às terras e aos habitantes inter e extratropicais, dividem entre si igualmente, pouco mais ou menos, em diversos tempos, a luz do Sol, e por compensação mais num tempo do que em outro: no fim do ano acham que cada um teve doze horas de luz para um dia natural, e doze meses para o ano.

Já disse que os habitantes de Câncer, dentro e fora do seu trópico, gozam de mais três dias de Sol de vantagem do que os outros. Dar razão natural disto, e tudo o que dizem os astrólogos, é o mesmo que nada. É um segredo que a Divina Providência guardou para si, e uma honra que ela deu ao mundo antigo, composto de três partes: Ásia, África e Europa. Se uma razão alegórica pudesse satisfazer isto, creio que é para fazer sobressair os três privilégios especiais, que sobre o Velho Mundo alcançou o Novo, a saber, a primeira habitação do homem expellido do Paraíso Terrestre; dádiva da lei escrita para Moisés; e a redenção do mundo por Jesus Cristo.

Por que há mais sol em Câncer do que em Capricórnio

NOTAS AO CAPÍTULO XXXVI; “DOS ASTROS E DO SOL”

POR RONALDO ROGÉRIO DE
FREITAS MOURÃO, ASTRÔNOMO

1 – **zona tórrida** (ou *zona equatorial* ou *zona tropical*) é a região terrestre situada entre o trópico de Câncer e o de Capricórnio. Além de estar dividida ao meio pela linha do equador terrestre, o Sol passa pelo zênite em todas localidades situadas nesta região em um determinado dia do ano. Esta região apresenta clima quente e úmido, com chuvas abundantes.

- 2 – Na época era comum designar por *solstícios* os *trópicos*. Na realidade, o Autor refere-se aos trópicos. Se por um lado, trópico é cada um dos paralelos geográficos que limitam a zona na qual o Sol passa pelo zênite e que representa aproximadamente a trajetória aparente diurna da projeção do Sol sobre a superfície terrestre nos solstícios, por outro lado, solstício é a época em que o Sol no seu movimento aparente na esfera celeste atinge o seu maior afastamento do equador. Existem duas épocas no ano em que ocorrem os solstícios: uma delas é em 21 ou 23 de dezembro, quando o Sol atinge o seu maior afastamento do equador, na direção do pólo sul, e a outra é em 21 ou 23 de junho, na direção do pólo norte. No hemisfério sul, a primeira data se denomina *solstício de verão* e a segunda *solstício de inverno*; todavia, como as estações são opostas nos dois hemisférios, estas denominações se invertem no hemisfério norte. Os solstícios constituem os dois instantes do ano em que o Sol – a estrela do dia – mais de afasta angularmente do equador terrestre. Durante o solstício de verão em um determinado lugar, o Sol ao meio-dia culmina mais alto no céu do que em todos os outros dias do ano, ao passo que durante o solstício do inverno a estrela do dia passa pelo meridiano mais baixo em relação ao horizonte. No hemisfério sul, um dos solstícios ocorre entre os dias 21 e 23 de junho, segundo o calendário, quando tem início o *inverno astronômico* e acontece a noite mais longa. O outro se dá entre 21 e 23 de dezembro, quando começa o *verão astronômico* e ocorre o dia mais longo. A designação desse fenômeno provém do vocábulo latino *solstitium*, formado de sol, o “Sol”, e de *sistere*, “parar”. Tal denominação está associada à idéia de que o Sol devia estar estacionário, ao atingir a sua mais alta ou a sua mais baixa posição no céu. A variação de duração do dia era muito pequena, quase imperceptível, nas proximidades do dia mais longo e do mais curto, e, principalmente, o método rudimentar de medida do tempo usado pelos antigos justifica as imprecisões nas determinações exatas dessas datas, como, por exemplo, o hábito de comemorar o solstício do inverno em 25 de dezembro, no hemisfério norte.
- 3 – **Trópico de Câncer.** Trópico situado ao norte do equador, e que é aproximadamente a trajetória aparente diurna da projeção do Sol sobre a superfície terrestre no solstício de verão no hemisfério norte.
- 4 – **Trópico de Capricórnio.** Trópico situado ao sul do equador, e que é aproximadamente a trajetória aparente diurna da projeção do Sol sobre a superfície terrestre no solstício de inverno no hemisfério norte.
- 5 – **linha da eclíptica.** Trajetória aparente do Sol. A eclíptica que dá origem ao círculo máximo da esfera celeste, que é a interseção do plano da eclíptica com a esfera celeste. O plano da eclíptica está inclinado de $23^{\circ}27'$ em relação ao do equador. Seu nome provém do fato de os eclipses só serem possíveis quando a Lua está muito próxima desse círculo.
- 6 – Aqui o Autor confunde zona tórrida com linha da eclíptica. As zonas terrestres são faixas que dividem teoricamente a superfície terrestre em cinco zonas, ou, mais exatamente, em três zonas e duas calotas. Dos dois pólos até o *círculo polar* (das

latitudes de 90° a 66,5°) temos as zonas polares ártica ou antártica, referentes respectivamente às regiões ao redor dos pólos norte e sul; dos círculos polares aos trópicos de Câncer ou de Capricórnio (das latitudes 66,5° a 23,5°), zona temperada setentrional e meridional; dos dois trópicos ao equador (da latitude de 23,5° a 0°) a zona tropical. Tais divisões da Terra provêm de um fenômeno astronômico que se torna geográfico, ou seja, a inclinação sensivelmente constante do *eixo de rotação* da Terra com relação ao *eixo de revolução anual* ou *eixo da eclíptica*. Em virtude da variação que sofre a inclinação do eixo terrestre em relação ao eixo da eclíptica, de um mínimo de 21°58'36" a um máximo de 24°55'58", as zonas terrestres sofrem variações que se podem prever e estudar. Em 47.000 anos a zona tropical deverá atingir o seu mínimo. Ver as notas.

- 7 – **esfera reta.** Aspecto da esfera celeste quando observada de um ponto do equador terrestre. Nessa situação, os círculos diurnos aparentes dos astros estão em planos verticais, perpendiculares ao plano do meridiano. Nesta região, os crepúsculos são muito curtos, como explica o Autor.
- 8 – **esfera oblíqua.** Aspecto da esfera celeste quando observada de um ponto da superfície terrestre situado entre o equador e os pólos. Nesta região, os crepúsculos são muito longos, como explica o Autor.
- 9 – Como o Autor não consegue explicar a origem do ano bissexto, convém recordar que **bissexto** é o dia que de quatro em quatro anos se acrescenta ao mês de fevereiro. A razão da designação *bissexto* está associada às credices relativas às influências dos números pares e ímpares. Para adicionar o dia suplementar, Júlio César escolheu o mês de fevereiro, que além de ser o mais curto, com 28 dias, era o último mês do ano entre os romanos, que o consideravam como um *mês nefasto*. Para não chocar os seus concidadãos supersticiosos, em lugar de atribuir ao mês de fevereiro 29 dias, de quatro em quatro anos, como o fazemos atualmente, Júlio César adotou um sistema mais complicado: duplicou o vigésimo quarto dia de fevereiro, que recebia na época o nome de *sextus (ante) calendas martias*, ou seja, o sexto que antecedia o início do mês de março. Desse modo, o dia suplementar foi batizado, sob a forma latina: *bis-sextus (ante) calendas martias*, que deu origem à atual designação de dia *bissexto*, o qual foi também impropriamente aplicado à designação do *ano* que possui um dia suplementar.

Na realidade, a origem latina está associada às superstições romanas relativas aos números ímpares, que predominaram na elaboração do nosso calendário.

No Egito, durante o seu reinado, Ptolomeu III (246 a.C.-221 a.C.), – o Benfeitor – decretou a adição de um dia ao fim de cada quadriênio, com o objetivo de compensar a diferença que existia entre o ano solar de 365 dias e seis horas, e o ano do calendário de 365 dias. De fato, no fim de quatro anos, o excesso de 6 horas dava origem a um dia que, se não fosse acrescentado sob a forma de um dia extra, acabaria por provocar o deslocamento do início das estações, como tinha sido observado no Egito, onde, por exemplo, a primavera passeava ao longo do ano, sem que a sua ocorrência viesse a se dar numa data fixa, como convinha para a

programação das épocas de semeadura e colheita, eventos de grande importância para a economia agrícola dos povos antigos. Lamentavelmente, o povo permaneceu pouco receptivo a esta alteração do calendário, que iria repor as estações em suas respectivas épocas.

Quando Júlio César (101 a.C.-44 a.C.) assumiu o poder, reinava em Roma uma enorme desordem na contagem dos dias. Os Pontífices, aos quais havia sido delegado o direito de intervir à vontade sobre o começo e fim das medidas de tempo, fizeram do calendário um instrumento de corrupção e fraude. Usavam arbitrariamente do seu poder para prolongarem a magistratura dos amigos e abreviarem a dos desafetos, avançando ou retardando os vencimentos das taxas, o que permitia aos rendeiros do fisco obter maiores benefícios, com mais rapidez, ou mesmo conduzir os seus inimigos à falência. Todos estes abusos estavam associados à diferença existente entre o ano solar de 365,25 dias e o ano do calendário de 365 dias, cujo acúmulo ao longo dos anos fizeram que a festa da primavera fosse celebrada na Outonália (festa do outono) e a época da colheita acontecesse em pleno inverno.

Com o objetivo de eliminar tais discrepâncias, Júlio César resolveu intervir no sistema de contagem, mas antes teve o cuidado de trazer de Alexandria o astrônomo grego Sosígenes para aconselhá-lo. Sob a assessoria deste sábio, o Imperador romano decidiu que o novo calendário não deveria levar em consideração o movimento da Lua. Ele deveria se ajustar, unicamente, ao movimento anual do Sol, ou melhor, o calendário juliano deveria ser essencialmente *solar*.

Como o equinócio de primavera devia coincidir com o dia 25 de março, decidiu-se deslocar o início do ano de primeiro de março para primeiro de janeiro, data em que o Consulado entrava em exercício. Deste modo, o dia primeiro de janeiro do ano 45 a.C. inaugurou a reforma juliana. Para conseguir seu objetivo, César decretou que o ano 46 a.C. (ano 708 da fundação de Roma) tivesse 455 dias, o que deu origem ao *ano da confusão*.

Apesar desta correção quatrienal, o ano juliano mostrou-se superior em 11 minutos e 14 segundos (0,0078 dia) ao ano astronômico sazonal (ano trópico). Na verdade, o sistema de César não conseguiu manter em um dia fixo a data do começo das estações como havia proposto. No fim de um século de cem anos julianos, o excesso atingia 0,78 dia, ou seja, três quartos de dia aproximadamente. Em consequência, no fim de quatro séculos, o calendário juliano apresentava um atraso de três dias em relação ao início das estações, ou seja, a data da passagem do Sol pelo equinócio da primavera avançava de três dias no fim de quatro séculos. Esta discrepância foi solucionada pelo papa Gregório XIII que, além de eliminar 10 dias, apelou para uma comissão de sábios, entre eles o astrônomo e médico italiano Luigi Lilio (1510-1576), e o jesuíta e matemático alemão Christophorus Clavius (1537-1612). Tal comissão decidiu que todos os anos divisíveis por 4 continuavam sendo bissextos de quatro em quatro anos, de acordo com a regra juliana, salvo

os anos seculares, ou seja, aqueles que, terminando por dois zeros, fossem divisíveis por 400. Assim, no calendário juliano 1600, 1700, 1800, 1900, 2000, 2100, 2200, 2300, 2400, 2500 são bissextos, mas no calendário gregoriano só 1600, 2000 e 2400 são bissextos; os demais serão anos comuns.

.....

DOS VENTOS, CHUVAS, TROVÕES E RELÂMPAGOS NO
MARANHÃO E SUAS CIRCUNVIZINHANÇAS

Cap. XXXVII

ALÉM do que a este respeito disse em sua História o padre Claude, acrescentarei, para satisfação do leitor, o que me fez conhecer a experiência. Primeiramente, falando dos ventos entre os quais o do Oriente tem o cetro e ocupa o reino do Brasil, além das razões dadas por esse Reverendo Padre, dou outra, que devo aos matemáticos, que **Por que o vento por lá andaram e escreveram sobre a matéria. Di-**
do oriente sopra zem eles que a constância desse vento soprando
no Maranhão por lá é devida à disposição das costas [do norte] do Brasil, em linha reta de leste a oeste, porque tendo o sol levantado os vapores da terra e da água e atirando-os após si, pela violência do seu curso diário encontram as costas do Brasil do Oriente ao Ocidente sem inflexão ou curva alguma e por isso seguem por aí. Praticamente observa-se isto com a fumaça, que segue o primeiro corpo sólido que encontra como sustentáculo de sua fraqueza, e, privada que é de corpo sólido, segue conforme a agitação e a predominância do vento que aí sopra.

Conquanto o vento das outras três partes do mundo, a saber: **Os outros ventos** oeste, norte e sul não reinem no *Maranhão* e suas **sopram às vezes** circunvizinhanças em comparação com o de leste, não **no Maranhão** se pode contudo dizer que não soprem algumas vezes ventos do norte e do sul, e raras vezes o de oeste.

No *Maranhão* os ventos vão sempre aumentando desde agosto até janeiro, que é propriamente o verão desta terra, e quando o tempo é sempre sereno. Explica-se isto pelo curso do sol que, regressando do solstício de Câncer para o de Capricórnio, levanta sob a zona tórrida grandes vapores, que são ali aquosos e úmidos, e quanto mais se aproxima dessas terras mais se levantam, e portanto mais se reforçam os ventos, que não são outra coisa senão esses mesmos vapores misturados com o ar.

Crescimento dos ventos

2. A razão por que começam as chuvas em janeiro ou em fevereiro, e vão sempre aumentando até o princípio de junho ou fins de abril, é porque o sol volta do solstício de Capricórnio para o de Câncer, e atraindo muita umidade expande-a no ar, daí caindo as chuvas. Quanto mais o sol se aproxima do seu termo, mais aumenta a umidade, e torna a queda das águas mais espessa, forte, e rápida, razão pela qual vemos no Brasil ser diferente a época e a força das chuvas, diferentes de uma região para outra.

Início e aumento das chuvas

*Essas chuvas são realmente abundantes, freqüentes, longas e contínuas, mais de noite que de dia, e essa estação das chuvas é o período da sementeira, a qual rapidamente germina, brota e cresce até a colheita. E isso ocorre mesmo sendo ela uma terra arenosa, ressecada por causa da proximidade do Sol; mas absorve em si, pela sua avidéz incomparável, as chuvas que caem sobre ela, em abundância e contínua, mudando a secura em uma umidade temperada, mãe das gerações espontâneas.

Duração das chuvas

Felicidade desta estação

Essas chuvas são muito diferentes do orvalho que cai à noite, na estação do verão, porque elas cheiram mal; e em oposição o orvalho tem um cheiro agradável; e a causa disto é que as chuvas vêm para combater os grandes vapores aéreos, e, conseqüentemente, carregam consigo a qualidade dos

Diferença entre a chuva e o orvalho

* A partir do parágrafo “Essas chuvas são realmente...” até “e creio que esta é a causa”, no fim do quarto parágrafo adiante, é trecho saltado, que não se encontra em nenhuma das edições em português, embora estivesse presente na edição de Ferdinand Denis, base do texto de César Marques, que entretanto o registra na 1ª edição, de 1864. (Nota desta edição.)

seus agentes, e causa eficiente. Além dessas chuvas que caem com impetuosidade sobre a terra, a qual é coberta, ou das folhas apodrecidas, ou das cinzas da madeira queimada, essas chuvas quentes por natureza, além de sua impetuosidade, revolvem a terra deixando-a com o mal cheiro, proveniente desses apodrecimentos. O orvalho, ao contrário, caindo devagar, quando a noite é serena, e não agitada, e mais qualificada de temperatura fria, e não quente, sem excesso no entanto, exala um cheiro agradável, especialmente quando cai sobre plantas odoríferas.

No tempo das chuvas, os corpos ficam mais doentes que no tempo das brisas, quando sopram os ventos de verão, e aqui está o motivo:

Estação insalubre em primeiro lugar, os ventos não sopram mais, e consequentemente não purgam o ar, e não cessam os grandes vapores marinhos e aquosos, que transmitem doenças. Em segundo lugar, as nuvens, batendo-se e colidindo nesse tempo de chuvas, causam pressão ao corpo, males do coração, e sufoco ao estômago, os nervos afrouxam, e os ossos se enchem de umidade; o que não acontece no período dos ventos, que limpam o ar, o mar e a terra.

3. Os trovões e relâmpagos são sem comparação mais fortes e freqüentes no Brasil que no Velho Mundo, especialmente no tempo das

Quais os trovões e relâmpagos desta terra chuvas, quando os trovões são aterrorizantes, e então vocês dirão que a terra vai derramar-se, e um relâmpago dura mais tempo, que doze daqui. Pensais

Queda dos relâmpagos que os selvagens fazem logo, se o maior guerreiro, ousasse botar o nariz na porta; e sem fazer o bom valete, eu teria mais que o meu fôlego de medo, e no entanto não perceberíamos a queda dos trovões; e creio que esta é a causa.*

Enquanto é brando o calor em seu reinado de agosto a fevereiro, raras vezes há trovões; mas quando surge o combate do frio e do calor, que é de fevereiro a junho, então é necessário que apareçam escorvas e canhões, isto é, raios e trovões. Neste tempo reina o calor na zona tórrida com todo o seu vigor, e o frio então se fortifica pelo regresso do Sol de Capricórnio para Câncer, cheio de umidades do ar, e por isso é grande o combate, mais freqüentes os trovões, e mais furiosos os relâmpagos.

* Encerra-se aqui o trecho saltado, conforme aponta a nota pé da página anterior. (Nota desta edição.)

Não se percebe a queda dos raios porque são altas e vigorosas as árvores do Brasil, e ordinariamente é nelas, como acontece em toda a parte, que caem os raios. Como é o país coberto de florestas, e repleto de árvores de admirável altura, é bem fácil cair o raio despercebidamente. Prova-se isto todos os dias com árvores caídas e queimadas, que se encontram nas florestas.

.....

DO MAR, ÁGUAS E FONTES DO MARANHÃO

Cap. XXXVIII

O MAR no *Maranhão*, pelas suas marés, não é o mesmo que o do restante do universo. Embora o oceano acompanhe infalivelmente o crescente, o plenilúnio, e o minguante da Lua, contudo notaram nossos marinheiros em um ou dois dias, e algumas vezes mais diferença e falta de igualdade do que se observa noutras marés do universo. Explica-se isto observando-se que o Brasil está cercado de milhares de inflexões ou voltas, formadas umas por bancos e coroas de areia, e outras por voltas de pontas de terra e baías. Acrescente-se ainda terem todas estas terras as saídas mui retalhadas, que impossibilitam o desembocar da maré com toda a sua força para os rios salgados e portos e barras, como acontece noutras partes. Reparai por exemplo o fluxo e refluxo do mar no rio Sena, pois quando o mar no Havre da Graça principia a refluir já a onda chegou a Ponte de Arche.

Outra observação sobre as marés Deparei também na seguinte coisa comum às outras marés, porém não tanto como as antecedentes. O mar no seu fluxo, batendo nas pontas das rochas, deixa no meio um canal ou rego, que mostra a sua corrente

principal, forrado de espumas marítimas, que aí se amontoam, e se passarmos uma corda pela sua superfície poderá servir de marca aos pilotos para reconhecer o canal no meio dos recifes. Parece-me explicar-se isto pela propriedade da forma circular, que têm os elementos, a qual lhes permite expandir-se até à circunferência; em virtude disto o mar faz no meio do centro do seu fluxo o rego, ou fio do seu curso, depois dispersa-se, e dá a cada ponta de rochedo a saída para a maré, e por isso tenho observado algumas vezes muitos pedaços de pau serem arremessados em diversos sentidos contra as pedras pela violência e corrente dessas diferentes marés.

As águas do *Maranhão* são incorruptíveis, e muito melhores do que as da Europa, como tive ocasião de verificar por espaço de dez semanas na viagem do meu regresso. Eis a razão: quanto mais sujeito está um corpo à transformação e mudanças de qualidade, mais susceptível se torna de ser corrompido e degradado por causa das alterações que sofre; ora as águas do *Maranhão* achando-se sempre no mesmo estado, são portanto incorruptíveis e ótimas. As águas da Europa são pelo contrário ora quentes, ora frias, e por conseguinte corrompidas e de má qualidade.

Por que as águas do Maranhão são incorruptíveis

Não são frias como as da Europa as fontes do Maranhão, porque sendo baixas as terras do Brasil não pode operar-se a antiperístase em suas entranhas, especialmente devido à proximidade do Sol, que penetra muito bem e com todo o vigor na terra, que é arenosa e mui susceptível de calor. As águas da Europa são frias no verão por causa da grande antiperístase das terras, que são altas, onde caem as águas, muitas vezes fortes e densas, e por isso resistem ao sol. Conservam as fontes do Brasil sempre a mesma temperatura, porque o sol derrama-se igualmente por cima delas, que nada têm que possa torná-las mais frias.

Fontes do Maranhão

Entre as fontes do *Maranhão* umas são melhores do que outras, e têm até cores diferentes: a que nasce da terra é diversa em gosto e cor, porque sendo a terra baixa, e havendo muitas árvores, umas com bom gosto e outras com mau, estendem por aí suas raízes, e delas

Porque há fontes melhores e de cores diversas

os olhos-d'água, ou os veios das fontes recebem qualidade boa ou má, tanto da terra como das árvores.

Notei nestas fontes o secarem umas em setembro, e outras minguaem muito, porque sendo o terreno do *Maranhão* quente, seco e arenoso consome facilmente as águas das chuvas, que por ele correm, e que servem de alimento às ditas fontes; achando-se pois os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro muito longe das chuvas, a maioria das fontes seca e outras diminuem muito.

Quem quiser beber água muito fria, deve encher um balde, deixá-lo ao sereno, e na manhã seguinte ela está fria como gelo, o que não aconteceria se nessa hora fôssemos buscá-la à fonte, porque, sendo as noites no *Maranhão* muito frias, elas têm muito mais força sobre uma porção de água guardada numa vasilha, cercada de ar por todos os lados, do que sobre águas sempre em movimento pela corrente, contidas em leitos baixos, cobertas e sombreadas por todos os lados, e tendo a superfície apenas à vista. Facilmente observa-se isto na Europa, durante o inverno, que as fontes e poços cheios de água, localizados em lugares abrigados e cobertos, raramente congelam, mas se esfriam.

.....

DAS SINGULARIDADES DE ALGUMAS
ÁRVORES DO MARANHÃO [nota 67]

Cap. XXXIX

AS ÁRVORES daquelas terras, em sua maior parte, são duras e pesadas, porque a solidez nas coisas mistas provém da boa cocção da umidade. Naquela terra existe em igual abundância tanto a umidade como o calor, cada um durante a sua estação: as chuvas têm seu tempo próprio para alagar a terra, e o calor também o tem para cozer e digerir esta umidade, que é nutrição dos vegetais, especialmente das árvores, que estendendo suas raízes dentro e fora da terra por aí chupam grande abundância de umidade e, sobrevivendo o calor forte sobre essa umidade, esta se transforma em corpo sólido.

Por que as árvores do Maranhão são duras e pesadas

As árvores estão sempre verdejantes por substituição diária e contínua das folhas velhas por novas, de forma que, brotando estas dos olhos dos ramos, vão logo por força própria atraindo a seiva, ficando dela privadas as velhas, que por isso definham e caem. Observamos isso no nosso corpo quando uma unha nova vem substituir a velha. Por esta renovação de folhas conservam-se as árvores no mesmo estado, o que não vemos na Europa porque o inverno retém no interior das árvores o calor natural delas,

Porque são sempre verdes

sendo necessário que caíam as folhas antes da ausência do calor, ficando só a umidade, que apodrece o pé da folha em vez de lhe dar vigor como acontecia no tempo do calor e portanto, assim, ocorre a queda das folhas. No Brasil acontece o contrário, porque vivendo o calor e a umidade em boa e perpétua companhia, novas folhas nascem ao mesmo tempo que as velhas caem: geralmente, em todas as coisas, notam-se três estados: 1º Crescer. 2º Permanecer. 3º Decrescer, e assim até morrer. Eis o que observamos nas folhas – têm tempo para crescerem, ficarem perfeitas, e depois definharem até morrer.

Entre estas árvores merecem especial menção em primeiro lugar os *mangues*, árvores que crescem ao longo do mar, e espalham seus ramos e fibras sobre as areias, ou entre as pedras que cobrem o limo, aí se fortificam, engrossam, e, chegando ao seu desenvolvimento completo, começam eles mesmos a deitar novas fibras, que têm igual desempenho, e assim se reproduzindo infinitamente, não pelas raízes, como as outras árvores, e sim pelos seus ramos. Não sei o que mais admirar, se a sucessão perpétua de pai a filho, se a geração inteiramente diversa das outras árvores. A razão por que assim produzem estas árvores provém de serem altas, pesadas e em seu princípio finas e delgadas para a raiz, e grossas no centro: se nasciam da raiz de seu pai, nunca poderiam subir por causa da fraqueza e delicadeza de seu pé, da grossura e peso do seu meio, e assim ficam deitadas e rastejando pela areia, a que proveu a natureza o encargo de dar dois nascimentos; o primeiro, do ramo de seu pai, onde ficam perpetuamente incorporadas e por conseguinte bem sustentadas; o segundo, da origem da enseada do mar, na qual elas aprofundam e estendem suas raízes, de onde extraem segunda nutrição, e assim, sustentadas e nutridas por cima e por baixo, crescem com facilidade. Notai de passagem esta bela particularidade de terem dois nascimentos e duas nutrições: a primeira, de cima, consubstancial com o seu gerador, que com ele faz uma mesma essência, sendo gerado, saído dele, e sempre com ele e inseparavelmente vivendo de sua nutrição. O segundo nascimento e nutrição é de baixo, do seio da areia do mar, nutrindo-se do próprio mar, chamando para cima esta nutrição para juntar-se com a que recebe de seu pai: por estas duas nutrições cresce, estende seus ra-

mos, dos quais, de novo, por outro nascimento, produz seus fios, que adquirem raízes dentro do mesmo mar, que o produz.

Desta comparação eu me servia para fazer compreender aos selvagens o Mistério da Encarnação do Filho de Deus dizendo ter ele dois nascimentos, um de cima, eterno e divino, saindo de seu pai sem dele sair, distinto de seu pai por hipostase como o ramo de mangue, com filho gerado dele, único contudo na essência e na substância com seu gerador, como a fibra com seu ramo, vivendo de uma mesma nutrição divina e celeste, a saber, o amor do Espírito Santo, que constitui a terceira pessoa da Trindade; o outro nascimento é de baixo, temporal e humano, saído do seio da Virgem Maria, nutrido com o seu leite sagrado, foi crescendo homem e Deus ao mesmo tempo, vivendo interiormente da nutrição divina, e exteriormente da nutrição corporal, e quando chegou à idade de 33 anos e meio, depois de haver comunicado sua doutrina celeste aos homens, confirmada por seus milagres, estendeu os braços, consentindo que fossem pregados na árvore da Cruz e do meio de suas chagas saíram seus escolhidos, que depois criaram raízes na Santa Igreja, regenerados pela água do batismo, e nutridos pelos Santos Sacramentos. Diziam-me os selvagens que compreendiam isto muito bem e sem a menor dificuldade, por que se Deus deu tal poder às árvores, que não têm sentimento, por que não poderia Ele fazer o mesmo a si?

Bela comparação com a Santa Trindade e a Encarnação

Os selvagens compreendem estes mistérios por meio desta comparação

Naquelas terras existem árvores exteriormente secas, sem folha alguma, e contudo, quando chega o tempo próprio, brotam delas em grande quantidade flores muito belas e em cachopas, porém de diversas cores e de ordinário amarelas. Encontra-se a razão desta particularidade no lugar escolhido pela natureza para terminar a sua ação; por exemplo: quando é liberal, dando a qualquer membro um excesso de nutrição, é à custa dos outros membros; quando estas árvores dão a seiva para formar uma casca grossa, verdejante e úmida, e cobrir de lindas folhas os seus ramos, não produzem belas flores, as quais naturalmente, em todos os vegetais, provêm de uma seiva bem digeri-

Árvores floridas

Origem das flores

da e sutil, podendo portanto subir facilmente até as extremidades dos ramos, não cuidando das outras partes da árvore, dando-lhes qualquer nutrição. Reconheci isto na França, onde se podam as cerejeiras para não dar fruto, a fim de com toda a sua seiva produzirem flores duas vezes maiores, como rosas almiscaradas duplas.

Também existem outras árvores que fecham as folhas, e as dobram sobre si mesmas quando o sol está no ocaso, e apenas ele se levanta elas desdobram-se e se expandem, como acontece em França com o girassol. Isto é devido à umidade ou sereno da noite, que as contrai porque o frio é constrictor, e, por oposição, o calor do dia as abre porque ele é relaxante.

Eu pude, com facilidade, deparar com as razões naturais de muitas singularidades que vi no *Maranhão*, porém confesso com franqueza que nunca achei a causa natural: certas árvores daquele país, apenas se toca com a mão o seu tronco, imediatamente fecham todas as suas folhas; por certo haverá nestas árvores alguma propriedade sensitiva, como há na esponja, a qual apenas sente a mão do homem, que a pretende cortar, ela se aperta, e oculta-se no côncavo e na fenda da pedra do mar, que a forma.

Os *cajueiros*, que produzem os *cajus*, próprios para fazer vinho, nascem espontaneamente pela costa do mar, e por isso vivem da seiva marítima e salgada, resultando disto ser o vinho de caju picante e acre, produzir no futuro dores nos rins, e ser prejudicial aos pulmões. Por experiência coei este vinho, e dele tirei grande quantidade de sal.

Há espinhos que diríeis serem criados por Deus para representar o Mistério da Paixão de Jesus Cristo [nota 68], porque crescem formando ramalhetes, quatro embaixo, eqüidistantes à maneira de uma cruz, e um no cume com a ponta virada para o céu, ornado de nove folhas, dispostas como três raminhos, cada um com três espinhos, que em tempo próprio se transformam em três flores, ficando este belo espinho maior no centro. São estes cinco espinhos os instrumentos das cinco chagas de Jesus Cristo. A coroa de espinhos cercando sua cabeça, como o espinho de cima é cercado de folhas,

isto é, de pecados e de vaidades das três idades do mundo, na lei da natureza, escrita e de fé, cujos pecados e imperfeições se transformam, pelo merecimento do sangue de Jesus Cristo, em flores da Graça, em boas obras, e na recompensa da glória.

.....

DOS PEIXES, PÁSSAROS E LAGARTOS QUE
SE ENCONTRAM NAQUELAS TERRAS

Cap. XL

EIS UMA questão não pequena, de física ou de filosofia natural: “como pode um animal, vivo e perfeito na sua espécie, formar-se sem progenitores?” Alberto, o grande escritor, viu peixes vivos no meio de uma grande pedra mármore, tirada da rocha, e rachada no centro. Não é novidade para os que leram este autor, porque eu vi no *Maranhão*, nos regatos formados pelas chuvas, e que pouco duram, muito bons peixes, iguais em tamanho e cor aos que vivem em rios permanentes, e que nascem de ovas. Como é possível que, sem haver ovas, possam estes peixes nascer, crescer e morrer, com declínio, aumento e ausência das chuvas? A razão disto está na força e influência dos planetas predominantes em janeiro e fevereiro, quando nascem estes peixes, e na conjunção forte da umidade e do calor e na disposição do terreno, tudo isto combinado de tal forma, que dá origem a tais e tais peixes, que nascem ali e não em qualquer outra parte, como vemos na Europa, em que a diversidade das terras por onde passam as chuvas produz diferentes variedades de peixes.

Entre os pássaros do *Maranhão*, dos quais eu diria maravilhas, se outros já o não tivessem feito, notei uma espécie singular de aves

aquáticas vermelhas [nota 69], tão-somente de plumas vermelhas e mesmo escarlates, dando-se a particularidade de serem brancas quando saem do ovo; depois com o tempo, quando podem voar, mudam da cor branca para a preta, e assim ficam até chegarem a tamanho e porte naturais, daí o fato de virem se tornando meio pardos e meio vermelhos, e finalmente totalmente encarnados, passando assim por quatro mudanças. Não digo isto por ouvir dizer, porém observei nos que se criam em casa presos. Este fenômeno não ocorre sem uma razão profunda, e fundada na natureza, que me parece ser esta: a cor da pele e as penas nascem, crescem e se nutrem segundo a superfluidade dos alimentos. Pois o filósofo tem para si que a pele e as penas crescem e se nutrem da abundância do alimento. Ora, a cor branca faz supor alimentação leve e delicada, e por isso a avezinha ao sair da casca do ovo, permanecendo no seu ninho, vivendo somente à custa de moscas e mosquitos, que voam ao redor dela, é natural que suas plumas, originadas de tão fraca comida, tenham a cor branca. A cor negra porém faz crer em abundância e superfluidade de alimentação, porque a intensidade do calor natural vai sempre excitando o apetite, e empurrando-o para o pasto e por isso notei o quanto esta ave vestida de penas pretas é gluttona, comendo constantemente. A cor parda e avermelhada revela uma tendência, ou uma regra, nascida espontaneamente da natureza para acolher uma certa alimentação, que lhe é própria, e então observei escolher esta ave uma comida singular e especial, isto é, os caranguejos ou moluscos, os quais consumidos no estômago aí se transformam em quilo vermelho como escarlata, e este caindo no fígado, se dele não receber alguma cor, como acontece com os outros animais, tingem-o com sua cor, e sempre assim passa para as veias, das veias para a carne, da carne para as penas, e tão perfeitamente vermelho, que se algum deles fosse cozinhado numa panela, podia dizer-se que havia dentro uma porção de vermelhão.

Aves aquáticas

Razão

Entre milhares de lagartos e répteis do mar, apliquei minha atenção para uma espécie bem monstruosa. É um animal que vive umas vezes na água, outras em terra, e também nas árvores, contendo em si as três esferas com que vivem todos os animais do mundo. Com os peixes partilha o elemento

Lagarto monstruoso e belo

água, com os homens e os quadrúpedes a terra, e com os pássaros aninha-se e repousa nas árvores. Direi ainda que me parece terem os astros lhe dado sobre os rins, desde a cabeça até o fim da cauda um reflexo de seus raios e brilhos, porque notareis no dorso uma bela faixa de raios do sol e das estrelas, semelhantes aos que fazem os nossos pintores ao redor do globo do sol e das estrelas. Têm a pele esmaltada de cor prateada e azulada, como a abóbada celeste quando serena. Quando este animal sente a intensidade do sol, sai do mar, sobe às árvores vizinhas, e escolhendo um ramo para deitar-se, aí se estende e descansa. Põe seus ovos nas árvores marítimas, os quais, aquecidos pelo calor do Sol, deixam sair os lagartinhos, que apenas saem das cascas dos ovos conhecem logo o pai e a mãe, acompanham-nos ao pasto seja no mar, seja em terra, seja de árvore em árvore. Explico a razão disto dizendo que quanto mais úmido é o animal, mais sonolento é ele. Entre todas as espécies de animais este tipo de lagartos é úmido e frio, e portanto sujeito à sonolência, e, como seja mais agradável o sono quando se tem os membros sob certo grau de calor, eis por que eles buscam soalheiros. Reconhecendo pequeno o seu calor natural, eis por que põem seus ovos em lugar exposto aos raios do Sol.

.....

DA PESCA DO PIRI

Cap. XLI

OS SELVAGENS do *Maranhão*, de *Tapuitapera*, e de *Cumã* têm uma pescaria certa e anual, assim como nós temos a do bacalhau nos bancos da Terra Nova todos os anos. Alguns meses depois das chuvas, quando julgam as águas escoadas, muitos embarcam em suas canoas, levando farinha para alguns meses ou seis semanas, e assim vão costeando a terra até um lugar distante da Ilha 40 ou mais léguas: aí se arrancham, levantam choupanas, e depois dedicam-se à pescaria, à caça dos jacarés, ou crocodilos, e à procura das tartarugas. Aí se reúnem muitos selvagens de diversas aldeias da Ilha, de *Tapuitapera*, e de *Cumã*. Apanham-se os peixes nas poças, ou buracos na areia com pouca água, e quando se vai um pouco mais tarde, coagido pela estação, encontram-se essas poças secas e o peixe morto. Não é bastante que eu diga e faça compreender em uma palavra que por mais selvagens que carregassem esses peixes, ainda assim ficam muitos mais do que os que eles levam. Esses peixes são grossos e curtos, não excedem porém a grossura e espessura de um braço, têm de comprimento meio pé entre a cauda e a cabeça, o focinho achatado e muito semelhante ao da tenca, e parecem-se muito com os peixes do mar chamados *marujos-pintados*. Apanhados estes nas pequenas redes, que levam, chamadas *pussars*, os selvagens os espetam de doze em doze, tal como se

Pesca certa e anual dos selvagens

Grande abundância de peixes

faz por aqui com as cotovias, levando-os com entranhas e tudo ao fumeiro para assá-los sem tirar-lhes as entranhas, e assim ajuntam muitos, que levam para suas casas, e com esta comida sustentam-se um ou dois meses. Quando querem comer, tiram a pele do peixe, secam-na ao sol, socam-na em um pilão, reduzindo-a a pó, com que fazem seus mingaus, isto é, o pirão, como os turcos fazem com o pó dos quartos de boi cozidos ao forno quando vão para a guerra.

Dirigindo-me um dia para a Ilha, achei-me em certa aldeia, onde nada tendo que dar-me para jantar, ferveram alguns destes peixes numa panela, do caldo fizeram mingau, vindo o resto no prato. Bem contra minha vontade de nada me servi por causa do mau gosto da fumaça, porém com muito apetite comeram de tudo os franceses que vinham comigo, achando saborosos os peixes, com grande satisfação dos índios, que os apreciam tanto a ponto de irem buscá-los muito longe.

Como se acham em tanta abundância estes peixes em tais buracos ou poços desde o inverno até esse tempo? Se explicações servem já a dei no cap. 40, e por isso a elas me refiro. Mas minha opinião é a seguinte: a grande quantidade de chuva faz transbordar os rios, os riachos e o próprio mar, de maneira que todos estes campos ficam inundados além da altura de um homem; por isso os peixes deixam seu lugar natural e, atraídos pela fartura dos novos lugares, se esquecem de regressar a seu lugar de origem. E por isso, quando as águas baixam, ficam presos nos buracos e poças como vimos em todos os lugares onde isso acontece, e quando os rios transbordam os peixes escapam para as baixadas.

A caça dos *jacarés* lhes é útil e agradável: são pequenos crocodilos com 8 ou 10 pés de comprimento, pele dura, ventre mole, sem língua, com olhos vivos, sempre alerta e maus: atacam o homem, cortam e devoram o primeiro membro que agarram. Escondem-se em grotas, à margem dos rios, e sempre de emboscada, nadam como peixes, arrastam-se ligeira e brandamente, abrem a boca, e como que intentam assustar-vos se vos encontram; põem ovos iguais aos de galinha, porém cobertos de asperezas, como as nozes; dizem que são bons

Ovos para comer, mas eu não afianço porque nunca os provei, pois sempre tive muito horror a esses animais. Chocam os ovos, e

deles saem jacarezinhos, gordos, grandes e compridos, como os lagartos cinzentos que vemos correr nos muros pelo verão. É para admirar, que de tão pequeno bicho origine-se tão grande animal, e que apenas saído da casca do ovo começar a andar e arrastar-se! Sua carne cheira a almíscar, é doce e desagradável; os selvagens porém não fazem caso disto, apreciam-na muito quando a encontram, e por isso empenham-se em caçá-los. O lugar *Piri*, úmido e cheio de limo, tem muitos jacarés, que são perseguidos pelos selvagens com flechas, atiradas na direção da garganta ou da barriga, e depois acabam com eles com golpes de cacete, tiram-lhes o couro, e cortam-nos em pedaços, que assam. Se são pequenos, cozinham-nos com escamas, e assim preparados acham-nos muito bons e até delicados, porque assados com sua gordura, dizem eles, nada perdem em substância. Achei melhor crer do que experimentar, embora tivesse muitas ocasiões de o fazer, pois recebi muitos jacarés de presente quando os selvagens voltaram do *Piri*. Bastava a lembrança daqueles animais para que meu coração saltasse diante de qualquer pedaço de sua carne. Diziam os franceses que o comeram ser semelhante a carne fresca de porco, um pouco mais adocicada, gordurosa, e com cheiro de almíscar. É muito perigoso tomar-se banho naquelas terras, a não ser em lugar aberto, porque estes animais miseráveis se arrastam de mansinho e se atiram sobre a gente. Contaram-me que um menino da aldeia de *Rasaiup*, tendo caído num riacho, onde ia buscar água, foi agarrado e devorado pelos jacarés. Quando andei pelas costas do mar, desde *Troou* até *Rasaiup*, em companhia de muitos selvagens, eles me levaram para beber água numa grotta cheia de sarças e outros matos, e me advertiram que aí ninguém se podia demorar muito por ser o esconderijo dos jacarés, que atacavam quem vinha beber água ali. Fazem-lhes muita guerra os nossos selvagens, por gosto e utilidade, e trazem grande provisão deles quando voltam do *Piri*.

Devoram os homens

A razão de não terem língua estes animais é porque, segundo creio, têm a garganta e o pescoço inteiramente inflexíveis, a ponto de não poderem olhar nem para trás nem para o lado sem moverem o corpo todo; além disso, eles têm o maxilar inferior duro e imóvel, e tudo isto é contrário ao uso da língua, e

Eles não têm língua

só mastigam com o maxilar superior. Eis por que agarram e devoram a presa de um só golpe, não precisando virá-la e revirá-la na goela.

S. Isidoro escreveu que os crocodilos no Nilo chegavam a ter até o comprimento de 20 côvados, cor de açafião, porém os do *Maranhão* e de suas circunvizinhanças não iam além, como já disse, de 10 ou 12 pés, com a diferença também de habitarem os do Egito, durante a noite, a água, e de dia a terra, porque buscam o calor, visto serem no Egito à noite as águas quentes e a terra fria, e de dia a terra é quente e a água é fria. No *Maranhão* acontece o contrário: de noite ficam em terra e de dia na água, porque as águas são frias à noite e quentes de dia, e a terra temperada. A razão por que este animal tem medo dos que o perseguem, e é atrevido contra os que fogem deles, é porque facilmente atira-se sobre estes, e só com muita dificuldade se defende daqueles, sendo este procedimento o resultado de sua natureza tímida e assustada. Tem só um intestino, porque não faz a primeira digestão das carnes cortadas em bocadinhos. Temem mais os selvagens que os franceses, e os do Nilo receiam mais os egípcios do que os estrangeiros, o que Solinos explica dizendo reconheceram eles naturalmente pelo cheiro aqueles que os guerreiam constantemente. Seus encrementos são exóticos e procurados para uso na maquiagem das mulheres. Não sei se é verdade o que um fisiologista disse [nota 70]: que quando ele devora alguém, chora pela desgraça de sua vítima.

Além destes dois exercícios, no *Piri* os selvagens perseguem as tartarugas, aí em quantidade incrível, e trazem-nas vivas em suas canoas tantas quantas podem. Não são avarentos, e trocam, na hora em que chegam, o que trazem por poucos gêneros. Lembro-me que, passando algumas canoas pela nossa localização de São Francisco, por uma faquinha que vale um tostão na França deram-me setenta, e pela farinha, que lhes ofereci para jantar, mimosearam-me com vinte e cinco, que guardei em lugar úmido e fresco, deitando-lhes todos os dias um pouco de água, e assim se conservaram sem comer por mais de seis semanas. Os selvagens comem-nas com muito gosto, e dizem que elas lhes conservam a saúde, e fazem bem ao estômago. Cozinham-nas

Santo Isidoro

Diferença entre jacarés

Têm um único instinto

Seus excrementos são exóticos

Tartarugas em quantidade

Qualidades das tartarugas

em seus cascos inteirinhas, sem tirar nada de dentro, e nós as achamos assim preparadas muito melhores do que de outra forma. Se algum deles sofre dos ouvidos por algum defluxo tiram as mulheres o sangue destes répteis, misturam-no com o leite tirado de suas mamas, e com isto friccionam o ouvido. Quando arrancam o cabelo dos seus corpos, com pinças de ferro, que os franceses lhes dão, esfregam a pele com

[Aqui a sexta lacuna, que ocorre tanto no exemplar da Biblioteca Nacional, em Paris, como no da Biblioteca Pública de Nova Iorque. Abrange o final do capítulo XLI e o XLII, o que corresponde aos fólhos 185 (uma página), 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192 (duas páginas cada) e 193 (uma página), perfazendo um total de 16 páginas, equivalentes a um caderno.]

.....

DA CAÇA AOS RATOS, ÀS FORMIGAS
E ÀS LAGARTIXAS

Cap. XLIII

HÁ OUTRA caçada de um verme, não menos divertida e agradável como as precedentes, a dos ratos domésticos e selvagens. Não comem os domésticos, que eu saiba, porém caçam-nos cruelmente; porque se entra um rato em qualquer casa, reúnem-se todos os habitantes, uns com arcsos, e outros com flechas e paus, e com o auxílio também de alguns cães não escapa o pobre rato. Depois de morto é espetado na ponta de uma vara, fincada no meio da aldeia, para servir de alvo ao exercício das flechas dos meninos. As aldeias mais próximas dos portos, onde chegam navios, têm mais ratos, porque apenas sentem a terra, atiram-se às ondas, nadam, trocando assim o seu país natal, que é o mar, para ficar num lugar mais firme e seguro, que é a terra.

Comem os ratos selvagens, que vivem nos bosques, e no dizer deles é comida deliciosa. Caçam-nos assim: cavam um buraco no meio de um certo lugar no mato, fazem várias entradas, semelhantes às coelheiras, ou terreiros de coelhos: reúnem-se depois jovens em grande número, armados de paus, e vão fazer grande alarido ao redor desse fosso,

como se costuma fazer nas caçadas dos lobos. Batem as matas, e delas fazem sair os ratos, os quais, fugindo e encontrando esses buracos tão próprios para se ocultarem, entram neles e então os selvagens se aproximam, tomando cada um conta do seu buraco, e entrando outros dentro do fosso, matam a cacete os ratos, dividem-nos igualmente, e regressam para a aldeia trazendo cada um a parte que lhe tocou e que põe no fumeiro. Assam os ratos ao fumeiro ou sobre carvões, abrem-nos por diante sem lhes tirar a pele, a qual fazem tostar depois que o animal está cozido por dentro, para não perder a gordura, e depois os guardam dentro de uma porção de farinha. Assim preparados, guardadas as porções, são eles mais apreciados do que os javalis, os veados, as cutias ou pacas, e às vezes trazem os selvagens quantidade incrível deles.

Caçam as formigas em tempo de chuva, por ser a época própria de elas mudarem de habitação. **Caça às formigas**

As que podem voar buscam a região do ar, deixando suas casas, feitas e cavadas na terra. As outras, se por instinto natural desconfiam que as águas podem invadir suas grutas, e estragar seus armazéns, celeiros, ou dispensa, levantam acampamento, com ordem digna de ser mencionada, e, tendo visto a experiência que vou contar, para servir de modelo a todas as outras.

Na nossa casa de S. Francisco, no princípio das chuvas um milhar de milhões de formigas saiu de uma caverna, perto de lá, e veio tomar posse de um canto do meu quarto onde cavou câmaras, antecâmaras e celeiros. Numa bela manhã saíram todas, e trouxeram, creio, mais de um alqueire de ovos, postos em diversos pontos, isto é, em distância de dois passos um do outro. Cada grupo trazia suas formigas em ordem, vindo descarregar cada um o que trazia no montão próximo, e assim iam fazendo os outros grupos ou companhias. Admi-rei-me de ver tantas formigas, e tantos ovos que deitavam mau cheiro. Mandei atear e lançar fogo, sobre estes ovos, e no caminho por onde passavam aqueles animais. Puseram-se em alarme, e cada uma buscou salvar os ovos que pôde, como fez Enéias a Anquises seu pai na destruição de Tróia. Não fui tão bem sucedido, porque regressaram ao lugar que haviam escolhido, não pensando talvez que me incomodassem, o que assim

A organização das formigas quando trocam de habitação

não aconteceu, porque reunindo-se todas por espaço de dois ou três dias, deliberaram ir a pilhagem fora do quarto, mostrando-se contentes com a habitação, que bem a meu pesar lhes dei. Causaria satisfação ver estes animaizinhos, desde o amanhecer até ao anoitecer, reunirem suas provisões, que são as folhas de uma certa árvore, em cujos ramos, como presenciei, estavam muitas para cortá-las e deixá-las cair em terra, onde cada formiga pegava no que podia e levava para os depósitos. Tinham aberto dois caminhos, muito bons para o seu tamanho: por um iam as carregadas, e por outro as descarregadas, evitando assim a confusão e a mistura, embora fossem mais de quatrocentas as carregadeiras. O mesmo fazem as outras espécies de formigas. É para admirar-se também a espécie de abóbadas, que com admirável indústria constroem quando querem caminhar abrigadas.

Os selvagens caçam somente as formigas grossas como o dedo polegar, para o que abala-se uma aldeia inteira de homens, mulheres, rapazes e moças. A primeira vez que vi esta caçada, não sabia o que era, e nem onde ia tão apressada tanta gente, deixando suas casas para correr atrás das formigas-voadoras, as quais agarram, metem numa cabaça, e tiram-lhes as asas para fritá-las e comê-las. Caçam-nas também de outra maneira, e são as moças e as mulheres que, sentando-se à boca do formigueiro, convidam-nas a sair [nota 71] por meio de uma cançãozinha, assim traduzida pelo meu intérprete: “Vinde, minha amiga, vinde ver a mulher formosa, ela vos dará avelãs.” Repetiam isto à medida que as formigas iam saindo e sendo agarradas, tirando-se-lhes as asas e os pés. Quando eram duas as mulheres no mesmo buraco, cantava uma de cada vez, e as formigas que surgiam eram daquela que estava cantando. Causa admiração ver os grandes pedaços de terra que tiram de seus formigueiros. No tempo das chuvas tapam os buracos do lado das enxurradas, e deixam somente aqueles por onde as chuvas raramente vêm. As formigas do *Maranhão*, especialmente as aladas, têm dois inimigos mortais: um, certa espécie de cão selvagem [nota 72] com pêlo de lobo, fedorento a mais não poder, focinho e língua muito agudos, e que procura o formigueiro para alimentar-se; outro, uma qualidade de formigas cor-

Formigas grossas como o polegar

São também caçadas por cães selvagens e outras formigas

pulentas, que de ordinário nascem com as outras, como o zangão entre as abelhas, e enquanto são pequenas e fracas trabalham conjuntamente sem fazerem barulho e nem se ofenderem. Quando grandes e fortes deixam as outras, criam um bando à parte, não vivem mais em grupo, e põem-se de emboscada no caminho por onde costumam passar suas irmãs e parentes, como fez antigamente Abimeleque, bastardo de Gedeão, com os 70 filhos legítimos de seu pai, seus próprios irmãos, os quais matou todos sobre uma pedra em Efra. Sirva isto ao leitor para aplicar segundo seu espírito e avaliação. Eis como os nossos selvagens se distraem mais utilmente com estes animais do que os nossos rapazes com as borboletas: de tudo se aproveitam e nada perdem, reunindo o útil ao agradável. Vejamos o resto.

Indic. 9

A caça aos lagartos, chamados *tarnire* pelos **Caça aos lagartos terrestres e marinhos** *tupinambás* (os grandes) e *toju* (os pequenos), é feita de outra maneira [nota 73] conforme são da terra ou do mar. Os marítimos habitam ordinariamente as praias cobertas de mangues, onde, duas vezes no espaço de 24 horas, entra o mar. Aí nutrem-se de caranguejos, de mexilhões e de camarões, vulgarmente chamados em França os lagostins, e de peixes, que apanham na enchente. Põem os ovos nos ocos das árvores. Os selvagens caçam-nos e flecham-nos na vazante, enterrando-se pelo tijuco. Para comida servem tanto como os coelhos, ou uma grande lebre, conforme o tamanho do animal. Fervem-nos para fazer mingau, ou assam-nos ao fumeiro. Os franceses assam-nos ao espeto, bem untados de gordura de peixe-boi, e à primeira vista pensareis que são coelhos ou lebres espetados. O guisado que deles se faz é muito parecido com o das lebres e coelhos, e muitos franceses gostam mais deles do que dos nossos coelhos. Eu antes prefiro crer do que provar.

São comidos pelos selvagens e pelos franceses

A caça dos lagartos terrestres é mais de meninos que de homens, embora tenha visto alguns homens atrás deles, como os meninos, e até 20 selvagens, homens e rapazes, atrás de dois ou três pequenos lagartos. Assim que os pegam, assam-nos, e toma cada um a parte que lhe pertence e acham-na muito boa. Os rapazes apenas os vêem correr pela casa, nas paredes ou nas árvores, fle-

Lagartos terrestres

cham-nos, porém escolhem os maiores porque têm mais que comer; alguns têm o comprimento de um braço e a mesma largura. Há uma outra espécie de lagartos verdes, que não saem das árvores, deitados sobre folhas, expostos ao sol: dizem os selvagens que são venenosos, e por isso os deixam; estes animais não se assustam com a presença de ninguém, nem se sentem perseguidos. Parecem-se com os camaleões, de que ainda falarei, têm os olhos brilhantes e vermelhos como escarlate.

Todos estes lagartos domésticos se acoplam como uma bola, a cauda do macho junto à cabeça da fêmea e a cauda da fêmea unida à cabeça do macho, formando esse conjunto uma esfera, as duas cabeças e as duas caudas se tocando. Tive medo na primeira vez que encontrei dois destes grandes lagartos dispostos desta forma, pois não sabia o que poderia ser, nem se era um tipo de serpente, vendo quatro olhos em um

Natural dos pequenos e grandes lagartos lugar e um só corpo enrolado. Os lagartos fêmeas são maiores do que os machos. Os pequenos lagartos põem seus ovos, que são quase do tamanho da cabeça do dedo mínimo, num buraco, cobrindo-os de areia, para que sejam chocados pelo calor do sol. Os lagartos grandes põem ovos maiores, à proporção de seu corpo, e ordinariamente fazem ninhos nos tetos das casas, nos bosques, para onde levam tudo o que acham tenro, ou seja, musgos, penas, algodão, trapos e coisas semelhantes, e freqüentam a casa se não lhes fazem mal. Fazem tanto barulho como um cão, quando caminham e conduzem na boca o que acham, e é um prazer vê-los nessa lida. Não fazem caminho direito quando constroem seu ninho, e antes usam de muitos rodeios para não serem descobertos. O sol

São caçados pelas cobras choca e faz abrir seus ovos, porque são muito frios e não têm calor próprio para chocá-los. São caçados por cobras grandes e horríveis, umas brancas como água, outras de cor de violeta, e finalmente algumas manchadas de diversas cores. Invadem até as casas para nos tetos caçarem estes lagartos,

Exemplo que, apenas as pressentem ao longe, fogem como se a casa tivesse pegado fogo. Mandeí matar três cobras destas num domingo de manhã, quando eu e meus companheiros fomos dizer missa na capela de S. Francisco, onde as achamos perseguindo os lagartos gran-

des, dos quais já tinham matado muitos. Pagaram tal temeridade levando cada uma mais de cinqüenta cacetadas, e ainda se salvariam, se eu não as mandasse cortar em pedaços, que viveram e remexeram-se por mais de 24 horas, procurando reunirem-se, o que não conseguiram por estarem distantes uns dos outros, talvez quatro ou cinco passos. Os selvagens têm muito horror destas cobras, e dizem ser venenosos.

Quando velhos, os lagartos perdem a cauda, que fica negra, e por isso é frágil como vidro, e quebra-se por qualquer acidente. Não creio, que elas renasçam, embora o afirme Aristóteles. Baseio-me no que observei num lagarto grande, que estava na nossa casa de S. Francisco, onde se conservou por dois anos sem cauda, vindo diariamente comer em nossa presença, com as galinhas, com as quais se familiarizara. Dizem, e os franceses o asseveram por experiência, que há uma espécie de lagartos grandes que apanham os frangos, e levam-nos para o mato, onde vão comê-los.

**Elas perdem
as caudas**

.....

DAS ARANHAS, CIGARRAS E MOSQUITOS

Cap. XLIV

A

VIDA do homem é comparada com a da aranha em muitas passagens da Sagrada Escritura, especialmente no Sal. 89 *Anni nostri sicut Aranea meditantur*, “nos-
Nossa existência comparada à vida da aranha. Salmo 85 sos anos se passaram, serão contados e meditados como os da aranha”. Escreveu S. Isidoro que a

Santo Isidoro aranha é um verme do elemento do ar, nele nutrido, donde se deriva a etimologia do seu nome, nunca descansa, trabalha sempre, de se tira com que formar sua teia, sempre em perigo por se

Hábitos da aranha achar ela, seus bens, e suas riquezas, suspensas num fio, mercê do menor sopro de vento, ou do capricho de um criado ou de uma camareira, que com um golpe de vassoura destrua todo o trabalho. Quereis mais belo espelho para considerar as desgraças e misérias desta vida? Não perderei tempo referindo o que se sabe acerca da natureza deste inseto, e apenas contarei o que achei de curioso e especial nas aranhas do *Maranhão*, e antes de entrar na matéria falarei de uma espécie do tamanho de um punho, e às vezes até maior. Encontram-se ordinariamente no tronco das árvores, próximo das casas, nas estacas, nos cantos, caminham pouco, não têm teias, muito venenosas, vermelhas quase da cor de borrachos quando saem do ovo, coisa

horrível e feia! Os índios fogem delas e julgam mortífera a sua picada. Nutrem-se da corrupção do ar.

Existem outras de diversas espécies, maiores e menores, e todas domesticadas, e nos matos encontram-se grandes, menores, e pequenas. No tempo das chuvas elas se acasalam mais que em qualquer outro tempo, não deixando embora de produzir sempre. Com o frescor da noite juntam-se; deixa o macho a sua teia para se unir pelo seu fio à teia da fêmea, se ela está colocada em lugar mais baixo; se porém a teia da fêmea é superior à do macho, ela desce para juntar-se com ele. É muito fácil ver isso, pois o fazem todos os dias, no fim da tarde. O macho é pequeno e a fêmea é três vezes maior do que ele. Fazem uma pequena bolsa, redonda e chata, muito bem feita e tecida, parecendo-se com cetim branco e à semelhança de um breve de *Agnus Dei*. Deixam nela apenas um buraquinho, por onde com o pé introduzem os ovos. Quando a bolsa está cheia, tapam o buraquinho, e carregam-na junto ao ventre e estômago, aquecendo-a desta forma, e, quando pressentem estar os filhos prontos para sair, rasgam a bolsa ao redor, como se faz com a casca da fava, e eles saem logo, correm pela teia da mãe, e à noite agasalham-se debaixo da mãe, como fazem os pintos com as galinhas a fim de resguardarem-se do frio da noite. Quando têm forças, cada uma faz a sua teia, alimentam-se e cuidam de si mesmas.

Outra espécie de aranha

Seus hábitos

Há outras, que fazem pequenos púcaros de barro, do tamanho e feição de um damasco, tão bem feitos, quanto é possível, por dentro e por fora, o que também fazem certas espécies de moscas, de que ainda falarei. Guardadas as proporções, são as bocas destes púcaros parecidas com as dos ninhos de passáros, com um buraco tão pequeno, em que passa apenas um alfinete, por onde saem os ovos para serem aquecidos pelo sol. Este púcaro é preso ou contra a madeira, ou numa folha de palmeira, e a terra de que é feito muito se parece na cor com a terra de Beauvais. Enchem o púcaro de ovos, tapam-no, e quando as mães julgam já terem os filhos saído da casca, destampam o buraco, e as aranhazinhas saem acompanhando-as para casa.

Outro modo

As aranhas dos bosques procedem de outro modo: roem as **O que fazem as amêndoas das nozes das palmeiras espinhosas, pouco a dos bosques** pouco, e removem tudo por meio de três buracos naturais, que têm estas nozes; depois aí dentro fazem seus ninhos e depositam seus ovos no tempo certo.

São diferentes as teias destas aranhas quanto à posição e local **Suas teias e como são posicionadas** por elas escolhidos. As domesticadas armam suas teias nas fendas e aberturas dos buracos, a fim de agarrarem moscas e mosquitos. Umhas estendem suas teias nas árvores, de um ramo a outro, e de um arbusto a outro para agarrarem borboletas e outros insetos que voam; outras tecem as teias por cima da terra para pilharem insetos, como formigas e outros iguais.

Algumas fazem teias tão fortes que até nelas caem lagartinhas, **Teias fortes de aranha** e então as aranhas descem, matam-nas com o agulhão que têm atrás, chupam-lhes os miolos e o sangue, e só quando se fartam é que as deixam. Vi aranhas do mar, **Aranhas do mar** muito parecidas com as de terra, porém maiores [nota 74]. Habitam em buracos nas praias, e alimentam-se de peixinhos que vêm à beira da água. Dizem que chupam o sangue e o humor das cobras, iguais às que mandei cortar em pedaços, e asseveram os selvagens, que se morderem a cabeça de algum indivíduo, ficará louco e morrerá.

Eu creio que no *Maranhão* abundam, em relação a outras terras do mundo, as cigarras [nota 75], que produzem em **Abundância de cigarras no Maranhão** época própria um barulho estranho, que eu não acreditaria se não ouvisse. Existem delas diversos tipos, variedades, tamanhos e cantos. Umhas são pequenas ou médias, proporcionais ao seu canto. Outras são grandes, **Hábitos das cigarras pequenas e grandes** têm seis polegadas de comprimento, e voz forte e alta, a ponto de ferir vivamente os ouvidos. Não cantam na época das chuvas mas muito bem ao longo do verão, e quando as chuvas se aproximam. Então, gritam tanto a ponto de racharem pelos lados, como me contaram os selvagens, o que é causado pelo bater das asas quando se esforçam e se incham para dar mais harmonia à voz. Estudei os usos e costumes destes animais em alguns, que conservei entre folhas na nossa casa. Reconheci que seu canto provém de três coisas. Primeira-

mente, engolem o ar, enchem o ventre, intumescem-se bem para distenderem bem os lados, e ficarem sonoras. Há grande sintonia entre a extensão dos lados e as asas do meio, onde se provoca o som, vendo-se claramente tomarem fôlego quando erguem as asas, e, quando as baixam, estenderem e dilataram os flancos. Em segundo lugar, elas têm asas mui finas e diáfanas, próprias para formar o som por serem muito secas. Tanto que as asas de cima são fortes e robustas, que é a terceira causa desse canto, tocando e batendo as asas do meio contra os lados e, com auxílio do ar, formando o som. Vou fazer-vos compreender isto por meio de comparações vulgares. Num alaúde há três coisas para produzir harmonia: as costas onde fica o ar, que entra pela rosa do meio, as cordas tensas, limpas, secas e bem colocadas, e a mão do tocador; assim têm estes animaizinhos as costas e as ilhargas cheias de ar, que entrou pela boca, as segundas asas são as cordas, e as asas grandes a mão do tocador.

Como cantam

Comparação com o alaúde

Cantam no verão desde o nascer do sol até meia-noite ou duas horas depois, calando-se por causa do orvalho frio, que começa a cair, e assim ficam em silêncio até que o sol apareça, e com seus raios extinga as gotas de orvalho, que caíram nas folhas, e então vêm elas aquecer as asas. Enquanto guardam silêncio, é minha opinião que elas se nutrem do orvalho, e não digo isto sem causa pois quase sempre ficam no mesmo lugar, e quando sentem algum movimento voam para outra folha. Algumas delas, especialmente as inteiramente verdes, não têm voz, arrastam-se pela terra como os gafanhotos, juntam-se como as moscas, põem em setembro ovos negros nos buracos dos ramos das árvores, nos quais criam os insetos, que logo viram cigarras; vão pouco a pouco se fortificando a fim de passarem a estação das chuvas, e substituírem os pais e mães que nesse tempo morrem arrebatados à força de gritar, como já disse. Elas não têm sangue, ou têm muito menos que as moscas, porém são feitas de uma substância porosa, seca e leve. As galinhas matam-nas, porém não as comem, e quando por acaso o fazem, se atrofiam e não engordam.

Quando elas cantam

Sem alimento

Sera conjugação e reprodução

Mosquitos de várias espécies

Há naquelas terras diversas espécies de mosquitos, porém trarei apenas daqueles que merecem consideração do espírito humano pelos seus princípios naturais, e são chamados *maringoins* pelos selvagens: há de diversos tamanhos e grossura, e todos têm a mesma forma. Originam-se de um humor acre, gostam dos sabores picantes e não doces, e por isso encontram-se muito no mar e em suas praias no tempo das chuvas, criados pelo humor e vapores do mar. Incomodam muito os homens picando-lhes a pele com seu bico pontiagudo como uma agulha, e sugando assim o humor salgado, que corre entre a pele e a carne. Gostam da luz porém detestam o fogo e a fumaça, e por isso, quando anoitece, os que permanecem por fora pousam nas folhas das árvores, e os que estão dentro de casa nos tetos, bem a seu pesar, por causa das fogueiras que os selvagens acendem ao redor de si, para se livrarem das picadas deles. Nos lugares mais próximos à água, existe maior quantidade deles, visto serem criados nas águas, como já disse.

Onde são engendrados São caçados pelos morcegos, que, buscando-os nos lugares onde se fixam, envolvem-nos com suas asas e os comem aproximando-as da boca, na qual os grandes *maringoins* são apanhados.

Seus hábitos

Servem de alimento aos morcegos

Nossos franceses são muito perseguidos por esses animais quando vão à pesca do peixe-boi, e para evitá-los armam suas redes no ramo das árvores, o mais alto que podem, evitando ser importunados por causa do ar e do vento, que sopram mais forte no alto que embaixo; mas, se as cordas se partissem, dariam belo salto, e não deixam de embalar-se para afugentá-los.

.....

DOS GRILOS, CAMALEÕES, MOSCAS E
TÊNIAS QUE VIVEM NAQUELAS TERRAS

Cap. XLV

DE TODOS os animais que fazem companhia ao homem, no Brasil, nenhum há em quantidade que iguale ao grilo, chamado pelos selvagens *cuju* [nota 76], e por ser tão familiar e doméstico pude à vontade satisfazer minha curiosidade estudando este animalzinho. Nasce da corrupção e da geração.* E para lhes fazer ver, devem levar em conta que, quando se faz uma casa coberta de palha nova, aparecem num instante milhões e milhares destes grilos ou *cujus*, no teto da casa. Se você imagina que eles se juntam nos bosques vizinhos, isso só pode acontecer se cobrirem as casas com palha velha, em vez de nova, e não terão incômodo por tão pouco. Logo força é concluir que formam-se na palha nova com o auxílio do calor do sol. Notei que dois ou três dias depois de coberta a casa, os grilos são brancos como neve, sinal de nova geração, mas pouco a pouco tomam a sua cor ordinária,

**Abundância
de grilos**

**Sua origem
por geração**

* No correr do livro, o Autor aplica sempre o vocábulo *generation*, “geração”, cremos que para designar a locução “geração espontânea”. (Nota desta edição.)

E corrupção amarelada escuro. Além disto originam-se também de ervilhas, e favas podres, o que vi por experiência. Quanto à produção do pai e da mãe provém de uma semente deixada nas folhas de palha; é pegajosa e fica onde se coloca, até que dela por meio de calor saia outro grilozinho.

Como eles se reproduzem

Seus hábitos É fogoso no seu ajuntamento, e eis por que se multiplicam tanto. Esse animal é muito pequeno, porém astucioso, tem horas para comer e para cantar; não deixa de procurar comida quando pressente estarem todos deitados, e então desce do teto e corre, por assim dizer, os cantos da casa. Colhem as migalhas e restos de comida, e preferem tanto os caranguejos que deixam de lado tudo mais. Acabada a comida regressam a seus lugares, onde cantam e passam o resto da noite, e o dia também, se o ardor do sol os não incomodar. Não gostam de chuvas, e enquanto está chovendo não cantam. Gostam portanto do tempo sereno e doce, sem muito calor, e sem muita chuva. Roem muito os tecidos que encontram, e se acharem um capote de cem escudos numa noite dão cabo dele. Não tocam em pano de linho a não ser que esteja engordurado, embebido de alguma essência de que gostem, e por isso, para conservarmos alguns tecidos, embrulham-se estes em linho.

Seus inimigos Têm quatro inimigos capitais. Os primeiros são os lagartos, que correm atrás deles, como os cães atrás das lebres. É um gosto ver as voltas e viravoltas que dão caça e caçador. Os segundos são certos macaquinhos amarelos e verdes a que os selvagens chamam *sapains*, vivos e ágeis como um pássaro; caçam com uma das mãos e na outra guardam a caça. Os terceiros são as galinhas, que os devoram com incrível avidez, e para isto voam sobre as casas, e não poucas vezes estragam a cobertura delas. Os quartos são certas formigas grandes, que os atacam nos buracos e cavernas, onde se abrigam nas casas; distraí-me algumas vezes vendo tão singular combate; a formiga grande desce ao buraco, obrigando o *cujju* a sair, ou então o puxa pelos pés, e muitas vezes prefere perder as pernas posteriores, que a formiga leva, a morrer. Outras vezes o grilo deixa-se comer dentro do buraco, de maneira que somente ficam a cabeça e as asas, que as formigas carregam como troféus. Os grilos têm particular malícia, conforme testemunhei, porque

mordem a ponta dos dedos das pessoas de noite, quando estão dormindo, e carregam o pedacinho que podem tirar. Achei-me por isso muito incomodado do polegar, a ponto de não poder escrever por oito dias.

O camaleão é um animal do tamanho e da grossura de um lagarto de tamanho médio, e a ele semelhante no rosto, olhos, e cabeça, tendo nas costas escamas como o crocodilo, e parece ter a pele coberta de ou limo. Tem a cauda muito comprida, e de ordinário dobrada em espiral, diminuindo gradualmente até a ponta. Raras vezes se vê o macho com a fêmea, e por isso não me atrevo a contar o modo de sua procriação, porque não pude vê-la, e nem imaginá-la. Contento-me apenas com referir o que vi. É muito demorado no seu andar, está sempre ao sol, deitado sobre folhas ou ramos, e por isso se pensa que vive só de orvalho. Batem-lhe as ilhargas constantemente, e muito mais quando receia alguma coisa, sendo isto motivado pela sua timidez natural, proveniente de muito humor frio, pelo qual torna-se venenoso quando é comido por algum animal. Nunca se encontra nas árvores frutíferas, prevenção da natureza para não envenenar com o seu frio excessivo o fruto que tocasse, e por isso é visto nos ramos de árvores, que somente servem para queimar. Como o lagarto, tem quatro pés, e muda de cor conforme o movimento do corpo e os batimentos das ilhargas. São raros no Maranhão os camaleões e somente encontrados em lugares bem expostos ao meio-dia; deitam-se nas folhas, estendem as quatro patas, e descansam a cabeça. Eles não movem ou afastam os olhos enquanto contemplam nem piscam; constantemente bate-lhes o papo. Dizem que se este animal fosse lançado ao fogo dificilmente queimaria, porém envenenaria com a fumaça as pessoas presentes. Não fiz esta experiência com o camaleão, e sim com outro animal mui semelhante a ele pela frieza. Mandei lançá-lo num braseiro bem quente, mandado preparar, e afastando-me um pouco, tomei cuidado que ficasse sempre no fogo, movendo-o constantemente, e, depois que morreu, viu-se que o fogo não pôde atuar contra seu corpo, que ficou inteiro e sólido, conservando sua figura e pêlo; mandei tirá-lo do fogo e jogá-lo num buraco.

Há muitas espécies de moscas, umas da noite, outras do dia. As moscas da noite são as que buscam o

Camaleão

Suas características

São raros

Moscas de várias espécies

Moscas noturnas seu sustento durante ela agarrando os bichinhos que voam onde os encontram; como têm de alimentar-se nas trevas, deu-lhes a Providência divina uma luz [nota 77], que trazem adiante e atrás; a luz dianteira está numa placa de forma quadrangular, aderida ao estômago, sendo os dois ângulos que tocam o seu queixo muito estreitos, e é feita de uma película diáfana, e coberta de um pêlo mui delicado, com que recebem a umidade da noite, que propicia produzir um brilho de luz. Percebereis bem isto recordando-vos do brilho da pescada à noite, por causa da delicadeza da escama ou da sua pele umedecida. Acontece o mesmo com certa espécie de madeira podre, ou melhor rarefeita, e tênue, livre de todas as imundícies, e que tem a propriedade de atrair a umidade. A mesma coisa elas têm na frente da barriga, onde se encontra uma película bem lisa e estufada, cheia do pêlo muito delicado de que acima falei. Quando voam numa noite escura, parecem ser grossas faíscas de ardente fornalha de fundir metais.

Pertencem ao dia as outras moscas; são infinitas e várias e por **Moscas** isso somente me demorarei tratando das que tiverem alguma coisa digna da consideração do leitor, como sejam as abelhas e **Hábitos das abelhas** as vespas, e de outras coisas de que que falarei mais adiante. As abelhas do Maranhão e de suas circunvizinhanças fabricam suas casas de três modos: entre os galhos das árvores, como já disse, quando escrevi sobre o *Mearim*, ou no côncavo das árvores, isto é, no tronco principal, porque escolhem uma árvore que tenha uma concavidade no tronco, sobem pela frente dele, e depois descem até a terra, onde constroem os alicerces dos seus cortiços, e depois fabricam o seu mel, caminhando sempre para cima. Quando não é assim, escolhem lugar apropriado, levantam da terra um cortiço côncavo, onde fabricam mel e cera.

É espontânea a sua geração, e creio não haver entre elas macho e **Como se reproduzem** fêmea, e assim todos trazem consigo o gérmen da futura procriação. Vou dizer-lhes a razão deste meu modo de **Exemplo** pensar, que formei observando com atenção um cortiço de abelhas numa grande árvore côncava e seca, distante 30 passos de nossa casa de São Francisco, o que me foi ainda mais fácil, pois estas abelhas não dão ferroadas [nota 78], contanto que não se lhes faça mal, mes-

mo que se esteja bem perto delas. Fizeram os selvagens um buraco ao pé desta árvore, pelo qual o mel escoava em cima das abelhas, e até os casulos em que as jovens abelhas estavam envolvidas eu analisei fielmente. Estes casulos eram tapados de todos os lados, embrulhados numa tela bem delicada, e por cima deles estão a cera e o mel. Nalgumas camarazinhas destas, achei somente algumas gotas de semente, claras como a água da rocha, e soube ser a matéria de que novas abelhas se originavam. Numas vi o *caos*, ainda informe, feito e composto desta matéria-prima, à maneira de uma pasta mole, branca como creme; noutras vi moscazinhas, perfeitamente formadas, e já se mexendo, envolvidas numa tela delicada e diáfana, que rasguei com cuidado, vendo nestas moscas todas as suas partes bem distintas e conformadas, menos os pés, por serem os últimos a se formarem para logo se moverem. Reconheci ser verdade o que diz S. Isidoro destas moscas:

Apes dictae sunt quia sine pedibus nascuntur, nam postmodum accipiunt: as abelhas, ou antes os ápodes, são assim chamados porque nascem sem pés, sendo este nome composto por

S. Isidoro ensina a etimologia de seu nome

a, que quer dizer *sem*, e *pedes* – *pés*. Assim composta quer dizer – *sem pés*, mas não se usa em francês, e sim emprega-se o nome de *abelhas*. Sobre o que eu disse a respeito de sua geração virginal, além da experiência que eu tive de que podem duvidar alguns espíritos, há uma testemunha irrefragável, Santo Ambrósio, doutor que se dedicou ao estudo dos segredos da abelha mais do que nenhum outro antes ou depois dele. Não o fez sem motivo, pois desde o berço que estas abelhas ocuparam seus lábios, e depois toda a sua boca, com mel. Eis suas palavras: *Apes nullo concubitu miscuntur, nec libidine resolvuntur, nec partus doloribus quatuntur, sed integritatem corporis virginalem servantibus subito maximum filiorum examen emittunt*: “não se misturam as abelhas por meio de alguma conjunção, não se entregam por meio de sensualidade, não sofrem dores de parto, porém conservam a integridade virginal de seu corpo, e em pouco tempo produzem grande número de novas abelhas”. Diz o autor do livro da *Natureza das coisas – Omnibus virginalis integritas corporis* – “conservam todas a inteireza virginal do seu corpo”.

S. Ambrósio diz que elas nascem sem conjunção

Há diversas espécies de vespas, tendo uma delas alguma coisa de novo: esta espécie é negra, mui delgada no meio do corpo a ponto de julgar-se estar

Espécies de vespas, seus hábitos

o ventre unido ao estômago por um só fio. São industriosas o mais possível. Recolhem-se todas a um nicho de terra, no alto das árvores, tão bem revestido, de modo que dentro dele não cai uma só gota de água; a cobertura ou teto deste nicho é em forma de domo e, assim, a chuva que cai se escoia sem parar. Nele não tem abertura alguma, apenas cinco ou seis buracos proporcionais ao tamanho delas. No interior constroem acomodações para viver, e fabricam uma espécie de mel bem amargo e negro como tinta. Cada uma tem sua casa, cavada na parede do nicho, à maneira dos buracos de um pombal, onde se agasalham os seus habitantes. É admirável a sua indústria na construção destes nichos, o que presenciei muitas vezes. À margem das fontes fazem argamassa, transportando com os pés um pouco de terra, que desmancham e amassam com água que vão buscar, e trazem presa ao pêlo de suas pernas. Assim, preparada essa massa, vão carregando-a em várias partes do corpo. Primeiro no pescoço; em segundo, nos pés; em terceiro, na união das pernas com o corpo. Não deixam os filhos no nicho comum, porém cada uma fabrica o seu cubículo à parte, imitando a flor de meimendo, presa ou suspensa a algum galho, ou outra coisa coberta, longe do perigo de ventos e de chuva. Levam muito tempo preparando seu nicho, e o enfeitam o mais que podem, com o brunidor do focinho. Depositam no interior sua semente, como fazem as abelhas, fecham a entrada, ocultam-na, dormem à noite em comum, e mesmo com a madrugada ainda longe elas já despertam para montar guarda e fazer sentinela ao redor de sua habitação, fazendo guerra de morte a quem se aproximar. Posso dar notícia disto, porque um dia, indo sem pensar a um canto de minha casa arrumar não sei o quê, quando passei e bati sem querer com a cabeça no nicho onde estava a mãe, ela, julgando mal minhas intenções, pensou que eu o tivesse feito por maldade e, cheia de cólera, escolheu a parte mais delicada do corpo humano, isto é, os olhos, para vingar-se. Permitiu Deus porém que em lugar dos olhos me ferisse as sobrancelhas com o seu agulhão. Foi tão doloroso o golpe, e tão penetrante o veneno, que caí por terra de dor, batendo-me extraordinariamente todas as minhas veias, desde a planta dos pés até o alto da cabeça, como nunca senti em minha vida. Recolhi-me

à cama com o coração aos saltos, inchou muito a parte ofendida, que ardia como brasa. Pensei que ia perder o olho, e assim estive por muitos dias. Mas depois fiquei bom. Procriam também de outra forma. Fazem um pequeno casulo de barro, arredondado, semelhante aos feitos pelas aranhas, como já disse, depositando dentro suas sementes, que se transformam em minhocas, iguais às que se encontram nas ameixas de Damasco vermelhas, ganhando asas depois e se transformando em vespas.

Os selvagens não têm cantáridas em suas terras, porém têm por elas muito apreço e dão muitos gêneros para possuí-las. Os franceses as trazem, porque já tinham ensinado aos selvagens as propriedades delas, para excitar o homem, o que não se deve escrever. Isto prova que os homens viciosos mais depressa desgastariam esta nação do que ela o é por natureza.

Cantáridas apreciadas pelos selvagens

Há também insetos e vermes roedores muito sutis e engenhosos, como uma capa bonita e inteira, porém que, passando-se uma escova nela, desaparece até o pêlo e fica só a urdidura. O mesmo acontece com os cupins, que fazem um barulho digno de nota. Deus porém fez pássaros que vão tirando esses vermes das árvores.

Insetos e vermes

.....

DAS ONÇAS E DOS MACACOS DO BRASIL

Cap. XLVI

A ONÇA é o animal mais feroz do Brasil e é do tamanho dos galgos da Europa. No rosto parece-se muito feroz, seus hábitos com o gato, tem bigodes horrivelmente dispostos, vista perspicaz e aterradora, pele como a de lobo, manchada de negro à maneira da do leopardo, garras muito longas, patas como de gato, cauda comprida, maior que todo o corpo, diminuindo pouco a pouco até a ponta, e com ela brinca num areal voltando-se para apanhá-la, e correndo para o mesmo fim, como fazem os gatinhos no meio de uma sala, divertindo-se cada um com o rabinho. Ama a solidão, detesta toda forma de companhia, habita só nos bosques, e jamais está acompanhada de seu semelhante senão no acasalamento quando, feito isso, a fêmea retira-se. Nada receia, nada teme: pára ao ver dirigir-vos a ela, ou fica no fim da estrada, por onde tendes de passar, de forma que ou voltareis, ou então combatareis, porque não cede. É melhor a retirada, ainda que com algum vexame, do que por orgulho arriscar a vida em luta com tal animal. O R. P. Arsène assim o fez, quando vinha da aldeia da *Maioba* para a nossa casa de S. Francisco, ao encontrar, ao meio-dia, na estrada uma grande onça que veio esperá-lo. Regressou para a aldeia, e assim evitou

perigo tão iminente. Não buscam os homens, e é raro encontrá-las, e quando isto se dá o perigo é certo. Não se atiram, e nem correm logo atrás das pessoas que vêem, antes dão-lhes tempo bastante para fugir, e apenas agarram um ou outro menino, porém raras vezes. Têm muito medo de fogo a ponto de não se aproximarem dele, e por isso evitam-nas os índios acendendo fogueiras em suas casas, sempre abertas, quer de dia, quer de noite. Fazem guerra desabrida aos cães e macacos, vindo agarrar aqueles até perto das aldeias, sem causarem o menor mal aos selvagens deitados em suas redes, e quando estes vão à caça, acompanhados por muitos cães, são estes devorados e comidos pelas onças, que fingem correr diante deles, e quando os cães se acham longe de seus donos, saltam sobre eles e facilmente os estrangulam. Poucos escapam de suas garras para trazer notícias a seus donos, que, não os ouvindo ladrar, acreditam que as onças os comeram. Não vão mais além, e regressam mais depressa a casa onde suas mulheres e filhos choram a morte dos seus cães, que levaram à caça com intenção de divertirem-se. Se é perigoso atacar um soldado furioso e vitorioso de seus inimigos, ainda muito mais o é apresentar-se em tal ocasião à vista das onças.

Elas caçam os macacos capturando-os assim: batem em redor o bosque onde se abrigam os macacos, encurralando-os num ponto, onde se agrupam; então elas trepam em várias árvores, e dali se atiram nos galhos e ramos de outras onde estão os macacos, apanhando-os. Empregam também outro ardil. Ocultam-se debaixo de folhas num lugar, onde sabem que os macacos vêm beber, ou quando estão pescando mariscos e caranguejos, então de um só pulo agarram os que podem. Fazem ainda mais. Quando vêem ou ouvem que os macacos estão reunidos em qualquer lugar, vão sorratamente arrastando a barriga pelo chão, como fazem os gatos quando querem agarrar algum ratinho, e depois estendem-se e fingem-se mortas. Chega um macaco, pára, chama outros, que chegam logo, descem o mais que podem, sempre desconfiados, para verem e examinarem se na verdade o inimigo está morto: rangem uns os dentes, e outros como que fazem uma espécie de discurso de congratulação pela morte da onça. Eis senão que ressuscita o fingido morto,

**Como as onças
caçam macacos**

mais depressa do que eles sobe ao cimo da árvore, onde transforma a vida deles em morte, não simulada e sim real.

A onça só pare uma vez, e um só filho, como a leoa, e eis a razão de haverem poucas no Brasil. A onçazinha rasga o útero de sua mãe, que o nutre mui curiosamente até que fique em estado de ela cuidar por si de sua alimentação. Apesar desta separação, a mãe não deixa de se unir ao macho no tempo próprio, ainda que seja em vão. As onças são errantes, caminham por diversos lugares, atravessam braços de mar, e quando lhes falta comida em terra, vão ao mar apanhar caranguejos e outros iguais bichos.

Existem também onças marinhas, como já disse quando falei do *Mearim*, cuja parte anterior é igual à da onça da terra, e a posterior semelhante à cauda de um peixe. São tão ferozes, como as terrestres, e saltam da água contra os inimigos. Machos e fêmeas livram-se dos filhos que trazem no ventre, à maneira das baleias, dos golfinhos e de outros peixes do mar.

No *Maranhão* e suas vizinhanças há diversas espécies de macacos [nota 79]: uns grandes, fortes, barbados, e de sexo bem visível, espécie perigosa, e que nas matas se defendem muito bem das invasões dos selvagens. Contou-me um intérprete que certo dia um selvagem feriu com uma flecha o ombro de um desses macacos, que arrancou a flecha, e arremessou-a contra o selvagem, ferindo-o gravemente. Atiram-se sobre as moças e mulheres, e são violentos se forem mais fortes. Há outros menores barbados, que trazem mamas nos seios, e sexo bem visível em lugar próprio. São muito bem tratados pelos franceses: os selvagens os pegam atirando um projétil qualquer sobre eles, que caem atordoados, e logo são amarrados. Os comuns são quase que semelhantes em sexo, e nem merecem descrição alguma. Em geral os monos são agradáveis à vista. Caminham um atrás do outro, marcando o primeiro a cadência do passo, de modo que os que vêm atrás assentam os pés e as mãos no mesmo lugar em que assentaram os pés os que foram adiante. Às vezes fazem uma grande procissão de duzentos a tre-

zentos, e diria até mais, se não receasse causar admiração ao leitor, pulando uns atrás dos outros. Achei-me muitas vezes nas matas, onde eles habitavam e direi, sem precisar o número, que vi grande quantidade deles, na forma já dita. Coisa agradável, além do que se pode imaginar. Atiram-se estes animais de uma árvore para outra, de galho em galho, como faria um pássaro, e o fazem com tal presteza, que mal se vê. Se vos descobrem debaixo de alguma árvore, fazem uma barulheira incrível, perturbando-vos, e depois de ficarem algum tempo vos insultando em sua linguagem, embrenham-se pelos matos. Nunca deixam em hora precisa [nota 80], à tarde ou à noite, de ir beber água; mas, sabeis com que sutileza? O grosso da tropa pára a uma distância de 300 passos da fonte, enviam espias para examiná-la e as circunvizinhanças, olham de um lado para outro, a ver se não há alguma coisa que os ameace, examinam com cuidado se há emboscada de algum inimigo, e apenas o descobrem os espões gritam com voz forte e correm a reunir-se ao grupo. Voltam depois de algum tempo e fazem a mesma coisa. No caso de haver segurança gritam e ganem chamando o exército, e chegando este ainda usam de outra esperteza. Bebem todos um a um; à medida, que um bebe, passa além e trepa numa árvore, e assim até o último; assim que bebem, passam para outro lado, por onde não vieram, e acabam a feira. Deixam a fonte e vão em tumulto procurar seus amores, e nisto há ordinariamente grandes gritarias, gemidos, mordiduras e arranhões, porque os mais fortes querem escolher as companheiras e serem servidos em primeiro lugar. Nada digo sem experiência e tudo isto presenciei todas as tardes na nossa fonte de S. Francisco.

Como os macacos bebem

Vão pescar sempre em grupo, carregando as macacas os filhos às costas. Apanham caranguejos e mariscos. Antes de agarrarem os caranguejos, quebram-lhe as patas grandes para livrarem-se das mordidelas, depois quebram-nos com os dentes, e, se estão duros, com pedras, fazendo o mesmo com os mariscos.

Como vão à caça

As mães tratam muito bem do sustento dos filhos, antes de eles poderem por si buscá-lo; tiram o marisco e o caranguejo da concha, limpam-no muito bem, e oferecem ao filho nas costas, e estes o agarram e comem. Nunca vão para

Alimentam os filhotes

longe das árvores; é o seu refúgio apenas ouvem algum barulho, ou vêem alguém, e por isso para as suas pescarias escolhem lugares próximos a árvores altas e copadas. Se vêem passar uma canoa de selvagens, muito longe deles, saúdam-nos rindo a seu modo, se a canoa se aproxima, fogem e ninguém os pilha.

.....

DAS ÁGUIAS, DOS PÁSSAROS GRANDES E
DOS PASSARINHOS DAQUELAS TERRAS

Cap. XLVII

NA ILHA ordinariamente não se vêem águias, porém há muitas na terra firme, próximo do *Maranhão*. **Águias do Brasil**
Não são verdadeiramente tão grandes como as do Velho Mundo, porém são mais furiosas, atrevidas, e valentes, que atacam os homens, e não fazem seus ninhos sobre rochedos, como diz Jó, *Aquilla in petris manet*, “a águia mora nos rochedos”, porém entre as árvores. Vou contar-vos a este respeito o que ouvi no *Maranhão* sobre duas águias extraordinariamente ferozes, que vieram aninhar-se nos mangues do *Uirapirã*, aldeiazinha na costa, distante légua e meia do Forte **Onde fazem seu ninho. Exemplo**
de S. Luís. Mostraram-me o lugar onde elas viviam, num dia em que, passeando pelo mar, fui visitar um de nossos amigos franceses, morador nessa aldeia. Tinham essas águias cortado ramos mais grossos do que a coxa de um homem, e tinham feito tão boas acomodações, que melhores não fariam doze homens. Aí tinham depositado seus ovos e deles vieram seus filhinhos, e ninguém se atrevia a passar por perto. Elas caçam cabritos-monteses, matam-nos, espedaçam-nos com unhas e bicos, e depois trazem alguns bocados a seus filhos. Pescam da mesma forma arremessando-se sobre os golfinhos, pirapamas, e trombudos, e ti-

ram-nos do mar com suas garras, deitam-nos em terra, dividem-nos em pedaços, que levam a seus filhos. Foram ainda mais longe: mataram um homem e uma mulher *tupinambás*, o que lhes causou a sua morte e a de seus filhos, porque se lhes armou uma cilada tão bem arranjada, que conseguiu-se matar o macho, e a fêmea, achando-se viúva, retirou-se para a terra firme, abandonando os filhinhos, que foram passados pelas armas dos *tupinambás* em vingança do crime cometido na pessoa dos dois, que eles mataram, e destruiu-se-lhes o ninho.

A fêmea é maior que o macho, ambos de cor parda, olhar vivo e feroz, poupa forte e erriçada no cume da cabeça, penas grossas no canudo e grandes como a de um galo-da-índia: **Seus hábitos** vem-se delas os *tupinambás* para emplumar suas flechas. Nota-se nestas penas uma coisa especial e particular: se os selvagens as misturam com outras penas, tais como de araras e de outros pássaros grandes, são estas roídas e comidas por aquelas, pelo que são guardadas à parte, e não as põem eles em suas flechas com outras.

Por maiores que sejam os outros pássaros, é a águia o senhor e o rei não por igualdade de forças, mas por sutileza e ligeireza de vôo, **Por que a águia é o rei dos pássaros** subindo muito alto quando quer perseguir os pássaros grandes, e descendo mui rasteiramente quando eles também descem, e quebram-lhes a cabeça com o bico. Todos os pássaros se assustam quando ouvem o seu grito e ocultam-se entre as folhas quando os vêem. Caçam principalmente os gaviões, parecidos com as pombas brancas, que vivem nas praias, esperando a vinda de peixinhos para assaltá-los e agarrá-los. Aí vão as águias caçá-los, e despedaçá-los num abrir e fechar de olhos. Nutrem-se também de tartarugas do mar e de terra, e não poupam a alguma serpente ou cobra que porventura encontrem.

Raras vezes podem os selvagens pilhá-las de jeito para flechá-las. Trepam no cume das árvores, onde expandem **São difíceis de apanhar** as asas aos raios do sol, tirando com o bico as penas velhas das asas e do rabo que elas sabem que não servem mais; aí vão os selvagens buscar estas penas para usá-las. Assemelham-se muito na forma e cor às penas dos galos-da-índia, e são muito boas para escrever.

Além destas águias há pássaros grandes chamados *uiranaçu*, quase do tamanho dos avestruzes da África [nota 81], mais altos, porém não tão carnudos. Os grou de lá parecem-se com os pardais. Se algum foi para a França, levado por nossos companheiros, saibam que há outros ainda maiores. Os selvagens os pegam quando pequenos, e para isso procuram a ocasião em que os pais vão caçar. São brancos quando pequenos, mexem-se pouco a pouco, e vão mudando até que alcancem suas penas a cor verdadeira. São muito glutões, e parece que não se fartam, porém quando comem é por muitos dias. Se os macacos pudessem persuadir os selvagens a extinguir a raça desses pássaros, o fariam de bom grado, porque perdem milhões dos seus para sustento delas. Os *tupinambás*, que criam estes pássaros, conhecem que a melhor carne que se lhes pode dar é a de macacos, e para isto vão ao mato caçá-los e matá-los.

Outros grandes pássaros: seus hábitos

Há outras espécies de pássaros grandes, porém não se comparam com estes, e são as *araras*, os *canindés*, e outros, os quais são apanhados e cativados pelos índios gentilmente. Vão pelo mato, espreitando as árvores onde estes pássaros costumam passar a noite e para onde retornam durante o dia após comerem. Tendo feito o reconhecimento, eles constroem sobre uma dessas árvores casinhas redondas com capacidade de conter de três a quatro homens, feitas de palha. Sobem ali e esperam a chegada destes pássaros, que sem desconfiar se aproximam bastante e, pensando poder descansar como antes, se assustam quando lhes atiram flechas, que os atordoam mas não os matam. Assim que caem no chão são apanhados e aprisionados pelos índios, que os domesticam de tal forma que, mesmo deixando-os livres, não abandonam a casa do dono. Entram nas cabanas, fazem grande estardalhaço, com voz semelhante aos nossos corvos, e aprendem a falar assim como os papagaios. Oferecem as penas desses pássaros a seus hóspedes para com elas se adornarem e enfeitarem [nota 82]. Os habitantes do rio depeçam seus gansos para encher colchões, os índios tiram as penas destes pássaros para fazer seus enfeites e adornos.

Outros grandes pássaros

Como são apanhados pelos selvagens

Há muitas e diversas qualidades de garças, umas maiores, e outras mais pequenas. Fazem

Garças de toda sorte, seus hábitos

seus ninhos nos mangues à beira do mar, vivem de peixe, e trazem alguns inteiros aos filhos, que os comem desde tenra idade. Admirei-me de ter sido encontrado um peixe grande, do tamanho de um arenque, no ventre de uma garça pouco emplumada. Os selvagens vão tirar dos ninhos as garçazinhas armados de bons cacetes para se defenderem dos pais e mães, que não deixam de acudir aos que nutrem tão terna e cuidadosamente a fim de estenderem a espécie.

Semelhantes às garças há outros pássaros chamados *forquilhas*

Outros pássaros chamados forquilhas. pelos franceses e portugueses, porque têm a cauda fendida quando voam; fazem seus ninhos nos mangues, em lugar escondido e pouco freqüentado dos homens; aí põem, e deixam nascer os filhos, vão para o mar, onde ficam todo o dia enchendo de peixe uma grande bolsa, que trazem debaixo da goela, e que depois levam aos filhos; quando esta bolsa fica vazia, enche-se de vento que os alivia e sustenta no ar, quando passam muitos dias e noites sem ir a terra, e atiram-se pelo mar em distância de 50 a 60 léguas procurando alimento. Têm a vista extraordinariamente apurada, a ponto de verem, do mais alto ponto a que sobem, o peixe que nada no mar, e sobre ele caem e agarram-no. Têm uma propriedade muito boa e é que perseguem os peixes, que andam atrás dos pequenos para devorá-los. Aproximam-se da água, e como querem participar do butim, perseguem-nos o quanto podem.

Além destes pássaros grandes há milhares de passarinhos,

Andorinhas-do-mar entre os quais merecem especial menção os seguintes. As andorinhas-do-mar, em tão grande quantidade que cobrem as praias nas vazantes; são boas para se comer, e vivem da escuma que o mar deixa na areia, que elas lambem com seu pequeno bico. Vocês matarão delas com prazer com um arcabuz carregado de chumbo miúdo, numa canoa.

Há outro tipo de pássaros, mais admiráveis do que acreditáveis,

Pássaros maravilhosos e contudo é verdade, por mim experimentada, os quais têm por bico duas facas, embutidas em seus cabos, e aos quais dão o nome de canivete e *navalhas*. O bico não lhes serve para buscar alimento, e por isso dizem que eles só vivem de vento, porque esses bicos cortantes não lhes servem senão de passatempo

quando passeiam pelas praias e encontram em seu caminho algum peixe correndo na beira da água, que eles cortam em dois como uma faca, contentando-se com isso. No dia em que parti do *Maranhão* um jovem pertencente ao Sr. de São Vicente, que me acompanhou em toda a minha viagem, matou um, cujo bico guardei e trouxe para a França.

Há melros como os de França, iguais na plumagem e no canto, que espandem suas penas à vontade no fim das chuvas, quando vem o bom tempo visitar os habitantes da zona tórrida; no fim do bom tempo e princípio das chuvas soltam um canto triste, como que chorando o passado, e prevendo as tempestades do inverno, se tal nome merece.

Há muitos passarinhos de beleza incrível: uns pardos, outros cor de violeta, azulados, amarelos e mesclados; os **Passarinhos belos e coloridos, seus hábitos** selvagens fazem penachos de suas penas, que são muito queridos por ser difícil matá-los, porque, sentindo naturalmente a cobiça de que são alvo, trepam no cume das árvores mais altas, nas pontas dos ramos fazem seus ninhos, que amarram com uma embira muito forte, e na outra extremidade que cai no solo fabricam uma espécie de pote de terra, no qual criam os filhos entrando por um só buraco, proporcional ao seu tamanho. É a natureza que lhes ensina isso para se conservarem. Eu trouxe para a França esses passarinhos, que aqui causaram muita admiração.

Possui o *Maranhão* um gênero de passarinhos, que não excedem no corpo à extremidade do polegar, e digo **Passarinhos pequenos, seus hábitos** mais, com todas as suas penas, e têm canto melodioso, que faz lembrar o das andorinhas, que imitam quando querem cantar; levantam o bico, e soltam o canto o mais alto que podem, e o sustentam enquanto o permitem suas asas. Fazem suas casas junto às fontes, onde muitas vezes vão banhar suas asinhas para mais facilmente voarem alto. Aí perto fazem seus ninhos, e imaginai o tamanho dos ovos, que chegam de 5 a 7; seus filhinhos ainda são de mais admirável pequenez que seus pais e suas mães, e mesmo assim são tão fecundos que os meninos enchem cabaças de ovos deles. Há de diversas cores, amarelos, violetas, pardos, e de mil outras.

.....

RESPOSTA A VÁRIAS PERGUNTAS
QUE SE FAZEM NESSAS TERRAS
DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS

Cap. XLVIII

PARA perfeição deste primeiro tratado, julguei acertado responder a todas as perguntas que se fazem sobre aquelas terras. A primeira é se aquela terra do equinócio pode ser habitada por franceses delicados, naturais de um país temperado, criados com cuidado e bons alimentos, pois não parece poderem se acomodar num país agreste, selvagem, cheio de matas, entre bárbaros, e debaixo da zona tórrida e ardente. Respondo que na verdade todos os começos são difíceis, porém pouco a pouco aparece a facilidade. Não há no mundo vila ou aldeia que não cause susto e incômodo no princípio, porém depois de alguns anos tudo vai bem, e os nossos padres já aí deixaram o fruto de suas fadigas. Não eram mui delicados os cidadãos romanos? E contudo não deixaram Roma e Itália para plantarem suas colônias nas florestas desertas das Alemanhas e das Gálias? O português não é, como nós os franceses, na Europa sujeito a todas as moléstias, trabalhos e fadigas? Sim! porém é neste ponto mais paciente do que nós, pois bem sabe ser necessário primeiro lavrar para

depois colher; contudo estabelece-se muito bem no *Brasil*, faz grandes negócios, sendo a terra bem preparada e cultivada. Havendo dinheiro há aí de tudo, como em Lisboa. Eu vos lembro que se a paciência dos homens tem tornado as terras geladas e congeladas, em oito meses, em terras boas e férteis, uma terra que é o coração do mundo não será habitável pelos franceses? É até loucura pensar nisto, e portanto concluo que esta terra é apropriada à natureza dos franceses como é a França, se for bem cultivada e provida de víveres necessários e acomodados ao gosto francês, como sejam pão e vinho; quanto a carne, peixe, legumes e raízes, há de tudo isto incrível abundância, tendo apenas o trabalho de colher e plantar os vegetais. Enganar-se-ia porém quem pensasse que as árvores produzissem pássaros assados, que as moitas fossem carregadas de quartos de carneiro, recentemente tirados do espeto, e o ar cheio de cotovias bem cozidas, de forma que não houvesse mais trabalho do que abrir a boca e comer. Se alimentásseis tal fantasia, eu vos aconselho a não irem lá porque se arrependeriam. Concluimos nesta resposta que esta terra é habitável pelos franceses, e caso não tivessem essas comodidades, se arrependeriam um dia, porém muito tarde.

2. Eis o que disse, e basta [nota 83]: a terra é habitável e pode aí morar-se com algum incômodo durante alguns anos. Mas será saudável para os franceses? Temos lido que esses índios são sadios, e vivem muito tempo, embora selvagens e bárbaros, nascidos neste clima, e acostumados a tal temperatura. Não gozam os franceses de tal vantagem, pois são sujeitos a muitas febres, que terminam em paralisia e outros incômodos. Respondo a isto, que julgamos das substâncias pelos acidentes, e das terras pelos incômodos e enfermidades. Comparemos agora a menor aldeia da França com a colônia francesa nestas terras, e no espaço de um ano achamos haver na aldeia dez vezes mais doentes do que em dois no *Maranhão*. Se algumas pessoas são infortunadas, não é novidade, pois em toda a parte está a morte: assim são as moléstias. Destes males não estão isentos reis e príncipes em países os mais agradáveis e salubres que se possa imaginar. Nos dois anos em que lá estive houve apenas uma morte – a do R. P. Ambroise [nota 84]: falo da morte natural, porque os devorados pelos peixes, a culpa foi deles por se lançarem ao mar. Morreu o R. P. de uma

2ª pergunta

Resposta

espécie de pleurisia, * porque estando muito quente, e ele a derrubar árvores grandes, e tendo ensopado o seu hábito de suor, foi logo assim mesmo celebrar missa, e, apenas saiu da igreja, foi acometido por uma febre de que morreu poucos dias depois. Digo isto com segurança, porque o assisti até o fim, achando-se fora em serviço de Deus os outros dois padres. Para caso como este o *Maranhão* e Paris disputam entre si. Diz Paris: “És má terra, porque mataste um padre capuchinho que te mandei.” Responde *Maranhão*: “Por um seu perdi quatro dos meus. E por isso há motivos para me culpar? Assim o deveria ser, se os meus fossem tratados como príncipes, e o pobre capuchinho apenas tivesse farinha ou pouco mais.” Concordemos pois que o clima é são e salubre, e que desperta muito o apetite, e se lá existissem muitas guloseimas como na França, para lá iriam depressa muitas moças francesas.

3. Dizem que lá vai tudo muito bem, porém não há vinho, e

3ª pergunta nem trigo, principais alimentos, indispensáveis nos melhores banquetes para as carnes mais delicadas. Respondo que

Resposta há milho em grande abundância, de que se pode fazer pão, como nós o fazíamos, e o achávamos muito agradável ao gosto, embora preferíssemos mais da farinha de casa, especialmente quando fresca, porque não é pesada ao estômago. Este pão de *milho* serve de alimento em muitas terras do Velho Mundo [nota 85], especialmente na Turquia, onde é chamado trigo-da-turquia. Não se perdeu ainda a esperança de que a terra firme do Brasil, forte e fértil, não possa produzir trigo, com que se fabrique o pão como na França. Os habitantes de Pernambuco já o fizeram; não estão longe de nós, porém em terras piores. Quanto à terra firme do *Maranhão*, melhor seria se o rei de Espanha não proibisse nas Índias Orientais e Ocidentais plantação de trigo e de vinhas para tê-las sempre dependentes de seu socorro, e de tudo quanto cresce nos seus reinos de Espanha e Portugal. Acrescento ainda que o Peru, que está no mesmo paralelo que a terra firme do *Maranhão*, é abundante de trigo e de vinhas. Quem pode impedir que lá se produzam estes gêneros? Quanto ao vinho, não é feito das vinhas do país, embora lá possam crescer [nota 86]; e contam-nos que as trazidas pelos nossos religiosos na última viagem pegaram e produziram frutos. Quem pode impedir

* Talvez, melhor, pneumonia. (Nota desta edição.)

grandes plantações de vinhas e que em dois ou três anos se façam grandes colheitas? A França nem sempre teve vinho, atualmente porém tem muito. Os flamengos, os ingleses, os irlandeses e dinamarqueses não fabricam vinho, contentam-se com cerveja, e se querem beber vinho abrem a bolsa, e para lá vão os melhores vinhos do Universo, para esses lugares que não têm vinhas mas que bebem melhor vinho do que aqueles que o produzem. O mesmo sucede no *Maranhão*, porque os navios para lá os levam. É bem verdade que é um pouco mais caro do que na França, porém é melhor, segundo pensam alguns franceses, que avaliam as coisas pelo preço. Os mais econômicos acostumam-se com a cerveja do lugar que é muito boa por ser feita de milho, e não é muito cara por haver abundância deste gênero na terra e serem as águas boas e puras.

4. Dizem: se é assim, não é tão mau. Porém **4ª pergunta**
pode-se ter lucro? Depois que lá estivemos vemos que não havia o que nos animasse a gastar dinheiro. Respondo: **Resposta**
Se todos soubessem por que havia essa falha, ficariam muito contentes, porém não é coisa que todos devam saber. Direi somente que esta falha não provém da terra, que é própria a produzir bons gêneros quando bem cultivada, como sejam: algodão, canafistula, madeira de diversas cores, pita [nota 87], tinturas de urucum, de carmezim, pimentas longas, lápis-lazúli, cobre, prata, ouro, pedras preciosas, plumagens, pássaros de diversas cores, macacos, monos, e sagüis, e especialmente açúcares, quando se levantarem engenhos e plantarem canas. **Por que nada se leva do que é produzido no Brasil para a França**
Se nada de lá se trouxer (calando o que se deve dizer em público), será devido à má administração dos negócios, cuidando cada um de si, o que tem feito com que haja pouco sortimento de mercadorias francesas necessárias aos selvagens e pelas quais dão algodão, tinturas, pimentas e outras coisas semelhantes, além de outros gêneros, que por si mesmos possam obter os franceses. Vendo os selvagens a pobreza dos armazéns, onde apenas haviam mercadorias para com elas se comprar farinha, ficam preguiçosos, nada fazem e nem farão enquanto os franceses não tiverem coisa alguma a dar-lhes em troca; tal é o seu gênio e assim o farão, e por isto **Natural dos selvagens**
não merecem censura, porque em todo o cristianismo não se encontra

um só homem que trabalhe de graça. Não vos admireis se nada trouxermos, mas admirai-vos se na primeira viagem alguma coisa. Não me prendo às razões já ditas e a outras, que silêncio, e sim, no caso de sanar-se esta falha, como convém, eu vos asseguro que a Ilha e suas circunvizinhanças ainda produzirão boas alfaias.

Tendo satisfeito a todas as perguntas e objeções, sinto repugnância em responder a muitos rapazes, que por bens de fortuna somente possuem a espada e o punhal, mas que ricos de coragem cortam muitas vezes a garganta uns dos outros, e vão em grupo conquistar terras de onde navio algum volta com novidades. Desejaria perguntar-lhes: que fazeis em França senão esposar briga de vossos irmãos mais velhos? Por que não tentais fortuna, ou ao menos por que não ides enriquecer vosso espírito com ver coisas novas? Passareis assim o vosso tempo, enquanto se aplaca o vosso coração [nota 88] e se fortalece o vosso juízo: prestaríeis serviço a Deus e ao vosso rei visitando esta nova França. Lá descobrireis novas terras, achareis alguma coisa de valor, como sejam pedras preciosas, ou outra coisa; e quando mais não fosse, bastaria que, quando voltardes, não ficásseis mudo nas reuniões, porque aquele que viaja tem sempre ganho o seu pão. As cinzas e os fogões são para os caseiros, criados por Deus para cultivar a terra. A nobreza neste mundo tem outro destino. E qual é ele? O de empregar vossos trabalhos e vossas espadas para dilatar o reino de Deus, ajudar os apóstolos de Jesus Cristo a chegarem aos fins para os quais são enviados, isto é, para engrandecer a realeza de vosso príncipe; e morrer por estas duas empresas, é morrer em leito de honra. Vós me respondereis: mas sob que ordens e por que meio? Minha pena, senhores, não pode ir mais longe. Fiz o que devia e o resto ignoro. Espero, portanto, que Deus inspirará aqueles que tudo podem, a favor da perfeição de tão alto empreendimento.

Pergunta do autor e exortação à nobreza

.....

INSTRUÇÃO PARA AQUELES QUE VÃO PELA
PRIMEIRA VEZ ÀS ÍNDIAS

Cap. XLIX

SÁBIO, diz o provérbio, é aquele que para seus negócios se aproveita do exemplo e experiência dos outros. Se os nossos franceses, antes de terem ido às Índias, soubessem o que depois viriam a conhecer, teriam melhor dirigido os seus negócios, e nem teriam passado pelos incômodos que sofreram. Aquele que resolver ir para lá, calcule quanto tempo se pode demorar lá, acrescente ainda mais um bocadinho, porque lá não se tem a comodidade do regresso quando se quer.

Faça suas provisões para esse tempo, e com dois enfoques, um para si e o outro para os selvagens, a fim de obter deles víveres e outros gêneros. As suas provisões devem consistir da mais forte aguardente, do melhor vinho das Canárias, bem arrolhados e acondicionados em bons frascos de estanho, numa frasqueira fechada a chave, e esta tão bem guardada com o seu coração, para servir nas necessidades e nas moléstias que podem aparecer. E previna-se de entrar em festa com alguém, porque então desaparecem bem depressa as suas provisões. É costume no mar, desde que se suspeita haver vinho ou aguardente na frasqueira de algum passageiro,

não parar de pedir para beber quando em sua companhia, e quando se está em viagem deve-se fazer de duas coisas uma, ou ser-se liberal, e para isso não faltam instigações, ou então passar-se por velhaco, e engolir todas as injúrias que lhe queiram fazer. O meio mais seguro de evitar estas coisas é não entrar em grupelhos. Para a viagem por mar deve-se fazer alguma provisão de outro vinho e de coisas iguais para quando precisar visto o trivial do navio ser muito pouco e mal preparado.

Deve fornecer-se de um bom número de camisas, lenços, e vestidos de fustão ou de simples tulle, e não de tecidos pesados, grossos

Quais vestimen- e caros, exceto os vestuários para festas, porque naque-
tas lhe serão las terras não se precisa senão de panos leves. Leve sa-
necessárias ão para a limpeza da casa. Não esquecer de levar mui-
tos sapatos, porque lá não achará um só, senão os que para lá forem le-
vados e por alto preço, de forma que pelo preço de um par lá, tereis na

Quais móveis França uma dúzia. Tereis de levar toalhas, guardanapos,
levar lençóis e um bom colchão, e se quiserdes viver à francesa, isto é, com limpeza, deveis levar baixela de estanho para quando estiverdes doente. Devereis levar açúcar, boas especiarias, uma porção de ruibarbo muito fino, tudo bem lacrado numa caixa, de medo que as formigas assaltem vosso açúcar, porque é impossível imaginar o que fazem estes bichinhos, que se metem por toda a parte, e tudo trespassam se é de madeira. Devem essas caixas ser feitas de ferro branco.

Algumas mercadorias são necessárias para que dos selvagens obtenham-se em troca víveres e outros gêneros de lá, e escravos

Que mercadorias para servir-vos e cultivar vossas roças. Tenha consi-
go bastantes facas de cabo de madeira, das que usam os magarefes, porque são muito apreciadas pelos selvagens. Ponha na bolsa grande quantidade de tesouras, pentes, espelhos, contas de vidro esverdeado, a que chamam miçangas, foices [nota 89], machados, podões, chapéus de pouco valor, casacos, camisolas, calções de segunda mão, espadas velhas, e arcabuzes baratos. Dão muito apreço a tudo isto, e assim tereis escravos e bons gêneros. Não esqueci também panos esverdeados e vermelhos de pouco valor, porque não fazem grande diferença dos estofos, brincos, apitos, campainhas, anéis

de cobre dourado, anzóis, alicates de latão chatos, com um pé de comprimento e meio de largura, tudo isto por eles muito apreciado. Assim bem providos destes gêneros, não duvideis de serdes bem-vindo entre eles; lá deveis viver vida folgada, e fazer muito negócio por pouca coisa, se souberdes conduzir-vos.

Assim preparado, não vos esqueçais do principal, que é antes de embarcardes purificar e robustecer vossa alma com o Santíssimo Sacramento da confissão e da comunhão, dispondo todos os vossos negócios como quem não sabe se o mar lhe permitirá voltar a terra. Apenas embarcado, fazei vossa cama o mais perto possível do mastro grande para evitardes o balanço, pois aí é o lugar mais quieto do navio. Deve-se sempre temer a Deus, porém não recear os acidentes do mar, sendo melhor mostrar semblante bom do que mau pois de nada serve o medo. Não vos assusteis senão quando os pilotos implorarem misericórdia, pois então será preciso cuidar da alma, porque as coisas vão mal. Quando virdes o navio navegando de lado, as bagagens viradas, o mar entrando no convés, as velas molhando-se nas ondas, os marinheiros praguejando e bufando [nota 90], não vos assusteis, mostrai-vos sempre de bom semblante, pensando sempre em vossa consciência. Não questioneis com nenhum marinheiro, pois com querelas nada alcançareis.

Quando chegardes ao porto, não vos apresseis em saltar, cuidai primeiro das vossas mercadorias e bagagem, porque acontece muitas vezes visitarem a bagagem, e serrarem as caixas em que vêm as mercadorias de maneira que se possa introduzir a mão. Fazei conduzir tudo em vossa companhia para casa do vosso compadre, que deveis escolher com estes predicados se for possível. 1. Que tenha escravos, canoa e cães para não sentirdes falta de peixe e de caça, senão raras vezes tereis estes gêneros, sendo necessário comprá-los aos selvagens, e assim vosso alimento, e vos custaria duas vezes mais viver. 2. Indagai se ele tem bom gênio, especialmente a mulher, porque nada há pior do que má hospedeira. Se encontrardes bom acolhimento, convém dar alguns presentes, e depois deveis trazê-los sempre na espe-

Há de preparar a alma

E colocar ordem nos seus negócios

Conselho quando chegar ao porto

Condições de um bom compadre

rança de outros sem serdes contudo muito liberal; todos os meses lhes deveis dar alguma coisa a fim de não vos chamarem avarento, e como tal não vos difamem entre os seus iguais, criando assim dificuldades quando quiserdes obter alguma coisa. Não vos deixeis prender pelos afagos das filhas dos vossos hospedeiros, ou de outras, pois não vos faltarão carícias se souberem que tendes mercadorias. Em tudo o mais é preciso andar prevenido, tendo sempre bem presente **Note isto** à memória o acaso e o perigo, que fazem contrair moléstias sórdidas àqueles que de si se esquecem. Podeis livrar-vos disto com facilidade, mormente se considerardes o grande pecado que cometeis.

.....

DO ACOLHIMENTO QUE FAZEM OS SELVAGENS
AOS FRANCESES RECÉM-CHEGADOS, E COMO
CONVÉM PROCEDER PARA COM ELES

Cap. L

SE HÁ nação no mundo que goste de fazer bom acolhimento aos seus amigos recém-chegados, e que os receba em suas casas para tratá-los bem o quanto é possível, sem dúvida alguma os *tupinambás* ocupam o primeiro lugar à vista de como procederam com os franceses. Logo que fundeou o navio que trazia os franceses, surgiram de todos os lados selvagens em suas canoas, enfeitados de penas e preparados segundo sua importância como se fossem para uma grande festa. Apenas descobrem ao longe navios que demandam a terra, corre logo este boato por todas as aldeias *Aurt vgar naçu Karaibe*, ou então *Aurt Navire suay* “aí vêm os grandes navios de França”. Imediatamente tomam suas roupas bonitas, se as têm, e principiam a falar uns aos outros por esta forma: “aí vêm navios da França, e eu vou ter um bom compadre, ele me dará machados, foices, facas, espadas e roupa; eu lhe darei minha filha, irei pescar e caçar para ele, plantarei muito algodão, dar-lhe-ei gaviões e âmbar, e ficarei rico,

**Os selvagens
acolhem e tratam
bem os franceses**

**O que fazem e di-
zem na chegada
ao Maranhão**

porque hei de escolher um bom compadre que tenha muitas mercadorias”. Dizendo isto batem no traseiro e nos peitos em sinal de alegria. As mulheres e os rapazes fabricam farinha fresca, e os homens vão pescar e caçar, e quando a casa está provida de carnes de diversas qualidades, raízes, peixes, caça e farinha, vão todos aos navios. Os mais impacientes vão em suas canoas a bordo do navio, ancorado na enseada, indagar se vieram os seus velhos *Chetuassaps*, e avaliar qual é o francês que traz mais gêneros para lhe oferecer seu compadrio, sua casa e sua filha. Apenas salta o francês, é logo rodeado por eles: homens e mulheres mos-

Eles se oferecem aos franceses como hospedeiros e compadres tram-se prazenteiros, presenteiam-no com víveres, convidam-no para compadre, oferecem-se para levar-lhe sua bagagem, enfim fazem o que podem para contentá-lo e ganhar sua boa graça. Não têm inveja

um do outro por estar um francês em casa de outro; o que primeiro se apresenta é que leva o hóspede, sem o menor problema, e nem por isso se insultam. Fazem mais ainda: quando um francês muda de compadre, não questionam por isto, desprezam-no, e têm-no por homem mau, e assim raciocinam: “Se não pôde viver com aquele, como viverá comigo?” Porém, se o selvagem é genioso, avarento e preguiçoso, o francês não seria rejeitado se o deixasse. Antes dizem: “Ele fez bem de deixá-lo, pois é um homem difícil de ser, avarento, preguiçoso e complicado.”

Escolhendo o francês um compadre, segue-o e vai para a aldeia [nota 91], e então o hóspede com certa gravidade, como se nunca

Pergunta do selvagem ao seu convidado francês quando entra na sua casa o houvesse visto, lhe estende a mão e diz *Ereiuip Chetuassap?* “Chegaste, meu compadre?” [nota 92], coisa digna de ver-se e de contemplar-se. Diréis ao vê-los que saem à maneira dos imperadores de um gabinete bem fechado, onde estavam

empenhados em grandes negócios. Se querem fazer grande acolhimento a um francês, e lhe mostrar que muito o estimam, antes que o pai de

Resposta do francês família lhe diga *Eureiupe*, as mulheres e as filhas o lamentam e depois dão-lhe bons-dias. Responde-lhe o francês *Pá*, “sim”, resposta que quer dizer “sim, de todo o coração: eu te escolhi para morar contigo, e para ser meu compadre, e do

número de tua família. Te dei a preferência porque te estimo e por me pareceres bom homem”. Diz-lhe o selvagem – *Auge-y-po* “muito bem, estou muito contente, honras-me muito, sê bem-vindo, em nenhum lugar serás tão bem acolhido como aqui”. Por isto reconheceréis a candura e a simplicidade da natureza, que consiste em poucas palavras e muitas obras. O contrário acontece à corrupção, pois inventa muitos discursos, muitas palavras adocicadas, cortesias sobre cortesias muitas vezes só com o chapéu, e não com o coração. Destas duas recepções qual será a melhor e a mais consentânea com a lei de Deus, e com a simplicidade do cristianismo?

Após aquelas palavras, ele vos diz – *Marapé* **Outra pergunta do selvagem** *derere?* “Como te chamas? qual é o teu nome? como queres que te chamemos? qual nome queres que se te dê?” Convém notar que se não escolherdes um nome pelo qual sereis conhecido em toda parte, eles vos darão um escolhido entre as coisas naturais, existentes em sua terra. E o mais apropriado à vossa fisionomia, gênio, ou maneira de viver, que porventura descobrirem em vossa pessoa. Por exemplo: entre os franceses, um foi chamado *Beijo de sargo*, porque tinha o beijo inferior puxado para diante como os peixes chamados pargos. Um outro foi chamado *Garganta grande* porque nada o saciava; um outro de *Sapo-boi* [nota 93], por estar sempre intumescido; um outro de *Cão pimento* pela sua cor ruim; um outro de *Periquito* porque vivia a falar; um outro de *Lança grande* por ser alto e esguio, e assim por diante, e ordinariamente fazem estas coisas em suas *Carbets*, ou com discurso semelhante, pouco mais ou menos por esta forma: “Que nome se há de dar a teu compadre?” – “Não sei, é preciso estudar”, diz ele. Dá cada um a sua opinião, e o nome que encontram, mais apropriado, e se é bem recebido pela assembléia, lhe é imposto com seu consentimento, se é homem de posição; se é vulgo, queira ou não queira, há de ter o nome que a assembléia lhe der.

Nomes escolhidos para os franceses pelos selvagens em suas carbets

Há também outra maneira de dar nomes: quando eles vos estimam, e vos dão muito apreço, eles vos dão o seu próprio nome.

Depois de saber vosso nome pensam na cozinha dizendo –

Outra pergunta *Demursusain Chetuasap*, ou então *Deambuassuké Chetuasap?* “Tem fome, meu compadre? Quer comer alguma coisa?”

Resposta A hospedeira vos escuta e vos atende pronta a servir-vos se disserdes sim ou não, porque tomarão vossa resposta como dinheiro contado, visto que naquelas terras nem se deve ter vergonha, e nem guardar silêncio. Se tendes fome, direis *Pá, chemursusain, Pá, cheambuassuké*, “sim, tenho fome, quero comer”. Perguntam eles *Maé-pereipotar*, “que queres tu comer? que desejas tu que eu te traga?” São mui liberais no princípio, diligentes na caça e na pesca, a fim de contentar-vos e ganhar vossa afeição para obter gêneros; mas cuidado, não lhes dêis tudo no princípio, conservai-os sempre na esperança, dando-lhes cada mês alguma coisinha. À sua pergunta dissei se quereis carne, peixe, pássaros, raízes, ou outra qualquer coisa, e então vossos hospedeiros, o marido e a mulher, trazem para vós a caça, o *mingau* que tiverem, podeis comer à vontade e dar a quem quiserdes. Apenas tiverdes comido, arma o leito próximo do vosso, principia a conversar convosco, oferece-vos um cachimbo cheio de fumo, que acende, chupa três fumaças, que expele pelas ventas, e depois vos entrega como coisa muito boa, a que dá muito apreço, como na França estamos acostumados a oferecer bebidas. Acende também seu cachimbo, e depois de haver tragado cinco ou seis vezes boas fumaçadas diz: *Ereia Kasse pipó*: “deixaste teu país para vir ver-nos, visitar-nos e trazer-nos gêneros?” Respondei-lhe *Pá* – “sim, deixei tudo, desprezei meus amigos e meu país para vir aqui ver-te.” Levantando então a cabeça como que admirado, diz *Yandé repiac aut*, “compadeceu-se de mim, olhou-nos com piedade; lembraram-se os franceses de nós, não se esqueceram de nós. Deixaram sua terra para nos vir ver” –

Y Katu Karaibe, “são bons os franceses e nossos grandes amigos”. Depois pergunta ao francês *Mabnype deruuichaue*

Qual é a intenção do selvagem... *Yrom?* “Convosco quantos superiores, guerreiros, capitães e principais vieram?” Responde-lhe *Seta*, “muitos”. Replica o selvagem – *De Muruuichaue?* “Não és desse número? Não és um dos principais?” Bem podeis pensar, que não há ninguém, por mais medíocre que seja a sua condição, que de si não diga bem, e por isso responde o fran-

cês *Ché Muruichaue* “sim, sou um dos principais”. Diz o selvagem *Teb Augeypo* “muito bem, estou muito contente: basta, falemos de outra coisa.” *Ereru patua? Ereru de caramento seta?* “Trouxeste muitas caixas e cestas, cheias de mercadorias?” São as melhores notícias que se lhes pode dar, para as quais têm sempre dispostos o ânimo e o coração, de sorte que tudo quanto dizem é somente como que um preâmbulo para chegar a este ponto. Depois que o francês responde-lhe afirmativamente diz o selvagem – *Mea porerut decaramemo pupé?* “O que trouxestes em vossas caixas e cofres de jóias? que mercadorias?”, dizem eles com um jeito muito doce e adulator, pois são muito curiosos de saber e ver as mercadorias que os franceses trazem. O francês deve estar prevenido para não dizer e nem mostrar o que possui, a fim de trazê-los sempre na expectativa, se dos serviços deles quer aproveitar-se. Deve responder-lhe – *Y Katu-paué* “trouxe tantas coisas, cujos nomes nem mesmo sei, são belas e magníficas”. Esta resposta é como água lançada na fornalha ardente do ferreiro, a qual redobra o calor e ativa a chama, e assim desperta a curiosidade do selvagem, até por meios adulatorios, expressados por mil gestos, dizendo *Eimonbeu opap-katu* “eu te peço, não me ocultes nada, diz-me”. *Yassoiauok de Karamemo assepiak demaë*: “Abre-me tuas caixas, teus cestos, deixa-me ver tuas mercadorias, tuas riquezas”. Deve responder o francês *Aimosanen ressepiak* ou *Kayren deué* “agora não posso, deixa-me descansar, você as verá de outra vez, quando eu mostrarei”: *Begoyé sepiak* “não duvides, um dia verás à tua vontade”. O selvagem, entendendo o que isto quer dizer, e vendo que perde seu tempo, diz a si mesmo, levantando os ombros, e como que se lastimando – *Augé katut tagné*, “pois bem, devo me contentar. Vejo que minhas preces não serão atendidas”; “mas pelo menos”, diz ele ao francês, *Dererupé xeapare amon?* “não trouxeste muitas foices e machadinhos de cabo de ferro?” *Dererupé urá sossea-mon?* “Trouxeste machados de cabo de pau?” *Ererupé ytaxé amo?* “Não trouxeste facas de aço?” *Ererupé ytaapen?* “Trouxeste espadas de aço?” *Ererupé tataii?* “Trouxeste arcabuzes?” *Ererupé tatapuy seta?* “Trouxeste muita pólvora?” Responde o francês a tudo isto *Aru seta ygatupé giapareté* “Sim, trouxe muita

Continuação das perguntas dos selvagens aos franceses

Respostas do francês

coisa boa e bonita.” Diz o selvagem *Augé-y-po* “muito bem”. *Ereipotar turumi?* *Ereipotar Kerè* “queres dormir? queres deitar-te?” Responde o francês *Pa che potar* “sim, quero dormir, deixa-me”. Dá-lhe então o selvagem as boas-tardes, ou boas-noites, dizendo – *Nein tyande karuk tyande petom* “boa tarde, boa noite, descansai à vontade.” Deixemo-los em descanso, e passemos ao segundo tratado desta história.

CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA
DAS COISAS MAIS MEMORÁVEIS
ACONTECIDAS NO MARANHÃO
NOS ANOS 1613 E 1614

SEGUNDO TRATADO

.....

DOS FRUTOS DO EVANGELHO, QUE LOGO SE TORNARAM
VISÍVEIS PELO BATISMO DE VÁRIAS CRIANÇAS

Cap. I

O CÂNTICO segundo (que representa alegoricamente a origem da Igreja, em terra nova, ainda não iluminada pelo conhecimento do verdadeiro Deus) reza: *Vox turturis audita est in terra nostra: ficus protulit grossos suos: vineae florentes dederunt odorem suum*: “Foi ouvida a voz da rola em nossa terra: produziu a figueira seus figos verdes, e as vinhas em florescência derramaram seu aroma.” Interpretando estas palavras, Rabi Jônatas diz em sua paráfrase caldaica que a voz da rola significa a voz do Espírito Santo anunciando a Redenção prometida a Abraão, pai de todos os crentes. Eis suas próprias palavras: – *Vox spiritus sancti et redemptiones quam dixi Abrahae Patri vestro*: “a voz do Espírito Santo e da Redenção, que prometi a Abraão, vosso Pai”. Diz mais que pela figueira deve entender-se a Igreja, e que pelos figos novos se representa a confissão da fé que os crentes devem fazer perante Deus, e que pelas vinhas em flor, exalando bom cheiro, são indicados os meninos louvando o Dominador dos Séculos: *Coetus Israel, qui comparatus est precocibus ficibus aperuit os suum, et etiam pueri et infantes laudaverunt Dominatorem saeculi*. Em nosso tempo vimos isto realizado no Maranhão e suas circunvizinhanças, onde depois que a voz do Espírito Santo, por meio da prédica do Evangelho, se fez

Cântico 2

**Interpretação
de Rabi Jônatas**

Aplicação

ressoar naquelas terras, e tocou o coração de muitos, especialmente dos que solicitaram o batismo, a bela figueira da Igreja fez nascer e brotar novos e verdejantes figos, que são as almas livradas da ausência de fé para a crença do verdadeiro Deus, e então as vinhas em florescência exalaram seu cheiro quando em suas cabeças receberam os meninos as águas do batismo, louvando o Dominador dos Séculos pela parte que já tomavam do sangue de Jesus Cristo e da fé da Igreja.

Coisa admirável, digna de ser bem pensada e considerada: apenas a voz do Espírito Santo trovejou e clareou aquelas florestas desertas, por estas sarças, cheias de agudos espinhos, os pobres bichos (os selvagens) presos nos laços do cruel caçador Satanás, começaram animados pela força e a impetuosidade dessa voz a construir seus pequenos templos, como outrora tinha predito o Profeta Rei Davi no Salmo 28 *Vox Domini proeparantis*

Salmo 28 *Cervos, et revelabit condensa et in templo eius omnes dicent gloriam.* a voz do Senhor amansando os cervos, descobrirá o interior das brenhas e das sarças e no seu templo todos entoarão louvores a ele. A explicação dada pelos doutos a estas palavras, tirada de diversas lições, é que a voz do Senhor faz com que os cervos dêem à luz os seus pequeninos, à semelhança da mão da parteira ou do cirurgião experto, que serve para tirar do ventre da mãe o filho são e salvo. Esta voz não é outra, a darmos crédito aos naturalistas, senão o ribombo do trovão, e a luz do relâmpago, que por um segredo muito íntimo da natureza faz que dêem à luz as fêmeas dos animais. O mesmo produz a prédica do Evangelho, animada e vivificada pelo Espírito Santo, excitando o coração destes bárbaros, há muito tempo internados nas sarças e brenhas da ignorância, da falta de fé, e dos costumes perversos.

Nas *casas grandes* não se fala mais de outra coisa senão do conhecimento de Deus, contando cada um o que ouviu de nós quan-

Discurso que têm agora os selvagens em sua casa grande do veio visitar-nos, e terminando essas espécies de conferências pela manifestação do grande desejo que tinham de ver os filhos batizados e eles também, por meio destas e outras palavras semelhantes, o que pude notar e recolher várias vezes.

Que coisas, diziam eles, são essas, que os padres nos fazem entender pelo intérpretes? Nunca as ouvimos iguais. Nossos pais, já por tradição, nos contaram que outrora veio aqui um grande *Maratá* do *Tupã* [nota 94], isto é, Apóstolo de Deus, nas províncias onde residiam, e lhes ensinou muitas coisas de Deus: foi ele quem lhes mostrou a mandioca, as raízes para fazer pão, porque antes só comiam nossos pais raízes do mato. Vendo este *Maratá*, que nossos antepassados não faziam caso do que dizia, resolveu deixá-los, mas antes quis dar-lhes um testemunho de sua vinda aqui, esculpindo numa rocha uma espécie de mesa, imagens, letras, a forma dos pés, e daqueles que os seguem, as patas dos animais que traziam, os furos dos cajados a que se arrimavam em viagem. Feito isto, passaram o mar, procurando outra terra. Reconhecendo nossos pais sua falta e grande santidade do personagem, procuraram-no muito, porém nunca tiveram notícias dele, e até hoje ainda não veio visitar-nos algum *Maratá* do *Tupã*.

Muito tempo há que temos contato com os franceses, e nenhum deles nos trouxe conterrâneos seus nem nos contaram o que os padres nos dizem por seus intérpretes. Por exemplo, fazem viver de maneira diversa os *caraiabas*, que não tinham o costume de fazerem antigamente conosco. Eles consideram que os franceses proíbem tomarem nossas filhas, o que outrora faziam com facilidade, dando-nos em troca algumas mercadorias. Dizem grandes coisas de Deus, e a ele falam em suas igrejas, e quando querem fazer isso fecham as portas, fazem-nos sair para que desça *Tupã* diante deles e então se ajoelham todos os *caraiabas*. *Tupã* bebe e come em belos vasos de ouro, e em mesa bem preparada e ornada de belas alfaias e bonitos panos de linho. Adornam-se com ricos vestuários, e quando querem falar aos *caraiabas* assentam-se no meio deles, e um só padre, que está assentado, é que fala. Escutam-no todos os franceses; fala por muito tempo, cansa-se, ninguém o entende, porém todos se mantêm firmes. Depois que este fala, cantam uns depois de outros, de lado a lado, lêem num *Cotiare** o que cantam e dizem eles que assim estão falando para Deus. Julgam nossos pais perdidos com *Jeropari*, ardendo em fogos subterrâneos, e riem-se de nós quando choramos e lamentamos nos funerais de nossos parentes. Mandam atirar no mato

* Livro. (Nota desta edição.)

a comida, a bebida, e o fogo, que costumamos dar aos nossos parentes defuntos para fazer a viagem até onde estão nossos avós nas montanhas dos Andes. Eles nos dizem e pregam que somos muito tolos em dar crédito aos nossos *barbeiros* e *feiticeiros*, especialmente ao seu sopro para o curativo dos enfermos. Falam com altivez contra *Jeropari*, e não o temem de forma alguma. Prometem, aos que crêem em *Tupã*, que serão lavados por suas mãos, que subirão ao Céu por cima das estrelas, do Sol e da Lua, onde está sentado *Tupã*, e em redor dele os *Maratás*, e todos os que acreditam em suas palavras, e que são por eles lavados. Rejeitam moças e mulheres, dizendo que elas não tiveram o filho de *Tupã*, descendo ele no ventre de uma jovem chamada Maria, com a qual nunca seu marido teve relações. Há dias nos quais não come carne embora lha ofereçam. Não se passam dez dias, contando nos dedos, que não obriguem os franceses a vestirem-se uma ou duas vezes com roupas bonitas, e irem à casa de *Tupã* falar com ele e escutar a palavra de Deus.

Vestem-se de maneira diferente da dos outros franceses, caminham diante deles, e todos os saúdam. Convivem sempre com os grandes, que lhes fazem tudo quanto querem, e dizem até que abandonaram suas riquezas e fazendas para mais livres conversarem com *Tupã*, e manifestarem a vontade dele aos franceses. Quando vamos vê-los, nos acariciam, especialmente a nossos filhos dizendo-nos que já não nos pertencem e sim a eles, e que foi *Tupã* quem os deu. Que não nos preocupemos por isso, porque nunca nos deixarão e nem nossos filhos; que eles são muitos em França, que todos os anos virão outros, que depois de haverem educado e ensinado nossos filhos, os farão falar com Deus tão familiarmente como eles o fazem; que lhes ensinarão a *Kotiarer*, isto é, escrever, e a fazer falar o *Papere*, ou seja, o papel, mandado de muito longe aos que estão ausentes. Dizem-nos que seu rei é poderoso, que os ama, e nos ajudará enquanto estiverem conosco. Ah! porque não somos mais moços para ver as grandes coisas que farão os Padres em nossas terras! Eles construirão com pedras grandes igrejas como há em França. Trarão belas alfaias para ornar o lugar onde *Tupã* desce. Mandarão buscar *Miengarres*, isto é, músicos cantores [nota 95] para cantarem as grandezas de *Tupã*. Recolherão todos os nossos filhos num lugar, onde alguns dos padres cuidarão deles. Mandarão buscar da França mulheres

para ensinarem o que sabem a nossas filhas. Não nos faltarão ferramentas para nossas roças. Ah! diziam alguns deles em continuação, que se chegarmos a ver essas mulheres em nossas terras, então temos certeza que nem os franceses e nem os padres nos deixarão, e especialmente se nos derem mulheres da França. Se eu tivesse (disse um deles) uma mulher francesa, não queria outra, e faria tanta roça para os franceses a ponto de eu sozinho sustentar tantos quantos tenho de dedos nas mãos e nos pés, isto é, vinte, número indefinido para significar muito, porque depois de terem chegado a vinte, começam a contar de novo. Levantando-se então, ele, que era o Principal no meio do grupo em que me achava, e batendo nas nádegas com quanta força tinha, disse: *Aça-uçu, Kugnan Karaiibe, Aça-uçu seta*, etc. “Amo uma mulher francesa com todo o meu coração, amo-a extremosamente.” Respondeu o *Cachorro grande*, também principal: “Prometeram-me uma mulher francesa, que desposarei pela mão dos padres, e me farei cristão como fiz meu filho Louis Coquet, e quero ter em pouco tempo um filho legítimo. Minha primeira mulher está velha, e por isso não precisa mais de marido, e as outras oito, ainda moças, as darei por esposas a meus parentes, e ficarei só com a mulher de França, e minha velha mulher para nos servir.” Faziam outros discursos iguais em suas *casas grandes* e na minha casa, ou quando me viam passar, contentando-me de referir apenas o que acima escrevi para mostrar o fervor daqueles bárbaros, suscitado pela voz do Divino Espírito Santo. *Vox turturis audita est in terra nostra*, para produzir de seu seio fechado e preocupado por mil infecções estes belos e amigáveis pequenos cervos, *Vox Domini proeparantis Cervos*, e em outro lugar *Cerva charissima e gratissimus hynnulus*, cap. 5 dos Provérbios, “a corça muito amada, e o templo muito lindo”. Continuemos.

A estas palavras seguiu-se logo a prática, porque muitos meninos foram entregues ao reverendo Padre Arsène, residente em *Junipará*, e a mim, morador em São Francisco, perto do Forte de São Luís, para acudir aos franceses e receber os índios de outras terras, que todos os dias nos vinham ver e comprovar se era verdade o que de nós se dizia em longes terras. Foi esta a divisão, que fizemos, de tantas e tão grandes e espaçosas terras para cultivar e lavrar o que permitissem nossas forças, cuidando um de uma parte e outro de

outra, exceto quando houvesse necessidade de sair da Ilha, porque então se tomariam providências adequadas.

Impossível que eu possa exprimir por palavras o contentamento e alegria que sentíamos vendo aqueles pobres selvagens trazer-nos seus filhos, voluntária e espontaneamente, para serem batizados, preparando-os o melhor que podiam com os meios oferecidos pelos franceses, isto é, vestidos com um pedaço de pano de algodão, escolhendo padrinhos entre os franceses, isto é, contraindo assim com eles estreita aliança, especialmente com os meninos batizados, se estivessem em idade de os conhecerem, porque então considerariam seus padrinhos como seus pais verdadeiros, chamando-os pelo nome de *cheru*, “meu pai”, e sendo pelos franceses chamados os rapazes *cheaire*, “meu filho”, e as meninas *cheagire*, “minha filha”. Vestiam-nos em suma o melhor que podiam, e os selvagens, pais dos meninos batizados, lhes ofereciam todos os produtos de suas roças, de suas pescarias e caçadas.

Vendo assim estas coisas, lembrava-me do que diz o cap. 5^o dos *Cânticos*. *Oculi eius sicut colomboe super rivulos aquarum, quae lactae, sunt lotoae, & resident iuxta fluentia plenissima*: “os olhos de Jesus Cristo, esposo da Igreja, parecem-se com os olhos da pomba, orvalhada de leite, que

Cânt. 5

contempla os regatos das fontes, e faz seu abrigo e morada nos rochedos, que contornam rios amplos e espaçosos”. Estes olhos de Jesus Cristo são as graças do Espírito Santo, que fazem quebrar seus ovos à maneira das tartarugas, expostos à mercê das inundações do mar e da frialdade da areia. Têm estes mesmos olhos por plano

Motivo da caridade

Com as almas índias

e fim lavar e purificar as almas, especialmente as almas ainda rociadas de leite. Assim como a pomba branca brinca sobre os riachos, e habita a margem dos grandes rios, assim também o Espírito Santo folga, e muito, na conversão de uma terra nova, e encara com bons olhos a saída destas almas do estado geral destas terras bárbaras, a saber, da ignorância de Deus, para chegar a conhecê-lo por meio das águas do batismo, participantes, como nós, da visão de Deus porque não fazem exceção de ninguém, visto que estas almas bárbaras lhe custaram tanto como as nossas. Oh! preço infinito! oh! falta de caridade, que não tem desculpa perante Deus, de se verem tantas almas pedindo a salvação,

sem embaraços e riscos, e em risco de se perderem por falta de pequeno auxílio. Bom Deus! todos nós acreditamos, e Jesus Cristo confirma esta crença, que uma só alma vale mais que todo o resto do mundo, isto é, que todos os impérios, e reinados da Terra, que todas as riquezas e tesouros do homem: mas ah! nós temos dificuldade de pôr em execução nossas crenças.

Não posso deixar este assunto sem primeiro declarar a luta interior, que experimentei, para fazer ver e descarregar minha consciência tanto quanto a julgo comprometida, parecendo-me bastante para minha justificação e defesa o que acabo de dizer. Li e notei em bons autores, profundos e perspicazes no conhecimento dos segredos e mistérios da Escritura, que as pombas brancas orvalhadas de leite eram certas pombas, que os sírios criavam em respeito e honra de sua rainha Semíramis, sendo proibido matá-las, sob pena de morte. Contam-nos os antigos anciãos ter-se esta rainha immortalizado por um ato memorável, entre seus altos feitos d'armas, o mais milagroso quanto é possível à grandeza dos reis, qual foi a suspensão entre o seu céu e a terra de seus jardins, pomares, e bosques de recreio.

Salomão procurou esta comparação entre as coisas profanas para mostrar uma obra divina notável entre as outras, qual a conversão das almas, inteiramente reservada ao poder de Deus por ser uma segunda criação pela qual, assim como suspendeu a Terra no ar, assim também suspenderá jardins, pomares, e florestas de sua Igreja com surpresa dos cálculos e juízos humanos, a fim de dar lugar aos seus predestinados e eleitos chamando-os quando lhe apraz, do meio dos desertos e do interior das mais vastas e densas florestas.

Antes de ir adiante, não deixarei escapar a coincidência que se nota entre a grande Semíramis e Maria de França, rainha cristianíssima. Semíramis, reinante e tutora de seu filho o rei da Assíria, empreendeu grandes coisas, em benefício e sustentáculo do império de seu filho. Caso idêntico ocorre com a nossa rainha; e embora Semíramis tenha em seu tempo feito muitas obras magníficas, pelas quais granjeou o amor e a obediência de seus súditos mais do que outra qualquer antecessora sua, a immortalidade de seu nome foi devida a suas edificações miraculosas. Com igual ra-

**Bela concorrência
para Sua Majestade**

zão direi que entre as ações heróicas da rainha, mãe do rei, que levaram à posteridade seu nome imortal, conta-se a missão dos padres capuchinhos nas terras do Brasil para aí plantar os jardins da Igreja, começada e fundada sob sua autoridade e ordem, e assim será o Brasil obrigado a sustentar estas pombas brancas em memória e lembrança de tão grande Semíramis que tem tanta piedade como poder para aperfeiçoar esta empresa.

Ainda vos peço, que em nossas pequenas pombas rociadas de leite deveis ver os filhinhos dos selvagens conduzidos ao grêmio do cristianismo pelo batismo. Há menos de cinco anos, não havia o desejo de se intentar a conversão* desta gente. O Diabo aí mandava com império, arrastava para si todas estas almas sem pagar dízi-
Bela consideração mo a Deus, porém presentemente, enquanto durar e continuar a missão, com o auxílio de Deus ouvireis dizer quais os grandes frutos, já colhidos, e outros que se colhem todos os dias.

A nossa maior consolação, a que nos fazia aceitar mais facilmente as amarguras e as dificuldades dos trabalhos, que aí não nos faltavam, era ver a franqueza e boa vontade com que os selvagens nos apresentavam seus filhos para serem batizados dizendo então nós, em conversa com eles, que para nós nada havia mais agradável do que o trazerem eles seus filhos para batizar, e sempre que conosco falavam era assunto da conversa a manifestação de seus desejos de verem seus filhos por nós batizados. Poderia aqui reproduzir muitos exemplos para confirmar esta verdade, mas como tenho de referi-los em lugar próprio, deixo-os de mão agora.

* Nas edições anteriores, “catequese” e não “conversão”. (Nota desta edição.)

.....

DO BATISMO DE MUITOS ENFERMOS E VELHOS,
QUE FALECERAM DEPOIS DE O TEREM RECEBIDO

Cap. II

ENTRE os mais belos enigmas sagrados, que Jó recita no seu livro, está no Cap. XIV a parábola do loureiro dizendo: *Si se-* **Jó 14**
nuerit in terra radix eius, & in pulvere mortuus fuerit truncus illius, ad odorem
aquae germinabit, & faciet comam quasi cùm primo plantatum est. “se a raiz do
loureiro mergulha na terra, e seu tronco morre no pó, apenas ao sentir o
cheiro da água, germinará e produzirá nova copa de folhas,
como se tivesse sido recentemente plantado”. Os Setenta assim **(ieps)**
inverteram esta passagem: *Si in petra mortuus fuerit truncus eius, ab odore*
aquae florebit, et faciet messem, sicut nova plantata: “Se o tronco do loureiro
morrer na pedra, com o cheiro da água florescerá, e como planta nova
mostrará em breve sua copa.” Outra versão há, ainda **Outra versão**
mais bela: *Attracto humore aqueo iterum germinat, exhibetque*
fructus decerpandos, ut plantae solent, “o loureiro morto e seco, chupando a
água, germina de novo, e como as outras plantas oferece seus frutos
para colher”. Nestes três trechos descobrirei muitas coisas, que ser-
vem literalmente ao nosso fim, a saber primeiramente:

A raiz do loureiro dentro da terra. Segundo, seu tronco morto no pó ou na pedra. Terceiro, o cheiro da água, que dá a vida perdida à raiz e ao tronco fazendo produzir folhas, flores e frutos. O loureiro representa as nações infiéis, conforme a ficção dos antigos da ninfa Dafne, a qual, perseguida pelos demônios com o nome de Apolo, foi convertida em loureiro. Sua raiz sepultada no pó ou na rocha representa longa série de anos, nos quais estas nações bárbaras jazeram entregues aos seus bárbaros e inveterados costumes. O tronco já morto representa o fim e terminação desta ignorância. Deus, querendo presentemente visitar esta nação, escolheu os enfermos, os velhos, os caducos e moribundos para fazê-los renascer em Jesus Cristo, levando as folhas verdes da graça, as flores dos dons do Espírito Santo, e os frutos dos méritos da Paixão de Jesus Cristo, e com isso tudo o cheiro e o atrativo da água do batismo.

Sentíamos muito consolo quando batizávamos os doentes e os velhos, cuja morte era esperada com certeza, e pelas razões seguintes: **Por que fazemos questão de batizar os moribundos** primeiro, porque receávamos que por falta de socorro nos víssemos obrigados a deixar e abandonar todos os meninos recentemente batizados e os adultos, que constantemente se apresentavam. Tínhamos ao menos certeza que batizando os que se achavam próximos da morte, abria-se-lhes o Paraíso, e, assim, escapavam eles de perder talvez a graça alcançada, ficando sós e longe dos ministros da Igreja para nutri-los na graça recebida. Segundo, porque o batismo desses velhos fazia muita impressão no coração das testemunhas vendo a devoção com que ordinariamente esses moribundos recebiam o batismo. Vou dar-vos alguns exemplos a seguir.

Na Ilha caíram doentes duas moças, uma livre e outra escrava, sendo aquela casada com um *tupinambá*, muito bom moço, o qual, depois da morte da mulher, constantemente nos perseguia para ser batizado, aprendendo com muito boa vontade a doutrina cristã. Esta moça, próximo da morte, pediu que lhe dessem o batismo, confessando por palavras nascidas do coração a verdade da nossa religião, mostrando por sinais exteriores o toque vivo do Espírito Santo no seu coração, banhando-se de lágrimas de amor e de

reconhecimento ao grande *Tupã*, que lhe fazia tão assinalada graça de ter-lhe propiciado nascer neste século para tirá-la do meio de tantas almas perdidas de sua nação e conceder-lhe o gozo do Paraíso. Fitava com atenção o céu, e com palavras dóceis e trêmulas recitava o que sabia a respeito da crença de Deus, repelindo para bem longe *Jeropari* e detestando seus antigos enganos. No meio deste discurso, precursor da morte, lamentava a danação de seus antepassados. Fazia exposições muito belas a seu marido e o animava a receber quanto antes a purificação de seus pecados.

Devo dizer dela um fato muito particular, qual o de não ter abusado de seu corpo em sua juventude e de haver conhecido só o seu marido, o que é não pequeno milagre naquela terra, por causa do mau costume introduzido pelo Diabo no coração das moças, de se honrarem pela desonra, e de não apreciarem a castidade ou a virgindade. Bem vedes, por isto, que em todos os escolhidos de Deus há sempre alguma virtude natural, que provoque, não por merecimento e sim pela ocasião, a graça de Deus, que, tal como o Sol, com indiferença está a entrar na alma de todos, se houver para isso disposição.

A *tapuia*, ou escrava, atacada por violenta febre, que a atormentava muito, achava-se em sua rede só e por todos abandonada, conforme o uso e costume deles, que consideram grande desonra cuidar de uma escrava quando está a morrer, isto antes da nossa chegada à Ilha, quando então lhes mostramos o quanto era desagradável a Deus a crueldade com que atiravam por terra o escravo moribundo e lhe quebravam a cabeça como eu já contei no Tratado do temporal. Esta desgraçada mulher, prisioneira de Satã e vítima das desgraças comuns da natureza, que são as enfermidades e as doenças dolorosas e insuportáveis, sem pessoa alguma junto de si, foi então olhada com piedade, e visitada por seu Criador, animando-a a pedir o batismo. Oh! juízo de Deus! Oh! providência eterna! Quem poderá compreender teus conselhos na vida do homem! Esta pobre criatura, dardejada vivamente no coração pelas flechas das primeiras graças do seu Senhor, não merecidas por alguma obra boa anterior, que houvesse feito, lançava suas vistas por todo o recinto procurando ver se alguém lhe aparecia para mandar chamar os *Padres*, a fim de ser

Outra história

lavada com as águas do batismo. Felizmente lhe apareceu um francês, a quem expôs seus desejos, e ele veio contar isso logo ao padre, indicando a casa dela, que era perto, e ele foi logo visitá-la, instruí-la e batizá-la. O francês que cuidou dela e o padre que a batizou me contaram coisas estranhas. Esta infeliz criatura quanto ao corpo, porém muito feliz quanto à alma, principiou a experimentar os penhores do Céu, e o merecimento do sangue de Jesus Cristo que recebeu pelo batismo. Tinha sempre os olhos fixos no céu, derramava abundantes lágrimas, e dizia continuamente estas palavras: *Y Katu Tupan, Ché arobiar Tupan*. “Oh! Quão bom é Deus! Oh! Quão bom é Deus! Eu creio nele.” De-

Efeitos da água benta pois, por meio de sinais, mostrava aos franceses, que *Jeropari*, o Diabo, andava ao redor de sua rede, e então dizia *Ko Jeiropari, Ko Ypochu Jeropari*: “Está ali o Diabo, atirai sobre ele a água de *Tupã*”, isto é, água benta “para ele fugir”. Fazia-lhe o francês a vontade e dizia ela que o Diabo fugia a toda pressa, e por isso constantemente pedia ao francês que derramasse em roda dela e de sua rede muita água benta, o que ele fazia, bem como o padre quando lá se achava.

Apenas lhe aparecia uma dor de cabeça, que muito a incomodava, pedia para que lhe lavassem a testa, as têmporas e a cabeça com água benta, o que a aliviava muito, a ponto de quase não sentir mais dor alguma; pouco depois entregou a alma ao Criador. Amortalharam e sepultaram seu corpo à maneira dos cristãos. Aconteceu porém que alguns malvados, filhos de *Jeropari*, que nunca foram descobertos, senão seriam punidos, foram à noite desenterrá-la, quebraram-lhe a cabeça e roubaram o pano de algodão de sua mortalha; pela manhã foi sepultada outra vez. Ninguém se admire disto, pois o Diabo reserva sempre para si alguns bons servos, mesmo nos reinos os mais bem policiados, a fim de executar suas mais destestáveis invenções. Sabeis sem dúvida que os *tupinambás* odeiam naturalmente os que abrem as sepulturas dos mortos e por isso não podem tolerar que os franceses abram as covas onde foram enterrados seus parentes para lhes tirar os objetos que eles, cheios de superstição, deixam lá com seus mortos.

Estava morrendo um velho *tabajara*, os ossos furando-lhe a pele, sem voz e sem movimentos na sua rede. Julgando-se
Outra história mais próximo da morte do que da vida, inspirado por

Deus, pediu o batismo. Fomos visitá-lo e catequizá-lo pedindo-lhe sua opinião a respeito de todos os pontos e artigos que lhe propusemos. Com as mãos postas nos disse que acreditava no que lhe dizíamos. Demorando-nos nos artigos relativos à crença da Santíssima Trindade, da Encarnação, Morte e Paixão do Filho de Deus, do Batismo, e do Mistério da Santa Eucaristia sobre todos os outros artigos da fé, porque estava próximo da morte, procuramos fazer-lhe entender estas matérias tão altas e profundas mediante comparações familiares, a que prestou muita atenção, e, desejando com todo o fervor o batismo, nós lhe prometemos que, no caso de ficar bom, ele receberia as cerimônias do batismo na capela de S. Luís, e aprenderia com gosto a doutrina cristã, que ensinávamos aos catecúmenos antes de batizá-los.

Respondeu-nos que não era tão longe a capela de São Luís que não pudesse ser levado até lá a fim de, antes de morrer, ser batizado, consolação que muito desejava para não ser impedido de ir direto para o Céu. Ao ver este fervor e devoção, ficamos satisfeitos e concordamos ser ele levado numa rede até a igreja de São Luís, e batizado com toda a solenidade. Alguns dias depois morreu sossegadamente.

Por essa época, caiu doente uma mulher *tabajara*, e tão gravemente, que todos julgavam-na morta em breve. Fomos vê-la e lhe oferecemos o batismo, que aceitou de muito boa vontade, e com muita atenção escutava o que dizíamos, por intermédio dos intérpretes, a respeito das glórias do Paraíso, das penas do

Outra história

Inferno, do que ela devia crer, antes de receber o batismo no caso de Deus lhe dar saúde, e que pudesse aprender a doutrina cristã, e então na igreja receberia as cerimônias do batismo, no que concordou e foi batizada; recobrando a saúde, julgou do seu dever cumprir sua promessa, embaraçando-a porém o fato de ser mulher de um *tabajara*, que tinha mais duas, não podendo ela continuar a viver casada com ele segundo as leis do cristianismo. Removemos este obstáculo seguindo o conselho de

São Paulo: *Si qua mulier fidelis habet virum infidelem et hic consentit habitare cum illa, non dimitat virum & quod si infidelis discedit, discedat.* **Corínt. 7**

Isto é: “se alguma mulher fiel estiver casada com um homem infiel, e que este queira morar com ela, ela que não o deixe, se o homem infiel a deixar, ela o deixe também.” Em virtude disto fizemos saber a seu ma-

rido, que se quisesse ter por única esta mulher cristã, deixando as outras, que ela não o abandonaria, mas que se quisesse viver como dantes na qualidade de concubina, que nós e os grandes dos franceses lhe afiançávamos que ele seria desprezado como incompatível com o cristianismo. A princípio mostrou repugnância, porém acabou concordando, e assim esta mulher tornou-se uma boa cristã e única mulher de seu marido.

Fazíamos o mesmo com os meninos pequenos próximos da morte, observando porém estas formalidades: pedíamos o consentimento dos pais e mães antes de batizá-los, embora não os deixássemos de batizar, quando os víamos moribundos. Apesar de estarmos certos da boa vontade geral de todos os selvagens de apresentarem seus filhos ao batismo, nós lhes prestávamos esta homenagem com o fim de atraí-los a se converterem. Não vem a propósito referir aqui alguns exemplos, porque nada acho nisto de extraordinário.

**Batismo das
crianças**

.....

DO BATISMO DE MUITOS ADULTOS, ESPECIALMENTE
DE UM CHAMADO MARTIN*

Cap. III

ANTES de tratar desta matéria, julgo necessário advertir ao leitor que no fim da obra do R. P. Claude** achará alguma coisa desta e da seguinte história, tudo extraído de uma de minhas cartas, que enviei do *Maranhão* aos meus superiores, e como apenas as rascunhei, é necessário que eu as descreva com minúcias.

**Advertência
ao leitor**

Estas sagradas águas do batismo não estagnaram na Ilha, pois, atravessando a corrente forte e impetuosa do mar, sem com ele misturar-se, passaram às terras firmes de *Tapuitapera* e *Cumã*, que despertadas por seu doce sussurro acolheram bem os espíritos daqueles que Deus tinha escolhido para si, e pela suavidade do seu gosto delas procuraram indagar-lhes a origem, maravilha que não pode ser descrita como merece, pois a vivacidade dessas águas venceu sem nenhuma comparação a atividade do azougue, que atrai

Força e batismo

* A edição original registra *Martin* (fólio 260) e *Marentin* no correr de todo o livro, o que foi respeitado por Ferdinand Denis, mas que César Marques traduziu por *Martinho* no título do capítulo, mantendo *Marentin* no correr do texto. (Nota desta edição.)

** Ver nota na pág. 9. (Nota desta edição.)

todas as moedas de ouro espalhadas por diversos lugares, isto é, as almas inspiradas por Deus nas terras de *Tapuitapera* e *Cumã* que vinham ao *Maranhão*, onde a salvação daquelas terras havia assentado seus fundamentos.

Quem poderia dizer o grande número de pessoas que nos vinham visitar para aprender alguma coisa dos mistérios da nossa fé? Na verdade ninguém, mas, para contentar o espírito do leitor e dar-lhe alguma reflexão ao pensamento direi que não havia um só dia em que não recebesse novos visitantes e às vezes chegavam a cem e cento e vinte, razão pela qual não podia deixar o Forte facilmente, e ir às aldeias a meu cargo ministrar o pasto espiritual.

Muitos daqueles selvagens de diversas idades apresentaram-se para receber o batismo, o que eu dificultava, e somente concedia aos que julgava, por algum ato extraordinário, enviados por Deus para tal fim. A razão por que apresentávamos essas dificuldades já o disse, por vir da incerteza do socorro, e do temor em que estávamos de batizar todos os que nos pediam, e depois deixá-los sem coadjutores, pelo que poderiam cair em pior estado do que se achavam anteriormente. Não deixávamos contudo de trazê-los esperançados, e aproveitávamos a ocasião de instruí-los no conhecimento e amor do Soberano até a vinda dos novos padres, que os achariam prontos para satisfazer sua vontade.

Entre os que foram inspirados vivamente pelo Espírito Santo, e que por isso batizamos, havia um índio de *Tapuitapera*, principal numa aldeia antiga desta província, chamado *Marentin*, sempre grande amigo dos franceses, de boa índole, modesto, de poucas falas, olhos sempre parados e voltados para baixo, tido outrora entre os seus por afamado barbeiro ou feiticeiro, tendo nele muita fé os doentes. Contou-me ele, e depois muitos outros, que era cristão e que, quando exercia a sua arte de barbeiro, era visitado por muitos espíritos folgazões, que brincavam diante dele, quando se embrenhava nos matos, tomando diversas cores, sem lhe fazer mal algum antes até tornando-se seus íntimos; achava-se porém na dúvida e medo sobre se eram espíritos bons ou maus, tal era a sua cren-

Dificuldade em conceder-se o batismo

Notável conversão de um índio

ça, como diremos a seguir, que existem espíritos bons e maus. Conforme o costume tinha três mulheres, antes de ser cristão.

Aconteceu porém que inesperadamente viesse com muitos selvagens, seus semelhantes, de *Tapuitapera* à Ilha do Maranhão para ver não só a nós como também os rituais com que servíamos a *Tupã*. Achando-se no Forte de S. Luís, viu na manhã do dia seguinte (que era domingo) os franceses vestidos com suas boas roupas, acompanhando seus chefes a caminho de nossa casa de S. Francisco a fim de ouvirem a missa. Após estes iam os selvagens, em grande número, o que o animou a seguir o préstito, especialmente pelo desejo e intenção, que tinha, há muitos anos, de aproximar-se de nós.

A Capela de São Francisco encheu-se logo de franceses, de selvagens cristãos e não-cristãos, que tinham todos especial devoção de receber em si algumas gotas de água benta. Este *Marentin*, observando aquela aglomeração, alcançou como pôde o canto atrás de uma porta, subiu num banco ali, para ver à vontade tudo quanto eu faria. Apenas pisei nos degraus do altar, voltei-me para saudar a todos, e descobrindo este selvagem acudiu ao meu espírito a esperança de salvá-lo.

Ele contou depois como prestou atenção a todos os gestos que fiz na celebração do elevado e profundo mistério da Missa, e quis saber como e porque me revesti da alva branca, liguei a cinta, pus o manípulo no braço e a estola no pescoço; aproximei-me da direita do altar, onde me apresentaram um vaso com água e sal, sobre o qual pronunciei algumas palavras fazendo muitos sinais-da-cruz; levantaram-se os franceses, respondendo-me cantando, e tendo eu um ramo de palmeira na mão mergulhei-o na água deitando algumas gotas no altar, depois sobre mim, e levantando-me fui aspergir os franceses, começando pelos chefes, até os últimos que estavam na porta da Igreja. Os selvagens não-cristãos aproximavam-se para receber alguma gota na convicção de que lhes serviria contra *Jeropari*; desceu ele mesmo do banco, interrompeu as preces para receber também algumas gotas de água benta, o que conseguiu.

Não gozou logo esta gota de celeste orvalho, porque as cantáridas peçonhentas e venenosas caíram sobre as flores de sua alma entreabertas, porém as abelhas industriosas de inspirações divinas vieram reunir aí o doce mel da

Efeito da água benta

Visão graça cristã, porque, regressando ao seu lugar, agachou-se atrás dos outros, dormiu, e durante o seu sono viu o céu aberto, e para ele irem subindo muitas pessoas vestidas de branco, e atrás delas muitos *tupinambás* à medida que eram por nós batizados. E lhe foi dito naquela visão que as pessoas vestidas de branco eram *caraibas*, isto é, franceses ou cristãos [nota 96], conhecedores de Deus e do batismo desde a mais remota antiguidade, e que os selvagens que os acompanham eram lavados por nós e acreditavam em Deus, em nossas palavras e de nossas mãos recebiam o batismo. Despertando, não disse palavra, porém ficou muito pensativo e melancólico, e assim embarcou e foi para a sua terra.

Chegando a sua casa todos o desconhecera, e lhe perguntaram o que sentia, e se havia recebido alguma desfeita dos franceses em *Yviret*. Sem dar resposta alguma, de dia para dia mais se entristecia, fugia da companhia de seus semelhantes passeando só em suas roças e bosques, onde foi acometido por estes espíritos loucos, caindo depois tão gravemente doente a ponto de chegar às portas da morte, sempre aflito pela visão, que vira em *Yviret*, e pelos espíritos de que já falei. Finalmente ouviu uma voz interior dizendo-lhe que se quisesse livrar-se de tal aflição e moléstia, e ir com Deus para o Céu, convinha, antes de morrer, lavar-se com essa água, que caiu nele quando estive na casa de *Tupã* em *Yviret*.

Obedecendo a esta voz, em madrugada alta, mandou um seu irmão ter conosco, e pedir-nos por intermédio do chefe dos franceses, cuja intervenção invocou, um pouco da água de *Tupã*, numa porção de algodão, guardada num *Caramémo* [nota 97], a fim de não se perder uma só gota para lavar a cabeça, e ir assim lavado para o Céu. Cumpriu a ordem o seu parente, que deu seu recado ao senhor de Pesieux, bom católico, que se admirou, bem como o senhor de la Ravardière e outros da religião pretendida. O Sr. de Pesieux mandou-me este homem, e com ele o intérprete *Migan*, para me dizer o fim de sua vinda, o que muito me maravilhou ao ver num selvagem tão grande fé, misturada com temor, respeito e humildade. Quis ir logo ter com ele, porém não pude, porque, como já disse, de todas as partes vinham diariamente muitos selvagens procurar-me e também não foi possível mandar-lhe o Reverendo Padre Arsène, porque estava ocupado em outro lugar, e por isso mandei-lhe um francês próprio e capaz

para fazer companhia ao doente, cuidar na sua salvação e batizá-lo, sem cerimônia, no caso de receio de morte.

Chegando à sua casa o francês com o irmão de Marentin, disse-lhe que eu não podia deixar a Ilha e nem o Forte de São Luís por causa dos muitos selvagens que me vinham procurar, mas que ele vinha em meu lugar a fim de o batizar, antes de morrer, no caso de estar tão doente a ponto de não poder ir à Ilha para ser batizado por nossas mãos. Ouvindo isto recobrou forças e ardor, e disse, “visto que a coisa é assim, não quero ser batizado por um *caraiíba*, e sim pelas mãos dos padres”, e nem deixou de levantar-se (embora doente e **Fervor deste índio** fraco a ponto de não poder estar em pé senão com muito custo) na manhã seguinte, de embarcar e vir procurar-me no Forte, expondo-me o seu grande desejo de ser filho de Deus e batizado, e contando-me pelo intérprete as visões que relatei acima.

Respondi-lhe que era necessário aprender a doutrina **Exigências no batismo** cristã o mais cedo que pudesse, deixando muitas mulheres e contentando-se apenas com uma. Eram estas as duas coisas que, entre outras, exigíamos dos adultos que pediam fossem batizados.

Replicou-me que, quanto à pluralidade de mulheres, foi coisa que nunca aprovou e que achava de razão um homem ter uma mulher só, mas que em benefício de sua casa necessitava de muitas. Disse-lhe eu que podia ter muitas mulheres como servas, e não como esposas. Concordeu nisto facilmente, armou-se de grande coragem para aprender a doutrina cristã, que dominou em poucos dias, e pediu-me que o instruisse antes de ser batizado das cerimônias que com tanta atenção contemplou no primeiro dia, quando foi tocado pelo espírito de Deus.

Disse-lhe que *Tupã* era um grande Senhor, sempre conosco embora não seja visto, devendo ser servido com profunda reverência, com ornamentos e vestes diversos do comum. **Cerimônia da missa** Expliquei-lhe que o primeiro vestido branco, que me viu tomar, significava três coisas: Primeiramente a inocência e pureza com que devíamos aparecer diante Dele; em segundo, a veste de sua humanidade, proveniente do sangue de uma virgem, sobre a qual ele havia conversado com os homens; em terceiro, para representar o vestido de zombaria, que os seus inimigos lhe deram quando Ele quis por nós so-

frer, ameaçando-o de o fazer padecer o que quisessem, embora tivesse Ele o poder de impedi-los, se quisesse, em suas intenções. Disse-lhe que a cinta com que apertei a cintura e as tiras de seda que pus no braço e no pescoço representavam os ornamentos que devíamos dar à nossa alma para sermos agradáveis a Deus: a cinta quer dizer – continência de mulheres; a tira do braço – o bem, que devemos fazer ao próximo; e a do pescoço, onde é costume trazer-se colares e adereços – o amor e a perseverança na nossa profissão, representando tudo isso as cordas com que foi atado o Salvador.

A outra veste de seda, que pus por cima de tudo isto, mostra o zelo da salvação das almas, que devemos procurar não nos contentando só de ir para o Céu, mas fazendo tudo quanto pudermos para que acompanhem nossos semelhantes. Significa também o segundo vestido a vestimenta de zombaria, com que foi tratado Nosso Senhor em sua Paixão. A respeito da água e do sal, sobre que pronunciei algumas palavras, expliquei-lhe

Água benta que eu o fiz para dar à água o poder, da parte de Deus, de eliminar o Diabo de onde quer que esta água seja lançada, e das pessoas sobre as quais ela cair, e que a asperção que fazia com o ramo de palmas sobre os franceses era para eliminar o Diabo que andava ao redor deles e que o canto, que eles entoavam enquanto eu lhes lançava água benta, era uma súplica a Deus para purificá-los interiormente de seus pecados.

Perfeitamente instruído de todas estas coisas, concordamos batizá-lo no dia da festa da Santíssima Trindade. Para padrinho escolheu o senhor de Pesieux, e no dia apazado vestiram-no com uma roupa de

É batizado algodão bem alvo em respeitosa homenagem ao Sacramento que ia receber, isto é, inocência e candura batismal conferida sob a invocação das três pessoas da Santíssima Trindade. Grande número de selvagens, principalmente de *Tapuitapera*, assistiram a este batismo, o que os excitava e incitava maravilhosamente ao verem aquele homem, seu semelhante, respeitado por eles tanto por suas antigas feitiçarias como por sua autoridade e idade, receber, como se fosse menino, sobre a cabeça a água de Jesus Cristo.

Querendo aproveitar tão boa ocasião, pedi aos franceses que abrissem caminho para que de mim se aproximassem os primeiros e os principais selvagens que ali se achassem, aos quais dirigi a palavra por

meio do intérprete. “Todos os dias, meus amigos, vedes em vossa terra os pássaros seguirem uns aos outros, de forma que quando os primeiros levantam vôo, todos os outros os acompanham. Sabeis também que os javalis caminham em grandes bandos, sem que um só deles se desvie dos passos dos primeiros. Por experiência conheceis que os *Paratins*, isto é, os peixes chamados sargos, no mar andam sempre em grandes cardumes seguindo seus condutores, de tal forma que os primeiros, lançando-se da água ao encontro de vossas canoas, quando ides pescar, como que convidam os outros a cáirem dentro delas, apanhando vós grande quantidade desses peixes. Quem faz isso? O exemplo dos semelhantes. A natureza implantou em todas as criaturas vivas e inteligentes o desejo de imitação de coisas semelhantes, conforme as diferentes espécies, umas após outras. Observai agora este homem, vosso semelhante e principal, que se fez filho de Deus. Bem sei que trazei-nos vossos filhos, porém pensam alguns de vós que não são capazes, por velhos, de receberem o batismo: é um engano, porque, tal como vossos filhos, podeis ser batizados, e ir para o Céu. Vede diante de nós este homem que vou batizar, que me prometeu ensinar os que quisessem ouvir. Abri os ouvidos para ouvir o que ele tem a dizer.

Dito isto, mandei-o ajoelhar-se nos degraus do altar e recitar em voz alta e clara na sua língua, e de mãos postas, a doutrina cristã, que para diante será encontrada em lugar próprio. Comecei depois as cerimônias do batismo, observadas com muita atenção por todos os selvagens, recebendo o nome imposto pelo seu padrinho de Martin François, devido à proximidade que havia com o seu antigo nome de *Marentin* com Martin, tornando assim que essa sua conversão seja reconhecida por todos os selvagens. Acabado isto, mandei-o sentar junto de seu padrinho, e comecei a celebração da missa, que ele ouviu com toda a devoção, mãos postas, e, na ocasião de levantar-se a hóstia, ajoelhou-se como os outros, recitou a oração dominical e o Credo, tendo visto os franceses também de joelhos.

Passados alguns dias, quis regressar à sua aldeia, tendo alcançado a saúde do corpo e da alma, e despedindo-se de nossos chefes e de mim, nós o presentamos com rosários, imagens, *Agnus Dei* e bentinhos. Reco-

Arenga aos selvagens

Escuta a missa

mendamos muito que depois de orar a Deus rezasse também para a Virgem Maria, Mãe de Jesus Cristo, recitando em sua língua a *Ave Maria* tantas vezes quantas sejam as contas do seu rosário, e a oração dominical tantas quantas sejam as contas grandes. Tomou tal devoção à Santíssima Mãe de Deus que trazia sempre ao pescoço o seu rosário, que beijava muitas vezes,

Devoto da Virgem e quando queria orar a Deus tirava-o e fazia o que lhe ensinamos.

Antes de partir, disse-me que só tinha um filho, que me traria no seu regresso para eu vê-lo, e que quando estivesse instruído na doutrina cristã, eu o batizaria e ele o daria aos padres, para ficar sempre com

Traz seu filho eles. Prometeu igualmente escolher uma das suas três mulheres, com certeza a mãe do seu filho, se ela quisesse ser cristã como ele, conservando as outras como servas. Bem comprometido com estas promessas, embarcou para *Tapuitapera* em busca de sua aldeia e de sua casa.

.....

DOS GRANDES FRUTOS QUE ESTE CRISTÃO PRODUZIU
EM BENEFÍCIO DA INSTRUÇÃO E CONVERSÃO
DOS SEUS SEMELHANTES

Cap. IV

NADA há mais bravio e mais difícil para domesticar-se do que a pantera, ainda mais por ser ela furiosa de natureza para com os animais das florestas, que ela corta e despedaça no primeiro encontro. Ao contrário, quando está grávida, carregada de filhotes, torna-se mais acessível, exala bom cheiro pelos poros, e muda a voz de cruel para branda, como que convidando os outros animais a segui-la, o que fazem. **Pantera**

A nação dos *tupinambás* era uma verdadeira pantera, cruel como nenhum outro povo, segundo mostra o seu costume de devorar os inimigos. Apenas apareceu a graça sobre estas terras, mudou em doçura sua crueldade; seus discursos de danação em discursos salutareos; seus cheiros pútridos, provenientes de seus defumador, em outros, agradáveis, aproximando-se ao odor de Jesus Cristo, transbordando de amor para com o próximo, desejando-lhe fazer o mesmo que eles receberam, inspirados pela concepção espiritual das graças de Deus no fundo de sua alma, como se lê nos *Cânticos. I. Oleum effusum* **Cânticos 1**

nomen tuum, ideo adolescentulae delixerunt te nimis; e pouco depois, *Trabe me post te, curremus in odorem unguentorum tuorum.* “Teu nome, ó Salvador do Mundo, e o teu conhecimento são um bálsamo derramado, por cuja influência e cheiro sentem-se as novas almas cheias de teu amor, e todas se dedicam à busca de sua aquisição.”

Martin François executou esta doutrina entre os outros selvagens, porque apenas chegou à aldeia principou a falar a seus vizinhos, e daí, caminhando para outras aldeias da província de *Tapuitapera*, ele discorria das grandezas de Deus e das graças que Dele recebeu. Ele também fazia menção, diante dos olhos de seus companheiros selvagens, à desgraça dos antepassados, que pereceram com *Jeropari*, e a felicidade que gozavam os que se batizavam e se tornavam filhos de Deus.

Tais conversas produziram efeito, muitos procuraram a fonte de salvação para nela beber, e sugar o leite do peito de Jesus Cristo, como ele o fez e como se conta do Unicórnio, que procurando as águas distantes do veneno, por acaso foi tocado até o coração pela suavidade do canto de uma jovem donzela [nota 98] deitada sob os ramos floridos das árvores da floresta, o que livrou este animal de sua fúria natural e o aproximou do seio daquela que o feriu. O Unicórnio, grato e não avaro do bem recebido, desejoso de que seus semelhantes também o partilhassem, vai procurá-los no centro profundo dos bosques, e por todas as sortes e gestos convida-os a segui-lo a fim de tomarem parte na felicidade recebida. A jovem donzela representa a esposa de Jesus Cristo, a Santa Igreja; seu canto harmonioso, a prédica do Evangelho; seu seio, onde são acolhidos os próprios animais, a misericórdia divina com todo o seu poder; as águas sem veneno, os sagrados sacramentos; o feroz Unicórnio, os infiéis; e Martin François, por seus discursos e exemplos, foi convertido perfeitamente, seguido de muitos outros.

Não se haviam passado seis meses, e já se experimentavam grandes efeitos, porque tendo ele convertido e instruído muitos habitantes de *Tapuitapera* de todas as idades, mandou-nos os mais espertos e instruídos ao Forte de São Luís para serem batizados, o que fiz, depois de os reter comigo por

O índio batizado instrui seus semelhantes

Martin François comparado ao unicórnio

A Igreja, exemplo do unicórnio

Martin converte os seus

algum tempo para experimentá-los em seu fervor. Em vista de aumentar a cada dia o número dos catecúmenos em *Tapuitapera*, foi necessário ir até lá o R. P. Arsène para batizar muitos deles, o que não podíamos negar, tanto pela vontade deles de receberem essa graça como pelo conhecimento que já tinham da doutrina cristã.

São batizados

Tinha Martin edificado uma capela, e junto dela uma casa, no meio de sua aldeia, com o auxílio dos outros cristãos e selvagens aí residentes. Benzeu o padre a capela, e tomou posse da casa, onde foi visitado e sustentado, enquanto aí esteve, por cristãos e selvagens. Depois que batizou os que para isso julgou aptos, foi visitar algumas aldeias da província, e o seu principal soberano, e por toda a parte foi muito bem acolhido, manifestando todos em geral o desejo de serem cristãos e de terem padres em suas aldeias.

Capela edificada

Alcançou o bom homem Martin François nome honroso, dado pelos habitantes de *Tapuitapera* em recompensa de seus trabalhos e fadigas para fazê-los cristãos, por ter sido entre eles o primeiro cristão, e por saberem quanto nós o estimávamos. Chamaram-no *Pai-mirim*, “Padre pequeno” ou “o vigário dos Padres”, e na verdade bem merecia tal nome, porque desde que se fez cristão nunca mais se descobriu nele vestígios do antigo homem ou dos maus costumes dos selvagens. Era grave, modesto, pouco falador e raras vezes ria, e nada fazia que parecesse ser contrário ao cristianismo.

O nome do Pai-mirim dado ao índio batizado Martin François

Eram estas as normas de vida que observava, e que como mais velho fazia observar aos outros cristãos: 1. Pela manhã e à tarde reuniam-se todos na capela: levantava-se um deles, ajoelhavam-se outros, e depois um deles dizia em seu idioma “*em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo*” e fazia o sinal-da-cruz, na testa, na boca e no peito, no que era pelos outros imitado; punha depois as mãos, fixava a vista no altar, e recitava pausada e distintamente a oração dominical, o símbolo dos Apóstolos, os mandamentos de Deus e da Igreja, após o que, se tinha alguma advertência a fazer, aproveitava a ocasião, se não, recolhia-se cada um a suas ocupações.

Estilo de vida e exercício dos índios cristãos

2. Viviam em comum quando se achavam juntos, e para isso traziam o resultado de suas pescarias e caçadas para ser igualmente dividido entre eles, e antes de comerem o mais velho recitava em sua linguagem o *Benedicite*, fazendo o sinal-da-cruz sobre si e sobre a comida; tiravam todos o chapéu, faziam em si o mesmo sinal e ninguém tocava na comida antes de abençoada. Enquanto comiam não contavam coisas más ou que excitasse o riso, como fazem os *tupinambás*; porém o mais velho recitava alguma coisa a respeito de Deus e da Religião.

3. Nunca iam aos *cauins* e reuniões, conforme costumavam os *tupinambás*: era um dos pontos principais, que Martin François gravava no coração dos convertidos, isto é, que os *cauins* eram criados por *Jiropari* para semear a discórdia entre eles, e fazer com que praticassem toda a espécie de males os que os freqüentassem, sendo impossível amar a Deus quem gostasse de *cauins*, porque, dizia ele, quando descobro que alguns dos meus semelhantes se retiram das *cauinagens*, agouro que bem depressa serão cristãos e vou procurá-los; mas não tenho ânimo para fazer o mesmo com os que freqüentam tais orgias. O que ele dizia era verdade por ser horrível espetáculo ver aquelas pessoas em reuniões,

Os cauins dos selvagens são desonestos e horríveis

parecendo antes congresso noturno de feiticeiros do que ajuntamento de homens. Achei-me apenas uma só vez nestas reuniões para delas poder falar, e nunca mais lá tornei. Via aqui uns deitados em suas redes vomitando com muita força, outros caminhando ou marchando em diversos sentidos com o juízo perdido pelo vinho, ali outros gritando, fazendo mil esgares, estes dançando ao som do *maracá*, aqueles bebendo com muito boa vontade, aqueloutros fumando para mais se embriagarem, e o que ainda é pior é estarem mulheres e moças aí misturadas, parecendo bem difícil a presença de Baco sem Vênus. Por minha vontade os franceses deviam fazer o que fizeram os portugueses, isto é, proibir todas estas *cauinagens*: os portugueses, depois que habitaram algum tempo na Índia, verificaram que um dos maiores embaraços para a propagação do cristianismo eram essas reuniões diabólicas, de que procedem todas as discórdias e desgraças entre os selvagens.

4. Vestem-se estes novos cristãos o melhor que podem, caminham todos juntos, não trazem flechas e nem arcos, exceto quando vão

à caça ou à pesca, contentando-se em portar um cacete de uma espécie de ébano, negro ou vermelho, com que se distinguem facilmente dos outros. Quando vão a outras aldeias, se encontram algum cristão, recolhem-se à casa dele, contentam-se com o que têm e vivem sobriamente como convém tanto a um cristão.

.....

DE UM ÍNDIO, CONDENADO À MORTE, QUE
PEDIU O BATISMO ANTES DE MORRER

Cap. V

NÃO se acreditaria, se a experiência não o tivesse confirmado, que vendo-se simplesmente por fora a concha de uma ostra marinha coberta e suja de lama e lodo, que ela em si já tivesse

Ostra marinha suja uma pérola preciosa digna de ser colocada no gabinete dos príncipes. Quem poderá crer que um selvagem iníquo, impuro, e imundo, como não posso dizer, embora creia que o próprio Diabo,

Selvagens imundos autor de tais traças, se envergonhe disto, não tenha inimizado e soberba contra o soberano, que o empurra para isto? Quem poderá, digo eu, crer que tal indivíduo, por determinação da Divina Providência, fosse escolhido para o reino do Céu, e tirado desses abismos infernais, para receber (na hora da morte, bem merecida por suas torpezas) o sagrado batismo, que o lava de todas as máculas, e lhe proporciona fácil e franca entrada no Paraíso?

Um pobre índio, bruto, mais cavalo do que homem, fugiu para o mato por ouvir dizer que os franceses o procuravam e aos seus semelhantes para matá-los e purificar a Terra de suas maldades por meio da santidade do Evangelho, da candura, da pureza, e da clareza da Religião Católica Apostólica Romana. Apenas foi apanhado amarraram-no

e trouxeram-no com segurança ao Forte de São Luís, onde deitaram-lhe ferros aos pés; vigiaram-no bem até que chegassem os principais de outras aldeias para assistirem ao seu processo, e proferirem sua sentença e sua morte, como fizeram afinal. Não esperou o prisioneiro pelo princípio do processo, e ele mesmo sentenciou-se, porque diante de todos disse: “Estou morto, e bem o mereço, porém desejo que igual fim tenham os meus cúmplices.”

Selvagem perverso prisioneiro

Terminado o processo e proferida a sentença, cuidou-se em sua alma dizendo-se-lhe, que se ele recebesse o batismo, apesar de sua má vida passada, iria direto para o Céu apenas sua alma se desprendesse do corpo. Acreditou nessas palavras, e pediu o batismo; para tal fim veio o senhor de Pesieux

Condenado pede o batismo

procurar-me em nossa casa de S. Francisco no *Maranhão*, e conversando se devia ser eu quem o batizasse, resolvemos negativamente pelas seguintes razões: pensavam os selvagens que nós outros padres éramos pessoas misericordiosas e compassivas, que espontaneamente empregávamos nossos esforços perante os grandes para alcançar a vida dos condenados; que os grandes nos estimavam, e nada nos negavam, e que, além disto, nós pregávamos que Deus não queria a morte e sim a vida do pecador, e que por isso tínhamos vindo aqui para dar essa vida de forma que, se eu o batizasse publicamente, antes de ele morrer, teria satisfeito muitos caprichos àqueles espíritos ainda débeis e incapazes a respeito da opinião que formavam de nós e que seria muito prejudicial a

Opinião que têm os selvagens dos padres capuchinos

nossas intenções dando além disso causa a várias murmurações dos selvagens, que diziam: “Se os padres gostam da vida, por que deixam este cristão ir morrer? Se amam tanto os cristãos por que não amam este? Se os grandes nada lhes negam, por que não lhes pedem pela vida deste?” Por tudo isto, e por outras razões, que omito, decidimos ser conveniente e necessário que eu não o batizasse. Roguei pois ao dito senhor que, depois de instruí-lo pelos intérpretes, o batizasse antes de ir ao suplício sem as cerimônias da Igreja, o que aceitou e cumpriu.

Recebeu, com tranqüilidade e sem tristeza, na presença dos principais selvagens o batismo, depois do que um dos principais, chamado *Caruatapirã*, “Car-

Discurso de um selvagem ao condenado batizado

do vermelho”, de quem ainda falarei, lhe disse estas palavras: “Tens agora ocasião de estares consolado e de não te afligires, pois presentemente és filho de Deus pelo batismo que recebeste da mão de *Tatu-uacu* (nome do senhor de Pesieux na língua dele) com permissão dos padres. Morres por teus crimes, aprovamos tua morte, e eu mesmo quero pôr o fogo na peça para que saibam e vejam os franceses que detestamos as sujeiras que você cometeu; mas repara na bondade de Deus e dos padres para contigo, expelindo *Jiropari* para longe de ti por meio do batismo de maneira que apenas tua alma saia do corpo vá direto para o Céu ver *Tupã* e viver com os *Caraibas* que o cercam; quando *Tupã* mandar alguém tomar teu corpo, se quiseres ter no Céu os cabelos compridos e o corpo de mulher antes do que o de um homem, pede a *Tupã* que te dê o corpo de mulher e ressuscitarás mulher, e lá no Céu ficarás ao lado das mulheres e não dos homens.”

Desculpareis este pobre selvagem, não-cristão e nem catecúmeno, falando da Ressurreição. Ele nos ouviu ensinar que num dia ressuscitariam todos os homens, regressando cada alma do lugar em que estava para ocupar o seu corpo, acrescentando o que pensou ser indiferente à Ressurreição, isto é, que uma alma recebe um corpo de homem ou de mulher, no que se enganou, mas não se deve deixar passar isto sem informar melhor a ele e ao paciente. Mas **Corrigido** bem que eu quis referir aqui simplesmente o que ele disse para que o leitor reconheça sempre quanto sou fiel em minhas descrições, como já disse, e provarei sempre pelos discursos que ainda hei de transcrever.

Este infeliz condenado recebeu as consolações de muito boa vontade, e antes de caminhar para o suplício disse aos que o acompanhavam: “Vou morrer, não mais os verei, não tenho mais medo de *Jiropari* pois sou filho de Deus, não tenho que prover-me de fogo, de farinha, de água, e nem de ferramenta alguma para viajar além das montanhas, onde cuidais que estão dançando vossos pais. Dai-me porém um pouco de *Petun* para que eu morra alegremente, com a palavra firme e sem o medo que me estufa o estômago.” Deram-lhe o que ele pediu, à semelhança dos que vão ser justicados, aos quais também se dá pão e vinho, costume não deste tempo e

sim desde a mais remota antiguidade, pois então se oferecia aos criminosos vinho com mirra e ópio para provocar o sono dos pacientes. Feito isto, levaram-no para junto da peça montada na muralha do Forte de S. Luís, junto ao mar, amarraram-no pela cintura à boca da peça, e o *Cardo vermelho* lançou fogo à escova, em presença de todos os principais, dos selvagens e dos franceses, e imediatamente a bala dividiu o corpo em duas porções, caindo uma ao pé da muralha, e outra no mar, onde nunca mais foi encontrada. Quanto à sua alma, é de **Suplício** crer que os anjos a levassem ao Céu, pois morreu logo depois de haver recebido as águas do batismo, certeza infalível da salvação daquele a quem Deus concedeu tal graça, não pequena e nem comum, porém tão rara como o arrependimento do bom ladrão na Cruz, que, tendo vivido sempre desregradamente até chegar àquele lugar, recebeu contudo esta promessa de Jesus Cristo: *Hodie mecum eris in Paradiso*, “Hoje estarás comigo no Paraíso”. Outro tanto podemos dizer desse infeliz e desgraçado índio, que nos deu tão bela ocasião de admirar e de adorar os juízos de Deus.

Caruatapirã, o algoz, com gestos e palavras mostrava grande contentamento e alegria perante os franceses por haver recebido tal honra, que apreciava muito mais do que as que sua nação cheia de abusos dá aos que publicamente matam os prisioneiros, sendo essas consideradas as maiores existentes entre eles, e um favor não pequeno aos rapazes, quando **Grande honra entre os selvagens** escolhidos para tal fim, pois é uma espécie de acesso de grandeza para vir a ser um dia principal. Por tudo isto o grande *Caruatapirã* exaltava-se deste seu feito e dele se servia para se fazer temido contando por todas as aldeias por onde andava e o que tinha feito, asseverando ser irmão dos franceses, seu defensor e exterminador dos maus e dos rebeldes.

.....

FORMULÁRIO DOS DISCURSOS QUE FAZÍAMOS AO
SELVAGENS, QUANDO NOS VINHAM VER, PARA
CHAMÁ-LOS AO CONHECIMENTO DE NOSSO DEUS
E À OBEDIÊNCIA DE NOSSO REI

Cap. VI

O

MEIO pelo qual outrora os atenienses chamavam os povos ao conhecimento da filosofia, e à obediência de uma República, era representado pelo simulacro do seu *Palladin*, que fingiam ser trazido do Céu, por eles colocado no lugar mais alto de sua cidade. Tal era o ídolo de Palas, armado dos pés até à cabeça, correndo de sua boca raios de mel, que caíam sobre os ouvintes e espectadores, que dormiam docemente. Ensinarão os druidas a mesma coisa aos gauleses levantando a estátua de Hércules no frontispício de seus templos, tendo na sua cabeça a juba de um leão e nas espáduas a clava de suas vitórias, saindo de sua boca uma espécie de hera, porém de ouro, que prendia pelas orelhas uma multidão de homens e mulheres, moços e velhos a fim de atraí-los para si. Com isto queriam os atenienses e os gauleses dizer que os homens são atraídos pela doçura e pela razão à obediência das leis divinas e humanas, mantida essa obediência

**Por que meios os homens
são levados a obedecer**

pela proteção das armas, sustentadas pelos soberanos para a conservação dos seus vassallos.

O primeiro destes dois fins nos pertencia desde que Sua Majestade e os nossos padres nos enviaram para cá a fim de chamarmos ao conhecimento de Deus estas pobres almas bárbaras, que, antes de começarmos a catequizá-las, conhecemo-las ansiosas por doçura, e por isso combinamos pautar por elas nossas palavras e ações, no nível de uma perfeita doçura com que sempre nos demos muito bem.

Selvagens querem ser conquistados suavemente

Já havia lido no cântico primeiro que entre os ornamentos dados por Jesus Cristo à sua Igreja, a mansidão e a clemência para com os pecadores e infiéis eram um dos primeiros deveres conforme estas palavras: *Murenulas aureas faciemus tibi vermiculatas argento*, “nós te faremos colares de ouro, torcidos como pequenas

Cânt. I

Os 70 lampréias, esmaltadas de fios de prata em forma de pequenos vermes para mais fazer realçar a beleza do ouro”. Dizem os Setenta: *Simulachra auri faciemus tibi, cum vermiculacionibus argenti*; “nós te faremos pequenas estátuas de ouro fino, esmaltadas de fio de prata em forma de pequenos vermes”.

Rab. Jônatas

Acrescenta Rabi Jônatas que tais eram as tábuas de safira, em que estavam gravados os mandamentos da lei de Deus porque a luz da glória do Doador dava à safira diáfana a cor de ouro, e a escrita gravada em linha pelo dedo de Deus formava o esmalte em pequenas lampréias ou vermes da terra. Quem não diria que há inteligência entre estas cerimônias divinas e as dos atenienses e gauleses, visto significar-nos uma e

Aplicação

outras, por meio de estátuas e cadeias de ouro, a força e o poder da doçura para subjugar as almas mais bárbaras à obediência das leis de Deus. Não é sem razão que Jesus Cristo ornou os colares de ouro de sua esposa com figuras de vermes da terra, e de pequenas lampréias, visto que ele mesmo se fez verme para chamar a si os vermes, e misturou-se com a terra para se juntar com os vermes que aí achasse.

Bela comparação

Assim como as lampréias não repelem as serpentes porque podem causar medo com o veneno que estas vomitam, assim também Jesus Cristo não despreza os homens, pobres serpentes, contanto que estes se despojem do seu veneno. Se o Mestre fez isto, o que devem fazer os obscuros discípulos de Sua Majestade? Quem se oferece

a servir a Deus na conversão destes homens selvagens deve modelar suas palavras e ações pela doçura, de que sempre usou Jesus Cristo na Terra.

Eram estes os temas de nossas palestras com os selvagens. O 1º Procurávamos convencê-los que éramos seus amigos, e amigos fiéis, **Primeiro tema das palestras com os selvagens** mais que seus pais, mães, e outros parentes, dizendo-lhes estas e outras palavras *Pera-uçu, pare Koroyco*, “somos vossos amigos, vossos íntimos”. Com tais expressões alegravam-se muito, e cheios de confiança vinham conversar conosco a ponto de tornarem-se importunos, não nos permitindo descanso algum, e só nos olhando e observando até os nossos menores gestos. Vou dar-vos alguns exemplos.

Um dia de Páscoa, depois do serviço, ao qual assistiram muitos selvagens, tanto de *Tapuitapera* como da Ilha, quis recolher-me para meditar no sermão que devia pregar depois do jantar, e para isto mandei fechar as portas de nossa casa para que ninguém entrasse durante esse pouco tempo até à hora da prédica; porém os selvagens, impacientes para entrarem, rodearam a casa duas ou três vezes buscando uma abertura, e afinal quebraram algumas estacas e por aí passaram. Mostrei-lhes má cara significando o meu descontentamento pelo que haviam feito, e lhes perguntei por que eram tão importunos? Responderam-me “porque tínhamos vontade de te ver, e falar contigo livremente, na ausência dos franceses, e para esse fim viemos de propósito”. À vista disto não tive outro remédio senão entretê-los. Quando eu orava sozinho na nossa capela, com as portas fechadas, rompiam o pano de Guiné, com que forramos a nossa capela para verem o que eu fazia ajoelhado defronte do altar, e diziam uns para os outros baixinho: *Ygneém Tupã*, “fala com Deus”, e daí não saíam enquanto eu rezava.

Para livrar-me destas importunações mandei construir uma cerca ao redor da nossa casa e da capela de S. Francisco, muito forte, e entremeada com ramos de palmeira espinhosa, assim conhecida por ter espinhos maiores do que o comprimento de um dedo, e apesar de tudo isto achavam meios de entrar e de me procurarem. Ao escrever isto recorda-me o dito de Antalcide, escrito por Plutarco no tratado dos *Apotegmas Lacônicos*, “quem quiser ganhar a amizade dos

homens, deve ter na língua um regato de mel e nas mãos muitos frutos”, isto é, palavras doces e serviços conforme as palavras. Mais não podíamos fazer para com estes selvagens do que captarmos sua amizade por palavras dóceis, e fazer-lhes conhecer a Deus e aos sacramentos da Igreja, únicos frutos da Paixão de Jesus Cristo. **Epaminondas**

Aeliã, no livro 14 de suas *Histórias diversas*, disse que “Epaminondas se zangaria muito se saísse do seu palácio para misturar-se com o povo e não adquirisse um novo amigo para juntá-lo aos seus amigos antigos”. Não nos seria necessário ir a duzentos e nem a trezentas léguas a fim de conquistar novos amigos para Jesus Cristo, porque viriam por si mesmos oferecer-se para isso. **Gélio**, no livro 1º cap. 3º, conta que Péricles, um dos grandes do Areópago de Atenas, terminava a amizade dos homens junto aos altares dos deuses, porém nunca falou da amizade divina entre Deus e os homens, estabelecida e enraizada sobre os altares, porque, pagão como era, não podia compreender a força e a impetuosidade de tal amor, semelhante ao do próprio centro, onde cada criatura tem o destino de viver e descansar. Vocês verão, pelas coisas graves tendentes para baixo devido ao seu peso natural, e ao contrário pelas leves tendentes para o alto.

O poderoso rei Dario recebeu como presente de um seu amigo uma bela romã, que partiu ao meio, e admirando a beleza e o número dos seus grãos disse aos que com ele estavam: por minha vontade eu teria tantos Zópiros (nome do seu mais íntimo amigo), quanto há de grãos nesta romã. Não foi pequena graça e nem pequeno privilégio que Deus fez à Ordem Seráfica de São Francisco dando-lhe a faca da palavra para abrir o pomo ainda inteiro e fechado das terras do *Maranhão* a fim de apresentar a Jesus Cristo milhões de almas, não só para com Ele se reconciliarem, mas também para um dia lhe serem fiéis esposas. **Dario desejo de amigos fiéis**

Deus inspirou a Salomão, no liv. 4º dos Reis, cap. 29, fazer os capitéis das colunas com arame, semeado de romãs, indicando assim a missão do Evangelho para com as nações infieis, servindo para agarrar os peixes fugitivos por meio de uma eloquência dócil, e as romãs para ligá-los e uni-los pelo amor de Jesus Cristo ao resto dos fiéis, não havendo nada mais forte para alcançar o **4 liv. Dos Reis**
Aplicação deste trecho

amor que o próprio amor. Eis a razão por que julguei ser absolutamente necessário fazer conhecer a estes selvagens, que nós os amávamos terna e intimamente, que lhes oferecíamos nossas pessoas e bens, dizendo-lhes *Ore-mae pémareamo* “tudo o que temos é vosso”. Por isto tínhamos muitos peixes, o que acontecia ordinariamente, dávamos a todos, especialmente aos *tabajaras*, recém-chegados à Ilha, ainda necessitados de tudo, por não terem feito roças, especialmente os nossos vizinhos.

No 2º artigo de nossas conversas expúnhamos os frutos e os emolumentos, que deviam esperar de nossa amizade, isto é, reforma em sua vida, conhecimento do verdadeiro Deus, defesa do nosso rei

Art. 2 contra seus inimigos, o qual não deixaria de enviar-lhes homens e armas conforme necessitassem.

Pe moé koroiut, pere Koramrecé: Tupan mombe-uaue Koroiut peam: yandé magna gare rhé opap Katu, abé maè mognan. Yangaturan: yandé renonde vuac ueriko: abé gneem rupi yandè rekormé. Pepusurom peamo tereumbare soiiy yauaté oreru vichaué: Pepusurum okat araia oboure uaia pepusuró anuam. Quer isto dizer: “Nós vos ensinamos a viver mais para a vossa felicidade: queremos ensinar-vos o verdadeiro Deus, criador do mundo, infinitamente bom, e que nos prometeu o Céu se nesta vida fizermos o que ele diz. Vimos defender-vos de vossos inimigos. Nosso rei, que é forte e poderoso, vos dará sempre socorro de armas e de homens.” Prestavam muita atenção ao que dizíamos, e nos respondiam que os franceses sempre os haviam auxiliado; que tinham vindo agora por ordem do rei para tirá-los das cadeias de *Jeropari*; que não duvidavam aprender grandes coisas a respeito de Deus, especialmente quando já soubéssemos a língua deles, porque os intérpretes, diziam eles, não falam como vós a Deus. Não nos podem

Palavras dos selvagens dizer outra coisa, porém se falásseis conosco vós nos diríeis o que Deus vos disser. Nossos filhos serão mais felizes do que nós, porque aprenderão convosco a língua francesa, como nos prometestes, e assim terão mais conhecimento de Deus do que nós, que já somos velhos. Nós o que temos feito é correr e andar errantes pelos bosques adiante dos *Peros* [nota 99], tendo por alimento apenas raízes de árvores. Nossos filhos estarão seguros contra seus inimigos, os franceses se unirão às nossas filhas, e nossos filhos às filhas dos franceses, e assim seremos parentes; ficareis conosco, em nossas aldeias, e sereis nossos padres, *Tupã* os amará, e *Jeropari* não lhes dará pre-

ocupação. Haverá abundância de víveres e nunca se sentirá falta de mercadorias francesas. Oh! quão felizes serão! porém nós não veremos estas coisas.

O Imperador Vespasiano e também Domiciano, quando entravam num país novo para aí estabelecer colônias romanas, tinham por costume mandar fundir em bronze a fé e os seus frutos, que publicamente prometiam a todos, representando uma dama, que estendia a mão direita, símbolo da fé, trazendo na esquerda a cornucópia da abundância, cheia de toda a espécie de frutos, e tinha este mesmo carimbo o dinheiro, que aí faziam correr assegurando dessa forma a sua fidelidade para com estes povos, de que resultariam muitos bens e comodidades à sua nação. Tomai se quiserdes por esta dama a Santa Igreja entrando pela primeira vez nestas terras bárbaras, estendendo sua mão direita para prometer aos seus habitantes a fé de Jesus Cristo, seu esposo, e a fidelidade de seus seguidores, que não se poupam a trabalhos, e arriscam até a própria vida para ajudá-los na salvação delas. Os frutos, que ela lhes oferecia, eram os sacramentos, o conhecimento de Deus e das coisas divinas. Tomai também, se quiserdes, por esta mesma Dama, a França plantando pela primeira vez seus lírios naquelas regiões e terras do Brasil, dando a mão direita como garantia de defender e conservar estes selvagens obedientes à sua coroa, e os frutos do comércio de várias mercadorias que fossem levadas da França para essas terras, em troca de outras melhoras.

Costume dos imperadores

Aplicação

Outra aplicação

.....

FORMULÁRIO DA DOCTRINA CRISTÃ QUE OS
CATECÚMENOS APRENDIAM E RECITAVAM DE COR,
ANTES DE SEREM BATIZADOS

Cap. VII

NO Levítico 1 e em outro lugar lemos que, antes da vítima escolhida ser levada ao altar, devia aquele que a apresentava pôr suas mãos na cabeça entre os chifres. Acrescentam outros que esses chifres eram enfeitados de flores de junco-marinho (cujos espinhos, e não flores, foram postos na cabeça de Jesus Cristo, oferecido em holocausto sobre a cruz), e então os sacerdotes pegavam a vítima, e a lavavam num grande vaso de bronze chamado *Mar*. É uma representação dos novos catecúmenos, desejosos de serem lavados pelo batismo, e oferecidos diante do altar do Redentor. A primeira coisa que se exige destes catecúmenos é que ponham as mãos sobre a cabeça; as mãos são os hieróglifos das obras, e a cabeça a sede do espírito e do entendimento. A primeira coisa portanto necessária a estes noviços da Fé cristã é a operação do entendimento; quero com esta expressão dizer que eles sabem e entendem o que pretendem crer e prometer, e torcer os chifres da curiosidade e o próprio juízo dos orgulhosos possuidores das flores do junco-marinho, coroa dos deuses, por meio da obediência à revelação divina. Era o que pedíamos aos adultos antes de con-

Levit. I

**Aplicação deste
trecho do Levit.**

**I. Coisa exigida
destes catecúmenos**

ferir-lhes o batismo, e nenhum o conseguia sem primeiro conhecer bem isto, por ato obrigatório, a que deveriam também assistir os cristãos, ignorantes de sua fé e profissão,

DOCTRINA CRISTÃ

na língua dos *tupinambás* [nota 100] e em francês*
e em primeiro lugar a Oração Dominical

Ore-ruue vuac petê cuare,
Padre nosso, que estás no Céu,
y moe-tepoire derere-toico
santificado seja teu nome,
to-ure de reigne
venha a nós o teu reino,
teié-mognan deremimotare yboipé vaacpé iémognan eaue,
seja feita a tua vontade assim na Terra como no Céu,
oreremiu-aieduare eimé iury oreue,
dai-nos hoje o pão de cada dia,
de-eiuru ore yangaypaue resse,
perdoa nossas ofensas,
ore recomo-moçaré supè ore-ieuron eaue
como nós perdoamos aos que nos ofendem
moar-ocar humê yepé tecomemo-pupé
não nos deixes cair em tentação
oré pessuron peyepé mäe ayue suy.
mas livra-nos do mal.
Amém Jesus.

SAUDAÇÃO ANGÉLICA

Ave Maria, gratia, resse tonussen väe,
Eu te saúdo Maria, cheia de graça,

* Traduzido aqui para o português. (Nota desta edição.)

Deyron yandé yaré-reco
o Senhor está contigo,
ymonbeu katu pôire aue edereico kugnan suy
bendita és tu entre as mulheres,
ymonbeau katu pôire aue demeinboire Jesus.
bendito é o fruto do teu ventre, Jesus.

ORAÇÃO À VIRGEM

Santa Maria Tupan seu
Santa Maria Mãe de Deus
bé Tupan mongueta ore-yangaypaue vaë ressé
rogai a Deus por nós pecadores
cobu yran ore-requi ore-rumeué
agora, e na hora de nossa morte.
Amém Jesus.

O SÍMBOLO DOS APÓSTOLOS

Arobiar tupan
Creio em Deus
tuue opap katu mäeté tiruan
padre todo-poderoso
mognangare vuac
criador do Céu
mognangare ybny
criador da Terra
Jesus-Cristo tayre oyepé vac
em Jesus Cristo, seu filho único
abe Sainct Esprit, demognan pítan amo
que foi concebido do Espírito Santo
abé pôire oart Sainct Marie, suy
e nasceu da Virgem Maria
Ponce Pilate murruichaue amoseico sericomemo pôire amo

padeceu sob poder de Pôncio Pilatos, principal

yiuca poire amo yuira

morreu sobre o madeiro da cruz

ioasaue ressé

morreu

ymoiar ypoire ytemim buire amo

foi amortalhado e enterrado no sepulcro

ouue ieuue euue apeterpé

desceu aos Infernos

abé sui turiare mossa poire ressé me ouue ombueue sui. Secobè yereie-buire

ao terceiro dia ressurgiu dos mortos

oié upire vuacpé

subiu ao Céu

Tupan tuue opap-katu mäeté tiruan mognangare katu aue cotu seuu

está sentado à direita de Deus, seu Pai Onipotente

abé sui turiné ycobé vã omano vã poire paué recomognan

de onde virá a julgar vivos e mortos.

Arobiar Sainct Esprit

Creio no Espírito Santo

Arobiar Saincte Eglise Catholique

Creio na Santa Igreja Católica,

arobiar Saincte tecokatu demosaoc moroupé

creio na comunhão dos Santos

arobiar teco-engay paue ressé moroupé Tupan deüron

creio na remissão dos pecados por Deus

arobiar asè-recobé iebure

creio na ressurreição da carne

arobiar teiubé opauaerem eim-rerecoe nuame

creio na vida eterna.

Amém Jesus.

OS DEZ MANDAMENTOS

1º Ymoeté yepé Tupan

I Honra um só Deus

2º Aytè eretè netieume poire renoy teigné.

II Não jurarás em vão o nome de teu Deus.

3º Ymoeté dimanche are maratecuare eum aue.

III Honra e santifica o domingo, dia de repouso.

4º Ymoëtè deruue dessen eaue.

IV Honra teu pai e tua mãe.

5º Eparapiti humé.

V Tu não matarás.

6º Eporopotare humé.

VI Tu guardarás castidade.

7º Emonmaron humé.

VII Tu não furtarás.

8º Teremoen humé aua ressé.

VIII Tu não levantarás falso testemunho contra teu próximo.

9º Yemonmotare humé aua remerico ressé.

IX Tu não conhecerás a mulher de outrem.

10º Yemonmotare humè aua maë ressé.

X Tu não cobiçarás coisas alheias.

RESUMO DOS MANDAMENTOS DE DEUS

1º Opap katu maeté tiruan sosay asè Tupan rausuúé.

Sobre todas as coisas amarás a Deus.

2º Oie ausuue eaué asé uua pichare rausuue.

Ama teu próximo como a ti mesmo.

OS MANDAMENTOS DA SANTA IGREJA

1º Ave maratecuare ehumé messe renduue.

Ouve missa nos dias de festa.

2º Sei hu iaunion yemonbeu.

Todos os anos ao menos uma vez confessa teus pecados.

3º Tupan rare pacques iaunion.

Teu Deus pela Páscoa comungarás.

4º Iecuacuue iauion erecucuu.

Tu guardarás jejuns pela quaresma e vigílias.

5º Aiamion asé mäe moiaoc.

Pagarás os dízimos.

OS SETE SACRAMENTOS

1º Semongaraiue.

Batismo.

2º Asé seuvap aua reu assu yendu karaiue non.

Receberás na testa o santo óleo pela mão do bispo.

3º Asè-reon yanondé Tupan rare.

Antes de morrer receberás o corpo de Deus.

4º Asè-reon yanondé yendu karaiue rare.

Antes de morrer receberás os santos óleos.

5º Oyekoacuue, oyemonben.

Penitência, confissão.

6º Oyemo-auare.

Ordem.

7º Mendar.

Casamento.

.....

QUAL A CRENÇA NATURAL DOS SELVAGENS
A RESPEITO DE DEUS, DOS ESPÍRITOS E DA ALMA

Cap. VIII

O

Sal. 101 SALMISTA Rei Davi, no Salmo 101, que é uma oração por ele composta para os pobres e miseráveis, cheios de ansiedade e opressão, particularmente os infiéis, diz: *Placuerunt servis tuis*

São Jerônimo *lapides eius, et terrae eius miserebuntur.* “As pedras de Sião agradarão a teus servos; e, por esta causa, serão misericordiosas para com a Terra.” São Jerônimo transforma estas palavras desta forma: *Quia placitos fecerunt servi tui lapides eius, et pulverem eius miserabilem.* “Teus servos fizeram suas pedras agradáveis à tua majestade, até chegar ao pó miserável.” Apliquemos estas palavras ao nosso objeto, pondo de parte todos os outros mistérios, envolvidos naquelas palavras, e digamos que *Placuerunt servis tuis lapides eius.* Em nossa primeira missão achamos estes pobres selvagens e bárbaros como pedras próprias para

Disposição dos selvagens ao cristianismo

construir e edificar a Santa Igreja em terras desertas, e com o nosso ministério demos a misericórdia divina a algum punhado de terra e areia. Batizamos muitos meninos, moribundos e adultos, que são na verdade três grãos de areia, à semelhança da extensão e profundidade das areias do

mar, isto é, em comparação da quantidade e multidão das nações imensas em sua população na vizinhança do Maranhão.

Digamos depois, com São Jerônimo, *quia placitos fecerunt servi tui lapides eius, et pulverem ejus miserabilem*, que temos feito ver a toda a cristandade, e aos seus monarcas, espirituais ou temporais, em desencargo de nossa consciência, que a Deus agrada o despertar estes bárbaros do profundo sono de uma incredulidade ou, se quiserdes, que a Deus agrada fazer arder e queimar a pequena faísca do fogo da luz natural, que sob as causas de mil superstições é sempre guardada entre estas nações desde o naufrágio universal do Dilúvio.

Esta faísca, oculta sob as cinzas, entre estes selvagens, é a crença natural, que sempre tiveram de Deus, dos espíritos e da imortalidade da alma. Quanto à crença de Deus, é impossível, falando naturalmente, que haja no mundo uma nação tão rude, estúpida e brutal que

Toda nação acredita na existência de um Deus

reconheça universalmente uma Majestade Soberana, porque, como diz Lactâncio Firmiano, em suas *Instituições Divinas*, livro 1º, cap. 2º – *Nemo este enim tam rudis, tam feris moribus, qui non oculos suos in coelis tollens*, etc. “Não há homem tão rude, nem tão brutal,

Lac. Firm.

que levantando os olhos para o Céu, ainda que não possa compreender que haja Deus, qual seja a sua providência, embora não conheça da grandeza a extensão dos céus, do perpétuo movimento deles, da disposição, firmeza, utilidade e beleza destas abóbadas azuladas, que não reconheça haver um soberano que tudo isto conduz com toda harmonia.” Boécio, livr. 4º, da *Consolação dos Sábios*,

Livr. I. C. 2

Prosa 6ª *Omnium generatio rerum*, etc., “que a geração contínua dos mistos, a diversidade e ordem das formas, que vestem a matéria primitiva, convencem natural e necessariamente que há um primeiro diretor no movimento uniforme de tantas coisas de formas contrárias no sentido de aperfeiçoar este mundo universal”. Sêneca, na Epístola 92 a seu amigo Lucílio – *Quis dubitare potest mi Lucilli, quin Deorum immortalium munus sit quod vivimus?* “Quem é,

Sêneca Epíst. 52

meu amigo Lucílio, que duvida não ser sua vida um dom e benefício dos deuses imortais?” Aristóteles, Livro II *Dos animais*, depois que contou muito bem a perfeição deles concluiu: *Debemus inspicere formas et detectari in Artífice qui*

Arist. Liv. II da Hist. dos animais

fecit eas: “devemos contemplar as formas das criaturas, não para olhá-las só e simplesmente, e sim para delas passar ao que as fez a fim de nos regozijarmos”. É fato comprovado sempre terem tido estes selvagens co-

**Qual crença
sempre tiveram
os tupinambás**

nhecimento de Deus, porém não da Essência, Unidade, e Trindade, matéria inteiramente dependente de fé, embora Deus tenha deixado na natureza alguns vestígios, pelos quais possam os homens fazer algumas conjecturas. Aristóteles, livro 4^o, do *Céu e do*

Arist. Liv. 4 do céu

Mundo, depois de ter pensado muito nas qualidades deste mundo, disse *Nil est perfectum nisi Trinitas*. “Nada é perfeito senão a Trindade.”

Estes selvagens sempre chamaram a Deus *Tupã*, nome que dão ao *trovão*, à maneira do que se pratica entre os homens, isto é, têm as

**Tupã, nome
de Deus**

obras-primas o nome do autor. Note-se porém que este nome no singular não se aplica aos relâmpagos e trovões, que rebentam e iluminam todas as partes, por cima da cabeça

dos selvagens, aterrando-os, porque sabem e reconhecem que eles são formados pela poderosa mão d'Aquele que habita nos Céus. Por intermédio do intérprete informei-me dos velhos daquelas terras se eles acreditavam que este *Tupã*, autor do trovão, era homem como nós. Responderam-me que não, porque se fosse um homem como nós, seria um grande senhor, e como poderia ele correr tão depressa, do Oriente para o Ocidente, quando

**Resposta de
um índio notável**

troveja ao mesmo tempo sobre nós, e nas quatro partes do mundo, tanto na França, como sobre nós? Além do mais, se fosse homem, seria necessário que outro homem o fizesse, porque todo homem procede de outro homem. Ainda mais: *Jeropari* é o criado de Deus, e nós não o vemos, ao passo que todo homem se vê, e por isso não pensamos que *Tupã* seja um homem. Mas, repliquei eu, o que pensas que ele seja? Não sabemos, responderam, porém pensamos que existe em toda a parte, e que fez tudo. Nossos feiticeiros ainda não falaram com ele, pois apenas falam com os companheiros de *Jeropari*. Eis a crença de Deus, sempre pela natureza impressa nos espíritos dos selvagens, que contudo não o reconheciam por meio de preces ou dos sacrifícios.*

* No original, *sacrificies*, “sacrifícios”, e não “suplicios”, como trazem as edições que seguem a rigor a tradução de César Marques. (Nota 100. – Nota desta edição.)

Acreditavam naturalmente nos espíritos **Crença nos bons e maus espíritos** bons e maus. Chamam os bons espíritos ou anjos *Apoiauené*, e os maus ou diabos *Uaiupia*. Vou contar-vos o que pude colher de suas conversas por diversas vezes. Pensam que os bons espíritos lhes trazem chuva em tempo próprio, que não fazem mal às suas roças, que não os castigam e nem os atormentam, que sobem ao Céu para contar a Deus o que se passa aqui na Terra, que não causam medo nem à noite e nem nos bosques, que acompanham e protegem os franceses. Em oposição, crêem que os maus espíritos ou diabos estão sob o domínio de *Jeropari*, que era criado de Deus, e que por suas maldades Deus o desprezou, não querendo mais vê-lo e nem aos seus, pelo que odeia os homens e não vale nada; que os diabos impedem a vinda das chuvas em tempo próprio, que os traem na guerra com seus inimigos, que os maltrata, e lhes faz medo, habitando ordinariamente em aldeias abandonadas, especialmente em lugares onde têm sido sepultados os corpos de seus parentes. Ouvei também alguns selvagens dizerem que, indo apanhar cajus em algumas aldeias abandonadas, saiu-lhe ao encontro *Jeropari* gritando com voz medonha, chegando até o ponto de espancar muito alguns dos seus. **Moradia dos diabos**

Dizem também que *Jeropari* e os seus têm certos animais, que nunca se vê, que só andam à noite, soltando gritos horríveis, que abala todo o interior (o que ouvi infinitas vezes) com os quais convivem, e por isso os chamam *Soo Jeropari* “animal de *Jeropari*”, e crêem que estes animais servem aos diabos ora de homens ora de mulheres, e por isso nós o chamamos *Súcubos* e *Íncubos*, e os selvagens *Kugnam Jeropari* “a mulher do Diabo” *Aua Jeropari* “o homem do Diabo”. Há também certos pássaros noturnos, que não cantam, mas que têm um piado queixoso, enfadonho e triste, que vivem sempre escondidos, sem saírem dos bosques, chamados pelos índios *Uirá Jeropari*, “pássaros do Diabo” [nota 101], e dizem que os diabos com eles convivem, que quando põem é um ovo em cada lugar, e assim por diante, é o Diabo, que os cobre, e que só comem terra. Não esgotando minha curiosidade, procurei indagar bem a verdade disto: muitas vezes estes animais noturnos vinham rodear nossa casa de São Francisco e soltar seus gritos medonhos, quando as noites eram sombrias e negras. **Animais diabólicos** **Pássaros diabólicos** **Experiência**

Mantive-me alerta para, com outros franceses, correr rapidamente ao local onde estavam esses bichos assim que os ouvíssemos. Porém jamais conseguimos ver coisa alguma, ainda que os estívéssemos ouvindo naquele momento a mais de um quarto de légua. Disseram-me alguns franceses que eram uma espécie de gatos-bravos, mas isso é impossível por causa do som, do barulho e do volume do grito que ele solta. Outros disseram ser o vagido de *vacas-bravas*, o que os selvagens negam, mas sua opinião é que esse bicho fedorento é maior que uma raposa.

Quis eu mesmo verificar o que eram estes pássaros de *Jeropari*, e para isso fui caminhando de mansinho até onde meus ouvidos me le-

Outra experiência varam ao canto melancólica deles. Calculado o lugar, para lá fui no dia seguinte à tardinha, ainda cedo, ocultar-me nos matos perto do tal lugar, e desta vez não me enganei porque, apenas anoiteceu, aproximou-se de mim aquele pássaro maldoso e, distante apenas dois passos, agachando-se na areia, soltou seu canto medonho, que não pude aturar. Saí logo do meu lugar, fui onde ele estava agachado, mas não achei nada; sua forma e tamanho era de uma coruja da França de plumagem cinza. Tudo o que referi não está longe

União dos diabos com os animais do senso comum, porque lemos na História, e em diversos autores a união dos diabos com animais feios e imundos, e foi ele que desde o princípio do mundo tomou a forma de uma serpente cabeluda para enganar nossos primeiros pais. E a Sagrada Escritura lhe atribui a forma dos mais ferozes, monstruosos e horríveis animais dentre todos que vivem e rastejam sobre a face da Terra.

Crêem na imortalidade da alma: quando no corpo chamam-na *An*, e quando deixa este para ir ao lugar que lhe é destinado, *Anguere*.

Crença dos selvagens sobre a alma Crêem que só as mulheres virtuosas têm alma imortal, segundo o que pude compreender de vários discursos deles e de muitas perguntas que lhes fiz, pensando que estas mulheres virtuosas devem ser postas ao lado dos homens, visto terem todas almas imortais depois da morte. Quanto às outras mulheres eles duvidam que elas tenham alma. Pensam, e muito naturalmente, que as almas dos maus vão ter com *Jeropari*, que são elas que os atormentam com o próprio Diabo, e que vão residir nas antigas aldeias, onde foram enterrados os seus corpos. Pensam que as almas dos bons

vão para um lugar de repouso, onde se alegram para sempre, sem nada lhes faltar. Eis tudo quanto pude saber relativamente a estes três pontos de sua crença natural de Deus, dos espíritos e das almas, por meio de cuidadosas indagações entre relatos comuns, que ouvi por dois anos de uma infinidade de selvagens.

.....

DOS PRINCIPAIS MEIOS USADOS PELO DIABO
PARA RETER EM SUAS CADEIAS POR
TÃO LONGO TEMPO ESTES POBRES SELVAGENS

Cap. IX

ADONIBESEQUE, um dos maiores tiranos do mundo, venceu e subjogou setenta reis, aos quais mandou cortar os dedos das mãos e dos pés, e todas as vezes que queria comer, mandava buscá-los e pô-los debaixo da mesa como cães para roerem os ossos e os bocados de pão que lhes atirava, e era com isto unicamente que eles viviam, porque, acabada a refeição do tirano, passavam eles outra vez para os grilhões. Este tirano representava o Diabo, cujo poder sempre exerceu nas nações a ele sujeitas pela falta de fé, tendo-as sempre presas, não lhes concedendo outros víveres além dos restos, cortando-lhes todos os meios de ação e de fuga, alterando ou extinguindo as marcas que Deus naturalmente imprimiu nos homens, pelas quais podiam inclinar-se a Ele para deles ter piedade, que é o que o Diabo mais teme, o que é fácil de ver-se em nossos selvagens por longo tempo sem conhecimento algum de Deus Onipotente, presos em suas cadeias infernais pelos abusos e corrupções, que o Diabo lançou entre eles.

Indic. I

**Crueldade do Diabo
e seus ardis**

Eis por que São Paulo representava as artimanhas e tricas de Satanás a seus* novos Cristãos, pelo qual ele vai corrompendo os sentidos e sentimentos dos homens, para os desviar do verdadeiro caminho da virtude e simplicidade Cristã, e os fazer voltar na via antiga de Satã, cheia de corrupção e de multiplicidade: *Timeo autem ne sicut Serpens seduxit Evam astutia fue, ita corrumpantur sensus vestri, e excidant à simplicitate que esrin Christo*: mas o teme muito, que como a Serpente seduziu Eva pela sua astúcia, que mesmo vossos sentidos não se corrompem, e não deixam a simplicidade que é de Cristo.

I Cor. II

Liv. 14 e 19 dos seus mortos

São Gregório nos parece traçar e gastar ingenuamente os meios de Satã pelo qual ele seduz os selvagens do Brasil, e lhes há conferido nos seus discípulos, dizendo, *Intuetur inimicus generis humani unius cuiusque mores: cui vitio fñt propinqui, villa ponit ante faciem, ad que cognoscit facilius inclinamentem, vt blandis e latis moribus sapé luxuriam, nonnunquãm vanam gloriam, asperis verò mentibus, iram, superbiam, e crudelitatem opponit*. O Diabo inimigo do gênero humano olha atentamente as mazelas de cada um, e de qual vício eles estão mais perto, e se propõe na frente dos olhos com o qual ele fazia o espírito do homem ficar inclinado, aos que são de um humor suave e feliz, ele apresenta a luxúria àqueles que são de bom humor: e pela qual a tristeza desliza facilmente na sua cólera, ele presenteia aos melancólicos o pecado da discórdia, e por esta razão que os medrosos aprendem o suplicio, ele grava no coração de seus pacientes o terror e o espantoso, e por causa destas assombrações se espalha em louvor, eles os levam, por favor, suave e graciosos. Vejamos o seguinte, eu lhes peço ponto por ponto miseravelmente praticado nestas Nações Selvagens.

Primeiramente esse Satã esperto, tendo reconhecido que este Povo Tupinambá era de um humor muito feliz e alegre, por causa da proximida-

Primeiro grillhão da escravidão diabólica dos tupinambás

* A partir deste ponto até o final da pág. 280 é texto do exemplar da Biblioteca Pública de Nova Iorque (fólios 297 a 305), que não se encontra no exemplar de Paris e, conseqüentemente, também, na edição de Ferdinand Denis e na tradução de César Marques.

de do Sol sob o qual eles vivem, ele lhes amarra pelas delicias e volúpias da luxuria, não tendo esquecido nenhum tempero para segurar seus apetites sensuais e cobiça firmemente ligada a este pecado. Porque ele persuadiu que a nudez era natural, e deturpou, rasgou e arrancou a vergonha e o pudor do coração e dos olhos tanto das meninas quanto das mulheres: de forma que elas são triunfadas ao andar nuas sem nenhuma

Nudez cobertura vendo sua grande dificuldade de se cobrir: E portanto levava seu único adereço, pelo qual eles são altamente

Davi atraídos pelo pecado. Eu me refiro ao Santo Profeta David que tendo jogado os olhos sobre a nudez de Bersabee, caiu na fossa do adultério: tenho que confessar que não é uma pequena graça que Deus dá neste país aí, aqueles que são necessários, para procurar a salvação destas almas. Por que ainda que eu tenha reconhecido e falado a verdade, que vários honestos Franceses não caem em tais malogros: eu sabia também o que aconteceu a vários, de onde infere que esta nudez é o meio mais sutil que o Diabo tenha feito para segurar as pessoas em sua possessão. Ninguém pode morrer, que estas meninas vão nuas, é a culpa dos adornos, por que de todo o tempo, eles haviam tido a industria de fiar algodão, seja para fazer camas, seja para fazer cachecóis, nos quais eles levam as crianças em seu colo. Que os impediram de fazer qualquer espécie de cobertura para apertar sobre si na frente de sua vergonha? Isto então não vem de nenhuma pobreza, mas de um hábito perverso, que o Diabo plantou no meio deles, para lhes entreter entre os seus súditos.

Ele conheceu a nudez, a liberdade de prostituir, sem receber nenhuma taxa ou vergonha, que não é uma pequena es-

Perversidade perteza desta serpente, pois que nos vemos além, uma infinidade de meninas e mulheres sem conservam na integridade, por causa somente da desonra e da vergonha. Este remorso lhes sendo muito mais forte, nem que a morte corporal nem a morte eterna esteja bem perdida, quando elas viram sem vergonha. As historias são plenas de exemplos da força e da potência que o pudor sobre o sexo feminino, entre a gentileza, testemunha uma Lucrecia e seus semelhantes, e a experiência faz ver todos os dias depois que várias loucas e mal advertidas tendo esbanjado sua primeira honra, elas terminavam sua vida infelizmente, algumas se pendurando, as outras, se afogando, as outras se en-

venenando, e para evitar a desonra e lhes reprovar: E bem que o Diabo tenha potência de lhes fazer abandonar Deus, prostituir o seu corpo, terminar suas vidas malvadamente, se eles não podem ter a força de lhes fazer menosprezarem as suas desonras: o que tenha contudo ganho sobre estes pobres índios e índias.

É porque eu tinha freqüentemente experimentado e reconhecido que a maior dificuldade que nós tínhamos na conversão de adultos e idosos, se faria neste ponto da lascívia e nudez. Eu escutei vários Selvagens, o qual eu propus o Cristianismo, que se narra era o que deveria, para ser Cristão, que eles largassem suas mulheres, se livrando de uma, voluntariamente eles já teriam recebido o batismo. Eu vi meninas e mulheres jovens, Cristãs que não faltavam guarda-roupa para se cobrir, contudo elas não deixam de ir nuas, somente quando elas vão à Igreja, ou no nosso lar para nos ver. E por várias vezes nos as havemos repreendido que aquilo era indigno de uma Cristã de ir nua, elas não se obtiveram portanto, alegando esta desculpa, que as outras meninas e as mulheres zombam, e então uma grande vergonha produzia o menosprezo de uma maior vergonha. Coisa estranha que os homens e as jovens meninas tem muito horror: Nisto vocês vêem a operação do Diabo, o qual entorna tanto que ele pode, sabendo que a menina naturalmente deve ser mais envergonhada que o nome: Então este infeliz e cruel inimigo pode bem virar um veneno o melhor humor da humanidade, que é o humor feliz e alegre, para se servir de algemas e de ferro para segurar sob a tirania destas pobres almas Selvagens.

Em segundo, o Espírito Infernal não perdoou a nenhuma outra complexão dos Selvagens, adquirida a propriedade do **2º grilhão** lugar, no qual eles foram alimentando, sabendo, no meio dos **do Diabo** bosques e florestas, habitação que sobrecarrega geralmente o peso natural de um humor agressivo, áspero e bravo, e partia facilmente a se inclinar para a crueldade, vingança, como diz Santo Gregório abaixo. É aqui a mina onde o ferrageiro acostumado com o **Crueldade e vingança** mal puxou o seu ferro, para forjar as correntes e cadeados para reforçar a captividade dos Índios, quando eles tiraram todo o tipo de humanidade dos seus inimigos, e lhes fazer acreditar, que era o ato mais generoso que eles pudessem executar, que guardar a vingança contra os inimigos, comendo-os e devorando-os , tanto logo que uma outra

carne comum. Ato tão contrário, e oposto à humanidade e as leis do Soberano, que o simples relato distes de uma alma bem feita estremece e levanta os cabelos da cabeça.

Lembro-me a este propósito, que contemplando estas pessoas, revolvendo no meu espírito tal crueldade, eu só fazia o que eu deveria crer, os vendo homens e mulheres como nos, e ter pelo resto dito, boas complexões.

3. Este demônio capcioso soube abusar da paixão co-natural destes Bárbaros, a saber a timidez, a concorrência da crueldade dos primeiros portugueses, há mais de seiscentos e vinte

3º grilhão do Diabo anos, os quais contra a intenção e a vontade de seus

Timidez Reis, massacraram tanto e tanto do povo, que eles causaram

Medo dos portugueses nestas Nações geralmente um medo e uma raiva

imortal daqueles, ocasião única da condenação

de uma infinidade de pobres Selvagens, os quais, não era esta crueldade,

foram aproximada dos Pais de diversas Ordens, que acompanharam

os Portugueses, para adquirir o conhecimento de Deus, e a absolvi-

ção de seus pecados, e devagar fossem estabelecidos nestes quarteirões:

ou ao contrário eles criam azar mais furar as florestas desertas, errar

como vagabundo nos países desconhecidos, perseverando a sua igno-

rância, e se manter na captividade de Satã, que suportar o jugo tão bravo

destes primeiros Portugueses, tendo por axioma entre eles, que era im-

possível que o Deus dos Portugueses fosse tão bom, porque eles eram

tão malvados e maus. Este era o objetivo do Diabo, de persuadir os Bár-

baros esta falsa máxima para lhes segurar pra si. E não vos surpreendeis,

pois que era um meio pelo qual ele tem sempre, depois da vinda de Jesus

de Cristo, feito revoltar contra a obediência da Santa Igreja, tão grande

Fonte das heresias número de Heréticos, lhes botando na frente dos

olhos óculos pintados de várias cores, tão escandalosas,

que maus exemplos de ministros da Igreja, criando na sua boca uma

máxima, que fez sobre a língua dos Selvagens, a saber, como esta Reli-

gião pode ser boa, que tem tantos Padres Ruins, Religiões e Prelados?

Oh abuso! Oh ignorância! Avisando aqueles que tem tal discurso, que

lhes convém em enganação com estes Bárbaros, e se lembram que a

Santa Igreja é sem mácula, e sua doutrina toda pura, que não pode ser

estragada na sua integridade pela maldade e impiedade destes Ministros,

não mais que o bom grão da palha, e da pedra preciosa do lodo que lhe envolve.

Quem seria o homem tão ousado de falar mal do Cetro da Coroa Real, e procurar uma revolta contar aqueles, para ver alguns malvados na França: e no entanto estes me faz consciência de cuspir estes blasfemadores sobre a cidade que a Esposa de Deus, para o pecado dos valetes! Seria ofender a potência de Deus para dar aos Reis, de acusar o Rei de Portugal, e o Rei da Espanha, por causa das crueldades cometidas pelos soldados frente a estes Índios, para tanto que eles sejam advertidos eles levaram remédios, mas bem tarde: porque as Nações estavam em fuga, não obtendo isto, não deixou de salvar muitas almas Indígenas, que se mantiveram vizinhas das habitações Portuguesas, e a persuasão, e sob a proteção dos RR. PP. Lefuites, os quais haviam dado um aviso de saudação ao Rei, que incorreram para este efeito a desgraça de vários capitães e soldados, porque eles faziam enviar vários Índios, capturados injustamente sob a dominação daqueles.

E como nos havíamos descido até aqui, eu contarei a História de um Pai Lefuite, Índio de nação, saí- **Jesuíta indio** do de seu Colégio batizado, nestas terras do Brasil, alguns anos antes que nos fossemos ao Maranhão, a fim de ir ao mesmo lugar converter os Tupinambás, e dar aos mercadores Franceses uma boa soma de deniers que deveria levar a ele, para lhe fazer sair da Ilha. Ele levou com ele vários jovens Índios, convertidos e batizados, dos quais nós temos ainda dois na Ilha do Maranhão, um chamado Sebastião, e o outro Gregório, os quais casaram-se com as filhas dos Principais, Sebastião a filha de *Iapy-ouaflon*, Gregório a filha do mais antigo d'*Usaap*, e estas duas jovens homens nos apóiam muito a conversão de seus semelhantes. Este pai Lefuite, como me hão contado, vira até a montanha de Camoufly, aonde eles, haviam flechado e matado os habitantes do lugar, e logo toda a sua companhia se salvou como pode, e seu companheiro com eles: indo de lá pra cá, e estes dois jovens homens souberam pegar o caminho da Ilha. Eu duvido que ele não foi bem vindo, não por respeito, mas pelo respeito dos portugueses, entre os tupinambás, tanto o desgosto é grande e o horror que o Diabo inseriu **Ódio dos selvagens aos portugueses** dentro de seus corações (na perda de várias almas) dos nomes dos *Peros*.

Por isto nos podemos ver a bela abertura feita sob o nome dos *Caraíbas*, quer dizer, os Franceses, que toda a Nação Brasileira gosta

Abertura ao cris- e preza, para retirar estes povos da dura e longa tirania
tianismo sob do *Giropari*, Porque o que os Portugueses não podem
os franceses adquirir, e empregassem toda a sua indústria e mercadorias, os Franceses não adquirindo, sem gastar nada, sabendo, a doçura, e a vontade subjetiva, que estas pessoas aceitam ordens do Rei dos Franceses: e em seguida, o desejo que eles tem, de reconhecer Deus, a ser lavado no Batismo. Isto não vale a pena de empregar alguma coisa, quando não haveria a saudação de tantas almas, a menos que elas não podem ser privadas.

Os soldados de Holofernes, vendo a beleza de Judite, diziam

Judite 10 a seu Coronel Holofernes pela admiração e encorajamento de melhor fazer: *Quis contemnat populum Hebraorum, qui tam decoras mulieres habent, et non probris merito pugnare contra eos debeamus?* Que é aquele que menosprezará no presente o povo Hebreu, que possui tão belas mulheres, que eles combatem valorosamente contra ele, a fim de adquirir para si suas mulheres? Não há nenhuma comparação entre a beleza corporal de uma mulher, e entre a excelência de uma alma: como nos satisfazemos a Deus, que nos convida a adquirir em nova Igreja sem golpe para ferir? Não é do meu cargo de tomar conta do Temporal, e nada prometer a este, senão para tanto que eu pude reconhecer, mas pelo que toca a saudação destas almas, ele me fará perdoar se eu convidado cada um a contribuir: e não é tanto mais que todo o tempo que eu estive, eu reconheci seu jeito de uma coleta queixosa.

Parece-me que estas palavras de Jô me ressonam nas orelhas:

Jó 18 *Quare reputati sumus et iumented, & forduimus coram vobis?* Por que nos temos a reputação de jumentos, e somos sujos na frente de vossos olhos? Belas palavras e a propósito, para amolecer o coração o mais duro a ter compaixão destas pobres pessoas; que vão em massa e

Vatable em grande pilha no Inferno, falta de um pouco de socorro.

Vatable usa as palavras dessa forma: *Quare stupidi e & polluti sumus coram vobis?* Tenho graça, por que nos somos estimados de estupidez, ignorantes, incapazes e poluídos? Nós somos criaturas de Deus, Tanto quanto vocês? Se Deus por piedade, vos tem chamado para o seu conhecimento, e vos tem enviado da Judéia seu socorro, por que negais

a caridade Cristã o dever que lhes é próprio, de prestar a mão um ao outro para se salvar da captividade de Satã, e dilatar o Reino de Jesus Cristo? Rabbi Moses, e Rabbi Davi. *Quare clausi sumus in culis vestris?* Vocês não têm nenhum pouco de piedade e de ternura no coração, de nos ver muito perto do Reino dos Céus? E vocês poderiam nos ajudar, sem lhes incomodar, a entrar.

Rab. Moses

Rab. Davi

É algo digno de admiração, o fato de que os fundadores do Cristianismo, nestas partes do Mundo antigo, encontrasse todo tipo de discordância, nos países onde iam, por parte dos povos que desejavam converter, enquanto que neste novo mundo, especialmente nesta parte do Brasil, não há qualquer resistência dos povos para com os franceses ou para que recebam a religião católica apostólica romana. Rezo a Deus para que interceda.

**A religião cristã
fácil de introduzir
no Brasil**

.....

DOS MINISTROS DE SATÃ, QUE O AJUDARAM
A MANTER ESTES POVOS SOB SEU DOMÍNIO

Cap. X

N

O LIVRO 2 da “Divinação”, Cícero conta que Catão o Grande espantava-se ao ver que áugures e adivinhos riem

Livro 2 da Divinação ao encontrarem-se, pois, dizia ele, um conhece o ofício do outro e sabe das artimanhas pelos quais seduzem o povo. Se este homem sábio surpreendia-se com os enganadores de seu tempo, valendo-se de trapaças para ganhar seu lucro, mais justa* razão tínha-

Artimanha dos pajés mos nós ocasião de admirar a forma e a maneira de proceder dos pajés ou feiticeiros, que ocupam entre os selvagens o lugar de mediadores entre os espíritos e o resto do povo, e são os que hão adquirido maior autoridade por suas fraudes, sutilezas e abusos, com que têm subjugado esta gente mui fortemente sob

o reinado do inimigo da salvação, como está escrito no *Provérb. 29* *vérbio 29 – Princeps qui libenter audit verba mendacii, omnes ministros habet impios* “o Príncipe, que prestar ouvidos à mentira, é servido por ministros ímpios e maus”. Pondo de parte a explicação literária desta

* Aqui se conclui o trecho iniciado na página 273, inexistente na edição de Ferdinand Denis, e, conseqüentemente, nas edições em português, que nela se basearam. (Nota desta edição.)

passagem, nós a aplicamos ao nosso fim dizendo que este príncipe, que presta atenção à mentira, ou para melhor dizer, que é o pai da mentira, é o Diabo inimigo da verdade: seus oficiais abusam do povo por meio de invenções, sutilezas e encantamentos provenientes da instigação dos demônios, como são os feiticeiros brasileiros, e com tal autoridade se conservam sem a menor contestação, embora conheçam os enganos, que reciprocamente empregam contra seus compatriotas.

Estes feiticeiros não têm chefes, porém tornam-se tais se os favorece a capacidade de seu espírito, de sorte que os que o possuem melhor são considerados mais hábeis. Começam muitos a aprender este ofício convidados pela honra e lucro, que dele colhem os mais expertos da feitiçaria porém poucos atingem à perfeição. Não encontrareis muitas aldeias onde os principais e os velhos não confessem saber alguma coisa dele. Os noviços dessa arte estudam muito para se vangloriarem e de si mesmos dizerem-se maravilhas e praticarem uma esperteza diante de seus semelhantes para obter fama por seu desempenho. Seu adiantamento depende de algum acaso, como por exemplo se predizem a chuva, e ela aparece, se sopram algum doente e eles recobram a saúde; isso os faz muito estimados e respeitados como feiticeiros experientes. Por exemplo, sem comparação, se o acaso quisesse tanto que além disso algum médico novo ou cirurgião cuidasse de um doente desesperado ou de alguma chaga pertinaz, mas que recobrasse a saúde, não tanto pela ação do médico novo ou cirurgião, e sim pela boa natureza coadjuvada por unguentos comuns, não há dúvida que tal cura seria atribuída à ciência e experiência dos curadores, e se aproveitariam disto para fazer voar sua fama pelas grandes cidades, e serem recebidos com muita distinção nas boas casas. O mesmo acontece no Brasil com estes novos feiticeiros, quando o enfermo se restabelece depois dos seus sopros. Não receies que isto fique reservado só para a casa do doente, porque o feiticinho sai de aldeia em aldeia contando suas proezas, e triplicando-as.

O Diabo, espírito soberbo, não se comunica indiferentemente com todos os feiticeiros; porém escolhe dentre eles os mais belos espíritos, e neles infun-

Hábitos dos pajés

Como chegam a este ofício

Com quem, entre eles, o Diabo, se entretém

de de mistura suas invenções com suas espertezas. Julgai por isto: nunca vereis os diabos fazerem grandes operações e comunicações aos pequenos feiticeiros; limitam-se apenas a dar-lhes malícia conforme o juízo e talento do seu espírito. Se pelo contrário encontram algum belo espírito, eles o instruem largamente de suas perversas e condenáveis ciências, assim como são ordinariamente os necromantes, astrólogos e magos. O

Pajés medíocres mesmo acontece aos feiticeiros: achareis muitos deles pequenos, dos quais não se faz grande caso, e nem se tem muito medo, valendo-lhes pouco o ofício; outros, mais instruídos, e os medíocres, que ocupam o lugar médio entre os pequenos e os grandes. Ordinariamente levam sua botica para cada aldeia de que eles se encarregam e assim como o local designado, convocando os habitantes do lugar, cuidando de doenças e de outras coisas que dependem do seu ofício. Se algum colega seu aparece em sua área, não ficam contentes, mas quando é convidado algum dos grandes, eles devem ter paciência.

Quanto maiores progressos fazem nos abusos, mais graves se mostram: falam pouco, buscam a solidão, evitam o **Modo de fazer dos grandes feiticeiros e a honra que se lhes fazem** mais que podem as outras pessoas, com o que alcançam mais honra e respeito, são mais procurados depois dos principais, que lhes falam com reverência, tal como é comum naquelas terras, e ninguém os provoca. Para conservar tais honras edificam suas casas à parte, longe de vizinhos. O Demônio ardiloso lhes ensina o que a disciplina religiosa pratica, isto é, o necessário para conservar o espírito de Deus, fazer sua alma capaz de visitas e consolações, para o que é necessário amar a solidão e nela residir, evitando cuidadosamente o mais possível a companhia dos homens, com o que não somente adquirireis favores espirituais, mas também a honra e o respeito daqueles que evitaís. A compleição dos homens é **Natural da honra e da sombra** semelhante à da honra e da sombra: se correis após elas, elas fugirão diante de vós; se as evitaís, elas correrão atrás de vós. Assim são os homens: sede com eles familiares, e sereis desprezados; fugi deles, sereis respeitados.

Da mesma forma, este velho Doutor de malícia ensina os seus principais discípulos a evitar comunicações, fazer-se de introspec- **Pajés solitários** tivos e melancólicos, a afastar do pensamento novas invenções e fantasias, a residir sós com suas famílias a fim de poder me-

lhor induzir os meios pelos quais quer conservar estes povos na ignorância e superstição, regozijando-se de ver tantas nações presas em suas cadeias. Não é de hoje, e nem nesta nação somente, que ele inverte os exercícios da verdadeira religião, mas de todos os tempos e em todos os lugares, porque não pode ser autor, e sim falso imitador do verdadeiro bem.

O Diabo imita falsamente a religião

Assim como a serpente se oculta debaixo das folhas verdejantes para picar o lavrador, assim também ele oculta seu veneno e sua falsa religião sob a aparência somente de uma imitação das obras de Deus.

Dizem Plínio e Solino que Cerasto, serpente mortífera, se cobre de areia deixando apenas de fora os chifres a fim de enganar os pássaros com a idéia de ser alimento conveniente para sua nutrição, e quando se aproximam, ela sai da emboscada e os apanha.

Plín. Liv. 8. C. 23 Solín. C. 30

O Gênese compara o Diabo com esta serpente *Cerastes in semita* “Ceraste no caminho”. Vemos isto praticado em nossos selvagens, nutridos e entretidos com tais engodos, que eu não acreditaria se os não visse, e se o leitor duvidar, peço-lhe que creia no que vou contar-lhe.

Gênese 42

Estes pobres selvagens são tão enlouquecidos quando estão com seus feiticeiros, especialmente os grandes, que crêem firmemente que eles podem enviar doenças, fome e tirá-las quando lhes aprouver, e embora saibam dos próprios feiticeiros que todos eles são embusteiros, não julgam poder curar-se sem que passem pelas mãos de outro.

Louca crença dos índios no tocante aos seus pajés

Se algum francês adoce nas aldeias, seu com-
padre e sua comadre lhe pedem permissão para que os feiticeiros o visitem, o bafejem, e o toquem com as mãos. O que diríeis vós, se eu vos dissesse que, vindo visitar-me muitos selvagens, quando adoeci, me pediram muito afetosamente licença para me trazerem seus feiticeiros a fim de me bafejarem, e apalparem-me, sem o que, asseguravam-me, eu não ficaria bom.

Exemplos

O grande *Thion* caiu doente [nota 102], apenas chegou do *Mearim* ao Forte de S. Luís, pensou, e por muito tempo acreditou ser a doença devida à ameaça do maior feiticeiro da sua terra, que pretendia seduzir e impedir esses povos *mearinenses* de virem à Ilha, e não deixava

de tentar convencer muitos a com ele ficarem nas florestas do *Mearim*. Tinha ameaçado *Thion* com a morte apenas chegasse ao Maranhão, o que não aconteceu porque depois de uma febre violenta ele recobrou a saúde; contudo, enquanto esteve doente, pensou morrer, por maiores que fossem as nossas advertências de que não devia acreditar naqueles feiticeiros.

Se estes pequenos e medíocres feiticeiros gozam de autoridade entre os seus, gozarão muito mais aqueles que se chamam propriamente *Pagy-uacu*, “grandes feiticeiros” [nota 103], porque são, como os soberanos de uma província, muito temidos, chegando a tal poder por muitas espertezas; de ordinário têm comunicação tácita com o Diabo. Por onde passam, seguem-nos os povos; são graves e por isso não se comunicam facilmente com os seus; são muito bem acompanhados quando vão a qualquer parte, e têm muitas mulheres, não lhes faltam mercadorias, julgam-se felizes seus semelhantes quando os presenteiam e com uma feitiçaria tiram aos seus compatriotas o melhor que possuem em suas caixas. Eles escondem muito bem seus **Zombarias dos** dis, diante dos selvagens, e além do mais zombam deles, **pajés para** e muitos me contaram os meios que empregaram para **com seu povo** isto, o que ainda direi em lugar próprio.

Japiaçu e o grande feiticeiro de *Tapuitapera* tiveram entre si uma querela e desafio. O grande feiticeiro mandou saber se ele já não se lembrava mais das moléstias que outrora lhe enviou, e de que pensou morrer a ponto de lhe pedir as afastasse, e se hoje ele já não temia que elas voltassem? Estas palavras impressionaram *Japiaçu*, que julgou-se feliz de ter a amizade dele. A questão fora por causa de uma mulher retida por força; esta história, porque este grande feiticeiro falou isso para *Japiaçu*, merece ser contada por ter relação com o assunto de que tratamos.

Adquiriu o grande feiticeiro de *Tapuitapera* em sua província e circunvizinhança fama e autoridade de um perfeito mágico, que a seu bel-prazer distribuía moléstias e mortes, assim como, em oposição, curava e dava saúde a quem quisesse e por isso alcançou em sua terra o grau de soberano principal, dispondo de todos à sua vontade. *Japiaçu* mofava e zombava de tudo isto, o que, sabido pelo outro, levou este a dizer que brevemente *Japiaçu* experimentaria em si mesmo se ele tinha ou não poder de fazer bem ou mal a quem quisesse. *Japiaçu* não levou isso

a sério, mas a fortuna fez que ele caísse doente naturalmente. Pensou ser sua moléstia devida ao grande feiticeiro de *Tapuitapera*, apesar da existência do mar entre uma e outra província, e pela força da imaginação agravou-se sua moléstia a ponto de o julgarem à morte. Todos os feiticeiros e feiticeirinhos da Ilha o visitaram, porém nenhum lhe deu saúde, até que, por fim, escolheu as melhores mercadorias que tinha e humildemente mandou-as ao feiticeiro seu desafeto, pedindo-lhe pelos mensageiros seus parentes que desse ordens à moléstia para deixá-lo. Tomando as mercadorias, o feiticeiro lhe mandou não sei que teriagem para ele tomar, garantindo-lhe cura em breve tempo. *Japiacu* acreditou, principiou pouco a pouco a passar melhor, temendo daí em diante o feiticeiro, que contudo entre os seus zombava dele, e firmava sua autoridade sobre ele.

Ora como é possível, direis vós, que apareçam e desapareçam as moléstias por força da imaginação e apreensão destes selvagens a respeito das ameaças ou dos favores de seus feiticeiros?

Quão forte é a imaginação na causa da doença ou na cura

Decida a medicina. Contudo, responderei à pergunta com os exemplos mui comuns, dos *Hipocondríacos*, ou doentes imaginários, os quais embora sãos, e bem conservados, julgam-se débeis e fracos, pensando cada um sofrer uma moléstia diferente. Fechando este capítulo, eu vos faço notar que se julgam uns grandes feiticeiros, por fazerem mal; e outros grandes feiticeiros por praticarem o bem.

.....

COMO O DIABO FALA AOS FEITICEIROS DO BRASIL,
SUAS FALSAS PROFECIAS, ÍDOLOS E SACRIFÍCIOS

Cap. XI

DIZ Santo Agostinho que o Diabo, insuflado por sua soberba, quis ser obedecido como Deus, imitando com falsidade em tudo e por tudo o proceder de Deus, especialmente em seus oráculos – *Diabolus est Angelus per superbiam separatus a Deo, qui in veritate non istetit, et doctor mendacii, etc.* “o Diabo é um anjo separado de Deus por sua soberba, que não quis persistir na verdade fazendo-se assim doutor da mentira”. Vendo que Deus falava outrora a seus profetas por diversos modos, e a seu povo entre duas figuras de querubins postas sobre a Arca da Aliança, quis também em todos os tempos ter falsos profetas, com os quais consultava seus desgraçados projetos e seus falsos oráculos proferidos entre diversas figuras por meio de uma operação secreta dos demônios que habitam naquelas terras, tanto sob a figura de uma serpente como de um touro ou de um mocho ou gralha, de uma pirâmide, estátua e assim por diante. Adivinhavam esses falsos profetas o futuro, não por espírito profético, visto não ter o Diabo tal poder, e sim por experiência de muito tempo, junto à sutileza de seu espírito, que os faz pressagiar coisas futuras pelo que vê nos homens e

nas coisas, como bem diz Isidoro: *Doemonēs triplici acuminē proscientiāe vigent, scilicet, sublimitate naturae, experientia temporum, revelatione superiorum potestatum*, “possuem os demônios três sutilezas para prever o futuro: finura por natureza, experiência de tempo, e revelação de poderes superiores”. Deixando de parte a experiência tão antiga dos seus procedimentos para com a gentildade, quero fazer-vos ver o que aprendi de verdadeiro a tal respeito, visto que o Diabo tem sempre enganado, e ainda hoje engana estes pobres selvagens por seus oráculos e predições.

Lib. I de Suma

O feiticeiro de que já vos falei, recolhido aos campos do *Mearim*, tinha em casa diabos sob a figura de pequenos pássaros negros, que o advertiam do que devia fazer e do que se passava na Ilha e em outros lugares. Quando quis ir ao *Maranhão* revelaram-lhe estes pássaros, por ocasião de andar passeando nas suas roças, que cedo chegariam os *tapuias* e destruiriam seu milho e suas raízes, mas que nenhum mal sucederia nem a ele, nem aos seus; e assim aconteceu, porque, vindo os *tapuias* de mansinho para surpreendê-lo, ouviram grande matizada na casa do feiticeiro, e por isso não se animaram a atacar, receando superioridade de defensores, contentando-se com carregar os milhos e raízes, e assim se foram. Estes mesmos pequenos pássaros, ou os diabos sob tal forma, ordenaram a este feiticeiro que fosse à Ilha do *Maranhão* fazer suas feitiçarias e convidar os que quisessem deixar a Ilha para vir aí residir, devendo desembarcar no porto de *Tapiruçu*, isto é, na aldeia dos animais gordos, numa das extremidades do *Maranhão*, sendo-lhe absolutamente proibido aproximar-se do lugar onde moravam os padres, o que cumpriu pontualmente. Nunca pôde vir aí nos ver, apesar de toda a segurança que lhe prometíamos. Dizia que seus espíritos nos temiam, e se desobedecesse a eles, suas roças ficariam por fazer, não trabalharia mais, e perderia a autoridade que tinha entre os seus, que seus espíritos lhe haviam aconselhado retirar-se do *Maranhão* antes de nós lá chegarmos a fim de continuarem a viver com ele tão pacificamente como até hoje. Estes e outros fatos contava ele aos habitantes de *Tapiruçu*, que em parte lhe prestavam crédito, pois nessa ocasião muitas mulheres atiravam-se aos seus joelhos, chorando e gritando, pedindo-lhe para que não deixasse as suas terras, e nem fosse para *Yuiret*, onde estávamos,

Diabos particulares dos pajés profetizam coisas futuras

Maldade e temor dos diabos principalmente porque lhe fora isso proibido pelos píritos, e se fizesse o contrário aconteceria algum mal a ele. Considerai, leitor, a maldade, e o temor destes demônios, maldade, tanto quanto lhes for possível impedir que os homens cheguem à luz da verdade, ficando sempre obedientes à escuridão das trevas da ausência de fé. É próprio da malícia fugir da claridade com medo de serem descobertas suas maldades, e sua autoridade destruída. O temor, que eles têm, dos servos de Deus, em cuja presença não se podem sustentar, assim como o mocho diante dos raios do sol, e os sapos à vista da flor e cheiro da vinha, mostra quão grande é o poder de Deus, dado à sua Igreja contra a potestade do Inferno. Prossigamos.

Dois principais feiticeiros governavam duas nações de *tabajaras*, inimigas uma da outra, das quais abusavam dizendo que tinham repetidas conferências com os diabos tomando a figura de diversos pássaros. O feiticeiro do lado de *Thion*, mau e desgraçado (que nunca quis vir

Um pajé mantém o Diabo sob a forma de morcego que lhe pressagia coisas à Ilha, e que dela desviava seus semelhantes o mais que podia), criava em sua casa um morcego, a que chamava *Endura*, que lhe falava com voz humana em língua dos *tupinambás*, algumas vezes tão alto que podia ser ouvido a seis passos de distância, não distinta, porém confusamente e com timbre de criança. Respondia-lhe o selvagem ficando só em sua casa, porque despedia a todos quando percebia que ele lhe queria falar.

Quando os nossos lá foram a fim de preparar os selvagens a sair do seu país para a Ilha, instigou-se a curiosidade de alguns franceses, que tinham ouvido dizer maravilhas deste feiticeiro, e pediram a seus compadres que lhes dissessem o que percebessem do colóquio do feiticeiro com o morcego, e para isso aproximaram-se de mansinho da morada dele com a intenção de distinguirem as palavras trocadas entre os dois, mas foram descobertos pelo feiticeiro, e o morcego retirou-se. O feiticeiro chamou-os sem zangar-se, fê-los entrar em sua casa, e perguntou-lhes o que queriam e por que estavam a escutar? Responderam-lhe os franceses que tinham ouvido dizer os selvagens seus semelhantes que aí havia uma comunicação visível e familiar com *Jeropari*, que dela desejavam ver alguma coisa, e eis por que se tinham aproximado, e ouvido distintamente duas vozes, a sua e uma outra, mais doce e

clara. É verdade, disse ele, eu falava agora com o meu morcego, que me veio dizer maravilhas e grandes novidades, como sejam guerra em França, e que os *caraibas* do Maranhão não estavam onde pensavam, que de nada me assustasse, e ficasse com ele nesta terra não acompanhando à Ilha meus compatriotas, que aqui não ficaríamos muito tempo, porque os franceses regressariam à sua pátria, e que muitos selvagens de *Tapuitapera* tinham fugido para o mato. Perguntaram-lhe os franceses como ele criava e sustentava este morcego. Respondeu que um dia seu espírito, enquanto ele estava só, lhe disse que daquela hora em diante lhe falaria sob a figura de tão feio animal, e que por isso lhe havia preparado um quarto em sua casa, onde dormiria e descansaria, comendo todo tipo de carne que ele mesmo comesse, e quando quisesse falar-lhe, que ele o ouviria e responderia; que este espírito também quando quisesse comunicar-lhe alguma coisa de novo o chamaria por seu nome, e com ele falaria na casa ou no bosque, e mandou o feiticeiro fazer-lhe um ninho para recolher-se, e com ele sempre falava sob a forma de morcego. Dizendo isto mostrou um dos cantos da sua casa, onde estava o ninho feito de folhas de palmeira, aí disse, vem ele comigo conversar, discorremos como dois iguais, e come o que lhe dou.

Últimas guerras na França conhecidas do Diabo em Mearim

Não posso deixar de notar as particularidades seguintes: 1. Por que o Diabo antes quis tomar a forma de um morcego do que a de outro qualquer pássaro? 2. Como o Diabo imita a voz humana? 3. Da verdade destas novidades em França, e como é possível que saiba o Diabo o que se passa no mundo? 4. Por que razão comia carne? 5. Da localidade por ele escolhida para discorrer com o seu mágico.

Para satisfazer a 1ª dificuldade, dizemos que o axioma dos filósofos – *todos procuram seus semelhantes* – é uma verdade provada quer nas coisas físicas, quer nas sobrenaturais, porque o Diabo, que por sua soberba se fez espírito imundo, busca de ordinário tomar as formas mais horríveis e imundas, que pode ser, para comunicar-se com seus bons servos e amigos. Bem sei o que disse S. Paulo: *Ipse enim Satbanas transfiguratur se in Angelum lucis* que “Satanás, transformado em camaleão, para seduzir os simples, toma a forma de um anjo de luz”, isto é, reveste-se de belas figuras, ou profere boas palavras para melhor fazer

Porque o Diabo se manifesta sob a forma de animais imundos

3. Cor. II

seu jogo. As bonitas formas de mulheres e moças, que ele toma para melhor atrair os homens luxuriosos, não têm outro motivo senão o

**I. P. Q. 60 ar 4
adz**

desejo de chamar a si os indivíduos conforme sua inclinação. Diz S. Tomás que por este motivo não pode o Diabo odiar naturalmente os anjos felizes, porque tem par-

**Duas inclinações
dos diabos**

te na natureza deles, sendo impossível amá-los em relação à justiça dos anjos, e injustiça dos diabos. Desta conclusão deduzo duas inclinações dos demônios: uma natural com que amam as coisas belas, ou pelo menos não as podem odiar, e a outra é proveniente da culpa e da soberba com que procuram coisas imundas e abomináveis, e não podem proceder de modo diferente porque gostam da perversão do apetite, por culpa do ensinamento da natureza. Assim dizemos, em língua vulgar, que o Diabo horroriza-se das torpezas e maldades, que leva o homem a praticar por suas instigações, o que entenderis conforme a distinção da natureza e a culpa do Diabo.

Eis uma das principais causas por que este cruel Belzebu toma a figura de morcego, a que acrescento outra, tirada de uma propri-

**Porque ele toma a
forma de morcego**

idade peculiar aos morcegos, qual a de estes maus pássaros noturnos, muito mais horríveis e maiores do que os da França, procuram as pessoas que estão deitadas e dormindo em suas camas [nota 104] e lhe arrancam um pedaço de carne e depois lhe chupam muito sangue sem que a vítima desperte, porque têm a propriedade de conservar o homem adormecido enquanto lhe chupam o sangue; achando-se fartos deixam-no, continuando o sangue a correr, e por isto a pessoa fica fraca e anda com dificuldade muitos dias. Melhor escolha não podia fazer Satanás para representar sua natureza e crueldade porque anda à noite, e sob as trevas da ignorância e por serem infíéis procura os homens adormecidos e se delicia nas suas carnes, tirando-lhes a inclinação natural que têm para com Deus, e procura meios de sugar à sua vontade o sangue, instrumento da vida, as afeições e paixões dos seus cativos para torná-los fracos e impotentes em fazer o bem e procurar sua salvação.

A 2ª dificuldade é a imitação da voz humana pelo Diabo, não

**Como o
Diabo imita
a voz humana**

tendo ele órgãos e nem língua para fazê-lo. Sua palavra é apenas a manifestação de seu desejo e vontade quando fala aos outros diabos, seus companheiros, e aos homens

pelas impressões fantásticas que fazem as suas imaginações. Contudo nos ensina a Santa Escritura que ele serviu-se da língua da serpente para seduzir nossa primeira mãe, o que Deus permitiu porque não pode nada sobre a criatura enquanto fraca e indigente, sem licença de Deus, e com ela pode criar um corpo no ar, e manifestar suas afeições e desejos na língua que quiser. Nós vemos a criatura possuída pelos discursos de Satanás em várias línguas desconhecidas. Ponho de lado mil outros modos, pelos quais manifesta seus desejos aos feiticeiros, por não ser nosso propósito.

Reparamos em terceiro as notícias, que deu **Livro sobre a natureza dos demônios** dos motins havidos em França, isto é, desta última leva de soldados, e como isso pode ser feito. Direi, com Santo Agostinho, que os demônios excedem em ligeireza todo o corpo existente na máquina do mundo, nada havendo que possa competir em velocidade com eles. Em 24 horas fez o primeiro móvel este grande curso em torno das abóbadas inferiores, espaço superior aos cálculos dos matemáticos, de tal modo que em uma hora vence não sei quantas mil léguas. Calculai agora a ligeireza destes espíritos, que em poucos momentos giram ao redor do universo, sabendo e vendo o que por ele se passa, e conjecturando o que se pode predizer das coisas futuras: se tão ligeiros fossem os correios, a cada hora receberíamos notícias de todas as partes.

Em quarto, usava de carne, dado o caso de ser verdadeira a existência deste morcego, de que o Diabo se servia, e portanto tinha necessidade de nutrir-se, **Como o Diabo se alimenta** e se fosse apenas parte da imaginação, e por conseqüência não tinha nenhuma necessidade de carne para viver. Não obstante tudo isto, sempre tem sido costume do Demônio comer e beber aparentemente em companhia de seus mais dedicados oficiais, imitando assim o exemplo dos anjos bons do Antigo Testamento, que comiam com Abraão, Ló, Tobias e outros.

Em quinto o lugar procurado por este espírito, isto é, os bosques, o oco das árvores, ou o recanto de alguma casa solitária, nos faz ver a inclinação que têm estes espíritos rebeldes a fazerem, como os condenados, suas moradias em lugares escuros e desertos, tristes e melancólicos, te- **Porque o Diabo exige lugares ocultos**

mendo, se assim se pode dizer, a luz criada e a doçura da harmonia. Acha-se isto como prova na pessoa de Saul, possesso, aplacado pelo som da harpa de Davi. Asmodeu foi preso pelo anjo Rafael no fundo do deserto, e Satanás acorrentado pelo anjo do Apocalipse nos poços dos abismos. Este pobre, possuído de legiões diabólicas, que Jesus Cristo livrou, dia e noite morava nos sepulcros dos defuntos. Fingiam os antigos que Cérbero, tirado do Inferno, apenas viu a brilhante luz do sol principiou a vomitar Aconite, até que lhe foi permitido regressar às suas cavernas tenebrosas. Diga-se isto em relação ao feiticeiro da aldeia do grande *Thion*.

Quanto ao *Pagiaçu*, das aldeias de *Farinha molhada*, preveniu aos seus, alguns meses antes, da chegada dos franceses, que logo chegavam os *caraibas*, trazendo-lhes mercadorias, sendo para notar que ignoravam a presença dos franceses na Ilha do *Maranhão*. Diante desse aviso vestiram-se uns de camisas e outros de diversas roupas que restavam do tempo em que os franceses viviam com eles. Assim vestidos iam importunar as aldeias de *Thion*, e para assustá-los lhes disseram: “entregai-vos a nós, porque os franceses estão conosco; olhai as roupas que nos deram”. Estas palavras intimidaram muito *Thion* e os seus, que pensavam em fugir quando os enviados dos franceses chegaram lhes assegurando do contrário e dizendo que os franceses viriam até eles, tão logo mandassem suas embaixadas à Ilha. Por isto podeis ver quão o astucioso Satanás dava poderes a estes *pagis*, fazendo-lhes prever coisas futuras. Sua astúcia porém não é tão grande, relativamente à predição, porque via o esforço dos franceses visitando os povos vizinhos, e também o desejo e a resolução de ir procurar essas nações, onde se achassem, e portanto este bom criado advertiu seu senhor.

Os diabos usam de outra maneira de falar e de comunicar-se com os feiticeiros daquelas terras, a saber, fazem um buraco na terra, dentro de casas longínquas, os feiticeiros deitam-se de bruços, metem a cabeça no buraco, fecham os olhos, perguntam aos demônios o que querem, e do fundo do buraco estes lhes respondem. Este uso era muito trivial na gentildade, e deixando as histórias profanas vou referir-me ao que está escrito no livro 1º dos Reis, cap. 28, quando Saul foi

Presságio de outro feiticeiro

Outro modo de comunicação entre os diabos pajés

I. Reg. 18

consultar a feiticeira de Endor, a qual, curvando-se em terra, metendo a cabeça e o rosto num buraco, fazendo suas invocações, gritava: *Deos vidi ascendentes de terra* – “Vi deuses subindo da Terra”. Não é sem fundamento que ela gritava e servia-se destas palavras: “Vi deuses.” A menos que estas feitiçarias não tivessem poder e força para fazer aparecer alguns diabos, quis Deus que a própria alma de Samuel acudisse à sua palavra a fim de profetizar a última desgraça de Saul, que em suas necessidades havia recorrido aos adivinhos e feiticeiros.

Soube de alguns franceses, moradores na aldeia de *Usaap*, que um feiticeiro de lá era mui respeitado e temido pelos selvagens, por ser geral a crença de ele falar com toda a liberdade com o Diabo, da maneira já dita, e por isso não se atreviam a aproximar-se da casa dele quando viam a porta fechada, desconfiando que ele estava tratando e comunicando seu negócio ao seu demônio. Havia também na Ilha uma velha feiticeira que guardava-se muito em segredo. Era mui apreciada pelos selvagens e procurada especialmente nas moléstias incuráveis; quando todos os feiticeiros já não sabiam o que haviam de fazer, ela era convidada e trazida com segurança, porém sempre oculta. Um dia, segundo o que me disseram alguns franceses, ela veio a *Usaap* para fazer uma cura, já sem esperança, e, antes de começar fechou-se numa casa, isolada no meio da praça da aldeia, e aí fez suas invocações e feitiçarias diabólicas sobre o corpo do enfermo, fazendo aparecer visivelmente o seu demônio. Os franceses, que isto me contaram, tiveram desejos de espiar o que esta feiticeira fazia, porém os selvagens os impediram o mais que puderam, asseverando-lhes serem perigosos e maus os espíritos desta mulher, de forma que na noite seguinte torceriam o pescoço de quem os espiasse. Os franceses zombaram e foram de muito boa vontade a essa casa, com grande admiração dos selvagens, que os consideravam muito atrevidos e presunçosos, e fazendo um buraco na parede de palha viram os gestos da mulher e notaram não-sei-quê de monstruoso ao redor dela, não podendo distinguir-lhe a forma; e assim se retiraram.

Enquanto estive doente, muitas pessoas me falaram desta desgraçada criatura com grandes elogios e estima, como infalível em dar saúde aos que lhe pediam. Bem podeis calcular se me agradavam tais palavras. Falaram-me também de certos

Exemplo

Outra maneira de consultar o Diabo

feiticeiros daquelas terras, que habitavam em choupanas nos bosques, onde iam consultar seus espíritos. Na verdade, é freqüente na Ilha e nas

Choupana feita para o Diabo terras vizinhas que os feiticeiros batizavam pequenas choupanas de palha em lugares longínquos nos matos; aí colocam pequenos ídolos de cera ou de madeira em for-

Ídolos ma humana [nota 105], uns menores e outros maiores, porém os maiores não medem mais que um côvado. Ali em certos dias vão eles levando consigo fogo, água, carne ou peixe, farinha, milho, legumes, penas de cor e flores. Destas carnes fazem uma espécie de sacrifício a esses ído-

Sacrifícios insensatos los, queimam resinas de bom aroma, enfeitam-nos com penas e flores, e aí se demoram muito tempo sozinhos; crê-se que era a comunicação destes espíritos.

Crescia este mau costume e estendia-se às aldeias vizinhas de *Junipará*, onde morava o Reverendo Padre Arsène, a ponto de ele encontrar estes ídolos de cera na vizinhança dos bosques e algumas vezes nas próprias casas. Livrou-se deles por meio de exorcismos, que fez em sua capela contra estes diabos tão insolentes como atrevidos, e depois

Presunção do Diabo não ouvi mais falar nisto. Considerai agora a presunção de Satanás, que em todos os lugares, e em todas as nações, quando pode, se faz conhecido por alguma espécie

de adoração e sacrifício por saber que nenhuma religião pode ser boa ou má, sem alguma espécie de representação da coisa adorada. Eis por que ele inventou os ídolos em lugar das verdadeiras imagens que Deus mandou levantar no tabernáculo, e depois no templo de Salomão. Em vez dos verdadeiros sacrifícios, que Deus estabelecia na sua lei, procurou este espírito soberbo ter altares e sacrifícios de toda a espécie de animais e frutos da terra. Conquanto esta nação de selvagens não tivesse perante o público algumas cerimônias de religião, nem preces e nem orações, apesar disso em particular estes feiticeiros serviam ao Diabo, como já disse.

Crença dos selvagens em espíritos perturbadores Para acabar este discurso, direi que estas pessoas acreditavam em espíritos particulares, até mesmo os franceses. Vou dar-vos exemplos.

Exemplo Quando o senhor de la Ravardière, depois da guerra dos *Carapins*, regressava do *Pará*, advertiu-lhe uma mulher que fora resolvida a sua morte, bem como a de todos os franceses e *tupinambás*, que o acompanhavam, pelos selvagens da aldeia onde estava alojado.

Fez-se tudo quanto foi possível para descobrir a verdade, porém todos negaram e nada confessaram. Fizeram crer aos selvagens daqueles lugares que no relógio de algibeira, que o senhor de la Ravardière trazia, havia um espírito escondido, que dava movimento ao que se via por dentro e por fora, e que revelava aos franceses as coisas mais secretas. Fez-se vir o chefe, ao qual se disse que se o ponteiro do relógio que o dito Senhor portava chegasse a tal ponto do quadrante, que o espírito falaria a verdade, e por isso acrescentaram: leva-o contigo e guarda-o até o ponteiro chegar aí e vem antes do nosso espírito e conta-nos tudo. Pegou o relógio e levou-o para sua casa, e vendo que ele caminhava sempre para diante, acreditou facilmente no espírito dos franceses, que imprimia tal movimento, e não esperou que chegasse ao fim prescrito, voltou, contou tudo e restituiu o relógio.

O capitão de um navio de guerra deu-nos uma bela imagem, tomada de um navio português, que ia para Pernambuco. Por acaso mandei guardar essa imagem, na hora em que a recebi, numa das caixas que tinha em nosso quarto, e nesse mesmo momento vieram muitas mulheres índias à nossa casa, e vendo a imagem muito bem esculpida, pintada com diversas cores sobre fundo de ouro, admiraram-se e não queriam entrar, dizendo: *Y anaëté asse quege seta?* “que coisa nova é esta que nos olha tão vivamente? Ela nos faz medo”. Fi-las entrar dizendo-lhes que não tivessem medo, e que era uma imagem de servos de Deus. Admirei-me de vê-los imediatamente prostrados a seus pés chorando sua boa vinda, e depois me perguntaram de que carne ela gostava para irem buscar. Ri-me de tal simplicidade, e coloquei a imagem na capela de São Francisco.

**Outro exemplo
mui agradável**

Coisa igual aconteceu a um *tabajara*, muito simples, ao ver à porta da capela de S. Luís um belo crucifixo, que dentro estava. Não me foi possível fazê-lo entrar na capela, e ele dizia ao meu intérprete: “Ele me olha vivamente, está vivo sem dúvida, tenho medo de entrar não sendo batizado porque me faz mal.” Fizeram o mesmo muitos outros, porém tomando o crucifixo em meus braços, fiz-lhes ver que ele era de madeira, representando com tal forma o que Jesus Cristo por nós sofreu. Eis o resultado da superstição, como eu já disse, que entre eles semearam seus feiticeiros, tanto a respeito de seus ídolos, como de seus espíritos.

Outro exemplo

.....

DE ALGUMAS OUTRAS CERIMÔNIAS
DIABÓLICAS PRATICADAS PELOS
FEITICEIROS DO BRASIL

Cap. XII

SENTIRIA muito este príncipe se deixasse intacta alguma coisa no serviço de Deus, sem procurar imitá-la falsamente, e sem buscar introduzi-la no culto supersticioso de sua soberba. Outrora, Deus no Antigo Testamento instituiu as águas da Purificação, feitas e compostas de diversas matérias e diferentes cerimônias, conforme o fim e objeto a que se destinavam, tanto para purificar os homens, os vasos, e os utensílios do Templo, como os vestidos, as casas e todos os móveis. Por imitação este demônio instituiu as águas lustrais, das quais se serviam os pagãos para diversos fins, bem como os judeus, lavando e aspergindo com elas os homens antes dos sacrifícios, os utensílios dos templos, dos ídolos, as casas, os vestidos e móveis dos infiéis. Vejamos se esqueceu-se esta desgraçada serpente de iludir nossos selvagens com tais superstições.

Quando outros exemplos não pudéssemos produzir além do já referido no Tratado do Temporal, das nigromancias praticadas pelo feiticeiro, vindo dos campos do *Mearim*, bastava só esse para demonstrar claramente as loucuras e abusos, que semeara este antigo enganador entre os povos, em relação ao nosso fim. Como soube, da própria boca

dos feiticeiros, de muitas particularidades que faziam para iludir estas gentes, não quero privar o leitor de as conhecer.

É costume dos *Pagis-naçus* celebrarem em certa época do ano lustrações públicas [nota 106], isto é, purificações supersticiosas por aspersão de água sobre os selvagens, ainda que tudo dependa de sua imaginação, fazendo a capricho tais oblações, contudo de ordinário enchem com água grandes potes de barro, proferindo em segredo algumas palavras sobre eles, deitando também fumaças de *Petun*, e misturando também um pouco de pó da casa em que se acham, punham-se a dançar, e depois o feiticeiro toma um ramo de palmeira, mete dentro do pote, e com ele asperge os presentes. Feito isto, toma cada um a porção de água que quer nas *cuias*, ou tigelas de madeira, e com ela lavam a si e aos filhos.

Pacamão, grande feiticeiro de *Cumã* [nota 107], contou-me um dia que fazia sair água da terra, com que lavava estas gentes, com grande admiração de todos os bárbaros, que viam sair tão fresquinha essa água do meio de sua casa, e a tomavam como se fosse **Exemplo** milagrosamente enviada pelos espíritos; mas o astucioso tinha enchido de água um grande pote e meteu-o na terra fazendo sair água dele por meio de tubos ou canais, ou tabocas, que se encontram em abundância no Brasil, e desta forma iludia todos.

Aos gentios tinha o Diabo comunicado muitas idéias errôneas a respeito das águas, das fontes, e dos regatos. Numas habitavam ninfas e noutras deusas; estas faziam uma coisa, e aquelas, outras; umas eram perigosas e enganadoras, outras agradáveis e sinceras; umas sagradas, e outras profanas. Quando os selvagens vêem certa espécie de lagartos, parecidos com os venenosos de diversas cores, correr para a água, acham que essa fonte é perigosa às mulheres, e que *Jeropari* bebe nela. Sabendo desta superstição, para livrar-me do incômodo e importunação que as mulheres me davam vindo lavar-se na fonte do nosso lugar de São Francisco, fiz correr o boato de que lá havia sardões, e depois disto nenhuma se animou a aproximar-se, exceto as escravas do Forte, que não tinham licença de banhar-se na fonte e assim tive o prazer de mandar murá-la e fechar à chave, a fim de conservar a água sempre limpa. Esta superstição leva-os ao ponto de fazê-los acreditar que estes lagartos atiram-se às

**Superstições
observadas em
fontes e rios**

mulheres, adormecem-nas, e gozam-nas, ficando grávidas, e parindo lagartos em vez de crianças. Eis por que, quando mandei espalhar tal boato, vinham as escravas do Forte em bandos, armadas de cacetes, de facas, e de outros instrumentos iguais para se defenderem, diziam elas, daqueles lagartos, o que motivou muito riso a nós outros, os franceses.

Além das águas de lustrações e diabólicas abluções praticadas por estes feiticeiros, eles têm uma maneira particular de comunicar seu espírito aos outros, isto é, por meio da erva de *Petun* introduzida num caniço, de que eles puxam a fumaça, lançando-a sobre os circunstantes ou soprando-a mesmo na cana, exortando-os a receber o seu espírito e a virtude dele. Parece que este cauteloso dragão quer com tal cerimônia falsa imitar Jesus Cristo quando deu seu espírito aos Apóstolos e o seu poder aos seus sucessores para transmiti-lo aos iniciados nas ordens sagradas. Assim se lê em São João: *Insufflavit et dixit eis, Accipite Spiritum Sanctum*: “Soprou sobre eles, e lhes disse: Recebei o Espírito Santo.” Donde estes

Cap. 20 feiticeiros tirariam esta cerimônia satânica, se o Diabo não lhas tivesse mostrado? Achando-se sempre fechados nesta grande e vasta prisão do Brasil, sem comunicação alguma com o Velho Mundo, não podiam aprendê-la de outra nação. Estes bafejos lhes são muito particulares, como cerimônia necessária para curar os enfermos, porque vós os vedes puxar pela boca, como podem, o mal, dizem eles, do paciente, fazendo-o passar para a boca e garganta dele, inchando muito as bochechas, e deixando sair delas de um só jato o vento aí

Bafejos e atrações contido, causando estampido igual ao de um tiro de pistola, e escarrando com grande força dizendo ser o mal, que haviam chupado, e fazendo o doente acreditar nisso.

A este respeito o senhor de Pesieux e eu passamos um dia alegre na aldeia de *Usaap*. Um pobre moço selvagem estava muito atormentado pela cólica da terra. Veio um destes feiticeiros

Exemplo exercer sua extração do espírito sobre o seu pequeno ventre, fazendo muitos trejeitos, e retraíndo-se por diversas vezes vendendo-nos prestar muita atenção, e apesar de todas aquelas aspirações e atrações, o doente continuava a gritar. Veio o feiticeiro depois procurar-nos trazendo na mão dois ou três pequenos pregos e nos disse: “eis o que tirei do ventre dele, cujos intestinos estão cheios disto, é preciso

tirá-los um por um. Porque se os tirar em grande quantidade, eles rasgariam suas tripas e lhe esfolariam a garganta. Convenceu a este moço, que não parava de gritar, que lhe tinha tirado do ventre aqueles pregos. Se as casas de lá fossem cobertas de ardósia, penso que meteria na cabeça daquele rapaz ter ele comido as ripas e os pregos; mas não sendo comuns entre eles pregos de ferro, não sei como pôde iludir e persuadir os assistentes com tal loucura. Poderia referir muitos outros exemplos semelhantes, porém bastam-me estes ao meu fim.

Ora se é coisa digna de admiração ver a malícia do Espírito Infernal em tudo quanto acabamos de dizer até aqui, muito maior deve ser o nosso espanto pelo que vou dizer, isto é, pela existência da confissão auricular entre os selvagens. Nada digo que não **Falsa imitação da** tenha ouvido da boca de *Pacamão*, de outros selva- **confissão auricular** gens e dos franceses. O grande *Pagy*, na sua província de *Cumã*, ia visitar, quando lhe aprazia, as aldeias do seu domínio, ordenando que todos fossem confessar-se com ele, especialmente as mulheres e as **Exemplo** moças, e quando encontrava alguma que se recusava a dizer tudo, ele a ameaçava com o seu Espírito, que as havia de atormentar, e tinha muita argúcia para reconhecer se ocultavam ou não alguma coisa. Dava-lhes depois não sei que espécie de absolvição, e contava tal ação de uma ou de outra, e apesar de tudo isto sempre exerceu seu ofício de confessar até nossa chegada. Pensai, eu vos peço, quem lhe poderia ter ensinado esta maneira de confissão auricular, de ameaçar os semelhantes, no caso de ocultarem alguma coisa ao seu Espírito, que os castigaria e que os absolveria se tudo confessassem?

.....

DOS SINAIS MANIFESTOS DA RUÍNA
DO DIABO NO MARANHÃO

Cap. XIII*

O SALVADOR do Mundo em S. Marcos, antes de subir à direita de seu Pai, encarregou a seus Apóstolos e discípulos de irem pelo universo converter os infiéis assegurando-lhes por certos indícios e sinais a próxima ruína do império dos demônios, a saber: *Signa eos qui crediderint haec sequentur: In nomine meo demonia eiciunt, linguas loquentur novis, serpentes tollent, et si mortiferum quid biberint, non eis nocebit. Super aegros manus imponent et benè habebunt.* “estes sinais seguiram os crentes, em meu nome expelirão o Diabo, falarão novas línguas, desviarão as serpentes, e se beberem algum veneno mortífero nada sofrerão.” Eles aporiam as mãos sobre os enfermos, que se recuperariam. Para bem entender-se estas palavras, convém notar com os padres e doutores, que foram postas literalmente em prática pelos primeiros cristãos, quando na primeira idade da Igreja era preciso combater a obstina-

* Notação de capítulo inexistente no exemplar da Biblioteca Pública de Nova Iorque, e certamente na de Paris, que a edição de Ferdinand Denis respeitou. (Nota desta edição.)

ção dos judeus e a louca sabedoria dos gentios. Mas desde que a fé foi estendida por todo o universo, e que foi por todos condenada a pertinácia dos judeus e tida por vaidade a sabedoria humana, não foi mais necessário observar literalmente estes sinais na conversão dos incrédulos e sim unicamente a prática alegórica e mística. Eis o que desejamos mostrar neste capítulo ter-se feito todos os dias no *Maranhão*.

Primeiramente ele disse: *In nomine meo doemonia eiicient*: “em meu nome eles expelirão os demônios”. Nos dois anos que estive no *Maranhão*, vi isto cumprido por diversas formas, por que os diabos fizeram aparecer realmente o medo e o temor que tinham do nome de Deus, procurando por todos os meios embarçar nossa missão, já persuadindo seus feiticeiros mais fiéis a ordenar às nações sobre que tinham poder de não se aproximarem de nós, já infundindo-lhes terror com o sinal-da-cruz e excitando-os a arrancar os que existiam, dando maus exemplos com ridicularizar o que santamente ensinávamos a estes bárbaros, intimidando por muitas vezes os habitantes do *Maranhão*, *Tapuitapera*, *Cumã*, *Caietés*, *Pará* e *Mearim* e fazendo-os fugir para os matos e lugares desconhecidos com receio de serem presos e tornados cativos pelos franceses ou pelos portugueses. Finalmente mostrou-se tudo de forma diversa, porque quando julgávamos tudo perdido, foi quando Deus mostrou o poder do seu nome, conservando não só estes selvagens junto de nós, mas também fazendo que eles se tornassem dóceis e obedientes a sua palavra e que desprezassem seus feiticeiros e o poder do Diabo, fazendo fugir *Jeropari*, com o nome de Deus, e a ablução de Jesus Cristo. Vou mostrar bons exemplos.

Lembrar-vos-eis do que acima vos disse tanto dos **Exemplo** feiticeiros dos campos do *Mearim* e das habitações de *Thion*, como da maneira por que os diabos manifestavam o temor que tinham das cruzes que plantávamos em nome de Jesus Cristo, e de nós seus fiéis servos; quando alguns de seus principais me diziam que estes feiticeiros não quizeram vir com eles, eu lhes perguntava a razão, e eles me respondiam: porque *Jeropari* tem medo de *Tupã*.

Acaiuí, principal do *Mearim*, de quem falaremos **Exemplo** mais de espaço, veio-me pedir licença para fazer sua casa perto da minha, não querendo ficar com os outros no *Forte*, dizendo-me entre outras razões que tinha para isto ser porque *Jeropari* não se

atrevia a aproximar-se do lugar em que habitávamos visto termos vindo justamente para repeli-lo.

Exemplo *Pedro Cão*, selvagem batizado em Dieppe havia muitos anos, dizia a mim e aos senhores de la Ravardière, de Pesieux e a outros quando o interrogávamos a respeito de sua fortuna na guerra, que Deus sempre o livraria de mil perigos porque era cristão, e fazia fugir o Diabo apenas chegava numa aldeia, e que seus semelhantes mostravam-se seguros, quando em companhia dele, não temendo *Jeropari*.

O mesmo pensavam os habitantes de *Tapuitapera* a respeito dos novos cristãos, julgando que eles perseguiam e faziam fugir *Jeropari*, mostrando-se à vontade por isto quando tinham esses cristãos em suas aldeias. Isso me foi contado com freqüência tanto por Martin François Índio, quanto pelos franceses. Servindo-nos destas crenças, embutíamos no espírito dos catecúmenos como ponto de fé que, logo que eles fossem lavados, adquiririam poder contra os demônios e nunca mais deviam temê-los.

Corre voz geral em todas estas terras que os diabos são espíritos maus, que temem os *pajés* e os *caraibas*, isto é, os padres e todos os que são batizados. Recorda-me que falando mil vezes **Difamação dos demônios** desta matéria aos selvagens, eles me disseram: *Jeropari yporiassuassequeçera*: “o Diabo está agora pobre e miserável, tem muito medo e já não é atrevido como era”. *Jeropari ypochu, Tupan Katu*: “o Diabo é mau, cruel e nada vale, porém Deus é muito bom”. Que desejaríeis mais para o complemento deste primeiro sinal e segurança da ruína total do Diabo? São os próprios diabos que confessam temer o nome de Jesus Cristo, as armas de sua paixão, e até os seus servos, dissuadindo seus mais íntimos amigos de se aproximarem de nós, abalando céus e terra a fim de embarçar-nos, e movendo tudo para inutilizar nossos esforços, enfim caíram de ventas no chão, e chegaram ao fim de suas astúcias. Os que outrora os temiam, hoje os desprezam; enfim só nos resta continuar as obras começadas.

2. *Linguis loquentur novis*: “falarão novas línguas”. De fato, os nossos selvagens do Maranhão falam uma linguagem inteiramente nova, pois ninguém de nossa missão, a não ser aquela vista por esse **A nova linguagem dos selvagens** *Maratá* antigo, isto é, um dos Apóstolos de Jesus Cristo de quem falarei mais adiante, ensinou-lhes a

falar como falam agora, a saber: na profissão do cristianismo recitando o símbolo dos Apóstolos *Arobiar Tupan*, etc., a dirigir-se a Deus por meio da oração dominical *Oreruue*, etc., a encaminhar suas vidas e ações segundo os mandamentos de Deus *ymoeté jepé Tupan*, etc., e, conforme os mandamentos da Igreja, *Are maratecuare ebumé*, etc. “Lavar e fortificar suas almas pelos Santíssimos Sacramentos.” *Iemongaraiue*, etc.

É por certo falar linguagem nova, quando discorrem sobre os mistérios da nossa fé, como sejam a unidade da essência em Deus e a Trindade das Pessoas; que o Filho de Deus tomou um corpo no ventre da Virgem; que ele fosse morto, ele que é o autor da vida; que os maus vão para o Inferno; que todos os homens ressuscitarão em corpo e alma, indo depois cada um para o lugar de sua sentença; são estes contudo os discursos diários dos feiticeiros, que só falam em matar, comer, assar e secar a carne dos inimigos, e nas suas incontinências, libertinagens e loucuras. Admirar-se-á muito quem pensar em tal mudança entre os bárbaros, que somente sabem o que lhes ensinou a natureza.

Crêem os judeus que os Apóstolos saíram de um túnel bem cheio de vinho e de carne, e viram que os gentios de diversas nações davam sinais de entender o que pregavam, e que os Apóstolos por sua vez também entendiam suas questões e demandas sobre o que eles ensinavam. Também vos disse que os selvagens ficavam muito admirados, perdidos quando viam seus semelhantes, batizados, discorrer em sua língua sobre coisas elevadas, profundas, e tão novas como as que conhecíamos por seus intérpretes, e diziam uns aos outros: como é que esta gente fala também de *Tupã*, como os padres lhes têm ensinado tão belas coisas, quais as que nos contam; como nossos filhos sabem mais do que nós, nossos pais, e mais remotos antepassados, que embora tenham vivido muito nada nos contaram como fazem os padres; por necessidade falaram com Deus.

Em terceiro lugar, *serpentes tollent*, “eles desviaram as serpentes”. Que são essas serpentes do Brasil, que com sua língua e cauda envenenam estes povos? Não são todos os grandes e pequenos feiticeiros, que envenenam suas nações? A fé de Jesus Cristo é **Feiticeiros** como a cegonha, que purifica o lugar, onde estão as **desprezados** serpentes venenosas. S. Paulo, na ilha de Malta, atirou ao fogo a víbora que o prendia pelo dedo. O dedo dado por Jesus Cristo aos Apóstolos é o poder do Espírito Santo, que de ordinário busca agentes naturais doce-

mente, sem constrangimento, para dispor o objeto a receber uma nova forma pelo banimento e ruína de outra forma contrária. Estas víboras, arremessadas ao fogo, são os ministros de Satanás, que o Espírito Santo expele para tornar a nação cheia de abusos suscetível de aceitar o Evangelho e de conhecer a Deus. Se eu disser que me parece ter o Espírito Santo, em relação a estes feiticeiros do *Maranhão*, feito um grande milagre, que nunca fez para com os sacrificadores do paganismo, creio ser

Feiticeiros des- bem recebida a minha opinião, porque, além de dois ou
josos de batismo três feiticeiros, todos os grandes só desejam ser batiza-

dos; ao contrário, raras vezes estes sacrificadores do Diabo na gentildade esposavam o cristianismo. Por isso podíamos dizer que as serpentes venenosas, que arrastam seu peito na terra, tornam-se

Isa. 14 pássaros voadores no elemento do ar, conforme a profecia de Isaías: *De radice colubri egredietur Regulus, et semen eius absorbens volucrum*: “da raiz da cobra sairá o basílico, e a semente do basílico

Vatable engolirá o pássaro”; é como Vatable interpreta [nota 108]: *De radice serpentis egredietur Regulus, et fructus eius, cerastes volans*: “da raiz da serpente sairá o basílico, e o seu fruto será uma cerasta voadora”.

Para entender esta passagem convém recordar-se do que escrevem os naturalistas, a saber, que as cobras grandes e grossas geram

Origem das o basílico quando comem um sapo; porém o basílico
serpentes voadoras procura galinhas brancas, com que se unem, pondo

elas ovos, que enterram na areia ao ardor do Sol, e deles saem serpentes que voam. Nada dizem, que eu não tenha vivenciado no *Maranhão*, conforme me diziam e pensavam os selvagens, e aconteceu-me por duas vezes que uma galinha branca que eu tinha pusesse dois ovozinhos redondos como um damasco, e depois ela mudou o seu canto e diziam que ela estava louca. Disseram-me então os selvagens que infalivelmente o basílico nos matos a tinha coberto, pelo que convinha matar, quebrar e queimar os ovos, para evitar a morte infalível de quem os comesse: se se deixasse os ovos sem queimá-los, deles sairiam serpentes voadoras, que não era a primeira vez que isto acontecia, e então todas as galinhas mudam de canto e não param num lugar. Apliquemos isto ao nosso fim, e digamos que a antiga cobra é Satanás, Príncipe dos Demônios, os basilicos são os diabos destacados nas províncias por Lúcifer para seduzir o mundo; as serpentes são seus ministros,

como sejam os *Pagys* ou feiticeiros do Brasil, que desejam adquirir asas para mudar de elemento da terra para o ar, deixar seus velhos e abomináveis costumes de arrastar o peito em seu execrando e diabólico serviço, e aproximar-se do Céu, como o resto dos índios pela ablução ou lavagem de seus antigos pecados pelo Sacramento do Batismo.

Estas serpentes, tão perseguidas no Brasil, são esses desgraçados costumes, e abomináveis pecados que eles cometem, como sejam as vilanias, raivas e vinganças, já descritas amplamente noutra parte.

Em quarto lugar: *Et si mortiferum quid biberint non eis nocebit*: “e se bebem algum veneno mortífero, não lhes fará mal”. O verdadeiro veneno que as almas engolem é a falsa doutrina que o Diabo instila nos ouvidos dos novos cristãos. Vós o achareis em muitos exemplos do próprio século dos Apóstolos. Certos sedutores iam corromper os indivíduos sem malícia, e apenas bebiam eles a poção de *Aconite*,

**Falsa doutrina e
superstição banida
do Maranhão**

sentiam-se aflitos, impressionados em sua alma, e abalados em sua fé; porém o Espírito Santo mencionado no Gênese: *Spiritus Domini, ferebatur super aquas* “o Espírito do Senhor é levado sobre as águas do caos”, isto é, ainda não purificadas e nem límpidas, ou como querem dizer os outros, *Incubabat aquis*, deitava-se sobre as águas do caos para dele tirar as belas pombas, como fingiam os poetas, os ovos de Tétis, cobertos pelo pombo branco, ou o Cisne, de que saíram Castor e Pólux, ou então *fuebat aquas*, aquecia essas águas ainda frias. O Espírito Santo, digo eu, desculpa mais facilmente a fragilidade e fraqueza destes novos cristãos, mas não as dos antigos crentes. Assim vai adejando sobre as águas desviadas do verdadeiro caminho pelos maus discursos daqueles que têm a alma mal conformada, vai chocando os ovos abandonados pelo Pai e Mãe, almas recentemente lavadas, porém separadas da presença daqueles que as têm lavado. Aquecidas essas águas geladas pelo sopro do pernicioso Áquilon, não quer que o veneno bebido lhes dê a morte, conduzindo-as ao regaço de sua mãe, e entre os braços dos que, depois de Deus, os geraram espiritualmente em Jesus Cristo para obrigá-los a vomitar o veneno do seu coração, e tomar o alimento salutar, pelo qual se fortaleceram para resistir de ora em diante a todos os choques.

Gênese

**Novos cristãos re-
confirmados pelo
Espírito Santo**

Passou-se isto no Brasil, como aconteceu no tempo dos Apóstolos, onde um certo número de novos cristãos de *Tapuitapera*, seduzidos por más palavras de um certo personagem, metade deles se desouveram e renunciaram ao Cristianismo; porém nós cuidamos deles com todo o zelo. Assim fizeram os nossos superiores, que redobraram de cuidados para remediar este mal levando para aí tudo quanto julgaram necessário, e por isso essas novas plantas, fanadas por brisa gelada, adquiriram seu antigo vigor e florescência, e tornando a vê-los no Forte de S. Luís, procuramos animá-los a ficarem firmes e constantes na profissão do Cristianismo, e ordenamo-lhes de não se separarem de Martin François, aí nosso sufragâneo. Sentia-se o Diabo cercado por todos os lados, e os seus negócios pioravam de dia para dia. Nesta época em que estou escrevendo, espero que os padres que por lá andam lhe dêem terríveis combates, e que seu reinado vá de decadência em decadência, até sua total ruína; porque antes de eu deixar a Ilha, via e experimentava a disposição geral e universal da conversão daqueles povos [nota 109], especialmente dos meninos.

.....

AS CRIANÇAS DO BRASIL DARÃO CABO DO REINADO DE
LÚCIFER, E COMEÇARÃO A ESTABELEECER
O REINADO DE JESUS CRISTO

Cap. XIV

OSALMISTA Rei Davi, no seu salmo 8^o, que é intitulado desta forma – *In finem pro torcularibus, psalmus David*, isto é, o salmo de Davi, que deve ser cantado em ação de graças ao Senhor no fim das vindimas, diz, prevendo a ruína total do império de Lúcifer sobre as almas dos infieis e o estabelecimento do reinado de Jesus Cristo: *Ex ore infantium et lactentium perfecisti laudem propter inimicos tuos, ut destruas inimicum et ultorem*. “Tens apurado teus louvores pela boca dos meninos e das crianças de peito a despeito dos teus inimigos, e por isso tu destróis o adversário e o tirano cheio de vingança.” Rabi Jônatas embelezou esta passagem, e esclareceu-a por esta forma: *Fundasti fortitudinem ut destruas Auctorem inimicitiarum et ultorem*, “estabeleceste a força do teu império pela boca e confissão da fé das crianças para mostrar tua grandeza, e destruir o autor das vinganças e o sanguinário vingador”. Disse São Jerônimo: *Quiescat inimicus et ultor*, “fechaste a boca ao sedutor inimigo da salvação”, e enraivecido contra os homens pela voz das crianças.

Sal. 8

Deus usa as
crianças para
derrotar o Diabo

Rab. Jônatas

São Jerônimo

Grande maravilha é o serem as crianças o símbolo da próxima fundação do reinado de Jesus Cristo, e a queda do poder dos demônios. Não me demoro em fundamentar com muitos exemplos este sinal da providência de Deus, e assim limito-me a referir o que se passou no triunfo de Jesus Cristo antes de sua Paixão, quando as crianças em alta voz diziam: *Osanna filio David*, “seja bem-vindo o Filho de Deus”, o que disse em primeiro lugar o santo rei no seu cântico: *In finem pro torcularibus*, “no fim pelas pressões”, isto é, no fim do reinado de Satanás, e no princípio da Paixão de Jesus Cristo, quando era tempo de pagarem as crianças este tributo de reconhecimento. Em segundo lugar, de dia a dia, na continuação, no fim, e na consumação do cativo de Satanás sobre as almas infieis, e no princípio da Santa Igreja, estabelecida entre elas, principalmente pelas crianças, o que deseja mostrar ter sido feito pelas crianças do Brasil.

Estas almas juvenis, ainda não corrompidas por antigos e maus costumes de seus pais, mostram não sei que **Crianças brasileiras tendem ao cristianismo. Seu natural** disposição singular e particular para receber, como se fosse uma *tabula rasa*, qualquer pintura* em que os pais gostariam de basear-se, e endurecer os traços e esboços das mais belas virtudes e hábitos santos que sejam da posse do Cristianismo. Estas crianças jovens são belas de rosto, especialmente quando atingem a idade da puberdade, e a razão é que elas ainda não são furadas, nem têm o corpo ou o rosto arranhado. Eles usam somente brincos como nós usamos na França, os quais lhes caem muito bem, seus cabelos bem cortados do jeito dos franceses, a peruca levantada para frente é esfregada com tinta de *Rocou*, ou *Genipap*, se não for muito extraordinariamente. São de um humor muito calmo, de uma palavra gentil, medrosos e com vontade de se aproximar de vocês e de aprender o que vocês queiram ensinar. É bem verdade que não se pode atendê-los, e então os pegar quando o humor lhes leva: e vocês não ga-

* A partir deste ponto até quase o final da pág. 315 é texto do exemplar de Nova Iorque (fólios 337 a 345), que não se encontra no exemplar de Paris e, conseqüentemente, também na edição de Ferdinand Denis e na tradução de César Marqués. (Nota desta edição.)

nhariam nada, se fizessem o contrário. Mas dispendo do seu natural eles avançam logo no conhecimento que lhes foi dado, e compreendem facilmente o que vocês pretendem lhes fazer entender. Por este meio é necessário acima de tudo usar a discricção para disciplinar esta juventude, e não romper a agulha no joelho. Eu digo isto por ter feito a experiência diversas vezes, que algum dos franceses tendo essas jovens crianças em casa, os quais eles haviam amado aos seus compadres, tanto para lhes instruir na Lei de Deus, e a ler e escrever bem, também para obrigar os seus pais a seu favor querendo forçá-los a aprender, ou para melhor dizer, lhes aborrecendo eles não retêm nada que valha, as crianças consideram estas pessoas como escravos, são seus mestres. E não é coisa tão peculiar a esta nação, que não se vê também pela nossa França e em outros lugares: o que fez Sócrates dizer que os jovens pareciam pequenos pôneis, os quais devem exercitar e levantar em horas competentes e a propósito, de outra forma vocês as perdem e ganham desde tenra idade, e portanto havia tanto de perigo de tanto espreitar estes animais, que lhes abandonar de vez. Também vale para as crianças do Brasil.

Como devem ser instruídos

Sócrates

Deixando de lado esta matéria eu quero voltar ao meu primeiro discurso que é de fazer ver esta inclinação de seus tenros arbustos de receber a fé de Jesus Cristo. Eles são tão familiares para nós que eles viram importante: eles falam livremente, riem e dançam conosco. Quando vocês lhes mostram um livro aberto e lhes ensinam os caracteres, eles se mostram muito atentos, e nos demandam o que isto quer dizer, especialmente quando vocês lhes fazem ver algumas imagens, eles não vos deixam em repouso, até saber a explicação e significação. Se lhes permitimos, eles nos abraçam com pequenas palavras de carinho segundo suas línguas. Quando algum de nós ia pelas vilas, o primeiro que nos descobria ia correndo pelas casas e gritava; *Aourtké Pay, aourtké Pay*, vejam que vem o Pai, vejam que vem o Pai. E este povo pequeno se reunia nos fazia mil carinhos e nos olhava atentamente: uns saindo do regaço de suas mães, vinham bater nas nossas mãos quando nós a estendéamos, e voltavam felizes a seus abrigos, e reiteravam com freqüência suas pequenas compras, coisa que agradava extremamente a estes selvagens, especialmente

Familiaridade das crianças

aos pais e às mães, e ficavam atentos sem dizer nenhuma palavra, considerando de uma parte a familiaridade que mostramos a estas crianças e a confiança que estes pequenos nos dispensavam sem ter medo, como a gente vê muito freqüentemente têm medo dos religiosos, chorando e se escondendo quando eles chegam. Os outros que estavam ainda no braço de suas mães, e não podiam caminhar, tão cedo que nos viam, se arrepriavam e nos estendiam seus pequenos braços, convidando suas mães

Os pais nos ofereciam suas crianças

com os gestos nos seus rostos e palavras balbuciadas de lhes permitir-nos ver. O que eu digo é tão geral que os selvagens sabiam que nós amávamos suas crianças, nós vínhamos presenteá-las, nos dizendo somente *Cbékounoumy-miry*, aqui está meu pequeno menino, como se eles quisessem dizer, toma, aqui está o que vocês desejam eu vos ofereço, eu vos dou para fazer uma criança de Deus, e estimavam por este meio de fazer coisas que eram bem agradáveis. Quando vamos às vilas aonde havia capelas, e que lá nós celebramos a missa, eles sabiam acalmar estas pequenas crianças, e as levavam à capela a fim de escutar a missa e ver nossas cerimônias: aqueles que vestes as usavam. Os discursos comuns que tínhamos com estas pequenas crianças tendiam a lhes incentivar desde tenra idade a amar a Deus, e receber o batismo, é coisa digna de ser notada, que eu não tenho nenhuma lembrança que jamais nenhuma criança me

Nossos discursos para eles

tenha dificultado neste ponto, logo que lhes perguntavam *Kounoumy ereirepotar Toupan?* Pequeno menino você gostaria de passar a amar a Deus? eles nos respondiam *Pa aypotar*, Sim eu o amo, eu desejo. Se nós adicionarmos *Erobiar Toupankounoumy?* Não acredita em Deus pequeno menino? *Pa arobiar*, Sim eu acredito, *Ykatou Toupan?* Deus não é bom, e não vale nada? *Paykatou dekatougné*, Sim ele é bom, e soberanamente bom. *Giropary ypu-chu?* O Diabo é malvado? *Paypochuynan*, Sim, ele é malvado, muito malvado, e ele não vale nada.

E, assim, a todas as outras perguntas que fazíamos, respondiam com muita perspicácia. Vinham ver-nos em bandos e jamais deixavam de visitar-nos quando passavam por perto de nossas habitações. Quando matavam alguma caça ofereciam-na se o desejássemos, sem pedir qualquer recompensa. Não deixávamos de gratificá-los com alguma coisa a fim de conservar neles este carinho. Quando seus pais traziam

algum agrado de suas hortas, pesca ou caça, eles o ofereciam pelas mãos de suas crianças. E se o pequenino não andava, a mãe sustentava o recipiente com o presente, levando a mão da criança até ele, para que ela o oferecesse.

Estes jovens meninos gostavam tanto de serem empregados a fazer qualquer coisa por nos, pela suas pequenas forças, e voltavam todos contentes para seus pais para lhes contar o que eles haviam feito. Eles não esqueciam nenhuma única palavra de que havíamos dito, mas recitavam o todo a seus pais e mães tendo voltado para suas casas. Todos os pequenos elogios que fazíamos eram fielmente decifrados por eles a seus pais. Eles tinham uma grande inclinação de carregar nomes de Jesus, os quais eles vinham nos perguntar com grande rapidez. E como lhes dizíamos que era o nome de *Toupan* qual fazia fugir *Giropari*, e partindo quando deveria fazer um grande Estado, o beijar com frequência, não o perder, portanto o guardar bem.

Eles pegavam muito graciosamente, e os tinham muito ricos de ter isso, os mostrando uns aos outros, de onde vinham, que nos estávamos aborrecendo, mas eles dobravam este pequeno pedaço de papel curiosamente e os fechavam nos seus pequenos *Caramemos*. Aqueles que não eram ainda Cristãos carregavam grande inveja do *Agnus Dei*, que eles chamavam em suas línguas *Yreatuk Toupan*, a cera de Deus. Nós lhes havíamos ensinado isto a fim de que eles estimassem que fosse outra coisa, e além do mais nós havíamos dito à eles que esta cera era bendita do *Monouuichaue des Pays* quer dizer, do Papa ou Príncipe do Pai que nos envia afim de lhes dar para ultrapassar o Diabo. Que Deus lhe havia deixado sua autoridade na terra por cima dos outros *Mourouuichaues* da Igreja. Eles, nos perguntavam de cima não somente eles, mas também os grandes. Se este grande *Mououuichaue des Pays* era um homem como nós, nos lhes respondíamos que sim! Mas que sua autoridade provinha dos céus. Eles replicavam: se ele falasse a Deus, nos lhes dizíamos que eles falassem de Deus, nos livros sacros como se eles viam que nos lhes falaremos quando nós estávamos no Altar. Várias outras demandas semelhantes nos eram feitas por nós, dos quais nos falávamos abaixo.

**Devoção das crianças
ao nome de Jesus**

**Devoção ao
Agnus Dei**

**Pergunta
sobre o Papa**

Tínhamos um grande contentamento de ver **Boa curiosidade das crianças** a curiosidade destas crianças de querer saber o que significava as cerimônias da igreja, a se encarregar de várias particularidades da Fé, de abrir e manejar com desejo de espalhar nossas missões e breviário, que eles chamavam eles mesmos *Katiare du Topan* quer dizer a escritura de Deus. O que admirá desta juventude quando ela seria recebida em um seminário, pois ela mostra tantas esperanças tão belas? Eu acredito que é uma das liberações mais assinaladas por Deus, que ajudar a batizar e fazer seminários em escolas públicas neste novo país, para em primeiro instruir a juventude no conhecimento de Deus. Em segundo, falar bem dos franceses. Em terceiro, a ler, escrever, ou fazer outro tipo de trabalho. Por consequência seria necessário que além dos pais que seriam empregados na instrução Cristã, haveria escritores, e artistas empregados publicamente para ensinar a juventude. Em poucos anos seria uma mudança total que deixaria logo o país civilizado e policiado.

Não seria suficiente de batizar, mas dever-se-ia deixar alguma renda ou rendimento, para ser empregado todos os anos por certos produtos da França, que são necessários nos países de lá, e seriam enviados por navios de frete para serem conferidos nas lojas do seminário, e distribuídas por alguns homens de bem encarregado das crianças e dos mestres. É bem folgado e fácil neste país de lá, de se encarregar dos seminários. Estes escudos de produtos da França, serão no Maranhão mais que dois mil escudos de renda na Europa. Eu desejaria tanto para as jovens garotas do que para os jovens garotos, que elas fossem instruídas por algumas mulheres honestas enviadas da França a este pretexto, tanto na doutrina Cristã que outras coisas bem convenientes e restritas e este sexo, e as obras feitas a mão, as quais assim que tenho dito acima, elas são naturalmente aptas.

.....

PONTOS DE NOSSA RELIGIÃO AOS QUAIS MAIS
FACILMENTE OS SELVAGENS DÃO
O SEU CONSENTIMENTO.
DIVERSAS QUESTÕES QUE NOS APRESENTARAM

Cap. XV

SÃO João no seu Apocalipse capítulo 21, coloca como **Apoc. 21** primeiro fundamento da cidade de Deus o jaspe precioso, diáfano com cristal, *fundamentum primum est Iaspis*. **Jaspe representa fé**. E é, referindo-me aos pais, São Pedro ou a Fé da Igreja, clara, límpida e verdejante, a qual dispensa o charme aos Encantadores, dão abertura cômoda aos nascimentos de crianças, e param a efusão e o degolamento de sangue. Então a fé esclarece o entendimento dos mais idiotas, Selvagens e Bárbaros, facilita os enigmas divinos, que não poderiam ser dissolvidos por nenhuma razão humana, fato que o Espírito morto e seco volta no humor verdejante, rompe as superstições diabólicas, produz as almas infieis ao grêmio da Igreja, estacando a ira e o furor de Deus. Santo Agostinho no tratado *de Verbis Dominidi* a este propósito *Nullae maiores divitia, nullethefauri, nullihonores, nulla huius mundi maior est substantia, quam est fides catholica, que peccatores homines saluat, coecos illuminat, infirmos curat, cathecumenos baptisat, fideles iustificat, poenitentes reparat, iustos augmentat, etc.* Nenhuma riqueza maior, nenhum esforço, honra substanciada neste universo podem encontrar a Fé Católica, a qual salva os pecadores, ilumina os cegos, recupera os enfermos, batiza os Catecúmenos, justifica os fieis, restaura os penitentes, e

aumenta os justos. Nos seria gratificante de ver pela experiência dos novos convertidos do Brasil, os quais (antes que tínhamos dado o conhecimento do Evangelho) eram miseráveis e cegos, que não tinham o espírito mais alto que a terra e a carne, e agora eles receberam do dom da fé, eu tenho reconhecido em todos, as conversas escutadas, tão facilmente que nós, a verdade dos Artigos de nossa fé, os quais dependem, não da ciência adquirida da filosofia, mas somente da luz do Espírito Santo, o qual ele funda no interior do novo batizado. Não é que eu negue que a filosofia não seria suficiente para explicar os mistérios de nossa fé, mas não as faz compreender: assim é uma obra pura de Deus, que pede obediência do espírito, consoante a luz Divina, tanto que este dom da Fé, Deus não é aceitado do Dote e da ignorância, do livre e do escravo, do Selvagem e do Cortês, e para tanto não seremos enganados por ninguém, se nós dizemos que os Selvagens batizados compreendem pelo dom da fé tão comodamente que nós, os mistérios daquela sem dizer nada de mais.

O mistério dos mistérios na nossa crença é a Santa Trindade, do qual freqüentemente, como também dos outros, eu fiz falar aos novos Cristãos pelo *Truchemens*, **Mistério da Trindade declarado aos selvagens por meio de diversas comparações** sob a comparação de muitas coisas naturais experimentadas por eles. Eu trouxe na frente, como eu faria geralmente na similitude dos *Apparituriers*, eu não quero repetir. Eu tomava sol, o seu calor, a sua luz para lhes fazer compreender este artigo, lhes dizendo, que contemplando o sol no céu, eles não viam apenas uma coisa, e, no entanto eles distinguem três, sabendo a face do sol, a luz e o ardor, e podiam provar cada uma destas três, distintas umas das outras. Quando o sol se põe a ponto, a luz e o ardor perderam seu império sobre a mesma terra, contudo eles não deixam de ver ainda o planeta deste astro. Quando a lua cobre a face do sol, a luz, portanto falta a terra, mesmo que não vejamos o globo solar, e se vocês fecham os olhos expostos ao meio dia em ponto, vocês não vêem nem o sol nem a luz, mas não deixam de refletir seu ardor. Se vocês se retiram sob alguma bela árvore, aonde o vento sopra, vocês estão garantindo do ardor o sol, e contudo vocês vêem sempre a luz e o astro do sol através dos ramos desta árvore cheia. Eles compreendiam extremamente bem esta

comparação e como eu lhes demandavam se eles entendiam bem isto, eles me respondiam *Pa ykaton*, aqui que é belo, nos entendemos bem e comodamente. E porque nos não podemos encontrar palavra em sua língua para explicar a procissão do Espírito Santo, como nos podemos bem lhes fazer entender a graça do filho: foi-se necessário na crença e o simbolismo dos Apóstolos, reter o nome francês do Espírito Santo como dito abaixo, *Arôbiar Sainst Esprit* Nós lhes damos outras similitudes, a saber, o coração dos homens, que é somente um coração, e contudo tem três pontas ou três chifres. E esta comparação lhes era bem familiar que a precedente porque era mais palpável e presente. Uma outra era do homem, do pensamento, de sua palavra, pois nós lhe dizíamos que eles tomassem conta que havia três coisas neles, eles mesmos, seu espírito que pensava e conceber, depois a palavra que comunicava seu pensamento aqueles que levavam. E então não nos davam nenhuma dificuldade sobre este artigo: o qual, todavia fora tão agitado pelos Gentis, quando os discípulos dos apóstolos iam convidar de sair da crença louca e da religião supersticiosa da pluralidade dos Deuses. Em qual podemos ver a grande comodidade a imprimir nos espíritos novos, não para culpar o erro ou de forte sabedoria, os grandes mistérios de nossa religião.

Do coração

Do homem

O segundo mistério de nossa fé (o qual sobrepassa toda capacidade humana, quando ela se quer mensurar a levar o seu espírito) e a crença da ressurreição, morte e paixão do Salvador. A loucura do Mundo repugna a compreender que o filho se fez homem, sem operação de homem no ventre de uma Virgem, seja morto no meio de malfeitores: a luz, portanto, do Espírito Santo deixava estes Selvagens obedientes a crer sem nenhuma* repugnância: nós lhe facilitávamos os meios de o entender comparando com as coisas que vêem diariamente. Assim como crescem as ostras nos ramos das árvores, tomando carnes e recebendo vida entre duas conchas, sem mistura nem efusão de sementes do humor marinho, e apenas pelo calor do sol, assim também o Filho de

2º Mistério da fé, exposto aos selvagens

Pelas ostras

* Aqui se conclui o trecho iniciado na página 308, inexistente na edição de Ferdinand Denis, e, conseqüentemente, nas edições em português, que nela se basearam. (Nota desta edição.)

Deus no ventre da jovem, a Santa Virgem, recebeu seu precioso sangue da matéria, e o Espírito Santo, do calor, e assim tomou corpo sem alguma outra operação humana. Gostavam muito da comparação, e me disseram que em sua terra muitas coisas se geravam pela simples influência do sol, como os lagartos, que saem dos ovos, depois que recebem a vida do calor do sol, e por isso não tinham dificuldade em crer o que nós lhes ensinávamos, e nem que Deus se fizesse homem para morrer a fim de salvar os seus, porque, diziam eles, *Jeropari*, apesar de ser espírito mau, entra no corpo dos animais monstruosos para nos amedrontar, espancar e atormentar.

Sobretudo muita admiração nos causava o como facilmente se convenciam da verdade e da realidade de Jesus Cristo, Filho de Deus, sob

**3º Mistério entendido
pelos selvagens**

as espécies de pão e vinho, ao passo que víamos tantas almas vacilantes neste ponto, embora lhes sobrem espírito e discernimento para outras coisas. A este respeito não pude dizer outra coisa senão o que disse a Santa Escritura

Prov. 25

no provérbio 25: *Sicut qui mel multum comedit non est ei bonum, sic qui scrutator est maiestatis opprimetur a gloria.* – “É coisa tão doce

**Curiosidade
excessiva**

como o mel, mas quem dela comer muito não pode ofender mais o estômago.” Nada há de mais suave e delicioso do que a contemplação das obras de Deus e a leitura das Santas Escrituras, mas para aquele que vai muito além, e que tudo mede pela vara* de seu espírito, impelido pela soberba de seu entendimento. Nada há mais seguro, que não fique oprimido pelos raios vivos da glória de Sua Majestade, como se observou nos mochos cegos, visto quererem olhar e julgar da face do Sol e da sua luz. Ao contrário, os que manejam com temor e humildade os mistérios de nossa fé são esclarecidos sem prejuízo de suas vistas, e docilmente obedecem à vontade e poder do soberano, aquele que pode o que quer; pode, quer e faz o que diz. Estes pobres selvagens, falo até dos que não são ainda cristãos, apenas se lhes fazia sinal de saírem da igreja, retiravam-se prontamente, ficando contudo na porta, que se conservava fechada enquanto se recitava o Cânon da Missa

**Reverência dos
selvagens aos
S. Sacramentos**

e se processava a comunhão. Diziam eles, em resumo, que nessa hora descia *Tupã* sobre os altares, bebendo e comendo conosco, que não tinham merecimento para fi-

* Antiga medida linear, cerca de 1,10 m de comprimento. (Nota desta edição.)

car aí em frente dele senão quando fossem batizados, e a maior parte deles se ajoelhava, imitando os franceses. Os índios cristãos ajoelhavam-se apenas quando ouviam tocar a campainha, juntavam as mãos e adoravam a Deus. Ao mistério do Sacratíssimo Corpo e Precioso Sangue do Filho de Deus eles chamam *Tupã*, quer dizer, o próprio Deus, segundo suas crenças, *Aséren yanondé Tupan rare*, quer dizer, “antes de morrer receberás o Corpo de Deus”. Ainda que eu reconhecesse neles facilidades de crer segredo tão profundo, não me animaria a comunicar-lhes senão em artigo de morte, e antes queria deixar esta tarefa para os que viessem depois de mim, porque dando num certo dia a comunhão a uma índia, a quem examinei tanto quanto pude antes de lhe dar o Precioso Corpo de Jesus Cristo na Páscoa, apenas recebeu a Hóstia Consagrada perturbou-se muito e não a pôde engolir a ponto de querer tirá-la com a mão o que lhe proibi dizendo só poder ser tocada por sacerdotes, que não tivesse receio, e nem se assustasse tendo de receber seu Deus, que era de sua vontade que ela recebesse a hóstia e a engolissem com toda a confiança, o que fez mediante um pouco de vinho que lhe pus na boca com o cálix. Tão grande secura da língua e boca proveio da grande timidez dela em receber tão santo corpo, o que me persuadiu a, dali em diante, deixar que eles se firmassem bem no conhecimento deste artigo antes de administrar-lhes o Santo Sacramento, e ainda que muitos me pedissem o *Tupã*, eu lhes respondia que esperassem pela vinda dos nossos padres.

**Porque não
lhe dei a Santa
comunhão**

Não há grande dificuldade em fazê-los confessar suas faltas, até mesmo as próprias mulheres, e as coisas que são aquém do sexo feminino declarar aos sacerdotes, representantes da pessoa de Deus. Mui livremente vos dizem sim e não, o tempo, o lugar, a qualidade das pessoas, o número de seus pecados, sem nenhuma vergonha tola e mundana como por aí se observa. Não têm a menor hesitação dos pecados, a filiação de Deus, e a aquisição do Céu, tendo como certo que os batizados vão para o Paraíso gozar da companhia de Deus, contanto que não caiam outra vez em pecado mortal. Acreditaram sempre que havia Inferno, onde estava *Jeropari*, e para onde iam os maus. Sabiam ao mesmo tempo por tradição que Deus era muito feliz lá em cima, vivendo com espíritos bons, que

**Confessam sem
dificuldade**

**Crêem facilmente
no batismo**

**Acreditam no Inferno
e no Paraíso**

seus pais, que tinham vivido bem, iam para um lugar de delícias terrestres, onde nada lhes faltava da Terra. À vista disso fácil nos foi fazê-los entender o que deviam crer do Paraíso, do Inferno e de um terceiro lugar, onde se purificam as almas antes de irem para o Céu, de um quarto onde as crianças, que não chegaram a receber o batismo, morrendo antes do uso da razão, eram recebidas por não terem sofrido nenhum mal, também por nunca poderem ver Deus, visto ser o batismo a chave do Céu.

Não se acreditaria, senão vendo-se quanto são os selvagens curiosos por saberem das coisas de Deus. Todos, quando com eles conversávamos, nos faziam mil perguntas a este respeito, iguais a estas: Como Deus fez o Mundo. Se o fez com as próprias mãos, ou se ajudado pelos bons espíritos pôde fazer o Céu, as estrelas, o Sol, a Lua, o fogo, o ar, a água, a Terra, os primeiros homens, os primeiros pássaros, peixes e animais, répteis, árvores e ervas. O que existia antes de feito o mundo, e o que fazia Deus vivendo sozinho. De que forma está no Céu? Como faz re-tumbar o trovão, e a chuva cair. Se fala aos homens, se viemos do Céu, se nascemos de mulheres, se vimos anjos e diabos. Quem nos ensinou tudo quanto ensinávamos, se não morríamos, e depois da nossa morte como se faziam outros padres. Se em França havia muitos padres, se andam vestidos como nós, se havia um padre que fosse rei, por que rejeitávamos mulheres e mercadorias. Se a Mãe de Deus era uma moça como outra qualquer, se bebia e comia como nós, por que tinha morrido, se não vinha do Céu passear às vezes na Terra e falar conosco. Se os Apóstolos eram padres como nós, quantos tinham existido, porque os outros *Caraíbas* franceses não eram também padres como nós, se fomos nós mesmos que nos fizemos padres, ou se foi outra pessoa?

A todas estas e a muitas outras perguntas respondíamos com a verdade, e eles por gestos e palavras demonstravam contentamento. Assim corria de maneira agradável o tempo entre tais perguntas e confabulações, e é por isso que pretendo aqui deixar as diversas e mais singulares conversas que tive com *murruichaues*, isto é, com os principais do *Maranhão*, *Tapuitapera*, *Cumã*, *Caïetés*, *Pará* e *Mearim*. Não quero demorar-me mais falando em tais perguntas e respostas, porque as vereis mais adiante, e espero que minhas respostas nesses colóquios vos contentarão muito e vos assevero que serão transcritas fiel-

mente sem me afastar das frases que foram proferidas em seus discursos. Espero desculpar-me não só por isso como também pelo mais que já deixei escrito, mormente não se achando tantos ornatos nesta história como exigia a curiosidade deste século. É minha opinião que a beleza de uma história consiste na verdade do fato e na simplicidade do estilo. Se eu não descrever palavra por palavra essas conferências, ou se não usar de muitas palavras, basta que não ofenda em coisa alguma a substância do fato, sendo essa abundância de discurso necessária e requerida para vos fazer entender bem claramente suas intenções e discursos.

.....

PRIMEIRA ENTREVISTA COM PACAMÃO,
GRANDE FEITICEIRO DE CUMÃ

Cap. XVI

TENDO tido muitas entrevistas com este principal e grande feiticeiro, vou narrá-las por capítulos: eis o primeiro.

Pacamão Pagy *Pacamão* é pequeno de corpo, vil e abjeto a tal ponto que quem não o conhece não faria caso dele. Porém é o maior e o mais graduado de todos os principais do *Maranhão*, especialmente na província de *Cumã*, uma das mais belas, férteis e povoadas da terra dos *tupinambás*. Goza entre eles de tal poder, que somente com sua palavra tem movido todos os habitantes, e é extremamente temido. É fino e velhaco tanto quanto pode ser um selvagem, e por essas qualidades chegou a deter esse poder, grandeza e prestígio, sendo tido por supremo curandeiro, sutilíssimo feiticeiro, muito familiarizado com os espíritos, tendo entre as mãos e à sua disposição a morte e a vida, concedendo vida e saúde a quem bem lhe aprouver. Além de grande bafejador entretinha os ingênuos por meio de confissões, de lustração, incensamento, e muitas outras coisas iguais como já dissemos. Não foi dos primeiros a visitar os franceses e fazer-lhes seus oferecimentos, desejando ver o que eles queriam, por que tinham vindo aqui, e como se estabeleceriam. Informando-se bem de tudo isto, veio ao Forte de São Luís, entrou,

e saudou o Sr. de la Ravardière de maneira agradável. Vinha bem acompanhado por índios enfeitados de penas, trouxe consigo a mais vigorosa de todas as suas mulheres, cujo número chegava a trinta.

Chegando a *Yuiret*, tendo passado o mar em nossa barca, que tinha ido buscar farinha à sua terra, distante mais de 40 léguas do Forte de São Luís, fez saber ao senhor de la Ravardière, que ia ao seu Forte, e por este foi esperado. Formou sua gente, uns atrás dos outros, e todos o acompanharam. Andou ao redor das casas, situadas na grande praça de São Luís, falando como era de costume, a apreçoar a grandeza e o amor aos franceses, o objeto da vinda dos franceses e também o valor e poder dos franceses. Terminado isto, aproximou-se da porta do Forte, perto de um quartinho, onde alguns franceses estavam observando o que ele fazia. Ordenou à sua mulher que se preparasse para carregá-lo até à casa do governador, e foi obedecido prontamente, escanchando-se na cintura dela à maneira das índias quando carregam os filhos; e assim entrou no Forte, e dirigiu-se ao dito senhor. Sua mulher era negra como um belo Diabo, pintada da planta dos pés até a cabeça com suco de jenipapo. Pensai antes de continuar com outro assunto se era possível aos presentes conter o riso, ao ver um dos príncipes do Brasil montado em tão belo cavalo. Foi contudo muito bem acolhido, e disse o que bem quis para desculpar-se, findo o que, e depois de tratar dos seus negócios, veio à minha casa, em São Francisco, acompanhado por gente emplumada. Mandei logo armar-lhe uma rede de algodão bem alva, onde acomodou-se, pedindo a um dos companheiros o seu cachimbo de *Petun*, que ele logo lhe entregou aceso. Depois de ter tomado três ou quatro cachimbadas, exalando o fumo pelas ventas, começou a falar-me grave e pausadamente, estando eu defronte dele noutra rede, tendo o intérprete ao meu lado:

“Há muitas luas que eu tive vontade de te vir ver e aos outros padres; mas tu, que falas com Deus, sabes que não é bom e nem prudente ser leviano e fácil, mormente nós outros que falamos com os espíritos, e mover-nos com as primeiras notícias e pôr-nos a caminho, por que sendo observados pelos nossos semelhantes, eles nos imitarão. O poder que alcançamos sobre nossa gente se conserva por certa gravidade em nossas ações e palavras.

Sua vinda e sua entrada no Forte São Luís

Veio até a nossa casa

Discurso de Pacamão

Gravidade mundana Os intrometidos e os que à primeira notícia aprontam suas canoas, se emplumam e vão logo ver o que há de novo são pouco estimados e nunca chegam a ser grandes Principais. Foi isto o que me reteve e impediu de vir logo. Os habitantes de *Tapuitapera* e muitos de minha província vieram antes de mim, porém são menos do que eu. Alegro-me com a vossa vinda, porque saberei que há Deus: sou mais capaz de o saber do que um só dos meus semelhantes; não desejava que um só deles me precedesse ou que tu o lavasses antes de mim, e o fizesses falar com Deus. Quando me ensinares o que é *Tupã*, terei mais autoridade e serei mais estimado do que atualmente, e em minha terra ocuparei o primeiro lugar depois de ti. Diz o que queres que eu faça, e quando meus semelhantes virem que sou filho de Deus e lavado, todos desejarão sê-lo e vão querer seguir o meu exemplo.

“Terei grande pesar se estimares outro mais do que eu, porque sempre visei coisas elevadas. Tinha muita curiosidade de visitar e de ouvir os franceses. De meus avós aprendi a história de Noé, o qual construiu uma barca, pôs dentro sua gente, e que Deus fez chover abundantemente por muitos dias, que a Terra ficou submergida debaixo de água que invadiu campos, montanhas, vales, mar, separando-nos de vocês. Noé foi pai de todos. Soube também que Maria era Mãe de *Tupã*, sendo virgem, porém Deus mesmo fez corpo para si no ventre dela e quando cresceu mandou *Maratás*, apóstolos para toda a parte, e nossos pais viram um, cujos vestígios ainda existem. Vós outros padres sois mais do que nós, porque falais a *Tupã*, e sois temidos pelos espíritos: eis porque quero ser padre. Muito tempo há que eu sou *pagy*, e ninguém é mais do que eu, porém não faço caso disto, por que vejo que meus semelhantes somente vos apreciarão. Desejaria muito que viésseis à minha província, boa terra, onde se encontram muitos javalis, veados e corças, nada te faltará e sempre estarei contigo.”

Resposta Respondi-lhe a tudo isto dizendo ter muita satisfação de vê-lo, já tendo muitas vezes ouvido falar dele e do seu poder, como enganava com certos ardis os índios, fazendo-os acreditar ter em seu poder um espírito familiar, sendo ainda maior o meu contentamento por vê-lo principiar a reconhecer sua falta, sendo certo que por seu discurso eu bem percebia que ele não tinha a inten-

ção, que Deus exige, para ser posto no número dos seus filhos e lavado com água divina.

Ele retomou a palavra desta maneira: “Que que-
res dizer com isto, que eu não procuro Deus como con-
vém? Será por que desejo ser padre como tu, fazer-me ad-
mirar mais do que nunca entre os meus, persuadi-los a ser filhos de
Deus, a procurar-te para serem batizados, e fazeres em minha província
o que quiseres, que de mim se diga que eu era o grande *Pagy*, sendo o pri-
meiro a reconhecer Deus e vós outros padres? Sendo estimado pelo
grande espírito, os outros à minha sombra procurarão Deus e farão
como eu. Se eu não me fizer lavar, muitos não o farão e dirão: espere-
mos que *Pacamão* seja *Caraiiba*, e depois nós o seguiremos, porque tem
melhor espírito e é mais esperto do que nós. Deves saber que antes de
teres chegado eu já lavava os habitantes de minha terra, como vós pa-
dres fazeis com os vossos, porém em nome do meu espírito, e vós o
praticais em nome de *Tupã*. Eu soprava os enfermos, e eles ficavam
bons; eles me diziam o que fizeram, e eu impedi *Jeropari* de fazer-lhes
mal. Fazia aparecer anos bons, e vingava-me dando doenças aos que me
desprezavam. Dava-lhes água que corria do pavimento de minha casa, o
que agora não faço e nem quero mais fazer, porque era a esperteza do
meu espírito que me sugeria todas essas coisas, zombando assim dos
meus, que julgavam, por falta de espírito, ser isto maravilha. Foi um
francês que me ensinou a fazer brotar água do soalho de minha casa.”

**Réplica de
Pacamão**

Respondi-lhe, pelo meu intérprete, que na sua ré-
plica descobrira não procurar ele a Deus como era conveni-
ente, por que pretendia por meio do batismo fazer-se maior e mais esti-
mado entre os seus do que não era anteriormente por meio de suas fei-
tiçarias e sortilégios, visto que Deus exigia de seus filhos que fossem
humildes e que se arrependessem dos pecados passados; conquanto
na verdade Deus não deixe de exaltar os seus, muito mais
do que os diabos fazem com os deles, enquanto ele tivesse
esse espírito, não esperasse que os padres o recebessem
para o batismo e sim que o fariam só quando ele ficasse longe da sober-
ba e estivesse arrependido de suas feitiçarias. Enquanto eu dizia estas
palavras, chegou o intérprete do senhor de la Ravardière, por nome *Mi-
gan*, a quem eu tinha mandado chamar para conversar com *Pacamão*, por-

Resposta

**Disposição
ao batismo**

que é da índole desses selvagens dar mais crédito aos intérpretes mais velhos do que aos moços. Contei-lhe palavra por palavra toda a nossa entrevista até àquela hora e lhe pedi para falar a ele de conformidade com os meus e seus pensamentos, e eis o que ele disse.

“Tu bem sabes que há muito tempo eu converso convosco e com vossos pais, quando estávamos em *Potyiu*. Muitas vezes te chamei embusteiro por abusares de teus semelhantes, muito crédulos. Tu lhes fazia crer tudo quanto querias: teus pais e todos os não batizados vão para *Jeropari* nos Infernos, e tu irás com eles se não fizeres o que dizem os padres. Quando estávamos contigo antes da vinda dos padres, sempre zombávamos do que vocês e os outros *pagys* faziam: não dizíamos palavra por não ser esse o nosso fim, e sim colher algodão. Pegávamos vossas filhas, e delas tínhamos filhos, o que é hoje proibido pelos padres, não me atrevendo por isto nem eu e nem os outros a ir à igreja, porque os padres nos ensinam que Deus proíbe a libertinagem. Tens trinta mulheres, debes deixá-las e te contentares com uma, se desejares ser filho de Deus e receberes o batismo. Pensa bem e sobretudo na felicidade que se te oferece de poderes salvar-te e livrar-te das patas do Diabo. Teus pais não tiveram tal oportunidade: foi Deus que te inspirou a vires ter com os padres e lhes pedires o batismo. Lembra-te que Deus sabe de tudo e não pode ser enganado, quer e deseja que todos venham até Ele, renunciem o Diabo e suas ações.”

Ele lhe deu esta resposta: “Não sabes o que tenho sido entre os meus? Quanto caso fazem de meus feitiços? Não sabes que sempre tratei os franceses como pude, e de muito boa vontade? Animei sempre meus semelhantes a dar-lhes suas filhas e seus gêneros em troca de ferramentas; sentia-me satisfeito entre eles aprendendo alguma coisa de novo, porque os franceses têm espírito e entendimento melhores do que nós, e apenas soube da chegada dos padres fiquei muito contente e disse aos meus semelhantes: que felicidade! eles nos ensinaram a conhecer a Deus, quero ir vê-los; foi isto que aqui me trouxe, e é disto que nos ocupamos.”

Disse a *Migan* estar ele repetindo o que eu já havia dito, isto é, que era bem-vindo, sendo porém necessário buscar o batismo com humildade e arrependimento. *Migan* explicou-lhe muito bem a grandeza e

o poder de Deus, e a pequenez dos homens, especialmente dos cativos de Satanás. Mostrou-se satisfeito, e me prometeu vir na manhã seguinte falar comigo dos seus negócios. Assim finalizou-se esta entrevista, e se retiraram para o Forte depois de ter cada um bebido um pouco de aguardente.

Notareis muito belas particularidades neste discurso, que seriam obscuras ou passariam despercebidas. Em primeiro lugar, o falso zelo destes feiticeiros em conservarem sua autoridade e prestígio entre os seus, não praticando ação alguma sem refletir, pela qual possam ser mal apreciados pelos inferiores, tão levianos e imperfeitos como eles, e por conseguinte tão incapazes de entreter os espíritos familiares como eles. Suponhamos que para ter o gozo dos espíritos é preciso ser constante e grave, e não se deixar levar pelos primeiros boatos. Considerando isto, como os diabos abusam da chama alojada no homem, que claramente nos faz ver se desejamos conservar em nós o verdadeiro espírito de Deus, sendo conveniente banir a leviandade e inconstância do nosso interior, reconcentrar-nos com firmeza, e nada fazer ou dizer que não seja discutido e decidido pela razão. De outra forma somos menores em relação a professar o cristianismo do que estes feiticeiros, que se esforçam em ser sérios procurando conquistar a estima de seus semelhantes.

Falso zelo dos feiticeiros

Instrução para conservar o espírito de Deus

Em segundo lugar notareis os efeitos do espírito diabólico, que são a soberba e a grande presunção, que já se abriga até entre as coisas sagradas; tão grande é o seu veneno a ponto de querer atacar o seu contrário, visto não haver maior antagonismo do que entre o Espírito de Deus e o de Satanás, a humildade de Jesus Cristo e a soberba de Lúcifer, a abnegação do cristão e a presunção dos filhos do Diabo! Assim procedia Simão, o mágico, para com S. Pedro, procurando com seu dinheiro o espírito de Deus, a fim de se fazer reconhecido como grande por meio do Espírito Santo. Que grande cegueira julgar Deus vassalo da vaidade! Que desgraça estar uma alma presa por infernais obscuridades! Este pobre feiticeiro do Brasil julgava, no princípio, que tínhamos Deus em nossa algibeira para dá-lo a quem bem nos aprouvesse, obedecendo ele a quem o entregássemos. Com o fim

Os frutos do Diabo são a soberba e a presunção

de se apoderar de sua alma o Diabo o escraviza e o obriga a cometer mil presepadas, inspirando esse pobre *Pagy* para isso. Deus nos livre de tal perigo!

Tradição Em terceiro lugar, quanto ao que ele disse de Noé e da Virgem não ousarei dizer de onde ele teve essas idéias: se foi dos franceses, não parece muito, porque os que vieram antes de nós só lhes falariam de su

jeiras e concubinos; é mais provável, que fosse de tradições antigas, porque apenas chegamos a *Yuiret, Japiçu* nos falou quase da mesma maneira sobre o Dilúvio e de um apóstolo, que por aqui andou, como se lê na obra do R. P. Claude.

.....

SEGUNDA ENTREVISTA QUE TIVE COM PACAMÃO

Cap. XVII

BEM cedo do dia seguinte ele veio ver-me, como me tinha prometido, acompanhado de sua gente. Não quis sentar-se na rede, e pegando-me na mão disse-me: *Ché assepiak ok Tupan* “eu te rogo, leva-me a ver a casa de Deus, quero falar-te conforme teus discursos de ontem à noite”. Disse-lhe que me acompanhasse, que satisfaria seus desejos, e assim o fiz. Logo que todos entraram ele os mandou ficar perto da porta e, aproximando-se de mim, falou baixo no meu ouvido: “aqueles nada sabem e nem entendem o que falar a respeito de Deus, portanto quero que conversemos nós dois juntos, calmamente” (mandei ornar a nossa capela com os mais belos ornamentos e pôr sobre os degraus do altar muitas e diferentes imagens) aproximamo-nos do altar sempre acompanhados pelo intérprete. Por mais de duas horas indagou de mim tudo quanto via.

Pacamão entra na capela

Primeiramente, quis saber o que significava o Crucifixo, dizendo-me: quem é este morto tão bem feito e tão bem estendido neste pau encruzado? Expliquei-lhe que representava o Filho de Deus, feito homem no ventre da Virgem, pregado por seus inimigos sobre esse madeiro a fim de ir ter com seu Pai, felicidade que alcançariam também aqueles que fossem la-

Suas indagações sobre o crucifixo

vados com o sangue que ele via correr de suas mãos, pés e lado. Conservou-se admirado por algum tempo, olhando com muita atenção a imagem do Crucifixo; exalou depois um suspiro e soltou estas palavras: Como *Omano Tupã*? “Quê! será possível que Deus morresse?” Repliquei-lhe não ser necessário que ele pensasse que Deus tivesse morrido, porque sempre viveu desde a eternidade, dando vida aos homens e aos animais; o que faleceu foi o corpo somente, que Ele tomou da Virgem Santa Maria para matar *Jeropari*, como Ele via fazer aos meninos quando querem apanhar um peixe grande no mar, que devora os pequenos, deitando como isca no anzol de sua linha o corpo de um desses peixinhos, que, visto pelo peixe grande, este atira-se sobre ele mas vê-se pilhado, puxado, derribado e morto, em favor e livramento dos pequenos peixes. Assim também este mau *Jeropari* ia devorando todos os nossos pais, porém aprouve a Deus enviar seu Filho para pescá-lo à linha, servindo de haste esta cruz, de anzol ou de gancho estes cravos e espinhos, e de isca o seu corpo. Mas, perguntou-me ele, por que havia o Diabo de ter poder sobre nossos padres? Porque, respondi, eles foram rebeldes à lei de Deus, comendo do fruto proibido, e deixando-se enganar pelo Diabo, debaixo da forma de Serpente. Conquanto Deus nos pudesse salvar por outros meios, achou mais dócil e razoável tomar o rapinador em lugar de sua presa. Mostrou-se contente, e perguntou: O corpo de *Tupã* está ainda na França sobre a Cruz, como este que tu me mostras e tu o viste? Não, respondi, porém ressuscitou pouco depois da sua morte, levando seu corpo lá para cima, lá para o Céu, vivendo e brilhando como o Sol, sentado no mais belo lugar do Paraíso, vindo curvar-se diante dele todos os espíritos e almas de pessoas de bem, e agradecer-lhe a morte do seu inimigo. Com a proteção deste corpo, os nossos, depois de mortos, ressuscitarão e serão carregados para o Céu pelos anjos, isto é, nós que somos lavados com o sangue derramado de suas chagas. Vossos corpos e os de vossos pais irão ter com *Jeropari* e arder em fogos eternos, se não fordes lavados com este sangue. É necessário, disse ele, correr muito sangue de seu corpo, e que vós o guardeis com todo o cuidado para lavar tanta gente. Respondi: És ainda muito obtuso para compreenderes estes mistérios. Basta ter sido espalhado uma única vez esse sangue sobre a Terra, que, em memória e respeito a ele, lave-mos espiritualmente as almas com a água Elementar, que derramamos

sobre vossos corpos. Não vês correr sempre uma fonte, ainda que cava-da uma só vez pela mão de Deus? Tu bem sabes que as constelações da Plêiede e a Ursa Menor foram pregadas uma só vez no Céu, e contudo, todos os anos, apenas brilham por cima da tua cabeça, elas te mandam chuva, que rega tuas roças. Disse ainda: Eram malvados os que mataram *Tupã*, porque ele era bom, eu o amo, e nele creio. Eu lhe disse: Foram seduzidos por *Jeropari*, como tu, que os animou a persegui-lo, a matá-lo, e crucificá-lo, porque ele os censurava por sua maldade, como nós agora fazemos, seguindo em tudo a lei, que nos deu. Todos os que obedecem ao Diabo são seus inimigos e se Ele hoje voltasse ao Mundo eles lhe teriam feito o mesmo que fizeram os outros antigamente. Respondeu-me: desejava que me desses uma Imagem como esta para levar comigo quando regressasse à minha província. Repetirei palavra por palavra a meus semelhantes o que acabas de dizer-me, e farei para ela melhor casa do que esta; eu a fecharei muito bem, só eu entrarei lá e algumas pessoas capazes de entenderem as explicações que me deste. Respondi: quando fores batizado, nós te daremos licença para fazeres uma casa, onde levantaremos um altar igual a este, com iguais ornamentos, e com Imagens como as que estás vendo.

2. Nos pés do Crucifixo havia uma imagem de Nossa Senhora, feita em bordado cheio, de extrema beleza, e revestida de pérolas, presente do senhor de S. Vicente quando regressou à França. Olhando para ela, perguntou-me: quem é essa mulher tão bonita, e esse menino que olha para ela de mãos postas? Eu lhe disse, que era a figura de Maria, Mãe de Deus, e o menino é o filho de Deus quando saiu do ventre dela. Repetiu estas palavras duas ou três vezes: *Ko ai Tupan Marie?* “Como é Maria Mãe de Deus?” *Kugnan Ycatu*, “linda mulher”. Respondi, que assim devia ser, pois que Deus a escolheu para Esposa e Mãe de seu Filho, que era a Princesa de todas as mulheres, tendo tido por marido Deus unicamente e que, sendo pura, deu à luz o Filho de Deus, que havia ressuscitado depois da sua morte, como aconteceu a seu Filho, sendo levada para o Céu pelos anjos, onde estava assentada ao pé do corpo de seu Filho. Que grande coisa, disse ele, uma virgem parir. Como, respondi eu, não vês crescerem as ostras nos ramos das árvores, só e unicamente, sem auxílio algum? Deus ama a pureza, porque ele é mais puro do que a luz do

**Suas perguntas
sobre a ima-
gem da Virgem**

Sol. É verdade, respondeu, porém vós, e os outros padres, sabeis grandes coisas, sois mais sábios do que nós, porque não prestamos atenção às coisas da nossa terra, que vemos todos os dias, e vós em tão pouco tempo já as conheceis.

Ainda não é tudo, disse-lhe, vem comigo, e presta atenção ao que vou dizer-te por intermédio do meu intérprete para repeties tudo, quando souberes, aos teus companheiros, que ficaram na porta por tua ordem, visto ser da vontade de Deus que todos se salvem, grandes e pequenos. Dizendo-lhe isto, fiz-lhe ver todas as peças e quadros da criação e da redenção, apontando-lhe as suas diversas partes: numa, por exemplo, a criação dos Céus e dos elementos, noutra a criação dos peixes e dos pássaros, e noutra a criação dos animais, das árvores e das ervas. Causava prazer vê-lo olhar com muita atenção para as figuras dos pássaros, dos peixes e dos animais a fim de reconhecer os da sua terra, e quando descobria um parecido não deixava de dizer-nos: eis tal pássaro, tal peixe e tal animal, e os que não conhecia perguntava se haviam em França, e como se chamavam. Cativou-lhe principalmente a atenção a figura de Deus, no meio do quadro, com os braços abertos, soltando da boca um forte sopro de vento, e me perguntou o que isto queria dizer. Expliquei-lhe, que isto representava a maneira como foram feitas todas as coisas, apenas com a palavra de Deus, cujo poder e domínio estendia-se às duas extremidades do Céu. Admirou-se também muito da mulher ter sido formada pela costela do homem, quando este dormia, pediu-me explicações, e o satisfiz dizendo que Deus quis com isto que ele tivesse uma só mulher e não mais de trinta como ele tinha; porque se Deus quisesse que tivesse mais de uma, ele o teria permitido desde o princípio, e sendo criado somente uma ainda à custa da costela do homem assim demonstrou que este só devia ter uma mulher, a quem amasse e conservasse, e não mudá-la a capricho da vontade, como fazeis vós outros, quando seguem *Jeropari*, que vos persuadiu terdes muitas mulheres a fim de vos revoltar uns contra os outros, visto que costumais roubá-las até na casa de seus próprios maridos.

Imagem dos 12 apóstolos e de S. Francisco Na escada do altar estavam as imagens dos doze Apóstolos e o padre São Francisco, muito bem feitas e iluminadas. Perguntou-me quem eram aqueles *caraibas*. Estes doze, respondi, são *maratás* do filho de *Tupã* [nota 110], os quais, depois

que subiram ao Céu, dividiram o mundo universal em doze partes: tomou cada um a sua, onde foi guerrear *Jeropari*, e lavar todos os homens que queriam crer em Deus, deixando sucessores, que foram-se revezando até nós. Peguei na imagem de S. Bartolomeu e lhe disse: Olhai, veio à vossa terra este grande *maratá*, e aqui obrou muitas maravilhas, como por tradição vos contaram vossos antepassados. Foi ele quem fez talhar a rocha, o altar, as imagens e as inscrições, que ainda existem atualmente, como tendes visto [nota 111]. Foi ele quem vos deixou a *Mandioca* e vos ensinou a fazer pão, pois vossos pais, antes da vinda dele, comiam só raízes amargas dos matos. Como não quisestes obedecer, ele vos deixou, predizendo grandes desgraças, e que ficareis por muito tempo sem ver *maratás*. Tal qual aconteceu, e só agora é que tivestes quem vos livrasses das mãos do Diabo, e vos fizesses filho de Deus. Tomai cuidado em não fazerdes o que fizeram vossos pais. Logo que lhe transmiti estas palavras pelo meu intérprete, olhou para a imagem de São Francisco e me disse: quem é aquele que está vestido como tu? É, disse eu, o pai de nós outros padres, que assim se vestem. Vive ainda?, indagou, está em França? Foi ele quem te mandou para cá e aos outros padres? Não, respondi, já não vive, morreu, porque nós todos morremos, porém deixou sucessores, que nos mandaram para cá. Não está mais em França, e sim no Céu com Deus, onde esperamos ir vê-lo. Não tinha mulheres, como vós também não tendes?, perguntou. Não, respondi, porque todos os padres não as têm, imitando assim o Filho de Deus, seu rei, que vivendo neste mundo não tinha mulher. Isto posto, ele olhava o Céu e as sanefas que cobriam nosso altar, as quais eram de belo damasco com grandes folhagens, agaloadas e guarnecidas de passamanes e franjas de prata fina, bem como o frontal do altar. Disse depois que tudo era bonito, e que servíamos *Tupã* com grande reverência, e pediu-me para batizá-lo antes do seu regresso, e que lhe desse imagens para levá-las consigo. É preciso, respondi, que saibas antes a doutrina de Deus. Não me disseste já, replicou ele, tudo quanto era necessário saber para ser lavado? Não, respondi, isto não passou de uma conversa que tivemos; há ainda muito que aprender. Que me ensinarás ainda? Respon-di: se quiseres morar comigo eu te ensinarei, ou te farei ensinar muita coisa, mas não te posso batizar já, sem primeiro saberes a doutrina de

Ele contempla os ornamentos do altar onde reconhece a grandeza de Deus

Tupã. Quero experimentar tua perseverança e esperar nossos padres que não tardam a chegar conforme me prometeram. Eles te batizarão, e irão contigo fazer a casa de Deus na tua aldeia e não te deixarão mais. Antes disso não deixes de repetir o que sabes na tua *Carbet* a teus semelhantes; não faças mais feitiçarias, e assim nós, e todos os franceses, te estimaremos e sempre serás bem-vindo. Prometo, disse ele, e cumprirei minha palavra. Bem desejo que tu me lavasses agora. Não deixarei de te vir visitar muitas vezes, porque sempre aprenderei alguma coisa de novo.

Chamou então seus companheiros, que ficaram por todo este tempo na porta da igreja. Que obediência e respeito entre os selvagens! Mandou que se aproximassem do altar e repetiu-lhes o que lhe ensinei, mostrando-lhes as imagens e explicando o que representavam. Esta pobre gente estava como que fora de si, lançando suspiros de admiração a seu jeito, e depois despediu-se e foi para o Forte de S. Luís, de onde embarcou e regressou à sua terra. Veio depois visitar-me para tratar do mesmo assunto, e contou-me como cumpriu suas promessas, falando na *Carbet*, e, repetindo o que lhe ensinei, afirmou que todos se fariam cristãos logo que ele fosse batizado, o que me pediu ainda uma vez. Animei-o a continuar a proceder assim, e dei-lhe esperança de que seria batizado em pouco tempo, logo que chegassem os padres de França. Tratamos os dois de vários outros assuntos de que já nos tínhamos ocupado da primeira vez, e com avidez ele recebia todos os conhecimentos mostrando por seus gestos indizível contentamento. Nesta segunda visita, veio mais modesto e acompanhado de poucas pessoas, sem muitos enfeites de penas, e falando com muito menos arrogância do que fez no começo.

.....

ENTREVISTA COM O GRANDE FEITICEIRO
DE TAPUITAPERA

Cap. XVIII

O GRANDE feiticeiro de *Tapuitapera* era homem muito respeitável, de boa estatura e bem-feito, valente guerreiro, modesto, grave, e de poucas palavras; era muito amigo dos franceses, e gozava entre os habitantes de sua região do mesmo poder que *Pacamão* em *Cumã*, *Japiáçu* em *Maranhão*, *Arraia Grande* entre os *Caietés*, *Thion* e *Farinha Molhada* entre os *tabajaras*, rico, e de muito bons filhos, que são fiéis aos franceses e cristãos, como daqui a pouco diremos. Veio ao Forte de S. Luís seguido por perto de trezentos ou quatrocentos dos seus companheiros para fazê-los trabalhar nas fortificações e regressar a seus lares depois de acabarem seu tempo, revezando-se assim, e nunca menos de duzentos ou trezentos selvagens. Durante as horas de trabalho assentava-se ele junto aos franceses, e recomendava-lhes trabalhar bem. Fui vê-lo nessa lida, desculpou-se muito para comigo, por intermédio do seu intérprete, por não me ter vindo ver logo que chegou à Ilha, por estas palavras:

Quem é este feiticeiro

Vem ao forte de S. Luís seguido de sua gente para trabalhar

“Não te fui procurar, embora tivesse muito que conversar contigo, porém deve ser com vagar. Agora é preciso vigiar minha gente no trabalho, a fim de se empregar com ânimo na fortificação desta praça. Não deixarei de te ir ver com *Migan*, que está aqui para te fazer sabedor do que eu digo, contando-me tam-

Seu discurso

bém as maravilhas que ensinas aos nossos semelhantes.”

Resposta

Respondi-lhe que não achava isto ruim, e que estava contente por vê-lo assíduo no trabalho para que fossem bem feitas as trincheiras e fossos a fim de resistirem a seus inimigos, e que depois se nos oferecia ocasião de conferenciarmos; que era só isto, que eu desejava, que nós todos o estimávamos e muito, tanto por sua bondade natural como porque era amigo dos franceses, e sempre fiel. Assentamo-nos depois um em frente do outro, conversamos sobre muitas coisas diferentes, espe-

Fervor das crianças

cialmente do trabalho de sua gente, particularmente das crianças, que carregavam terra, o que causava a ele e a nós muita satisfação, fazendo-me dizer a propósito que bem razão lhes assistia nesse trabalho, cheio de fervor e de coragem, pois era para eles que se lidava, visto que um dia veriam as maravilhas feitas pe-

Outra resposta

los franceses nesta terra. Serão bem diferentes do que somos, dizia ele, porque serão *caraibas*, andarão vestidos, e verão as igrejas de Deus construídas de pedra. Confirmei em minha resposta a felicidade de seus filhos no futuro, assegurando-lhe que dela também gozaria porque não haveria muita demora na vinda de socorros e navios de França trazendo muitos padres, muitos franceses guerreiros, muita ferramenta e gêneros para eles; que então se construiriam casas à maneira dos franceses, que seriam acompanhados por eles quando fossem guerrear seus inimigos, que viriam os *tupinambás* e os outros aliados cultivar a terra da Ilha, e que tudo isto poderiam ver antes de morrerem. Ditas estas palavras, despedi-me dele e regressei à minha habitação. Quando acabou o tempo do seu trabalho veio visitar-me, acompanhado pelos principais da sua nação e pelo intérprete *Migan*. Sentou-se, e pedindo *petun*, como costumava, me disse estas palavras:

“Antigamente usei de muitas feitiçarias para me tornar grande autoridade entre os meus. Muito tempo há que conheci este abuso, e que zombo dos que se empregam neste ofício. Não ignoro a existência de um Deus, porém não sei conhecê-lo.

Outro discurso

Seria impossível o giro anual do Sol, a existência de ventos e chuvas, e o forte estampido dos trovões se não houvesse um Deus, autor de tudo isto. Temos então homens maus, que vivem livremente sem temer algum castigo, e pensamos que eles irão ter com *Jeropari*. Temos outros homens, que são bons, que não matam, que dão espontaneamente a sua comida, e pensamos serem eles amados por Deus, e portanto que não vão cair no poder do Diabo. Alegrei-me muito quando me notificaram a vinda dos padres, que faziam conhecer *Tupã*, e que em seu nome lavavam os homens; foi este o principal motivo, que aqui me trouxe para vos ver, e manifestar-vos o meu desejo de ser instruído e batizado, porque já soube que dissestes que todos aqueles que não fossem batizados seriam condenados e que todos os nossos padres estão perdidos. Tenho muitos filhos, quero que sejam cristãos, como eu, a fim de irmos todos para a companhia de Deus. Desejo edificar na minha aldeia uma casa para ele, e junto dela outra para um de vós; eu o sustentarei e nada lhe faltará. Os que na minha província confiam e têm fé em mim serão cristãos. Traduzindo-me o intérprete tudo quanto acima escrevi, acrescentou: este homem tem muito amor a Deus, e conhece-o muito, porque usa das palavras mais expressivas da sua língua para melhor exprimir o que sente e conhece, e tenho muita pena de não poderdes entendê-lo e conhecer o que ele diz. Respondei conforme seus desejos.

Fazei com que ele entenda estas palavras, o mais eloqüentemente que puderdes. Informaram-nos os franceses **Resposta** muito bem de vós e de vossos filhos, tanto de vossa fidelidade e amizade, como de vossa natural bondade; eis o verdadeiro meio de cedo receberdes o favor de Deus, alcançardes seu conhecimento e seu batismo. Tu o vês ordinariamente diante de ti quando a terra produz facilmente muitos frutos, provenientes da semente nela lançada. O homem é a terra e o Evangelho a semente; quando Deus encontra terra fértil, sem cardos e nem espinhos, ele aí lança sua semente; à vista disto muito espero de ti e de teus filhos e te asseguro que se fôssemos muitos padres, tu já levavas um contigo; tem porém paciência, breve chegarão outros. Não deixes contudo de edificar a casa de Deus e a dos padres, para que, apenas cheguem, possas levá-los e acomodá-los. Não podes demorar-te aqui muito tempo em virtude do teu cargo; nós, como somos poucos, não podemos também ir contigo; conserva tua boa vontade, e Deus te

ajudará. Percebi já que tens muito amor a Deus, que o espírito dele tocou-te o coração, e iluminou-te o entendimento para te guiar no que me disseste; é grande bem para ti, não o desprezes.

Respondeu-me assim: Nunca fui mau, nunca me agradaram as carnificinas dos nossos escravos. Nunca roubei as mulheres dos outros, contentava-me com as minhas. É bem verdade que me fiz temido ameaçando com moléstias, que contraíam por medo aqueles que me desprezavam. Nunca falei com espíritos, como fazem os outros *pajés*, e apenas empreguei a sutileza do meu espírito e a grandeza da minha coragem. Minhas feitiçarias concorreram menos para granjear autoridade do que muitas vezes manifestei na guerra. Estou velho, e só ambicio-

Resposta no paz e tranqüilidade. Respondi-lhe haver procedido bem, irritando contra si muito menos o soberano, à vista do comportamento de outros feiticeiros, que mantinham relações com o Diabo, e que assim ficasse gozando a tranqüilidade de sua consciência até o dia do seu batismo. Pediu-me para ver a capela, e buscou informar-se de tudo quanto via: altares, paramentos e imagens. Expliquei-lhe tudo bem à sua vontade, e assim despediu-se de mim para regressar a sua terra, o que fez. Dei-lhe imagens para levar consigo, o que recebeu com muita alegria; expliquei-lhe o que significavam e recomendei-lhe que as guardasse com todo o cuidado para que *Jeropari* não as tomasse, visto ter sido vencido antigamente pelo Filho de Deus, que morreu na cruz. Então ele partiu.

Pouco tempo depois foi convertido Martin François a quem permitimos edificar uma capela na sua aldeia, onde celebraríamos missa, e batizaríamos quando fôssemos a *Tapuitapera*. Este grande feiticeiro, de quem acabamos de falar, teve alguns ciúmes, e mandou-me dizer que muito se admirava de eu ter dado licença a Martin para fazer uma capela na sua aldeia antes de ele construir uma na sua, preferência que ele bem merecia, pela sua grandeza, de edificar primeiro uma casa a Deus e ter padres consigo como lhe fora prometido. Aos que me trouxeram o recado respondi não ter ultrapassado de forma alguma minhas palavras e promessas, que era ele o primeiro de *Tapuitapera* a quem tinha dado licença para fazer uma capela, que devia preceder os outros e, quanto aos padres, ainda não tinham chegado; que

Teve ciúmes por não construir a primeira capela

Ficou satisfeito

quando fôssemos a *Tapuitapera* não deixaríamos de ir vê-lo e visitá-lo; mas que eu não podia recusar a Martin François, já cristão, o ter junto de si uma casa de Deus para fazer suas orações. Ele achou boa a resposta.

Entre os convertidos por Martin, depois do seu batismo, foram dois dos filhos deste *Muruichane*, e com isto teve Martin singular consolação, animando-os a aprender suas crenças e a doutrina cristã; porém aconteceu, infelizmente, serem eles seduzidos pelas más palavras de um de nossos intérpretes para deixarem o cristianismo. Tendo sabido o bom padre que eles por isso tinham deixado seus hábitos e vestes, lhes disse: Que ides fazer? Moveis-vos por bem pouco! Por que vos despis, e dissestes que não querieis mais ser cristão? Quero agora que torneis a tomar vossos hábitos; ide procurar Martin François na sua aldeia, e dele recebei a doutrina que os padres lhe ensinaram. Não vos separeis dele, e nem voltem senão em sua companhia. Eu mandarei chamá-lo para que vá ter com os padres. Estes rapazes obedeceram a seu pai, tornaram a tomar seus hábitos, vieram procurar Martin François, que foi ter com o grande feiticeiro, e veio depois em companhia de muitos cristãos ao Forte de S. Luís para nos contar, e aos nossos chefes, como se passaram esses negócios e agimos muito sabiamente conforme a ocasião requeria. Assim vocês poderão ver o verdadeiro amor que os padres devem votar a suas crianças tendo com elas muito mais cuidado que com qualquer outra coisa. Este homem não tinha sido batizado ainda quando ele doou este verdadeiro ato de um padre a suas crianças decaídas da graça.

Admoestação dessas crianças debochadas para que voltem a seu dever

O Reverendo Padre Arsène, acompanhado por muitos cristãos, foi vê-lo em sua aldeia, onde foi muito bem recebido, e fazendo-lhe ver no rosto toda a alegria que um selvagem pode mostrar, presenteou-o com muita carne para comer e pediu-lhe que, se viesse morar em *Tapuitapera*, que escolhesse para residência sua aldeia, onde seria bem acomodado, tanto quanto permite o lugar.

Recebe a visita do P. Arsène

Depois disto mandou-me o filho mais velho, chamado *Chenambi*, “minha orelha”, com a mulher e um filho pequeno. Disse *Chenambi*: meu pai está preocupado contigo, receia que não tenhas farinha, e é por isso

Enviou-me seu filho que me fez este discurso

que estou aqui. Logo que houver milho ele te mandará muito. Ele deseja muito ser prevenido de quando os padres vão chegar, porque deixará imediatamente a sua aldeia, e atravessará o mar para cumprimentá-los, pedir um deles e levá-lo consigo para aprender com ele a ciência de Deus, e ser por ele lavado. Dois dos meus irmãos são *caraibas*, os quais, como sabes, se despiram, apesar das observações que lhes fizeram. Atualmente vão indo bem, e estão sempre com o *Pai-miri*, “padre pequeno” (sobrenome que davam a Martin François por causa do empenho dele em converter as almas); quero ser cristão, conjuntamente com meu pai, minha mulher, que aqui está, e meu filho pequeno que ela carrega, o qual, chegando à idade própria, darei aos padres para ser por eles instruído. Este *Chenambi* balbuciava um pouco o francês, e entendia também alguma coisa, graças ao trabalho e empenho que para isso empre-

Resposta gava, falando com os franceses o mais que podia. Respondi-lhe em sua linguagem por meio do intérprete, desta forma: Que estava muito contente por seu pai lembrar-se de nós principalmente pela perseverança da boa vontade de seu pai e de seus irmãos para com o cristianismo, e especialmente ao ver ele e sua mulher dispostos a receberem a fé cristã, e a nos oferecerem o filho para ensinarmos o que fosse conveniente quando conosco estivesse. Exortei-os por muitas palavras a terem ele e sua mulher constância em tal desejo. Sua mu-

Modéstia e pudor de uma selvagem lher era de agradável presença, moça e recatada, trazia nos olhos não sei que pudor, não se animando a olhar-me diretamente; além disso ocultava com o pé direito de seu filho sua enfermidade, guardando o respeito natural de não se apresentar de outra forma diante de mim, do que tirei bom sinal, agradando-me ainda mais de seus humores e maneiras; achei-a muito boa e caridosa para com os franceses, humilde e obediente ao sogro e ao marido, virtudes que não são naturais numa índia. Antes de partir prometeu-me o marido que não casaria com outra e nem a abandonaria. Respondi-lhe que se assim fizesse os padres o casariam diante da Igreja depois de batizado.

Cap. XIX

ERA *Jacupen* um dos principais da tribo dos *canibaleiros*, conduzidos para a Ilha pelo senhor de **Qualidade de Jacupen** la Ravardière, pai de um mancebo cristão, de boa índole, chamado Jean, e antes *Acaiii-miri*, “caju pequeno” ou “cajuzinho”. Teve por várias vezes o trabalho de vir de *Juniparã* procurar-me e conversar comigo sobre as coisas divinas, e sobre a vaidade deste mundo. Um dia veio à minha casa com seu filho, e assim falou-me:

Tenho muito desgosto de não ser batizado, porque sei que enquanto estiver assim, o Diabo pode per- **Seu discurso** seguir-me e perder-me. Ah! quem pode assegurar-me a vida até à noite? Agora volto para minha aldeia, posso encontrar uma onça furiosa, que me corte a garganta, e me mate sozinho no bosque. Para onde irá meu espírito? Não tenho pesar e nem inveja, que meu filho, que aqui está, se batizasse primeiro do que eu. Mas disse-me: não é coisa nova, que ele seja filho de Deus antes de mim, seu pai, e que eu dele aprenda o que devia ensinar-lhe? Penso nisto, e torno a pensar muitas vezes, principalmente depois da vossa vinda, e da de outros padres; lembro-me da crueldade de *Jeropari* para com a nossa nação, porque tem feito morrer a todos, e persuadiu nossos feiticeiros a conduzir-nos ao centro de uma flo-

resta desconhecida, onde dançaríamos incessantemente, alimentando-nos somente do âmago das palmeiras e da caça, sucumbindo muitos por fraqueza e debilidade. Saindo nós de lá, e vindo nos navios do *Muruuichane* la Ravardière para a Ilha do Maranhão, armou-nos *Jeropari* outra emboscada, instigando por meio de um francês aos *tupinambás* para matarem e comerem muita gente nossa. Se não é a vossa chegada acabariam conosco. Já vedes que somos muito infelizes nesta vida. Perseguiu os veados e outros bichos para matá-los e comê-los, porém eles não necessitam de ferramentas nem de fogo, pois acham a comida feita; quando perseguidos num lugar, em poucas horas transportam-se para outro atravessando até braços de mar, sem canoa; nós outros porém não podemos fazer o mesmo; faltam-nos ferramentas, fogo e canoas, e o que é mais, vêm ainda perseguir-nos nossos inimigos, ora os *Perros*, ora os *tupinambás*, e finalmente outras nações adversárias; finalmente a nossa posição é pior do que a dos animais da terra.

Respondi-lhe: O que disseste, é bem certo, porque o Diabo o que deseja sempre é matar o corpo e perder a alma, e assim

Resposta procede sempre com aqueles com quem tem pouco a ganhar retendo-os em suas cadeias; é um mestre mau que trata cruelmente seus servidores. Deus não é recebedor dos velhos e nem dos moços. Os primeiros que se apresentam são recebidos por ele, contudo os últimos são sempre os primeiros, porque recebem o cristianismo com mais consideração, e o conservam com mais fervor do que aqueles que o abraçam ligeiramente. Nosso Deus nos fez miseráveis neste mundo a fim de não olharmos só nas delícias da carne, e sim para preparar-nos com destino à outra vida além desta.

Antes de passar adiante convém explicar o que ele quis dizer quando falou da desgraça de sua nação, devida aos conselhos dos seus feiticeiros, e à carnificina promovida pelos *tupinambás*. Havia entre eles um grande feiticeiro, que entretinha com o Diabo visíveis relações e gozava de tão grande autoridade sobre seus semelhantes, que os persuadia e eles o acatavam. Aproveitou-se o Diabo de tal ensejo para seduzir e enganar esta população, ensinando ao feiticeiro o que devia dizer-lhe para ele ir tomar posse de uma terra, onde tudo, fácil e sem trabalho, surgiria na medida de seus desejos. Esta nação, explorada por

**Notável e destruído-
ra trapaça do Diabo
contra os canibais**

aquele desgraçado, não precisou ir muito longe para sofrer a trapaça do Espírito do Condutor, porque faleceram milhares, e acharam-se no meio de vasta floresta, dançando incessantemente, como ele ordenou, até que chegasse o espírito para lhe indicar o lugar procurado. Aí achou-se o senhor de la Ravardière, demonstrou-lhes como foram explorados e, tendo reconhecido isso, seguiram-no e embarcaram em seus navios com destino à Ilha do Maranhão, onde algum tempo depois um miserável francês tendo uma querela com o principal dessa gente, para vingar-se, instigou os *tupinambás* a matar todos subindo esta carnificina a cem ou cento e vinte, entre mortos e prisioneiros. Tal barbaridade foi praticada cinco ou seis meses antes da nossa chegada. Continuemos nossa narrativa.

Restos dos canibais transportados à ilha

Depois de minha resposta, disse-me: Tenho muito pesar de não poder obsequiar-vos como mereceis, porque não tenho meios de ter escravos; outrora fui rico, hoje sou pobre. Fiz o que pude ao padre residente em *Junipará*. Tenho bem pesar de não trazer-te caça sempre que venho ver-te. Repliquei-lhe imediatamente: Não é isto que desejo de ti, e estou muito contente de conhecer tua devoção e tua boa vontade, porém o que mais desejo de ti é que sempre progridas dia após dia, e cresças no conhecimento de Deus. Tens um padre na tua aldeia, visita-o sempre, e dele aprende as maravilhas de *Tupã*. Tens além disso teu filho, que sabe a doutrina cristã; ele que a ensine a ti e a todos de tua casa, o que fará melhor do que nós, visto pronunciar bem as palavras da tua língua.

Réplica

Resposta

O que acabas de dizer-me aflige-me muito, respondeu-me ele, porque meu filho depois de cristão, logo no princípio, procedeu bem; já sabia ler um pouco no seu *Cotiare*, e escrever, estava sempre com o padre, e o seguia por toda a parte. Deixou depois tudo isso, entregou-se à liberdade, esqueceu o que havia aprendido, e foge para o mato quando o padre o procura; isto me mata e como nada ganho em falar-lhe, eu te peço que tu lhe mostres e proves ser ele filho de Deus, e que *Jeropari* o quer seduzir: ei-lo aqui, fala-lhe. Satisfiz-lhe o desejo, recordando a seu filho o fervor com que recebeu o batismo, admirando-me de vê-lo tão mudado a ponto de fugir dos padres, pelo que eu acreditava andar o Diabo no seu encalço se não

Outra réplica e lamento de um pai contra seu filho

Minha admoestação a seu filho

regressasse aos seus deveres, se não freqüentasse o padre de *Juniparã*, e não abraçasse sua antiga fé. Ouviu essas palavras pacientemente e prometeu-me melhor procedimento. Considerai, eu vos peço, o zelo de um verdadeiro pai para salvar o filho, como mostrou o grande feiticeiro de *Tapuitapera*: este pai é ainda pagão, e contudo vós o vedes solícito e cuidadoso pela consciência de seu filho. Quantos pais há em França, que só cuidam dos bens temporais de seus filhos, e negligenciam o Espírito?

Veio outra vez visitar-me em companhia de alguns selvagens, seus vizinhos: rolou nossa conversação a respeito da criação do mundo, da providência de Deus para com o procedimento dos homens, e da vocação singular e particular de cada um. Para o primeiro ponto da criação, é preciso, disse, que seja Deus um espírito poderoso, incompreensível para nós, para criar com uma só palavra, como ouvimos muitas vezes de vós outros padres, tudo o que vemos e ouvimos. Imagino a imensidade do mar, que há daqui até a França, tanto assim que os navios gastam doze luas no trajeto de ida e volta, e admiro que o sol que temos seja também vosso. Quantos pássaros, peixes e animais, árvores existem no mundo, todos foram feitos por *Tupã*.

Para o segundo ponto de discussão ele disse: Eu me encontro impedido, quando me ponho a pesar a diferença destas nações que fazem parte deste mundo. Vejo os franceses ricos, valentes, criando navios para vencerem os mares, canhões e pólvora para matar os homens imperceptivelmente, bem vestidos e nutridos, temidos e respeitados. Ao contrário, nós vivemos errantes e vagabundos, sem roupas, machados, foices, facas e outras ferramentas. De onde vem isto? Nascem ao mesmo tempo dois meninos, um francês e um *tupinambá*, ambos doentes e fracos, e não obstante um nasce para gozar de todas as comodidades e outro para viver pobremente. Livres nascemos, um não tem mais do que outro, e contudo uns são escravos e outros *muruichaues*.

Eis o terceiro ponto de discussão: Não posso tranquilizar o meu espírito quando penso que vós outros franceses tendes mais conhecimento de Deus do que nós. Por que temos vivido tanto tempo na ignorância? Vós dizeis-nos que foi Deus quem

vos enviou, e por que não o fez antes? Nossos pais não se teriam perdido, como sucedeu. Os padres são homens como nós, e por que eles falam a Deus, e nós não?

Respondi-lhe a tudo isto, dizendo ser muito pequeno nosso espírito para conceber coisas tão altas, reservadas por Deus só para si. Basta saber que ele fez tudo, ama cada um e dá o necessário a todos. Quando vê um indivíduo disposto a abraçar suas crenças não deixa de o mandar visitar pelos seus apóstolos, que lhe proporcionam meios de salvar-se, sendo de crer não achar-se seu coração e espírito, antes da nossa vinda, dispostos e aptos a receber tão grande luz, qual a do Evangelho. Estes e outros discursos semelhantes, que adiante encontrareis, vos habilitarão a julgar da capacidade das almas daqueles selvagens para receberem a fé de Jesus Cristo, nosso Salvador.

**Resposta ao
acima referido**

.....

ENTREVISTA COM O PRINCIPAL DE OROBUTIN

Cap. XX

ERA este principal de alta estatura, muito magro, modesto e afável, e tinha estado doente desde a nossa chegada até quando veio visitar-nos. Entrou em nossa casa acompanhado por alguns dos seus, com muito respeito e quase a tremer. Acolhendo-o muito bem, eu o fiz sentar em frente a mim numa rede de algodão, e logo, conforme o costume, principiou a falar-me quase que palavra por palavra.

Discurso deste índio sobre a criação Vim hoje ter contigo, ó padre, para duas coisas: a primeira para desculpar-me e pedir-te que não repares o não me encontrares quando chegaste em *Uraparis*, como fizeram *Japiáçu*, *Pira-Juna*, *Ianuarauaeté*, e outros principais da Ilha, e não pude também vir antes de *Pacamão* e *Aua Thion*, meu chefe, pois eu tinha uma grave doença que sempre me acompanhou. Porém, no meio de minha moléstia sempre tive o desejo de ver teu rosto e ouvir de tua boca o que meus companheiros de aldeia me contavam de vós outros padres. A segunda coisa que aqui me traz é oferecer-te meus filhos, que te dou, quero que sejam teus, e que os faças *caraibas*. Desejo igualmente e peço-te que venhas tu ou um dos padres à minha aldeia edificar uma casa para Deus, instruir a mim e a meus semelhantes, e declarar-nos o

Seu discurso

que *Tupã* deseja de nós para sermos lavados, como têm sido os outros. Asseguro-te que não faltariam víveres, por ser minha terra boa e abundante de caça.

Advirto ao leitor que é fácil traduzir as palavras e pensamento deste selvagem, porém não os gestos e a vivacidade do seu espírito ao pronunciá-los; direi apenas que suas expressões eram acompanhadas de lágrimas e com voz cheia de fervor e devoção revelava-me o toque do Espírito Santo e o ardente desejo de ser cristão. Respondi-lhe: Não precisa pedires desculpa pela tua ausência quando saltamos na Ilha, porque além de estares doente, muito longe é daqui à tua aldeia, e só isto basta para seres desculpado. Regozijo-me muito vendo em ti tão boa vontade para conosco, e tão grande desejo de tua salvação, da de teus filhos e em geral da de teus semelhantes. Se atualmente tivéssemos mais padres acredita que eu iria, ou mandaria outros à tua aldeia, porém não podemos deixar a Ilha por causa dos estrangeiros que nos vêm ver e para os quais deve-se dar toda satisfação. Logo que chegarem os padres da França asseguro-te que terás um deles, porque reconheço claramente seres um dos escolhidos por Deus para seu filho. Coragem, e espera pelo que te digo.

Seu fervor e sua devoção

Resposta

Replicou-me: Deste-me muita consolação, porque desde que correu o boato em nossa terra de que vós dizíeis maravilhas de *Tupã* e de tratardes com bondade nossos semelhantes, que eu nunca mais tive sossego, esta fantasia me atormentando incessantemente: Quando irás procurar os padres, quando da boca deles ouvirás o que dizem teus compatriotas? Levanta-te, e faz esforços para caminhar. Obedecendo muitas vezes a este pensamento, levantei-me da cama, porém estava tão magro, descarnado, que nem pude sustentar-me nas pernas; olha para meus braços, meu corpo, e minhas coxas, que não recobriram ainda a carne e a gordura, que a moléstia me comeu. Admirou-me muito quando soube ter *Marentin* vindo tão doente procurar-te e receber o batismo. Peço-te encarecidamente que antes do meu regresso me ensines alguma coisa de Deus, e acredita que fixarei em meu espírito, e não esquecerei uma só palavra, e mui fielmente o referirei a minha gente e a meus filhos. Tenho três filhos jovens, sendo o mais velho este que aqui vedes; quero que fiquem com os padres quan-

Réplica do selvagem

do vierem, que se assentem a seus pés, e que escutem com atenção o que eles disserem e cumpram suas ordens. Eles caçarão e pescarão para os padres.

Disse-lhe pelo intérprete que sua prece era razoável e que eu **Resposta e instrução** não podia recusá-la, e assim que atentasse bem ao que eu ia ensinar-lhe e que chamasse para junto de si seu filho e seus companheiros, o que foi feito, principiei a explicar-lhes o mistério da criação e da redenção por meio de comparações simples e concretas. É impossível descrever a atenção e emoção com que ele recebia estas águas sagradas do Redentor. Nunca animal algum foi tão ávido e desejoso de uma fonte clara em pleno estio, do que este saboreando a nova doutrina. Praza aos Céus, sem fazer comparação alguma, que os cristãos acolhessem a palavra de Deus com tanta avidez. Tinha ele as espáduas curvadas, enquanto falei, os olhos meio baixos, e mal ousava tomar fôlego e engolir a saliva. E durante este discurso podia-se ouvir o caminhar de um rato. No fim disse-me: Que grandes coisas! nunca ouvi falar nelas e nem noutras semelhantes, porque Deus não quis falar conosco, e nem com os nossos antepassados, e nenhum *caraíba* ainda nos entreteve contando-as. Acabas de dizer-me que Deus está em toda parte, que não pode ser visto, mas vê tudo e nos ouve, acompanhando-nos por toda parte, e sempre adiante; que somente os batizados podem senti-lo e reconhecê-lo, que não tem corpo como nós, mas sim é um espírito derramado por todo o universo. Ouvi bem, mas dificilmente compreendo, porque não estamos acostumados a ouvir tão grandes coisas, e sim temos inclinação natural para pescar, caçar, flechar e fazer muitos exercícios. Quanto ao mais entregamo-nos aos nossos feiticeiros, dotados de ânimo mais sutil para conversarem com os espíritos.

Disseste-me ser Deus como o ar que respiramos constantemente, pois sem ele morreríamos; que **Comparação com a presença de Deus** *Tupã* nos dava vida e alento, entrava em nós e nos cercava por toda a parte como o ar; que assim como o ar existe e vai por toda a parte, assim também Deus entrava e existia em todo lugar. Entendo bem este ponto, pois se Deus fez o ar, necessariamente é mais **Fraqueza do Diabo** do que ele. Estou muito satisfeito por me dizeres que *Jero-pari* apenas era servidor de *Tupã*, que é perseguido pelos es-

píritos bons, quando faz ou persegue algum homem ou mulher sem licença de Deus, e que finalmente não tem poder sobre os batizados. Bem fez Deus porque *Jeropari* é mau, e eu bem desejaria que ele fosse açoitado até morrer pelos bons Espíritos. Apenas me torne cristão, se ele aproximar-se de minha aldeia, irei atrevidamente ao seu encontro, e não terei medo algum.

Desculpai as expressões deste selvagem não-cristão. Escutai o resto de seu discurso, que ele continuava assim:

Era necessário que a moça com quem Deus se casou fosse muito bonita, riquíssima, e a mais poderosa do seu país, por ser *Tupã* o maior de todos os *muruuichaues*; creio que seu filho tinha grande séquito e muito acompanhamento; porém os malvados traidores, que o mataram, eram velhacos e cautelosos porque o fizeram ocultamente pois se sua gente soubesse o teria defendido. Parece-me que ficariam bem admirados quando o vissem sair vivo de sua sepultura; devia então vingar-se dos que o fizeram morrer, mas tu me disseste uma coisa admirável, isto é, que ele subiu para o Céu, somente em corpo e alma, que está sentado acima do Sol, que tem olhos mais claros do que o Sol e a Lua, que nada se faz na Terra que ele não veja e observe tanto na tua pátria como na nossa, ouvindo distintamente todas as nossas palavras, as vossas preces nas igrejas, escutando-as, e vindo todos os dias sobre os vossos altares, onde com ele falais, bem como todos os *caraíbas* com liberdade, até sem abrir a boca, não deixando de perceber o que dizeis em vosso coração. Disseste também que foi ele quem vos mandou para cá a fim de ensinar-nos estas coisas, a meu ver muito belas, e não me enfadarei de ouvi-las, porém o barco está pronto para regressar e estão à minha espera minhas roças, que deixei boas para a colheita. Tudo isto obriga-me a partir, além de não ter trazido farinha comigo. Respondi-lhe, que se era só por falta de farinha que ele se via constrangido a partir, eu tinha alguma à sua disposição e de seus companheiros. Agradeceu-me à sua maneira, despedimo-nos, e ele partiu.

Continuação do discurso do selvagem

.....

ENTREVISTA COM ONDA, UM DOS
PRINCIPAIS DE CUMÃ

Cap. XXI

ESTE principal sempre foi o Pai comum dos franceses em *Cumã*, honrando-os, respeitando-os e defendendo-os contra todas as más indisposições suscitadas, como era costume, pelos malvados e libertinos, a ponto de ser por eles odiado e ameaçado de espancamento e de morte, o que não aconteceu pelo receio que tinham dos franceses. Quando nossa gente foi ao Pará, ele a acolheu com toda a bondade e generosidade, ambicionando ser o *chetuasap* ordinário do chefe dos franceses, consistindo toda a sua fortuna e felicidade em ser amado e querido dos franceses. Tinha um filho com 20 anos de idade, que recomendou muito ao senhor de la Ravardiè-re e a todos nós, pedindo que o acolhêssemos bem, não exigindo outra recompensa de sua fiel amizade a não ser a de poder seu filho viver entre os franceses; numa palavra: ser francês. Nessa ocasião tinha recomendado ao filho que se esforçasse o mais que pudesse para aprender a língua francesa, e para conseguir isso com maior facilidade ordenou-lhe que freqüentasse os franceses quanto pudesse, estando sempre entre os residentes em *Cumã*, e de tal forma se houve que aprendeu algumas palavras de nossa língua.

Este bom homem pensou ter ganho todas as riquezas do mundo, quando viu o filho balbuciar vinte ou trinta palavras francesas, e julgou ser tempo de trazer este grande doutor aos *pajés*, isto é, aos padres para ser batizado, e depois ser *caraiíba*, “francês”. Tereis sem dúvida notado, tanto por este discurso como por muitos outros precedentes e subseqüentes, que os selvagens julgavam necessário ser batizado primeiro para depois ser fran-

Instrução dos franceses cês, sendo manifesta loucura pensar o contrário. Na verdade não se enganavam. O verdadeiro francês é mais francês pela piedade e religião do que pela origem, visto que Deus o felicitou fazendo-o vassalo e súdito de um rei cristianíssimo, primeiro filho da Igreja, e sempre seu fidelíssimo protetor, como demonstrou em todas as ocasiões que se apresentaram no correr do tempo. Se dermos crédito a Santo Agostinho, no *Tratado do Anticristo*, é ele que deve resistir a este Anticristo, como se vê em mais de um lugar. Voltemos ao nosso homem. Trouxe o filho com muito respeito e, assentando-se numa rede de algodão com o rapaz perto dele, desculpou-se de não ter

Este índio gosta dos padres vindo logo ver-nos e visitar-nos, assegurando porém ser um dos nossos melhores amigos, que desejava ter padres com ele na sua aldeia, que os acolheria muito bem, que nada lhes faltaria para viver, nem javalis, veados e outras espécies de comida. É por esta forma que todos se desculpam. Depois disto, falou-me assim:

Sou homem de idade, como vês, porém tenho muita força e espero ver este meu filho, que aqui te trago, bom *caraiíba*, como me prometeu o Grande, que simpatiza com ele, quer vesti-lo e vai deixá-lo aqui para viver com os franceses. Eis por que venho pedir-te para lavá-lo com água de *Tupã*. Assevero-te que ele sabe tudo quanto é preciso saber, e breve o ouvirás porque tive o cuidado de que ele falasse com os franceses, e todos me dizem que ele entende muito. É bom rapaz e amigo dos franceses. Dizendo isto, fez sinal ao filho

A boa opinião de seu filho para aproximar-se, e ordenou-lhe que contasse tudo quanto sabia de francês. Só com muito custo pude conter o riso, e nem mesmo me era permitido usar do intérprete que ria-se a bom rir de tal simplicidade daquele personagem. Contudo, eu o tranqüilizei pedindo-lhe desculpas pelas travessuras de um

pequeno papagaio que eu tinha, a fim de não pensar que era ele que provocava o riso. O rapaz recitou-me a doutrina, que seu pai julgava

bastante para receber o batismo, e o fez desta maneira:

**Seu filho sabe
o que conta**

Bom dia, senhor, como estais? Bem, senhor, pronto ao vosso serviço, quereis comer? sim; pão, peixe, carne, minha cabeça, meu chapéu, meu gibão, meu borzeguim, minha camisa *.

Não pude ouvir mais, com receio de arrebrantar de riso. Disse-lhe ser suficiente e que eu via, por aí, que ele não tinha perdido seu tempo. O bom homem, pressuroso, inter-

**Simplicidade
do pai**

rompeu-me declarando ter ainda o que dizer. Levantou do seu lugar, tomou todos os utensílios do meu quarto e, mostrando-me um após outro, disse-me que ele de tudo sabia o nome em francês. Aproximou-se de minha mesa, agarrou-a com as mãos, e disse: – ele também sabe o nome disto em francês. Dirigiu-se ao filho, e perguntou-lhe se era verdade o que dizia. Sim, respondeu-lhe o moço, e ainda mais, pois chamaria pelo nome tal, tal e tal francês, bem como sabia também o nome das armas: *um arcabuz, que faz puf, uma espada, um canhão, que faz patô*. Mas, disse-lhe o pai, aprenderás bem depressa o resto? Sim. Muito bem, replicou o pai, não deixes de vir todos os dias recitar tua lição diante do padre.

Deixando-lhe toda a liberdade de falar a fim de eu poder conter o riso e de ele dar expansão ao seu fervor, eu comecei a fazê-lo entender que não era isto o que lhe pedíamos, para dar-lhe o batismo, e sim o conhecimento de Deus e de outras coisas dependentes da nossa religião. Ficou admirado de ouvir-me, reconhecendo inútil o orgulho que ele tinha de ver o filho grande doutor, e parecendo não entender até o que eu lhe dizia. Pelo intérprete, expliquei-lhe o meu pensamento, e ele respondeu-me não ter ouvido ainda falar nisso mas que, como seu filho era inteligente, cedo aprenderia, bastando-lhe apenas uma lua para ele aprender tudo, e para isso deixava-o no Forte de S. Luís. Disse-lhe que ele fazia muito bem, que eu o trataria o melhor que me fosse

Réplica

possível e que sempre seria bem acolhido em nossa casa. Mas, disse eu, por que não procuras para ti o bem, que dese-

Desculpa banal

jas a teu filho? Ah! respondeu-me, sou muito velho;

* Em francês muito mal escritas estão estas palavras: é impossível traduzi-las com tais erros. (Do tradutor César Marques.)

nada mais poderei aprender, como esses rapazes que vão ser *caraibas*. Como, repliquei, antes queres ir com os diabos queimar-te no Inferno do que esforçar-te para aprenderes a ciência de Deus, pela qual tu mereceras ser lavado dos teus pecados e ires depois da morte lá em cima, no Céu, com Deus? Tua velhice não é desculpa aproveitável. Tens eloquência para falar um dia inteiro, se quiseres. Calcula há quanto tempo falas e quantas palavras já proferiste. Não precisas aprender a quinta parte das questões que me tens proposto, para seres cristão, nas palavras de tua língua, pelas quais compreendemos o que Deus nos deixou em nossa língua. Aprendes com muita facilidade cantigas e descantes, tão compridos sobre feitos de teus antepassados. Poderás assim aprender facilmente o que queres que teu filho saiba. Pois bem, me disse ele, vou fazê-lo. Voltando-se para o filho, recomendou-lhe que escutasse bem tudo quanto eu lhe ensinasse, que não perdesse uma só palavra e que imitasse todas as ações dos franceses, que viria depois buscá-lo para a sua terra a fim de receber dele o ensinamento do que tivesse aprendido e observado. Serás bem-vindo, te respeitarão e se reunirão para te ouvir contar tão belas coisas. Depois viremos procurar os padres para nos batizarem. Assim falando, olhou-me a sorrir-se. Muito bem, disse ele: Padre, não beberemos bom vinho de França? ou *Cauim*, que queima, isto é, aguardente? Não terás dela alguma garrafa na tua frasqueira? Dá-me as chaves dela. O *muruuichaue* me deu em sua casa um pouco, e era muito boa e muito forte. Esfregando o estômago com a mão, dizia-me: Olha, ainda sinto ela me aquecer. É costume dos franceses tirar da frasqueira a garrafa quando se recebe visitas de amigos. Tenho desejo de vir muitas vezes a *Yuiret*, quando chegam navios de França para provar do seu vinho muito melhor do que o nosso. Vendo finalmente a simplicidade deste homem, que foi o primeiro a rir, e não tratando nós mais das coisas de Deus, tive de rir também, dar-lhe aguardente, e depois de ter tomado um bom gole, ele me fez sinal e fez o intérprete me dizer que eu não tinha bebido com ele, que convinha fazê-lo, e que depois ele me acompanharia. Assim o fiz para chamar estes homens ao seio de Deus, tê-los como que obrigados ou agradecidos a nós em tudo quanto pudéssemos, conforme sua natureza, quando nisto não há ofensa a Deus. Depois de achar-se um pouco entusiasmado com o segundo copo come-

**Os selvagens
gostam de vinho
e aguardante**

çou a pronunciar guturalmente estas palavras: *Goy y katu de katogne kauin tata*, “oh! quanto é bom, muito bom o vinho de fogo, ou o vinho que arde”. Como mau agouro ouvi a palavra *goy*, que é o começo para beber-se muito, e principiei a cogitar na maneira de como havia de apertar minha garrafa, por não haver necessidade de tão grande despesa porque este tempo nos era muito curto. Disse ao meu intérprete que a levasse. E quando ele quis pegá-la, o meu selvagem agarrou-a e me fez ouvir que os franceses não fechavam jamais as garrafas trazidas da frásqueira para a mesa, o que já havia ocorrido várias vezes com eles. Reconheci que era necessário pagar resgate pela minha prisioneira, embora ela nada me ficasse a dever pela sua boa composição. Disse-lhe que *cauim-tata* não era semelhante ao que tinha bebido antigamente, que perturbava a cabeça de quem o bebesse muito, que eu devia cuidar do seu corpo e de sua saúde, mas que eu ainda lhe daria um copinho para dizer-lhe adeus, e assim ele foi satisfeito. Veio visitar-me no dia seguinte. Prevenindo-me e indo de encontro aos seus desejos mostrei-lhe uma garrafa quebrada, igual à do dia anterior, fingindo estar muito triste pela aguardente que se tinha derramado e perdido; mostrou-me igual sentimento, e batendo na coxa me disse: aqui está, se tivesse permitido, nós a tínhamos bebido, e nada teria acontecido

.....
Faltam os últimos fólhos desta narração no exemplar único da edição original, existente na Biblioteca Imperial de Paris. [Vide o Prefácio de Ferdinand Denis.]

Supre-se de alguma forma esta falta, bem sensível, publicando-se um Adendo com algumas cartas acerca do tema do livro, muito curiosas e deixadas por muito tempo no esquecimento..

[O último fólio do exemplar de Nova Iorque é o de nº 365, somente com uma página. Por ter sido o livro interrompido aí (veja nota na pág. 12), fica-se sem saber, quantos fólhos existiam, ignorando-se, por isso, quantas páginas teria o livro completo.

O “Prefácio a respeito dos dois seguintes tratados” (pág. 11) apresenta-se-nos com a mesma dificuldade, visto não haver, na edição *princeps*, qualquer numeração desde a dedicatória explicativa (pág. 3), de François de Rasilli ao Rei, até o final do referido “Prefácio” (pág. 12). (Nota desta edição.)]

.....

ADENDO

*Discurso e congratulações à França
pela chegada dos padres capuchinhos
às Novas Índias da América
Meridional do Brasil*

GRANDE reino e povo francês, tens razão de louvar a Deus: Cristianíssimo Reinado, de dia para dia crescem tuas alegrias, dando sempre de ti boas novidades: sol dos reinos, flor dos povos do universo, és notável por todas as maneiras.

Por tua antiguidade na fé católica, religião cristã, devoção aos altares divinos, e fervor em ouvir a palavra de Deus.

Pelo amor e dedicação a teu príncipe natural, por tua honesta sinceridade, ou sincera franqueza, na conversação, qualidade, que nenhuma outra nação possui como tu.

Esplêndido, magnífico e magnânimo reino sobre todos os reinos da Terra.

Pela majestade da tua coroa, a bela e antiga série de teus monarcas até o número de sessenta e quatro reis, dos quais foram uns imperadores, outros santos canonizados do Céu; e também pelo valor e

proeza na guerra, praticada por tua gente valorosa, liberal nobreza de colarinho branco como leite.

Pela sapiência de tuas universidades em todas as espécies de ciências e faculdades, pela magnitude de teus magistrados, pela prudência de teus respeitáveis parlamentos, pela serenidade de teus conselhos, e pelas belas leis de teu governo.

Que digo eu?

Povo sábio, inteligente, grande nação, ilustre reino, céu estrelado de tão belos espíritos delicados, és na verdade maravilhosamente ilustre!

Pela multidão de tantos prelados veneráveis, grandes bispos, ricos abades, e chefes de ordens.

Pelo crescido número de tantos homens santos, notáveis pela bondade, famosos pela ciência, e nobres pela progênie, ilustres pelos milagres que hão florescido e brilhado dentro e fora dos teus mosteiros.

Pela tua posição entre dois grandes mares, onde por meio de teus dois braços exerces piedade e justiça em cidades tão grandes e belas, ricas, afamadas e populares, numa terra de grande abundância e em províncias tão amplas e copiosas, e em tão grande número.

O que te falta para chegares ao cúmulo de tua felicidade?

O que pode acrescentar-se ao ramalhete de teus louvores, à grinalda de tuas honras, à coroa de tuas glórias, tecida em ternário, simbolizado pelos teus três lises, em campo de ouro, a não ser que hoje enriquecido pelo Rei Luís, o rei dos lises, alcances, sob sua autoridade, o cheiro de Jesus no Céu, e ao longe a salvação dos povos selvagens mergulhados em trevas, e nas sombras da morte, de ausência de fé, de incivilidade, e de barbaridade.

Foste por Deus escolhido para tão grande honra, satisfação e alegria para levar aí o suave nome do Redentor, estabelecer o imperial cetro de sua cruz triunfante, sinal sagrado, sinal do Filho do Homem, e estandarte do grande Rei dos Reis, sob o qual se devem reunir todos os povos, que se desejam salvar, e então aí semear a boa nova do seu Evangelho, salvador dos crentes.

Outrora até o Ocidente buscando para o Meio-Dia pelo grande Carlos Magno, com a sua espada de ferro, mostraste o teu valor contra os sarracenos, importunos à Espanha.

Até ao Oriente pelo grande São Luís, uma, duas vezes, fizeste sentir à impiedade turca a força de teu braço, e erguido na Palestina esse belo estandarte de Santa Cruz por um duque de Bouillon, por um duque de Mercoeur, e um duque de Nevers. Tremeram ao ouvir o nome de França, tão fatal a eles, a quem mostraste tua coragem com o cutelo na mão.

Mas agora – *Nova bella eligit Dominus, Clypeus, et hasta si apparuerint*, novas guerras, conquistas invertidas, sem escudos e lanças, serão vistas aqui. E sim a Cruz de Jesus, o altar do grande Rei, exércitos com seu augustíssimo Missah, espada de Deus e de Gedeão, daquele que é Deus e homem ao mesmo tempo, água benta para expelir os diabos, a conquista dos corações antropófagos ou canibais através da simples palavra de Deus, que os libertará da crueldade, e de então em diante amarão o próximo como a si mesmos, abandonarão a impudência e o impudor, se revestirão com o branco da inocência e da honestidade: e, da brutalidade, ganharão o uso da razão. E tu, ó França, foste escolhida para fazer tal guerra? Em tua alma, dize-me, não é esta uma guerra, com cetro de lis, de rosas e de flores? Quem ouviu jamais coisas semelhantes nas batalhas do mundo? É porque estas são guerras do amantíssimo Jesus.

Nada mais te falta agora depois dos teus combates de outras eras, senão o alegrar-te de plantar a fé e a lei entre gente de ferozes costumes, e de bárbaros feitos, porém mui fácil em suportar o jugo do teu humano concurso, o que não tem podido conseguir o soberbo ou rústico português. Regozija-te pois, príncipe dos lises, por ser a tua maior glória o servir ao grande Rei do Céu e da Terra, de legado e de embaixada de suas maravilhas e grandezas em ilhas remotas, e em partes longínquas da Região Austral.

Esta sábia princesa cristianíssima, muito católica, e de magnânima coragem, qual outra Judite, nossa grande Rainha, a regente Nossa Senhora fez esta exigência por cartas dirigidas aos Reverendíssimos Padres Superiores dos Capuchinhos da província de França, e de Paris, seus humildes servos. Reuniram-se em capítulo para conce-

der ao senhor de Rasily, loco-tenente-general de Sua Majestade naquelas terras tão remotas, um certo número de religiosos, que deviam ser consagrados a uma empresa tão santa como perigosa. Sendo este desejo acolhido livremente, em lugar de quatro, que hoje lá se acham como exploradores da terra, todos quatro sacerdotes e pregadores, o padre Yves d'Évreux, o padre Claude d'Abbeville, o padre Ambroise de Amiens, o padre Arsène de Paris, todos em número de cinquenta, presentes ao capítulo, se inscreveram e ofereceram-se cordialmente para arriscar sua vida tão nobremente, a fim de salvar aqueles pobres pajés, aqueles pobres selvagens, aqueles infelizes atormentados pela tempestade do Diabo sem consolador e sem pai. Ainda agora, para maior glória do Salvador, foi a narração aumentada por três pares de cartas, mais recentes do que as precedentes. Narram elas a sua partida, a sua navegação, ora calma, ora tempestuosa, a sua feliz chegada, e tantos benefícios, que Sua Majestade, por intermédio deles, tem já feito, e com tais particularidades, como nunca se viu impresso. Lede pois.

Mas antes disto, para que o Deísta, o Censor mundano, e o zombador herético não se ria de projetos tão honrosos, vindos do Céu, convém saber-se que há longo tempo fora tudo isto profetizado por santos inspirados pelo Espírito Santo.

Disse o Profeta Isaías: *propter hoc in doctrinis glorificate dominum, in insulis maris nomen Domini Dei Israel*: pelo que eu fizer no meio da Terra glorificai o Senhor por doutrinas, pregai essas doutrinas por todas as ilhas do mar, anunciai e glorificai o nome do Senhor, Deus de Israel. Além disso, eis, meu Salvador, eu o unirei a mim, meu escolhido, minha alma nele se completa e ele dará juízo aos gentios, etc. E as ilhas esperarão atentas à lei, e eu ta daria em aliança do povo como luz aos gentios a fim de abrires os olhos aos cegos, e tirares os prisioneiros dos calabouços, das prisões e das densas trevas.

Louvai ao Senhor por meio de cânticos por toda a Terra, mares, ilhas, e seus habitantes: *ponent Domino gloriam et laudem ejus in insulis numciabunt*: glorificarão ao Senhor e o louvarão nas ilhas.

Profetiza o mesmo, que elas receberão sua lei: meu Justo está perto, saiu meu Salvador (Deus é o Pai), meus braços julgarão os

povos, as ilhas me esperarão e sustentarão meu braço, isto é, receberão meu filho.

Noutro lugar falando à sua Igreja, que é a Romana (noutras, tais fatos nunca apareceram), diz: por que as ilhas me esperam, e no começo os navios do mar, para que eu conduza teus filhos de bem longe.

No Capítulo 66 Deus disse pelo mesmo profeta: Porei nelles o sinal, mandarei os que já se salvaram aos gentios no mar, na África, em Lídia que atiram a flecha, à Itália, à Grécia e às ilhas longínquas, ao que não ouvirão falar de mim e não presenciarão minha glória, e eles anunciarão minha glória aos gentios, e os conduzirão como dádiva ou oferenda ao Senhor, ricos presentes e pérolas preciosas a Deus.

O profeta Sofonias: Os homens ilustres o adorarão, em qualquer parte e em todas as ilhas dos gentios.

O grande inspirador dos profetas por seu espírito, Jesus Cristo também profetizou tais coisas.

E este Evangelho do Reino será pregado por toda a esfera universal, como testemunho a todos os gentios, e então virá a consumação do mundo. Nós outros católicos devemos sentir grande alegria vendo cumprir-se todos os dias a palavra de Deus tão fielmente, não por meio de uma assembléia reunida com tal fim, e sim pela Santa Igreja Romana, e deve em particular este grande reino agradecer a Deus por dele servir-se para levar tão longe a glória dos seus troféus.

O seguinte trecho vos convencerá desta verdade, extraída de quatro cartas, que daquela terra escreveu o Padre Arsène, um dos quatro, a saber, uma ao R. P. Comissário Provincial, uma ao R. P. Custode da custódia de Paris, uma ao R. P. Vigário do convento de Paris, e uma a seu irmão, três delas datadas em 27 de agosto, e dizendo mais que a sua quarta carta de 20. Outra carta do R. P. Claude a seus dois irmãos, Monsieur Foulon, e o P. Martial [nota 113], e uma para dois padres já mencionados, escrita ao Sr. Fermanet, foi tudo reunido numa só carta, como vereis mui fielmente, e com suas próprias palavras. Lede em nome de Deus.

Fidelíssima narração, extraída de seis pares de cartas dos Revds. Padres Claude d'Abbeville e Arsène, pregadores capuchinhos, escritas aos padres da sua Ordem de Paris, e a outras pessoas do século, sendo quatro do R. P. Arsène, uma do P. Claude, e uma para duas pessoas.

Meus reverendos e caríssimos padres. – A Paz do Senhor seja convosco. Nós vos dirigimos esta pequena palavra para notificar-vos e dar-vos notícias acerca da nossa viagem, de como chegamos, mercê de Deus, felizmente a esta terra do Brasil na Ilha do Maranhão, entre os povos *tupinambás*, não sem grandes fadigas. Cinco meses estivemos no mar sofrendo incômodos, que só podem avaliar os que por eles já passaram, e como Monsieur de Rasily, por estes dois ou três meses, regressa à França a fim de trazer-nos novos auxílios, reservamo-nos para nessa ocasião descrevermos mais amplamente o resultado da nossa viagem, tanto no mar como em terra, neste novo mundo. Aproveitamos agora a ocasião para dizer-vos e muito às pressas, que para aqui chegarmos foi necessário partir de Cancale, porto da Bretanha, e já estando dele distante duzentas léguas do mar levantou-se grande tempestade, que separou os nossos três navios uns dos outros, causando espanto até mesmo aos nossos melhores pilotos o não ter algum deles naufragado. Quis Deus porém livrar-nos desta desgraça, e encontramos dois de nossos navios, arribados em Inglaterra, donde vos escrevemos, e creio que já estareis de posse das nossas cartas.

Na segunda-feira de Páscoa partimos de Plymouth,* na Inglaterra, [nota 114], e navegamos sempre com bom tempo, menos alguns dias na costa de Guiné, mui perigosa pelas moléstias do país. Saindo de Plymouth auxiliou-nos vento tão favorável, que em pouco tempo passamos as ilhas Canárias, por entre as ilhas *Boaventura* e *Canária Grande*, vistas por nós perfeitamente.

Das Canárias ganhamos a Costa d'África no Cabo do Bojador, sempre navegando pela Barbaria: do Bojador desviamos-nos da costa d'África até o rio chamado Lore pelos espanhóis [nota 115], e perto dele fundeamos: saindo daí ainda nos desviamos da Costa d'África até o cabo Branco, lugar bem debaixo do Trópico de Câncer. Deste cabo pro-

* Na edição de Ferdinand Denis, *Plume*, registrado na nota 114. (Nota desta edição.)

curamos a Costa de Guiné, passando entre as ilhas do Cabo Verde, o próprio Cabo Verde lugar perigosíssimo pelas moléstias contagiosas, aí reinantes em certas estações do ano; esta moléstia ataca as gengivas de tal sorte que a carne cobre os dentes, e os faz cair com grande perda de sangue a ponto de não se poder estancar, sobrevivendo também os incômodos de estômago e inchação, e disto tudo resulta a morte, poucos escapando; mercê de Deus ninguém morreu durante a nossa viagem, porém apenas entramos na terra, faleceram três, e aí ficaram sepultados. De Guiné viemo-nos aproximando da linha equinocial, que passamos bem dificilmente, coisa já por nós esperada à vista da estação em que estávamos. Soprou vento contrário por quinze dias causando-nos grandes sustos, e receios de que não aparecessem calmarias antes de passarmos a Linha; graças a Deus, pouco a pouco, apesar do vento contrário, tanto bordo demos, que quando mal pensamos, estávamos no hemisfério do Meio-Dia. Tendo passado a Linha, avistamos e arribamos a uma pequena ilha chamada Fernando de la Roque [nota 116], situada a quatro graus de altura para o meio-dia e a cinco para seis léguas de circunferência, ilha bela e agradável, cujas propriedades, querendo Deus, havemos de descrever na primeira oportunidade; é na verdade um verdadeiro paraisozinho terrestre. Saltamos nesta ilha, onde apenas achamos 17 ou 18 índios selvagens, em companhia de um português, todos escravos e aí postos por determinação da gente de Pernambuco; destes índios batizamos cinco. Depois de havermos plantado a Cruz nesta ilha, no centro de uma capela, feita por nós para celebração da Santa Missa, e de abençoado o lugar onde residimos por 15 dias, casamos dois destes selvagens, um índio com uma índia, depois de batizados. Não quisemos batizar o resto aqui, porém achamos bom adiar o batismo até chegarmos ao lugar do nosso destino, se bem que libertássemos todos esses selvagens tirando-os do cativeiro, e fazendo-os livres com muita satisfação deles, depois do que manifestaram ardente desejo de nos acompanhar até Maranhão, como de fato aconteceu. Vieram conosco trazendo muito algodão, e outros gêneros, que possuíam. De Fernando de la Roque ganhamos a costa do Brasil, caminhando até o Cabo da Tartaruga, terra firme no país dos Canibais, onde, diz Eusébio, na sua *História*, passara o apóstolo São Mateus à vista desta costa do Brasil; imaginai a nossa alegria vendo terras tão desejadas após cinco meses de navegação.

Depois de 15 dias de demora no Cabo das Tartarugas, continuamos a navegar, e chegamos à Ilha do Maranhão, onde fundeamos no dia da gloriosa Santa Ana, Sagrada Virgem Maria, com que muito me alegrei (disse o padre Claude) por termos tido nesse dia, que eu tanto amo, a felicidade de chegarmos ao lugar tão desejado.

No domingo seguinte saltamos todos em terra, levando água benta, cantando o *Te deum laudamus*, o *Veni Creator*, a ladainha de Nossa Senhora, e depois caminhamos em procissão desde o porto até ao lugar escolhido para levantar-se uma cruz, a qual foi carregada pelo Monsieur de Rasily e todos os principais da nossa Companhia. Depois de benzida esta ilha, até então chamada Ilhazinha, foi chamada Ilha de Santana, pelos senhores de Rasily e de la Ravardière, não só por termos chegado nesse dia, como também porque se chamava Ana a Condessa de Soissons, parenta do Monsieur de Rasily [nota 117]. Depois plantamos a cruz: ao pé dela, estando todo o largo abençoado, enterramos um pobre homem, tanoeiro, um dos três que vinham conosco e que havia morrido.

Esta edição foi feita para grande contentamento de todos, após oito dias passados aí. Deixamos esta pequena ilha e fomos procurar a Ilha grande do *Maranhão*, habitada por selvagens (que são as pedras preciosas que procurávamos) e graças a Deus chegamos bons e bem dispostos. Vestidos com os nossos hábitos de sarja fina por causa do calor da zona tórrida e revestidos de uma bonita sobrepeliz branca, empunhando nossos bastões, em cima de tudo a cruz com o Crucificado, descemos do navio para uma canoa, espécie de batel construído pelos índios de um só tronco de pau, onde estavam todos os selvagens, que já tinham estado na praia com o Senhor de Rasily, e muitos franceses já dos que vieram conosco e já dos pertencentes à equipagem do Senhor de Manoir, e do Capitão Gérard, todos franceses, que aqui achamos; muitos destes selvagens atiraram-se ao mar e nadaram a fim de chegarem primeiro do que nós. Assim conduzidos saltamos em terra, onde se ajoeilhou o Senhor de Rasily e todos os franceses para nos receberem (honra não comum), e como nos achássemos embaraçados com tal surpresa, eu tive (disse o Padre Claude) a feliz lembrança de entoar o *Te deum laudamus* conforme o cântico da Igreja, e assim caminhamos em procissão entre lágrimas de alegria de muitos franceses, e seguidos pelos índios.

Assim tomamos posse desta terra e novo mundo para Jesus Cristo, e em seu nome, esperando abençoar o lugar, e nele plantar a Cruz em qualquer dia para isso designado. Deixo as outras particularidades para contar-vos quando escrever mais de espaço sobre esta nossa viagem. Somente vos digo que no domingo 12 de agosto, dia de Santa Clara, celebramos todos quatro as primeiras missas que aqui se disseram. Com bem razão ordenou Deus que o dia de uma santa virgem da nossa Ordem, que deu nova luz ao mundo, fosse escolhido para fazer brilhar a nova luz do seu Evangelho neste novo mundo.

Não é possível descrever-vos o grande contentamento que mostraram estes pobres selvagens com a nossa vinda. É um povo conquistado e ganhado, povo grande, que na verdade nos ama e nos dedica afeição, e chama-nos grandes profetas de Deus e de Tupã, e em sua linguagem da terra Carribain, Mataratá [nota 118]. Depois que aqui chegamos temos tido muito boas notícias. Os índios do Pará, outro povo, de um lado vizinho do Amazonas, e do outro deste povo, onde existem somente cem mil homens, desejam muito que lá vamos instruí-los. Embora *messis multa, operarii autem pauci*, “seja grande a colheita, poucos são os operários”. Se quiséssemos desde já se batizaria grande parte. É certo que *regiones albescunt ad messem*, estas “regiões aqui embranquecem mostrando a necessidade de ceifa”, felizmente chegou o tempo de ser Deus aqui adorado e reconhecido.

Agora estamos procurando lugar para nos acomodar e fazer uma capela, até que cheguem de França pedreiros para edificarem uma igreja. Existem muitas matas virgens, que convém arrotear antes.

Não posso descrever-vos agora o grande contentamento dos selvagens pela nossa chegada. Dão-nos boa esperança de se converterem. Todo este povo ainda que bruto e selvagem mostrou-se contente com a nossa chegada, tem vindo ver-nos com muita alegria, manifestando grande desejo de instruir-se no cristianismo. Creio que quando soubermos a língua deles haverá muito que colher, com grande satisfação para os que têm zelo pelas coisas de Deus e pela salvação das almas. Preparam todos os seus filhos para nos trazerem a fim de serem por nós instruídos, e já nos prometeram não mais comer carne humana. São muito bonachões, e não maliciosos. Por única religião apenas crêem em Deus, que chamam *Tupã*, e na imortalidade da alma. Quanto

ao país, é terra fértil e muito boa, onde não há frio, e sim estio constante; ninguém conhece o que é frio, e as árvores estão sempre verdes. Os dias e as noites são sempre do mesmo tamanho; nasce o sol às 6 horas da manhã e encerra-se às 6 da tarde. Estamos apenas a dois graus e meio da linha equinocial ou do Equador. É voz geral haver neste país muitas riquezas, como sejam minas de ouro, de pedras preciosas, de pérolas, de âmbar-gris, além de muitas pimenteiras, muito algodão, muita erva-da-rainha, ou *petun*, e muito açúcar. Brevemente, quando nos estabelecermos bem, nós vos asseguramos ser isto aqui um pequeno paraíso terrestre, com todas as comodidades e alegrias. Não posso ir mais longe; fica o resto para quando for o Senhor de Rasily, e então hei de dizer-vos outras coisas em particular. Quanto a minha saúde nunca passei tão bem como agora, graças a Deus e só bebendo água (palavras do P. Claude). Se na França me fosse preciso fazer a milésima parte do que aqui faço, mil vezes teria morrido, e nisto reconheço que *non in solo pane vivit homo*, “o homem não vive só de pão”. Convém que para cá venham os delicados de França. Louvo a Deus, por nunca ter enjoado no mar do mal ordinário, com grande admiração de todos. Quando chegamos à terra dos calores, justamente quando estávamos sob o Trópico de Câncer, quando o sol estava subindo, tive apenas dois ou três pequenos acessos de febre passageira, graças a Deus. Deixo o mais para outra ocasião, pois agora falta-nos tempo, e sobram-nos trabalhos. Rogai a Deus por nós, e pelos nossos companheiros, o mais que puderdes, pois agora, mais do que nunca necessitamos da graça de Deus, sem as quais nada se consegue. O que neste sentido fizerdes, Deus vos compensará.

Relação sumária de algumas coisas mais particulares, referidas vocalmente aos padres capuchinhos de Paris por Senhor de Manoir.

Monsieur de Manoir [nota 119] [um dos capitães, de que se falou na carta precedente, que fora encontrado naquele país com o Capitão Gérard], chegando ultimamente à França, e sendo portador da carta, já transcrita e de muitas outras [algumas das quais bem desejaríamos aqui publicar para que não ficassem sepultadas no esquecimento as maravilhosas obras de Deus de que elas falam, como que para despertarem os ho-

mens a fim de louvarem a sabedoria, providência, e bondade do Criador], contou muitas particularidades dos padres, não referidas em suas cartas, nem nas seqüentes. Disse que os padres, chegando lá, começaram a edificar sua morada, construindo uma capela para celebração da missa, e algumas celas pequenas para residência, sendo auxiliados por alguns selvagens com alguns panos e ramos de árvores. Num certo dia, quando um padre celebrava missa, chegou um selvagem dos mais velhos (que eles consideram seus governadores, honrando-os e respeitando-os por causa da sua idade avançada) em companhia de trinta selvagens para ouvirem missa, o que fizeram, acompanhando com grande admiração tão belas cerimônias, e tão lindos ornamentos, por eles nunca vistos (pois que homens e mulheres andam todos nus). Quando o sacerdote chegou à consagração e ao ofertório, desceu uma cortina entre ele e o povo, de forma que este não pôde ver aquele, e nem o que se fazia por detrás da cortina. Julgaram isto uma afronta, mostraram-se ofendidos, e por isso, finda a missa, foram perguntar a causa de tal ofensa. Responderam os padres que nisto não havia ofensa, e que assim se fez por serem eles ainda pagãos, não podendo ser a missa celebrada em suas presenças embora estando eles na igreja. Acalmaram-se. Deram-se por satisfeitos e mostraram-se tranqüilos, e foram contar o ocorrido às suas mulheres, que se mostraram desejosas de ver os grandes profetas de Deus e de Tupã e se reuniram em grande número para tal fim. Não quiseram porém os padres abrir-lhes a porta de sua pequena choupana porque estavam nuas, mas elas não esperaram por segunda recusa e se meteram porta adentro, o que não lhes foi difícil praticar, entraram e não se cansaram de olhar e contemplar os profetas, embora se demorassem pouco tempo, por lhes pedirem os padres que se retirassem, o que cumpriram. Depois desta visita, reuniram-se os velhos em grande número e combinaram entre si qual devia ser o presente que ofereceriam àqueles profetas, como demonstração de sua benevolência e regozijo pela sua chegada. Finalmente concordaram, visto dormirem os padres no chão duro, que se desse a cada um deles um colchão de algodão, que aí floresce, e uma das mais belas moças, o maior presente que costumam ofertar. Trouxeram quatro colchões e quatro moças, e ofereceram aos padres, que rindo-se aceitaram aqueles e recusaram estas com palavras de agradecimento. Admirados com tal procedimento, diziam uns aos outros: O que é isto? Estes profe-

tas não são homens como nós? Por que não aceitam estas moças, sendo impossível passar um homem sem elas? Por que nos fazem tal ofensa? Responderam os padres que assim procediam não por que reprovassem o casamento, quando conforme às leis de Deus, visto que até eles o louvavam; mas, como Deus havia outorgado graças mui particulares a eles, e não aos outros homens, porque os serviam com mais perfeição, podiam passar sem mulheres devido a essas graças. Ouvindo esta pobre gente tais palavras ficaram admirados e como que fora de si, contemplando a santidade destes profetas, e daí em diante os veneraram mais, julgando-se felizes quando lhes entregavam seus filhos para serem educados em nossa santa fé, e por fim batizados.

Tudo isto se poderá ver na seguinte carta, escrita por esses padres a um honrado mercador de Rouen chamado Fermanet, um dos seus maiores benfeitores, para que se veja que nada acrescentamos, e que apenas narramos os fatos pura e simplesmente colhidos nessas cartas e em informações de pessoas fidedignas, testemunhas oculares, e por que nela se encontram particularidades não mencionadas nos outros. Segue a carta:

Carta escrita pelos padres capuchinhos a Senhor Fermanet.

A paz do Senhor Deus esteja convosco. Depois de tantas recomendações para que vos escrevêssemos, que nos fizestes quando partimos, seríamos culpados se não vos déssemos notícias de lugar tão bom, graças a Deus. Depois de quatro a cinco meses de viagem por mar, aqui chegamos felizmente, sendo bem recebidos pelos índios, conforme sua rusticidade, não nos importando o modo e sim a demonstração do seu contentamento então e ainda agora diariamente, trazendo-nos seus filhos para instruí-los, o que faremos mediante a graça de Deus. Quando Senhor de Rasilly voltar, por estes dois ou três meses, nós vos mandaremos o número dos convertidos e dos batizados. A terra é muito boa, e há esperança de produzir muito *petun* e urucu, havendo já muito açúcar, belas pedras, âmbar-gris, e, dizem-nos, que distante daqui 20 léguas há uma mina de ouro. Se não fosse grande a nossa pressa, nós vos daríamos mais algumas notícias, porém não podemos

alongar-nos. Beijando humildemente vossas mãos, e recomendando-nos à senhora vossa mulher,

somos de vós e dela vossos humilíssimos servos em Nosso Senhor.

Fr. *Claude d'Abbeville.*

Fr. *Arsène de Paris.*

Narração de um marinheiro, vindo do mesmo lugar, feita ao R. P. guardião do Havre de Grace, e por este comunicada ao R. P. comissário.

Reverendo padre, eu vos saúdo humildemente em Nosso Senhor. O fim desta é comunicar-vos que veio hoje procurar-me um marinheiro que viu e falou com os nossos Irmãos que estão no Maranhão com os *tupinambás*, onde chegaram em boa saúde e sem nenhum impedimento no dia 8 de julho. Este marinheiro ouviu missa lá, e a ela assistiu com muito respeito um velho selvagem do país, acompanhado por 25 ou 30 índios. Quando chegou o tempo de consagrar-se e elevar-se a santa hóstia, desceu um véu, causando-lhes isto admiração. Recebida a explicação, mostraram-se satisfeitos, e logo começaram a contar por toda a parte o que viram, e por isso vieram muitos ajudá-los a edificar sua habitação e Forte, já em princípio. Veio o marinheiro em 22 de agosto no navio de Moisset, recomendado ao Sr. de Manoir, a quem, segundo pensa, terão nossos irmãos entregado suas cartas, ou a algum outro oficial de navio, o que me dispensa de contar-vos outras particularidades. Não mudaram, e nem mudarão a cor dos seus hábitos, usando apenas de um tecido mais leve do que o nosso, por causa do calor. Deus seja louvado por tudo, e lhes conceda a graça de aí aparecerem muitos frutos para a glória do seu S. Nome e exaltação da santa fé da Sua Igreja.

Sou de vossa R. o mais servil em Jesus Cristo, do Havre
neste 12 de novembro de 1612.
Frei Teófilo, indigno capuchinho.

NOTAS
CRÍTICAS E HISTÓRICAS
SOBRE A VIAGEM DO
P. YVES D'ÉVREUX

.....

1) Continuação da história das coisas mais
memoráveis acontecidas no Maranhão.
Página de rosto, título do livro. Pág. 1

ESTA vasta província, uma das mais florescentes do Brasil, antes da chegada dos missionários franceses não teve estabelecimento algum importante. Eram arbitrários os seus limites, convindo não esquecer que a imensa capitania do Piauí fez parte dela até 1811. Presentemente tem 186 léguas, de 20 ao grau, de comprimento, 140 de largura, e nunca menos de 20.000 léguas quadradas de superfície. Fica entre 1° 16' e 7° 35' de lat. merid. Confina no NO com o Pará, servindo de linha divisória o Gurupi, a NE é banhada pelo oceano Atlântico, a SE com o Piauí, separando-a dele o rio Parnaíba, e finalmente a S com a província de Goiás pelo rio Tocantins.* Embora quente e úmido, o clima do Maranhão é sadio. As chuvas que fertilizam este rico território principiam regularmente em outubro. O aspecto geral do lugar apresenta por toda a parte ondulações do terreno, mas em nenhuma elevações consideráveis, excetuando-se destas asserções gerais e por força

* Consulte-se a respeito de todos esses assuntos o meu *Dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão*. Iria longe se eu quisesse acompanhar *pari passu* esta publicação, onde não poucas vezes foi iludida a boa-fé de Mr. Ferdinand Denis. (Nota do tradutor César Augusto Marques.)

mui sumárias a comarca de *Pastos Bons*, onde se encontram montanhas, como sejam Alpercatas, Valentim, Negro, etc. É regada por 14 cursos d'água. De todos estes rios é o Parnaíba o mais considerável; infelizmente suas margens não são totalmente sadias, pois em vários pontos, como em quase toda a província, reinam as febres intermitentes. Avalia-se seu curso em 240 léguas. O Itapicuru, seu imediato, e de que fala constantemente o P. Yves d'Évreux, banha apenas 150 léguas de terreno, o Mearim 78 léguas, sendo ainda menos consideráveis o Pindaré, o Turiaçu, o Gurupi e o Manuel Alves Grande. Julga-se que é de 462.000 pessoas a população de toda a província, embora diga o *relatório* oficial da presidência, com data de 3 de julho de 1862, que esta cifra é apenas de 312.628 almas, sendo 227.873 livres e 84.755 escravos. Convém observar que o recenseamento geral da população do Império, feito em 1825, dava apenas 165.020 almas, sendo esta cifra muito inferior à realidade, porque recusaram muitos senhores dizer com certeza o número dos seus escravos. Nada se sabe, e nem será possível saber-se exatamente, a respeito da povoação nômade dos índios, isto é, daquela cujo conhecimento seria muito curioso a fim de apreciarem-se as mudanças que ocorreram nas aldeias depois do que escreveu o Padre Yves, podendo apenas dizer-se que é maior no Maranhão, no Pará, e na nova Província do Rio Negro, do que noutra qualquer parte. Em suma, o governo só tem dados mui imperfeitos e raros sobre estas infelizes hordas, das quais se ocupa atualmente. Os cuidados tardios, embora caridosos, da administração provincial, têm que acabar com muitos males a fim de que seja completa a reparação. Tudo ainda está por fazer relativamente aos índios. Não souberam estas tribos conservar nem a dignidade que dá completa liberdade aos habitantes das florestas, e nem os princípios de civilização, que se intentou incutir-lhes no século XVII. Reconcentradas no interior por Matias de Albuquerque, dizimadas pela varíola, hoje são apenas a sombra do que foram sob o domínio dos seus chefes independentes. Esta população indígena é contudo maior no interior do Maranhão, e embora dela não tratem certas estatísticas, é avaliada em 5.000 o número dos indígenas reunidos em aldeias. Se dermos crédito a um bem informado militar, que vi-

veu em constantes relações com eles durante 20 anos, a sua decadência física é menor que a moral, pois perderam até a reminiscência de suas tradições teogônicas, ainda mal, visto ser muito curioso o compará-las com a narração dos antigos viajantes franceses. Sob este ponto são eles menos favorecidos que estes *guarayos*, visitados por d'Orbigny, os quais ainda hoje repetem em seus cânticos as lendas cosmogônicas do século XVI. Os índios do Maranhão, entre os quais se contam os *timbiras*, os *jês*, os *crãs*, e os *querentes*, não podem fornecer ao historiador senão informações mui incompletas, pois que há perto de 40 anos já o major Francisco de Paula Ribeiro se queixava da imensa invasão do esquecimento (vide *Revista Trimensal*, tomo 3º, pág. 311), esquecimento fatal de grandes tradições, pelo que se tornam hoje preciosos certos livros, como sejam os dos nossos velhos missionários, nos quais pelo menos se encontram os mitos antigos, então aí escritos para serem combatidos. De vez em quando entre estes índios decaídos apresentam-se alguns homens enérgicos, que compreendem o declínio de sua raça, e que desejariam vê-la progredir, porém são mui raros, pouco compreendidos, e demais só olham para o futuro, e não experimentam amor algum por sua antiga nacionalidade. Seus compatriotas, longe de ajudá-los nos trabalhos empreendidos para melhorar seu futuro, ainda os amesquinham com o seu ódio tão irrefletido quão brutal. Foi o que aconteceu a *Tempe* e a *Kocrit*, chefes conhecidos pelo major Ribeiro. Trabalharam inutilmente para chamar ao caminho da civilização as tribos, cujo governo lhes fora confiado, e afinal foram vítimas do seu zelo. Vide “Memórias sobre as nações gentias, que presentemente habitam o continente do Maranhão escrita no ano de 1819 pelo major graduado Francisco de Paula Ribeiro”, *Revista Trimensal*, T. 3º, pág. 184.

De passagem dissemos que não deixaram descendentes, pelo menos conhecidos, os *tupinambás* catequizados pelos missionários franceses, supondo-se apenas que um ramo desta grande nação ainda hoje povoa *Vinbais* e *Vila do Paço do Lumiar*, achando-se no mesmo caso *S. Miguel* e *Tresidela*, à margem do rio Itapicuru, e *Viana*, no Pindaré. Com maior probabilidade ainda confundiram-se os *tupinambás* com as tribos do interior, tomando os nomes de *timbiras* e *gamelas*. São também subdi-

visões dos *timbiras* os *sacamecrãs*, os *capiocrãs* ou *canelas-finas*, e os *jês*, que vagam pelas grandes florestas a oeste do Itapicuru. Nega o major Ribeiro, que ainda sejam antropófagas estas diversas tribos. Neste escritor imparcial, e que reconhece a ferocidade dos *timbiras*, é que se deve estudar as horríveis represálias de que têm sido alvo esses índios, sendo a escravidão a menos sanguinolenta. Ele avaliou em 80.000 o número de índios selvagens, embrenhados nos matos em 1819, depois de algum tempo consideravelmente diminuído.

2) O que eu pude, por meios sutis, saber a respeito do livro do R. P. Yves d'Évreux, suprimido por fraude e impiedade mediante certa "quantia em deniers" posta nas mãos do impressor François Huby. Pág. 3

François Huby era também livreiro e sua loja ocupava um lugar entre os mais afreguesados armazéns na Galeria dos Prisioneiros em Palácio, e sofrera, como os outros, no grande incêndio de 1618. Quatro anos antes de ele encarregar-se da publicação do livro de Claude d'Abbeville, de que este é continuação, morava na Rua de Saint Jacques no *Soufflet d'Or*, e não na *Bible d'Or*, que depois tomou por divisa. Se foi ferido na prosperidade, foi justamente por haver permitido que mão ímpia privasse a França por mais de dois séculos do livro encantador, de que tinha sido editor, e que hoje entregamos à publicidade, graças a uma desses empreendimentos literários tão raros em nossos dias, onde a honra das letras é o pensamento dominante e superior a todas as considerações.

O volume, que serviu para a nossa reimpressão, é encadernado em marroquim encarnado, semeado de flores-de-lis de ouro, e com as armas de Luís XIII. Faz parte da reserva sob nº 0 1766 da Biblioteca Imperial de Paris.

3) São Luís do Maranhão. Pág. 13

A capital do Maranhão ocupa ainda hoje o mesmo lugar escolhido por seus antigos fundadores. Está situada a 2° 30' e 44" lat. austral e 1° 6' e 24" de long. oriental do meridiano do forte de Villegagnon, na baía do Rio de Janeiro. La Ravardière e Rasily escolheram para edificá-la a ponta de terra O. de uma pequena península, ligada à Ilha do Mara-

nhão pela calçada do *Caminho grande*. Os rios *Anil e Bocanga*, vindos de diversos pontos da ilha, confundem suas águas na mesma embocadura e formam vasta baía. A elevação, que se apresenta ao S. do *Anil*, a E. e ao N. do *Bocanga* (lugar onde se confundem as águas destes dois pequenos rios) é o lugar primitivo onde se levantou a cidade nascente colocada sob o patrocínio de São Luís.

A cidade de São Luís, elevada em 1676 à dignidade episcopal por uma bula de Inocêncio XI, conta não menos de 30 mil habitantes, e está situada em terreno docemente ondulado, sempre em todas as estações carregado de rica vegetação, oferecendo assim aos viajantes panorama encantador. (Vide *Corografia Brasilica*, Will. Hadfield, Milliet de St. Adolphe, e principalmente os *Apontamentos estatísticos da província do Maranhão*, anexos ao *Almanaque* de 1860 publicado por B. de Matos.) Esta linda cidade é naturalmente dividida pela espinha dorsal da península, que separa as duas bacias dos rios na direção de E. O. Seu ponto mais elevado é o *Campo de Ourique*, que apresenta 32,692m de elevação acima do nível médio do mar. É dividida em três paróquias: *N. S. da Vitória*, *S. João* e *N. S. da Conceição*, tem 72 ruas, 19 vielas, 10 praças, 55 edifícios públicos, e 2.764 casas, das quais 450 têm um ou vários andares. Para utilidade dos habitantes podem ser maiores e mais regulares as praças, e embora sejam as ruas cortadas em ângulo reto, podiam ser mais largas e melhor dispostas, observadas as regras da higiene. Não são más suas ruas, e têm declive bastante razoável em relação aos dois rios que banham a cidade. Em resumo é a capital do Maranhão saudável e limpa.

“O navio que demandar o porto toma por marca o palácio do governo, assentado numa eminência que o domina. Este edifício tem a seus pés o Forte de São Luís, e de suas janelas percorrendo-se com os olhos uma extensa baía avista-se ao longe as costas e a cidade de Alcântara: mais perto da barra está o pequeno Forte da Ponta d’Areia, e dentro do porto na margem oposta do Bocanga a pequena ermida do *Bonfim*, muito arruinada, e à frente do Anil a Ponta de São Francisco”, onde, segundo a notícia que nos dirige, la Ravardièrre entregou ao comandante português a cidade nascente e a fortaleza de São Luís, nunca se podendo assaz louvar nessa ocasião o procedimento inteiramente nobre do comandante francês e de Alexandre de Moura, este por parte da Espanha.

O jovem cirurgião de Paris que foi com tanto zelo pensar os feridos dos dois partidos, e que recebeu tão penhorado acolhimento no campo inimigo pôde dele dar somente uma idéia, por sua narração sincera e franca, da cordialidade, que apareceu entre os franceses e os portugueses depois do combate. (Vide *Arquivos das viagens publicadas* por M. Ternaux Compans.) Em distância de alguns metros pelo Anil acima está o convento e igreja de Santo Antônio, construídos no próprio lugar onde em 1612 Yves d'Évreux, ajudado pelos PP. Arsène e Claude d'Abbeville, edificou seu conventozinho sob a invocação de São Francisco. Sofreu depois disto vários concertos e aumentos este mosteiro dos capuchinhos franceses, achando-se hoje “uma parte do edificio moderno ocupado pelo Seminário Episcopal, e a igreja, hoje em construção, levanta-se com arquitetura gótica simples”. Pelo que nos dizem será a igreja mais bonita de São Luís.

Não é esta a única construção digna de mencionar-se na cidade, porém é a única que nos interessa diretamente. Mencionamos apenas o Cais da Sagração, assim chamado em memória da coroação do Sr. D. Pedro II, e da vasta baía, onde agora se escava para poder nela fundear uma fragata a vapor da primeira ordem, e apenas citamos a doca que se projeta fazer nas *enseadas das Pedras*.^{*} Contam-se muitas construções monumentais, como sejam a igreja do Carmo, a catedral, o quartel do *Campo de Ourique*, o Teatro, e mais outras que força é omitir, pois apenas numa ligeira nota desejamos mostrar englobadamente o que em 250 anos se tornou isto fundação francesa.

William Hadfield, um dos mais modernos viajantes, que tratou deste país, observou que é na cidade de São Luís onde no Brasil se fala o português com mais pureza. É a pátria de dois escritores mui estimados no Império, Odorico Mendes e João Francisco Lisboa, falecido este há pouco. Depois de haver traduzido Virgílio com superioridade de estilo, que causaria inveja aos contemporâneos de Camões, ocupa-se atualmente Odorico Mendes na tradução em verso das obras de Homero, onde a ciência do ritmo disputa com a inspiração. — Quanto ao poeta das lendas nacionais, cujos cantos são geralmente repetidos

* Outro engano. Aqui não se conhece esta doca. (Nota do tradutor César Augusto Marques.)

no Brasil (queremos falar de Gonçalves Dias), pertence também à província do Maranhão, por ele explorada como sábio e como viajante intrépido, nascido em Caxias. As obras desses três escritores honram ao país, são também a honra da biblioteca pública; porém este estabelecimento, criado numa cidade eminentemente literária, não está em relação com as necessidades crescentes de outras instituições suas, relativas à instrução pública. Há três anos contava apenas 1.031 volumes. Possa o livro que aqui reproduzimos, o primeiro que, com o de Claude d'Abbeville, foi escrito na cidade nascente, marque o princípio de uma era nova para estabelecimento tão indispensável numa capital, já florescente. Muitas outras instituições suprem esta deficiência. Publicam-se na capital diversos jornais, tais como o *Publicador Maranhense*, a *Imprensa*, o *Jornal do Comércio*, etc., etc., e também há uma Associação tipográfica, um Gabinete de leitura, e a sociedade literária Ateneu Maranhense. Tudo isto na verdade é mui diferente do tempo em que o P. Arsène de Paris com muita dificuldade achava apenas uma folha de papel para escrever a seus superiores.

4) Cresceu ainda mais esta devoção quando se edificou no Forte a capela de São Luís. Pág. 15

A Catedral de *São Luís* ou do *Maranhão* (assim com estes dois nomes se designa a cidade) deixou a invocação de São Luís de França. É a antiga igreja do Convento dos Jesuítas a atual catedral sob a invocação de N. S. da Vitória. (Vide Aires do Casal, *Corografia Brasilica*, Rio de Janeiro, 1817. T. 1^o, página 166.)

Parece-nos que nas grandes construções, que atualmente se está trabalhando para o aumento do Convento de Santo Antônio, respeitou-se a pequena capela feita pelos franceses. Os franciscanos que nela habitam hoje são Frei Vicente de Jesus, guardião; Frei Ricardo do Sepulcro e Frei Joaquim de S. Francisco, todos sacerdotes.

5) Para remediar esta falta, resolveu-se mandar pescar peixe-boi. Pág. 17

Ao norte do Brasil e no interior da Guiana havia então prodigiosa abundância desta espécie de foca, cuja carne era muito saborosa:

chamam-na os portugueses *peixe-boi* ou *poisson-boenf*, e os índios *manati*. Ainda hoje os habitantes ribeirinhos do Amazonas e do Tocantins nutrem-se com a excelente carne deste peixe. (Vide Osculati, *America equatoriale*.) Claude d'Abbeville lhe deu o nome de *Uraraúra*.

6) Mandou-se avisar por todas as aldeias da Ilha e da província de Tapuitapera. Pág. 19

Esta localidade, já citada, ainda o será muitas vezes.

O vasto território, ainda hoje conhecido no Maranhão pelo nome de Tapuitapera, está hoje dividido pelas comarcas de Alcântara e de Guimarães. Antigamente foi ocupado por onze aldeias de índios, das quais a maior era Cumã. Tapuitapera dista 40 léguas de São Luís.* Pensa Martius que esta palavra quer dizer – habitação de índios inimigos. Vide *Glossaria linguarum brasiliensium*. Erlangen. 1863, in 8º. Nesta obra acham-se também os nomes dos lugares dos vegetais e dos animais.

7) Depois cobertas por grandes e grossas *Apparituries*. Pág. 19

O *Apparaturier* ou *Appariturie*, de tão felizes comparações ao P. Yves, é simplesmente o mangue (*Rhizophora*, Lin.) Esta árvore das praias americanas tão útil à indústria forma vastas florestas marítimas, e ao longo da costa do Brasil e da Venezuela. Com muita frequência se têm destruído estas árvores em vários lugares, e temos ouvido até atribuir-se a invasão recente da febre amarela à destruição sistemática deste bonito vegetal, que aformoseia com sua verdura todas as praias brasileiras. Caído sob o ferro do cultivador deixa a descoberto praias cheias de lodo, habitadas por miríades de caranguejos, formando assim pântanos donde se desprendem miasmas de espécie muito perigosa. No Brasil conhecem-se duas qualidades de mangue, o *mangue-branco* e o *mangue-vermelho*, e para a descrição científica deles enviamos nossos leitores para Aug. de St. Hilaire. Julgamos que a palavra an-

* 40 léguas? Não, e sim 4 léguas. Vide art. *Alcântara* no meu *Dicionário*. (Nota do tradutor César Augusto Marques.)

tiga, aí empregada pelo P. Yves, vem do verbo *parere*, parir, porque esta árvore se reproduz pelas raízes, que se espalham em forma de arcada ao redor de si. Vide *Nossas cenas da natureza sob os trópicos*, e aí achareis o efeito do mangue nas paisagens.

8) Há de três espécies. Pág. 21

É lamentável esta lacuna, porém deixa perceber que se trata das tartarugas do Maranhão. Com os ovos deste quelidoniano prepara-se no Pará o que se chama *manteiga de tartaruga* ou *beure de tortue*, de que se exporta prodigiosa quantidade.

9) No meio destas florestas há muitos veados, capivaras, cobras, vacas-selvagens. Pág. 22

Nesta enumeração mui completa de quadrúpedes que se podem caçar, um nome desperta naturalmente a atenção do leitor, e é vaca-brava. É bem possível, rigorosamente falando, que os campos do Mearim já tivessem algum indivíduo da raça bovina, já há muito tempo introduzida em Pernambuco. Claude d'Abbeville é muito explícito neste ponto. Mas não é disto que quis tratar o nosso bom missionário: a vaca-brava, ou *brague* [no original], como chama em outro lugar, é o *Tapir* ou *Tapié*, conforme Montoya, animal muito comum em todo o Brasil. Para denominá-lo serviram-se os espanhóis e os portugueses dum nome pedido por empréstimo aos mouros. Chamavam-no também *Anta* ou *Danta*, que significa, dizem, búfalo. Quando chegou aos americanos a sua vez de dar nome ao boi, chamaram-no *Tapiraçu*. Martius observa com razão que esta palavra na língua geral se aplica a todo o mamífero corpulento. Sendo este paquiderme o animal mais corpulento conhecido na América do Sul, foi sua caça procurada de preferência pelos europeus, e assim desapareceu, ou pelo menos tornou-se mais rara nos lugares onde outrora era abundante. Em certos países da América era um animal sagrado, e assim figura em diversos monumentos. No Brasil procuravam os indígenas este animal, tanto por ser boa caça como pela espessura de seu couro, de que faziam escudos impenetráveis às flechas, pela maior parte armadas de uma ponta aguda de madeira ou de cana. Jean de Lery trouxe do Brasil para a França alguns desses broquéis, po-

rém não chegaram à Europa, porque uma terrível fome devida à longa viagem de cinco meses obrigou o pobre viajante a comê-las, depois de amolecidas na água. Os nossos leitores que desejarem conhecer minuciosamente o tapir americano, consultem uma excelente dissertação, dedicada especialmente a este animal, escrita pelo Dr. Roulin, bibliotecário do Instituto. No *Glossário* de Martius lê-se uma extensa sinonímia relativa ao tapir. (Vide pág. 479.)

**10) Contou-me um fidalgo que andou nessa mesma viagem
haver morto com um só tiro de mosquete três javalis. Pág. 22**

No Brasil não há verdadeiros javalis, e nem este nome se pode dar aos *pecoris* ou *tajacús*, ou *porcos-do-mato* na linguagem dos naturais. Não é extraordinária a proeza do fidalgo, porque andando os pecaris sempre em bando basta chumbo grosso para matá-los. Martius deu a sinonímia completa deste animal no *Glossaria linguarum brasiliensium*. (Vide a divisão *Animalia cum Synonymis*, pág. 477.)

11) Procuraram os tabajaras. Pág. 23

É certo que os índios desta tribo foram contrários aos franceses. Há na história desta expedição um ponto que não foi ainda bem esclarecido: o mais afamado capitão de índios de que se recorda o Brasil fez suas primeiras campanhas durante o domínio dos franceses. O célebre Camarão, o grande chefe ou *Morubixaba* dos tabajaras, comandava 30 frecheiros na luta entre la Ravardièrre e Jerônimo de Albuquerque. Convidado pelo governo português para tomar parte nesta guerra, partiu de sua aldeia, no *Rio Grande do Norte*, e foi para o Presídio de N. S. do *Amparo*, no Maranhão, em 6 de setembro de 1614: seguiu-o seu irmão *Jacaúna* com um filho de igual nome, e de 18 anos de idade. Depois de muitos anos, Camarão, que teve tão boa escola, adquiriu fama imortal nos fastos do Brasil por ocasião da expulsão dos holandeses. (Vide *Memórias para a história da capitania do Maranhão*, impressa nas *Notícias para a história e geografia nas Nações ultramarinas*.)

12) Encontram [...] os *Aiupaes*. Pág. 23

Um *ajoupa* é uma pequena cabana coberta de folhas e aberta por todos os lados. Esta palavra é muito usada nos nossos estabelecimentos da Guiana. Vêem-se estampas de ajoupas em Barrère.

13) Apenas voltou esta expedição do *Mearim*, falou-se com entusiasmo de fazer uma viagem em breves dias ao *Amazonas*. Pág. 24

Em 1542 a foz do grande rio foi explorada por Afonso de Xaintongeois. (Vide o *Manuscrito original de sua viagem* na Biblioteca Imperial de Paris.) Jean Mocquet, cirurgião francês, guarda das curiosidades de Henrique IV, visitou suas praias. (Vide o *Manuscrito* do seu *Relatório* na *Biblioteca de Santa Genoveva*.) Finalmente la Ravardière fez até lá um reconhecimento. Jean Mocquet foi muito explícito quando tratou do mito das amazonas, que tanto ocupou Condamine e o ilustre Humboldt. Tudo quanto ele referiu destas mulheres guerreiras soube do chefe Anacaiuri, cujo personagem, ou seu homônimo, encontra-se nas obras de Yves d'Évreux. Governava uma nação no Oyapok ou do Yapoco. Mocquet disse a seus leitores que não pôde visitar, como desejava, o Amazonas “por serem violentas as correntes para os navios, e mesmo para o seu patacho que já fazia muita água”.

Todas estas narrações a respeito do grande rio deixaram na França impressões tão duradouras, que o Conde de Pagan, quarenta anos depois, convidou Mazarino a retomar projetos esquecidos. Para a conquista da Amazônia ele queria união com os índios, e por sua vontade devia o cardeal ligar-se “aos ilustres *homagues* [Omáguas], aos generosos *iorimanes* e aos valentes *tupinambás*”. Nunca certamente nossos selvagens receberam tão pomposos nomes!

Seria mui curiosa, se se achasse, a narração da expedição pelas margens do Amazonas em 1613, feita por ordem da la Ravardière e da qual ainda no tempo de Luís XIII existia uma cópia.

14) Em primeiro lugar as mulheres e as suas filhas preparam a farinha de munição. Pág. 25

Entra Gabriel Soares em minuciosas descrições do fabrico desta farinha, de que os índios fazem grandes provisões. A espécie de

mandioca, conhecida pelo nome de *carimã*, serve de base. Esta raiz a princípio dissecada a fogo brando, depois ralada, é pisada num pilão, pe-neirada e misturada com certa quantidade de outra qualidade de man-dioca no momento de ser torrada, o que se faz até ela ficar muito seca, e nesse estado é conservada por muito tempo. Encontram-se sobre esta indústria agrícola dos aborígenes do Brasil todos os esclareci-mentos necessários no *Tratado descritivo do Brasil*, página 167. Auguste Saint-Hilaire disse com razão que a cultura da mandioca tirou a maior parte dos seus processos da economia doméstica dos tupis, e resumiu concisa e habilmente tudo que há a dizer-se relativamente ao cultivo da planta. (*Voyage dans le district des Diamants et sur le littoral du Brésil*. T. 2, pág. 263 e seguintes.)

15) Estas canoas de guerra comportam às vezes 200 ou 300 pessoas. Págs. 26

Gabriel Soares está aqui inteiramente de acordo com o nosso missionário. Estas grandes canoas chamavam-se *maracatim*, por causa do maracá, que, como protetor, traziam na proa. *Iga* chamava-se uma canoa pequena, e *Igaripé* uma canoa de cortiça, etc., etc. (Vide Ruiz de Mon-toya, *Tesoro*, na pág. 173.)

16) Sobre os rins usam uma espécie de saia de penas da cauda de avestruz. Pág. 26

André Thevet e depois dele Jean de Lery descreveram com exatidão este gênero de ornato, chamado *Araroye* pelo último destes viajantes. Coube ao P. Yves fazer-nos conhecer seu valor simbólico.

17) Esta palavra *amazonas* lhes foi imposta pelos portugueses e franceses. Pág. 29

A curiosa narração do índio confirma a opinião de Humboldt, e bem pode ser que antigamente se encontrassem algumas mulheres can-sadas do jugo dos homens, e por isso entregues à vida guerreira. Combina igualmente com as tradições colhidas por Condamine e sessenta anos antes do P. Yves o franciscano André Thevet não esteve longe de ver

nestas selvagens americanas descendentes diretos do exército feminino comandado por Pentisilée. Humboldt disse com razão que o mito das amazonas era de todos os séculos e de todos os ciclos de civilização.

18) Cumã. Pág. 29

Por este nome, aqui tão freqüente, designa-se uma grande aldeia além de Tapuitapera. Era também o nome de um vasto território e de um rio. Segundo o padre Claude – Cumã significa “próprio para pesca”, porém duvidamos que seja exata a explicação. Debalde procura-se esta palavra no *Glossaria* de Martius publicado em 1863.

19) Todos os principais desses lugares lhe pediram insistentemente que fosse guerrear os *camarapins*, gente feroz. Pág. 30

Esta nação não é indicada no *Dicionário topográfico, histórico, descritivo da Comarca do Alto Amazonas*. Recife, 1852 – 1^o vol. em 12. Também não a encontramos na longa nomenclatura da *Corografia Paraense* de [Inácio] Acióli de Cerqueira e Silva. Deve estar extinta, e Martius também não faz menção de lugares e de nações que formam uma divisão no seu *Glossaria*, publicado ultimamente.

20) Rio dos *Pacajares*, daí dirigiu-se ao de *Parisop*. Pág. 30

Casal, no *Dicionário do Alto Amazonas*, e Acióli nada dizem a respeito destes rios, onde contudo esteve um exército de 2000 homens! Martius trata de uma nação de Pacajás ou Pacaya, no Pará. (Vide *Glossaria linguarum*, pág. 519.)

21) E os encaminhou ao lugar onde residiam os inimigos, os quais encontravam-se nas *Iuras*. Pág. 30

Esta ligeira descrição das casas aéreas construídas sobre mangues e troncos das palmeiras muritis lembra um fato bem curioso, classificado outrora como fábula, e descrito na *Relação* de Walther Raleigh. É bem possível que haja alguma exageração, porém o fato é autêntico, e

deu-se na foz do Orinoco. Os *waraons* visitados há perto de um século pelo Dr. Leblond, os *guaraúnos*, descritos pelo sábio Codazzi, são um e o mesmo povo, salvos de inteira destruição por sua maneira de viver. Os camarapins, cujo desaparecimento acabamos de provar, foram menos felizes. A respeito dos índios das iuras consulte-se o resumo, que outra fizemos, dos manuscritos, por onde o médico francês provou sua moradia entre os *waraons*. (Vide *Guyana*, 1828, em 18.) Codazzi, cujos belos trabalhos geográficos são conhecidos, citava em 1841 os guaraúnos como não tendo ainda abandonado suas casas aéreas. Há trinta anos, quando muito, vinham eles negociar com os habitantes da Trindade. (Vide o *Resumen de la Geografía de Venezuela*. Paris, 1841, em 8^o) Agostino Codazzi morreu recentemente. Quanto aos manuscritos de Leblond, que já tivemos a nossa disposição, pertenciam à coleção das viagens, possuída em 1824 pelo editor Nepveu.

22) Em primeiro lugar [tratarei] de um índio agradável e astucioso chamado *Capitão*. Pág. 32

Este personagem tinha um nome todo português, e era muito dedicado à nação a cujos interesses servia. O título de *Capitão* afinal estendeu-se a todos os chefes da raça indígena.

23) Fiz morrer o padre que está enterrado em *Yuiret*, onde mora o *Pagy Uaçú*, o grande Padre a quem enviei todos os males que ele tem sofrido. Pág. 33

Este selvagem fanfarrão gabava-se de ter feito morrer o padre Ambroise, residente em *Yuiret*, cuja pronúncia segundo Claude d'Abbeville, é *Jesuiree*, e ela indica a estranha significação deste nome. O *Pagy açú*, o grande padre, é Yves d'Évreux. A palavra *Pagy* quer dizer em português *padre*. *Paiguaçu*, diz Ruiz de Montoya, significa bispo ou prelado em guarani. O nome de Pai foi mais facilmente adotado pelos índios pela sua analogia em designar pessoas graves. Os feiticeiros eram chamados – *hechizeros* – para servir-nos da própria expressão do lexicógrafo espanhol. Da *língua geral*, modificação do guarani, *Pagy* significa padre,

monge e senhor. *Pay Abaré Guaçu* era designação dos prelados e dos jesuítas. Os índios ainda chamam o papa *Pay aboré oçu eté*.

24) “Ah! Que medo tenho, oh! Quão malvados são os tupinambás.” Pág. 34

Não sabemos por que o missionário modifica a ortografia do nome de um povo, que ele já escreveu muitas vezes de forma diversa. Claude d’Abbeville escreve *topynambas*, o autor da suntuosa entrada *Tupinabaulx*, Hans Staden *Topinenbas*, e enfim Jean de Lery *Tuupinambaults*. Malherbe suavizando a expressão escreve *Topinambus*. Foi esta ortografia a que prevaleceu no tempo de Luís XIV, porém preferimos a que é adotada pelos brasileiros.

25) Fomos incomodados com mil notícias, ora de selvagens residentes perto do mar, ora de franceses moradores nas fortificações, que diziam ter ouvido tiros de canhão para o lado da costa da pequena ilha de Santana, e da de Tabucuru. Pág. 35

Foi com efeito nas margens do Itapicuru, que se apresentaram os portugueses. Claude d’Abbeville disse algumas palavras sobre este belo rio, porém exagerou o seu curso. Nós estamos tão pouco a par da geografia desse país, que Adriano Balbi se contentou em mencionar seu nome apenas no quadro, que traçou, dos rios do Maranhão. Que prodigiosas mudanças não se terão operado sobre suas margens desde o tempo em que o nosso bom frade assim o chamava alterando-lhe o nome! Em lugar destas florestas, onde andavam errantes os timbiras, cultivava-se o milho, mandioca, cana-de-açúcar, fumo e algodão, e a produção última deste gênero foi tão abundante, que subiu a 35.000 sacas.

Em França não se conhece o nome das cidades mais importantes, assentadas à margem deste rio, e apenas se encontram em nossos livros de geografia. Quem já ouviu falar da pequena cidade de Caxias, a risonha pátria de Gonçalves Dias? Contudo é uma cidade rica, comercial, banhada pelo Itapicuru, e distante da capital sessenta léguas. Em 1821 era apenas um povoado de 2.400 almas, e hoje este número eleva-se a 6.000 habitantes. Caxias é o centro do comércio entretido com o Piauí, e com imensas solidões de campos de criação de gado, conhecidas pelo nome de *sertão*. Edificada para assim dizer no deserto, tem escolas florescentes, um teatro, estabelecimentos de utilidade pública, que nem sempre se encon-

tram em cidades mais consideráveis. O nome de *Caxias* tem no Brasil significação política, porque, em 1832, travou-se no Morro do Alecrim uma batalha, cujo resultado consolidou a independência da província. Mais tarde, na própria colina, chamada das *Tabocas* deu-se o sanguinolento combate, onde foi vencido *Fidié*^{*}, e que inspirou a Gonçalves Dias tão enérgicos versos. Seriam necessários volumes para narrar, ainda que sumariamente, as perturbações que se seguiram a este acontecimento, e as lutas tempestuosas, que ocorreram neste canto ignorado do mundo até 1848, quando Dr. Furtado conseguiu reprimir a horda que assolava esta cidade nascente.^{**} A própria natureza, por si só, é grande nestas regiões: 20 mil habitantes formam a população deste vasto município, empregado superficial-

* É engano. O major Fidié não foi vencido, e sim capitulou honrosamente em 1º de agosto de 1823. (Vide *História da Independência do Maranhão* (1822 a 1823) pelo Dr. Luís Antônio Vieira da Silva, hoje senador do Império, págs. 109 a 127.) (Nota do tradutor César Augusto Marques.)

** Mr. Ferdinand Denis foi iludido por escritos políticos, embora habilmente manejados porém sempre com paixão.

Não foi o Conselheiro Furtado a quem se deve esse estado de paz, e sim a outro cidadão como já disse no meu *Dicionário* neste trecho que para aqui transcrevo.

– Durou este triste e lamentável estado de ferocidade ou desespero até o tempo em que o falecido Dr. Eduardo Olímpio Machado, perante os escolhidos da província em 1851, recitou estas palavras:

“A febre homicida, que ia lavrando pelo município de Caxias, tem feito, vai para três meses, prolongada remissão. E qual o reagente que conseguiu acalmar seus lúgubres acessos? A energia e atividade do atual delegado de polícia o Dr. João de Carvalho Fernandes Vieira, o qual, formando culpa aos delinquentes, perseguindo-os com incansável zelo, devassando as casas de certos indivíduos, que até então contavam, senão com aquiescência, com o silêncio da autoridade pública, tem conseguido restituir à tranquilidade o distrito de sua jurisdição.”

Foram estes valiosos e importantes serviços apreciados pelo Governo Central, pois mandou por mais de um aviso louvar o Dr. João de Carvalho.

Daí a poucos anos houve quem intentasse arrancar esses louros da frente do enérgico e ativo ex-juiz municipal e delegado de polícia de Caxias para oferecer a outro, que nada fez, não cuidando da história que tudo registra e a todos faz justiça! Esta ação, por demais injusta, nos faz lembrar estes versos do poeta de Mântua:

Hos ego versiluco feci: alter honores

Sic vo non vebis, nidificates, aves, etc., etc.

(Nota do tradutor César Augusto Marques.)

mente na agricultura. Na distância em que nos achamos destas revoluções tão compridas para serem contadas, assemelham-se às da Idade Média, que a história local às vezes registra, mas que, facilmente, esquece visto não ligar-se a algum dos grandes interesses, que prende a atenção do mundo. Com mais justa razão pode aplicar-se isto à vila do Codó, a mais florescente após Caxias, como ela banhada pelo Itapicuru, e como ela separada da capital por um espaço de 60 léguas.

26) Os portugueses traziam consigo os índios canibais. Pág. 36

Por esta palavra tão vaga, aqui empregada pelo P. Yves, supomos que ele pretende designar os povos mais selvagens ainda que os tupinambás, ou então que se entregavam mais especialmente à antropofagia. Nas obras de Humboldt encontra-se uma curiosa definição da palavra *canibal*. Notaremos apenas que, 50 anos antes do tempo em que escreveu o P. Yves, designavam-se assim, quase que exclusivamente, os índios mais próximos do Equador. Na história da França Antártica por André Thevet, a propósito da madeira de tinturaria, lê-se o seguinte: “o da costa do rio Ianaire” (pág. 116 verso), e mais adiante: “visto que chegamos a estes canibais, deles diremos apenas, que este povo, depois do cabo de Santo Agostinho, e além até o Maranhão, é o mais cruel e desumano que em qualquer outra parte da América. Esta canalha come ordinariamente carne humana, como nós comemos carneiro” (pág. 119).

27) Deviam plantar cruces para repelir Jeropari. Pág 38

Este nome do princípio do Mal, aceito em toda a obra pelo P. Yves d'Évreux e por Claude d'Abbeville parece ser mais particular no Norte do Brasil. Martius escreve *Jurupari*, ou *Jerupari*. *Anbagá* parece ser mais usado no Sul. Não se acha a significação desta palavra no *Tesoro de la lengua guarany*. *Angai* neste precioso Dicionário significa “espírito mau”. *Anbanga* significa apenas *fantasma*. (Vide Gonçalves Dias, *Dicionário da língua tupi*.)

28) Aqueles povos, antes de reunidos, eram chamados *tabajaras* pelos *tupinambás*. Pág. 40

Tabajaras não significa de maneira alguma *inimigo*, e sim senhores da aldeia. (Vide Adolfo de Varnhagen, *História geral do Brasil*. T. 1º. Acióli, *Revista do Instituto*.)

29) *Mearinenses*, isto é, gente vinda do Mearim. Pág. 40

Mearinense é evidentemente um nome criado pelo nosso bom missionário, e melhor não o inventaria Rabelais. Os mearinenses eram os próprios tupinambás que residiam nas férteis margens do Mearim, donde proveio o nome à província no pensar de Casal. O Mearim, que oferece um curso de 166 léguas, só é navegável no inverno, e as canoas grandes sobem unicamente até 60 léguas. Nasce na *Serra do Negro* e *Canela* aos 8º 2' e 23" de lat. e 2º 21' de long. contados a partir da ilha de Villegagnon na baía do Rio de Janeiro.

30) Os franceses os chamam *pedras-verdes*. Pág. 40

A denominação, adotada no século XVII por nossos compatriotas, veio sem dúvida alguma do costume que tinham estes índios de furar o lábio inferior, e mesmo as faces para nelas introduzir discos de uma espécie de esmeralda, feitos com muita paciência, e apreciados como jóias estimáveis. (Vide *Sur l'usage de se percer la lèvre inférieure chez les Américains du sud*, a série de nossos artigos, inserida com muitas gravuras no *Magasin pittoresque*. T. 18; págs. 138, 183, 239, 338, 350 e 390.)

31) Os *tapuias* têm muito apreço por estas pedras. Pág. 41

A palavra *tapuia* ou *tapui* tem levantado grandes discussões: será o nome de um povo? (Vide o *Dicionário* de Gonçalves Dias). Significará inimigo? Ruiz de Montoya nada diz a tal respeito. Será preciso criar uma nação distinta da dos tupis, à qual estes deram tal nome. Um escritor, autoridade na matéria, M. Acióli não hesita a tal respeito. Quando enumera as principais divisões da raça túpica ele diz: “outra nação geral, a dos *tapuias*, divide-se, como pensam muitos, em pequenas tribos fa-

lando perto de cem dialetos, e são os *aimorés*, os *patentus*, os *guaitacás*, os *guaramonis*, os *guaregares*, os *jaçaruçus*, os *amanipaqués*, os *paíeias* e grande número de outras”. (Vide T. XII da *Revista Trimestral – Dissertação histórica, etnográfica e política sobre quais eram as tribos aborígenes*, etc., pág. 143.)

32) E aos castigos preferem a morte. Pág. 45

Este conceito tornou-se proverbial na Ilha e na Guiana.

33) “Na guerra não me puseste a mão sobre a espádua.” Pág. 46

Hans Staden, prisioneiro pelos tupinambás em 1550, ao sair do Forte da Bertioga suscitou grande discussão sobre saber-se com certeza quem foi o primeiro que o tocou. (Vide *la Collection*. Ternaux Compans.)

34) *Ybaira Puitan*, que quer dizer a “árvore do Brasil”. Pág. 52

Nada tem de extraordinário o nome deste chefe, porém é necessário escrevê-lo assim com mais exatidão. *Ibirapitanga*. (Vide Ruiz de Montoya.) Lery escreveu *Arabutã*. Thevet *Orabutã*. Desaparece esta célebre madeira cada vez mais das grandes florestas, onde iam buscá-la os nossos antepassados.

35) Todos o cercavam para escutá-lo quando ele ia à casa grande. Pág. 53

É um tabajara que fala, porém observamos que a palavra *carbet* não pertence à *língua geral*. O padre Ruiz de Montoya não inseriu no seu precioso *Tesoro de la lengua guarany*. É usado mais particularmente entre os galibis e os outros povos de Guiana. Ressente-se esta expressão da vizinhança da nossa colônia. Convém fazer certa diferença entre os *Carbets*, ou *casa grande*, e as *ocas* ou *tabas*, que formavam a arquitetura rudimentar dos outros povos do Brasil. Ouçamos a este respeito o padre du Tertre. “No meio de todas estas casas, fazem uma grande, comum, a que chamam *Carbet*, a qual tem ordinariamente 60 a 80 pés de comprimento, e é formada de grandes forquilhas de 12 a 20 pés de altura, infini-

cadadas na terra: sobre elas colocam uma palmeira, ou outro tronco de árvore muito direito, que serve de cumieira, e nela ajustam caibros, que descem até tocar em terra, e cobrem-nos com ramos ou folhas de palmeiras, ficando muito escuro o interior da casa, pois a claridade entra só pela porta, e esta é tão baixa que para entrar-se é necessário curvar-se.”

Estas particularidades pedimos emprestadas a uma obra do ano de 1643, e se referem especialmente à arquitetura rústica dos caraiabas insulares. Escolhemos este exemplo quase contemporâneo do livro publicado pelo nosso autor, porque na realidade não há grande diferença entre os *carbets* das ilhas e os dos continentes. Se se escrevesse uma história dessas casas de folhas tão rapidamente construídas, apresentar-se-iam certas variedades conforme os usos e fins para que se destinam. (Vide a este respeito *Le voyage pittoresque au Brésil* de Debret, depois as gravuras do livro de André Thevet, publicado em 1558.) Haviam pequenos e grandes *carbets*, aqueles onde os piagas faziam suas charlatanerias, e estes onde se formavam os grandes conselhos. Tinham estes últimos a configuração de um dos nossos vastos alpendres, tendo lugar para 150 ou 200 guerreiros.

No século XVII, na linguagem de nossas colônias, nas ilhas ou no continente, formar um conselho qualquer era *carbeter*; o termo era próprio e acha-se usado por todos os viajantes. (Vide entre outros Biet, *Voyage de la France équinoxiale*. Paris, 1654, em 4º.)

36) Foi imediatamente ao Forte em companhia de um dos principais intérpretes da colônia, chamado Migan. Pág. 58

David Migan era natural de Dieppe, e, como fizeram tantos outros naturais da Normandia no fim do século XVI, veio tentar fortuna entre os selvagens do Brasil. Encontraram-no os chefes da expedição estabelecido havia muitos anos em Jupanarã, na ilha do Maranhão. Era em toda a extensão da palavra um intérprete da Normandia, e sabe Deus de que reputação gozavam estes intérpretes no que dizia respeito ao que então se chamava mundo civilizado. Comparavam-nos até aos selvagens, de cujos odiosos festins, dizia-se, eles partilhavam. David Migan teve as honras do *Mercúrio* francês. (Vide T. 3, pág. 164.) Regressou à França com Rasily a quem era muito afeiçoado, e assim foi bom por ser o único capaz

de traduzir para a Rainha a longa exposição de Itapucu. De passagem lembramos ter ele também assinado o termo de cessão que la Ravardièrre fez de seus direitos a François de Rasily, o que indica, sem dúvida alguma, gozar de consideração excepcional. O nome de Migan nos parece ser nome de guerra, pois esta palavra na língua tupi significa *caldo grosso*, que se fazia com a farinha de mandioca. Malherbe, que estava nas Tulherias, quando se apresentaram os índios, notou a habilidade deste homem. Havia outro intérprete chamado Sébastien, muito afeiçoado a Yves d'Évreux.

37) Um dia disseram-me alguns que era preciso haver muita falta de madeira na França, e que experimentássemos muito frio para mandarmos navios de tão longe, sujeitos a tantos perigos, abarrotaram-se de madeiras. Pág. 67

É mui curioso o achar-se no Maranhão, no ano de 1612, um selvagem fazendo ao P. Yves o mesmo raciocínio a que foi obrigado a responder Jean de Lery em 1556: “o que quer dizer vós *Mair* e *Peros* [franceses e portugueses] virdes de tão longe buscar madeira para vos aquecer? Lá não a tendes?” (Vide *Histoire d'un voyage en la terre du Brésil*. Rouen, 1578, em 8^o.)

38) São muito pacientes em suas misérias e fome, chegando até a comer terra. Pág. 72

Largamente descreveu Mr. Humboldt a região dos otomanos e as porções imensas de terra, que reúnem estes índios para se alimentarem quando lhes falta a caça e a pesca. Pensa o grande viajante que esta terra seca ao sol, formando pilhas de bolazinhas, dispostas simetricamente, é procurada pelos selvagens por conterem partículas animalizadas e que as fazem nutritiva. Prova o padre du Tertre que tanto os índios das ilhas como os do continente comem terra, embora pense que seja por aberração de gosto. “Todos comem terra, mãe e filhos”, diz ele, “e a causa de tão grande aberração de gosto não pode proceder, penso eu, senão de um excesso de melancolia.” (*Hist. nat. das Antilhas, habitadas pelos franceses*. T. 2^o, pág. 375.) Não longe das regiões descritas pelo P. Yves, à margem do rio Ucayale, encontram-se ainda os índios pinacos, cujo nome verdadeiro é *puynagas*. Estes índios, desprezados por seus compatriotas, são afamados comedores de terra. A este respeito, entre

outros, foi publicado um curioso opúsculo de Mr. Moreau de Jonnés com o título de *Observations sur les Géophages des Antilles*. Paris. An. VI. Tem somente 11 páginas.

39) O segundo grau chama-se *Kunumy-miry*, “rapazinho”. Pág. 75

Na enumeração das diversas classes da infância achamos ainda exatidão no P. Yves, embora confundisse a letra N com a R: a palavra menino escreve-se *curumim* nos Glossários brasileiros. (Vide Gonçalves Dias, *Dicionário da língua tupi*. Leipzig, 1858, em 12.)

40) São concedidas [em casamento] e então as chamam

Kugnammucu-poire. **Pág. 82**

Gonçalves Dias chama a virgem *Cunbã mucu*. (Vide *Dicionário*.)

41) Deita-se para observar o resguardo em lugar da mulher. Pág. 82

Este singular uso, falado por todos os viajantes do século XVI, como acaba de ver-se ainda não estava modificado. Não se encontra somente entre os caraíbas das ilhas, e sim também em pleno vigor na Europa, e especialmente entre os bascos, e era então chamado *Incubação*. As *Miscelâneas históricas*, publicadas em Orange em 1675, contêm interessantes observações a tal respeito. “Nota-se”, diz ele, “um admirável costume em Bearn. Quando uma mulher pare, anda a pé e o marido deita-se para guardar o resguardo. Creio que os bearnenses tomaram este costume dos espanhóis, de quem Estrabão disse a mesma coisa no livro 3º da sua *Geografia*.” O mesmo faziam os tibarenienses, como refere Ninfodore, na excelente obra de Apolônio de Rodes, livro 2º, e os tártaros segundo o testemunho de Marco Pólo, cap. 41, livro 2º. Este uso, tão esquisito, e só explicável se se pudesse descer até o recôndito mais íntimo do caráter do índio, era religiosamente observado pelos mais valentes e afamados guerreiros a sua origem natural. Torna-se porém admirável, para assim dizer, quando se sabe ser tal costume acompanhado de mui cruéis privações, porque o índio, que acaba de ser pai, e que se condena a este ridículo repouso, não só priva-se de alimentos, como ainda se entrega a outros suplícios com intenção de evitar que o

filhinho sofra certos males, que ele receia. Pela sua ignorância e superstição julga-se com grande influência fisiológica sobre o menino, e sofre muito e com estoicismo a fim de poupar algumas dores ao recém-nascido. O homem civilizado das cidades, embora mediocrementemente inteligente, abstém-se de pesquisar estas idéias cheias de dedicação, embora inconstantes dos selvagens, e ri-se antes de proferir seu juízo. A companheira do índio, também supersticiosa, aprova o que faz o marido: sofre, sem queixar-se, verdadeiras dores e entrega-se a um novo trabalho ainda mais pesado, porque todo o serviço da casa cai sobre ela. No modo de pensar desta pobre criatura, a salvação do recém-nascido depende do procedimento estóico de seu marido. Nunca podemos saber qual era o motivo que obrigava os antigos a entregarem-se a este repouso tão esquisito, não diferente provavelmente do concedido aos americanos. Carli, cuja engenhosa erudição explica tantas coisas antigas da América, não procurou mesmo uma hipótese para descobrir motivos tão burlescos. Enganou-se por certo, quando disse que se traziam alimentos abundantes a estes solitários. (Vide *Lettres Américaines*. Boston e Paris, 1788, T. 1, pág. 114.) É bom ler-se com cuidado a versão francesa desta curiosa passagem. Não soube o tradutor francês, Febvre de Villebrune, dar real valor às palavras italianizadas pelo autor. Antoine Biet é mais justo para com os índios e menos inclinado à zombaria do que os seus predecessores, quando descreve a “incubação” entre os galibis. Ele admite que o pobre índio “sofre muito durante seis semanas, come pouco, e quando acaba o resguardo, está tão magro como um esqueleto”. O mesmo viajante nos mostra o galibi, sempre paciente, não deixando a casa grande, e nem se animando a levantar os olhos para os que o rodeiam. (*Voyage de la France équinoxiale*, Livro 3º, página 390.) Descrevendo os costumes de certos caraíbas, não podia o autor da história moral das Antilhas esquecer a incubação. Rochefort conta as particularidades e especifica sua analogia com uma cerimônia idêntica, que viu numa província da França. Este repouso forçado do índio pareceu-lhe muito absurdo, porém não nega ao pobre paciente o mérito do jejum, antes confessa que durante sua reclusão apenas lhe dão um pouco de farinha e água. (Vide *História moral*, pág. 494.) Não prosseguiremos nestas citações, bastando dizer que entre os povos do Brasil os *tupiniquins*, os *tupinaés*, os *tabajaras*, os *petiguaras*, e muitas outras tribos imitam os tupis, e

estes nomes nada mais adiantam. Convém contudo salientar o amor paterno entre os índios, dando-se assim no mais extravagante dos costumes a sua origem verdadeira.

42) Avós, que eles chamam *Tamoin*. Pág. 85

Tamoi quer dizer avô na língua dos tupinambás: aqui há alteração de palavra, causada por diferença de pronúncia. Lê-se no *Tesoro de la lengua guarany*, base da lexicografia brasileira, *Tamôi, abuelo, Cheramòi, mi abuelo, Cherúramôiruba, mi bisabuelo, Cherúramôi, el abuelo de mi padre*, etc. Por sua origem tinham os tamoios real preeminência sobre as outras tribos da mesma raça. No meado do século XVI habitavam as circunvizinhanças de Niterói, ou antes, do Rio de Janeiro: como aliados fiéis dos franceses foram expelidos desse belo território por Salema, e os restos de suas tribos desceram para as regiões do Norte, onde encontraram seus antigos amigos, que se haviam refugiado especialmente nos campos do Maranhão.

43) Como sei que será agradável ao leitor, vou aqui transcrever a forma e maneira comuns de falarem. Pág. 9

Não é de medíocre importância a espécie de vocabulário, aqui oferecida pelo nosso missionário. Os leitores franceses, pouco familiarizados com a filologia americana, desprezaram sem dúvida esta coleção de frases, provenientes duma língua que contudo serviu de recreação a Boileau; o mesmo não acontecerá num vasto Império, onde as letras são hoje tão honradas. Há muitos anos já que o autor da *História Geral do Brasil* provou a importância do estudo das línguas indígenas numa *Memória* impressa entre as atas do Instituto Histórico do Rio de Janeiro (agosto, 1840). O padre Anchieta, a quem se deve a composição da primeira gramática, conhecida, da língua geral, não falava o tupi sem uma espécie de entusiasmo; o padre Figueira o imitou em sua sincera admiração; Laet, conquanto não manifestasse sua sincera admiração, gabou sua abundância e doçura. E nisto ele foi seguido por Bettendorff. Podemos dizer porém que de todos os escritores foi o P. Araújo quem melhor fez sobressair sua importância do ponto de vista filosófico. “Como foi”, disse algures esse religioso, “que os povos, que a falaram, tendo as idéias limitadas em estreito círculo de objetos, todos necessários

embora a seu modo de vida, pudessem conceber sinais representando idéias, capazes de indicar o objeto, que não conheciam antes, e isto não de qualquer forma, e sim com propriedade, energia e elegância”, acrescentando: “sem ter idéia alguma da religião, a não ser da natural, encontraram em sua própria língua expressão para patentear toda a sublimidade dos mistérios da religião, e da graça, sem pedir emprestado coisa alguma aos outros idiomas”. Enganar-se-ia completamente quem julgasse estar hoje esquecida a língua usada entre tribos numerosas quando em 1500 Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. Deixou não só vestígios na geografia do Brasil, mas também ainda hoje se fala de uma infinidade de aldeias, tendo estreita afinidade com o *guarani*, língua usada na maior parte do Paraguai. Contudo não é a mesma do século XVI. Modificam-se os idiomas dos povos selvagens à semelhança dos idiomas dos povos civilizados, e ainda mais talvez quando uma corrente de idéias vem desviá-los da liberdade do seu andar. O *maia*, o *quiché*, o *asteca*, o *quíchua*, o *aimará* não são o que foram no tempo de Cortez, de Alvarado, e de Pizarro. Se o sábio Veytia pudesse, há perto de um século, confrontar a diferença enorme que apresenta o nahuatl antigo com o que falavam muitas pessoas do seu tempo, imagine-se o que não sucederia quando se fizesse a mesma confrontação entre a língua tupi com o moderno guarani. Esta última língua, tão em uso no Paraguai, não é mais falada com a pureza da sua origem, segundo diz o Sr. Beaurepaire de Rohan, senão pelos caiuás, das nascentes de Iguatini. São pois mui preciosos todos os livros, que tratam da língua antiga do ponto de vista gramatical. Debaixo deste ponto de vista, as viagens de Hans Staden, de Thevet, e de Lery têm mais valor do que as Relações de Claude d’Abbeville e Yves d’Évreux. Acham-se todos os pormenores apreciáveis a este respeito no nosso opúsculo publicado sob este título – *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550. Suivie d’un fragment du XVI siècle roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil e des poésies en langue Tupique de Christovam Valente*. Paris, Techener, 1850, gr. em 8º.

O sábio Hermann E. Ludwig não conheceu o vocabulário apresentado pelo P. Yves, ou pelo menos não tratou dele. (Vide *The literature of American aboriginal languages*. London, 1857, in 8º.) Finalmente têm-se promovido nestes últimos tempos trabalhos de tanto fôlego, merecendo o primeiro lugar os do ilustre Martius. Um distinto literato

brasileiro, o Dr. Gonçalves Dias, que já publicou em Leipzig o *Dicionário da língua tupi* (1858), foi de novo estudá-lo nas profundas florestas do Amazonas. A filologia brasileira ainda fará grandes progressos.

44) Um *pagy-uacu*, isto é, um feiticeiro para as doenças e bruxarias. Pág. 104-105

Aqui há falta sensível em nosso texto, por ter indubitável o nosso viajante de ocupar-se largamente duma casta, que com os *morbixabas* representam o papel principal na vida civil e política dos brasileiros. Simão de Vasconcelos nas suas – *Notícias do Brasil* – nada deixa a desejar a tal respeito, e para ele enviamos nossos leitores, observando apenas que os *piayés*, os *pajés* ou *pajé* somente alcançavam a prodigiosa influência, que gozavam, submetendo-se a experiências e a jejuns tão rigorosos a ponto de arriscarem a vida, obtendo finalmente o título que tanto ambicionavam. São as mesmas essas provas ou experiências desde a embocadura do Orinoco até as do rio da Prata. Quando o candidato estava já muito enfraquecido pelo jejum, entregavam-no às picadas das formigas, abarrotavam-no de poções abomináveis, cuja base era o suco do tabaco, e algumas vezes defumavam-no a ponto de perder os sentidos. Se resistia a tais suplícios, era igual senão superior aos guerreiros.

Deixou-nos Vasconcelos a respeito do que se pode chamar Colégio dos Piagas, à semelhança do Colégio dos Druidas, certas particularidades muito minuciosas, aplicáveis principalmente às províncias do Sul. No Norte os *Pajés Aíbas* eram os feiticeiros afamados astrólogos, ou melhor *tempestuosos*, a que nada podia resistir. Sob sua dependência estavam os astros, e sob sua obediência o Sol e a Lua para cumprir suas ordens: desencadeavam os ventos e levantavam tempestades. Os mais ferozes animais, como as onças e jacarés, obedeciam a eles. Para alcançar aos olhos do público tal poder recorria o Pajé Aíba a um meio, que nunca falhou, isto é, a *erva dos feiticeiros* ainda mais poderosa do que a da Europa, o *paricá*, cujos efeitos terríveis foram descritos pelo Dr. Rodrigues Ferreira. (Vide *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*.) Mastigava-se o paricá, e com isto fazia-se um unguento, usado para unturas.

45) Untam-se com azeite de palmas, de urucu, e de jenipapo. Pág. 118

Há aqui um pequeno erro tipográfico, que convém corrigir: leia-se pois *rocou*. Em toda a América meridional costumavam os selvagens tingir a pele de vermelho-alaranjado, ou de negro-azulado por meio do *rocou*, *Bixia Orellana*, ou do *jenipapeiro* (*Genipa Americana*). O P. Yves, descrevendo com exatidão os frutos desta árvore, em abundância no Maranhão, diz – o sumo claro e límpido que se extrai dela, fica muito negro logo depois da sua aplicação, e assim conserva-se mesmo debaixo d'água, por 9 dias. (Vide, a este respeito, Humboldt, *Voyage aux régions équinoxiales*.)

46) A ponto de não poderem mais tirar dos pés os *Thons*, ou bichos. Pág. 120

Serve-se aqui Yves d'Évreux de uma expressão imprópria designando pela palavra *Thon* o que se chama *bicho-de-pé*, *niga*, *pulex penetrans*, dos entomologistas. Bem pode ser que a palavra seja da *língua geral*. Encontra-se com a mesma acepção em Thevet, que a escreveu em 1558 (Vide *France antarctique*, pág. 90). É muito conhecido este inseto, e por isso desnecessário é demorarmo-nos descrevendo os males que produz. (Vide, entre outros naturalistas, o verídico Auguste de Saint-Hilaire, *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. T. 1º, págs. 35 e 36.)

47) Ele vos fará crer que estas terras têm muitas árvores medicinais, gomas salutares, e excelentes ervas, que a ninguém sob a abóbada celeste o tempo daria a conhecer. Pág. 125

Realizou-se completamente a profecia do bom padre. Poucas são as regiões do mundo, que, como esta, tenham sido exploradas em benefício da ciência. Além das *Plantas úteis do Brasil*, devidas ao nunca asaz chorado Auguste de St. Hilaire, há hoje a *Flora brasiliensis* do ilustre Martius, também autor da *Matéria médica* deste país. Não desejamos cansar o espírito do leitor com uma árida nomenclatura de livros especiais. Contentamo-nos apenas dizendo que muito têm os brasileiros corrido para estes trabalhos científicos, citando somente as *Memórias* do Dr. Freire Alemão, recentemente publicadas, e a grande coleção, infelizmente não acabada, da *Flora fluminensis*.

48) Os índios chamam esta mancha *Aipian*, isto é, *Mãe Pian*. Pág. 127

Esta moléstia, tão cruel e tão semelhante à sífilis, se não é a própria sífilis, também acha-se descrita na *France antarctique* de André Thevet, livro publicado em 1558 (vide pág. 86). Jean de Lery também descreveu seus sintomas. Está claro que não se pode atribuir aos negros de Guiné moléstia tão geral entre os americanos.

49) Macinho de *petun*. Pág. 132

O P. Yves é rigorosamente exato no que diz a respeito dos funerais dos índios, e com ele concordam em tudo Lery e Thevet, dando este último uma excelente estampa representando um tupinambá prestes a ser sepultado. (Vide pág. 82 v.)

50) E descem-no à cova suavemente. Pág. 132

Não se esqueciam os tupinambás de colocar, entre as suas singulares provisões para o morto, um pouco de tabaco, carne, peixe, raízes de cará e de farinha de mandioca. É rigorosamente verdadeiro tudo o que o P. Yves conta neste capítulo, como se pode ver nas estampas que apresentam Thevet na *France antarctique*, e Lery na sua *Voyage*.

51) Tapuitapera, Cumã e Caieté. Pág. 135

Os tapuitaperas, cujo nome deviam a uma localidade do Maranhão, tinham cabelos compridos. Pertenciam à raça tupi, pois que *Migan*, o intérprete natural de Dieppe, entendia sua linguagem, e o mesmo sucedia aos de Cumã, cuja aldeia tinha índios com este nome. Os caetés, no século XVI, constituíam uma nação essencialmente belicosa ocupando a maior parte do território da província de Pernambuco. Falavam a língua túpica, ou *língua geral*. Encontram-se as mais curiosas particularidades a respeito de sua organização interna no *Roteiro do Brasil*, manuscrito existente na Biblioteca Imperial de Paris. Hoje está sabido que este livro, tão notável, composto em 1587 por Gabriel Soares, é o trabalho mais completo que existe sobre as diversas tribos do Brasil

existentes no tempo do P. Yves. Passados muitos anos a Academia Real das Ciências de Lisboa, reconhecendo a sua importância, imprimiu-a nas suas *Notícias das nações ultramarinas*, e depois o Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen, colecionando todas as cópias desta mesma obra, embora sob diversos títulos, publicou uma nova edição superior a todas, sob o título de *Tratado descritivo do Brasil em 1587, obra de Gabriel Soares de Sousa, senhor de engenho na Bahia, nela residente dezessete anos, seu vereador da Câmara*. Rio de Janeiro, 1851, em 8^o.

52) Salvaram-se todos em várias ilhas desabitadas exceto um francês, vítima de tubarões. Pág. 137

O P. Yves, quando quer designar o *tubarão*, escreve impropriamente *requin*, quando na primitiva era *requiem*. Pode bem ser que o nome imposto a este peixe tão voraz provenha da rapidez com que mata.

53) Os tocadores de maracá. Pág. 138

O *maracá* era um instrumento simbólico, usado tanto nas festas religiosas como nas profanas. Thevet, o guarda das Curiosidades do Rei, o descreveu muito bem em seus manuscritos, inéditos, e como sei que não será desagradável para aqui transcrevo as suas palavras: “Tendo nas mãos um ou dois *maracás*, que é um fruto grande, de forma oval, semelhante ao ovo de avestruz, e da grossura de uma abóbora, mais agradável à vista do que ao paladar, pelo que ninguém o come, fazem com eles muitos mistérios e superstições tão extravagantes como incríveis. Cavam o fruto, enchem-no de milho graúdo, amarram-no à ponta de uma haste, enfeitam-no com penas e, enterrando a outra ponta, fica ela em pé. Cada casa tem um ou dois *maracás*, que respeitam como se fosse *Tupã*, trazendo-o sempre na mão, quando dançam fazendo-o choalhar.” “Pensam que é *Tupã* que lhes fala.” (*Manuscrito* de André Thevet, conservado na Biblioteca Imperial de Paris.) Hans Staden e Lery, Roulox Baro escreveram largas páginas a respeito do maracá, e o próprio Malherbe fala dos que ouviu em Paris por ocasião do batismo de três índios, sendo padrinho Luís XIII.

Chegando a Paris, e residindo no convento dos seus protetores, os índios revestidos dos seus belos adornos, e com o *maracá* em punho, excitaram muito entusiasmo, a ponto de haver muita paixão pela sua dança e pela sua própria música. Seria muito curioso se hoje se achasse a sarabanda composta em honra deles pelo famoso Gauthier. Malherbe escreveu ao célebre Peiresc dizendo tê-lo mandado a Marco Antônio “como excelente peça digna de ouvir-se”. (Vide *Correspondance*, pág. 285, antiga edição.) Ainda, passadas 12 páginas, Malherbe tratou da música então em voga, e do seu autor, dizendo “ser Gauthier considerado o primeiro no ofício, ignorando porém se saíra bem, e se o gosto da província se conformará com o da corte”.

Não se contentaram somente de associar os pobres selvagens a estranhas distrações, pois procuraram obrigá-los a residir em França. Diz o poeta, pág. 275: “os capuchinhos, para obsequiarem completamente estes pobres selvagens, resolveram algumas beatas a casarem-se com eles, e já deram começo à execução deste plano”. Enquanto porém eram bem acolhidos os guerreiros do Maranhão, suas mulheres não gozavam iguais favores. Uma certa princesa, cujo nome o poeta cala, manifestando opinião singular, e nos remetendo à pág. 264, dizia “que para eles tinha muita satisfação de dar-lhes casa e comida, mas que às senhoras, suas mulheres, não podiam ser senão...” bem me entendeis, e por isso não podia recebê-las em sua casa.

52) Da viagem do capitão Maillar. Pág. 139

É mui curioso o saber-se que esta expedição exploradora às margens férteis do Mearim reconheceu logo serem essas terras essencialmente próprias para a plantação da cana-de-açúcar, a que se empregam todos os braços de 15 anos para cá, sendo esta revolução agrícola devida à influência de M. Franco de Sá*. A charrua desprezada por tão longos anos hoje sulca este solo admirável.

* César Marques, em sua tradução original, registra “Dr. Joaquim Franco de Sá”. (Nota desta edição.)

55) Mutuns. Pág. 140

Deve ler-se *mutum*, sendo a espécie mais pequena designada pelo nome de *mutumpinima*. (Vide *Dicionário de tupi* de Gonçalves Dias.) Trata-se aqui de *Hocco Crax Alector*, caça mui procurada. A imperial sociedade de aclimatação emprega atualmente louváveis esforços para ambientar em França este pássaro do Brasil e da Guiana.

56) Tuins. Pág. 140

É uma linda espécie de periquito, conhecida no Brasil pelo nome de *tuú*. Forma às vezes bandos tão grandes a ponto de ser um dos flagelos da agricultura.

57) Ramos de palmeira espinhosa chamada *tucum*. Pág. 141

É a palmeira chamada – *tucum* – pelos brasileiros. Consulte-se a magnífica *Monografia das palmeiras* por Martius. O *tucum* tem fibras verdes e macias, das quais se faz excelente fio, próprio para cordas.

58) Depois da procissão *cauinavam* até caírem. Pág. 141

Yves d'Évreux não hesita com sua sinceridade habitual a formar um verbo derivado da língua indígena. Desde as margens do Orinoco até às do rio da Prata era o *cauim* preparado em grande quantidade. Tinha o mesmo nome em toda a parte esta espécie de cerveja, ou talvez melhor de cidra, quer fosse preparada com milho mastigado pelas mulheres, quer com mandioca, caju ou *jabuticaba*. Encontramos este fabrico e nome até entre os araucanos. (Vide a importante *Voyage au Chili* do M. Claude Gay.) A palavra *cauim* atravessou espaços imensos, são os mesmos em toda a parte os processos para o seu fabrico, o que prova estreito parentesco entre os povos mais distantes uns dos outros. Hans Staden, Lery, Thevet apontaram seus abusos, e chamamos a atenção dos nossos leitores para as suas curiosas narrativas. O que nossos antigos viajantes chamavam *cauinage* era afinal uma solenidade, cujo sentido religioso não conhecemos. Precediam ou sucediam estas

orgias às grandes expedições. O vinho da Europa se chama hoje *Cauim piranga*, e a aguardente tão fatal aos índios, *Cauim tata*, “bebida de fogo”.

**59) Depois soprava a fumaça sobre os selvagens dizendo
“recebei a força do meu espírito.” Pág. 141**

Descreve com minuciosa curiosidade Jean de Lery esta festa solene, na qual se infiltrava o *espírito de coragem* aos guerreiros prestes a partirem para uma expedição. Uma das estampas do seu livro representa até esta cerimônia. Entre todas as tribos da raça tupi o tabaco é considerado como planta sagrada. Reunimos tudo que se sabia há alguns anos a respeito da origem do *petun* na carta que dirigimos a M. Alfred Demersay, sobre a introdução do tabaco em França. (Vide *Études économiques sur l'Amérique méridionale. Du Tabac du Paraguay*, Paris. Guillamin, 1851, em 8^o.)

**60) Tupinambás da Ilha, tendo ido lá com o fim especial de pescar,
foram atacados pelos *tremembés*. Pág. 143**

O nome desta nação tão pouco conhecida, e que se apresenta à pena do P. Yves, é uma garantia da exatidão das suas narrações. Ainda em 1817 existiam alguns *tremembés* entre os trabalhadores brancos do Ceará: cultivavam mandioca e residiam na vila de Nossa Senhora da Conceição d'Almofala, onde havia muitas salinas. (Vide Aires do Casal, *Corografia Brasílica*, T. 2^o; página 235.) O P. Yves se orgulha do valor e da indústria destes índios (p. 142), inimigos encarniçados dos tupinambás.

61) Japiáçu foi o condutor deste exército. Pág. 143

Tratamos deste famoso índio quando ele se investiu do comando. É a figura indígena mais predominante nas duas obras do padre Claude d'Abbeville e P. Yves. Na *língua geral* a palavra *japim* é o nome de um lindo pássaro, de penas amarelas e negras, que anda em numerosos bandos e que em toda a parte faz ninhos tão pitorescos. Pode também dar-se-lhe outra significação. *Japi* significa na língua indígena do Maranhão, “o choque, o golpe”. (Vide Gonçalves Dias, *Dicionário*.) A

primeira explicação é a única adotada. Japiáçu era o que se chamava um *mitagaia*, um grande guerreiro.

62) Com Jeropariáçu, isto é, o Grande Diabo, príncipe e rei de uma grande nação de canibais. Pág. 144

Deixa-se o P. Yves levar muito pelas recordações da Europa. *Jeropariáçu*, de que tratam escritores portugueses, nada tem de comum com um príncipe ou um rei, tais como eram representados no Antigo Mundo por convenção hierárquica. Este erro já havia sido anteriormente cometido por André Thevet na sua *França Antártica* e na sua *Cosmografia*. O historiador de Portugal, La Clède, que vivia no século XVIII foi mais longe ainda na enumeração dos pomposos títulos, que dá a alguns pobres chefes de tribos.

63) Algumas cuias. Pág. 145

Com o nome de *cui*^{*} conhecem-se geralmente no Brasil vasilhas ordinárias, feitas com o fruto da cabaceira. Na Venezuela chama-se *tutumás*. Algumas destas vasilhas naturais mostram delicados ornatos, cores inalteráveis pela água e grande brilho. (Vide a este respeito Claude d'Abbeville, *Histoire de la mission des pères capucins*.)

64) O terceiro motivo é para colher o âmbar-gris, chamado Pirapoti pelos tupinambás, isto é, excremento de peixes. Pág. 146

É isto confirmado por Magalhães de Gândavo, o primeiro escritor português que escreveu uma história regular do Brasil em 1576. Este amigo de Camões recorda a expressão indígena de que se serve o P. Yves, porém não partilha sua opinião, antes crê ser o âmbar um produto vegetal formado no fundo do mar. O que é certo é que nos séculos XVI e XVII o encontro, quase sempre casual, de enormes pedaços de âmbar, arremessados pelas ondas em praias não exploradas, enriqueceu muita gente.

* Em francês, grafado *conis*, no plural. Trata-se sem dúvida da cuia. (Nota desta edição.)

**65) Quanto à viagem ao Uarpi, rio e região,
em distância para mais de 120 léguas da Ilha. Pág. 149**

Debalde procuramos este nome no livro de Aires do Casal, e no *Dicionário* de Milliet de Saint Adolphe. A região habitada pelos caetés de que trata, sabemos com certeza ser na província de Pernambuco. A palavra *caetés* significa floresta grande, e se aplica a diversas localidades. Foram os caetés, que em 1556 mataram e devoraram o primeiro bispo do Brasil, D. Pero Fernandes Sardinha. Este sábio prelado, natural de Setúbal, e educado na universidade de Paris, regressava a Lisboa, onde ia queixar-se do governador da Bahia. Mostra-se ainda hoje a colina onde ele morreu, e não cresce aí planta alguma, segundo a crença do povo. (Vide Adolfo de Varnhagen – *História Geral do Brasil*.) O livro de Gabriel Soares contém tudo quanto se deseja a respeito dos caetés, índios considerados geralmente como invencíveis guerreiros, e que se gabavam de hábeis músicos. A exploração do Uarpi, de que aqui se trata, e empreendida pelo M. de Pesieux, é uma prova evidente do cuidado que havia de explorar-se esta região, percorrendo-a de N a S.

**66) Ouvi dizer que há em toda a terra grande número de minas de ouro,
misturado com cobre, de prata misturada com chumbo. Pág. 149**

Estas minas de ouro, que se esperava encontrar no Maranhão em 1613, existem hoje na serra de *Maracaçumé*. Encontra-se o metal precioso sobretudo em *Piranbas* (distrito de *Santa Helena*) nas cabeceiras dos rios Pindaré, Gurupi, Cabelo de Velha (*Cururupu*), Prata (*Santa Helena*), na Revirada, nas margens do Tomataí, etc., etc., porém em pequena porção. Existe cobre na Chapada, no lugar chamado *Fazendinha* e no Alto Pindaré. Ferro existe em mais lugares, nos montes de Tirocambo e em Pastos Bons. Supõe-se haver minas de estanho na província porém ainda não se sabe com certeza. Encontra-se também carvão de pedra, precioso mineral no estado atual da indústria: depararam-se já com alguns indícios no canal do Arapapaí, e afirma-se haver uma mina na distância de meia légua da cidade de Codó, na fazenda de Santo Antônio, cujas amostras provam ser de superior qualidade. Dizem haver também em Vinhais. Em São José dos Matões encontram-se cristais de rocha e pedras semipreciosas, e safiras em São Bernardo do Parnaíba.

De passagem lembramos que as primeiras minas de ouro, ou, para melhor dizer, os primeiros veios de ouro, destinados a enriquecerem o Brasil, somente foram descobertos em Minas Gerais, no ano de 1595. Pelas províncias do Norte não conheceu a Metrópole as riquezas metálicas deste vasto território, onde desembocam o *rio Doce* e o *Jequitinhonha*. Sabe-se que este último rio, que toma o nome de Belmonte na ocasião em que se lança no mar, pouco distante do primeiro, com o andar dos tempos deu à Coroa enorme quantidade de diamantes. Estas pedras, encontradas em 1729, principalmente no vale cercado de alcantiladas rochas, chamadas pelos índios – *Ivitur*, e pelos portugueses – *Serro do Frio*, não eram completamente desprezadas pelos índios, pois seus filhos as ajuntavam, e com elas brincavam. No Maranhão não há diamantes.

67) Das singularidades de algumas árvores do Maranhão. Pág. 165

O P. Yves mostra-se aqui bastante incompleto, mas não se deve esquecer que ele era naturalista assim como o era um teólogo de seu tempo. Foi ainda mais parco o seu predecessor. O que disse de algumas plantas do gênero *mimosa* indica a sua preocupação a respeito de certos fenômenos naturais. As qualidades malélicas, que reconhece no suco do caju, de que se fabrica uma espécie de cidra, são mui exageradas. Diremos, de passagem, que a palavra *caim* deriva-se do nome indígena desta árvore. *Cajuí*, licor de *Caju*.

68) Há espinhos que diríeis serem criados por Deus para representar o Mistério da Paixão de Cristo. Pág. 168

A flor-da-paixão (*Grenadilia coerulea*) na qual a imaginação prevenida encontra santos atributos, gozava então de prodigioso favor. Foi descrita em várias obras, e gravada exagerando-se os pontos de semelhança que podia ter com os instrumentos do suplício de Jesus Cristo. Yves d'Évreux encontrou nos campos do Brasil magníficas florestas destas, e mostrou-as aos amadores. Alguns anos depois ele se teria aproveitado da descrição poética que dela fez o poeta popular Santa Rita Durão no poema intitulado *Caramuru*. Lembramos aos amadores de flores fantásticas uma gravura do século XVII, mui curiosa, mostrando a planta com o seu tamanho natural na obra *Antonii Posevini Mantuani Socie-*

tatis Jesu cultura ingeniorum, examen ingeniorum Joannis Huartis. Expenditur Coloniae Agrippinae. 1610, em 12.

69) Notei uma espécie singular de aves aquáticas vermelhas. Pág. 170-171

O guará (*Ibis rubra*, ou *Tantalus ruber*) desapareceu em parte de várias localidades do litoral, onde costumava expandir sua brilhante plumagem, sujeita, conforme a idade, a diversas modificações. Na obra curiosa de Hans Staden, publicada na Alemanha em 1557, vê-se qual é o papel que a plumagem desse brilhante fenicóptero representa na indústria indígena. Formavam os tupinambás em tempo certo verdadeiras expedições para recolher as penas delas, sempre raras, a fim de servirem nas festas com que as tribos se obsequiavam reciprocamente. Em caso de necessidade eram substituídas por penas de galinhas, tintas com uma preparação vermelha de ibirapitanga ou pau-brasil. Atualmente o guará refugiou-se nas margens pouco freqüentadas do rio de São Francisco e principalmente nas desertas regiões do rio Negro. Ainda também encontram-se alguns na lagoa dos Patos, e em Guaratuba. (Vide *Le second voyage*, de Aug. St. Hilaire. T. 2º, pág. 222.)

70) Não sei se é verdade o que um fisiologista disse. Pág. 176

É impossível aos que não leram as obras da Idade Média interpretar bem o sentido desta frase. O livro conhecido sob o nome de *Physiologus* gozava ainda de certo crédito no tempo do P. Yves d'Évreux. Quem quiser informar-se disto minuciosamente leia o precioso resumo desta curiosa obra, publicada pelos R. P. Cahier e Martin, sob o título *Melanges d'archéologie, d'histoire et de littérature*. 4º vol., *in-fol.*

71) Caçam-nas também de outra maneira, e são as moças e as mulheres que, sentando-se à boca do formigueiro, convidam-nas a sair. Pág. 180

As mulheres tupinambás, que assim cantavam para atrair as formigas, e ativar a caça a elas, não o faziam somente para destruí-las, ou para resguardar suas plantações de milho de uma invasão invencível. As formigas grandes torradas eram consideradas como uma das guloseimas das mais delicadas, cuja receita foi por elas ensinada a alguns

colonos do Sul, e sem dúvida não será disputada pelos nossos modernos Brillat-Savarin. Assim como os árabes comem ainda hoje gafanhotos, conservados em sal ou pela dissecação, e os guaraons das margens do Orinoco apreciam muito as larvas da palmeira *murichi* (não falando de outra guloseima da terra do mesmo gênero), assim também os nossos selvagens guardam grandes provisões destes insetos para sua nutrição. Auguste de Saint-Hilaire, o mais veraz viajante que percorreu o Brasil, achou ainda em vigor o costume de se comer formigas assadas. Depois de ter afirmado ser muito apreciado esse manjar no Espírito Santo, pelo que os habitantes de Campos, sempre rivais dos da cidade de Vitória, os chamavam *tata tanajuras*, “comedores de formigas”, acrescentou: “eu mesmo comi um prato destes animais, preparado por uma mulher paulista, e não lhe achei mau gosto”. (Vide *Le second voyage au Brésil*. T. 2º, pág. 181).

Martim Soares de Sousa, com razão chamado o Grégoire de Tours dos brasileiros, é mais claro a respeito do proveito que os índios tiravam das formigas como alimento. Copiamos aqui o que ele tão curiosamente disse. Depois de haver falado da espécie grande, a que chamou Içás, escreveu – “E os índios comem estas formigas torradas sobre o fogo, e fazem-lhe muita festa; e alguns homens brancos andam entre eles, e os mestiços as têm por bom jantar, e o gabam de saboroso, dizendo que valem as passas de Alicante: e torradas são brancas dentro.”

72) As formigas do Maranhão, especialmente as aladas, têm dois inimigos mortais: um, certa espécie de cão selvagem. Pág. 180

O pretendido cão, de que aqui fala o nosso missionário, está muito longe da raça canina: é apenas o *papa-formigas*, chamado pelos indígenas *tamanduá*, e pela ciência *Myrmecophaga jubata*. O naturalista Watterton, que com tanta curiosidade estudou os quadrúpedes do Novo Mundo nos próprios lugares, onde com plena liberdade se entregam aos seus instintos, fez excelente descrição deste animal. Há no Brasil muitas espécies de papa-formigas, sendo raríssima a chamada pelos portugueses *tamanduá-cavalo*: parece ter sido este sobrenome a causadora de Claude d’Abbeville ter errado, quando disse ser o *papa-formiga* do tamanho de um cavalo. A palavra índia, que designa este curioso quadrú-

pede, é composta de duas palavras tupis: *taixi*, “formiga”, e *mondê* ou *mondá*, “tomar”.

73) A caça aos lagartos, chamados *taruire* pelos *tupinambás* (os grandes) e *toju* (os pequenos) é feita de outra maneira. Pág. 181

Deve escrever-se *taranira*, cujo nome pertence a um pequeno lagarto. Fala-se aqui do tiú (*Tupinambis monitor*). É excelente a carne deste réptil, e muito havia de concorrer para torná-la saborosa a preparação culinária tão gabada pelo P. Yves d'Évreux. A repugnância desse bom padre para tais comidas não é de forma alguma partilhada pelos descendentes dos europeus, acostumados às melhores mesas. A carne de tiú pela sua cor e macieza muito assemelha-se à da galinha mais preciosa, e por isso aparece nas melhores mesas do Brasil.

74) Vi aranhas do mar, muito parecidas com as da terra, porém maiores. Pág. 186

O nosso autor quer falar da *aranha caranguejeira* (*Aranea avicularia*), porém aqui enganou-se. Exagera muito as dimensões deste inseto, na verdade nojento, como se pode ver em todas as coleções de entomologia. Não é verdade dizer-se que não fabricam fios para suas teias: a sua picada não mata, porém envenena. Na língua tupi chama-se *nbandu-guaçu* ou *jandu*.

75) No Maranhão abundam, em relação a outras terras do mundo, as cigarras. Pág. 186

O que nos diz o bom religioso do barulho da cigarra denota gosto de observação da história natural, muito raro naquela época, mas convém não confundir a *cigarra* brasileira com o inseto assim chamado na Europa.

76) O grilo, chamado pelas selvagens *cuju*. Pág. 189

Na língua tupi escreve-se *okiju*. (Vide Martius, *Glossaria ling. bras.*, pág. 465.)

**77) Como têm de alimentar-se nas trevas, deu-lhes
a Providência divina uma luz. Pág. 192**

Yves d'Évreux, confesse-se, está aqui muito inferior a seu contemporâneo o P. du Tertre. É verdade porém tudo quanto ele diz da luz dos *pirilampos*. A entomologia estava então muito pouco adiantada para que houvesse uma classificação entre os insetos, e não temos habilitações para preencher esta falta. Atualmente conhecem-se no Brasil oito espécies de pirilampos, a saber: *Lampyris crassicornis*, *Lampyris signatocollis*, *Lampyris concoloripennis*, *Lampyris fulvipes*, *Lampyris diaphana*, *Lampyris hespera*, *Lampyris nigra*, *Lampyris maculata*.

Pode também juntar-se a estes lindos insetos a *Lucidota thoraxica*.

78) O que me foi ainda mais fácil, pois estas abelhas não dão ferroadas. Pág. 192

É muito exato, e as abelhas do Brasil não têm agulhão, eis o que diz um observador sábio e verídico. Depois de haver afirmado, como o P. Yves, que as abelhas não picavam, disse Auguste de Saint-Hilaire: “uma espécie chamada *tataíra* deixa, segundo dizem, escapar pelo ânus um líquido ardente; e por isso é só à noite que se colhe o seu mel”. “As espécies chamadas *uruçu-boi*, *sanharó*, *burá*, *bravo*, *chupé*, *arapuá* e *tubi* se defendem quando são atacadas, mas parece não terem agulhão, limitando-se a morderem como fazem as outras.” É muito líquido o mel das diversas espécies, e a cera tem a cor parda muito carregada, não se podendo até hoje conseguir torná-la branca, como a da Europa. Spix e Martius dão curiosas informações a respeito destes úteis insetos, que completam as do nosso grande botânico. (Vide *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*. T. 2º, pág. 371 e seguintes.)

**79) No Maranhão e suas vizinhanças há
diversas espécies de macacos. Pág. 198**

Não há talvez no mundo região alguma que tenha maior variedade de macacos do que o Brasil. Creio que aqui se trata primeiro da *guariaba*, ou *mycetes ursinus*, e depois do macaquinho *stentor*, que o nosso bom mis-

sionário intentou descrever. É provavelmente desta espécie a descrição tão agradável e tão animada feita pelo nosso velho escritor. Convém observar porém que o P. Yves fez-se eco de uma crença popular muito popular no século XVI. Esta espécie de lenda das florestas, muito mais aplicável aos macacos da África e da Ásia do que aos do Novo Mundo, não se extinguiu ainda de todo nos campos da América Meridional, e mostraram a M. Castelnau uma índia que julgava ter escolhido seu marido entre os macacos das florestas. (Vide *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima et de Lima au Pará, exécutée par ordre du gouvernement français*. Paris, 1851, partie historique. 5 vols., in 8^o.)

80) Em hora precisa. Pág. 199

Basta ter-se vivido nas florestas habitadas por macacos para conhecer-se a exatidão do que escreveu o P. Yves d'Évreux.

81) Além destas águias há pássaros grandes chamados *uiranaçu*, quase do tamanho dos avestruzes da África. Pág. 203

Há aqui, com certeza, erro, ou então exageração. O P. Claude d'Abbeville, que descreve a mesma ave de rapina (pág. 232) julga ser ela “duas vezes mais corpulenta do que a águia, ter a perna da grossura de um braço e a pata em forma de unhada”. Poderia ser esta descrição do condor, porém não existe esta ave “nesta parte da América do Sul”. Diz o Coronel Acióli ter o gavião-real tanta força a ponto de fazer parar em sua carreira um veado, por mais forte que seja. É tão fantástica a descrição do P. Yves, que à primeira vista se pode aplicá-la ao avestruz americano, o nandu, que se encontra somente nas colinas do Ceará e do Piauí. Um escritor contemporâneo, Gabriel Soares, tantas vezes citado, restabelece a verdade; falando do *urá-açu* disse: “são pássaros, como os milhafres de Portugal, sem diferença alguma, negros e de asas grandes, de cujas penas utilizam-se os índios para emplumarem suas flechas, e vivem de rapina”. (Vide *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Rio de Janeiro, 1851, 1^o vol., in 8^o, pág. 232.)

Lembramos de passagem que do ponto de vista científico a parte ornitológica é muito imperfeita, embora a beleza do estilo do nosso velho viajante. O que diz, por exemplo, o P. Yves do pássa-

ro-mosca, ou do colibri, é inteiramente inexato, pois ele não tem o tal canto agudo, que faz lembrar o grito da cotovia. Confundiram-se as recordações com a distância.

82) Oferecem as penas desses pássaros [os papagaios] a seus hóspedes para com elas se adornarem e enfeitarem. Pág. 203

Yves d'Évreux quer dizer que os índios *se fazem bravos*, preparando-se com penas de papagaios. Faziam os tupinambás com estas penas não só mantos, diademas e perneiras, mas também cortavam bem miudinhas as penas pequenas e coloridas destes pássaros, e cobriam com esta penugem o corpo, e nele grudavam-na com certa goma. Este enfeite selvagem e singularmente original ainda é muito usado e apreciado em certas tribos. Segundo conta Jean de Lery, durou mais de três séculos. A *Viagem pitoresca* de Debret apresenta uma amostra.

83) Eis o que disse e basta. Pág. 207

Basta, é bastante. Os espanhóis e os portugueses conservaram a palavra *bastar*.

84) Houve apenas uma morte – a do R. P. Ambroise. Pág. 207

Já pagamos justo tributo de saudade a este religioso, tão cheio de bondade como de zelo, cuja sepultura no antigo cemitério do pequeno convento não é sabida no Maranhão. Como indica o seu sobrenome de religião, nasceu o P. Ambroise na capital da Picardia, “de pais abastados”, diz o manuscrito dos elogios, “e que lhe deram educação conforme permitiam seus negócios”. Depois de haver estudado na Sorbonne, quando estava prestes a receber seu diploma de licenciado, foi envolvido pelas prédicas do P. Pacifique de St. Gervais, e entrou no convento em 1575, quase no tempo da fundação do mosteiro de St. Honoré. Em 1599 acabou seu noviciado, e com satisfação começou a preencher as obrigações de irmão leigo. Cedo passou a pregador, e então adquiriu essa fama de caridoso, que o fez tão popular. Aspirava a mais do que isto, “porque queria converter todos os índios”, diz a notícia a ele dedicada. O P. Yves d'Évreux cercava de todos os cuidados os seus confrades quando em-

preendiam viagens tão incômodas, principalmente naquele tempo. Estava já muito enfraquecido, e sem forças, quando em 26 de setembro de 1612 caiu doente, em sua pobre cabana de pindoba. Febre ardente o devorava, e contudo, ainda depois de receber a extrema-unção, conservou em bom estado e sempre firme o uso da razão. Transcrevemos aqui algumas palavras, que mostram qual foi o fim de tão bom velho. Claude d'Abbeville assim conta: "Caindo sobre ele um pequeno painel da imagem de S. Pedro, pendurado por cima de sua cama, e a que dedicava profunda devoção, ele disse – 'Vamos, grande Santo, partamos, já que vieste buscar-me.' Dizendo isto olhou para o Crucifixo e após curta agonia restituiu ao Criador sua alma tão boa em 9 de outubro de 1612, dia da festividade do Glorioso Apóstolo de França, St. Denis, bispo de Paris: "Foi sepultado no lugar chamado São Francisco, consagrado ao nosso patriarca, como primícias dos capuchinhos franceses." (Vide também *Éloges historiques de tous les illustres religieux capucins de la ville de Paris, les uns par la prédication, les autres par les vertus et sainteté de leurs oeuvres, les autres par les missions parmi les infidèles*, etc., etc. sob número Capucin St. Honoré 4 (ter)). É para sentir-se, e muito, que se tenha perdido há alguns anos o 1^o vol. desta importante coleção, contendo os anais da província.

85) Este pão de *milho* serve de alimento em muitas terras do Velho Mundo. Pág. 208

Prova esta frase tão rigorosa do velho missionário a rapidez com que se espalhou na Europa o *avati*, dos brasileiros, o *milho*, dos ilhéus, visto, bem como o tabaco, por Cristóvão Colombo na primeira viagem em 1493. Levantaram os botânicos grande questão, ainda não resolvida, sobre a origem primeva do milho. Pelo que diz respeito ao Brasil citamos a opinião dum viajante, que por seu saber pode passar por autoridade. Auguste de St. Hilaire pensa ter nascido no Paraguai, onde o viu em estado inculto. A cultura do milho é ao sul da América a planta nutritiva por excelência, e prepara-se sua farinha por processos simples, e que dá ótimo gosto. Enviamos nossos leitores, que desejam instruir-se de tudo quanto se refere a esta gramínea, para o precioso livro do Dr. Duchesne – *Traité complet du maïs ou blé de Turquie*. Paris, Renouard, 1833, in-8^o e à grande obra de M. Bonafous.

86) Embora [as vinhas] lá [no Maranhão] possam crescer. Pág. 208

Fala aqui verdade o P. Yves, porém não se segue que no norte do Brasil se possa fazer vinho. O maior obstáculo, que encontra este fabrico, está no amadurecimento do fruto sob os trópicos. No mesmo cacho, ao lado de muitas uvas maduras, encontra-se grande número de verdes. É voz corrente ter-se feito algum vinho na vizinhança da Bahia. Caminhando-se para o sul, na região temperada de Mendoza, a uva amadurece perfeitamente, e dá vinho precioso. (Vide, entre outras viagens a respeito deste ponto curioso de agricultura americana – Salusti, *Storia delle missioni del Chile*. 4. vols., em 8º, pois disse sobre isso padre Barrère, *Nouvelle Relation de la France équinoxiale*. Paris, 1743, 1 vol., em 12, págs. 53 e 54.)

87) Pita. Pág. 209

Trata-se aqui do fio que se extrai com abundância de uma espécie de ananás. (*Ananas non aculeatus, Pitta dictus plum.*) Com ele os portugueses faziam meias, quase tão procuradas como as de seda.

**88) Passareis assim o vosso tempo, enquanto se aplaca
o vosso coração. Pág. 210**

Accoiser é uma palavra desusada, que quer dizer “tornar calmo”, “apaziguar”.

89) Sachos, foices. Pág. 212

Não se encontra esta palavra no dicionário de Nicot, senhor de Villemain. Podemos afirmar que se deve escrever *hansares* – foice de grande tamanho. (Ver página 226).

90) Praguejando e bufando. Pág. 213

Fazer certo sussurro expelindo com força o ar pelo nariz. É expressão do povo, confundida no Dicionário da Academia com a palavra *renácler* [“roncar”], usada comumente no estilo familiar.

91) Escolhendo o francês um compadre; segue-o e vai para a aldeia. Pág. 216

Cardim pintou muito bem essas recepções dos índios. Os brasileiros não podem preferir, na beleza da narração e no encanto das peculiaridades, senão um só viajante português a Yves d'Évreux e a Claude d'Abbeville, e é aquele cujo nome acabamos de proferir. Este escritor, agradável porém muito conciso, pertence à ordem dos jesuítas. Foi para o Brasil em 1583, e aí ficou revestido de todas as dignidades até o fim de 1618: soube portanto do estabelecimento dos franceses ao Norte do Brasil, e certamente na Bahia soube da expulsão deles, e sobre isto infelizmente nada disse. Fernão Cardim estava em posição bem diversa da do P. Yves d'Évreux. Pelas costas do Brasil, onde ele se apresentava, submetiam-se os índios ao cristianismo, perdendo sua grandeza primitiva e conservando a maior parte dos seus usos. O missionário francês ao contrário catequiza os indígenas, que combatem pela sua independência contra seus conquistadores. Os dois bons missionários tiveram ambos a mesma sincera indulgência e admiração para com os povos ainda na infância, aos quais pregaram, e cuja imprevidência é o seu maior e mais terrível defeito.

As cartas de Cardim foram felizmente descobertas pelo incansável autor da *História Geral do Brasil*. O Sr. Adolfo de Varnhagen não pôs seu nome nesta preciosa publicação, honra que aqui lhe restituímos e a que tem direito como homem de saber e gosto. O opúsculo de Fernão Cardim tem o título de *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéus, etc., etc.* – Lisboa, 1847, in-18, de 123 páginas. Parece-me que o sábio editor não se lembrou de haver preciosas informações a respeito de Cardim e dos missionários contemporâneos do Brasil num escritor de Toulouse por nome Jarric. (Vide *La 2ème partie des choses plus memorables advenues tant aux Indes orientales que autres pays de la découverte des Portugais en l'establissement de la foi chrestienne et catholique*, etc. Bordeaux, 1610, em 4º. É dedicado a Luís XIII. O que neste livro se refere ao Brasil, e particularmente às regiões vizinhas do Maranhão, acha-se na pág. 248 até 359). Pierre du Jarric morreu em 1609. Sua obra foi traduzida em latim, e impressa em Colônia em 1615. Esta tradução, aumentada em alguns lugares, foi publicada em 4 vols., em 8º.

92) Lhe estende a mão e diz *Ereïup Chetnassap*.
“Chegaste, meu compadre?” Pág. 216

É quase certo não ter lido o nosso bom missionário a narração de André Thevet, publicada em 1558, e nem a viagem mais recente de Jean de Lery, cujas opiniões religiosas deviam afastá-lo dessas obras. Comparando-se estes velhos viajantes entre si, facilmente nota-se a semelhança das narrativas. Eis o que disse Jean de Lery a respeito da recepção que lhe fizeram os tupinambás.

“Descrevendo as cerimônias, que fazem os *Toupinambaults* para receberem seus amigos, que os vêm visitar, merece dizer-se em primeiro lugar, que apenas chega o viajante à casa do *mussacat*, isto é, do bom pai de família, dá de comer aos que por aí passam, e que ele teria escolhido para hóspede seu, fato que se há de praticar em toda e qualquer aldeia por onde se transitar, sob pena de causar aborrecimento se não é procurado imediatamente. Assenta-se depois numa rede onde fica por algum tempo em silêncio. Vêm depois as mulheres, sentam-se no chão, tapam os olhos com as mãos chorando a boa-vinda daquele cujos louvores farão em ocasião apropriada.

“Por exemplo: – ‘tiveste tanto trabalho para nos ver; tu és bom e valente’; se é um francês, ou outro qualquer estrangeiro, acrescentam – ‘trouxeste para nós tão belas obras, como aqui não temos’, e imediatamente derramam muitas lágrimas, e assim aplaudem e lisonjeiam. Se o recém-chegado, assentado em seu leito, quer pagar-lhes as finezas, dizendo de sua parte coisas agradáveis, não querendo porém chorar (como eu sei de alguns dos nossos, que vendo as maneiras dessas mulheres perante eles, foram tão néscios, que as imitaram), devem ao menos por fingimento exalar alguns suspiros. Feitos assim estes primeiros cumprimentos pelas mulheres, entra depois o *mussacat*, isto é, o velho dono da casa, que fingirá durante um quarto de hora não vos ver (carícia mui oposta às nossas embaixadas, cumprimentos e apertos de mão à chegada dos nossos amigos). Chega-se depois onde estais, e diz *ereïubé*, isto é, chegaste?’ etc., etc.” (Vide Jean de Lery, *Histoire d’un voyage en la terre du Brésil*. Rouen, 1578, em 8^o, 1^a edição.)

93) Um outro foi chamado *Garganta Grande* porque nada o saciarva; um outro, de *sapo-boi*. Pág. 217

Há no Brasil um sapo de grande tamanho, a que se deu o nome de *sapo-boi*. Claude d'Abbeville diz – “naquela terra encontram-se uns sapos muito grandes a que chamam *cururu*. Alguns há que têm mais de um pé ou pé e meio de diâmetro; quando são esfolados, é impossível dizer-se quão branca é a sua carne, e como são bons para comer-se. Vi alguns fidalgos franceses comê-la com apetite.”

94) Nossos pais, já por tradição, nos contaram que outrora veio aqui um grande *Maratá* do *Tupã*. Págs. 225

Evidentemente, fala-se aqui da lenda brasileira relativa a *Sumé*, o legislador dos tupis. No curioso opúsculo, que a respeito deste personagem publicou o Sr. Adolfo de Varnhagen, conta a sua chegada à Ilha do Maranhão, e como desapareceu na ocasião em que se preparavam todos para sacrificá-lo. A palavra – *maratá* – nos põe em embaraços, pois de balde a procuramos em Roiz de Montoya: é alteração da palavra *Mair* ou *Mair*, tantas vezes empregada por Lery e Thevet, para mostrar ou indicar um estrangeiro, ou uma pessoa extraordinária. Não podemos dar uma resposta satisfatória. O *Sumé*, que propaga a cultura da mandioca entre os selvagens, é barbado. Diz-se com razão ser personagem análoga a Manco Capac dos peruanos, e ao Quetzalcoatl dos astecas, e ao Zama da América Central. (Vide Adolfo de Varnhagen, *História Geral do Brasil*. T. 1^o, pág. 136, e *Sumé – Lenda mito-religiosa americana*, etc., agora traduzida por um paulista de Sorocaba. Madri, 1855, broch., in-18, de 39 págs.

95) Mandarão buscar *Miengarres*, isto é, músicos cantores. Pág. 226

O verbo *cantar* na linguagem tupi é *nbeengar*. Um *nbeengaçara* é um cantor propriamente dito.

96) E lhe foi dito naquela visão que as pessoas vestidas de branco eram *caraibas*, isto é, franceses ou cristãos. Pág. 240

Parecerá estranho ao leitor serem os franceses comparados neste lugar aos *caraibas*. Aqueles que lerem com atenção as obras de Humboldt acharão a chave deste enigma. Os *caraibas* do continente americano, nação imensa, eram notáveis em toda a América pelo seu valor e perspicácia. Seus piagas, ou antes seus feiticeiros, os elevavam acima de todas as outras nações: eram no Novo Mundo o mesmo que os caldeus no Velho. Simão de Vasconcelos nos dá a prova desta supremacia intelectual: no sul do Brasil os *caraiibe-bébé* eram feiticeiros ou adivinhadores notáveis, assim se chamavam os homens inteligentes, os espíritos, e os anjos, e depois também os estrangeiros. O Sr. Adolfo de Varnhagen fez notar que o nome de *caraiiba* foi em seu princípio aplicado aos europeus, sendo todos os cristãos assim chamados. (*História Geral*, pág. 312.)

97) Pedir-nos por intermédio dos chefes dos franceses, cuja intervenção invocou, um pouco da água de *Tupã*, numa porção de algodão, guardada num *Caramemo*. Pág. 240

Um *Caramemo* é que se chama em Guiana um *Pagará*, isto é, um paneiro leve, feito com folhas de certa palmeira e às vezes com bonita forma. Claude d'Abbeville assim também o chama, quando descreveu os utensílios de uma casa indígena. Barrère fez desenhar este lindo *espécime*.

98) Suavidade do canto de uma jovem donzela. Pág. 246

Deve-se ler donzela. Yves d'Évreux, familiarizado com todos os símbolos em voga no seu tempo, não esqueceu de uma graciosa alegoria na qual figura o unicórnio. Vide *Le Monde enchantée*, e especialmente a dissertação intitulada *Revue de l'histoire de la Licorne par un naturaliste de Montpellier*. (P. J. Amoreu. Montpellier, Durville, 1818, em 8º, 47 págs.)

99) Nós o que temos feito é correr e andar errantes
pelos bosques adiante dos *Peros*. Pág. 258

É sabido ser esse o nome que aos portugueses davam os tupinambás. *Pero* quer dizer *cão* na língua de Camões, mas supõe-se que o nome – *Pedro* – muito usado no Brasil, provinha de tão estranha designação. Aires de Casal conta até a este respeito uma historiazinha, recorrendo à tradição, de como um serralheiro, chamado Pedro, fora arremessado pelas ondas, após um naufrágio, às praias do Maranhão. Graças a sua habilidade no trabalho do ferro fez-se este homem agradável aos índios, e seu nome com pequena modificação serviu daí em diante para fazer conhecidos os estrangeiros que se julgavam ser da sua raça. Em sua *Corografia* o Dr. Melo Moraes escreveu esta lenda muito mais completa.

100) Doutrina cristã na língua dos tupinambás. Pág. 261

Não se tem procurado esclarecer, por meio de uma discussão gramatical, esta parte do livro. Diferenças mui sensíveis, produzidas pelo tempo e sobretudo pela pronúncia, fizeram este lugar para assim dizer indecifrável. Nada é mais difícil do que traduzir pelos caracteres da nossa escrita os sons das línguas indígenas. Essas inflexões tão delicadas, e às vezes tão fugitivas, em sua aparente rudeza são dificultosamente fixadas no papel. Notou Humboldt pertencerem elas algumas vezes a certos caracteres físicos das raças. As nações européias, as mais habituadas a estes estudos, não percebiam da mesma forma os sons, e nem os escreviam da mesma maneira: quando os portugueses ouvem *oca*, por exemplo, ou então, *toba*, o francês percebe *oc* e *tob*, e quando aquele ouve *morubixaba* este percebe *muruvichave*. Deixa a diferença de ser grande quando são as palavras pronunciadas conforme o gênio de cada língua. A palavra *tupinambá*, como se acha escrita no princípio desta nota, equivale absolutamente pelo som na língua portuguesa à palavra *tupinambu*, como a pronunciavam os contemporâneos de Malherbe. Para a história da lingüística não é sem interesse esta curta doutrina cristã, podendo ser comparada com certas obras do mesmo gênero, escritas por pena portuguesa, estando neste caso, entre outras, os cânticos religiosos em língua tupi por Cristóvão Valente, os quais inclui no opúsculo – *Une fête brésilienne*. Paris. Techener,

1850. Não se pode achar o livro que os contém, e talvez só exista na Biblioteca Imperial. Reproduzimos aqui seu nome – *Catecismo brasílico da doutrina cristã, com o cerimonial dos sacramentos e mais atos paroquiais. Composto por padres doutos da Companhia de Jesus, aperfeiçoado e dado à luz pelo padre Antônio de Araújo, da mesma Companhia, emendado nesta segunda impressão pelo padre Bertolameu de Lean, da mesma Companhia, Lisboa, na oficina de Miguel Deslandes, 1681, em 8º pequeno. A primeira edição foi em 1618.*

Se se quisesse, poder-se-ia completar este estudo comparativo procurando os seguintes manuscritos, citados por Barbosa Machado, e que seria curioso se fossem publicados. Ludewig os omitiu em seu importante trabalho, completado por Mr. Trubener. O P. João de Jesus, *Explicação dos mistérios da fé*. O P. Manuel da Veiga, *Catecismo*. F. Pedro de Santa Rosa, *Confessionário*. André Thevet nos seus manuscritos conservados na Biblioteca Imperial de Paris, dá o *Pater* e o *Credo* em língua tupi, depois reproduzidos em sua grande cosmografia. São preciosos estes dois documentos especialmente por sua antiguidade, pois datam de 1556. Entre os livros deste gênero um dos mais modernos e dos mais curiosos é o do P. Marcos Antônio, intitulado: *Doutrina e perguntas dos mistérios principais de nossa santa fé na língua brasílica*. Foi composto em 1750 e Ludewig menciona-o como fazendo parte das coleções do British Museum.

101) Há também certos pássaros noturnos, que não cantam, mas que têm um pido queixoso, enfadonho e triste, que vivem sempre escondidos, sem saírem dos bosques, chamados pelos índios *Uirá Jeropari*, “pássaros do Diabo”. Pág. 269

Lery já havia asseverado o efeito que faz nos índios o canto melancólico do macauã. A crença nos mensageiros das almas, nos pássaros proféticos ainda não se extinguiu de todo, pois ainda existe na poderosa nação dos guaicurus, depois de haver exercido antigamente sua poderosa influência em todas as tribos dos tupis, porém o P. Yves deu-lhe extensão que nunca teve, visível alteração nas antigas idéias mitológicas. O nome deste pássaro respeitado é escrito em português *acauã*, e também *macauã*: nutre-se de reptis, e não tem esse aspecto sinistro que lhe dá o nosso bom missionário. Tem a cabeça muito grande em relação ao corpo, é cor de cinza, o peito e o ventre vermelhos, asas e cauda negras com pintas brancas. Pensa hoje em dia a maior parte dos índios que a missão deste pássaro é anunciar-lhe a chegada de algum hóspede.

Consulte-se sobre o acauã, Acióli, *Corografia paraense*, e Gonçalves Dias, *Dicionário da língua tupi*. Martius, na palavra *oacaoam*, diz ser o *macagua* de Felix de Azara, *Falco (herpethocheres)*.

102) O grande *Thion* caiu doente. Pág. 283

A palavra *Téon* significa morte em tupi.

103) Se estes pequenos e mediócrez feiticeiros gozam de autoridade entre os seus, gozarão muito mais aqueles que se chamam propriamente *Pagy-uacu*, “grandes feiticeiros”. Pág. 284

No tempo de Yves d'Évreux, eram chamados *barbeiros* os cirurgiões mais hábeis, e alguns anos antes até o ilustre Ambroise Paré era assim conhecido. Como os *piães*, *pajé*, *paji*, *boiés ia piches* (por todos estes nomes são conhecidos) cuidam de curar feridas e moléstias. O P. Yves, como se verá adiante, compara-os por desprezo aos barbeiros, mas entende-se, aos barbeiros das aldeias. Este capítulo é por certo um dos mais curiosos do livro, e deve ser com todo o cuidado comparado com o que escreveu Simão de Vasconcelos (*Crônica da Companhia de Jesus*, in-fól.), e com todas as *Memórias* publicadas pelo Instituto Histórico do Rio de Janeiro sobre a religião primitiva dos indígenas, achando-se aí bem claramente definidos os atributos de Jeropari. É na verdade para sentir-se a falta de uma folha, porque nos trouxe a perda de preciosos documentos de homens expertos e hábeis, que entre si conservavam as tradições.

104) Estes maus pássaros noturnos, muito mais horríveis e maiores do que os da França, procuram as pessoas que estão deitadas e dormindo em suas camas. Pág. 290

No tempo desta narração eram ainda os morcegos classificados como pássaros. O que aqui diz o nosso viajante sobre os vampiros não é exageração. Consulte-se a este respeito Ch. Watterton (*Excursions dans l'Amérique meridionale*, págs. 15 e 389.) Este sábio naturalista descreveu com minucioso cuidado o gênero da ferida que o morcego americano produz nas pessoas, quando elas dormem. Matou um vampiro que tinha 32 polegadas de envergadura de asas abertas. Em geral são muito menores.

105) Aí colocam pequenos ídolos de cera ou de madeira em forma humana. Pág. 294

Entre os antigos viajantes do século XVII é Yves d'Évreux o único, como notamos, que menciona entre os tupinambás os rudimentos de estatuária (imperfeita sem dúvida) com aplicação à mitologia destes povos. Destas coisas nada escreveram Thevet, Hans Staden e Lery, Vasconcelos, Cardim, Soares ou Jaboatão. Eram os tupis unicamente caçadores, e só *per accidens* se entregavam à vida agrícola. Os únicos vestígios de escultura que deles conhecemos referem-se aos seus *Macanas*, ou a sua *Lyvera-péme*, espécie de armas pesadas, que eles enfeitavam a capricho. Tinham por costume pôr um maracá, enfeitado de bonitas penas na proa de suas canoas de guerra, tão esguias como elegantes, e será bem possível que a base desse instrumento fosse ornada de esculturas semelhantes às que se observam entre os insulares da Polinésia. É provável que, multiplicando-se suas relações com os europeus, tenham os tupinambás bebido entre eles idéias de escultura rudimentar que aplicam às suas divindades grosseiras. O verídico Barrère, que escreveu mais de um século depois de Yves d'Évreux, fala de um *piaia* fazendo uma estatueta de *Anaanb*, gênio do mal, que não é senão o *Anhangá* do padre Nóbrega e de Anchieta, cuja terrível missão sobre a Terra foi tão bem definida por Jean de Lery, que sempre o chamou *Aignan*. Dêem-lhe nas ilhas ou nos continentes os nomes de *Uracã*, de *Hiporocã*, de *Jeropari*, de *Maboia*, de *Amignau*, reconheçam-se os gênios secundários, como seus mensageiros (apenas citarei um, o malicioso *Chinay*, que faz emagrecer os pobres índios sugando-lhes o sangue). Anhangá teve sempre fama terrível nos séculos XVII e XVIII. Este tipo primitivo da escultura religiosa dos tupis foi infelizmente aberto em madeira muito mole, e por isso não pôde resistir à ação do tempo, ou à invasão dos cupins: duvidamos que se encontre um só *espécime* de dois séculos atrás. Eis finalmente a passagem tão curiosa de Barrère que confirma as palavras do P. Yves. “Têm os índios outro tipo de feitiçaria, que os singulariza. Fazem uma figura do Diabo num pedaço de madeira mole e sonora: esta estátua do tamanho de três a quatro pés é muito feia pela sua imensa cauda, e grandes lanhos. Chamam-na *Anaantanha* que parece dizer – *imagem do Diabo*, porque *Tanha* significa figura, e *Anaan*, Diabo. Depois de haverem soprado sobre os enfermos, trazem os piaias esta figura para fora da *casa grande*. Aí eles a interrogam, esbordoam-na a cacete, como para obrigar o *Diabo*, bem a seu pesar, a deixar o enfermo.” (Vide

Nouvelle Relation de la France équinoxiale, contenant la description des côtes de la Guiane, de l'isle de Cayenne, le commerce de cette colonie, les divers changements arrivés dans ce pays, etc., etc. Paris, 1743, em 12.)

Num capítulo precedente Yves d'Évreux já falou de uma marionete que tinha uma espécie de mecanismo, que servia para as nigromancias do piaia. É para lamentar que não se encontrasse um só destes ídolos nas coleções etnográficas, que então começou-se a fazer. Poucos anos antes de haver la Ravardière explorado o rio do Amazonas, Jean Mocquet, o guarda das Curiosidades do Rei, percorreu essas praias, e seria de rara felicidade para a arqueologia americana se ele tivesse encontrado alguns dos ídolos de que fala o P. Yves.

106) É costume dos *Pagis-uçus* celebrarem em certa época do ano lustrações públicas. Pág. 297

É mui provável que estas lustrações reproduzem cerimônias, dos cristãos vistas pelos *tupinambás*. Pode bem ser que o mesmo aconteça a respeito da pretendida confissão auricular de que fala o autor um pouco mais adiante. Os antigos viajantes, Hans Staden, Lery e Thevet, nada dizem que tenha relação com tal costume.

107) Pacamão, grande feiticeiro de Cumã. Pág. 299

Parece à primeira vista ter recebido este *piaye* tão influente um nome francês: assim porém não aconteceu. Havia nesse tempo um poderoso Chefe, chamado *Pacquarabebu* “barriga cheia d'água duma paca”. *Pacamont* pode significar a “paca agarrada na armadilha” (*Pacamondé*). O nome da terra, onde tinha influência, significa a “região das plantas leitosas”, e escreve-se *Cumá*.

108) É como Vatable interpreta. Pág. 304

Vatable ou Vateblé era um célebre sábio na língua hebraica, no século XVI, restaurador na França dos estudos orientais. Morreu em 1547. Suas notas sobre o Antigo Testamento acham-se na Bíblia de Robert Etienne.

109) Nesta época em que estou escrevendo, espero que os padres que por lá andam lhe dêem [ao Diabo] terríveis combates, e que seu reinado vá de decadência em decadência, até sua total ruína; porque antes de eu deixar a Ilha, via e experimentava a disposição geral e universal da conversão daqueles povos. Pág. 306

Prova-nos esta frase ter o P. Yves escrito sua obra na Europa, e saber da missão dirigida pelo padre Archange. Afirma Marcelino de Pisa terem 565 índios recebido o batismo nesta segunda expedição religiosa. (Vide *Anales historiarum ordinis minorum*. Lugd. 1676 in-fól.) O padre Archange, acompanhado por 12 confrades, portador de magníficos ornamentos bordados pela Duquesa de Guise, devia por certo cercar-se de outra pompa, que não tiveram os quatro generosos capuchinhos que deram princípio à missão. Graças aos documentos, que nos são proporcionados pela marinha, e que devemos ao obséquio do Senhor P. Margry, soubemos por uma carta inédita do senhor. Beaulieu a Mr. de Razilly, que o P. Archange, muito conhecedor do valor do dinheiro, abstraindo o seu voto de pobreza, não quis embarcar antes de lhe haverem dado a esperança de conseguir subsídios. Apesar dos recursos de que dispunha o seu chefe espiritual, ainda está por fazer a história desta segunda missão. Não deixou nem vestígios e ficará para sempre ignorada enquanto não descobrirmos o livro de François de Bourdemare. Sabemos apenas que muito mais favorecido que Yves d'Évreux, por seus superiores, recebeu, graças às suas cartas de obediência, o direito de admitir noviços em seu convento. Não teve tempo de utilizar-se de tal privilégio, mas quando regressou à Europa, em recompensa do seu zelo foi em 1615 nomeado guardião do grande convento da Rua St. Honoré.

Todos estes fatos, omitidos naturalmente pelos historiadores sobre o Maranhão, acham-se referidos nos *Éloges historiques*, manuscrito da Biblioteca Imperial, e seria injustiça esquecer serem eles também narrados pelo P. Marcelino de Pisa. Depois de haver contado, como o geral dos capuchinhos, Paulo de Caesena deu licença a Honoré de Paris, então Provincial, para mandar à América uma segunda missão, disse: — *“Ille nihil cunctatus, duodecim fratres ad hanc expeditionem, aptos elegit quorum animosa phalanx navem conscensa secedens in Indiam, a barbara illa natione jam capucinatorum placidis moribus assueta per humaniter fuit excepta.”* Com a chegada dos portugueses o P. Archange de Pembroke retirou-se com os capuchinhos fran-

ceses, ficando em lugar deles os franciscanos, que em número de vinte se recolheram ao mosteiro. Sob a direção de Frei Cristóvão Severino teve então o convento nova regra. Foram as bases lançadas em 1624, porém só foram cumpridas pontualmente em 4 de agosto do ano seguinte.

Abstemo-nos porém de oferecer às vistas do leitor as desgraçadas peripécias por que passou este mosteiro durante 225 anos; basta dizer que no fim de um século estava quase reduzido a ruínas. Em 1860 o atual guardião, que tinha sob seu governo somente dois franciscanos, mas que soube felizmente captar as simpatias dos habitantes de São Luís, recorreu à caridade pública a fim de consertar-se como merece este edifício, a que se ligam interessantes recordações do país. A Ordem é atualmente muito pobre, porém oferece grande contraste, segundo é voz geral, quando em seu zelo é comparada com outros conventos* opulentos da cidade, que estão se arruinando. Não foram em vão as súplicas de Fr. Vicente de Jesus, pois ele arrecadou grandes quantias, que chegaram para reparar os estragos do tempo. Conservando a humilde capela, onde orou o P. Yves d'Évreux, fizeram-se novas edificações que tornaram a igreja de Santo Antônio a mais linda de tão bela cidade.

110) Perguntou-me quem eram aqueles *caraibas*. Estes doze, respondi, são *maratás* do filho de *Tupã*. Pág. 330

É mui curioso ver aqui o P. Yves d'Évreux fazer uma espécie de alusão a antigas crenças desses povos, as quais Thevet ou talvez o Cavalheiro de Villegagnon tinha guardado desde 1555, e que parece ser ignorado pelos nossos viajantes do século XVI, pois não tratam delas em suas narrações. Uma nota, mesmo concisa, nos levaria muito longe, e ver-nos-íamos forçados a chamar a atenção do leitor para um opúsculo, no qual reunimos tudo o que pudemos encontrar a respeito das idéias mitológicas dos tamoios e dos tupinambás. (Vide sobre os *Mairata – Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550 suivie d'un fragment du XVIème siècle roulant sur la Théogonie des anciens peuples du Brèsil*, Paris, Techener, 1850, gr. in 8º)

* É injustiça confundir-se nesta censura o Convento do Carmo, graças ao zelo do seu benemérito provincial o Rev. Frei Caetano de Santa Rita Serejo. (Do tradutor César Augusto Marques.)

111) Peguei na imagem de S. Bartolomeu e lhe disse: Olhai, veio à vossa terra este grande *maratá*, e aqui obrou muitas maravilhas, como por tradição vos contaram vossos antepassados. Foi ele quem fez talhar a rocha, o altar, as imagens e as instruições, que ainda existem atualmente, como tendes visto. Pág. 331

A lenda brasileira de geração em geração transmitiu a narração das peregrinações de dois profetas, bem distintos, igualmente estimados por esses povos bárbaros, que os chamaram *Tamandaré* e *Sumé*. Como Buda, deixou o último impressas as suas pegadas sobre a rocha viva, quando deixou a Terra. O mito Tamandaré, que se lê na descrição do dilúvio americano, é contado extensamente por Vasconcelos nas suas *Notícias do Brasil*, págs. 47 e 48. Aí se lerá como o Noé americano, subindo ao cume de uma palmeira, que tocava com o cume o Céu, e guiando daí sua Família, pôde salvá-la, e com ela repovoou a Terra. Na frase aqui citada, Yves d'Évreux aludiu ao legislador mais moderno, Sumé, este Triptolêmio brasileiro, que ensinou a cultura da mandioca aos descendentes de Tamandaré. Simão de Vasconcelos diz mui positivamente que “havia entre eles tradição muito antiga, transmitida de pais a filhos, dizendo haverem aparecido, muitos séculos depois do Dilúvio, homens brancos nestas terras, que falavam aos povos de um só Deus e de outra vida. Um deles chamava-se *Sumé*, que parece quer dizer *Tomé*”. Preferindo a tradição, que dá a São Bartolomeu a honra de haver evangelizado os povos longínquos, provou com isto o P. Yves o seu conhecimento das origens. Com efeito, segundo diz Eusébio, chegou este Apóstolo viajante até a extremidade das Índias. São Pantene percorreu o interior da Ásia desde o III século, e aí já achou vestígios do cristianismo, que bem se podiam atribuir às prédicas de São Bartolomeu. Prevalceu contudo no Brasil a lenda em contrário, como a outra na Índia. (Vide *Jornada do Arcebispo de Goa dom Frei Aleixo de Meneses, quando foi às seras do Malauare, lugares em que moram os antigos cristãos de S. Tomé*. Coimbra, 1606, in-fól.) No tempo de Vasconcelos bem visíveis eram os sinais dos pés de S. Tomé, ao norte do porto de S. Vicente, perto da Vila. Estes sinais de dois pés nus por maravilha impressos na rocha (*tão vivos e expressos, como se em um mesmo tempo juntamente se fizeram*) por vezes desapareciam debaixo d'água. O religioso franciscano Jaboatão achou no Recife, em Pernambuco, pegadas santas. Nesta segunda versão da lenda, somente aparece um pé como o de um menino de 5 anos, que supõe ser o piedo-

so narrador o de um jovem companheiro do Apóstolo. (Vide *Novo Orbe Seráfico*, reimpresso ultimamente pelos esforços do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.)

Não se encontram esses afamados sinais somente em diversos pontos do litoral, e sim em outros lugares, o que seria enfadonho enumerar. Não contentes ainda com isto, fizeram com que o santo viajante se embrenhasse corajosamente pelo interior do Brasil, onde em caracteres gigantescos sobre pedras ou rochas escreveu a história da sua missão. Há em *Minas Gerais* uma aldeia a que se deu o nome chamando-a São Tomé das Letras. Um observador circunspecto, o General Cunha Matos, não viu tais inscrições, e combateu a tradição dizendo que esses traços fantásticos, que se observam num dos lados da *Serra das Letras* foram formados por acidentes de terreno, isto é, por dendrites, para servir-me de suas expressões. (Vide *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão*. Rio de Janeiro, 1836, 2 vols. em 8º T. 1º, pág. 63.) Dura até hoje esta opinião sobre a gigantesca inscrição da *Serra das Letras*, e acredita-se atualmente ser devida à infiltração de partículas ferruginosas obrando sobre o grês da montanha, e por estar simulando caracteres escritos.

No Brasil são muitos os hieróglifos grosseiramente gravados, e ninguém duvida serem devidos a origem indígena. Muitas obras nos mostram os seus fac-símiles. A grande viagem pitoresca de Mr. Debret tem dois, que não deixam de ter interesse. Falamos da inscrição do monte de *Anastábia* e das esculturas gravadas numa rocha, que se encontram perto das margens do rio Japurá, na província do Pará, e bem pode ser que as palavras do P. Yves se refiram a este monumento, grosseiramente trabalhado, e de que trata Mr. Debret na pág. 46 do seu T. 1º, porém em alguns não acha a mais prevenida imaginação bases para assentar uma opinião histórica ou religiosa.

Pelo que se refere às *rochas incisadas*, de que fala o nosso bom frade, é tradição geral em toda a América que estes acidentes, resultados de grandes comoções da natureza, são sempre explicados pela lenda indígena, que os atribui ao supremo poder de um semideus, que, à seu bel-prazer, quebra as montanhas mais resistentes ao trabalho do homem e, algumas vezes, até os mais gigantescos. Em Nova Granada, o salto de Tequendama não teve outra origem, pois foi feito, como se sabe, pelo grande Bochica; poderíamos também citar a abertura feita no *recife*, que margina o litoral de

Pernambuco, e que se atribui ao grande Sumé, ou ao seu representante cristão, o Apóstolo viajante. (Vide Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, *Novo Orbe Seráfico Brasílico*, ou *Crônica dos frades menores da província do Brasil*, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1858.) Jaboatão escreveu em 1761.

112) Entrevista com Jacupen. Pág. 339

Tinha este chefe indígena um nome bem conhecido na ornitologia do Brasil. O *Jacupema* é o *Penelopesuper ciliaris*, uma das melhores caças do Brasil.

113) O P. Martial. Pág. 357

Na família dos Foulon, de que gozava muita consideração em Abbeville, tinham muitos dos seus membros se dedicado à vida monástica. O padre Martial esteve em Paris com seu irmão o padre Claude; este último, cujo artigo está tão cheio de erros na biografia universal, era já guardião do convento na sua pátria desde 1608, mas, como o P. Yves, começou o seu noviciado em 9 de junho de 1595. A Biblioteca do Arsenal possui um opúsculo, hoje raro, do P. Claude, cujo título é – *L'arrivée des Pères Capucins et la conversion des sauvages a nostre sainte Foy déclarés par le R. P. Claude d'Abbeville, prédicateur capucin à Paris*, chez Jean Nigaut, Rue de St. Jean de Latran, em 1613. Pode comparar-se este escrito com o artigo intitulado – *Retour du sieur de Rasilly en France et des Toupinambous qu'il amèna à Paris. Mercure français*. T. 3, pág. 164, *L'histoire chronologique de la bienheureuse Colette, réformatrice des trois ordres du Seraphique Père St. François*. Paris. Nicolas Buon, 1628, em 12: não é do padre Claude, como supõe Eyriès. A dedicatória tem a assinatura de Fr. S. d'A., indigno capuchinho. Já tinha morrido Claude d'Abbeville quando apareceu esta obra. Depois de ter 23 anos de religião, faleceu em Rouen em 1616 e não em 1632.

114) Partimos de Plymouth, na Inglaterra. Pág. 358

Leia-se *Plymouth*. Claude d'Abbeville escreve *Plemüe*.

115) Do Bojador desviamo-nos da costa d'Africa até o rio chamado Lore, pelos espanhóis. Pág. 358

Trata-se aqui do *Rio do Ouro*.

116) Tendo passado a Linha, avistamos e arribamos a uma pequena ilha chamada Fernando de la Roque. Pág. 359

Difícilmente por este nome se sabe ser a *Ilha de Fernão de Noronha*, e não *Fernando de Noronha*, como escrevem alguns geógrafos. Está a 75° long. E. N. E. do Cabo de São Roque, e na lat. de 3° 48 a 52. Explica-se esta alteração de nome pela sua vizinhança do Cabo de São Roque. Alguns viajantes antigos escreveram *Fernando de la Rogne*, e nesse caso está também o P. Claude.

117) Depois de benzida esta ilha, até então chamada Ilhazinha, foi chamada ilha de Santana, pelos senhores de Rasily e de la Ravardière, não só por termos chegado nesse dia, como também porque se chamava Ana a Condessa de Soissons, parenta do Monsieur de Rasily. Pág. 360

Omitiu o padre Claude d'Abbeville esta última circunstância.

118) Chama-nos grandes profetas de Deus e de Tupã, e em sua linguagem da terra Carribain, Mataratá. Pág. 361

Leia-se *Tupã* em vez de *Iupan*. Quanto à palavra *Mataratá*, que aí se lê, não se pode entender pelo adjetivo *Mbaraeté*, que significa – *forte*. Parece estar sob esta significação no *Tesoro de la lengua Guarany*, do P. Ruiz de Montoya.

119) Monsieur de Manoir. Pág. 362

O capitão du Manoir estava havia muito tempo estabelecido na Ilha, onde tinha muitas relações. Foi ele quem hospedou os missionários e lhes ofereceu uma festa “tão magnífica como podia ser em França”, disse o P. Claude, à qual assistiram os Srs. de Rasily e Pezieux. Foi da sua habitação que partiram os nossos para tomar posse do lugar,

onde se edificou o Forte de São Luís. Regressou à França antes de ser o Maranhão tomado pelos portugueses.

Quando as nossas forças navais evacuaram o porto do Maranhão, muitos franceses não seguiram o exemplo de Manoir, e se estabeleceram na nova colônia, onde só foram permitidos artesãos. Erraria quem supusesse ter sido abandonada a missão fundada com tanto zelo pelos nossos religiosos. Sem a menor alteração foram incumbidos dela os franciscanos. A este respeito achou-se tudo quanto podia desejar-se no *Orbe Seráfico* do P. Jaboatão. Contém este resumo uma longa biografia de Frei Francisco do Rosário, frade célebre na Ordem de São Francisco que tomou posse do convento dos capuchinhos perto de dez anos depois que estes o abandonaram de todo. Embrenhava-se muitas vezes este zeloso missionário nas solidões enexploradas do Maranhão, onde ia catequizar os índios. Em 1630 compôs uma obra aproveitável sobre as tribos selvagens que visitou. Infelizmente nunca foi publicada, e o seria se fosse encontrada, como precioso comentário à obra do P. Yves. Cansado por seus trabalhos, cuja multiplicidade espanta até a imaginação, foi para a Bahia, onde revestido das dignidades da ordem faleceu em cheiro de santidade em 24 de fevereiro de 1650. Afirma-se haver ele predito muitos anos antes os grandes acontecimentos políticos, que, produzindo a expulsão da Espanha, dava independência ao Brasil. Parece que viu-se obrigado a reconstruir em 1625 os edifícios que deixaram em começo os nossos religiosos, e por isso foi ele em São Luís julgado como o primeiro fundador do convento da sua Ordem.

Vamos ainda dizer uma palavra para acabar estas notas. Serão elas ainda um dia completadas pelo trabalho, que há de preceder a Relação do padre Claude d'Abbeville, e se se quiser, o podem ser já, consultando-se várias obras francesas contemporâneas, absolutamente desprezadas, sob este ponto de vista, pelos historiadores da América. Neste caso, entre outros, está o P. Pierre de Jarric, pois, na verdade, ninguém pensaria achar numa *História das Índias Orientais* todos os fatos religiosos acontecidos no Maranhão antes de 1607. Consultando-se o 5º volume desta volumosa obra, encontra-se a trágica história dos padres Francisco Pinto e Luís Figueira, jesuítas portugueses, os primeiros que visitaram regiões inexploradas, cujo litoral os franceses ocuparam. Francisco Pyrard, o viajante belga, residente na pequena cidade de Laval, nos con-

tou também na sua *Relação das Índias e especialmente das Ilhas Maldivas*, o que na Europa se pensava do Brasil no tempo em que viveu o P. Yves. Não trata do Maranhão, e nem o podia fazer.

Deve ainda dizer-se que esta bela província, conhecida mais pela obra de Mr. Herold do que por outras antigas, ficou por muito tempo fora de toda a vida política. Doadada a princípio aos filhos de João de Barros, o famoso historiador das Índias, só foi conhecida na Europa por uma lastimável catástrofe, pois era esquecida apesar da fertilidade e da magnificência da sua vegetação. Aparece contudo num dos monumentos geográficos mais importantes, no qual se verificou o que era o Brasil no século XVI: queremos falar do belo *Mapa* de Gaspar Viegas, que tem a data de outubro de 1534, hoje na Biblioteca Imperial de Paris. Nenhum historiador até hoje ainda a mencionou, apesar de sua exatidão tão admirável para aqueles tempos, e ainda continuaria a ser esquecida se o Sr. de Cortambert não nos fizesse o favor de comunicar-nos a sua existência. Sentimos muito prazer recordando-nos que este belo trabalho do desconhecido geógrafo vai de ora em diante ligar-se ao mais vasto e ao mais exato reconhecimento das costas do Brasil, que tem podido obter a ciência nestes últimos tempos, e dela fará objeto de especial estudo o Sr. Capitão-de-Fragata Mouchez na sua grande obra náutica a respeito do litoral do Brasil.

Deviam acabar aqui as notas indispensáveis para conhecer-se na França e mesmo na América o texto do nosso velho viajante. Acrescentaremos apenas uma palavra, talvez indispensável para compreender-se o valor do precioso documento por nós exumado. O P. Arsène de Paris, o fiel companheiro do P. Yves d'Évreux, disse em 1613 ao superior do seu mosteiro, a propósito das regiões por onde evangelizou, o seguinte: “Eu vos asseguro, meu pai, que quando estiver um pouco estabelecido, será um verdadeiro paraíso terrestre.” A esperança do bom religioso não era das que se podem realizar completamente. As coisas não caminham assim neste mundo, porém não sendo o paraíso, é o Maranhão uma das províncias de um vasto Império, que vai progredindo. No meio de prosperidades reais, e apesar dos esforços de espíritos felizmente bem intencionados, o progresso intelectual do país está muito longe do que devia ser. As recordações do passado, que tanto desenvolvem as populações, aí não existem. Não há arquivos, bibliotecas

públicas, e nem instituições literárias, e tanto é verdade isto, que o Imperador, o Sr. D. Pedro II, há dez anos incumbiu um dos espíritos mais ativos e eminentes do seu país para examinar na cidade de São Luís o estado real dos depósitos literários da capital do Maranhão. Não reproduziremos aqui as queixas judiciosas e bem fundadas do Sr. Gonçalves Dias sobre o lamentável estado dos estabelecimentos, objeto de suas investigações. Pode ler-se o seu *Relatório* escrito em bom estilo na *Revista Trimensal* publicada com tanto zelo pelo Instituto Histórico do Rio de Janeiro. Citaremos apenas, que há dez anos Mr. Dias achou 2.000 volumes na Biblioteca Pública, e no *Almanaque* de 1860, editado pelo Sr. B. de Matos, aparecem 1.030 em deplorável estado! Possa a reimpressão da obra do P. Yves d'Évreux marcar uma nova era na pátria de Odorico Mendes, de Gonçalves Dias e de [João] Lisboa.

*Continuação da história das coisas mais memoráveis acontecidas
no Maranhão nos anos 1613 e 1614*, de Yves d'Évreux, foi
composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia 85g/m²,
nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações),
do Senado Federal, em Brasília, para o Conselho Editorial do Senado Federal.
Acabou-se de imprimir em outubro de 2007, de acordo com o programa
editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial.

“A história deste livro principia com a missão colonizadora francesa partida do porto normando de Cancale, que aportou no Maranhão no ano de 1612. Três eram as naus dessa comitiva para estabelecer possessão territorial duradoura na costa norte do Brasil. [...] Quatro padres acompanhavam a missão. Dois deles os capuchinhos Claude d’Abbeville e Yves d’Évrerx.

“O primeiro, sacerdote muito ilustrado, escreveu do que viu e ouviu na ilha de Upaon-Açu, a “ilha grande” onde repousa hoje a cidade de São Luís do Maranhão, no livro *História da Missão dos Padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças*, publicado em 1614, com o selo do impressor François Huby.”

“O outro, Yves d’Évreux, descendente de família abastada e culta, conhecedor do grego, do latim e do hebraico, bem como chefe da missão dos capuchinhos no Maranhão, em 1615 entregou ao mesmo editor, François Huby, os originais de sua *Continuação da história das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614* para publicação.”

Da “Introdução”